

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA  
E CULTURA ITALIANAS

COSIMO BARTOLINI SALIMBENI VIVAI

**Memórias de mercadores na Florença comunal do século XIV: os *Livros de Família*  
e as “*Ricordanze*” de Leonardo di Bartolino Salimbeni**

PRIMEIRO VOLUME

SÃO PAULO

2020

COSIMO BARTOLINI SALIMBENI VIVAI

**Memórias de mercadores na Florença comunal do século XIV: os *Livros de Família*  
e as “*Ricordanze*” de Leonardo di Bartolino Salimbeni**

Versão corrigida

PRIMEIRO VOLUME

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Língua, Literatura e Cultura Italianas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Casini.

SÃO PAULO

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V855m      Vivai, Cosimo Bartolini Salimbeni  
              Memórias de mercadores na Florença comunal do  
século XIV: os Livros de Família e as "Ricordanze" de  
Leonardo di Bartolino Salimbeni / Cosimo Bartolini  
Salimbeni Vivai ; orientadora Maria Cecilia Casini. -  
São Paulo, 2020.  
425 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de Letras Modernas. Área de  
concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. Florença. 2. Mercadores. 3. Memória. 4. Idade  
Média. 5. Livros de Família. I. Casini, Maria  
Cecilia, orient. II. Título.

## **ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

### **Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**

**Nome do aluno:** Cosimo Bartolini Salimbeni Vivai

**Data da defesa:** 05/10/2020

**Nome do Prof. (a) orientador (a):** Maria Cecilia Casini

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/11/2020



---

*Maria Cecilia Casini*

VIVAI, Cosimo Bartolini Salimbeni. **Memórias de mercadores na Florença comunal do século XIV: os *Livros de Família* e as *Ricordanze* de Leonardo di Bartolino Salimbeni.** Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Língua, Literatura e Cultura Italianas, São Paulo, 2020

Aprovado Em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição:

\_\_\_\_\_

Julgamento:

\_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição:

\_\_\_\_\_

Julgamento:

\_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição:

\_\_\_\_\_

Julgamento:

\_\_\_\_\_

A meus pais, Giancarlo e Giuliana (*in memoriam*), cuja grande cultura deixou em mim uma pequena semente que me permitiu elaborar este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Jocelyne, Rodolfo e Alfonso (*in memoriam*) pelo afeto, apoio e paciência durante todos estes anos de estudo, mesmo nos momentos de minha ausência, física e mental.

A Lorenzo e Marco que, embora estejam longe, sempre me ajudaram e aconselharam.

A Maria Cecília, amiga e orientadora, que soube entender e estimular meu interesse pelo trabalho que escolhi.

A todos os companheiros e companheiras da Universidade, dos quais não faço o nome, pois são muitos: amigos que várias vezes tornaram-se professores, e professores que sempre tornaram-se meus amigos.

Aos professores da Universidade *La Sapienza* e das outras instituições italianas, que me acolheram e assistiram em minha estadia, em particular modo Maria Caterina Pincherle e Emma Condello.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão das bolsas de doutorado, que me permitiram dedicar-me com mais tranquilidade a esta pesquisa.

*Et como vedi, uno mercante che li grava la pena, overo ad  
issa penna sia mal apto, pòi dire ch'el non sia mercante.*

Benedetto Cotrugli (2016, p.82)

*E questo libro, e queste memorie ho scritto di mia propria  
mano, a fede e chiarezza e memoria de' fatti miei*

Ser Cristofano di Gano Guidini (1843, p. 28)



## RESUMO

Memórias de mercadores na Florença comunal do século XIV: os *Livros de Família* e as *Ricordanze* de Leonardo di Bartolino Salimbeni

O livro de *Ricordanze* do mercador florentino Leonardo di Bartolino Salimbeni, escrito entre os anos 1348 e 1382, representa um típico exemplo daquele gênero que, devido às suas características particulares, foi definido Livros de Família. Trata-se de textos memoriais a estrutura diarística, surgidos a partir do fim do século XIII, nos quais, junto aos mais salientes fatos financeiros, eram anotados os principais acontecimentos de interesse familiar. Pelas páginas do livro, redigido de acordo com as formas próprias da profissão e de uma língua que constitui o núcleo do italiano moderno, emerge um personagem estritamente relacionado com o ambiente social, o sistema econômico, o mundo civil, religioso e político da cidade e da época em que vive.

Palavras-chave: Florença. Mercadores. Memória. Idade Média. Livros de família

## ABSTRACT

Memoirs of merchants in the Commune of Florence in the 14th century: the *Family Books* and the *Ricordanze* of Leonardo di Bartolino Salimbeni.

The book entitled *Ricordanze* (Memoirs) by Florentine merchant Leonardo di Bartolino Salimbeni was written between 1348 and 1382. It is a typical example of the genre that, owing to its peculiar characteristics, is known as Family Books)\ These are records or recollections in the form of diaries, in use since the late 13th century, where besides the main financial issues the most interesting family events are recorded. The text is composed according to the manner proper to the trade in a language that forms the nucleus of modern Italian. The book's pages reveal a person in close rapport with the social milieu, the economic system, and the civil, religious and political world of the city and the time in which he lived.

Key-words: Florence. Merchants. Memory. Middle Ages. Family Books.

## RIASSUNTO

Memorie di mercanti nella Firenze comunale del Trecento: i Libri di Famiglia e le Ricordanze di Leonardo di Bartolino Salimbeni.

Il libro di Ricordanze del mercante fiorentino Leonardo di Bartolino Salimbeni, scritto fra il 1348 e il 1382, rappresenta un tipico esempio di quel genere che, dovuto alle sue caratteristiche peculiari, è stato definito Libri di Famiglia. Si tratta di testi memoriali a struttura diaristica, nati a partire dalla fine del Duecento, in cui accanto ai più salienti fatti finanziari erano annotati i principali avvenimenti di interesse familiare. Dalle pagine del libro, redatto secondo le forme proprie della professione e di una lingua che costituisce il nucleo dell'italiano moderno, emerge un personaggio strettamente relazionato con l'ambiente sociale, il sistema economico, il mondo civile, religioso e politico della città e dell'epoca in cui vive.

Parole-chiave: Firenze, mercanti, memoria, medioevo, libri di famiglia.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

- A - Florença, “Pianta della Catena” – (Detalhe)
- B - Divisão da cidade de Florença em unidades administrativas no período medieval
- C - Planta das propriedades fundiárias
- D - Lisa di Bartolo Cambi, esposa de Bartolomeo di Leonardo Bartolini

# SUMÁRIO

## PRIMEIRO VOLUME

<b>NOTAS DE REDAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Memórias de mercadores.....</b>	<b>19</b>
1.1 - Florença na idade comunal: uma cidade de mercadores. ....	19
1.2 - As <i>Arti</i> florentinas .....	25
1.2.1 - O poderio dos mercadores durante a República.....	25
1.2.2 - Estrutura e organização .....	30
1.3 - Cultura e escrita dos mercadores florentinos. ....	34
1.4 - Os Livros de Família: um gênero particular.....	42
1.5 – O início de uma família de mercadores florentinos: Bartolino Salimbeni .....	54
1.6 - Leonardo di Bartolino: mercante e escritor.....	62
1.7 - O livro de <i>Ricordanze</i> de Leonardo .....	91
1.7.1 – Modelos e articulação do texto .....	91
1.7.2 – A forma do texto.....	108
<b>CAPÍTULO 2 – As <i>Ricordanze</i> de Leonardo di Bartolino: tradução parcial .....</b>	<b>117</b>
<b>GLOSSÁRIO LINGUÍSTICO E HISTÓRICO .....</b>	<b>160</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>178</b>

# SUMÁRIO

## SEGUNDO VOLUME

<b>CAPÍTULO 3 – A edição do livro de <i>Ricordanze</i> de Leonardo di Bartolino .....</b>	<b>192</b>
3.1 – Descrição do manuscrito .....	192
3.2 – Critérios de transcrição e de edição.....	194
3.3 - <i>Ricordanze</i> .....	198
3.4 - Índices .....	394
3.4.1 – Índice dos personagens.....	394
3.4.2 – Índice dos notários.....	415
3.4.3 – Índice dos nomes de lugar .....	417
ANEXOS.....	420
Anexo A – <i>Ricordanze</i> – c. j v.....	420
Anexo B – <i>Ricordanze</i> – c. xlvj r .....	421
Anexo C – <i>Ricordanze</i> – c. ljj v .....	422
Anexo D – <i>Ricordanze</i> – c. lxxviiij v .....	423
Anexo E – <i>Ricordanze</i> – c. lxxxij r .....	424
Anexo F – <i>Ricordanze</i> – c. lxxxiiij r .....	425

## NOTAS DE REDAÇÃO

Como “livro”, salvo diferentemente indicado, entendemos o livro de *Ricordanze* de Leonardo.

Todas as traduções, das citações e das referências, são nossas. Nas notas de rodapé, em itálico, transcrevemos o texto original dos documentos antigos que possam interessar.

Palavras, frases e outras passagens do livro em língua vulgar florentina, que aparecem neste trabalho, são geralmente traduzidas no segundo capítulo do mesmo, ou podem ser interpretadas recorrendo ao Glossário. Da mesma forma, podem ser interpretadas com base no Glossário as formas para as quais não encontramos uma correta correspondência na língua portuguesa, seja pelo significado literal, seja pelo significado que o termo assume no contexto histórico da época. Tais palavras aparecem, também, em itálico.

Os nomes dos personagens, formados frequentemente por vários patronímicos, não são traduzidos e são citados na forma em que aparecem no livro ou nos outros documentos da época, eventualmente modernizados.

No livro, as datas são expressas de acordo com o estilo florentino “*ab Incarnatione Domini*” (que vigorou até 1749), pelo qual o ano inicia no dia 25 de março, festa da Anunciação da Virgem Maria: a datação florentina, então, está um ano atrasada em relação à atual, nos dias que vão de 1 de janeiro a 24 de março. Nas traduções e nos comentários, ao lado do ano é indicada também, entre parênteses, a data de acordo com o estilo moderno.

As citações de textos editados são acompanhadas pela correspondente referência bibliográfica. As citações de textos inéditos são seguidas pela indicação dos arquivos de origem e pela colocação em que os manuscritos se encontram.

As referências bibliográficas compreendem, além dos textos relativos às citações e referências incluídas no trabalho, várias outras publicações consultadas durante a pesquisa, nas quais podem ser encontradas diferentes informações por parte de quem esteja interessado no assunto específico ou em outros análogos.

## INTRODUÇÃO

Quando o mercador florentino Leonardo di Bartolino, na metade do décimo quarto século, resolveu deixar de lado, de vez em quando, suas ocupações nos negócios, nos afazeres de família e na vida pública, para se dedicar a registrar no papel algumas de suas memórias, sua intenção era que fossem conservadas e lidas por um conjunto de pessoas bem definido: sua família. Não era somente para que seus descendentes se lembrassem dele, mas para que eles pudessem encontrar em suas palavras ensinamentos úteis ou para que as anotações reunidas por ele durante toda a sua atividade pudessem ser utilizadas para fins práticos.

Talvez ele nem imaginasse que seu livro se conservaria por um tempo tão longo e por tantas gerações, perdendo, com o passar dos anos, seu caráter secreto e seus objetivos principais. Afinal, o papel era deteriorável e o conteúdo, pela sua própria natureza, não era destinado a ser copiado, pois provavelmente não interessaria a ninguém fora do âmbito familiar. Mas o manuscrito foi preservado cuidadosamente, até que, quatro séculos mais tarde, encontrou seu lugar definitivo junto aos outros documentos do arquivo de sua família.

Lido e estudado no século XVIII com finalidade puramente genealógica, o livro teria depois permanecido praticamente esquecido até o século XX, quando o interesse para os estudos não somente linguísticos,<sup>1</sup> mas também históricos e econômicos reconheceu a fundamental importância de uma variedade de textos não literários, até então pouco ou nada conhecidos, dando origem a uma intensa procura em arquivos e à publicação de manuscritos da época medieval. Em particular, a partir das últimas décadas do século, os projetos específicos e a definição de uma tipologia particular para as memórias dos mercadores, com base em um amplo corpus de livros conhecidos e às vezes até importantes em âmbito literário, levaram os estudiosos a ocupar-se também dos numerosíssimos livros ainda desconhecidos em sua integridade ou em parte ou provavelmente considerados secundários. Parte desses livros chegou a ser editada, outros foram objeto de trabalhos acadêmicos, em muitos outros os pesquisadores encontraram informações pontuais a serem incluídas em suas publicações: e assim aconteceu, depois de mais de seis séculos, com o manuscrito de Bartolino. Mas a história do nosso livro não terminava aí.

---

<sup>1</sup> O interesse dos estudiosos da língua sempre foi voltado de uma maneira especial para os mercadores ou banqueiros florentinos e toscanos: lembramos que o primeiro testemunho do vulgar florentino é um livro de contas de 1211. (MARAZZINI, 2002, p. 95)

Sempre estive interessado na língua italiana das origens, em seus escritos, em seus autores e em sua época, talvez porque tudo isso me soasse particularmente familiar, me lembrasse um ambiente e uma língua aos quais estava acostumado desde a minha juventude. Foi assim que, em âmbito universitário, depois de uma formação em letras clássicas, me aproximei da literatura italiana, participando de grupos de pesquisa sobre a tradição literária e em particular sobre Dante. Isso me levou a preparar minha dissertação de mestrado estudando e traduzindo o tratado *De Vulgari Eloquentia*, onde o grande poeta, por primeiro, enfrenta o tema de uma língua vulgar ilustre, ou seja, de uma língua que pudesse assumir as características de uma língua literária, dentro do variegado panorama dos vulgares italianos.

Entre os muitos textos consultados nesse período, um especialmente atraiu minha atenção, abriu uma nova visão e indicou um possível caminho para trabalhos futuros. Nas primeiras linhas do capítulo *Fiorentino e italiano* de *La lingua nella storia d'Italia*, Luca Serianni (2001, p. 70-88) faz uma afirmação, que é um compêndio do assunto todo: “Por uma complexa série de razões históricas, culturais e literárias, o italiano que hoje falamos constitui-se na base do vulgar florentino, sobretudo do Trezentos.” Continua depois descrevendo as características desse vulgar, suas peculiaridades linguísticas e, por fim, os fatos históricos do florentino que o levaram de vulgar municipal a língua nacional.

Antes de tratar dos textos literários e da fortuna que tiveram ao longo dos séculos, o autor menciona outros testemunhos escritos da Toscana do século XIV que chegaram em grande número até nós, textos práticos elaborados por artesãos, mercadores e banqueiros, ou seja, da parte mais empreendedora da burguesia comunal, e necessários para seus negócios: manuais de mercancia, registros e livros de contabilidade e uma grandíssima quantidade de cartas comerciais. Esses escritos de tipo prático, elaborados prevalentemente sem intenções artísticas, seriam o mais fiel espelho, dariam uma ideia verossímil da língua da época. E, entre essas fontes preciosíssimas para o nosso conhecimento do vulgar, ele lembra também livros de recordações, os chamados “livros de família”.

Serianni não chega a detalhar a tipologia desse gênero particular de livro, limitando-se a elencar algumas das características principais. A descrição não bastava para dar uma ideia clara do gênero desses textos, que então me era praticamente desconhecido, mas foi suficiente para suscitar imediatamente em mim uma curiosidade, um interesse particular e uma vontade de me aprofundar sobre o assunto, pois imediatamente me lembrei que eu conhecia um desses livros: a época, as características do autor e o conteúdo correspondiam exatamente à descrição feita por Serianni. Era o manuscrito do qual eu falei, e ele estava à minha disposição, no arquivo que minha família ainda conserva em nossa casa em Florença.



Assim, na primeira oportunidade de uma das viagens para a Itália, fiz uma cópia fotográfica de todas as páginas do livro, procurando no futuro manusear o original o mínimo possível. Comecei a montar também uma pequena biblioteca sobre o gênero, pois descobri que os livros de família tinham-se tornado objeto de muitos trabalhos e edições por parte de estudiosos de várias áreas, italianos e estrangeiros, mas que no Brasil não existia praticamente nenhuma bibliografia a respeito.

A ideia inicial era simplesmente procurar ler e transcrever o texto do livro. Uma vez começado, esse trabalho foi bastante facilitado por uma transcrição elaborada por uma estudante para a sua tese de láurea, que nos foi gentilmente fornecida pelo Departamento de História da Universidade de Florença.<sup>2</sup> Contudo, à medida que ia lendo o texto, junto com outros livros de memórias de mercadores da mesma época e com as publicações referentes ao gênero, tornava-se sempre mais evidente a riqueza, a força e a originalidade daquela língua que se estava formando: e, sobretudo, nas páginas de Leonardo, mesmo quase perdidos no meio dos fatos econômicos, revelavam-se os traços característicos de uma sociedade bem estruturada política e socialmente, cujos protagonistas eram geralmente homens preocupados com seus negócios mas também ativos na vida civil, nem sempre cultos, mas de mentalidade aberta para as novas ideias que, nos séculos seguintes, fariam de Florença o centro artístico e cultural da Europa.

Com o passar do tempo e o avançar das leituras, materializou-se a ideia e a possibilidade de um doutorado que tivesse como objeto o livro, uma vez que este tipo de trabalho, apesar de ser relativamente comum na Europa devido à procedência do material examinado e ao assunto tratado, provavelmente seria original e em parte inédito no Brasil.

A maior dificuldade encontrada era a escassez de material para a pesquisa no Brasil. Por isso, foram de fundamental importância os meses passados na Itália, com uma bolsa de estudo sanduíche da Capes junto à Universidade “La Sapienza” de Roma. Isso me possibilitou o contato e a ajuda de professores especialistas nas diversas áreas, o aprendizado de técnicas e

---

<sup>2</sup> A transcrição, com notas, foi elaborada por Rita Signorini entre 1990 e 1996, provavelmente através de uma cópia fotostática, pois seu professor, Giuliano Pinto, teve oportunidade de visitar o arquivo e manusear o livro no início dos anos '80. A cópia que recebemos por via e-mail em 2009, pelas características de digitação e de formatação, não aparenta ser a versão definitiva que faz parte da tese de 1995/6. Não tivemos a possibilidade de consultar a tese original e, assim, não pudemos também conhecer o conteúdo da parte introdutória, pois desde 2008, pelo regulamento do Ateneu, o acesso às teses na biblioteca da faculdade é consentido somente mediante autorização fornecida pelo autor. Pedimos a autorização durante a estadia em Florença com a bolsa sanduíche da Capes, no início de 2019, mas essa foi recebida depois de muito tempo, quando já estávamos de volta ao Brasil. Estava prevista uma nova viagem para a Itália nesse semestre, também com esta finalidade, mas isso não foi possível pela bem conhecida situação mundial devida à pandemia.

o acesso ao vastíssimo acervo das bibliotecas. Sobretudo, me permitiu pesquisar *in loco* nos arquivos privados e públicos e encontrar documentos medievais inéditos de grande valor para o meu estudo. Foi assim entre os manuscritos do arquivo de família, que me forneceram informações de grande interesse, e onde pude analisar demoradamente o livro original e, agora com as ideias mais claras sobre o que estava procurando, descobrir detalhes importantes que eu desconhecia. Os arquivos públicos de Florença, além disso, são um mundo impressionante e fascinante de documentos: lá, no *Archivio di Stato* e no arquivo da antiquíssima *Venerabile Arciconfraternita della Misericordia*, encontrei registros das atividades de Leonardo e do filho que, uma vez transcritos e analisados, me permitiram esclarecer fatos fundamentais das suas vidas.

O trabalho que resultou disso não pretende descrever detalhadamente a complexa história da Florença comunal, suas instituições, sua economia ou os costumes de sua sociedade: querendo aprofundar-se no assunto, existem inúmeros e exaustivos livros em várias línguas, a esse respeito. Também, não seria possível abordar, nestas páginas, todas as características que fazem com que um texto seja incluído no gênero particular dos livros de família, sobre os quais existem também muitos estudos: ainda que as bases constitutivas da escrita sejam as mesmas, os autores desses livros vivem em diversas épocas, têm personalidades multiformes, cultura variada e ambições diferentes. Procuramos, então, na primeira parte, contextualizar a figura de Leonardo em seu século e em seu mundo, pois de outra forma não seria possível entender sua breve biografia e, especialmente, sua obra.

Utilizamos frases ou trechos inteiros de lembranças extraídas do livro, para exemplificar os traços distintivos próprios do gênero. Ao mesmo tempo, apresentamos algumas reflexões sobre os fatos registrados, visando explicá-los em seus aspectos históricos, econômicos e sociais, de acordo com os modelos da crítica literária moderna que trata dos mesmos assuntos.

Leonardo foi contemporâneo de Petrarca e Boccaccio, dois dos maiores escritores da literatura italiana, autores, respectivamente, do *Canzoniere* e do *Decameron*; como eles, provavelmente utilizava-se na vida comum do mesmo vernáculo. Porém, investigar isso não faz parte do escopo do trabalho, como também não faz parte dele a análise linguística detalhada da obra. Os poucos fenômenos sintáticos e morfológicos apresentados têm a finalidade de exemplificar alguns usos particulares da escrita, próprios dos autores desse tipo de livro.

A edição crítica completa do manuscrito é apresentada na segunda parte e constitui a base deste trabalho. Foram traduzidas algumas páginas, representativas do conteúdo do livro:

não havendo textos homólogos como referência, optamos por uma tradução baseada nos cânones da norma-padrão moderna do português do Brasil. Para dar uma ideia melhor da estrutura textual original e do uso da escrita, preferimos uma tradução literal, mesmo em detrimento da fluidez da leitura. No geral, o vernáculo de Leonardo é uma língua pouco complexa e relativamente fácil de se compreender, em muitos aspectos parecida com o italiano moderno, como já mencionamos. Naturalmente, é bastante frequente o uso de termos cujo significado original foi perdido ou modificado, de palavras técnicas ou próprias do ambiente cultural e profissional da época e, conseqüentemente, dificilmente traduzíveis em sua acepção exata no contexto. Por isso, visando facilitar uma leitura correta do livro, elaboramos um glossário completo, linguístico e histórico, do léxico que pode não ser encontrado nos dicionários comuns. Pelo mesmo motivo, foram deixadas em *itálico*, sem a correspondente tradução em português, várias palavras que fazem parte dos capítulos introdutórios, cujo significado pode também ser encontrado no glossário.

Esperamos que o nosso trabalho possa ser de ajuda a quem esteja interessado em se aproximar desse gênero de livros no vasto panorama da língua e da literatura e talvez a continuar uma pesquisa nessa direção. Pode ser também que alguém queira simplesmente colher alguns aspectos da personalidade do autor, da sua vida no meio social e civil, de sua maneira de tratar os negócios: ou seja, alguns elementos de um mundo e de uma civilização que são bastante antigos, mas cujos reflexos perduram nos tempos atuais.

Agora ao alcance de um público bem mais vasto do que em sua origem, fixada em veste moderna, a modesta escrita de Leonardo extrapola os limites de tempo e de espaço e adquire novos significados e, mesmo que possa um dia ser deixada de lado e esquecida, não corre mais o perigo de ser perdida.

## CAPÍTULO 1 – Memórias de mercadores

### 1.1 - Florença na idade comunal: uma cidade de mercadores.

No panorama da península itálica da metade do século XIII, em que as cidades lutavam entre si pela supremacia territorial e competiam pelo controle dos melhores mercados, Florença encontrava-se ainda em uma situação de segundo plano. Até mesmo na Toscana, eram outras as Comunas que se sobressaíam no campo político e econômico.

Pisa, em particular, conhecera uma extraordinária vitalidade como República Marinheira, pelo importantíssimo porto, já ativo em idade imperial, e pelas relações comerciais com todos os países que eram banhados pelo Mediterrâneo, especialmente com os estados islâmicos do noroeste da África.

Outra cidade toscana que rivalizava com Pisa e que na época ainda era superior a Florença, era Siena. Seu desenvolvimento deveu-se à sua feliz posição ao longo da via Francigena, ou via Romea, que na Toscana tinha substituído a antiga via Cassia, e que a partir do século IX foi a principal artéria de comunicação entre Roma e a França, os Países Baixos meridionais e também a Inglaterra, tornando-se o mais importante caminho de devoção para os peregrinos de toda Europa, e ao mesmo tempo de comércio. Como consequência, na origem de sua riqueza estavam os comércios, que rapidamente alcançaram uma dimensão internacional com a presença de mercadores <sup>3</sup> sienenses nos maiores mercados da época, as feiras de Champagne, Brie e Flandres. De fato, os transportes via terra, lentos, porém mais seguros que os marítimos, prevaleceram por longo tempo, tornando as Feiras o maior mercado internacional da Europa na tarda Idade Média, o elo entre as civilizações mais avançadas do Norte e do Sul. Nas mãos dos mercadores, em Siena atuavam os mais importantes bancos, como a *Gran Tavola* dos Bonsignori, o mais importante do século XIII, e as atividades financeiras complementares — cujos proventos altíssimos são imagináveis — dos empréstimos aos soberanos, aos pontífices e à Cúria, e da cobrança dos dízimos eclesiásticos em toda Europa.

---

<sup>3</sup> Lembramos que o termo italiano “*mercante*”, que traduzimos simplesmente como “mercador” ou igualmente como “mercante”, tem historicamente o sentido tanto de pessoa que exerce o comércio, quanto de pessoa que desenvolve atividades ligadas ao dinheiro, isto é, de banqueiro.

A Comuna de Lucca era uma das primeiras cidades da Itália, em termos de produção e comércio da seda. Além disso, prosperava graças às contínuas peregrinações de toda Europa, já que era também uma das principais metas da via Francigena.

No decorrer dos séculos XIII e XIV, a Itália conhece um progresso extraordinário, uma profunda mudança de suas estruturas políticas, econômicas e mentais: pouco a pouco, Florença se coloca na frente dessa evolução. A cidade do bons tempos antigos, exaltada por Dante por seus costumes morais e sociais incorruptos,<sup>4</sup> na metade do século XII contava com apenas cinco mil habitantes, que viviam em paz, todos residentes no interior das muralhas: um século e meio depois, a cidade alcançava os cem mil habitantes, ou seja, uma população vinte vezes superior. “O caso florentino”, comenta Tognetti (2018, p. 28), “é com certeza macroscópico e único na sua capacidade de unir um atraso na partida com uma impetuosa aceleração sucessiva: nenhuma realidade urbana europeia cresceu com esses ritmos na baixa Idade Média.”

A Comuna encontra os meios econômicos e os recursos humanos para competir nos mercados internacionais e eleva-se da condição de pequeno centro para a de centro industrial, bancário e comercial de nível europeu. No plano econômico, torna-se a cidade terrestre mais forte da Itália. As circunstâncias internacionais lhe são favoráveis: graça à vitória da aliança Guelfa, entre a qual ela é a “intendente”, impõe-se, também politicamente, a seus rivais.<sup>5</sup>

Deslocada em relação ao eixo da via Francigena, longe do litoral mas ligada ao mar em boa parte por via fluvial, utilizando o curso do Arno a partir do porto de Signa, a poucos quilômetros das muralhas da cidade, Firenze recupera as rotas comerciais alcançando as principais praças, graças à atividade de seus mercadores, à atratividade de seu mercado econômico e à segurança do seu território, dominado mediante uma série de ações militares. A cidade torna-se centro de atração para a gente do campo, do *contado* — isto é, do território posto, desde a Alta Idade Média, sob o controle jurisdicional da cidade — e também vindas de outras regiões, oferecendo possibilidade de comércio e de atividades artesanais e industriais, especialmente têxteis: trata-se, frequentemente, de imigrantes dotados de capitais e de um forte espírito de iniciativa, que em breve tempo multiplicariam a população e a economia da cidade.

---

<sup>4</sup> “*Fiorenza dentro della cerchia antica [...] si stava in pace, sobria e pudica.*” (Dante, *Paraíso* XV, 97 e 99 apud D’ARAMENGO, 2006, p. 242 e 243)

<sup>5</sup> “*intendance*” (BEC, 1967, p. 24)

O forte aumento demográfico foi, em grande parte, atribuído decorrente deste fenômeno de urbanização: a indústria precisava de mão de obra, atraindo os camponeses há séculos oprimidos da gleba para a cidade, onde encontravam pão e trabalho, além de proteção e, depois de alguns anos, com a abolição da servidão, também a liberdade. (DAVIDSOHN, 1981: p. 473) <sup>6</sup>

Na cidade predominava o artesanato, enquanto nas regiões limítrofes o número de pessoas ocupadas nas atividades primárias era a grande maioria das forças de trabalho. Somente uma pequena camada da população estava empregada no comércio, na indústria e nas atividades financeiras: mas pelo volume de dinheiro que ela manjava e pelos altos lucros derivantes, constituía a base do desenvolvimento e do progresso econômico. Recordamos, em particular, a manufatura dos panos de lã, uma indústria altamente rendável, de importância internacional, desenvolvida até o máximo grau permitido pela tecnologia da época, mola propulsora da economia de Florença até meados do século XV.

Em Florença, esses homens de negócios são uma pequena, mas poderosa minoria: com base nas informações de Giovanni Villani referentes ao ano de 1338,<sup>7</sup> Bec (1967, p. 25) calcula que, na primeira metade do século XIV, com suas esposas e filhos, constituem de 5 a 10% dos habitantes da cidade. Mas eles são o nervo da sua pátria, pois a vida e o trabalho da maior parte da população dependem de suas atividades.

O cronista e historiador Goro Dati, ele mesmo ativo comerciante de seda, no final do século XIV apresenta, em forma de diálogo, uma descrição do espírito com o qual a pequena e marginal Comuna ter-se-ia inicialmente inserida na luta pela supremacia econômica, ultrapassando os confins da pátria para procurar novas oportunidades de ganho:

*Pergunta.* [...] mas diz-me, porque os florentinos nestes tempos prosperaram tanto, e seus vizinhos o contrário? Isso é por secreto juízo, ou ignota Fortuna, ou pela sua excelência de virtude, ou por outro motivo?

*Resposta.* Uma razão é a primeira entre aquelas que tu perguntas, e é esta: porque a cidade de Florença está situada, por sua natureza, em um lugar selvático e estéril, que não poderia, com todo o trabalho deles, dar de viver aos habitantes, que muito se multiplicaram devido ao bom ar temperado e assaz generativo daquele lugar; e por causa disso, pois o número deles tanto se multiplicou, de uns tempos para cá, os florentinos precisaram procurar sua vida pela indústria. Por isso deixaram sua terra para procurar outras regiões, e províncias, e países, onde alguns enxergaram a possibilidade de avançar, e fazer experiências, e voltar para casa. Andando dessa maneira por todos os reinos do mundo, e cristãos, e infiéis, viram os costumes das outras nações do Mundo e adquiriram o hábito das coisas vantajosas, escolhendo de tudo a

---

<sup>6</sup> Vide p. 97

<sup>7</sup> VILLANI, 1991, p. 585-586. Libro XII cap. XCIV

parte melhor. Para poder seguir aqueles costumes, veio-lhes o desejo de ver, e de adquirir, e um levou o outro a ter vontade, do momento que quem não é Mercante, e que não tenha procurado o Mundo, e visto as estranhas nações dos povos, e regressado em Pátria com haveres, não é reputado de nada. (DATI, 1735 p. 54 e 55) <sup>8</sup>

Assim, comenta Pinto (2016, p.61), em Florença se afirmava, com um evidente traço de orgulho, que sua força e sua riqueza não derivavam do território, exíguo e pouco fértil, mas da industriiosidade dos seus cidadãos.

Um povo de mercadores, espalhados pelo mundo. Esta é a imagem com a qual, no século seguinte, os florentinos ainda gostavam de representar-se. Disponibilidade para as viagens; “capacidade de adaptação a usos e costumes diferentes; hábito mental do cálculo e da medição; acuidade de análise e previsão, como o estudo da relação entre oferta e procura, das perspectivas de mercado em vasta escala, da situação política e militar em todas as regiões do mundo conhecido: estas eram as qualidades nas quais o mercador devia destacar-se, no fim da Idade Média, para se impor, como os florentinos conseguiram fazer, por longo tempo [...]” (CONTI, 1993, p.77).

A atividade desses mercadores permanece, frequentemente, não especializada e nem restrita: são verdadeiros homens de negócios e, como comenta Le Goff (1991, p. 2 e p. 37), a expressão é excelente porque exprime a extensão e a complexidade de seus interesses. Ao lado do comércio de mercadoria de todo tipo, realizado para a exportação e importação em escala internacional são, muitas vezes, produtores industriais, possuem manufaturas de tecidos, de lã e de seda. Para melhor tirar proveito de suas atividades, aperfeiçoam as técnicas comerciais, industriais e bancárias: recorrem largamente às letras de câmbio e às ordens de transferência, desenvolvem o crédito, perseguem uma política de redução dos riscos e dos

---

<sup>8</sup> *Dim. [...] ma dimmi, perché sono i Fiorentini in questi tempi tanto prosperati, e i loro vicini il contrario? È questo per secreto giudicio, o ignota Fortuna, o per loro eccellenza di virtù, o per altra cagione?*

*Risp. Una ragione è infra quelle, che tu dimandi la prima, e questa è, perché la città di Firenze è posta di sua natura in luogo salvatico, e sterile, che non potrebbe con tutta la fatica loro dare da vivere agli abitanti, che sono molto moltiplicati per la buona temperanza dell'aria molto generativa in quel luogo; e per questa cagione è stata necessaria cosa da un tempo in qua a' Fiorentini, poichè di numero sono tanto moltiplicati, di cercare loro vita per industria, e per questo sono usciti fuori di loro terreno a cercare altre Terre, e Provincie, e Paesi dove uno, e altro ha veduto da potersi avanzare un tempo, e fare tesoro, e tornare a casa; e andando a questo modo per tutti i Regni del Mondo, e Cristiani, e infedeli, hanno veduto i costumi dell'altre nazioni del Mondo e fatto in loro abito della cose vantaggiate sciogliendo d'ogni parte fiore; e, per potere seguitare quelli costumi, è venuto loro maggiore disiderio di vedere, e d'acquistare, e l'uno ha fatto venire volontà all'altro, intanto che chi non è Mercatante, e che non abbia cerco il Mondo, e veduto le strane nazioni delle genti, e tornato alla Patria con avere, non è riputato da niente, [...]”*

custos do transporte, esforçam-se para distribuir racionalmente o trabalho nas indústrias. Em suma, eles estabelecem uma organização econômica e demonstram uma mentalidade capitalista: ao fazê-lo, se colocam na vanguarda dos comerciantes e dos industriais da Península (BEC, 1967, p. 437).

Melis (1989, p.7) comenta que 1252 é o ano de um acontecimento verdadeiramente revolucionário, um dos primeiros fatos de relevância da baixa Idade Média: é a volta do Ocidente à moedagem áurea, quando é cunhado em Florença o florim de ouro, que depois se tornará moeda também das outras cidades toscanas. Essa moeda será testada nas feiras de Champagne. Naqueles lugares de encontros internacionais, o florim, a moeda áurea de Florença, tornar-se-á o dinheiro das compensações e das transações. O nascimento do florim, na metade do século, significa que a cidade estava alcançando posições de primeiro plano e, conseqüentemente, um amplo crédito.

Papas e soberanos recorriam sistematicamente aos mercadores-banqueiros florentinos para obter, como empréstimos ou antecipações de capitais, quantias até mesmo elevadíssimas. Os vínculos cada vez mais estreitos entre príncipes e grandes mercantes no final da Idade Média, no panorama instável especialmente por causa das guerras que dilaceravam a Península e a Europa, levaram estes últimos, todavia, a correr riscos maiores. A falta de devolução dos empréstimos podia provocar a bancarrota dos operadores: a mais grave foi a falência das grandes e riquíssimas companhias dos Bardi e dos Peruzzi, na metade do século XIV, envolvendo outras companhias, sociedades menores e até cidadãos particulares, em um processo em cadeia, com desastrosas conseqüências para toda a economia da cidade.<sup>9</sup>

No entanto, na época em que foi mais determinante seu poderio junto aos soberanos e também ao Papado — uma das potências econômicas da Idade Média —, perante os riscos derivantes desses tipos de operações, os grandes mercadores e banqueiros florentinos obtiveram isenções e privilégios para seus negócios, sob a forma também de participação na administração financeira e política ou delegação para a representação diplomática, setores nos quais seus conhecimentos e suas proverbiais habilidades eram particularmente apreciados (Conti, 1993, p. 77). Além dos lucros propriamente financeiros e comerciais derivantes de suas operações, tais privilégios tinham profundas repercussões em sua posição econômica.

Sapori (1972, p. 49) refere-se ao grande homem de negócios desses séculos como uma figura a não ser confundida no anonimato do grupo, mas decididamente emergente, com uma poderosa e vária personalidade: não somente mercador e banqueiro e governante da

---

<sup>9</sup> Vide p. 59 nota 70



Comuna, mas também tesoureiro dos príncipes estrangeiros, organizador de seus exércitos e de suas frotas, seu representante diplomático. “Digo mais: não somente o ‘homem universal’ que não se acharia antes do Quatrocentos seria uma realidade dos anos precedentes; mas naqueles anos tinha-se até mesmo a sensação de tal universalidade.”

A esse respeito, é sintomático um famoso episódio referente ao Jubileu instituído por Papa Bonifácio VIII em 1300. Em tal oportunidade o Pontífice, reparando que os embaixadores dos numerosos potentados vindos de todos os lugares para lhe prestar homenagem eram todos cidadãos de Florença, elogiou a natureza empreendedora dos florentinos, espalhados por todos os lugares do mundo, e os definiu “o quinto elemento do universo”. Assim escreve, em um caderno de anotações intitulado “*Debitori Creditori Ricordanze A*” de Consiglio di Michele dei Cerchi, seu neto Bindaccio (apud TRIPODI, 2010, p. 491, 492 e 2014, p. 198 nota 96):

[...] Doze embaixadores se encontravam em MCCC em Roma, enviados ao Papa Bonifácio VIII por ilustres senhores e príncipes, de muitas localidades, como abaixo será dito. [...] Enquanto o dito Papa Bonifácio andava pelas moradas de São João, em companhia de muitos cardeais e outros prelados, maravilhando-se de tão grande magnificência da cidade de Florença, perguntou para todos os prelados que cidade era Florença e porque não era inferior a nenhuma em particular. Perguntou três vezes antes que lhe fosse respondido, e não tendo recebido resposta, irou-se e disse: “Se vós não respondeis eu mandarei colocar-vos na *malta*, isto é, uma prisão assim chamada”. Então, o cardeal da Espanha, pouco amigo dos florentinos, respondeu: “Santo Padre, Florença é uma boa cidade”. Tendo ouvido isso, o papa lhe disse: “Oh mulo espanhol” lhe disse “Oh mulo espanhol (sic), não tens tu consideração pelos doze embaixadores que nos foram enviados pelos príncipes e senhores da cristandade e pelo grande tártaro, que são todos florentinos e governam nossa corte? Os florentinos, outrossim, governam o mundo. O mundo é governado por quatro elementos: ar, fogo, água e terra. Eu digo que os florentinos são o quinto elemento, e assim eu estou de acordo. [...] <sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> [...] *xii anbas(i)adori si trovarono mandati nel mccc a Roma a papa Bonifazio Ottavo da preghati signori e principi como appiè si dirà di tante diverse nazioni. [...] Andando detto papa Bonifazio per la abitazione di santo Ioanni con assai cardinali e altra compagnia di prelati meravigliandoxi di tanta magnificenza della città di Firenze domandando tutti i prelati che ciptà è Firenze e perché non è inferiore ad alchuna in partichulare ne domando tre volte inanzi che risposto gli fussi e non gli essendo risposto si turbò e disse: “Se voi non mi rispondete io vi farò mettere nella malta cioè una prigione così nomata”. Allora el chardinale di Spagna pocho benivolente de fiorentini rispose: “Santo padre, Firenze è una buona ciptà”. A questo sentendo el papa gli disse: “A mulo espanguuolo” gli disse “: ‘A’ mulo spanguuolo (sic) no à tu considerazione a dodici anbas(i)adori che mandati ci sono da principi e signori di cristianita e dal gran tartaro che sono tutti fiorentini e lla nostra corte ghovernano? E’ fiorentini eziandio ghovernano el mondo. El mondo è ghovernato da iiii alimenti: aria, fuocho e acqua e terra. Io dicho che e’ fiorentini sono el cuinqto elemento e choxi apruovo. [...]”*

Um mundo, então, que os florentinos regiam e governavam, como faziam com a Cúria: eram eles, de fato, os principais coletores dos dízimos do Papado. O documento é da metade do século XV, mas essa tradição devia circular havia pelo menos um século.<sup>11</sup>

A esse fato não fazem menção os mais importantes cronistas florentinos da época, como Dino Compagni ou Giovanni Villani, apesar desse último ter dedicado amplo espaço às questões florentinas relativas ao pontificado de Bonifácio VIII. De qualquer forma, a anedota, mesmo que talvez nunca tenha acontecido nos termos exatos nos quais foi transmitida, permanece como testemunho de um episódio que, desde o momento de seu acontecer, devia ter um forte peso na construção de uma identidade. Essa identidade agrupava no seu interior pessoas profissionais e ambiciosas, cavalheiros, homens de poder, talentos das finanças, da política e da eloquência, e que se manifestava ao conquistar visibilidade dentro de espaços sempre mais vastos, ao ultrapassar não somente os limites territoriais da cidade, mas até aqueles do Império. (TRIPODI, 2010, p. 503)

De fato, a característica da sociedade da cidade comunal foi a solidariedade do grupo, tanto familiar quanto corporativo, que se tornou ponto de força da organização econômica e política.

## 1.2 - As *Arti* florentinas <sup>12</sup>

### 1.2.1 - O poderio dos mercadores durante a República

As associações corporativas foram um fenômeno geral no tempo, do ponto de vista econômico, mas assumiram, na Itália, também uma finalidade política. As guildas, ou corporações de ofício, ou *Arti*, como foram denominadas na Toscana, nasceram e se afirmaram a partir do final do século XII, instaurando-se como formas de associação, laica e voluntária, entre mercadores, industriais e artesãos, que desenvolviam um mesmo ofício, isto

---

<sup>11</sup> Tripodi (2010, p. 492 e passim) cita, entre os outros vários escritos que lembram o episódio, um *Codice Laurenziano*, compilado por mão de frei Tedaldo Della Casa entre 1377 e 1383, em latim, que contém um texto bem parecido; os versos em rima do poeta Antonio Pucci de 1373; os escritos do cronista florentino Matteo Palmieri na segunda metade do século XV e a *Cronica* de Benedetto Dei, do final do século XV. Mais tarde, também fazem referência ao fato Michelangelo Buonarroti e Benedetto Varchi.

<sup>12</sup> Goro Dati, em sua *Istoria di Firenze*, destaca a importância de conhecer as vinte e uma *Arti* para saber muitas coisas que ele pretende narrar da cidade, e entendê-las melhor: “*Appresso v’è l’ordine dell’Arti, che sono partite in ventuna, i nomi dele quali è buono a sapere per molte cose, che hanno a seguire, a meglio intenderle.*” (DATI, 1735, p. 133)

é, uma mesma atividade econômica, um mesmo trabalho, uma mesma profissão. Comenta Doren (1940, vol. I, p. 98) que em Florença queria-se que fosse reconhecido universalmente o princípio do monopólio econômico das *Arti*, pelo qual unicamente os matriculados em uma determinada *Arte* estavam autorizados a exercer uma determinada profissão ou trabalho.

As diferentes categorias profissionais foram levadas a se agrupar e organizar em corporações para programar o desenvolvimento, a defesa e a segurança das respectivas atividades e para conseguir a contribuição de todos para benefício individual de cada um dos associados. Segundo Ciampaglia (2008, p. 48), elas foram uma típica expressão do espírito que animava o mundo econômico dos centros urbanos medievais: propunha-se, fundamentalmente, conseguir a igualdade de todos os pertencentes à mesma corporação, com referência aos direitos, às obrigações, às possibilidades operativas, com a finalidade de colocar e manter o mercador em condições de equilíbrio e estabilidade.

A estruturação em corporações de ofícios teve o mérito de realizar um processo de forte organização da economia florentina e representou a sólida base sobre a qual Florença construiu sua riqueza e esplendor e conseguiu afirmar sua potência. As *Arti*, porém, exerceram de fato também o poder político e tiveram um papel preponderante na condução da Comuna.

Na primeira metade do século XIII, isto é, quando as *Arti* já eram organismos economicamente potentes, ainda estava em curso a luta entre aqueles que estavam do lado das corporações (que eram, na maior parte, guelfos) e as antigas *consorterie* de origem aristocrático-feudal (formadas, na maior parte, por gibelinos), até então detentoras do poder. O aumento da importância das corporações partiu, antes de tudo, da reivindicação de um papel político ativo no governo comunal, em nome do grande desenvolvimento econômico e comercial da cidade, do qual seus inscitos eram os principais fautores. Sob esse aspecto, o apoio ao partido guelfo por parte das corporações (ser um “verdadeiro guelfo” será considerado um dos requisitos morais indispensáveis a fim de ter uma posição de relevância em uma *Arte*)<sup>13</sup> revelou-se fundamental para a definitiva derrota dos gibelinos.

A ascensão dos guelfos e da classe burguesa se deu, inicialmente, durante o governo daquele que os cronistas Dino Compagni e Giovanni Villani chamaram de *Primo Popolo*, Primeiro Povo, em 1250, quando os membros das corporações conseguiram participar dos

---

<sup>13</sup> “[...] *quis sit oriundus in civitate vel districtu Florentie et sit vere guelfus, alias eius election non teneant.*” (*Statutum Universitatis Artis Lanae* (1317) cap. I – I apud AGNOLETTI, 1940, p. 170) Também Giovanni Villani (1991, p. 678. Libro XIII cap. LXXIX), lembrando os decretos e reformas de 1346 a respeito das eleições dos membros do governo, escrevia “*che niuno altro, il quale non fosse vero Guelfo e amatore di parte di santa Chiesa [...] non possa avere alcuno ufficio.*”

Conselhos das duas máximas Magistraturas, o Conselho dos Anciãos e o Capitão do Povo, o novo cargo instituído para colaborar com o *Podestà* nas suas funções, e depois definitivamente na segunda metade do século, apesar da parêntese breve, mas dolorida, provocada pela derrota de Montaperti, que Siena, junto com os exilados gibelinos florentinos, impusera à Comuna em 1260.

Será em 1282 que as Corporações de Ofícios alcançarão o máximo reconhecimento jurídico-político necessário para ambicionar a direção das instituições da cidade, com a criação do *Priorato delle Arti*, cujos membros eram eleitos entre seus filiados: o efeito mais significativo é dado pelo fato de que a participação na vida política estava vinculada à inscrição, mesmo que somente formal, a uma das *Arti* Maiores ou Médias. O *Priorato*, que governava ao lado dos Conselho existentes, tinha grandes poderes tanto deliberativos quanto executivos, e decretava o sucesso das Corporações maiores. De fato, o Governo do Primeiro Povo e o do *Priorato*, mesmo ampliando a base social em comparação à velha Comuna aristocrática, eram monopolizados seja pelo chamado *Popolo Grasso* — o “povo gordo”, a burguesia mais rica de comerciantes e artesãos —, seja pelos magnatas: os dois grupos eram agora já muito próximos entre eles, uma vez que as maiores famílias de origem mercantil tinham-se lentamente inserido na antiga aristocracia, assimilando suas características.

Os *Ordinamenti di Giustizia*, emanados em 1293, excluíram por fim os magnatas do governo florentino, chegando a expulsar muitas famílias nobres — tanto gibelinas quanto guelfas — e impuseram o exercício efetivo de uma *Arte* para alcançar qualquer cargo público. É essencial, comenta Saponi (1972, p. 35), insistir sobre a importância da lei, que marcou uma virada decisiva, colocando como base dos plenos direitos civis o trabalho manual e intelectual, exaltando sua dignidade.

Apesar de sucessivamente atenuados,<sup>14</sup> os *Ordinamenti* marcaram a conquista definitiva do poder por parte da classe burguesa sobre as antigas famílias de linhagem aristocrática e cavaleiresca. A partir desse momento, as *Arti* foram não somente sólidos instrumentos de organização das forças econômicas e sociais, mas funcionaram também como órgãos da administração comunal, gozando de larguíssima autonomia, que se manifestava em

---

<sup>14</sup> A norma de 6 de julho de 1295 estabelecia que, para ser considerado artífice e ser, então, admitido a gozar dos benefícios ligados a tal qualificação, não era mais necessário o exercício real e pessoal de uma *Arte*, mas bastava inscrever-se na matrícula de qualquer uma. Assim Dino Compagni, em um soneto *rinterzato* (duplo) dirigido a Guido Cavalcanti, lamenta que ele, no seu orgulho de fidalgo, não queira valer-se da nova norma e aproveitar desta concessão feita pelo povo aos magnatas, que abria para eles novamente a via das honras: com as suas qualidades, ele diz, poderia ter sido também um grande mercador. “*Se’ uom[o] di gran sorte: ahi, con saresti stato om mercadiere!*” (DEL LUNGO, 1879, p. 367-370)

uma jurisdição separada daquela da Comuna e em uma administração financeira independente.

Nesse contexto foi criada a figura do *Gonfaloniere di Giustizia*, um magistrado que devia guiar o Conselho dos *Priori* e a milícia da cidade contra eventuais infrações dos magnatas. Para não ficarem afastados da vida política, esses últimos tiveram que ingressar nas fileiras do partido guelfo, que se impusera definitivamente com as batalhas de Benevento em 1266 e de Campaldino em 1289. No entanto, formaram-se duas novas facções, em lutas entre si: os Brancos, reunidos em volta dos Cerchi, família de origem burguesa, enriquecida pelos seus negócios e disposta a uma maior abertura perante as *Arti* menores, e os Negros, reunidos em volta dos Donati, oriundos da nobreza feudal, contrários a toda forma de participação popular e que encontravam o consenso de boa parte das *Arti* maiores, que se sentiam sem dúvida mais próximos da nova posição dos magnatas do que daquelas das classes artesanais.

Como escreve Patrone (1974, *Introduzione*), na realidade, a renovação operada na estrutura social da classe dirigente não foi tão radical como aparece à primeira vista. Mesmo sendo verdade que a nova classe burguesa teve um papel predominante na condução da Comuna, o período foi caracterizado pela persistência nos lugares de comando de muitos elementos da nobreza da cidade, transfugas do próprio grupo político, ou por convicção, ou por cálculo. Nessa fase de governo, que poderia ser chamada de popular (visto que o termo *popolo* é utilizado normalmente para indicar as novas camadas de cidadãos), mas não democrático, a condição dos estratos mais humildes da população não melhorou quase nada. De qualquer forma, a vitória popular constituiu um acontecimento de importância histórica na vida política da Comuna, porque levou a um alargamento decisivo da classe dirigente. Essa nova classe dominante tinha a firme opinião de que a cidade, na sua política interna e externa, devia permanecer substancialmente independente de toda intromissão de fora, e visava, mais do que nos períodos precedentes, livrar formalmente a vida política de toda ingerência, fosse ela papal ou imperial.

As *Arti* se mantiveram solidamente no poder, ao lado dos magnatas, durante todo o século XIV: com exceção do breve período da tirania do Duque de Atenas, Gualtieri VI de Brienne, expulso em 1343, a política florentina parece apresentar uma certa linha de continuidade. Os negócios continuaram a prosperar até os anos quarenta, quando as consequências da falência dos bancos dos Bardi e dos Peruzzi, das carestias e da peste negra causaram um forte impacto negativo no desenvolvimento da cidade, que procurou recuperar-se contando, como sempre, com o vigor e a força de suas organizações industriais e comerciais. Mas os contrastes dentro da Comuna não tinham sido resolvidos com a tomada do

poder por parte da burguesia, aliás, as disputas de famílias ou de grupos persistiram entre os muros da cidade, com sorte alternada conforme o prevalecer de uma ou outra parte, agravadas, além disso, pelo desinteresse geral pelo bem comum dos cidadãos.

As contínuas mudanças e experiências de governo, o alternar-se dos homens no poder, resultavam em uma certa confusão e uma aparente descontinuidade dentro da história da cidade (BEC, 1967, p. 31): já no início do século, tinham sido duramente e apaixonadamente criticadas por Dante Alighieri, ele mesmo obrigado a se inscrever na *Arte dei Medici e Speziali* para participar da vida política.<sup>15</sup> Na falta de uma *Arte* de escritores e poetas, comenta Saponi (1972, p.35), a assinatura posta por ele a uma profissão marcou a aceitação da qualificação de trabalhador, condição *sine qua non* para fazer parte da Senhoria, mas ao mesmo tempo dura para um homem que, orgulhoso de sua descendência da antiga nobreza da cidade, condenava os vilões urbanizados, que tinham compilado os *Ordinamenti di Giustizia* e promovido as sucessivas reformas políticas.<sup>16</sup> Dante comparava Florença, que não parava de tentar corrigir suas instituições e de trocar a composição dos membros de sua cidade através dos exílios e retornos dos grupos de famílias de uma ou outra facção, com aquela mulher enferma que muda constantemente de lado, para aliviar e mascarar suas próprias dores.<sup>17</sup>

Segundo Burckhardt (1991, p. 72 e 78), o poeta expressava, “no escárnio de suas tercinas (sic) brônzeas”, um dos caracteres mais estáveis desta cidade:

Em muitas coisas importantes, coisas que tiveram ali sua primeira expressão, os florentinos constituem um modelo não só para os italianos como também para os europeus modernos de um modo geral; o mesmo pode-se dizer de seus aspectos mais sombrios. [...] Dante [...] caracterizava assim um traço básico permanente da vida desse Estado. O grande equívoco moderno de se acreditar que se pode fazer uma constituição, que se pode renová-la mediante o cômputo das forças e tendências existentes, ressurgia sempre em Florença em tempos agitados.

---

<sup>15</sup> Vide p. 27

<sup>16</sup> “[...] lo puzzo / del villan d’Aguglion, di quel di Signa” (Paraíso XVI 55-56 apud D’ARAMENGO, 2006, p. 255 e 256 )

<sup>17</sup> “Quante volte del tempo che rimembre, / legge, moneta, officio e costume / hai tu mutato e rinnovate membre! / E se ben ti ricordi e vedi lume, / vedrai te somigliante a quella inferma / che non può trovar posa in su le piume, / ma com dar volta suo dolore scherma.(Purgatório VI 142-148 apud D’ARAMENGO, 2004, p. 103-4).

Giovanni Villani (1991, p. 688. Libro XIII cap. XCVII) lembra, também, os versos de Dante no capítulo XCVII do livro XIII da *Cronaca*, intitulado “Come in Firenze si fece nuova moneta, piggiorando la prima”, ou seja, a alteração da composição e dos pesos das moedas, na metade do século, para fins de especulação.

Najemy (1982) analisa a história política da Florença do século XIV especialmente sob a ótica do envolvimento das corporações nas eleições dos titulares dos cargos do governo e comenta que as frequentes mudanças nos procedimentos eleitorais mostravam um lento e gradual descontentamento dentro das *Arti*. A derrota dos Ciompi,<sup>18</sup> então, fixou firmemente a oligarquia no poder: a lista dos elegíveis continuou a ser mantida bastante ampla, mas, por um consenso comum entre as *Arti*, foi criado entre eles um grupo a ser escolhido preferencialmente. Isso satisfaz “a sede geral de participação na política” (NAJEMY, 2006, p. 303) e deixou para o pequeno e poderoso grupo de oligarcas a seleção fundamental e decisiva.

O meio século entre os anos de 1380 e 1420, comenta ainda Najemy, constitui

um divisor de águas da história republicana de Florença. O realinhamento entre as classes transformou a política, a vida intelectual, a postura social e as instituições. Mais mudanças nesta época que nos cem anos precedentes. O republicanismo [de interesses distintos] das guildas gradualmente cedeu o lugar para os regimes de consenso, sob a liderança da elite.<sup>19</sup>

A progressiva centralização da autoridade estatal nas mãos dos Medici a partir do século XV, o fim definitivo da República Florentina e sua transformação em um Estado regional no início do século seguinte, levaram a uma mudança substancial na fisionomia da política da cidade e as *Arti* sofreram um drástico processo de redimensionamento, sendo pouco a pouco afastadas do papel político, institucional e de condutor da economia florentina que mantivera nos dois séculos precedentes. Foram assim reduzidas a simples organizações profissionais, iniciando um inevitável declínio, até que no século XVI decaiu a obrigação legal de pertencer a uma delas para exercer a própria atividade. Mais tarde, durante o Granducado de Toscana sob os Lorena, foram definitivamente extintas.

### 1.2.2 - Estrutura e organização

Desde o começo, as *Arti* não tiveram, todas elas, igual dignidade. Eram inicialmente divididas em sete *Arti* Maiores e quatorze *Arti* Menores, estas últimas compostas pelos representantes do chamado *Popolo Minuto*, o Povo Miúdo, ou seja, das classes menos abastadas. Cinco dessas últimas, com expressão econômica superior às outras, tornaram-se sucessivamente *Arti* Médias e obtiveram, efetivamente, sua representação nos Conselhos somente em 1285.

---

<sup>18</sup> Vide p. 31

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 187.

Os inscritos nas *Arti* menores foram muito numerosos e em alguns casos congregaram também trabalhadores de outras categorias profissionais, com as quais tinham uma certa afinidade de ofício ou porque, sendo de importância política irrelevante, essas últimas procuravam o apoio daquelas já oficialmente constituídas. Eram corporações de caráter puramente artesanal e suas atividades eram desenvolvidas em âmbito local. Seus manufaturados não eram destinados à exportação, razão pela qual, mesmo tendo contribuído de uma maneira significativa para a afirmação do partido guelfo, sua participação na vida da cidade foi geralmente mais limitada em comparação às *Arti* maiores, em relação às quais mantiveram uma condição de inferioridade.

Três novas *Arti*, que representavam as camadas mais baixas da população, foram criadas depois, na segunda metade do século XIV, durante o breve período do chamado *Tumulto dei Ciompi*, a Revolta dos *Ciompi*: esse foi o ápice a que chegou uma série de revoltas populares ocorridas em Florença, entre as décadas de 1340 e 1380. O nome de *Ciompi* é decorrente dos trabalhadores assalariados de baixa renda dos lanifícios, que faziam parte do Povo Miúdo e que, excluídos da vida pública, se revoltaram e passaram a exigir, e conseguiram, a participação nos órgãos diretivos da cidade, entre junho e agosto de 1378. A revolta faliu, pois os *Ciompi* se demonstraram desunidos e incapazes de administrar o poder, sendo facilmente derrotados pela coalização das outras *Arti*, incluindo as Menores. As conquistas dos revoltosos foram ab-rogadas e as *Arti* de recente instituição foram suprimidas: a dominação do *Popolo Grasso*, depois do ano de 1382, foi restaurada de fato. Os novos dominadores da Comuna seriam os cidadãos ricos e os da *Arte* da lã, os quais eram apoiados por um número substancial de artesãos e de comerciantes das quatorze artes menores. (BRUCKER, 1981, p. 80)

As sete *Arti* maiores foram as primeiras a ver reconhecido para si um papel de tipo institucional no âmbito da República Florentina. Como o próprio nome indica, foram de longe as mais importantes, seja no plano econômico, ou no da vida política. Elas foram, por ordem de importância:

- *Arte dei Giudici e Notai*. Representava os expoentes da classe intelectual e diretiva da cidade, aquela oligarquia que tinha a gestão direta do poder judiciário e legislativo.

- *Arte dei Mercanti (Mercatanti)* ou *di Calimala*. Foi a primeira das *Arti* da qual se tem notícia. Era assim chamada pelo nome da rua que concentrava o maior número de lojas: representava a rica e influente classe dos banqueiros ligados às atividades econômicas extranacionais, e também os grandes comerciantes de tecidos que importavam a lã e a exportavam novamente, depois das operações de acabamento.



- *Arte del Cambio*. Representava a categoria dos *Cambiatori*: eles, além de emprestar dinheiro, realizavam o câmbio de moedas estrangeiras e as transferências de valores entre os vários países.

- *Arte della Lana*. A mais importante, numericamente e economicamente, pois abrangia um terço da população da cidade: representava as diversas categorias de trabalhadores, nas diversas fases do processo de transformação da lã autóctone e do linho em produto acabado.

- *Arte della Seta* ou *de Por(ta) Santa Maria*, do nome da porta da cidade na qual esteve originalmente presente com uma primeira loja. Teve um papel diretivo na economia da Comuna, pois Florença, já a parti do fim do século XIII, começara a se impor no mercado internacional como um dos maiores exportadores de tecidos preciosos, em particular os brocados de ouro e de prata. Representava assim os interesses dos empreendedores e dos comerciantes do setor da seda, além de todos os trabalhadores das outras matérias primas envolvidas na fabricação desses produtos de luxo.

- *Arte dei Medici e Speziali*. Cuidava dos interesses dos que exerciam a Medicina e dos que comercializavam produtos medicinais, especiarias, corantes e, em geral, substâncias químicas naturais, ou que empregavam as cores na produção de seus manufaturados, como os pintores.

- *Arte dei Vaiai e Pelliciai*. Representava os peleteiros, os artesãos que obtinham, através do curtume da pele e das sucessivas fases de trabalho, peças de roupa e acessórios: aqueles que importavam, trabalhavam e exportavam peles preciosas para o mercado externo e aqueles que confeccionavam e vendiam para o mercado interno as peles mais comuns, como a do *vaio*, espécie muito comum de esquilo, proveniente da Europa setentrional.

Cada *Arte* tinha seu próprio estatuto, sede, igreja, santos protetores, emblemas e gonfalão. O ingresso nas corporações era regulado por precisas condições, tais como ser filho legítimo de um membro da mesma *Arte* e dar prova da própria habilidade comercial, artesanal, e de sua honestidade. O estatuto obrigava os membros a seguirem regras bem precisas; tinha poderes jurisdicionais e pleno valor de lei; podia determinar sentenças a serem emitidas nas controvérsias entre os membros da mesma corporação, e entre esses e seus subordinados. Para as divergências entre os membros de *Arti* diferentes, para as causas internacionais e para as atividades econômicas não organizadas em corporações, foi criada no século XIV uma instituição jurídica com o nome de *Tribunale della Mercanzia*. Conforme relata Goro Dati, esse órgão era composto por:

Um oficial forasteiro, doutor em lei civil, com seis conselheiros, cidadãos dos mais notáveis e sábios e experientes; um de cada Arte das cinco maiores, excluindo a dos juízes e notários, e a dos *vaiai* e peleteiros, e depois um sorteado entre todas as 14 menores. Perante esse tribunal são apresentadas todas as grandes causas, e grandes casos do mundo todo, e querelas de acontecimentos ocorridos por mar e por terra, e de companhias, e de falências, e de represálias, e de infinitos casos: e são emitidas decisões justíssimas, e notáveis determinações, e contra suas sentenças não há apelação. (DATI, 1735, p. 141 e 142) <sup>20</sup>

As *Arti* possuíam poderes judiciários próprios, tributários e até de polícia. Tais poderes se estendiam, não só sobre as famílias dos matriculados, mas também sobre os não matriculados, tais como trabalhadores, aprendizes e operários das fábricas manufatureiras; estes últimos, no plano social, eram equiparados a simples aprendizes e não possuíam nenhuma representação civil, ou seja, estavam nos degraus mais baixos da escala social da Florença medieval.

A matrícula consistia geralmente na inscrição em registros próprios, por parte dos Notários da *Arte* e na presença dos Cônsules, que eram a máxima autoridade: eram anotados os nomes, a qualificação, a profissão e o lugar de residência ou de origem dos novos membros, e outras informações consideradas importantes. Os livros de matrícula tinham pleno valor legal: a matrícula era indispensável para poder gerir o próprio ofício, quem não estivesse inscrito não poderia ter na *Arte* nenhum cargo, benefício ou honra.<sup>21</sup> Assim, diferentemente dos demais cidadãos, somente os matriculados adquiriam o direito de ingressar nos cargos públicos e políticos, corporativos ou estatais, somente eles eram elegíveis para as várias magistraturas florentinas.

A filiação a uma *Arte* era considerada transmissível e quase domínio útil pelos sucessores: a pessoa tinha adquirido o direito de fazer parte de uma *Arte* mediante um pagamento em dinheiro ao tesoureiro, para as despesas necessárias à corporação, e isso podia ser transmitido, como herança, na mesma família. O ato da matrícula era sujeito ao pagamento de uma taxa, variável conforme os estatutos das diversas *Arti*: em contrapartida, os membros

---

<sup>20</sup> [...] uno Ufficiale forestiere Dottore in legge civile, con sei Consiglieri Cittadini de' più notabili, e savj, e pratici [...], uno di ciascun'Arte delle cinque maggiori, che se ne trae fuori quella de' Giudici e Notai, e quella dei Vaiai, e Pelliciai, e poi uno come tocca per sorte intra tutte [...] le XIV minori [...], e innanzi a questo Ufficio vengono tutte le grandi quistioni, e gran casi di tutto il mondo, e liti di cose fatte per Mare, e per Terra, e di compagnie, e di falliti, e di rappresaglie, e d'infiniti casi, e dannovisi giustissimi giudicj, e notabili determinazioni, e alle loro sentenze non si può appellare.

<sup>21</sup> Por exemplo, no estatuto da *Arte della Lana* (1317-1319) Liber primus XLVIII): “*Et qui in dicto libro non esset vel reperiretur scriptus, non habeat nec habere possit in dicta arte aliquod offitium beneficium vel honorem.*” (apud AGNOLETTI, 1940, p. 84)

da corporação passavam a gozar de uma série de direitos e de benefícios, que podiam ser transmitidos, de acordo com ligações estreitas de parentesco, como de um pai para os filhos ou netos (*beneficium patris matriculati*). Entre tais benefícios havia o direito de ser matriculados na mesma *Arte* e também a possibilidade de isenção da taxa de matrícula.<sup>22</sup>

O fato de ser matriculado em mais de uma *Arte*, ou simplesmente exercer outra profissão para a qual não estivesse matriculado, se, por um lado, não era permitido, na prática era consentido, mediante o pagamento de uma certa quantia *florenorum auri* a ser estabelecida pelos cônsules ou pela maioria dos membros da *Arte* à qual se pertencia.<sup>23</sup>

### 1.3 - Cultura e escrita dos mercadores florentinos.

O prestígio do qual gozavam os mercadores florentinos, não somente no campo comercial, mas também no campo político, social e das relações diplomáticas, deixa supor que frequentemente esses homens fossem dotados, além das qualidades empreendedoras, de um nível relativamente alto de instrução. No seu famoso manual *Della mercatura e del mercante perfetto*, na metade do século XV, o dalmata Benedetto Cotrugli escreve:

E tenham paciência alguns ignorantes, os quais ou negam, ou condenam totalmente o mercante que seja instruído. Incorrem até mesmo na maior insolência e dizem que o mercante não deve ser letrado. E eu digo que o mercante não somente deve saber escrever bem, fazer cálculos, manter os registros contábeis etc., mas também deve ser antes de tudo literato e pelo menos bom retórico, pois que isso lhe é necessárrissimo.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> *Statuto dell'Arte di Por Santa Maria*, III.a (1335) (apud DORINI, 1934): “*Quicumque de novo iuraverit huic arti tamquam magister huius artis, pro expensis artis factis in constitutis et aliis necessariis expensis huius artis, teneatur infra decem dies postquam iuraverit dare et solvere camerario huius artis pro arte florenos áureos decem, salvo quod filius et [...] frater carnalis et pater et nepotes ex filio vel frate carnali de stirpe alicuius magistri huius artis non teneantur aliquid dare vel solvere*”.

Assim rezava, em 1349, o estatuto dos *Medici e Speziali*: “[...] *Al quale pagamento fare non sien tenuti, o possino essere costrecti, o debbino e figliuoli e discendenti per linea masculina di ciascuno e di qualche, che scripti si trovassono nella matricola della detta arte come cittadini [...]*” (apud CIASCA, 1922, p.147).

<sup>23</sup> “*Et si fuerit matriculatus im pluribus artibus vel quanvis non fuerit matriculatus, vel exercuerit de pluribus artibus, quod tunc et eo caso debeat solvere et solvat secundum dictum et deliberationem consulum vel maioris partis eorum tunc tempore existentium dicte artis.*” *Statuto dell'Arte di Por Santa Maria*, rubr. IV e V reformas de 1366, VII, de 1368, II, e 1404, I-V (apud DORINI, 1934, p. 265)

<sup>24</sup> *Et habino paciencia alcuni ignorante li quali o negano, overo dannano omnino lo mercante lo quale è sciente. Immo incorrono ad maggiore insolencia et dicono che lo mercante non deve essere literato. Et io dico che lo mercante non solamente [...] deve essere bon scriptore, abechista, quadernista, etc.,*

Cultura superior para uma elite, mas da mesma forma cultura difundida, em diversos graus, para grande parte da população.

Para os pequenos comerciantes e artesãos, para os quais a instrução tinha especialmente um fim prático e utilitarista, era forte a demanda por um ensino primário, sem muitas pretensões, difundido e de fácil acesso e, especialmente, em língua vulgar: uma simples instrução para ler e escrever, suficiente para depois continuar nas escolas de matemática comercial, como preparação para ingressar no mundo do comércio e da indústria, ou seja, “*Leggere et scrivere a sofienza d’andare all’abacho*”.<sup>25</sup> Mas à medida que a atividade comercial se tornava mais desenvolvida, pressupunha-se necessariamente, naqueles que a exerciam, um determinado nível de instrução.

A influência da Igreja sobre a cultura — o ensino, o pensamento, as ciências e as artes — fora quase total durante a Alta Idade Média. Como explica Le Goff (1991, p. 103):

A partir da revolução comercial e do desenvolvimento urbano, as coisas mudaram. Por mais fortes que continuem a ser os interesses religiosos, por mais poderosa que seja a alta hierarquia eclesiástica, grupos sociais antigos ou novos têm outras preocupações, têm sede de conhecimentos práticos ou teóricos diferentes dos religiosos, criam para si instrumentos de saber e meios de expressão próprios. Nesse nascimento e desenvolvimento de uma cultura laica, o mercador desempenha um papel capital. Para seus negócios, tem necessidade de conhecimentos técnicos. Por sua mentalidade, visa ao útil, ao concreto, ao racional. Graças ao dinheiro e ao poder social e político, pode satisfazer suas necessidades e realizar suas aspirações.

Se, por um lado, a Igreja ainda mantinha o controle do ensino “superior”, assim como da *grammatica*, ou seja o latim, e da *loica*, a lógica, era nas outras escolas que os filhos da parte mais ativa da população da cidade recebiam as noções indispensáveis para a futura profissão: uma instrução suficiente e adequada para o desenvolvimento da especialização.

E não somente para a vida profissional: uma parte considerável da população tomava parte ativa na vida pública, demonstrando possuir as qualidades e a formação necessárias para as diversas funções. Homens aplicados no trabalho, especialmente no comércio, ocupavam todos os cargos da Comuna, pois era regra quase constante que a plenitude dos direitos civis e políticos fosse adquirida mediante a matrícula em uma *Arte*.

Portanto, foi a escola da cidade, sempre objeto do interesse das autoridades comunaes, que consentiu a inteiras massas de exercer, com dignidade e

---

*ma eciamdio lo mercante deve essere literato prima et almeno bono retoricho, però che questo gli è necessaryssimo, [...] (CONTRUGLI, 2016, p. 130)*

<sup>25</sup> Cf. Piero e Benvenuto di Ugolino Michi, *Ricordi*, Archivio di stato di Firenze, Manoscritti 82, f. 66v. (apud BLACK, 2007, p. 25)

A aquisição dessas três habilidades básicas caracterizava um mercador, como escrevia BOCCACCIO (1956, p. 184 - II IX) “[...] *sapere [...] leggere e scrivere e fare ragione, che se um mercatante fosse.*”

vantagem gerais, os ambicionados direitos do cidadão, e que preparou muitos para a vida dos negócios: enquadrando a educação de todos dentro da moldura comum do espírito da pátria religioso e do amor. (SAPORI, 1997, p. 151)

A existência de três diferentes níveis de ensino — usando termos modernos, básico, técnico e superior ou humanístico — na Florença de 1338, é documentada por Giovanni Villani que, com sua habitual precisão estatística, chega a detalhar a quantidade, o tipo de escola e o número de alunos que existiam na cidade: “Encontramos que os meninos e meninas que estavam a ler são de 8.000 a 10.000 mil. Os rapazes que estavam a aprender o ábaco e o algoritmo em 6 escolas, de 1.000 a 1.200. E aqueles que estavam a aprender latim e lógica em 4 grandes escolas, de 550 a 600”.<sup>26</sup>

São números bastante expressivos, se considerarmos que a população total, pelas informações do mesmo cronista, não devia chegar a cem mil indivíduos. As estatísticas de Villani, comenta Black (2007, p. 1), que sugerem que entre 67 e 83 por cento dos jovens iam para a escola na cidade, têm sido frequentemente questionadas, mas foram depois em parte confirmadas pelo quadro da alfabetização reportado em 1427 pelo Catasto, o conjunto de documentos que indicavam todos os bens e negócios, bem como o nome e idade de todos os membros das famílias dos cidadãos, para fins fiscais: um tipo de “declaração de renda” geral e obrigatório. De fato, a alfabetização na Toscana medieval, e particularmente em Florença, estava difundida em quase todos os níveis, fenômeno de uma dimensão absolutamente inusitada naquela época. (SERIANNI, 2001, p. 74)

Como explica Black (2004, p. 829), dos três moldes de ensino dispensados aos jovens, na Florença dos séculos XIV e XV, o mais elementar era o aprendizado da leitura e da escrita. Embora o objetivo final fosse a alfabetização em língua vulgar, a língua correntemente utilizada pelos operadores econômicos, o aprendizado fazia-se em latim, para os meninos e para as meninas. A forma mais difundida de educação secundária era o estudo do ábaco e do algoritmo, a escola de matemática comercial e de contabilidade: a instrução era realizada exclusivamente em vulgar e as escolas eram frequentadas por meninos. Eles poderiam também receber um ensino de gramática, ou seja, de latim: ensino, porém, que convém distinguir daquele recebido nas escolas elementares, também em latim, mas que se

---

<sup>26</sup> “*Trovamo che' fanciulli e fanciulle che stavano a leggere del continuo da VIII in Xm. I garzoni che stavano ad apprendere l'abbaco e alorisimo in VI scuole da M in MCC. E quelli che stavano ad apprendere gramatica e loica in IIII grandi scuole da DL in DC.*” (VILLANI, 1991, p. 585. Libro XII cap. XCIV)

limitava à capacidade de ler e escrever foneticamente, a partir de textos latinos. Nessa idade, eles não compreendiam bem o que liam e não teriam a capacidade de escrever um texto em latim: para aprender isso, deveriam recorrer aos professores de gramática.

Os estudos “superiores”, em latim, permaneciam restritos a um número relativamente baixo de privilegiados, pelo engenho e pelas condições econômicas. É verdade que alguns tiveram de receber formação que lhes permitisse ter acesso a profissões letradas, como a jurisprudência, o notariado, a medicina ou a Igreja, mas os florentinos das classes média e alta que tinham tais inclinações ou tais ambições para seus filhos eram relativamente poucos. Assim, com o progresso geral do uso do vulgar na esfera doméstica e comercial, entre o século XIV e a metade do seguinte, a instrução gramatical sofreu um forte declínio.

Era também comum, especialmente entre os mercadores-banqueiros, o hábito de fazer ministrar aulas particulares a domicílio aos seus filhos: não somente para proporcionar uma formação técnica apropriada, mas também pelo desejo de manifestar sua posição social.

Para os florentinos das classes média e alta, a instrução tinha uma finalidade prática: fornecer-lhes habilidades essenciais para sua negociação e, ocasionalmente, o seu trabalho. A gestão do sempre crescente volume de negócios, o registro de operações contábeis cada vez mais complicadas, a necessidade de converter valores de moedas bastante diversas entre elas, de calcular custos, danos, juros, etc., exigia por parte do mercador não somente a capacidade material de escrever e de fazer cálculos, mas também uma série complexa e orgânica de conhecimentos técnicos precisos.

Depois de ter recebido uma orientação sólida na escola, ainda bem jovens eram enviados para a *bottega* — estabelecimento comercial e artesanal — ou ao *fondaco* — armazém, laboratório ou loja de vendas —, as escolas do trabalho prático, e iniciavam um longo período de aprendizado na empresa paterna ou junto a parentes mais velhos, associados, confrades ou amigos de confiança, muitas vezes longe de casa e da cidade natal. Essa ausência podia durar muitos anos, antes que, tendo obtido uma certa estabilidade econômica, em idade madura, pudessem voltar e formar um negócio próprio e uma família própria. De acordo com a mentalidade mercantilista, esses estabelecimentos eram equiparados a verdadeiras escolas, onde os jovens aprenderiam corretamente, ou melhor, praticariam não somente a leitura e a escrita em língua vernácula, mas também os primórdios da língua latina que tinham aprendido, necessária para entender o grande número de documentos oficiais e

atos notariais que iriam encontrar em sua vida profissional.<sup>27</sup> Foi naquele ambiente particular que o jovem mercador completou sua preparação, ampliou suas cognições de contabilidade e matemática, “aguçou a mente, aprendeu a controlar os nervos, sentiu o estímulo da audácia, percebeu a necessidade da prudência [...]” (SAPORI, 1997, p. 155).

Era, sobretudo, em quatro domínios que a influência da classe dos mercadores sobre o ensino devia se fazer sentir: na escrita, no cálculo, na geografia e nas línguas vivas. (SAPORI, 1991, p. 104)

Em particular, no campo da escrita, notamos, inicialmente, um fato especialmente expressivo: na primeira metade do século XIV, provém de Florença perto da metade dos escritos toscanos, que por sua vez representam quase toda a produção de escritos italianos em língua vulgar da época. (SERIANNI, 2001, p.74)

O impetuoso desenvolvimento de atividades artesanais, mercantis e bancárias, que caracterizava a vida econômica da região, colocava aquela parte da burguesia urbana empenhada nessas atividades, diante da necessidade de providenciar um aparato de documentação escrita cada vez mais vasto e variado: nenhum ato de conteúdo econômico, de qualquer relevância que fosse, devia estar isento de registro. Artesãos, mercadores e banqueiros tinham então uma necessidade vital da escritura. Não era sempre possível ou prático utilizar os serviços dos notários, que redigiam os atos privados, além dos públicos da Comuna e dos judiciários, que eram chamados a intervir para documentar todo tipo de transação. Eles usavam o latim e não o vulgar. Além do mais, tratava-se de operações que frequentemente preferia-se manter secretas.<sup>28</sup>

Assim os mercadores mantinham anotações de todos seus negócios em livros e cadernos próprios: escritores “não de palavras, mas de coisas”, comenta Branca (1986, p. X). Tinham consciência da necessidade de manter todos aqueles registros, sem os quais acreditavam poder tornar-se vítimas da outra parte contraente, em caso de negócios, ou de ser traídos pela memória, naquilo que fosse útil, ou pelo menos oportuno, recordar.

A regra era escrever tudo, escrever logo, escrever bem, com cuidado e precisão: a escritura aparece como elemento caracterizante da figura do mercador. “Os testemunhos da poesia gnômica e da sabedoria proverbial, precisamente porque refletem melhor que qualquer

---

<sup>27</sup> Os jovens eram enviados “*alla bottega, cioè ischuola, dove sono per inprendere virtuosamente di leggere e di scrivere e in parte gramatica*.” (MORELLI, 2019, p. 204); “*mentre è fanciullo, aparare di leggere e scrivere e tanta gramatica ch'egli intenda sechondo la lettera i dottori o charte di notaio o altro iscritto*.” (Ibidem p. 205)

<sup>28</sup> Vide adiante p. 110 e 111 e nota 199

outro texto o difuso senso comum de um ambiente e de uma época, representam a confirmação mais significativa de uma tal difusa atitude para a escritura.” (MORDENTI, in CICCHETTI; MORDENTI, 1984, p. 1124-1125)

Já no fim do século XIII Dino Compagni, político, historiador, cronista e poeta, mas mercador da *Arte da Seda* por profissão, apresenta um tipo de resenha em versos das profissões medievais, de viés gnômico: *Come ciascuno può aquistare pregio*. Trata-se de uma “canção moral” sobre a maneira pela qual os homens adquirem o “*pregio*”, isto é, o *pretz* dos provençais (entendido como perfeição moral e honra) nos diferentes estados e níveis sociais: a palavra, depois da linguagem dos trovadores, tinha passado para a linguagem comum. Após um verso introdutório segue-se a descrição das habilidades e virtudes que caracterizam cada profissão, e, no caso do mercador, é significativo que a estância termine justamente com “escrever de maneira bonita e registrar corretamente a razão” (DEL LUNGO, 1879, p. 374, 375 e 389).<sup>29</sup> Aproximadamente quarenta anos depois, na introdução à sua *Pratica della mercatura*, Francesco Balducci Pegolotti escrevia versos bem parecidos com os de Dino Compagni e, entre as qualidades que devia ter em si o verdadeiro e direito mercante, terminava: “*Scrivere bene la ragione, e non errare. Amen.*”<sup>30</sup>

Como aconselhava um anônimo florentino, não se pode ser lerdo ao escrever, o papel custa pouco e muitas vezes traz um bom benefício: “*allo scrivere non si può essere tardo [...] La carta costa pocho, e spesso ne recha buono profitto.*”<sup>31</sup> Paolo di messer Pace da Certaldo convidava a ter o próprio livro e escrever nele: “[...] *abi uno tuo libro, e scrivivi suso [...]*”;<sup>32</sup> Giovanni di Pagolo Morelli em 1393 recomendava ao mercante que nos seus livros escrevesse tudo o que fazia, por extenso, e nunca economizasse a pena e que procurasse fazer-se bem entender: “*Fa pure che ne’ tuoi libri sia iscritto ciò che tu fai distesamente e non perdonare mai alla penna e datti bene a intendere nel libro; [...]*”<sup>33</sup>; até Franco Sacchetti, em uma das suas novelas, usa quase as mesmas palavras e exprime o mesmo conceito que, entre mercantes, não se deveria nunca poupar a pena: “*E perciò non si vorrebbe mai risparmiare la penna.*”<sup>34</sup>

---

<sup>29</sup> “*S’agrada pregio avere a Mercatante [...] a lui conviene [...] scriver bello e ragion non errare.*”

<sup>30</sup> PERGOLOTTI, 1766, p. xxiv

<sup>31</sup> Apud CORTI, 1952, p.118

<sup>32</sup> CERTALDO 1921, p. ciii

<sup>33</sup> MORELLI, 2019, p. 214

<sup>34</sup> SACCHETTI 1946, novella LII



Anos mais tarde, Leon Battista Alberti, usando uma metáfora famosa, lembrava como as mãos do mercante deveriam estar sempre sujas de tinta e controlar, escrevendo, suas contas:

[...] ficava bem para o mercante ter sempre as mão sujas de tinta [...] Demonstrava ser ofício do mercador e de todas as profissões, que hajam de tratar com mais pessoas, sempre escrever cada coisa, cada contrato, cada entrada e saída fora da loja, e assim, revendo frequentemente, quase sempre ter a pena na mão. <sup>35</sup>

Na metade do século XV, Benedetto Cotrugli, no seu famoso manual sobre a arte da mercancia, salientava definitivamente a importância da escrita:

A pena é um instrumento tão nobre e tão excelente, que é necessaríssimo não somente para os mercantes, mas também para todas as artes, seja liberais, seja mecânicas. E como vês, um mercante para o qual a pena seja gravosa, isto é, que seja mal apto para essa pena, podes dizer que não seja mercante. E não apenas deve ter habilidade no escrever, mas também precisa ter a organização, de modo que deve pôr em ordem seus documentos. [...] Porque o mercador não deve fazer seus negócios de memória. <sup>36</sup>

Assim, a atitude de escrever tudo o que faz torna-se o que caracteriza e identifica a profissão do mercante. Mas ele não deve somente registrar todas suas transações, deve especialmente registrá-las no tempo, isto é, ordenando os acontecimentos em uma série cronológica linear, discreta, mensurável, quantificável, no tempo-valor e no tempo-mercadoria do capitalismo que está se afirmando (Mordenti, 2001, p. 85 e 87). Não se trata mais do tempo da Igreja, o tempo sacramental concebido pelos teólogos, submetido à ordem da natureza e que pertencia somente a Deus e, como tal, era imprevisível e inegociável. Como explica Le Goff (1977, p. 13), “para o mercante, o ambiente tecnológico sobrepõe um tempo novo, mensurável, isto é, orientado e previsível, ao tempo eternamente recomeçado bem como perpetuamente imprevisível do ambiente natural.”

Escrever sempre e escrever tudo, registrar cuidadosamente as entradas e as saídas, as operações de câmbio e os preços, os nomes dos devedores e dos credores: mas, como teremos

---

<sup>35</sup> “[...] stava così bene al mercatante sempre avere le mani tinte d'inchostro [...] Dimostrava essere officio del mercatante e d'ogni mestiere, quale abbia a tramare con più persone, sempre scrivere ogni cosa, ogni contratto, ogni entrata e uscita fuori di bottega, e così spesso tutto rivedendo quasi sempre avere la penna in mano.” (ALBERTI, 1960, p. 205)

BALESTRACCI (1984, p. 15 apud RICCI, 2005, p. 24 nota 46) definiu a Toscana da Baixa Idade Média como “uma região com a pena na mão”

<sup>36</sup> “[...] La penna è uno strumento sì nobile et sì eccellente, che non solamente a' mercanti, ma eçiamdio ad ogni arte, et liberali et mechaniche, l'è necessarissimo. Et como tu vedi uno mercante che li grava la pena, overo ad issa penna sia mal apto, pòi dire ch'el non sia mercante. E non solamente dè havere destrezza de lo scrivere, anche dè havere l'ordine in che modo deve ordinare le scripture sue [...] Perché lo mercante non dè fare le sue faciende de memoria [...]” (COTRUGLI, 2016, p. 82)

oportunidade de mostrar adiante, conforme nota Mordenti (CICCHETTI; MORDENTI, 1984, p. 1126), um espaço assim ilimitado de escritura é tão vasto e requer um empenho grande demais, para ser preenchido somente por números e contas.

Para essa finalidade, nesse ambiente desenvolveu-se e difundiu-se o uso de uma técnica de escrever, também particular e separada, isto é, de uma escrita própria de uma categoria profissional: a chamada *mercantesca*, escrita comercial, clara e rápida, exprimindo “energia, equilíbrio e gosto” (LE GOFF, 1991, p. 105). Embora tivesse a mesma origem, essa escrita apresentava características gráficas — redondeza de formas, uniformidade de traços, limitação de hastes e pequenos círculos — distintas da cursiva que era comum a quase todos os italianos escreventes da época, isto é, da minúscula da Chancelaria, elegante, bem cuidada, feita para documentos solenes: da escrita notarial, ao mesmo tempo “chicaneira e abreviada”<sup>37</sup>

Tratava-se de uma escrita inicialmente local, utilizada a partir da metade do século XIV (CECCHERINI, 2000, p. 65), sobretudo na Toscana e particularmente em Florença: nos séculos sucessivos teve uma relativa difusão também em outras cidades da Itália centro-setentrional. A *mercantesca* foi uma escrita particular também no plano da difusão social. Foi utilizada, nos documentos e nos livros, pelos mercadores, banqueiros, proprietários fundiários e artesãos, isto é, por aquela burguesia que escrevia em vulgar e conhecia pouco o latim: uma nova massa de pessoas que escrevia e compartilhava formas e atitudes gráficas claramente distintas daquelas da tradição notarial-chanceleresca e fundadas numa educação comum, adquirida junto às escolas técnicas e na prática da profissão. (CECCHERINI, 2005, p. 123)

A grande quantidade de documentos redigidos pelos mercadores, devida tanto à mole de seus negócios quanto à sua extensão, nos fornece um material de inestimável valor para a compreensão de fatos históricos e econômico-sociais, em particular para o estudo da história da língua italiana. Serianni (2001, p. 75) lembra como o enorme volume de cartas comerciais (somente o arquivo Datini, de Prato, conserva 125.000 cartas) representa o primeiro nó de agregação para a futura língua comum. Os correspondentes dos mercadores toscanos, em todas as regiões da península, entram em contato pela primeira vez com a língua toscana e florentina, que apenas naqueles anos, graças à influência artística de Dante, Petrarca e Boccaccio, começava a apresentar-se como o vulgar dotado de maior prestígio e procuram adequar-se a ela, especialmente no léxico técnico-comercial, aproximando então vulgares bastante diferentes e melhorando a compreensão recíproca.

---

<sup>37</sup> *Ibidem*

A cidade convertera-se gradativamente em capital econômica, antes de tudo, mas também em centro cultural atívido, que se tornará nos séculos seguintes o berço do Renascimento

#### **1.4 - Os Livros de Família: um gênero particular**

Dos diversos tipos de livros de contas e de administração patrimonial deriva outro tipo de escrita, tipicamente mercantil, prática e utilitária, que nasce entre o fim do século XII e o início do seguinte, quando os mercadores italianos advertem a exigência de assinalar, ao lado do mero registro de valores, memórias de fatos inerentes à sua vida pessoal, familiar e de sua cidade, mas que, de algum modo, também se relacionam com sua atividade econômico-financeira. As premissas, amplas e gerais, do nascimento desses livros encontram-se no ambiente urbano florentino, para o qual acenamos nas páginas precedentes. De acordo com Pandimiglio (1987, p. 3), poderiam ser resumidas nos seguintes fenômenos, de largo alcance: a forte expansão econômica que caracteriza a época; a afirmação do vulgar como língua de dignidade literária, que permite o alargamento para baixo da capacidade de ler e escrever e, conseqüentemente, a difusão da escrita para fins práticos; o manifestar-se e propagar-se, também em âmbito laico, da aspiração à conservação e transmissão para o futuro da memória escrita, antes prerrogativa do mundo eclesiástico.

Trata-se de livros de recordações, cujas primeiras formas aparecem em Florença no fim do século XIII e que nesta cidade, de modo particular, desenvolvem-se e difundem-se em grandíssimo número nos séculos sucessivos. Apesar das pesquisas e dos estudos recentes comprovarem que este fenômeno não é exclusivo da Toscana, e em particular de Florença (e dos séculos XIV e XV), é evidente a preeminência quantitativa<sup>38</sup> e qualitativa dessa cidade e desse período (MORDENTI, 2001, p.40). Entre as várias explicações possíveis que concorrem para esse fenômeno — além, logicamente, do altíssimo nível de alfabetização e de difusão da escrita na cidade — a mais convincente, comenta Ciappelli (2009, p. 25 e 26), pode-se definir funcional: tal gênero de escritas atendia as exigências da sociedade florentina. Elas são, no início, uma evolução das escritas contábeis do mercante medieval, que passa dessa forma dos livros de contas referentes à sua sociedade comercial para registros que

---

<sup>38</sup> Por uma estimativa aproximada realizada pelos estudiosos, os Livros de Família florentinos que chegaram até nós (muitos dos quais inéditos ou editados parcialmente), mesmo considerando somente o período pré-moderno, amontam a várias centenas de manuscritos (CIAPPELLI, 2001, p. 132). A esse respeito, *vide* também p.53

concernem o patrimônio pessoal. Logo — escreve Ciappelli<sup>39</sup> — são acrescentadas aos fatos financeiros notícias de caráter pessoal e referentes à família: as etapas principais, públicas e privadas, da vida de quem escreve, os eventos mais significativos do desenvolvimento existencial do grupo familiar (nascimentos, casamentos, mortes). Em alguns casos, esses livros permanecem basicamente livros de contas, privados, mas bastante áridos, pobres de registros que não sejam eminentemente financeiros. Outros, de maior alcance, em que o autor demonstra um maior interesse e uma atenção mais específica para o grupo familiar, sua evolução, o futuro de seus descendentes, assumem as características dos que chamamos “Livros de família”.

Outra possível motivação no processo de formação desses livros, segundo Black (2004, p. 827 e 828), é o fato que se esperava que os jovens das classes média e alta das famílias florentinas desenvolvessem suas atividades no comércio e na indústria, e as exercessem dentro do que chamavam de *botteghe*, ou lojas, armazéns e bancas de câmbio. Dirigir tais estabelecimentos implicava escrever, saber manter livros de contas, registros comerciais, invariavelmente elaborados em língua vulgar. Ao mesmo tempo, a vida familiar era organizada conforme princípios similares: uma vez maridos e pais, os jovens deviam ser capazes de manter também as contas de suas casas.

Não se trata somente de transmitir oralmente os fatos familiares ouvidos e guardados na memória ou de educar as futuras gerações mediante palavras. A redação do livro marca claramente a importância da transmissão da mensagem de forma duradoura, na passagem da memória oral para a forma escrita. O trabalho cotidiano da escrita é justificado pela aspiração à continuidade da atividade mercantil e pelo desejo de transmitir para os descendentes a própria bagagem de conhecimentos.

Assim, em 1367, o florentino Donato Velluti inicia sua *Cronica Domestica* explicando que, para perpetuar a memória dos seus descendentes e dos outros familiares, resolvera deixar memória e lembrança daquilo que tinha ouvido de seu pai e daqueles que eram mais velhos do que ele, a respeito da origem da família: “[...] *a perpetua memória de’ miei discendenti, e degli altri di casa Velluti, [...] mi pensai di fare ricordanza e memória di cio che intorno alla detta materia ò udito da mio padre e que’ che sono stati più antichi di me [...]*”. (VELLUTI, 1914, p. 3)

Da mesma forma, Goro Dati em 1383, manifesta sua intenção de fixar na escrita a memória dos feitos passados, para não se perderem, e depois registrar os feitos secretos de

---

<sup>39</sup> *Ibidem*, p.15 e16

seus negócios ano a ano, conforme acontecerem: “*Questo libro comincerò, in sul quale nel principio farò breve menzione di nostri fatti da farne memoria; e poi appresso scriverò i fatti segreti della compagnia e della mercantia che a me s’apartenghono ad ano a ano, invocando prima e sempre il nome di Dio.*” (DATI carta 13 apud PANDIMIGLIO, 2006, p. 95),

Escreve Connell (1990, p. 279 e 280) que esses livros têm frequentemente interessado os estudiosos, “seja pelo inestimável registro filológico que eles preservam, seja por causa da fascinante problemática de sua relação com os produtos da alta cultura literária”. Uma abordagem desses escritos, que tem suas origens na volta aos estudos do Renascimento no século XIX e sua “descoberta” de indivíduo, concedeu devidamente aos livros de recordações de família um lugar importante na história da autobiografia e da representação literária do individual. Mais recentemente, a partir dos anos ’70 do século passado, foram reconhecidas pelos estudiosos, no processo coletivo e geracional de suas composições, válidas razões para poder considerar tais escritos um gênero a parte. A força dos melhores estudos por parte de estudiosos de literatura, entre os quais Armando Petrucci, Vittore Branca, Leonida Pandimiglio, Fulvio Pezzarossa e o historiador da economia Armando Saponi, contribuiu para encontrar motivos formais e textuais para definir um *corpus* literário desses textos.

Depois dos estudos específicos, iniciados nos anos ’80 por um grupo de professores e pesquisadores da Universidade de Roma, com o apoio de muitos outros estudiosos, entre os quais Alberto Asor Rosa, o já citado mestre da paleografia Armando Petrucci e o historiador Gabriele De Rosa (SORDI, 2016, p. 3), foram identificadas nesses documentos características peculiares, que os distinguem dos outros gêneros limítrofes da escrita da memória, ou seja, da historiografia “menor”, da crônica, do diário ou da autobiografia. Ao mesmo tempo, a coexistência de muitos elementos de semelhança com esses gêneros torna-se um aspecto constitutivo típico desses livros.

Referimo-nos especialmente aos livros mais comuns e mais difundidos, como o de Leonardo de Bartolino, objeto de nosso estudo, representativos da “medianidade” dos livros de família florentinos do século XIV e do início do século XV, como os define Ciappelli (1995, p. 124): livros de recordações, nos quais a norma é representada por uma maioria de anotações de viés de alguma forma econômica e onde as partes narrativas e descritivas são menos desenvolvidas. No caso de outros, mais conhecidos e estudados, mais articulados e especificamente orientados pelo autor em sentido cronístico, historiográfico ou

autobiográfico, estes livros, ainda que incluídos normalmente no mesmo gênero, adquirem muitas vezes características diferentes.<sup>40</sup>

Mesmo sendo a narração dos fatos expostos de acordo com a sucessão cronológica e havendo poucas, ou nenhuma, tentativa de interpretação ou de crítica — conforme as características da crônica —, estes escritos dos mercadores não têm um aspecto universalístico, ainda que restringido ao espaço da vida da cidade. Dentro de uma matéria preponderantemente comercial, limitam-se a tratar de acontecimentos que tenham alguma influência, direta ou indiretamente, na vida pessoal e econômica do autor e de sua família, pouco importando o resto que acontece ao seu redor: embora isso às vezes transpasse os limites temporais e espaciais da existência do próprio escritor, para voltar-se em direção aos tempos dos seus progenitores.

Da historiografia, falta a exposição ordenada de fatos e acontecimentos do passado e a investigação crítica volta a reconhecer neles e em suas relações uma unidade de desenvolvimento. Ou seja: as lembranças avulsas de interesse geral que aparecem, em meio às inúmeras anotações individuais e pessoais, mesmo que tenham por si mesmas (à luz dos estudos modernos) um valor “histórico” às vezes relevante, não constituem um conjunto orgânico que possa caracterizar como tal o gênero do texto.

Se considerarmos a definição reportada por Guglielminetti (1977, p. XIX) da autobiografia como “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando se concentra em sua vida individual, especialmente na história de sua personalidade”, vemos que isso se aplica apenas minimamente a esses livros dos mercadores.

O critério de organização textual é diarístico, pois as memórias acompanham a sucessão temporal dos dias, que correm paralelamente à vida do autor, anotando os fatos que ele considera mais importantes, e, se achar oportuno, voltando à escrita para completá-la ou atualizá-la: mas geralmente observações pessoais e comentários são escassos, falta o componente íntimo dominante e o olhar introspectivo do “eu”, que caracterizam o diário em sentido moderno,

É devida ao fundamental trabalho do grupo de estudiosos pouco antes citados — em particular Angelo Cicchetti e Raul Mordenti — a definição e a nomeação desse gênero, hoje geralmente adotada, denominado até então de maneiras diferentes: crônica, crônica doméstica,

---

<sup>40</sup> Entre os mais relevantes, os livros de Donato Velluti, Giovanni Morelli, Paolo da Certaldo, Goro Dati, Lapo de' Sirigatti, Ugolino Martelli, Francesco Castellani e outros. *Vide* p. 49 e 51 e nota. 47

diário, memórias, memoriais, recordações, história florentina etc. No intento de sublinhar a especificidade textual desses escritos e sua peculiar função, tais como aparecem documentadas por uma amostragem bastante ampla e representativa, esses textos foram definidos por Cicchetti e Mordenti como “Livros de família” (CICCHETTI, 1984, p. 1117 nota \*).

Mesmo com as inevitáveis dúvidas quanto à exatidão da definição, Pandemiglio (In: Mordenti, 2001 p. 125) escreve que esta tem o mérito de colocar a escrita em relação imediata com a instituição — a família — dentro da qual e para a qual é produzida. De fato, com evidente referência ao clássico esquema de Jakobson, essa definição pode ser resumida da seguinte forma:

Um livro de família é um texto memorial diarístico, plural e plurigeracional, em que a família representa todos os elementos do sistema comunicativo instaurado pelo livro, isto é, constitui o argumento (ou conteúdo) prevalente da mensagem textual, tanto o emissor quanto o destinatário da escrita, e enfim, o contexto e o canal da transmissão (MORDENTI, 2001, p. 15-22 e nota 19).

Ou seja, acompanhando as palavras de Mordenti, “Texto memorial” assinala o elemento fundamental da operação da escrita, a conservação da memória e, então, a seleção dos elementos a serem lembrados.

“Diarístico” não alude ao conteúdo temático, mas define a particular relação que a escrita dos textos estabelece com o tempo do calendário, ou seja, o correr paralelo do tempo com a vida dos escreventes, marcado mediante a sistemática datação do livro. A linha do tempo cronológico não é, porém, o único princípio ordenador do texto: de acordo com a organização que foi estabelecida para o livro, pode haver uma contradição entre a datação das anotações e a posição que elas assumem, a saber, uma anotação mais antiga pode seguir uma mais recente, e vice-versa.

“Plural” define uma característica peculiar desses livros, que os diferencia claramente tanto do diário quanto da autobiografia: apesar de tratar-se de uma escrita “de si”, não é uma escrita pessoal, no sentido moderno do termo. É importante lembrar que opera aqui um “si” coletivo, quem escreve (e quem lê) é sempre um “nós” e não um “eu”: quem escreve também lê o livro, quem escreverá também terá lido o que foi escrito, e todos fazem parte de um único sujeito coletivo, isto é, a família. Como escreve Goro Dati, ele deixará suas

memórias não somente para esclarecimento para si, mas também para aqueles que virão depois dele.<sup>41</sup>

O livro de família é plural, pois ele é plurigeracional. Há uma geração, mais que um indivíduo, que escreve, prevendo outras gerações que a sucederão na escrita, e que lerão o livro no futuro. Essa tensão entre o presente da escrita e o futuro indefinido do desejado prosseguimento e leitura é, em certo sentido, o que sustenta o projeto inteiro do livro e o caracteriza. Os livros de família não são escrituras para a eternidade, mas sim para a sobrevivência: escreve-se para o futuro, visando a ansiada duração da própria estirpe, com o escopo de exorcizar, também por essa via, a morte. Como escreve Mordenti (2001, p. 18-19), o livro de família é essencialmente “escrever para não morrer, para não morrer inteiramente”.

Em dois casos importantes, os autores, ao escrever suas memórias, expressam claramente seu desejo de projetar no futuro sua escrita. Donato Velluti escreve, na introdução às suas memórias:

[...] considerando que todo homem é mortal, e particularmente eu, que estou bastante aleijado pela gota, resolvi fazer lembrança e memória daquilo que, acerca da dita matéria, ouvi de meu pai e daqueles que foram mais antigos que eu, e vi por escrituras e outros documentos, [...]<sup>42</sup>

Francesco Guicciardini também, no início de suas memórias, reitera a ideia de que aquilo que está para escrever dure “[...] *non solo vivendo io, ma in perpetuo*”: não morra com ele, mas continue a existir para sempre (1936, p. 3).

A morte não pode ser eliminada, mas pelo menos é “ultrapassada” pelo livro: é vivo quem escreve, no momento em que escreve, e é vivo quem lerá, no momento em que lerá, mas então estará vivo algo de quem agora escreveu e naquele tempo futuro estará morto: viverá sua família que, escrevendo de si mesma além da morte, a derrotará. Escreve-se na tentativa de permanecer vivo após desaparecimento físico, “deixando sobreviver memória de si, da própria descendência, transformando, mais uma vez, uma ânsia em uma linguagem” (BLANCHOT, 1943 apud CICCHETTI, 1984, p. 1127). Por isso os livros são escritos em que falta, pela própria natureza, o fim: eles, que almejam receber integrações e acréscimos, não podem prever uma conclusão. Assim, contrariamente aos exórdios, eles não contêm fórmulas padronizadas de conclusão ou de despedida, e eventualmente podem sofrer uma interrupção.

<sup>41</sup> “*Qui appresso farò memoria di certe spetiali cose a chiarezza di me e di chi fosse dopo me, che Idio ci dia gratia che siano buone*” (DATI c. jv apud PANDIMIGLIO, 2006, p. 95)

<sup>42</sup> “[...] considerando che ogni uomo è mortale, e spezialmente io che sono difettoso molto di gotta, mi pensai di fare ricordanza e memoria di ciò che intorno alla detta materia ò udito da mio padre e que’ che sono stati più antichì di me, e ho veduto per carte libri o altre scritture, [...]” (VELLUTI 1914, p. 3)



Logicamente, contra a intenção de quem os inicia, as circunstâncias da vida nem sempre possibilitam que esses livros durem por muito tempo: mas existem alguns que são escritos e mantidos por várias gerações.

Enfim, o elemento essencial, que caracteriza a definição, é “a família”: além de emissor e destinatário, de ambiente privilegiado de conservação, ela é, obviamente, o assunto principal da elaboração do livro. A família considerada como uma estrutura, em que não contam tanto as unidades individuais, presentes e futuras, mas o interesse dela como um todo.

Bonaccorso Pitti dirige-se a seus filhos e descendentes, e a qualquer outra pessoa que ler ou ouvir o que vai escrever, para que vejam e tomem como exemplo.<sup>43</sup> Igualmente moralística é a preocupação de Giovanni di Pagolo Morelli de transmitir aos filhos e aos outros descendentes a memória de feitos de sua família, nos quais possam espelhar-se e então, com a graça de Deus, agir corretamente.<sup>44</sup>

Duas são as bases sobre as quais é construído o arco temático do livro: o corpo da família (isto é, o registro dos nascimentos, dos casamentos, das mortes, das adoções, das doenças, e às vezes dos abortos, etc.) e o patrimônio da família (os dotes e heranças, administração, contratos, testamentos, compras e vendas, inventários de bens etc). Sobre esses dois pilares fundamentais, e que nunca podem faltar, da família considerada como um corpo orgânico, constrói-se uma vasta gama de escrituras da memória, de assuntos e estilos bastante variados. (MORDENTI, 2001, p. 23)

Os negócios constituem, logicamente, o foco de principal interesse dos mercadores. Ao mesmo tempo, eles frequentemente são também magistrados e partidários, assumem uma nova filosofia política: lutando para sobreviver no difícil mundo dos negócios, combatendo contra adversários externos e internos, forjam o sentimento novo de *civis florentinus* (BEC, 1967 p. 349). Três são, então, as razões principais de suas ações e constituem as dominantes de suas lembranças: “Razão de família”, “Razão de mercancia” e “Razão de Estado”.<sup>45</sup>

Muitas anotações, pela própria temática, induzem a extrapolar o monótono registro de fatos para incluir algo de mais detalhado, mais pessoal, que deriva da interioridade, da

---

<sup>43</sup> “*Acciò che voi, figliuoli e discendenti nostri, e qualunque altro che leggerà o leggere udirà quello che qui appresso scrivo, veggia e prenda esemplo [...]*” (PITTI, 2003, p. 52)

<sup>44</sup> “[...] *volendo in parte amestrare i nostri figliuoli o veramente nostri discendenti per vero asempo e per casi intervenuti annoi, ne' quai ispechiandosi ispeso, ne ricieveranno cholla grazia di Dio salute di buono provvedimento [...]*” (MORELLI, 2019, p. 174).

<sup>45</sup> “O termo *ragione* é usado em várias acepções no léxico mercantil daquela época: contabilidade, justiça, causa dos eventos e sabedoria. Designa, então, a capacidade de compreender o passado, de agarrar o presente e de prever o futuro.” (BEC, 1983, p. 271)

experiência de vida: o autor, solicitado pelos acontecimentos, ultrapassa os confins da enunciação e resvala no gosto da narração. Nascimentos e mortes provocam palavras de comoção e recordação nostálgica; vicissitudes financeiras obrigam a tomar decisões e procurar soluções; a esperança de ganhos e a necessidade de administrar o trabalhos dos correspondentes leva a longas e, às vezes, aventureiras viagens; o desejo de guardar preciosamente e transmitir para os descendentes as próprias experiências origina páginas de conselhos e reflexões; os negócios privados atravessam a esfera pública; o desempenho de cargos públicos envolve os fatos da vida da cidade; os acontecimentos da história cruzam-se com os da vida familiar.

Assim muitos livros de família abrem-se para a expressão de sentimentos, para a narrativa e para anotações mais pessoais, através de construções estilísticas que beiram os módulos próprios da escrita literária: *marchands écrivains*, como os definiu Christian Bec (1967) que foi um dos primeiros a apresentar considerações literárias da tradição destes mercantes.<sup>46</sup>

Para citar só alguns dos textos mais conhecidos, escritos entre as últimas décadas do século XIV e as primeiras do XV: os “*Ricordi*” do mercador e juiz Donato Velluti (1313-1370), em que ele traça com orgulho a história de sua família e a formação de sua companhia de comércio; os “*Ricordi*”, escrito entre 1393 e 1421, do florentino Giovanni di Pagolo Morelli, obra notável pela equilibrada síntese dos motivos dominantes da tradição mercantil; os “*Ricordi*” da fascinante e aventureira figura de Bonaccorso Neri di Bonaccorso Pitti (1354-1432), mercador, diplomata e político; o “*Libro di buoni costumi*” (c.1360) de Paolo di messer Pace da Certaldo, filho de um notário e relativamente culto, em estilo moralista e gnômico; o “*Libro segreto*” do florentino Goro di Stagio Dati (1362-1435), que ocupou importantes cargos públicos e foi ativo nos negócios, mesmo se com fortuna alternada; o “*Libro dei fatti propri di casa*” di Lapo di Giovanni Niccolini de’ Sirigatti, um dos mais potentes e ricos oligarcas florentinos, que escreveu entre 1378 e 1436.

O *trait d’union* entre o mundo dos negócios e a literatura, comenta Durante (1988, p. 107), é constituído pelas *ricordanze* de mercantes-escritores florentinos dos séculos XIII e XIV, come esses.<sup>47</sup> A qualidade dos escritos nos lembra aquela capacidade criativa e aquela finura

---

<sup>46</sup> Bec (1983, p. 153) comenta que a maioria desses “mercadores escritores” é de mercadores medíocres, por isso os negócios lhes dão tempo para escrever e pode até ser que a “literatura” os console por seus reveses comerciais. Não cabe, nesse espaço, aprofundar o assunto: preferimos olhar aos nossos autores “medianos” pelos seus escritos, mais do que pelas suas biografias.

<sup>47</sup> Estamos, aqui, diferenciando aquelas poucas e bem específicas personalidades, para as quais o termo “escritor” tem em maior medida a conotação de “autor de livros”, daquelas, que constitui a

que se manifesta nos negócios comerciais, nos problemas familiares e no empenho civil e político.

Mercancia e literatura representam dois aspectos complementares da mesma civilização, e funcionam como aspectos interdependentes no sentido de que um estado de bem-estar cria espaço e estímulo para as atividades literárias e artísticas. Esta afirmação poderá parecer blasfema, mas os dois vultos se impersonificam nada menos do que na figura de Lorenzo o Magnífico, poeta e filósofo (além de político e mecenas), mas também responsável pelo Banco Medici.

Na mesma época (1512-1530), também Francesco Guicciardini escreveu um livro de *Ricordi* e, observa Serianni (2001, p. 76), é interessante notar as diferenças de estilo entre as obras históricas, ou de qualquer forma concebida para a publicação, e essas suas notas pessoais. Se, por um lado, como explica Cicchetti (1985, p. 2), a escrita familiar muitas vezes não tem a veste estilística que se requer para os textos destinados a serem apresentados ao público e acolhidos no sistema literário, essa característica é também um elemento compositivo do estatuto da comunicação privada.

Um escrito que se propõe a ser continuado por outros, por pósteros dos quais não se conhecem as possibilidades de comunicação escrita, não pode colocar entre si e os escreventes futuros o difícil obstáculo de cânones formais excessivamente complexos. Esse limita-se a indicar um único modelo elementar – o da repetição de simples estereótipos – acessíveis a qualquer pessoa, deixando, pelo restante, extrema liberdade na relação com os modelos da escrita literária.

Paralelamente às características que, no plano formal e metodológico, distinguem a escritura familiar das escrituras literárias afins — continua Cicchetti<sup>48</sup> — definem-se as especificidades estilísticas que concorrem a determinar a alteridade em relação ao sistema literário, elemento já percebido pelos leitores mais atentos. Assim escrevem, no século XVI, os “Deputati alla correzione del Decameron”: “*Lo stile, come non fatto per essere letto da altri, non si vede da ornamenti o cura alcuna straordinaria abbellito, ma vestito alla domestica semplicemente, e con tutto questo purissimo [...]*” (BORGHINI, 1857, p. 30). Ou seja: o estilo das obras que não são escritas para serem lidas por outros, não aparece embelezado por adornos ou por algum cuidado fora do comum, mas vestido em modo simples, familiar, mas isso não impede que seja bastante claro.

---

maioria dos mercantes florentinos, para os quais o termo pode significar, mais simplesmente, “pessoa que escreve”, como nota Ricci (2005, p. 29). Para esta segunda categoria, (que, eventualmente, pode ter elementos em comum com a outra), na época da qual tratamos, “desenha-se uma fisionomia cultural bastante atrasada com respeito à pretendida sintonia com o moto humanístico da classe mercantil” (PEZZAROSSA, 1989, p. 46).

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 6

Mesmo assim, como explica Saporì (1997, p. 143), alguns daqueles mercadores, como os que citamos antes, que escreviam tudo e que escreviam muito, às vezes não se limitavam a utilizar uma linguagem simples ou coloquial: possivelmente dotados de uma cultura melhor e uma visão mais ampla do que a média dos seus similares, procuraram dar uma roupagem mais elegante às suas anotações. Dessa forma, muitos livros que nasceram como livros de contabilidade e livros ou cadernos de recordações pessoais, mas notáveis por beleza e eficácia do discurso, ou por agudeza de espírito de observação ou por riqueza de dados, merecem um lugar de destaque também como textos de língua ou como fontes históricas.

Paralelamente, notamos a forte influência da formação e da vivência mercantil nas obras de grandes nomes da literatura do século XIV, eles mesmos de famílias de mercadores e que exerceram a profissão, como os cronistas Dino Compagni, Giovanni e Matteo Villani, além dos novelistas, como Giovanni Boccaccio e Franco Sacchetti.

O mercador italiano medieval, explica Saporì (1997, p. 145),

[...] não há de ser confundido na multidão na qual predominavam, naturalmente, os despossuídos de erudição e até os iletrados, e deve ser considerado, pelo menos logo que se elevar da posição de negociante mínimo, como uma pessoa provida de um determinado grau de cultura, colocada ao serviço de uma mente orientada no sentido da ordem e da precisão; e em alguns casos caracterizado até por uma individualidade marcante, expressa pelo gosto das letras e pelo interesse para os fatos humanos em sentido amplo, ligado à tentativa de uma sua interpretação; pois o diário e a crônica, em alguns momentos, alcançam a dignidade da história.

A história da família é reconstruída colocando em evidência os episódios salientes e o papel que a família representa na vida da cidade. A memória que é objeto dos Livros de Família é estritamente ligada à existência da cidade e, nas palavras de Bizzocchi (2006),

Não é por acaso que esse tipo de memória, que existiu em todo lugar na Itália, é visivelmente presente na Toscana comunal, na Toscana ainda republicana do Trezentos e do Quatrocentos, porque é uma memória intensamente ligada à dimensão burguesa, urbana e mercantil das classes dirigentes toscanas da Baixa Idade Média.

Esse é um dos fatores institucionais, observa Mordenti (CICCHETTI/MORDENTI 1985, p. 116 nota 15), que explicam o extraordinário florescer desses escritos em Florença: desse ponto de vista a transmissão de pai para filho da documentação privada torna-se essencial para o papel que os membros da família podiam ter na vida civil. Mais tarde, outro fator será constituído pela instituição do *Catasto* em 1427, que obriga aos cidadãos um registro acurado da própria economia doméstica, contribuindo para tornar necessárias

escrituras familiares de documentação: não é por caso que, justamente nessa data, iniciam muitos Livros de Família.

Pandimiglio expõe, em linhas gerais, a história externa do Livro de Família florentino. Nascidos no final do século XII, surgidos em grande número a partir da segunda metade do século seguinte, correspondendo aproximadamente aos cinquenta anos mais marcados do governo oligárquico (1382-1434), eles realçam conteúdos que fazem referência a um aspecto fundado prevalentemente na época republicana: a distinção social e política familiar, a autoconsciência da classe. Esse período, pela tradição, seria denominado a “idade clássica” desses livros.

Na sucessiva época do regime medíceo republicano — quando o limiar para a participação na vida pública é rebaixado, na tentativa de formar uma classe política integrada à família dominante — os novos grupos cointeressados na gestão do poder apropriaram-se da prática da escrita familiar, reproduzindo os modelos oligárquicos, e contribuindo para o extraordinário florescimento do gênero, que justamente na segunda metade do Quatrocentos alcançaria seu ponto máximo. [...] Enfim, no decorrer do Quinhentos o livro de família ter-se-ia encaminhado para o declínio, sem inversão de tendência. E, dir-se-ia, em conexão com a definitiva ruptura daquele sistema constitucional, durante o qual tinha, ao contrário, conhecido seu triunfo. (PANDIMIGLIO, 2006, p. 34 e 35)

É possível identificar, segundo Cicchetti (1984, p. 1155 e 1156), uma série de elementos que determinam uma perda de função desse gênero de escritos e desarticulam o complexo sistema que o caracteriza. Entre os mais relevantes estão aqueles que modificam as funções primárias do livro que, por um lado, transferem para a esfera pública uma função outrora própria da esfera familiar, e por outro vão de encontro a um processo de especialização e de profissionalização.

Os registros paroquiais, instituídos após o Concílio de Trento, na segunda metade do século XVI, tornaram supérfluos a seção de registro de nascimentos e de parentesco, com o consequente desaparecimento daquela rede de relações entre a identificação do grupo e o registro de suas operações econômicas, que constitui o substrato dos fatores que condicionam a escrita familiar. Por outro lado, a função que a escrita exercia no âmbito extrafamiliar, com a difusão da imprensa, é exercida pelo novo sistema de comunicação: modificação substancial, pois prevalece o interesse em difundir e tornar público o material informativo, contrariamente ao que acontecia com as escritas mercantis (CICCHETTI, 1984, p. 1156, nota 2).

A grande quantidade de escritos de família que se encontram em Florença, não tem somente relação com as circunstâncias que favoreceram sua produção, mas também, continua Mordenti

[...] com aquelas, igualmente singulares, que consentiram sua conservação, e em particular com a situação histórico-cultural florentina pela qual, com alguns séculos de antecipação com respeito aos outros estados italianos, pareceu digno de conservação antes e de veneração depois, qualquer reperto ou documento da história da cidade. (CICCHETTI; MORDENTI, 1985, p. 116),

Como explica Insabato (1994, p. 882-887), a riqueza do patrimônio dos arquivos de origem familiar reveste grande importância como fontes de documentação e por sua consistência. Trata-se de complexos de documentos produzidos durante o desenvolvimento de atividades multiformes, econômicas ou não, por um núcleo familiar, ou melhor, por um conjunto de indivíduos que tem entre eles uma ligação familiar, com um elo não resumido somente ao parentesco. Aos seus registros os mercadores dedicaram uma atenção especial e tais arquivos foram conservados durante séculos, de diversas formas, por exigências de documentação interna do grupo familiar e, em sentido mais amplo, de conservação da sua memória através das gerações.<sup>49</sup>

As reconstruções das relações parentais que se encontram nos livros, falam da importância do parentesco no âmbito do sistema de valores dominantes: tinham a finalidade de individualizar e definir a descendência em linha masculina, detentor do mesmo sobrenome, à qual era confiada a redação da memória familiar. Geralmente cabe ao filho primogênito a tarefa de conservar livros e escrituras, uma vez que assume, com a morte do pai, o papel de chefe de família e custódio de sua memória: e ele deveria estar consciente dessa responsabilidade.<sup>50</sup>

A interpretação prevalentemente patrilinear, que tinha suas raízes na sociedade das cidades toscanas — continua Insabato — parecia então ter sua função para as exigências devidas à posse de vultuosos patrimônios e sua transmissão a outros membros da família. Nota-se como, especialmente a partir do Quatrocentos, estejam delineando-se duas instituições do direito privado, reflexo dessa mentalidade: isto é, o direito dotal e o direito hereditário, que condicionam a transmissão do patrimônio familiar e, em última análise, também de sua memória histórica, isto é, do arquivo.

---

<sup>49</sup> Vide também nota 95 p. 68

<sup>50</sup> Assim escreve Valorino di Barna Ciurianni (c. 39r apud Chabot, 2012, p. 189): “[...] *perché sono il maggior di tempo per innanzi scriverò in sul presente libro le nostre segrete facende el meglio che Dio mi choncederà la gratia.*”

Utilizados por eruditos inicialmente para fins genealógicos, nos séculos XVII e particularmente no século XVIII, quando o Grão-ducado dos Lorena decidiu realizar na Toscana o recenseamento e a legalização jurídica da nobreza e do patriciado urbano com a lei de 1750, os livros de família da idade republicana tornaram-se então fundamentais para demonstrar a antiguidade da estirpe.<sup>51</sup> Como escreve Cicchetti (1985, p. 21-29), pode-se dizer que o interesse para os livros de família se desenvolveu depois, até os inícios do século XX, seguindo o projeto historiográfico de Ludovico Antonio Muratori, primeiramente através seus trabalhos, mais tarde, na metade do Oitocentos, com a atividade do “Archivio Storico Italiano” e, enfim, com a nova edição dos *Rerum Italicarum Scriptores* e com o intenso trabalho de pesquisa promovido por esta iniciativa. Nas últimas décadas do século passado e depois, mais recentemente, uma série de estudos, conduzidos no âmbito das mais diversas disciplinas, abriu os caminhos ao longo dos quais segue também a nossa pesquisa.

Depois de quase sete séculos, entre os tantos livros de família florentinos que se conservaram até nossa época, está aquele do qual agora tratamos, o do mercador Leonardo di Bartolino Salimbeni.

### 1.5 – O início de uma família de mercadores florentinos: Bartolino Salimbeni

Conforme escreve o teólogo e literato Frei Ildefonso di San Luigi Gonzaga (nascido Benedetto Liborio Maria Frediani),<sup>52</sup> Leonardo teria nascido em Florença por volta do ano 1320. Seu pai, Bartolino,<sup>53</sup> seria filho de Salimbene di Ranieri, do ramo dos Salimbeni de Siena denominado do *Stiattale del Giardino*, Estirpe do Jardim, para se distinguir dos outros

---

<sup>51</sup> Conforme Pandimiglio (2001, p. 122), algumas famílias, no ato de apresentar publicamente as provas de nobreza, levaram notícias, cuja autenticidade era fundamentada com também nos antigos livros de família, compostos pelos seus antepassados.

<sup>52</sup> (ILDEFONSO, 1786, p. 227) Escrita com finalidades genealógicas, em mais de 350 páginas, a *Appendice al tomo XXIII* das *Delizie degli Eruditi Toscani* de Frei Ildefonso apresenta, com abundância de detalhes baseados em documentos de arquivo da época e de historiadores posteriores, os fatos dos componentes das famílias Salimbeni de Siena e do ramo dos Bartolini Salimbeni de Florença, das origens até o fim do século XVIII.

A esse respeito, valem as palavras de Pandimiglio (2006, p. 34), pelo qual os livros de família foram utilizados “por séculos, por pessoas pertencentes às famílias de redação dos livros e por eruditos estranhos àquelas famílias, ao fim de transmitir as memórias da distinção social e política familiar, usando os livros como depósitos de notícias que documentavam aquela distinção, prevalentemente fundada justamente na época republicana.”

<sup>53</sup> Frei Ildefonso calcula o nascimento de Bartolino por volta do ano de 1260, fato que nós achamos improvável. Neste caso, os numerosos filhos teriam nascido quando ele era já bem ancião, os últimos depois dos 70 anos de idades, e a peste o teria matado com mais de 88 anos.

ramos principais da família.<sup>54</sup> Bartolino, juntamente com um dos seus três irmãos, chamado Tobia, teria-se transferido para Florença no fim do século XIII ou no início do seguinte, “cansado das ferventes turbulências e discórdias da pátria, seja públicas que privadas, [...] foram embora dela e retiraram-se sob a República Florentina, que fora sempre favorável aos Salimbeni” (Ildefonso, 1786, p.83 e199).<sup>55</sup>

Donos de muitas terras e numerosos castelos, mercadores e banqueiros, os Salimbeni constituíam em Siena uma das mais ricas, potentes e influentes *consorterie*, assim como eram denominadas as associações de famílias nobres, nascidas na Idade Média entre o dissolver-se do mundo feudal e o afirmar-se da Comuna. A *consorteria* era configurada como uma espécie de família política, com interesses em comum, obrigações e direitos recíprocos, chefes próprios, casas fortificadas e castelos nos quais todos pudessem se refugiar nos momentos de perigo. Com o afirmar-se do análogo e oposto processo de associação das forças populares nas corporações de artes e ofícios, com a legislação restritiva dos privilégios das grandes famílias aristocráticas, tornou-se mais evidente o caráter combativo das *consorterie*, submetidas com a força às leis comunais.

Assim sendo, a *consorteria* dos Salimbeni andava travando, havia muitos anos, lutas contínuas, com resultados nem sempre favoráveis, para a supremacia na cidade e a conquista do poder, com o governo e especialmente com a eterna e odiada rival, a família dos Tolomei: tratava-se de verdadeiras guerras e conflitos muitas vezes particularmente sangrentos, nos quais estavam envolvidas as forças da República ou os membros das facções antagonistas.

Essa situação de perigo pode ter impulsionado a decisão dos dois irmãos de transferir-se para Florença, apesar de estarem em tempos de relativa tranquilidade e paz: as hostilidades dos “empenhadíssimos faccionários contra os Tolomei” (Ildefonso, 1786, p. 82) recrudesceram somente nas décadas que seguiram à expatriação de Bartolino. Perdurou depois por todo o século a luta tenaz para a conquista da Senhoria de Siena, até que no início do século XV a força das ordens populares que governavam a República prevaleceu. Perdidos os seus domínios, a grande potência política e econômica da *consorteria* dos Salimbeni foi destruída, seus membros se dispersaram e em breve tempo em Siena não sobrou vestígio dos seus descendentes.

Naqueles tempos, no início do século XIV, havia na Toscana um período de paz e de equilíbrio entre as duas tradicionais rivais, Florença e Siena, a qual já desde o fim do século

<sup>54</sup> SALIMEI, 1986, p. 78 nota 10 e 285; ILDEFONSO, 1785, p. 199.

<sup>55</sup> “*stanco delle bollenti turbolenze, e discordie sì pubbliche che private della pátria [...] da essa se ne partissero, e sotto la Fiorentina Repubblica, stata sempre a’ Salimbeni favorevole, si riponessero*”



anterior havia passado também para o lado guelfo: as duas Repúblicas tinham optado por uma política de colaboração, baseada em favorecimento político e diplomático, envio de tropas para apoio recíproco em caso de necessidade e decisões comuns para a estabilização regional. Nesses anos, a bandeira branca com o *Giglio* vermelho, o lírio de Florença, e a *Balzana*, o estandarte com o escudo truncado de preto e de prata de Siena, combateram juntos.<sup>56</sup>

Consequentemente, é plausível a hipótese de que não foi somente a situação de conflitos e de sangrentas discórdias, que provocaram o abandono da pátria por parte dos dois irmãos, mas sim um impulso de natureza puramente econômica: o olhar para o futuro, o faro para os negócios, capaz de prever a incumbente e inexorável ascensão de Florença, em detrimento de sua própria cidade natal (CECCHI, 2015, p. 18, 19).

Encontramos, assim, Bartolino em viagens para Florença, já nos anos precedentes à virada do século, por interesses da própria família ou talvez da República de Siena, e mais tarde estavelmente fixado na cidade. De fato, a residência por um determinado período de tempo entre as muralhas, possivelmente em habitação própria, o exercício de uma profissão e o registro na Comuna para pagamento dos impostos, (e, às vezes, o casamento com uma florentina), eram as motivações que levavam à concessão da cidadania.

Chegara, junto com o irmão, ao qual permanecerá sempre unido seja nos negócios ou nos fatos de família, provavelmente “riquíssimos de dinheiro” (ILDEFONSO, 1786, p. 91 e 97), ou seja, já dispunha dos capitais necessários para participar diretamente da atividade comercial, inclusive entrando em sociedade com as grandes companhias de mercancia locais, como a da potentíssima família de banqueiros dos Spini, com filiais em Veneza e Bolonha, dos quais em 1312 fora procurador.<sup>57</sup>

Que os dois irmãos tivessem alcançado uma sólida posição econômica, é confirmado também pelo fato que, sendo falecido Tobia e tendo deixado sob a tutela do irmão dois filhos e cinco filhas ainda em vida, dessas “*per lo detto Bartolino ne furono maritate*

---

<sup>56</sup> Assim Bindino da Travale (+ 1418) descreve, em sua *Cronaca*, a batalha de Montecatini de 1315, entre a liga guelfa e as tropas gibelinas, capitaneadas por Castruccio Castracani: “*Vinse Chastruccio la battaglia co’ suoi alamanni; fu nel mille treciento chuindici anni. [...] e furono i sanesi co’ florentini da loro lato; [...] la battaglia si fu aspra e villana; chadevano per terra le bandiere de’ gigli e la balzana.*” (apud LUSINI, 1903, p. 2 e 3)

<sup>57</sup> “[...] *coram me produxit duo publica instrumenta, ut prima facie apparebat, scripta manu Guidonis Blasii notarii de Bononia anno nativitatis Domini millesimo CCCXII. indictione X. Die VI. Septembris, continentia unum, quod [...] solvit Venetiis Bartholino Salimbenis, procuratori sociorum societatis de Spinis, [...]*” THEINER, 1863, p. 150; *MONUMENTA VATICANA*, 1885, p. 468, 469 e 470

*quattro*” — “nobremente”, acrescenta frei Ildefonso) (ILDEFONSO, 1786, p. 208) — “*e una messa nel munistero da Sofiano*”<sup>58</sup>

Pagar o dote de uma moça representava um ônus financeiro relevante, especialmente quando o casamento era combinado entre famílias de condição elevada: e também o ingresso de uma moça em um convento demandava um dote, mesmo se de valor inferior àquele necessário para um matrimônio.<sup>59</sup> Nas camadas sociais mais elevadas, e não somente nelas, os casamentos eram organizados de acordo com os interesses das famílias dos noivos e tinham muitas vezes como finalidade estabelecer novas alianças, ou fortalecer as existentes: tratava-se praticamente de um negócio, no qual o valor do dote constituía o penhor material.

Pelas memórias de Leonardo, conhecemos o dote de uma das filhas casada com *ser* Giovanni Dini di Lanciolina, Lisa,<sup>60</sup> uma senhora que pertencia à sociedade elegante da época, como demonstra a descrição das joias que ela usava em 1344, elaborada pela magistratura para a aplicação das leis suntuárias, ou seja, das normas restritivas sobre o vestuário de luxo.<sup>61</sup> Até mesmo o matrimônio de uma moça com Cristo, sua entrada no convento, podia significar uma importante ligação da família com a sempre poderosa e onipresente Igreja.

Os dois irmãos são admitidos à cidadania Florentina em 1320 (ILDEFONSO, 1786, p. 203). Em Florença, comenta Pinto (2014, p. 28), o acesso à condição de cidadão *pleno iure* passava, em grande parte, pela avaliação das condições econômicas e sociais e da “boa fama” da pessoa. Somente uma parte dos cidadãos gozavam de plenos direitos, pelo fato de serem arraigados no território da cidade, de desfrutar de boa fama — ou seja, não somente sucesso nos negócios e comprovada honestidade, mas também ligações pessoais com outros eminentes cidadãos — e especialmente, de dispor de sólidos patrimônios pessoais e familiares, que garantiam confiabilidade. Os dois irmãos trabalham ativamente, em contato com as maiores companhias florentinas, consolidam as posses fundiárias nas imediações da

---

<sup>58</sup> c. ijr 16-17

<sup>59</sup> HERLIHY, 1978, p. 564

<sup>60</sup> c. vv. O dote de Lisa, de 300 florins, representava uma importância bem considerável no panorama da sociedade florentina precedente à Peste Negra, quando ainda não tinha estourado aquela verdadeira inflação dos dotes, típica da segunda metade do século XIV e do seguinte. (TOGNETTI, 2003, p. 17 e nota 7)

<sup>61</sup> “*Die xviiiº mensis decembris [1344]. Domina Lysa filia Bartholini Salimbenis Populi S. Trinitatis habet ghirlandam sive cerchiellum de argento deaurato cum xviii ghangherectis factis ad modum vitis, cum florectis smaltatis de azurro, cum boctonibus de argento albo et vetris vermiliis, ponderatam per dictum fratrem Bartholus unciis quinque et dimidio.*” GUIDOTTI, 1984, p.667: Archivio di Stato di Firenze, Giudici degli Appelli, nr. 117 (antico 1932), cc. non numerate; GÉRARD-MARCHANT. 2013, p. 494)

cidade e a residência no *sestiere* <sup>62</sup> di Borgo ou Santa Trinita,<sup>63</sup> em propriedades que formam a base do estabelecimento urbano da família.

Condição indispensável para exercer seus comércios e, após as leis comunais de 1282 modificadas com os *Ordinamenti di Giustizia* de 1293, para participar da vida política, era pertencer a uma das Artes e, portanto, em 1320 eles se matriculam em uma das Maiores, a *Arte di Por Santa Maria*, depois denominada *Arte della Seta*.<sup>64</sup>

Aparentemente, os dois irmãos dedicam-se ao comércio da seda. Bartolino é qualificado como *magister* (mestre) nesta *Arte*,<sup>65</sup> apesar da indicação não aparecer no sintético registro que consta no livro de matrículas, razão pela qual devia exercer a profissão e provavelmente ser titular de uma companhia comercial própria, talvez junto com o irmão. Em 1322 Tobia é convocado pela *Mercanzia* como representante de uma das 66 companhias florentinas que se utilizavam do porto de Pisa, para notificar a proibição de alugar ou utilizar os navios pisanos para o transporte de mercadorias e em 1324 ele é Conselheiro da própria *Mercanzia*, sempre pela *Arte di Por Santa Maria* (ASTORRI, 1998, p.164 n e p. 215).

Paralelamente ao comércio, provavelmente os dois irmãos continuavam participando de sociedades bancárias: não temos notícia da abertura de uma *tavola* própria, mas atividades ligadas ao dinheiro eram requisito quase indispensável para o sucesso nos negócios e, então, comuns para os comerciantes que, pela própria natureza de suas atividades desenvolvidas entre si, desempenhavam também várias funções bancárias.<sup>66</sup> Na Florença do baixo medievo, comércio e banco andavam “*hand to hand*”, de mãos dadas, como define Goldthwaite (2009, p. 205).

Não sabemos se Tobia era mais velho ou mais novo que o irmão. Casou-se com uma filha de Cante de’ Bottacini, da qual não conhecemos o nome, que lhe deu cinco filhas e dois filhos: morreu bem antes de Bartolino, deixando-o como tutor dos filhos e, ao mesmo tempo, chefe e responsável econômico da família.

Bartolino casou-se com uma mulher, da qual não conhecemos o nome, que faleceu antes dele, não sabemos em que data, e teve pelo menos oito filhos: talvez a esposa fosse da

---

<sup>62</sup> Vide ilustração B p. 61

<sup>63</sup> Vide ilustração B p. 61 e nota 64 p. 58

<sup>64</sup> *Bartholus & Tobia Salimbenis, Populi Sanctae Trinitatis*. Archivio di Stato di Firenze, Arte della Seta o Por S. Maria, pezzo 6, p. 58

<sup>65</sup> Vide nota 89 p. 67 referente à matrícula do neto Bartolomeo na mesma *Arte*: “[...] *jex personis patris et avi quondam et in hac matricula pro magistris matriculatis [...]*”

<sup>66</sup> “*tal fatto è fiorentino e cambia e merca,*” “assim é feito o florentino, e cambia e mercadeja,” Dante, *Paradiso* XVI 61 apud D’ARAMENGO, 2006, p. 256

família florentina dos Baldovini, pois o filho Leonardo chamará um deles de seu *consorto*, ou seja, seu parente.<sup>67</sup>

Conforme o costume dos mercadores, além de cuidar dos próprios negócios e do grupo familiar, Bartolino dedica-se à vida pública, assumindo cargos relevantes na administração da República: em 1323 é eleito *Camarlingo*, encarregado da administração dos bens da *Arte di Por Santa Maria* (ILDEFONSO, 1765, p.202 e 203), e em 1328 e 1332 *Console*, membro do conselho e máxima autoridade da mesma corporação (STEFANI, 1777, p. 213 e 214); ocupa por quatro vezes, em 1329, 1332, 1336 e 1340, o cargo de *Gonfaloniere di Compagnia* (*Vexillifer Sotietatis*), pelo *sestiere* di Borgo, uma das mais altas magistraturas.<sup>68</sup> No ano de 1339 figura entre os seis *Uffiziali sopra i grani e le biade*,<sup>69</sup> responsáveis pela política anônaria florentina, ou seja, pelo controle da distribuição e venda dos cereais, base da alimentação, cuja autoridade era muito ampla e de grande importância e responsabilidade, particularmente naqueles anos, durante os quais a região e grande parte da península era castigada por violentíssimas carestias (PINTO, 1982, p. 364, 365 e 374 nota 126).

Já de idade avançada, Bartolino parece ter alcançado seu lugar na elite econômica da cidade, como genearca do novo tronco familiar florentino: é dono de diversas propriedades rurais e urbanas, enquanto ativo comerciante participa da vida política da República, é bem relacionado e tem vínculos familiares com famílias importantes e seus muitos filhos homens garantem a prossecução da linhagem. Aparentemente, a situação econômica da família não é afetada pelo colapso financeiro que envolveu grande parte da cidade, que se seguiu à falência dos bancos dos Peruzzi e dos Bardi, entre 1343 e 1346.<sup>70</sup> O filho, em suas memórias, não

---

<sup>67</sup> c. lxxxij 20 ( volume segundo nota 230 p. 357); ILDEFONSO, 1786, p. 206

<sup>68</sup> STEFANI, 1779, p. 108, 147 e 208. Idem, 1780, p. 8; GIGLI, 1723, p. 173. Os dezesseis *Gonfalonieri di Compagnia*, cargo instituído na metade do século XIII para a defesa dos direitos do povo em oposição aos magnatas, tinham jurisdição territorial e poder de intervenção armada. Em volta de 1303 a eles foi conferida a tarefa de providenciar a defesa da Signoria e a salvaguarda do governo do povo, chegando ao vértice do governo da cidade

<sup>69</sup> Archivio Bartolini Salimbeni Vivai: Cartapecora, mazzo primo, n. 1, 31 (agosto 1339)

<sup>70</sup> As grandes companhias dos Bardi e dos Peruzzi financiaram por anos a Coroa inglesa. Devido ao início do longo período da guerra entre França e Inglaterra, conhecida como “a guerra dos cem anos”, o rei inglês não conseguiu mais reembolsar os empréstimos concedidos pelos banqueiros florentinos, que tinham posto à disposição crédito ilimitado até a enorme importância de um milhão e meio de florins: isso causou uma grande carência de liquidez, os dois bancos não conseguiram atender os saques por parte dos titulares dos depósitos, e foram à falência. O fato contagiou as demais companhias e provocou uma enorme reação em cadeia: declararam falência, em catastrófica sucessão, todas as principais companhias bancárias florentinas e as casas menores, cujo desmoronamento arrastou um grande número de depositantes, desde os ricos capitalistas até os pequenos investidores, e envolveu também comerciantes e artesãos. (VILLANI, 1991, p. 580 e 581. Livro XII cap. LXXXVIII)

## A - FLORENÇA – “PIANTA DELLA CATENA”



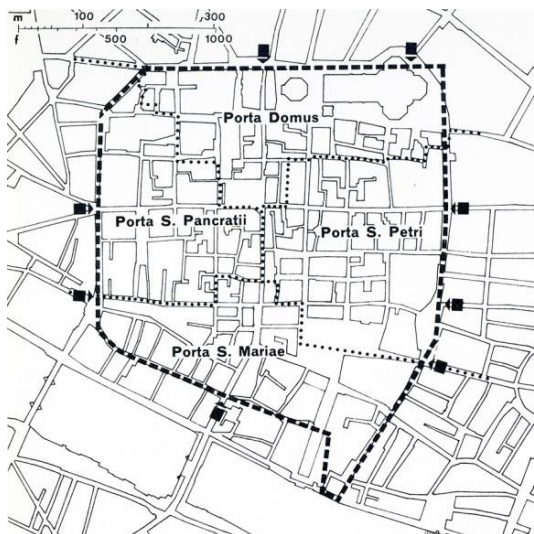
Berlin, Kupferstichkabinett: vista de Florença chamada "della catena" (Francesco Rosselli, 1472 c.ca)  
(Web)



**“Pianta della Catena”** (Detalhe). Florença, Palazzo Vecchio, Museo “Tracce di Firenze” Têmpera sobre tela de F. e R. Petrini (1887) – Reprodução da uma xilografia de Francesco Rosselli (1472 c.ca).  
No canto superior esquerdo: “Torre de’ Ba(r)tolini”.

(Foto: Cosimo BSV)



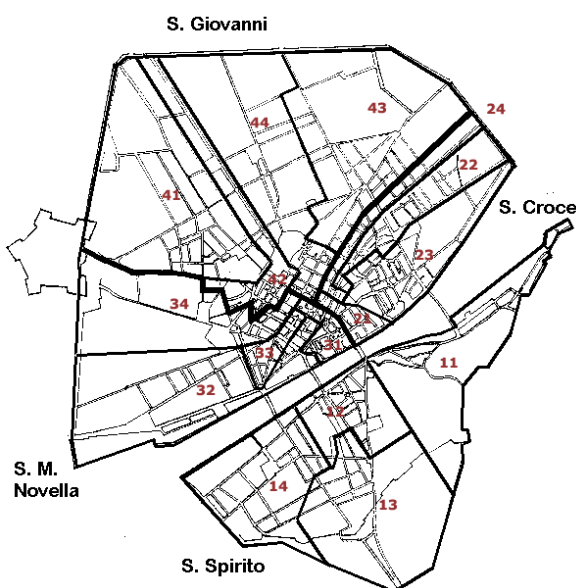
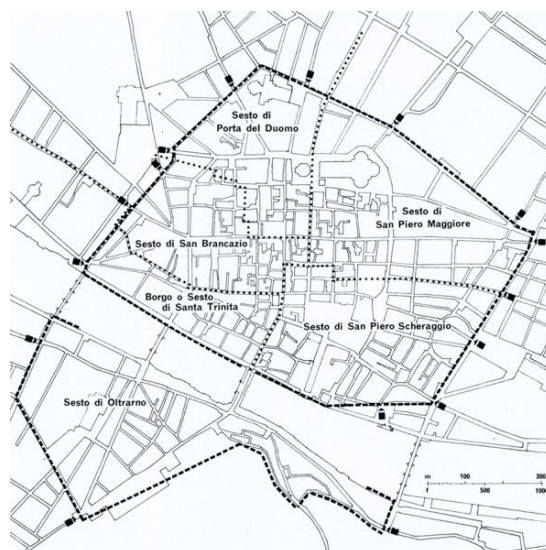


### ***Divisão em “quartieri” da cidade da primeira cerca comunal (quarta cerca)***

A cidade da primeira cerca de muralhas é subdividida em *quartieri*, cada um dos quais estende-se em semicírculo em volta de uma porta: “Porta Domus” ao norte, “Porta S. Petri” ao oeste, “Porta S. Mariae” ao sul, “Porta S. Pancratii” ao leste. A função dos *quartieri* não é somente ligada à construção e manutenção das estruturas urbanas, mas é também de unificar, sob o aspecto administrativo, jurisdicional, militar, eclesiástico, em uma mesma base territorial, as circunscrições menores (*Plebati* e *Populi*), seja da cidade, seja do contado.

### ***Divisão em “sestieri” da cidade da segunda cerca comunal (quinta cerca)***

No mesmo período no qual é realizada a nova cerca providencia-se à reforma do ordenamento administrativo com a passagem da subdivisão em *quartieri* àquela em *sesti* ou *sestieri*: “Sesto si Porta del Duomo”, “Sesto di S. Pier Maggiore”, “Sesto di D. Piero Scheraggio”, “Sesto di S. Trinita” ou “Borgo”, “Sesto di S. Brancazio”, “Sesto d’Oltrarno”. I *sestieri* eram divididos em vinte *Gonfaloni*. Cada *sestiere* tinha suas muralhas para defender suas igrejas e suas lojas.



### ***Divisão da cidade em “quartieri” depois de 1343***

No ano de 1343, após a expulsão do Duque de Atenas, por razões políticas e militares a cidade voltou à divisão em *quartieri*: “San Giovanni”, “Santa Croce”, “Santa Maria Novella”, “Santo Spirito” (que compreendia todo o *Oltrarno*). Cada *quartiere* era dividido em quatro *Gonfaloni*. A subdivisão em *quartieri* permaneceu substancialmente imutada nos séculos sucessivos.

*Gonfaloni*: **S. Spirito**: 11-Scala, 12-Nicchio, 13-Sferza, 14-Drago. **S. Croce**: 21-Carro, 22-Bue, 23-Lion Nero, 24-Ruote. **S. Maria Novella**: 31-Vipera, 32-Unicorno, 33-Lion Rosso, 34-Lion Bianco. **S. Giovanni**: 41-Lion d’Oro, 42-Drago, 43-Chiavi, 44-Vaio.

## **B - Divisão da cidade de Florença em unidades administrativas no período medieval**

Fontes: - G. Fanelli. *Firenze, Architettura e Città, Atlante*, 113-114. Firenze, Vallecchi, 1973

- [http://cds.library.brown.edu/projects/catasto/newsearch/1420-50\\_map.html](http://cds.library.brown.edu/projects/catasto/newsearch/1420-50_map.html)

menção de perdas ou vendas do patrimônio nesse período e nem dívidas deixadas pelo pai ou pelo tio, se não uma pequena dívida do irmão morto, Benedetto, a ser paga por Leonardo.

Mas, em 25 de julho de 1348, Bartolino torna-se mais uma vítima da “*maledetta mortalidade*”,<sup>71</sup> isto é, da peste que naquele ano está dizimando a população de Florença e da inteira Europa. É sepultado em solo sagrado, na Igreja de San Piero a Ponti,<sup>72</sup> onde a família devia possuir uma capela (BOSKOVITS, 1984, p. 33 nota 99), condição bastante privilegiada e reservada para poucas pessoas de posses naqueles momentos terríveis.<sup>73</sup>

É nesse dia que o filho Leonardo começa escrever seu livro de *Ricordanze*.

## 1.6 - Leonardo di Bartolino: mercante e escritor

Na realidade, Leonardo deve ter começado a escrever algum tempo depois da morte do pai, mas o hábito de coincidir o início do livro com uma data importante para o autor ou para a família é típico para esse gênero de textos. Mesmo que notícias detalhadas raramente apareçam nos livros de memórias dos mercadores, a peste negra daquele ano foi, de fato, o evento de alcance mais vasto de todo o século XIV e talvez, por suas consequências, da inteira história medieval. A esse respeito Pinto (1972, p. 39), sintetizando os efeitos provocados também pelas epidemias que nas décadas sucessivas voltarão a devastar o território e a castigar a população de Florença, cujos reflexos encontraremos descritos nas páginas de Leonardo, comenta:

Mau tempo, carestia, preços altos, pestilência: esta sucessão catastrófica, verdadeiro e próprio ciclo infernal, pesadelo dos homens da Idade Média, vinha assim a se realizar de forma quase paradigmática nos anos 1346-1348, levando profundas modificações na estrutura demográfica, econômica e até espiritual da sociedade da época.

---

<sup>71</sup> c. ij r 4

<sup>72</sup> c. ijr 5-6

<sup>73</sup> Bartolino não é enterrado depois de um miserável funeral, em qualquer cova, o que costumava acontecer na maioria dos casos, como descreve Boccaccio na *Introduzione alla prima giornata* do *Decameron* “[...] le più volte [...] in qualunque sepoltura disoccupada” (BOCCACCIO, 1956, p. 11), ou em fossas comuns, conforme o relato grotescamente macabro de Marconne di Coppo Stefani: “[...] e quivi chi non era molto ricco, la notte morto, [...] gittavalo in questa fossa [...] La mattina se ne trovavano assai nella fossa, toglievasi della terra, e gittavasi laggiuso loro addosso; e poi veniano gli altri sopr'essi, e poi la terra addosso a suolo, a suolo, con poca terra, come si minestrasse lasagne a fornire di formaggio” (STEFANI, 1903, p. 231).

Nos documentos da época, a menção relativamente mais frequente ao ano de 1348 é fornecida justamente pelo fato que naquela data iniciam ou terminam alguns novos livros de *Ricordanze* (CIAPPELLI, 1995, p. 132).<sup>74</sup>

Não podemos deixar de lembrar que, na mesma época e na mesma cidade, uma importante figura, proveniente também do mundo mercantil, começa a escrever sua obra-prima: Giovanni Boccaccio. Sua obra é de ficção, mas a ambientação espelha um mundo profundamente real, e o ponto de partida é o mesmo: a grande mortalidade causada pela epidemia que assolou a cidade naquele ano.<sup>75</sup>

Apesar da coincidência de momento histórico e de lugar, nas páginas do livro do mercador florentino não encontramos sinais daquele mundo caótico, daquelas cenas terríficas, da desagregação social e familiar, da dissolução material e moral descrita em tons tão dramáticos na introdução à primeira jornada do *Decameron*. A própria peste, que aparece seguidamente ceifando vidas de familiares, amigos e até pessoas do relacionamento comercial, é mencionada simplesmente com o nome de “*mortalidade*” ou “*maledetta mortalità*”, nome já por si mesmo suficientemente significativo aos olhos dos apavorados concidadãos. Quando a pestilência daquele ano terrível não é mencionada especificamente — como no caso da morte de um irmão, de uma irmã e de um cunhado, de uma prima e de seu marido — sua passagem devastadora é constantemente subentendida, mesmo em anotações exclusivamente comerciais. Assim, quando Leonardo e seus irmãos, agora órfãos, recebem em herança muitas terras em Campi e em Terzano, e casas na cidade, os vizinhos, em mais da metade dos casos, já não são os proprietários originais (muito provavelmente também falecidos naqueles tempos), mas agora são identificados com os nomes de suas filhas órfãs ou suas viúvas<sup>76</sup> ou, mais genericamente, com os de seus herdeiros.<sup>77</sup>

Leonardo, com suas palavras, não precisa atrair a atenção dos leitores, como no caso do ilustre romancista: o seu público já está definido, o livro deverá permanecer em casa bem

<sup>74</sup> A esse respeito Ciappelli lembra, além do livro de Leonardo, os de Niccolò di Ventura Monachi e de Niccolaio e Giovanni Niccolini. Não podemos deixar de lembrar, também, a interrupção da *Nova Cronica* pela morte de Giovanni Villani e o início daquela do filho Matteo.

<sup>75</sup> “*di quella pestilenza [...] si trovarono tra maschi e femine, piccoli e grandi, dal marzo infino all’ottobre v’era morti novantaseimila.*” (STEFANI, 1903 p. 232, rubrica 635<sup>a</sup>) “*E morì, tra nella città, contado e distretto di Firenze, d’ogni sesso e di catuna età de’ cinque i tre e più, [...]*” (VILLANI, Matteo, 1846, p. 11. *Cronica*, libro I capítulo II)

<sup>76</sup> “*Moglie (figliuola, figliuolo) che ffu di ...*” A expressão “*che ffu di*”, ou seja, “do finado”, usada para indicar as viúvas ou os órfãos, corresponde ao *olim* mais genitivo, dos documentos notariais em latim.

<sup>77</sup> c. ijv - ivv.



guardado, acessível somente à leitura dos seus familiares. Sua finalidade é prática, utilitária, documental e não lúdica, como escrevia em seu livro outro mercador, Giovanni di Pagolo Morelli, no fim do século XIV: “Isto não é feito para ser lido por diversão, e nem para ser mostrado para pessoa alguma, pois não pertence a outros que não sejam vós” (MORELLI, 2019, p. 7).<sup>78</sup>

A mortalidade deve ter sido elevada entre os seus parentes. A família de Leonardo, porém, não se desagrega, aliás: os laços se estreitam e ele tomará conta daquelas pessoas que seu pai “*dopo la sua morte lasciò vivi, cioè sei figliuoli maschi e non veruna femmina. E anche [...] suo nepote*”.<sup>79</sup>

É possível que a razão dessa relativa tranquilidade e da salvação de uma parte considerável da família tenha sido, também para estes jovens, o retiro durante um certo período na residência no campo, quando o pai faleceu. De fato, Bartolino, em Campi, era proprietário também de “*Uno sito, chasa da signore, chon due chasette da lavoratori e aia e pozo e giardino entrovi la grandissima quercia*.”<sup>80</sup> Descrição sintética daquela que poderia ser de uma das belas e imponentes casas com jardim, comuns nas proximidades da cidade, símbolo de prestígio social da velha aristocracia e da burguesia nova de Florença: residência edificadas pelos proprietários de cidade, nas quais o dono e sua família podiam gozar confortavelmente dos prazeres do campo e, ao mesmo tempo, supervisionar o trabalho de seus colonos.

Aparentemente, não se trata do *locus amoenus* do refúgio decameroniano, resposta eticamente lúdica à devastação da peste e à degradação física, além de moral, em que a fuga de Florença empestuada simbolizava uma renúncia à luta civil, à participação de uma vida cidadã socialmente e politicamente sacudida no seu interior (BEVILACQUA, 1995, p. 6 e 12). A casa que a família herda aparece, através das páginas do livro, como lugar de trabalho, centro administrativo das propriedades rurais que vão se ampliando: e Leonardo, agora incumbido de novas responsabilidades como chefe da comunidade familiar, voltará logo a participar ativamente da vida econômica, social e política da cidade.

A escrita, como nas novelas de Boccaccio, parece fazer parte dessa tentativa de voltar à normalidade, de reorganização da vida em meio ao caos que não aparece nas letras, mas que se sente pairar no ar.

---

<sup>78</sup> “*Questo non si fa per legiere a diletto, né per mostrallo ad alchuna persona, che none appartenendosi ad altri che a voi [...]*”

<sup>79</sup> c. ijr 10-14

<sup>80</sup> c. ijr 4-5

Morto o pai, Leonardo toma as rédeas do grupo familiar, que encontramos, nas páginas do livro e também nos escritos da época, sempre unido e em concórdia.<sup>81</sup> Ele lembra da existência de pelo menos mais um irmão, Benedetto, e uma irmã, Lisa, ambos também falecidos pela peste. Talvez ele não fosse o primogênito dos seis filhos de Bartolino ainda vivos: o irmão Marco é religioso e os outros — Tobia, Andrea, Uberto e Salvestro — provavelmente muito jovens, não tinham entrado ainda no mundo dos negócios. O pai, deliberadamente, não deixara um testamento, pois falara que não havia necessidade, mas que deixava como herdeiros os filhos e o sobrinho.<sup>82</sup>

Naqueles tempos, vigorava ainda o costume, de antiga derivação germânica, de que os bens deixados pelo pai fossem divididos entre os filhos homens, sendo que a regra de privilegiar o primogênito, a fim de manter a consistência do patrimônio, será progressivamente adotada em Florença somente nos séculos sucessivos. Assim, nos primeiros anos, os irmãos e o primo Bernardo decidem dividir a herança paterna “*per difetti di Salvestro (e lascieremo istare di nominare le chagioni)*”: sempre “*di chonchordia di tutti noi e presenti chatuno di noi, salvo Salvestro, che s' era ito trasstullando*”<sup>83</sup>: o caçula não estava presente, pois tinha ido divertir-se, mas eles estavam em plena harmonia. A Leonardo é reconhecida uma parte maior, porque é responsabilidade dele pagar todas as dívidas da família, ele já tem o encargo de uma esposa e de uma filha, e até aquele momento nenhum dos outros, exceto Uberto, ganhara algum dinheiro.<sup>84</sup> Eles estipulam compromissos em conjunto, nas decisões referentes aos bens familiares, mas em 1354 registram um compromisso geral em nome de Leonardo para discutir e resolver os casos que a família viesse a ter, “*arghomentare e rimediare ne' chasi che possono avenire*”.<sup>85</sup> Daí para frente os irmãos, mesmo permanecendo unidos, inclusive morando por longo tempo nas mesmas casas, parecem seguir caminhos diferentes: Leonardo não dá notícias da vida familiar dos outros — casamentos, mortes, filhos — e seu nomes aparecem frequentemente, mas somente quando envolvidos nos negócios domésticos.

---

<sup>81</sup> Na novela CLXV de *Il trecentonovelle* de Franco Sacchetti, contemporâneo de Leonardo e que provavelmente devia tê-lo conhecido, o personagem principal interage com “*Um mercatante, chiamato Leonardo Bartolini*” que encontra-se junto com “*molti fratelli, tra' quali era un maestro Marco, valente in Teologia e uno che avea nome Tobbia, di poco valor e quase scimonito*”, ou seja, pouco inteligente. (SACCHETTI, 1946, p. 443 e nota 14)

<sup>82</sup> c. ijr 6-10

<sup>83</sup> c. xvr 1-13

<sup>84</sup> c. xv v

<sup>85</sup> c. xvjr 2

Encontramos uma situação similar para os numerosos filhos e filhas que Leonardo teve: quinze da primeira esposa, Giannetta di Rinieri di Lapo Chiarini (morta em 1374, provavelmente dando à luz o último, e sepultada na igreja de Santa Trinita no túmulo da família), e quatro da segunda, Dada di Gherardo de' Bisdomini. As breves anotações referem-se, com poucas exceções, aos nascimentos, e a poucas, porém detalhadas, notícias referentes à amamentação por parte de amas de leite, e aos frequentíssimos casos de morte nos primeiros tempos de vida. Quando termina a escrita, aparentemente nos últimos anos de vida de Leonardo, dos dezenove natos, sua prole será reduzida a sete filhos, quatro homens e três mulheres. No livro há registro do falecimento de nove, e outros três provavelmente terão morrido ainda jovens.<sup>86</sup>

Se, por um lado, as memórias dos filhos pouco aparecem na escrita de Leonardo, por outro, a consciência familiar, a importância dos vínculos e do relacionamento entre os membros da família tornam-se evidentes, na escolha dos nomes que são dados com o batismo. Pandimiglio (2006, p. 41), com respeito a um caso similar, comenta que, devido ao notável número de nascimentos que o livro deve registrar, é possível acompanhar o movimento de apropriação dos nomes próprios, “seríssimo e envolvente jogo familiar e mágico-religioso”.

O primeiro filho, Bartolomeo, recebe um nome claramente relacionado ao do avô paterno e, então, ao patronímico. Em alguns casos, Leonardo atribui aos filhos o nome do seu primeiro sogro (Rinieri e Riniera), do segundo sogro (Gherardo), de seu irmão (Marco), de seu avô paterno (Salimbene I e Salimbene II). A primeira menina leva o nome de sua irmã e, uma vez falecida, o nome passa para a seguinte, e depois novamente para a terceira (Lisa I, Lisa II e Lisa III). A primeira menina, nascida do segundo casamento, é destinada a levar o nome da falecida primeira esposa de Leonardo (Giannetta). O pai não esquece, também, sua devoção religiosa e, às vezes, fornece ele mesmo a explicação da escolha: são os nomes dos santos do dia do nascimento, ou do dia seguinte (Agostino, Romolo e Giusto) e especialmente dos santos padroeiros de sua família, cuja benção e proteção tinha pedido na invocação inicial do livro (Giovanni I, Giovanni II, Zanobi e Caterina).

Da vida do filho segundogênito, Marco, pouco sabemos: só aparece nas páginas do livro algumas vezes, mas já a partir dos doze anos de idade, efetuando pagamentos e recebimentos referentes às atividades financeiras de Leonardo. É lembrado também quando

---

<sup>86</sup> Ildefonso (1786, p. 235) comenta, a respeito dos filhos Giovanni I, Riniera e Gherardo — da morte dos quais não há memória no livro de Leonardo — que, não havendo outras notícias deles nos documentos da época, provavelmente morreram quando crianças.

de sua matrícula, aos dezessete anos de idade, nas *Arte do Cambio*:<sup>87</sup> isso demonstra uma atenção particular dada pelo pai à inserção dos filhos na vida profissional e pública da cidade.

Da vida de outros filhos não há nenhum detalhe, exceto aqueles referentes ao nascimento e à amamentação, talvez porque quase todos morreram em tenra idade e os que sobreviveram, na data em que as anotações terminam, ainda eram crianças. O mesmo vale para as meninas, exceto os poucos detalhes das núpcias de Caterina.

Em um único filho, o primogênito Bartolomeo, parecem concentrar-se as atenções do pai. Dele sabemos, pelas páginas do livro, que aos quinze anos foi enviado a Avignon para completar, conforme o costume dos mercadores, sua educação como aprendiz (naquele ano de 1370 lá se encontrava ainda o Sumo Pontífice e a Cúria Romana); aos dezenove foi matriculado na *Arte do Cambio* e aos vinte nomeado pelo pai seu procurador geral;<sup>88</sup> nos anos seguintes exerceu por conta dele diversas ações comerciais, para enfim provavelmente suceder-lhe na direção dos negócios e da família. No ano de 1404 aparece também, com a profissão de *campdor* (cambista), inscrito no livro das matrículas da *Arte di Por Santa Maria*, sem ter que pagar, pelo *benefitium* derivante da pessoa do pai e do avô.<sup>89</sup> Das atividades e da vida privada de Bartolomeo — mas elas também estritamente ligadas a fatores econômicos, como a descrição do vultuoso dote a ser recebido — sabemos que aos vinte e dois anos foi feito um acordo para que ele se casasse com Lisa di Bartolo Cambi, então com sete anos de idade, quando ela tivesse doze anos; o casamento foi realizado cinco anos depois.<sup>90</sup>

Ao contrário de outros autores de livros de família, preocupados em reconstruir o passado da estirpe, muitas vezes com base em antigos documentos, e em iniciar seus escritos com as lembranças dos ascendentes<sup>91</sup> e dos antigos acontecimentos, o olhar de Leonardo é voltado para o futuro: ele declara expressamente que narrará os fatos conforme acontecerão

---

<sup>87</sup> c. lxxvj r 19

<sup>88</sup> c. lvjr 12 e c. lvijv 1

<sup>89</sup> *Bartolomeus filius olim Leonardi Bartolini Salimbenis populi Sancte Trinitatis champdor quia juravit pro magistro secundum formam ordinis dicte artis die xxii [...] anno Domini mcccciiii indictione xii, existente consule dicte artis Antonio Segna et eius collegis et quia habet benefitium ex personis patris et avi quondam et in hac matricula pro magistris matriculatis. Ideo matriculatus fuit dicta eadem die per me Dionisium [...] notarium dicte artis.* (Archivio di Stato di Firenze, Arte della Seta o di Por Santa Maria, 7, c. 34v)

<sup>90</sup> Vide p. 101 e 102 e nota 176

<sup>91</sup> Ao transmitir simplesmente a indicação do nome e do sobrenome (ou patronímico) do pai, Leonardo não deixa a informação de quem podiam ser efetivamente seus antepassados, como fazem, por exemplo, os seus contemporâneos: “*Questo libro è di Lapo di Giovanni di Lapo di Niccholino de Ruzza d’Arigho di Luch[ese di] Bonavia de’ Sirighatti*” (SIRIGATTI, 1969, p. 55). Ou também “[...] *io Donato iudice, figliuolo che fui di Lamberto di Filippo di Bonaccorso di Piero di Berto de’ Velluti*” (VELLUTI, 1914, p. 3)

nos tempos vindouros, “*per li tenpi che debono venire*”. Escassas são as notícias que ele nos deixa dos acontecimentos antes do início da escrita: são somente fatos recentes, dos quais ele lembra por ter estado presente e limitam-se à morte do pai, à menção de sua própria atividade por cinco anos como *fattore* no banco de Domenico di ser Vanni,<sup>92</sup> à lembrança da morte de alguns familiares e a eventos calamitosos, como a queima de alguns quartos da sua casa em 1345 e o grande incêndio que assolou em 1347 a parte da cidade onde eles viviam e que provocou ingentes danos à sua família.<sup>93</sup>

A impressão que se tem é a de que Leonardo queira dar continuidade a um ramo da família, cujo fundador teria sido seu pai: um ramo todo florentino, a ser continuado por ele e pelas gerações que o seguirão, através dos primogénitos. Não por acaso é Bartolomeo que integra e termina as anotações do livro do pai, e as *Ricordanze* escritas pelo seu filho maior, Niccolò,<sup>94</sup> permanecerá por séculos arquivadas ao lado das *Ricordanze* do avô e dos outros numerosos escritos dos seus descendentes.<sup>95</sup>

O nome de família, coletivo, que uma geração transmitia para outra, isto é, o sobrenome hereditário, tinha aparecido já antes do século XIII, e por longo tempo tinha continuado sendo um índice da categoria social e da responsabilidade civil: apesar de alguma difusão nos séculos seguintes, seu uso era amplamente reservado à classe dominante. Com a chegada ao poder da classe mercantil nos séculos XII e XIV, contemporânea de uma profunda modificação na visão da família e do parentesco, os grandes mercadores e banqueiros toscanos, à imagem das gerações nobres, procuraram afirmar sua linhagem solidária dotando-se de um nome de família, transmissível somente em linha masculina (KAPLISCH-ZUBER, 1980, p. 77 e 78).

Porém, enquanto o tio e o primo continuam adotando e sendo citados com o sobrenome Salimbeni, igual ao do pai, ou seja, ao do iniciador da linhagem, Leonardo abandona qualquer menção à família de origem: para identificar a si mesmo e aos irmãos usará o genitivo “*di Bartolino*” ou, raramente, “*di Bartolino Salimbeni*” e adotará depois

---

<sup>92</sup> c. vjr 11

<sup>93</sup> c. ijr 25-32. Como também lembra Villani (1991, p. 684. Libro XIII cap. XCI) “*E’lla notte vegnente, il dì di san Giovanni, a dì XXIII di giugno, s’aprese fuoco in Porta Rossa contra alla via traversa che va a casa gli Strozzi, ove arsono più di XX case, [...] E ne’ detti dì s’aprese in più parti di Firenze con danno di più case e fornì [...]*”

<sup>94</sup> *Ricordanze di Nicholò di Bartolomeo Bartolini*, (1446-1463) Segnato E. Arquivo Bartolini Salimbeni Vivaì. Consideramos Niccolò como sucessor de Bartolomeo, pois os outros filhos mais velhos, de acordo com Ildefonso (1786, p. 171 e 172), eram religiosos.

<sup>95</sup> Para os outros livros do arquivo – de memórias e de contabilidade – até o século XVII, *vide* levantamento in GOLDTHWAITE, 2018, p. 17-18.

definitivamente o patronímico Bartolini, e com o mesmo nome serão chamados seus filhos e descendentes.<sup>96</sup> Pode ter contribuído para isso o fato de que, na República florentina da época, guelfa e burguesa, podia não soar bem ou ser visto com desconfiança o pertencer originariamente a uma família de origens aristocratas, além do mais das mais potentes “*consorteria*” gibelina da outrora ferrenha inimiga Siena, da qual fazia parte inclusive aquele Salimbene de’ Salimbeni, ainda lembrado por ter financiado, no século precedente, parte do exército de mercenários assoldados por Siena que derrotaria sanguinosamente os florentinos a Montaperti.<sup>97</sup> A família recuperará o sobrenome e as armas originários, acrescentando-os aos então em uso, somente nos séculos sucessivos quando, já sob a senhoria dos Medici, a forma de participação ao governo da cidade será alterada e o eco das passadas lutas de parte terá desaparecido.<sup>98</sup>

A memória que Leonardo faz de si mesmo começa *in medias res*, quando ele já se encontra plenamente envolvido em sua atividade e inserido em seu núcleo social. Pouco sabemos das atividades de Leonardo, além do que encontramos em seus escritos. Imaginamos que, desde o início, seu empenho fosse dirigido essencialmente às atividades bancárias, já que, bem jovem e ainda estando vivo o pai, de novembro de 1343 a junho 1348, tinha sido *fattore* do banco de Domenico de Ser Vanni, que ele chama de seu *maestro*. Os registros em suas memórias não indicam outras atividades comerciais se não aquelas de *cambiatore*. No entanto, de acordo com o costume dos mercadores florentinos da época, a sua esfera de ação e a de seus familiares devia ser mais ampla, provavelmente relativa à fabricação e ao comércio da seda, em cuja *Arte* está matriculado, como estiveram antes o pai e o tio, e depois o estarão seus descendentes.<sup>99</sup> O irmão Uberto, ainda adolescente, tinha sido por ele enviado como

<sup>96</sup> Vide, por exemplo, SIRIGATTI, 1969, p. 72: “*Paghai la ghabella della dota al chomune di Firenze a dì 27 di giungnio 1384; paghogli per me Ffrancescho d’Angniolo de’ Chavalchanti, tavoliere, a Bartolomeo di Lionardo Bartolini, chamarlingho del d[etto] chomune;*”

<sup>97</sup> Foi prometida para os soldados alemães paga em dobro, e assim “[...] *si levò uno del consiglio, e era de’ nobili di Siena, che aveva nome Salimbene de’ Salimbeni [...] e andonne al suo palazzo per e detti denari, e poseli in sur una carretta tutta coverta di scarlatto e ammaiata d’ulivo, e a grande onore condusse i detti denari in sulla paizza di S. Cristofano, e così prestò il detto Salimbene al comune di Siena i detti denari, cioè cento diciotto migliaia di fiorini d’oro*” (Ventura, Niccolò di Giovanni di Francesco, *Cronaca* apud PORRI, 1844, p. 39 e 40) Na realidade, deviam ser aproximadamente 20.000 florins, como escrevem VILLANI (1991, p. 134, Libro VII cap. LXXVI) e MALESPINI (1568, cap. CLXV p. 116 e 117).

BEC (1967, p. 23) comenta que a consciência do perigo representado pela cidade do florim estava entre as causas determinantes de seu ato.

<sup>98</sup> GIGLI, 1723, p. 271; ILDEFONSO, 1786, p.81 e 108

<sup>99</sup> O neto Niccolò será tesoureiro no comércio da seda na companhia dos Bardi, terá negócios com muitas outras famílias de banqueiros e mercadores (Livro di *Ricordanze* di Nicholò di Bartolomeo Bartolini, (ILDEFONSO, 1786, p. 273-275), inclusive exercerá a atividade de *setaiolo* em companhia

aprendiz no *fodaco* de Domenico di Pagno di Tieri de *ritagliatura di panni*, varejista de tecidos, em Fermo.<sup>100</sup> Logo em seguida também Salvestro tinha partido para trabalhar, primeiro em Perugia e depois em Gênova, no *fondaco* de Niccolò e Martino Guardì *speziali grossi*, isto é, atacadistas de especiarias, e nos anos seguintes ele estará em Avignon, em Paris e em Flandres.<sup>101</sup>

Em outubro de 1348, Leonardo “*fa tavola*”, abre uma atividade bancária por conta própria, no *Mercato Nuovo*, posto no coração da cidade, bem perto do *Ponte Vecchio* e do palácio dos *Priori*, entre as ruas de Calimala e de Porta Rossa.<sup>102</sup> Pela presença dos principais bancos abertos ao público, na praça e nas redondezas, o local tornara-se, no século XIV, o centro financeiro da cidade e o lugar de encontro quase cotidiano dos homens de negócio (PINTO, 2016 p. 31).

Leonardo aluga a *tavola* que fora de Domenico di ser Vanni, também falecido poucos meses antes: em abril do ano seguinte dá início oficialmente à companhia, juntamente com Luigi de’ Mozzi, sendo nominalmente seu sócio o filho dele, Tommaso. Sete anos depois, Luigi pede, e Tommaso concorda, em passar a companhia para o nome de seu filho primogênito Giovanni: quando Luigi morre, em 1359, Leonardo e Giovanni confirmam a companhia, com a regra de dividir entre si pela metade a *ragione*, mantendo sempre uma ótima relação. Em 1362 entra como sócio também Niccolò di Pagnozzo Tornaquinci e em março de 1364 (1365) Leonardo anota que Giovanni retira-se da companhia por vontade própria, sempre em perfeita harmonia. A saída de Giovanni pode ter sido um acordo interno entre os sócios, pois em fevereiro de 1366 (1367) ele ainda consta formalmente como parte da companhia.<sup>103</sup>

Leonardo e Niccolò continuam as atividades juntos até 1367, quando se separam, com publicação nos registros da *Arte del Cambio*: será registrada também pelo notário da mesma *Arte* a mudança do contrato de aluguel da *tavola* em 1371.

---

de Matteo di Morello Morelli (PEZZAROSSA, 1989 p. 144 nota 8). GOLDTHWAITE (2009, p. 58, 60, 62, 179, 199 e 289), examinando os documentos de arquivo da família dos séculos sucessivos, dá notícias de atividades bancárias das Companhias dos Bartolini em Firenze, Milão e Lion, e relativas ao comércio da seda em Nurembergue..

<sup>100</sup> c. vijv 3

<sup>101</sup> c. viijv 2-10 e c. xvijr 2-13

<sup>102</sup> c. vijv 10-36 e c. lxxvijv 15-17. “*Lionardo Bartolini Salimbeni cambiatore, està in Porta Rossa.*” (*Cronaca d’anonimo fiorentino* apud GHERARDI, 1876, p. 433)

<sup>103</sup> MAZZONI, 2010, Appendice 196 p. 247. Archivio di Stato di Firenze, Arte del Cambio 14, c. 53r

Apesar de ter seu próprio banco, e a totalidade das memórias que ele deixa serem referentes a esta profissão, conforme o costume, Leonardo devia exercer outras atividades, por sua conta ou em associação com outros mercantes. Entre as outras coisas, sabemos que em 1363 tornara-se sócio dos Uzzano, importante companhia comercial e financeira florentina,<sup>104</sup> e em 1367 faz uma breve referência a uma “*certa compagna*” que ele tinha feito com o sobrinho Onofrio, quando este estava em Avignon a negócios.<sup>105</sup>

Pelo fato de seu pai ter pertencido à *Arte da Seda*, (de *Por[ta] Santa Maria*), ele mesmo pôde matricular-se nessa Arte em 1365, apesar de deixar bem claro que o faz para que seus filhos (e não especifica quais deles) pudessem matricular-se sem pagar, usando ele mesmo o *beneficium patris matriculati* disposto pelo estatuto daquela corporação.<sup>106</sup>

Leonardo já estava matriculado na *Arte do Cambio*. A existência de um livro onde estivessem registrados todos os que pertenciam a essa corporação era de particular importância, porque para nenhuma outra, como para a deles, a concorrência dos estranhos era mais forte. (DAVIDSOHN, 1981, p. 289) Essa Arte, entre todas, era a mais exigente quanto aos requisitos para a matrícula, pois, como comenta Doren (1940, p.133), era a que mais fascinava os indivíduos pouco corretos, que contavam justamente com seu apoio dela para fazer livremente seus negócios desonestos. Ele preenchia todos os requisitos: os exigidos pelo mais antigo estatuto, que tivesse boa fama de *cambiatore* público, isto é, noto ao público como tal; pelos estatutos seguintes, que fosse nativo do território de Florença, e aí exercesse sua atividade; que pagasse seus impostos e demonstrasse de possuir pelo menos 500 liras; e, por último, que pudesse provar com documentos de ter exercido a profissão pelo menos por cinco anos, mesmo como *fattore*. (DOREN, 1940, p. 133 notas 1, 2, 3 e 4). Não sabemos

---

<sup>104</sup> “Lionardo Bartolini era um ricco agente di cambio la cui banca si trovava presso Porta Rossa. Nel 1363 divenne socio della compagnia Uzzano” (RUTEMBURG, 1957, p. 699 e notas 61, 62, 63 e 64). Conforme o autor do artigo, a informação sobre a participação na compagnia é extraída de documentos do chamado “Carteggio di Niccolò da Uzzano” conservados no arquivo do “Dipartimento di Leningrado” dell’Istituto di Storia dell’Accademia delle Scienze dell’URSS – Sezione europeo-occidentale, 46, n. 77. Nas *Ricordanze*, Leonardo não menciona esta sua sociedade.

<sup>105</sup> c. lvijr 32

<sup>106</sup> c. lvijr 2-7. *Leonardus filius olim Bartolini Salimbenis populi Sancte Trinitatis quia iuravit pro magistro secundum formam statutorum dicte artis die xvii mensis iunii [...] Domini mcccclxv indictione tertia, existentibus consulibus dicte artis Johannes Lapi Cursi et Francescho Lippi ser Bonaventure et Ghagliardo Bonciani et Benvenuto Andree et Johannes [...] dicte artis [...] et per hoc beneficium pro dicto Bartolino patre suo reperto scripto in matricula dicte artis. Ideo scriptus fuit in presenti matricula per me Bartolum Nerii de Rofiano notarium scriba dicte artis die [...].* Archivio di Stato di Firenze, Arte della Seta o di Por Santa Maria, 7, c. 109

Além de Bartolomeo (nota 89 p. 67) e Marco, pelo menos um outro filho, Zanobi, era inscrito na *Arte di Por Santa Maria*, pois será *console* em 1412 e 1416 (Goro Dati, *Libro segreto* c.10v e 12v apud PANDIMIGLIO, 2006, p. 124 e 129).



desde quando estivesse matriculado, mas, se assim não fosse, não poderia exercer sua atividade desde os primeiros anos e depois registrar pela *Arte* sua própria companhia e, ao mesmo tempo, ter altos cargos públicos: e como *cambiatore* (ou *campdor*) é mencionado várias vezes.<sup>107</sup> Ele mesmo confirma o fato quando, em 1374 e 1375, consegue matricular os filhos Bartolomeo e Marco, também sem pagar, conforme o mesmo *beneficium patris*.

Apesar de estar matriculado na *Arte* de Por Santa Maria na qualidade de *magister*<sup>108</sup> e, então, ter necessariamente reconhecida experiência e atividade na profissão, em seus escritos não encontramos nenhuma informação a respeito de eventuais empreendimentos de manufatura e comércio de tecidos de seda. Pode ser que outros membros da família se dedicassem a esse último ofício e cuidassem desse negócio, enquanto sua matrícula nessa *Arte* tivesse sido feita somente *pro forma*: além do mais, ele também deixa registro de duas lojas que possuía no bairro de Porta Rossa, mas alugadas para trabalhos diferentes. Quanto aos filhos Bartolomeo e Marco, eles talvez tomassem também conta dos negócios bancários, junto com o pai.

As primeiras páginas do livro mostram Leonardo cuidando dos interesses familiares: a divisão da herança paterna, composta especialmente por terras no campo e algumas casas na cidade; a divisão do dote da irmã Lisa, conforme testamento feito por ela antes de falecer, pouco depois do marido; a tutela do sobrinho; o aluguel da habitação para a família; a inserção dos irmãos no aprendizado profissional.

Os registros de fatos econômicos e financeiros estão intercalados, nas páginas do livro, com breves memórias dos fatos da vida familiar: seus casamentos, o nascimento — e os frequentes falecimentos — de seus numerosos filhos, as relações com seus parentes. Nas poucas notícias que ele deixa dos irmãos que, como vimos, aparentemente pouco ou nada participavam da sua atividade profissional, transparece o cuidado com a vida econômica e o progresso deles. Importa-se até mesmo com o caçula Salvestro, aquele frequentemente lembrado pelo mau caráter, que era pouco sério, viciado em jogo e cuidava mal de seus negócios: preocupa-se para que ele não interfira negativamente nos negócios entre irmãos, e em 1374 (1375), eleito *podestà* da cidade de Empoli, aceita o cargo somente para podê-lo transmitir ao irmão.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> Vide nota 104 p. 71, nota 130 p. 81 3 e nota 160 p. 90

<sup>108</sup> Vide nota 106 p. 71. O mestre (*magister* ou *maestro*) era o chefe, a mais alta posição em uma loja ou em uma companhia comercial. Assim era chamado Domenico di ser Vanni por Leonardo (*mio maestro*), quando ele era *fattore* da sua companhia bancária.

<sup>109</sup> c. lxxviijr 11-13

Leonardo não fornece nenhuma notícia da vida pessoal de seus familiares. Pelas páginas do livro, não sabemos se seus irmãos formaram uma família própria e tiveram filhos ou se conseguiram sucesso na atividade profissional: há somente uma breve lembrança do casamento do sobrinho Onofrio. Quanto à participação da vida política, além do cargo de Salvestro, anota somente a eleição do irmão Andrea, que era clérigo, como substituto do *Camarlingo dell'estimo del contado e del macello e delle signorie*.<sup>110</sup> Eles são mencionados muitas vezes, mas especialmente enquanto participantes de operações comerciais nas quais Leonardo está diretamente envolvido, realizadas entre eles mesmos ou com terceiros. Apesar da falta de conotações afetivas, percebe-se — e é o próprio Leonardo que faz questão de ressaltá-lo em sua escrita — que o grupo familiar continua unido e em harmonia, guiado e orientado por ele, em quem os outros depositam sua confiança.

Situação parecida acontece com a parentela adquirida através de ligações matrimoniais, especialmente pelo casamento com a primeira esposa, Giannetta: mas, nas memórias do relacionamento com este grupo familiar, há uma riqueza de detalhes que não se encontra nas outras partes do livro, e os registros estendem-se por quase seis páginas.<sup>111</sup> Com a doença, e depois, com a morte do cunhado Giovanni di Rinieri Carini, Leonardo assume o controle das finanças da família, na qualidade também de executor testamentário. Paga os custos dos médicos e dos remédios, as diversas despesas do funeral, o caixão, a decoração, as velas, as elegantes roupas escuras de luto da viúva e da irmã, uma imagem religiosa oferecida aos frades. O dinheiro necessário para as despesas provém da administração da casa e das terras deixadas pelo defunto e pela venda de muitos e caros objetos de uso (*masserizie*), entre os quais tecidos de lã e de linho, roupas de cama, uma tiara de pérolas, botões e fitas de ouro. Segue uma longa listagem de registros de pagamentos efetuados: pelas várias dívidas deixadas por Giovanni; pelos legados testamentários a serem recebidos por muitos parentes e amigos (entre os quais o próprio Leonardo); pelos custos das causas judiciais e dos relativos documentos; pelas despesas feitas pelo irmão Andrea, quando fora a Borgonha para recuperar os documentos do dote da mãe de Giannetta; pelos impostos devidos; pelas despesas para

---

<sup>110</sup> c. lxxvijv 2-17. Este cargo devia ser de grande responsabilidade uma vez que, como narra Leonardo, para ser empossado havia necessidade de dois fiadores (e um dos dois acaba sendo ele mesmo). O *Camarlingo* administrava as rendas da Comuna referentes aos impostos provenientes dos campos, dos açougues em geral e dos cidadãos que iam ocupar altos cargos fora da cidade. Villani (1991, p. 583. Libro XII cap. XCII) relaciona detalhadamente as “*Entrate del Comune di Firenze*” entre as quais estavam: “[...] *L'estimo de' contadini* [...] *La gabella del macello delle bestie della città* [...] [...] *La gabella dei cittadini che vanno fuori in signoria* [...]”

<sup>111</sup> c. liijv – c. lvv

consertar os danos e incêndios nas propriedades no campo, provocados durante a guerra pelo soldados dos Pisanos. Com a morte do marido, além do dinheiro do legado, a esposa Angiuliera recebe de volta o valor do dote.<sup>112</sup>

Os parentes da segunda esposa, Dada, aparecem raramente, já que o casamento foi realizado somente quatro anos antes que terminassem as lembranças escritas por Leonardo. Trata-se especialmente de um grande número de pagamentos de impostos feitos por conta de *monna* Balda, juntamente aos do primo Bernardo, o que demonstra a confiança que toda a família devia depositar nele: e, como é natural, interesses e obrigações comuns deviam contribuir para estreitar os laços entre os *consorti*.

Molho (2010, p. XXVII), em seu estudo da vida do mercador Luca da Panzano, elaborado através da leitura de seu livro de *Ricordi*, observa:

[...] a serie cerrada de relações com um certo número dos seus contemporâneos, que definem a sociabilidade de Luca da Panzano e que nos ajudam a individuar [...] a espessura e a densidade de suas relações pessoais e familiares. Centenas e centenas de nomes aparecem nas páginas do livro de recordações de Luca, nomes de protagonistas ou de meros observadores de seus fatos. É evidente que boa parte dessas pessoas são lembradas uma única vez, [...]. Mas, ao lado delas, há uma série de relativamente poucas pessoas, cujas repetidas aparições frizam a duração e a flexibilidade das redes pessoais e familiares de Luca. [...] o fato que chama a atenção é a multiplicidade de funções exercidas por algumas dessas pessoas e seu aparecer repetidamente em fatos não relacionados entre eles, ou seja, sua disponibilidade para estar presentes em momentos importantes na vida de Luca e, reciprocamente, a disponibilidade dele para assumir responsabilidades similares nas circunstâncias de suas vidas.

Com as ressalvas e limitações devidas às diferenças que caracterizam as figuras dos dois escritores<sup>113</sup>, é possível encontrar nas memórias de Leonardo um mundo de personagens parecidos com os acima descritos, que roda em sua volta. Ele muito raramente tece comentários sobre os fatos ou as pessoas que está lembrando e nunca se abre em opiniões pessoais ou na expansão de pensamentos e sentimentos íntimos. A escassez de informações e, como nota Ciappelli, o fato de um livro ser formalmente árido não deveria maravilhar, já que “de um texto não se deveria esperar mais de quanto ele exprime das intenções do autor, e o

<sup>112</sup> Apesar de estar confiado ao marido por toda a duração do matrimônio, o dote permanecia de propriedade da esposa, que tinha o direito de reivindicar sua restituição total em caso de divórcio ou de morte do cônjuge. (NAJEMY, 2006, p. 7; HERLIHY, 1985, p. 9))

<sup>113</sup> Luca di Matteo di *messer* Luca da Panzano vive em época imediatamente posterior à de Leonardo. Seus *Ricordi*, ricos de fatos e observações pessoais, são escritos a partir de 1406 e compreendem o espaço de meio século. As memórias oscilam entre o presente e o passado: nelas aparece a preocupação constante com a lembrança e a defesa da antiguidade de sua linhagem. As relações dentro do seu amplo grupo familiar nem sempre são tranquilas, e assim também as alternas sortes de suas atividades econômicas e políticas.

escopo ‘familiar’ tornava-se explícito, e assumia aspirações de outro tipo, também literário, de acordo com o caráter individual de quem escrevia.” Mesmo assim, “é possível colher também outros traços daquele que devia ser o ‘universo relacional’ de um florentino” da época. (CIAPPELLI, 1992, p. 49)

Entre os mais de setecentos nomes que são citados, excluindo naturalmente os que não podem ser identificados já que aparecem somente pelo primeiro nome, os que aparecem apenas uma ou duas vezes, os trabalhadores agrícolas e os indivíduos que, pelo contexto, têm um simples e esporádico contato comercial, é difícil reconhecer os que se podem considerar fazer parte de seu círculo mais estreito de relações pessoais ou propriamente de amizade. Mas umas poucas pessoas, ou melhor, uns poucos grupos familiares identificados pelo nome de seus membros, participam mais ativamente da vida de Leonardo.

Os Strozzi, uma das mais antigas e importantes famílias de Florença, eram vizinhos dos Bartolini, seja em várias das propriedades agrícolas de Campi, seja nas casas da cidade, no *popolo* de Santa Trinita. Os nomes de mais de trinta de seus membros aparecem relacionados com Leonardo: trata-se, porém, quase unicamente de operações comerciais, de compra e vendas, de empréstimos por ele concedidos para pagamentos de *prestanze*, e de outras transações, às vezes de valor bem alto, como é o caso do empréstimo concedido para completar o dote a ser pago para o casamento de uma das moças da família.

No caso de outras famílias, algumas lembranças indicam um relacionamento mais estreito e um certo grau de amizade. Assim os Gondi aparecem muitas vezes, como testemunhas nos negócios internos da família de Leonardo, são seus fiadores quando precisar, participam do caso complexo da aquisição por parte dele das casas e de outros imóveis na cidade, são presentes como padrinhos no batismo de uma das filhas e como árbitros quando ele promete em casamento sua outra filha. Por sua vez, Leonardo efetua empréstimos, paga o dinheiro que lhes foi deixado em testamento, é garante da tutela de um dos meninos: e é de sua propriedade a escrava com a qual um dos seus jovens tem um filho natural.<sup>114</sup>

Vínculos profissionais e de amizade o unem aos Mozzi, com os quais Leonardo estava em sociedade, primeiramente com Luigi di *messer* Andrea, e depois com os filhos Tommaso e Giovanni: assim são lembradas algumas operações em conjunto, inclusive a função recíproca de fiador, mas a maior parte das transações devia estar registrada nos outros

---

<sup>114</sup> c. lxxxviii v. 4. Vide nota 222 p. 157

livros da companhia. Ele recebe presentes e, por sua vez, presenteia a irmã deles, Caponana, da qual ele é padrinho.<sup>115</sup>

Outras famílias importantes de mercadores são lembradas, através do relacionamento de Leonardo com seus membros, como os Pucci e os Sassetti. Com eles Leonardo realiza especialmente uma série de operações financeiras e chega até a atuar como presta-nome em complexas operações de compra e venda de imóveis: eles, por sua vez, atuam como seus fiadores, árbitros e testemunhas nos seus negócios de família e padrinhos do batizado de seu filho.

O relacionamento com os Foresi (ou “del Forese”), vizinhos da família de Leonardo na cidade já desde os tempos do pai<sup>116</sup>, aparece especialmente pela figura de *ser* Bartolomeo di Lapo, não tanto pela sua participação em uma das operações financeiras, quanto pela sua constante atuação como notário, durante mais de dez anos.

Entre os quase setenta notários, lembrados por Leonardo por terem concretizado, através de escrituras, os fatos registrados em seu livro, *ser* Bartolomeo aparece de modo particular. Sua função é, poderíamos dizer, quase de “notário de família”, já que ele é chamado especialmente para formalizar os atos internos do grupo, os compromissos, as divisões das propriedades, as compras entre eles, as operações com terceiros, os aluguéis e os outros negócios referentes ao patrimônio familiar. É ele ainda, enquanto notário de confiança, que assina as escrituras que formalizam a venda de terras a Leonardo por parte dos irmãos, na forma de doação ao fim de não pagar os impostos, e as complicadíssimas e longas transações<sup>117</sup> para a compra das primeiras três partes de uma casa em Porta Rossa, que envolvem uma sentença da *Mercanzia* para a posse do imóvel, negociações com o vendedor e seus parentes e herdeiros, seu procurador e os locatários. De posse do imóvel, Leonardo o doa, por questões de segurança, para o irmão Andrea, o qual, três anos mais tarde, o devolve em doação para ele, sempre com escritura por mão de *ser* Bartolomeo. A operação é narrada em várias retomadas e se completa somente dez anos mais tarde, em 1369, com a compra da quarta e última parte da casa, agora com escritura por mão de *ser* Michele di *ser* Aldobrando di *ser* Albizzo: este será depois o notário mais citado nos negócios de Leonardo e nos fatos internos da família, durante mais de vinte anos.

---

<sup>115</sup> c. lv 2-7. Comenta Chabot (2011, p. 214, nota 73) que a doação de dois *forzieri* para o quarto nupcial, móveis que geralmente faziam parte do enxoval ou do dote das moças, encomendados especialmente para sua afilhada, filha do sócio morto recentemente, dá para Leonardo, na qualidade de padrinho, o papel de pai substituto.

<sup>116</sup> c. ijr 27

<sup>117</sup> c. xxjv e c. xxijr

Parentes, amigos, vizinhos: como explica Kaplisch-Zuber (1976, p. 953), os termos encontram-se permanentemente associados nos escritos dos toscanos dos séculos XIV e XV e constituem o território urbano no qual vive uma família mercantil. Para os contemporâneos de Leonardo, parentesco, amizade e vizinhança são quase sempre avaliados em função da sua utilidade social, da ajuda que podem fornecer, como observa Giovanni Morelli, unindo especialmente as duas noções de parentes e amigos: “mas com bom e ponderado pensamento e aconselhamento de bons parentes e amigos toma as decisões em todas tuas ações.”<sup>118</sup> Pela brevidade e concisão das notícias que relata nas *Ricordanze*, não é possível avaliar até que ponto Leonardo seguisse os conselhos de seu concidadão.

Parentes e amigos, e também uma boa relação de vizinhança, sem dúvidas eram importantes e serviam para a inclusão social, para o sucesso profissional e político, mas a preponderância de registros de cunho meramente econômico deixa supor que o sucesso e a estabilidade financeira fossem a finalidade principal: o resto seria natural consequência disso. Quiçá ele estivesse mais propenso a seguir outro irônico conselho, mais materialista, dirigido a quem exercesse a mercadura: “Mas, sobretudo, se quiseses ter alguns amigos e parentes, faz de modo a não ter necessidade deles. Procura ter quantias de dinheiro vivo e sabe mantê-las e cuidar delas com cautela, e essas são os melhores amigos que se possam achar e os melhores parentes.”<sup>119</sup>

Pelas anotações das *Ricordanze*, não é dado saber qual fosse o volume real de negócios nos quais ele fosse envolvido e, conseqüentemente, o tamanho dos ganhos e do patrimônio. Esse não é, necessariamente, um tipo de registro de entradas e saídas, do qual possamos ter uma base para avaliar o resultado da vida econômica de Leonardo e, muito menos, de sua família. Se considerarmos os livros e cadernos contábeis que ele menciona e que não chegaram até nós, — e quase certamente havia alguns a mais —, pela numeração das *cartas* citadas nos registros, estes deviam ser compostos cada um de centenas de fólios, o que corresponde a uma quantidade muito grande de operações. Não é claro o critério de escolha pelo qual, apesar de ocuparem o espaço de trinta e cinco anos, somente uma pequena parte das transações é transcrita também no livro, pois muitos registros referem-se a fatos e valores insignificantes e a personagens que raramente deviam fazer parte de sua rede social.

Aparentemente, a escolha é efetuada por motivos próprios e particulares, ou, como

---

<sup>118</sup> “*ma chon buono e maturo pensiero e chonsiglio di buoni parenti e amici piglia partito in ogni tuo fatto*” (MORELLI, 2019, p. 208).

<sup>119</sup> “*Ma ssopra tutto, se vuoi avere degli amici e de' parenti, fa di non n'avere bisongnio. Ingiengniati d'avere contanti e sapigli tenere e guardare cautamente, e que' sono i migliori amici si truovino e i migliori parenti*” (Ibidem, p. 227).

comenta Pandimiglio (1987, p. 18 e 19), as memórias são “selecionadas com base, exclusivamente, na sensibilidade de quem decidiu constituir aquele heterogêneo e recapitulativo patrimônio de recordações pessoais-familiares” que é o livro de *Ricordanze*. Entretanto, a natureza das operações permite acompanhar as diversas fases da vida profissional de Leonardo.

Depois de ter estruturado sua companhia, ele começa a registrar suas atividades, referentes à compra, venda e aluguéis de terras e imóveis, e aos rendimentos das atividades agrícolas; elabora especialmente uma longa série de empréstimos “*alla tavola*”, registrados nos livros do próprio banco, de pagamentos, de recebimentos e outras operações financeiras, como o câmbio de moedas. Os valores envolvidos são de dimensões variadas, em alguns casos relativamente altos.

Conforme o costume dos mercadores, nas transações em dinheiro, dificilmente ele faz referência específica aos juros cobrados ou a eventuais lucros obtidos, pois a usura era severamente condenada pela Igreja e, conseqüentemente, mal vista pela sociedade. É preciso considerar que, na Idade Média, a palavra não tinha a noção atual de cobrança de juros desproporcionais, de agiotagem, mas era considerada usura qualquer forma de empréstimo com juros, independentemente de seu valor. Isso porque o ganhar somente pela discrepância temporal entre quando era emprestado o dinheiro e quando o mesmo seria devolvido era uma prática hostilizada pela Igreja, enquanto ímpia, pelo fato de, conforme as doutrinas religiosas do período, o tempo pertencia somente a Deus e não era concedido aos homens poder lucrar sobre um bem que não era seu (LE GOFF, 1987, p. 33). Mas tal condenação não era mais rigorosamente aplicável em uma sociedade em plena expansão, cada vez mais dominada pela economia de crédito e era então tolerada e até incentivada pelos governos. O mundo eclesiástico também, que era um dos maiores usuários do crédito, acabou se adequando, introduzindo, em seu sistema, justificativas para a absolvição da prática, aceitando a possibilidade da existência de juros, com a condição de que fossem contidos. Assim religiosos toscanos, como o arcebispo de Florença Antonino e o pregador sienense Bernardino, reconhecem publicamente a utilidade social do comércio, do banco e do artesanato (BEC, 1983, p. 272)

De qualquer forma, algum tipos de negócio, especialmente os relativos ao dinheiro, continuam mal vistos, e os mercantes são levados a construir, pouco a pouco, sua moral comercial, sua “razão de mercancia”, dissimulando com vários expedientes as práticas condenadas e especialmente colocando em prática uma moral do lucro e da honestidade comercial (BEC, 1983, p. 273). É a moral ensinada por Paolo da Certaldo em mais um de seus

preceitos, de que o lucro tem valor, pois é fruto de um trabalho. Se tiver disponibilidade de dinheiro, não se deve ficar inoperoso e mantê-lo parado, pois é melhor agir, mesmo em vão, do que permanecer ocioso: fazendo assim, ainda que não ganhe outro dinheiro, não se afastará do ofício de mercador.<sup>120</sup>

Assim, nas anotações de Leonardo muitas vezes não consta o lucro, dando a entender que o valor a ser restituído poderia ser maior do que o efetivamente emprestado, apesar de ser nominalmente igual. Muitas vezes o artifício está na forma, é a linguagem que visa mascarar o empréstimo mediante o uso de termos e de fórmulas particulares, que desviam a atenção do conceito de “ganho” (SOSNOWSKI, 2012, p. 62). O costume era adotado normalmente por quem exercia esse trabalho e era amplamente conhecido no ambiente mercantil.<sup>121</sup>

Nos casos em que houver, o interesse, o lucro decorrente dos juros produzidos pelo capital<sup>122</sup> e pago pelo tempo do empréstimo é patente, mas é expresso frequentemente com metáforas e eufemismos, como *dono* (presente), *pro* (vantagem), *merito* (recompensa), *guiderdone* (remuneração) ou *utile* (proveito), e especialmente com o uso do verbo *donare*, doar: e, para não deixar dúvidas de que não fora Leonardo a cobrar o valor adicional, a frase é reforçada frequentemente por expressões que indicam que foi por vontade própria dos devedores, “*che ci donò di sua volontà*” ou ainda (e neste caso o tempo é expressamente indicado) “*per dono e che cci volle donare per tempo di questi danari*”. No livro, o tempo é o do mercante, o tempo do trabalho prático que se substitui e se sobrepõe, mas sem excluí-lo, ao da espiritualidade cristã da Igreja.<sup>123</sup> Como explica Le Goff (1995, p. 17), o ganho e a salvação são escopos ambos legítimos, mesmos se perseguidos em perspectivas diferentes. Assim, a valorização do tempo pode até ser quantificada, mas acompanhada por fórmulas quase sacralizadas relativas ao dinheiro pago a mais, marcado com o sinal da cruz e abençoado: “*che cci vole donare, segnati e benedetti, f. ventuno d'oro*”.<sup>124</sup>

É interessante notar que, nas operações de empréstimo com privados, Leonardo nunca se representa como sujeito passivo, ou seja, não registra em suas memórias o fato de ele

<sup>120</sup> “*Se tu ài denari, non ti stare, e nolgli tenere ne na chasa morti, ché “melglio è indarno fare che indarno stare”; ché faciando, s’altro non guadangiassi, non ti sviera’ tu da la merchatantia; [...]*” (CERTALDO, 1921, 356 p. clvi)

<sup>121</sup> “[...] e hanno battezzata l’usura in diversi nomi, come dono di tempo, merito, interesse, cambio, civanza, barocollo, ritrangola e molti altri nomi: le quali cose sono grandissimo errore, perocché l’usura sta nell’opera e non nel nome.” (SACCHETTI, 1946, p. 86, Novella XXXII)

<sup>122</sup> O próprio termo *interesse* constitui também um eufemismo (SERIANNI, 2001, p. 75).

<sup>123</sup> Vide p. 40

<sup>124</sup> c. xxviii r 33, e c. xxxv 12.



mesmo ter precisado tomar dinheiro emprestado de outros. Isso pode ser sinal de uma situação econômica estável, não sujeita a momentos de crise ou de dificuldade financeira.

Ao lado das operações com privados, importante e significativo é o registro dos valores negociados com a Comuna. Leonardo dedica particular atenção ao pagamento dos impostos:<sup>125</sup> ele atua como responsável pelo inteiro núcleo familiar, já que estes frequentemente são cobrados em conjunto de “*Leonardo Bartolini e fratelli*” ou, em alguns casos, também de seu sobrinho, de seus primos ou dos parentes de sua esposa.<sup>126</sup>

Em tempos normais, o sistema tributário baseado prevalentemente na taxaço indireta, nas *gabelle*, dava uma receita suficiente para sustentar as despesas correntes da República. Nos momentos de emergência, decorrentes de circunstâncias tais quais as carestias e especialmente as guerras, quando tornava-se necessário um esforço financeiro maior e imediato e a receita não bastava, a Comuna recorria a um instrumento mais rápido para suprir as necessidades de caixa: o empréstimo voluntário ou, mais frequentemente, forçoso (PINTO 1982, p. 336, nota 10). Com diversas denominações (*accatto, estimo, prestanza*) estes empréstimos têm características diferentes: às vezes são impostos diretos, outras vezes são empréstimos a serem devolvidos em parte ou integralmente e, na maioria dos casos empréstimos no *Monte*, instituição que consolida a dívida pública, que podem dar origem a títulos irremíveis, mas isentos de impostos e passíveis de juros, variáveis conforme os tempos, e que podem ser negociados entre privados, ou seja, alienados para outros.

Nesse último caso a estigmatização eclesiástica e social perde em parte o efeito, uma vez que não se trata de usura, mas de um empréstimo não voluntário, de um sacrifício exigido dos cidadãos abastados para suprir o caixa do Estado ou, como especifica claramente Leonardo a respeito de uma das inúmeras *prestanze* pagas, “*che me ne fu inposta a me*”,<sup>127</sup> que lhe foi “imposta”, e que então merece uma recompensa. Acontece que, mesmo assim, em algumas épocas de grande necessidade a arrecadação não é suficiente e o *interesse* — agora o termo aparece nas escritas — pago normalmente não é convidativo para ulteriores empréstimos: são então praticados aos contribuintes florentinos juros bem mais elevados, através do artifício da concessão, para a restituição, de uma quantidade nominal de *fiorini di Monte* duas e três vezes maiores, respectivamente, daquela real. Aqui também é introduzida

---

<sup>125</sup> Ser um bom pagador perante a Comuna era um requisito fundamental para um cidadão. A morosidade fiscal era motivo suficiente para ser excluído da participação na vida pública, sem necessidade de sanções particulares, como explica Ciappelli (1992, p. 12 e nota 37).

<sup>126</sup> “[...] *prestanza inposta a Leonardo Bartolini e a' fratelli*.” c.lxviiiv 7, c. lxviiiv 16, etc.

<sup>127</sup> c. xlvijv 5 e c. lxviiiv 6, etc.

uma terminologia que visa a disfarçar as quantidades envolvidas, e o *Monte* passa a ter a denominação de “*um dois*” e de “*um três*”.<sup>128</sup>

Além das operações que abrangem recursos próprios, Leonardo atua muitas vezes como intermediário, fiador ou árbitro em transações de terceiros. Como vimos, os personagens que aparecem nessas operações são normalmente parentes ou membros de outras famílias de mercadores, que deviam fazer parte do seu círculo de amigos e que por sua vez, esporadicamente, garantem as operações nas quais ele está envolvido.

A partir de 1367 se intensificam os empréstimos para a Comuna e os registros das operações a esses referentes: os empréstimos para privados “*alla tavola*” diminuem até cessar e abrem espaço para memórias de aquisições, aluguéis e vendas de propriedades urbanas e rurais.

As grandes famílias da cidade eram dotadas de um forte senso de identidade coletiva: seus ramos tendiam a viver em proximidade um do outro, no mesmo bairro ou até na mesma rua (HERLIHY, 1985 p. 90). Assim Leonardo, depois de ter morado com seus familiares em casas alugadas, retorna para as habitações de sua propriedade. Estabelece residência, para ele e para o resto da família, no *quartiere*<sup>129</sup> de Santa Maria Novella: como *campsor* (cambista), membro ativo das sete *Arti* maiores, é inscrito — juntamente com os irmãos Uberto, Salvestro e Andrea, o primo Bernardo e os filhos Bartolomeo e Marco — no registro do Gonfalone do Unicórnio, no *quartiere* de Santa Maria Novella.<sup>130</sup> Para isso, aumenta o patrimônio imobiliário urbano, e consolida a agregação e o enraizamento da família em volta das casas no *popolo* de Santa Trinita, em Porta Rossa, na Via degli Strozzi, que tinham herdado do pai e que tinham adquirido posteriormente.<sup>131</sup> Torna-se proprietário de outras casas, que ele reforma e amplia, de lojas e de outras construções contíguas ao núcleo principal, e até mesmo

<sup>128</sup> “*Poi ala guerra de’ Pisani, l’anno 1362, non si trovava chi volesse prestare a cinque per centinaio, [...] Ser Piero di Ser Grifo [...] Notaio delle Riformagioni [...] disse, che ‘l modo è, chi prestasse cento fiorini, gliene fosse scritto trecento, e così di cento avea xv. E così si fece, e chiamossi lo monte dell’uno tre. Poi si fece la guerra di Sanmignato, ove assai denari si spese, e tennesi quello modo; ma a chi prestava cento, gli era scritto dugento, e chiamossi lo monte dell’uno due.*” (STEFANI, 1903, libro undecimo, rubrica 883<sup>a</sup> p. 384)

<sup>129</sup> Vide ilustrações B p. 61 e A p. 60

<sup>130</sup> *Die viij Februarii V. Ind. 1381. Registrum vexilli Leocorni Quarterii S. M. Novelle septem maiorum Artium & Scioperatorum* (Stefani, 1783, p. 182, 183, 185 e 186). Eram denominados *Scioperati* “*qui artem suam non exercent*”, ou seja, aqueles que não exercem ativamente sua atividade profissional, sendo, ou não, matriculados em uma Arte. Os *scioperati* eram sempre associadas aos membros das *Arti Maggiori* e eram mencionados em listagem que levavam títulos como o acima. (cf. NAJEMY, 1982, p. 226 nota 23)

<sup>131</sup> c. ivv e c. xxixr 6-9

de imóveis da Comuna, formando um amplo espaço que nos tempos sucessivos servirá de base para a construção das imponentes residências da família.<sup>132</sup>

Compra bens fundiários que, além de um bom e seguro investimento, representam uma afirmação de prestígio, sinal e fonte tradicionais de riqueza e status social e, ao mesmo tempo, garantem a alimentação de sua numerosa família nos momentos de crise. Amplia consideravelmente as propriedades rurais limítrofes àquelas recebidas pelo fracionamento da herança paterna, no povoado de San Piero a Ponti, em Campi Bisenzio, adquirindo as terras dos irmãos e de outros vizinhos, e estende também suas posses em zonas diferentes e às vezes distantes. Com o aumento das propriedades agrícolas, aumentam também, até tornar-se preponderantes, as anotações referentes à administração das mesmas.

As formas de contratação do cultivo são várias. Às vezes a estrutura fundiária é constituída por um *podere*, ou seja, por uma unidade orgânicas de terras com particulares características de cultivo, de uma certa extensão e dotada de alguma infraestrutura e às vezes dirigida por um feitor, o *fattore*, a ser trabalhada geralmente por uma família que devia residir no local. O contrato é baseado frequentemente na meação (*mezzadria poderale*), a divisão entre proprietário e colono das despesas e do ganho do cultivo, dos produtos da terra e da criação de animais.<sup>133</sup> A divisão é tendencialmente pela metade mas, em alguns casos, o meeiro deve levar para Leonardo em Florença, como *vantaggio* (um benefício adicional), todo ano, uma quantidade a mais do produto ou alguns capões e dúzias de ovos.<sup>134</sup> A criação de gado a *soccio*, “*a mezo pro e mezo dano*”, também é baseada na divisão pela metade dos ganhos e dos gastos entre o proprietário dos animais e o colono, mas na hipótese de eles morrerem por culpa do trabalhador, o contrato determina que o prejuízo seja todo dele.

Comenta Pinto (2016, p. 130)

Essa organização fundiária tinha, então, um objetivo bem preciso: fornecer, com a metade dos produtos, todo o necessário, ou quase, para satisfazer as necessidades primárias da família camponesa, e com a outra metade assegurar ao proprietário, e à sua família, parte dos gêneros alimentícios necessários àquele *ménage*, uma vez que viver do próprio representava um ideal comum para as classes médio-altas da cidade.

<sup>132</sup> SALIMBENI, 1978, p. 20 nota 8; CECCHI, 2015, p. 22-23.

<sup>133</sup> Em grande parte da Toscana a estrutura da *mezzadria poderale* permanecerá, substancialmente invariada, até os anos '60 do século passado.

<sup>134</sup> c. lxxxviir 5-6. O *vantaggio* era uma prática comum nesse tipo de contrato. Por exemplo: “*E più siamo d'accordo, che il detto Niccolò e sua famiglia mi debba dare ogni anno di vantaggio un paio di capponi e cinque serque d'uova, com'è usanza*”. (CREDI, 1843, p. 95, grifo nosso)

Em alguns casos, o contrato de locação prevê pagamentos em dinheiro, especialmente quando quem aluga as terras não é o próprio cultivador. Em outros, determina uma certa quantidade de produtos (geralmente trigo, azeite ou vinho) a serem levados na cidade, com a transporte a cargo do colono e o pagamento da *gabella* por conta de Leonardo. Acontece que, em caso de colheita ruim, por excessiva exploração do solo ou por outros motivos, algumas vezes o trabalhador não consegue cumprir o combinado, e até mesmo suprir as necessidades de alimentação da família, sendo obrigado a receber empréstimos por parte de Leonardo, em dinheiro ou produtos. Pinto (1982, p. 174 nota 78) comenta um fato relatado pelo próprio Leonardo, que reconhece ter sido mal pago e ter recebido um prejuízo porque fez “*troppa soma*”, tinha pedido um aluguel das terras excessivamente elevado.<sup>135</sup>

Não há, nas *Ricordanze*, indicação de campos a serem trabalhados por assalariados, mas, observa Pinto (1982, p. 296 nota 192), a escassa disponibilidade de mão de obra podia levar a soluções de emergência, como a utilização de escravos para os trabalhos agrícolas, coisa que Leonardo faz no seu *podere* de Mosciano.<sup>136</sup>

Pelas poucas passagens que temos da biografia de Leonardo, através de seu livro e de outros documentos, ele podia ser definido como uma pessoa rica. Pinto escreve que esta definição, nas fontes da época, era frequentemente ligada ao substantivo “mercador”, e mais raramente a um genérico “homem nobre”, ou pertencente às camadas mais elevadas da sociedade. A partir do século XIII a riqueza móvel tornara-se a forma superior da riqueza em geral. Normalmente, à grande disponibilidade de dinheiro líquido e ao investimento de capitais nas sociedades mercantis se acrescentava a posse de numerosas propriedades fundiárias, mas era a primeira forma de riqueza a que economicamente tinha mais peso (PINTO, 2016, p. 112 e 113). Através das anotações das *Ricordanze* podemos reconhecer os parâmetros com os quais Leonardo manifesta essa sua condição.

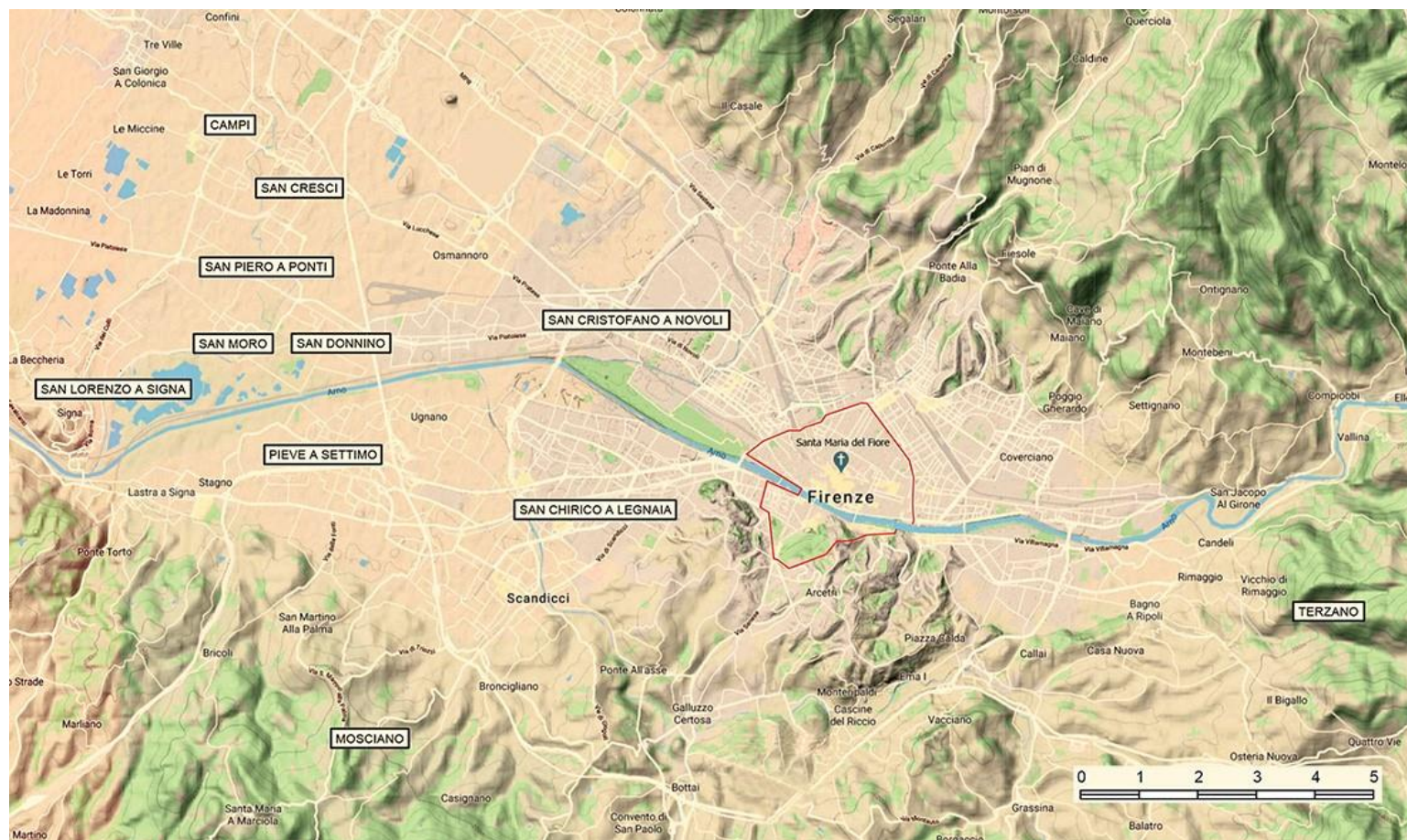
Como vimos, depois de ter alcançado o sucesso, através da atividade mercantil e bancária, ele se preocupa em ter na cidade uma moradia à altura, onde ele devia viver confortavelmente com a família, como testemunham também os abundantes estoques de alimentos, levados pelos seus colonos. Contemporaneamente, forma um patrimônio agrário adequado, centralizado em Campi, naquela área do *contado* na qual ele possuía uma “*casa da*

---

<sup>135</sup> c. xxjr 10

<sup>136</sup> c. lxvr

## C - PLANTA DAS PROPRIEDADES FUNDIÁRIAS



(Base: *Google Maps*, modificada)



**D -Spinello Aretino – *Matrimônio místico de Santa Caterina d'Alessandria entre os Santos* (1390 c.ca) – Florença, Igreja de Santa Trinita, Capela Bartolini Salimbeni (agora na capela Cialli Seringi)**



**Detalhe (aos pés de Santa Caterina): Lisa di Bartolo Cambi, esposa de Bartolomeo di Leonardo di Bartolino Salimbeni**

(Cf. Cristina De Benedictis, *Su un affresco di Spinello Aretino: vicende di una committenza*. In: *Scritti di storia dell'arte in onore di Federico Zeri*. Milano, Electra, 1984, p. 56-59)

(Fotos: Cosimo BSV)

*signore*”, uma residência senhoril onde ele devia permanecer com frequência e à qual devia estar particularmente ligado, pois se refere reiteradamente a ela com o pronome “nossa”.<sup>137</sup>

Às portas da cidade, em San Chirico a Legnaia, além de terras, sua família era dona também de uma outra residência importante: uma “*torre, overo palagio chol giardino*”, ou “*palagio e chorte murata e pozo chol giardino*”, ou seja, um tipo de edifício com torre, com um pátio cercado de muros, um poço e um jardim, onde eles não moravam, mas que Leonardo alugava, em seu nome, para terceiros.<sup>138</sup>

Da mesma forma, a posse de uma capela no interior de uma das principais igrejas da cidade denotava o prestígio e a riqueza da família. Desde 1363 os Bartolini, como outros grandes nomes da elite florentina, — os Strozzi, Gianfigliuzzi, Davizzi, Ardinghelli, Scali, Spini, Davanzati e Compagni — tinham adquirido os direitos de patronagem em uma capela na igreja de Santa Trinita,<sup>139</sup> onde serão sepultados a primeira esposa de Leonardo e alguns dos filhos. O local continuará depois sendo enriquecido e ornado com afrescos pelos filhos e pelas gerações futuras.<sup>140</sup>

Ter seu próprio ambiente em um lugar sagrado não era somente motivo de orgulho para a família, mas representava também um aspecto daquela íntima relação entre proteção divina e fortuna nos negócios, da procura pelos bens espirituais e materiais, “*per l’anima e per lo corpo*”, que Leonardo tinha invocado no início de sua escrita. Além da necessidade prática de “*cercare loro vita per industrie*” da qual falamos no início,<sup>141</sup> na visão da época, era o favor divino que permitia aos florentinos avançar em riqueza e poder, como escreve Pinto (2016, p. 39), lembrando a segunda razão aduzida por Goro Dati:

[...] porque nenhum bem pode-se adquirir sem a graça de Deus [...] e ela habita entre as virtudes, e entre as boas ações e, na verdade, se tiver gente no mundo onde estas virtudes estejam, são os Florentinos, pois entre eles encontram-se as obras da misericórdia, e o amor do próximo, e dos pobres, e a justiça, e a honra das Igrejas de Deus, mais que em cada uma das outras nações.<sup>142</sup>

---

<sup>137</sup> Vide ilustração C p.84

<sup>138</sup> c. xiiiijr 4, c. xxxjr 3. A descrição parece corresponder, quase exatamente, àqueles tipos de rica residência que surgiam nas redondezas da cidade e que Giovanni Villani mencionava, já no início do século: “*li ricchi difici d'intorno a tre miglia [...] i ricchi palagi, torri e cortili, giardini murati*” (1991, p. 586. Libro XII cap. XCIV)

<sup>139</sup> NAJEMY, 2006, p. 327; PAATZ, 1953, p. 291; ILDEFONSO, 1786, p.268

<sup>140</sup> Vide ilustração D p.85

<sup>141</sup> Vide p. 21 e 22 nota 8

<sup>142</sup> [...] *perocché niuno bene si può acquistare sanza la grazia di Dio [...] e ella abita intra le virtù, e intra le buone operazioni, e veramente, se gente sono al mondo, dove queste virtù sieno, sono i*

Da mesma forma, em sua cidade, ele não se esquece dos pobres e dos mais necessitados. No ano de 1360 aparece inscrito no *Numero Maggiore* da *Venerabile Arciconfraternita della Misericordia*, confraria laica de voluntários que operavam sob os princípios evangélicos, para realizar conjuntamente práticas caritativas e assistenciais.<sup>143</sup>

Pelos poucos elementos disponíveis, já que Leonardo não se detém para comentar detalhes de vida pessoal e social, é difícil saber o teor de vida que ele e sua família levavam. Temos algumas informações de cunho doméstico, como os bens móveis possuídos: as *masserizie* que ele relaciona, — móveis, roupas e utensílios de casa — herdados, adquiridos ou recebidos como *donora*, parte dos dotes das esposas, são relativamente modestas, têm pouco de luxuoso, mas alguns elementos se destacam e deixam entrever a pertença de uma classe social elevada.

Entre as utilidades e a decoração da casa, provavelmente para os quartos, encontramos uma variedade de arcas e *forzieri*, caixas ou armários reforçados, alguns dos quais decorados, para guardar moedas, documentos, roupas ou objetos de valor, e uma pintura de Nossa Senhora, com o relativo tabernáculo. Para os trabalhos domésticos e dos campos são empregados alguns escravos, entre os quais uma moça, Maria, comprada por um preço bem alto<sup>144</sup> e que devia ser de boa aparência, pois ela teve uma criança, filha natural de um homem de uma importante família. Em ocasião do casamento a esposa recebe algumas vestes e poucas joias, provavelmente não suficientemente suntuosas, porém, para incorrer nas sanções das leis suntuárias. Leonardo não dá notícia de nenhum conflito, interno ou externo, ou atividade militar à qual tenha participado, mas os cargos por ele exercidos no governo deviam obrigá-lo, em algumas oportunidades, a andar armado: ele possuía armas e vestimenta e acessórios de armadura, entre os quais uma sobreveste e um elmo com figuras de decoração que ele define “*dell’arme nostra*”, isto é, das insígnias do brasão da família.<sup>145</sup>

---

*Fiorentini, perché intra loro si trovano l’opere della misericordia, e l’amore del prossimo, e de’ poveri, e la giustizia, e l’onore delle Chiese di Dio, più che in ciascun’altre nazioni. [...] (DATI 1735, p. 56)*

<sup>143</sup> Registro pergamináceo, Archivio storico della Venerabile Arciconfraternita della Misericordia di Firenze, Morini E357, c. 17r. Trata-se do registro de todos aqueles que “*volessino entrare o veramente essere scripti in detta Fraternita o Compagnia, così prete come laico, et donne come huomini*” (Estatuto 1490, cap. II) e pertencentes ao *quartiere* di Santa Maria Novella. A confraria, fundada em 1244, está ativa até os dias de hoje.

<sup>144</sup> c. lxxxvr 2. Reparámos que, para esta escrava, Leonardo pagou 45 florins, mais do que custou o casal de escravos a serem enviados para o trabalho nos campos (c. lxijr 2-14)

<sup>145</sup> c. xxvr 10-11. Não é possível saber se já representam o leão rampante truncado de prata e de negro, dos Bartolini: talvez não sejam mais os três losangos de ouro em campo vermelho, dos Salimbeni.



Leonardo agora não é somente um cidadão abastado: já é, e está a se tornar sempre mais, um digno expoente da oligarquia, da elite econômica e profissional da cidade. Mesmo sendo considerado de família relativamente nova na cidade de Florença, apesar da linhagem provavelmente muito antiga, parece ter alcançado esta posição seguindo um percurso de afirmação social e política gradativa, seguindo os passos do pai Bartolino. Examinando a lista dos *priori*, Najemy (1982, p. 260 e nota 130) comenta que, nos anos que seguiram ao tumulto dos Ciompi, entre setembro de 1378 e fevereiro de 1382, nas sucessivas mudanças de política, a prestigiosa e tradicionalmente poderosa aristocracia fora reduzida a uma pequena representação na *Signoria*, enquanto outra onda de novos homens dominava o ramo executivo do governo comunal. Ele calcula que, entre os cento e oitenta e nove indivíduos sorteados e sentados na *Signoria* durante este período, pouco mais de vinte, apenas, vieram de famílias que podem ser identificadas como pertencentes à elite interna tradicional da política comunal: e entre estes pode ser incluído “Leonardo di Bartolino Salimbeni”.

É homem fiel à ordem da Comuna: nem ele, nem outros de seu grupo familiar aparecem envolvidos em distúrbios ou acusados de serem, de alguma forma, inimigos do governo, como acontecia frequentemente com outras famílias, cujos membros podiam ser *ammoniti*, ou seja, excluídos dos cargos públicos, e até exilados.<sup>146</sup> Assim sendo, Leonardo participa ativamente da vida política, como demonstram suas breves referências aos importantes cargos públicos ocupados, cargos que pela própria natureza denotavam grande confiança por parte do governo,<sup>147</sup> como o de *Camarlingo della gabella dei contratti*,<sup>148</sup> de *Camarlingo della gabella delle porte*,<sup>149</sup> de *Camarlingo dell’Ufficio delle castella*,<sup>150</sup> de *Camarlingo degli Ufficiali dell’Alpe*,<sup>151</sup> e de *Camerarium gabelle fumantum et extimi*.<sup>152</sup>

---

<sup>146</sup> As leis de 1346, 1357 e 1366 estabeleciam que os chefes de Parte Guelfa tivessem o poder de excluir dos ofícios públicos o nome de qualquer pessoa que se obstinasse a se candidatar e, depois de advertida, após denúncia sumariamente controlada, fosse acusado de ser gibelino. (Rezasco, 1881, p. 31 e 32). É o caso de várias pessoas que fazem parte das memórias de Leonardo, como *ser* Ristoro di *ser* Iacopo da Figline, um dos mais importantes notários da Florença do fim do Trezentos e personagem de bastante relevo na política da cidade no período sucessivo ao Tumulto dos Ciompi, inscrito nas listas de proscrição até 1378. (TOGNETTI, 2012, p. 251 e 252) Os antigos sócios de Leonardo, da família dos Mozzi, sorteados para serem eleitos em 1378, Tommaso entre os *Buonomini* e depois como *Gonfaloniere di Compagnia*, e Giovanni como *Priore* e depois entre os *Buonomini*, tiveram as cédulas com seus nomes rasgadas, enquanto gibelini. (MAZZONI, 2010, appendice 196 p. 246 e 197 p. 247)

<sup>147</sup> O *Camarlingo*, de fato, exercia a função de tesoureiro da Comuna.

<sup>148</sup> c. lxxr 17-18. *Gabella dei Contratti* era chamado tanto o imposto sobre a transferência dos bens a título oneroso e a título gratuito, quanto o órgão que os cobrava.

<sup>149</sup> c. lxjv 2. A *Gabella delle Porte* era o órgão que cuidava do imposto cobrado nas portas da cidade

Ainda pelo *quartiere* di S. Maria Novella, chega a ocupar por quatro vezes o *Priorato*, máxima dignidade do governo, nos anos de 1361, 1365, 1375 e 1381 (1382).<sup>153</sup>

No ano de 1374 (1375) é eleito e enviado como *Podestà* para Empoli.<sup>154</sup>

Em 1363, 1368 e 1373 está entre os doze *Buonomini*.<sup>155</sup>

Em 1364, 1367 e 1372 está entre os dezesseis *Gonfalonieri di Compagnia*.<sup>156</sup>

Em 1366, 1374 e 1377 ele é mencionado entre os Senhores e Ufficiali da *Zecca*, ou seja, da Casa da Moeda.<sup>157</sup>

Em 1377 é eleito um dos dez *Ufficiali Livellari*, chamados “*de’ Preti*”.<sup>158</sup>

Em 1379 está entre os Nove da *Mercanzia* e entre os *Capitudini* das *Arti* pela *Arte del Cambio*.<sup>159</sup>

<sup>150</sup> c. lxiiijv 2. Os *Ufficiali delle castella*, que eram sete, tinham competência na custódia, restauração e construção de fortalezas e castelos do domínio da cidade.

<sup>151</sup> c. lxxijr 3. *Vide* adiante p. 106 e nota 189

<sup>152</sup> *Leonardus Bartholini Camerarius gabelle fumantum et extimi civitatis Florentie*. (BECKER, 2002, p. 181 nota 44. Archivio di Stato di Firenze, Camera del Comune 47 f. 50) Ou seja: *camemarlino*, tesoureiro da *gabella* (imposto indireto) dos habitantes do *contado* (chefes de família em condições de arcar com o ônus fiscal) e do *estimo* (imposto direto) da cidade de Florença. Becker cita Leonardo para comentar que a *Camera* continuou coletar, por vários anos, até 1361, os pagamentos atrasados dos impostos diretos criados em vista da guerra com os Visconti de Milão em 1352. No que diz respeito ao aumento de impostos no contado, *vide* BRUCKER, 1962, p. 92 e 93.

<sup>153</sup> c. xlv 18, c. lviiijv 5 e c. lxxxv 10. Leonardo não faz referência, no livro, ao *Priorato* exercido em janeiro/fevereiro de 1381 (1382): lembramos, porém, que a partir daquele anno, as anotações são de mão do filho Bartolomeo. O elenco dos *priori* consta, entre outros, em: STEFANI 1903, p. 260, 265, 299, 391; MONTECATINI, DA, 1784, p. 36; *Cronaca terza d’anonimo (1378-1381)* apud SCARAMELLA 1934, p. 133; RICCI, 1595, c. 233v

<sup>154</sup> c. lxxviijr 11-12

<sup>155</sup> ILDEFONSO, 1786: p. 232. Os *Buonomini* eram os Conselheiros da *Signoria*.

<sup>156</sup> ILDEFONSO, 1786: p. 232

<sup>157</sup> “*Leonardo Bartolini Salimbenis pro Arte Cambii, Civibus honorabilibus Florentini, Dominis & Ofitilibus Zecche Communis Florentie, & Monete Auri, & Argenti, que fit, & cuditur, & fabricatur in dicta Zecca [...]*” (ORSINI, 1760: p. 112 e 119); Leonardo di Bartolino di Salimbene “*Signore e ufficiale per l’argento e la mistura*” “*Cassiere per l’oro e l’argento*” (GIANNAZZA, 2013: p. 453). A sigla que identifica Leonardo, impressa sobre as moedas, é a letra L, de Leonardo di Bartolino di Salimbene ( <https://numismaticaitaliana.lamoneta.it>)

<sup>158</sup> GHERARDI, 1868, p. 83 nota 7; ILDEFONSO, 1786, p. 233. Os *Ufficiali Livellari*, “*qui vulgariter dicti sunt “gli Otto de’ Preti”*”, ou seja, comunmente chamados “dos Padres”, que primeiramente eram em oito e depois em dez, era uma magistratura extraordinária (*balìa*) instituída em 1376 durante a guerra “dos Oito Santos”, com a autoridade de alienar a favor da Comuna os bens de devedores renitentes dos empréstimos forçados e impor tributos sobre os bens da Igreja. Posteriormente, foi encarregada de fazer um levantamento de todas as propriedades eclesiásticas no território florentino e de apreender e vender a parte que não fosse necessária para a manutenção decente das instituições religiosas. (BRUCKER, 1962, p. 304, 317 e 319; GHERARDI, 1868, p. 67, 83 e 206)

<sup>159</sup> FREDONA, 2010 p. 283. Archivio di Stato di Firenze, Capitoli, Registri 12, c. 89r e 90v.. Os “nove” eram os conselheiros da *Mercanzia*: em 1378 o número deles aumentou de sete para nove, nos

Em 1382 “*Lionardo di Bartolino Salimbeni, cambiatore*”, pelo *quartiere* de Santa Maria Novella, aparece entre os cidadãos que fazem parte da *Balia*, com plenos poderes para a reforma do governo da cidade, que colocou um fim à experiência de poder das *Arti* menores e favoreceu a transição para um governo oligárquico.<sup>160</sup>

Até o início dos anos 80 do século XIV, Leonardo devia estar ainda vivo, pois consta o registro do nascimento de um filho e de outros fatos da vida familiar, econômica e política, mas após 1381 a grafia não é mais de sua mão. As últimas páginas referem-se a fatos acontecidos em 1382, e depois as anotações se interrompem, exceto umas poucas dos anos seguintes que seguem e integram anotações mais antigas nas páginas anteriores, até que em 1387 é acrescentada uma informação final. Não sabemos se a esta altura ele não estava mais em boas condições físicas ou se, já idoso, passou para seus descendentes, em particular para o filho Bartolomeo, também a responsabilidade de continuar a escrita.<sup>161</sup>

No ano de 1382, como vimos, sabemos que ainda participa ativamente da vida política da Comuna, apesar de não fazer menção dos fatos em suas memórias. Até o mês de agosto, ele está em vida, quando então realiza o casamento da filha Caterina, mas os detalhes agora são anotados pela mão do filho. Parece que nesse momento Bartolomeo assume completamente o papel do pai, chegando a escrever com os verbos em primeira pessoa, como se fosse o próprio Leonardo que falasse: mas agora falta a costumeira fórmula “*Io Bartolino*”, autor e ator, primeira e terceira pessoa ao mesmo tempo, que protagonizara muitas das memórias. Poucas linhas depois, Leonardo torna-se apenas personagem do livro e seu nome é citado somente em terceira pessoa, mesmo na lembrança do nascimento de seu último filho, e depois, até o fim, ele não aparece mais. As memórias interrompem-se quando termina o espaço nas páginas do livro, e não sabemos se houve uma continuação.

A última anotação, que se apresenta com a data de alguns anos depois, aparenta ter sido colocada com um propósito bem definido, de não deixar em aberto um assunto

---

tempos do Tumulto dei Ciompi, quando foram criadas duas novas *Arti Minori*, e posteriormente reduzido novamente para sete, e depois para seis, quando estas duas novas artes foram suprimidas. (BONOLIS, 1901, p. 83); as *capitudini* eram os chefes dos colégios das *Arti*.

<sup>160</sup> A descrição detalhada dos conturbados eventos desses anos encontra-se, entre as outras, na *Cronaca Fiorentina* de Marchionne di Coppo Stefani (STEFANI, 1903). Leonardo é citado, entre os participantes da reforma, na rubrica 903ª p. 394: “*Questi sono nominatamente quelli della balia che riformarono la Terra*”.

<sup>161</sup> Nesses anos, Bartolomeo já participa ativamente também da vida pública: é mencionado como *Camarlingo* da Comuna em 1384 (SIRIGATTI, 1969, p. 72) e, em 1385, na profissão de *cambiante*, é eleito entre os *Priori*: será novamente *Priore* em 1390 e 1402 (STEFANI, 1903, p. 443; RICCI, 1595, c. 233v)

considerado digno de atenção: assim como o livro iniciara com uma morte, com a lembrança de uma morte também termina, ou melhor, se interrompe. Não se trata mais de um membro da família, é somente um simples colono, um dos tantos: mas o comentário piedoso do escrevente a respeito da situação, o uso do pronome de primeira pessoa plural (o escrevente se faz intérprete da família inteira), o fato da anotação ter sido escrita muito depois das outras, deixam entender como mesmo um acontecimento desse tipo fosse considerado relevante no complexo desenvolvimento da vida da família.

## 1.7 - O livro de *Ricordanze* de Leonardo

### 1.7.1 – Modelos e articulação do texto

Apesar de bastante diferentes entre si os livros de família apresentam uma série de elementos comuns (formais, literários, linguísticos e estilísticos) que, como vimos, delimitam e permitem sua definição como “gênero” de escrita original. Florença não é somente o lugar onde este tipo de escrita se manifestou mais precocemente, mas é também a cidade onde existiram em maior número, durante toda a baixa Idade Média, e até depois. Em várias cidades da Itália se conservaram numerosos, mas na “*città del Giglio*” tais livros existem às centenas:<sup>162</sup> entre os mais antigos, iniciado na metade do século XIV, ou seja, produzido na época imediatamente anterior à “idade clássica” dos livros de família, está o deixado por Leonardo di Bartolino.

O códice é anepígrafo: o título *Ricordanze* foi adotado por nós. De fato, se por um lado o livro pode facilmente ser definido como “Livro de Família”, pelas características do gênero que em seguida melhor exemplificaremos, no mesmo tempo torna-se questionável a atribuição de um título, entre os vários possíveis, quando esse não fora expressamente indicado pelo autor.

A questão foi amplamente abordada por Pandemiglio (2006, p. 67-81), cujas opiniões basicamente acompanhamos. Se, no fim da invocação inicial, Bartolino afirma que “*chiameròllo del L*”, chamará o livro que está prestes a escrever de “L”, não quer dar um título, mas o que poderíamos chamar “*Segnatura di coperta*”, ou identificação na capa. A “*segnatura di coperta*” não tem função de título, mas tem uma função bem parecida com o

---

<sup>162</sup> Vide p. 42 e nota 38. Literalmente “cidade do Lírio”, assim como Florença costuma ser chamada devido à flor-de-lis de forma desabrochada, emblema da cidade desde o século XI.

que hoje chamamos de colocação. A capa, com sua identificação, serve para identificar um dado manuscrito entre os outros e talvez também o lugar exato no qual o manuscrito é conservado. A esse respeito notamos que Frei Ildefonso (1786, p. 206), ao se referir ao manuscrito de Leonardo, define-o como “*il presato suo Libro di Ricordanze, segnato, e titolato da lui, Libro del G*”: ou seja, não indica a identificação dada pelo autor, que era L, mas sim a estabelecida pelo arquivista que catalogou todos os documentos constantes do arquivo onde se conserva o manuscrito.<sup>163</sup>

Não possuímos os outros livros que Leonardo deve ter escrito, com diversas finalidades e guardados em lugares diferentes, mas a estes ele faz referência não com títulos, mas, com identificações variadas, usando sequências de letras e cores: “*quaderni lunghi, segnati dal A infino al N, libro Grande, libro Bianco segnato D, libro Nero G, libro rosso B*” e outros. Como escreve Pandemiglio (2006, p. 79), “o título é outra coisa, o título é dado pelo autor no âmbito de declaração de escrita, após a invocação; e se não for dado aí, então, e só então, será tarefa do editor atribuí-lo”.

No nosso caso, o título que nós atribuímos ao livro baseia-se na declaração de escritura do próprio autor, contida na invocação inicial “*io, Leonardo detto, iscriverò di mia mano propria tutti i miei fatti e richordanze [...]*”<sup>164</sup> e confirmada pela altíssima incidência do sintagma inicial “*Richordanza che*”, que reveste a função específica de introduzir e delimitar as diversas anotações no texto. Em termos estatísticos, dos três lemas iniciais habitualmente utilizados no século XIV para essa aplicação, encontramos aqui 117 ocorrências de “*Richordanza*”, contra apenas 17 do homólogo “*Memoria*”, usado com a mesma conotação e a mesma função, e nenhuma de “*ricordo*”.

Quanto ao termo de origem provençal *Ricordanze*, ou seja, “coisas a serem lembradas, dignas de serem confiadas à memória escrita”, reparamos que (PANDIMIGLIO, 2006, p. 72), mesmo que tenha perdido posteriormente muito de sua força expressiva, na segunda metade do século XIII, quando apareceu na língua vulgar, a palavra teve a tarefa de assinalar a particular relevância das notícias que introduzia nos livros administrativos, notícias

<sup>163</sup> Em 1729 o clérigo Giuseppe Maria Brocchetti organizou, no palácio da família em Florença, os documentos do arquivo, compilou os volumes dos índices das escritas e dois tomos com os registos dos pergaminhos (SIUSA, Sistema Informativo Unificato per le Soprintendenze Archivistiche, 2005).

<sup>164</sup> Na declaração de escritura, Leonardo substitui o termo “*propri*” pelo homólogo “*miei*”, na expressão “*fatti propri*” que, de acordo com Pandimiglio (1987, p. 10 e 2006, p. 80), parece ser bastante utilizada pelos escritores de memórias familiares do Trezentos. Isso significa que, desde o início, afirma a possibilidade de ele mesmo (*mano propria*) inserir registros de lembranças pessoais diferentes daquelas puramente contábeis ou, pelo menos, “a possibilidade de digressão para a esfera do pessoal e do familiar, mesmo partindo do recorde patrimonial”.

de caráter privado, pessoal, familiar, até assinalar, no título, aquele que podemos considerar o primeiro dos Livros de Família, ou seja “*Al nome di Dio, Amen - Chuaderno di Guido Filippi dell’Antella, ove inscriverne certe ricordanze, chominciato a scrivere in Kalen di Marzo, anno MCCLXXXVIII*” (ANTELLA, 1843, p. 5). Na linguagem de Leonardo, o emprego da palavra não apresenta um particular valor expressivo, e tem a função prevalente de indicar e introduzir os segmentos de memória do livro escolhidos.

Como vimos, Leonardo assume a posição e as tarefas do chefe de família e, como tal, o cuidado com a solidez e a autoconsciência familiar (PANDIMIGLIO, 2006, p. 28). Para isso há necessidade de um texto que manifeste e procure transmitir no âmbito da família essa autoconsciência, um instrumento apto a favorecer o prosseguimento das fortunas econômicas e também políticas e sociais da família, que registre a composição e a evolução da mesma, que forneça informações sobre as alianças sociais e comerciais, sobre o patrimônio familiar, sobre os cargos públicos ocupados pelos componentes, e até sobre os acontecimentos da vida que gira em torno dele.

A esse respeito Connell (1990, p. 285) comenta, referindo-se à maioria dos livros desse gênero, — e talvez possamos incluir o nosso — que a visão um pouco idealizada que geralmente vê o “Livro de Família” como uma representação coletiva da família ao longo do tempo, poderia no futuro receber uma correção nominal, dando uma nova ênfase ao papel do indivíduo único que iria deixar suas lembranças no papel, com regularidade: esses mesmos textos poderiam assim ser classificados como “*Libri di Capofamiglia*”, isto é, livros de chefe de família. Leonardo deixa clara esta sua função, e as páginas do livro o veem não somente como líder, mas também como protagonista dos fatos ocorridos.

Não se trata de um “Eu” autobiográfico que impulsiona a escrita, pois o fato de mencioná-lo junto com o próprio nome, isto é, a fórmula “*Io Leonardo*” e mais ainda “*Io Leonardo di Bartolino*”, que inicia quase sempre as memórias nas quais esteja diretamente envolvido<sup>165</sup>, está a significar que o autor se identifica como um dos elementos de um grupo mais complexo, no qual cada um tem sua participação. De fato, mesmo quando não explicitamente, a família é um tema que está fortemente presente, ainda que apenas no aspecto formal, no uso que Leonardo faz do possessivo “nosso”, no lugar de “meu”, para qualificar algo que expressa ser seu, mas, por extensão, pertencer a sua inteira casa. (CIAPPELLI, 1992, p. 46) O conceito é bem claro desde o exórdio quando, com o uso do verbo na primeira pessoa do plural e do pronome possessivo de primeira pessoa do plural,

<sup>165</sup> Em termos estatísticos, a fórmula “*io Leonardo*” é usada 93 vezes, enquanto o simples “*io*” aparece 26 vezes, e nunca no início da lembrança, sempre no decorrer da descrição do fato.

referido ao pai que acabara de falecer (*Bartolino nostro padre morì*), inclui indiretamente os irmãos no processo da escrita e já introduz a ideia de família.

Os camponeses que trabalham para ele no “*nostro podere*” são os “*nostrì lavoratorì*”; os vizinhos de suas propriedades estão “*a llato nostro*”; as peças de sua armadura exibem as insígnias, as “*arme nostra*”; o túmulo na capela em Santa Trinita é a “*nostra sepoltura*”; a loja que ele comprou, a “*bottega mia*”, torna-se também a “*bottega nostra*”; ele reforma e amplia os edifícios da residência para voltar a morar nas “*case nostre*”. A mesma terminologia será depois utilizada por Bartolomeo, que no fim toma o lugar do pai no registro das *Ricordanze*, naquela continuação da escrita por parte do primogênito que representa uma das características mais peculiares dos Livros de Família.

De acordo com os demais livros do gênero, a forma com que Leonardo redige seu texto marca uma estrita analogia com as outras escrituras documentárias de registro, dos protocolos notariais aos livros de contas dos mercadores. Como nesses documentos, o recurso a um formulário fixo, revela uma intenção fundamental: “subtrair a escritura à caducidade da improvisação e, confiando-a à fixidez de fórmulas canonizadas, conferi-lhe veracidade, autoridade e sacralidade” (CICCHETTI, 1984, p. 1120).

Lembramos com Armando Petrucci (1992, p. 197 e 198) que

todo testemunho escrito do passado, e em particular da Idade Média, idade particularmente regulada por formalidades e liturgias, é o resultado de uma forte elaboração formal e constitui, então, antes de tudo um texto que deve ser estudado e interpretado em si e por si, enquanto testemunho em primeira instância de um processo inteiramente interno ao seu fazer-se.

Um aspecto determinante da experiência cultural mercantil, escreve Pezzarossa (1989, p. 49), é a presença continuada do notário nas fases, às vezes mais íntimas, da vida doméstica.

No mundo medieval italiano o notário é presente a ratificar não somente o desenvolver-se dos fatos públicos e da atividade estatal e administrativa, como, depois, a sancionar as trocas e as complexas operações conexas ao progresso das relações e das trocas comerciais, mas também a marcar os ritmos da existência privada. Ao longo da parábola que se desenrolava do nascimento até o túmulo, os momentos salientes: [...]

Cabe a Petrucci o mérito de ter sido o primeiro a relacionar, em 1965, os elementos de conjunção dos modelos culturais da produção notarial com o conjunto das escrituras documentárias da memorialística.<sup>166</sup> Como consequência, também no livro de Leonardo, cada

---

<sup>166</sup> PEZZAROSSA, 1989, p. 49, nota 141; MORDENTI, 2001, p. 89.

unidade textual aparece realizada de acordo com um modelo de referência bem delineado e codificado.

Acompanhando e ampliando, ao mesmo tempo, o esquema e a descrição propostos por Mordenti (CICCHETTI; MORDENTI, 1984, p. 1119) e Ricci (2005, p. 38) e usando, em parte, a terminologia das fórmulas mais comuns dos documentos notariais (PRATESI, 1979, p. 68-79; VALENTI, 2000, p. 264 e 265), analisando o preâmbulo do livro é possível distinguir duas partes, com diferentes elementos constitutivos e com distintas funções.

O exórdio encontra-se presente, de uma maneira quase constante, nos Livros de Família e é típico nos modelos florentinos e toscanos dos séculos XIV e XV: nos mais antigos aparece em forma resumida, adquirindo no decorrer do tempo formas mais amplas, mas apresentando substancialmente a mesma estrutura. Aqui, apresenta-se em seu pleno desenvolvimento.

O início da primeira parte contém a *invocatio*, a invocação, nas duas formas, simbólica e verbal:

[a] Aqui, a consagração simbólica ostenta um símbolo religioso, uma cruz. Em outros textos pode apresentar o *chrismon* (Chi-Rho), a abreviação do nome de Jesus (JHS) ou uma data: este sinal, não verbal, define, então, uma escrita sacralizada e um ritual e, junto com a segunda parte da invocação, explícita e confirma o significado religioso-ritual do exórdio. [b] A invocação verbal consiste em uma dedicatória, que varia conforme os lugares, os tempos e o nível social e cultural de quem escreve. Aqui ela não se limita ao nome de Deus e da Virgem, e estende-se numa acurada listagem de santos protetores, e finalmente alcança uma fórmula que se refere a todos. [c] Uma verdadeira oração, pedindo ajuda, para a alma e para o corpo, ou seja, com referência também à vida material. [d] A *aprecatio*, uma breve invocação que conclui o parágrafo, comum aos formulários religiosos, mediante a qual faz-se votos de boa ventura para tudo o que está previsto no documento.

A segunda parte do exórdio adianta, sucintamente, quais serão as características e o conteúdo do livro;

[e] A *intitulatio*, uma identificação completa do escrevente, em terceira pessoa, que representa também uma apropriação da escrita. [f] Um programa da escritura, em primeira pessoa, deixando entender que não se tratará de registros puramente econômicos, mas que serão recordados também outros feitos, de caráter pessoal. [g] A *datatio*, com indicações crônicas, relativas à datação: as indicações tópicas, relativas ao local da escrita, são subentendidas pelo contexto. [h] A extensão, o número de fólios que compõem o livro. [i] Uma nomeação do livro.



[ a ] + [ b ] *Al nome di Dio e della Sua Madre, Vergine Madona Santa Maria e del beato messer Santo Giovanni Batista e di messer Santo Piero e di messer Santo Paolo apostoli e di messer Santo Michele agnolo e di Santo Barnaba e di Santo Zanobi e di madonna Santa Reparata e di Santa Chaterina e del beato messer Santo Giovanni Gualberto e di tutti Santi e Sante della chorte di Paradiso, [ c ] che cci deano bene a ffare e bene a dire per l'anima e per lo chorpo, [ d ] amen.*

[ e ] *Questo libro è di Leonardo di Bartolino Salinbeni propio, [ f ] nel quale io, Leonardo detto, iscriverò di mia mano propia tutti i miei fatti erichordanze e alloghagioni di terre e debitori e creditori, chome ochoreranno per li tenpi che debono venire [ g ] e chominceremo da poi in qua che Bartolino nostro padre morì, che passò di questa vita il dì di Santo Iacopo, dì xxv di luglio 1348 e sopellissi a Chanpi nella chiesa di San Piero a Ponti. Dio abia l'anima sua, [ d ] amen. [ h ] Ed è questo libro carte lxxxvj [ i ] e chiameròllo del L. (c.1v).<sup>167</sup>*

Igualmente padronizada é a fórmula de demarcação das propriedades que, além de fornecer as dimensões, se articula, como é usual nos documentos notariais (RICCI, 2005, p. 39), conforme a delimitação dos quatro lados do terreno pelo nome dos vizinhos ou, tratando-se de edifícios na cidade, dos vizinhos e das ruas. Está sempre presente, também, a medida da superfície da terra:

*Uno pezo di terra in via nuova, overo in Charraia: a j° le rede di Chanbio Vogliani, a ij° le rede di Nerozo de' Chocchi, a iij° dello spedale di San Piero a Ponti, a iiij° le rede di Palla Strozi. E' staïora vj a corda.<sup>168</sup>*

Visto que, na maior parte dos casos, os textos contêm anotações de caráter financeiro, além de jurídico, com base no que analisamos acima, é importante ter presente a influência exercida pelos arquétipos notariais também no uso do vocabulário técnico e sobre as várias articulações textuais de um registro. Assim, a matriz conforme a qual são registradas as memórias de natureza essencialmente econômica, referentes à administração do patrimônio (aquisições, vendas, locações, contratos agrícolas etc.) é organizada de uma forma, substancialmente fixa, que pode ser definida “a estrutura fechada” (RICCI, 2005, p. 44).

[a] Sintagma inicial. [b] Datação. [c] Descrição da ação comercial. [d] Partes interessadas. [e] Objeto da ação. [f] Acordos comerciais e valores. [g] Eventuais despesas e ônus fiscais. [h] Termos cronológicos da ação. [j] Registros e anotações das cartas notariais. [l] Eventuais fatos e imprevistos.

Esse esquema é aplicado (com poucas alterações) em grande parte das transações comerciais mais detalhadas:

---

<sup>167</sup> c. jv

<sup>168</sup> c. iiijv 9-10

[ a ] Richordanza che [ b ] del mese di febraio anno detto [1367] [ c-d ] Iachopo Bartoli, che dimora in Anchona, chonperò per me da ser Churado da Osimo, inn Anchona, [ e ] due schiavi marito e moglie. Il marito à nome Venanza e la moglie Giovanna ed era gravida, che poi di marzo partorì ad Anchona uno figliuolo maschio, il quale battezzorono: ebe nome Martino. [ f ] Costorono di prima chonpera ducati 42 d'oro, [ g ] e poi chostorono di spesa ad Anchona per ghabella e carta e altre spese del parto e di chonducerli a Firenze ducati xj, siché in tutto chostano f.53 d'oro. Poi sono chostati in vestirli e altre spese. [ j ] I detti si pagharono alla tavola, chome apare a libro bianco D a carta v, f.\*\*\*.[ 1 ] Poi gli feci battezzare e puosi nome a Venanzo Lorenzo e alla moglie Giovanna. Manda'li a lavorare il podere dal mulino, popolo di Santo Andrea, chalonacha da Mosciano, e lavoravano e facevano bene ed ebono poi anche uno fanciullo maschio.<sup>169</sup>

Reparamos que, ao tratar desse tipo especial de “mercadorias”, logo abaixo Leonardo não deixa de acrescentar, alguns anos depois, uma observação final de cunho pessoal:

*E poi del mese di luglio 1374 per la maladetta mortalità si morirono inn una settimana tutti e quattro, di che ricevetti di loro gran danno: no' gli avrei dati per f. cl d' oro. Lodato sia Iddio.*<sup>170</sup>

A observação reflete o pensamento mercantilista de Leonardo, mas não resulta claro se ele é levado a isso simplesmente pela constatação da perda econômica ou, também, por algum sentimento de afeição em relação esses escravos em particular, entre os demais que ele possuía. A eles refere-se uma das raríssimas opiniões expressas no livro a respeito de pessoas (“trabalhavam e o faziam bem”) e eles são depois mencionados em diversas situações ligadas à família, entre as quais a amamentação de uma das crianças pela mulher: e a breve prece final de louvor é igual à usada para concluir as memórias do falecimento dos seus próprios filhos.

Com a lei de 11 de agosto de 1289, promulgada pelos *Priori dele Arti*, tinha sido abolida em Florença a servidão da gleba, mas o comércio dos escravos continuou a ser exercido por vários séculos. No *Catasto* de 1427, que relaciona detalhadamente as “bocas”, ou seja, as pessoas que constituíam os grupos familiares, os escravos não eram considerados, constando na relação dos outros bens, móveis e imóveis, da família. Há registros da compra por parte de Leonardo de outros escravos, coisa relativamente comum nos documentos da

<sup>169</sup> c. lxijr

<sup>170</sup> Além das costumeiras expressões de agradecimento e louvor a Deus *a posteriori*, utilizadas mesmo em casos de perdas econômicas ou físicas, encontramos no livro outras fórmulas padronizadas de esconjuro ou de prece à Divinidade, para que ajude e proteja para evitar perdas e danos no futuro (*di che Dio guardi, di che Dio ci guardi*), correspondentes à comuníssima “*quod Deus avertat*” dos documentos em latim, civis ou religiosos. (c. lxvr 9, lxxxviiij 11 etc.) Por exemplo: “*Si vero morte naturali, vel aliquo casu fortuito eas [oves], vel aliquam earum perire contigerit (quod Deus avertat) [...]*” (Contrato de Soccida - c.ca 1575, *FORMULARIUM QUOTIDIANUM CONTRACTUUM*, 1705, p. 155)

época: assim, exatamente um século depois que ele inicia a escrever seu livro, também seu neto Niccolò registra em seu próprio livro a compra de duas escravas, uma em 1448 e outra em 1449 (ILDEFONSO, 1786, p. 275). Apesar de ter diminuído com o passar tempo, a escravidão perdurou durante os séculos sucessivos e temos notícias do tráfico humano em Florença até no fim do século XVII (IMBERT, 1906, p. 190-191).

O vazio populacional deixado pela peste de 1348, a dificuldade de encontrar na plebe da cidade os domésticos e no campo os trabalhadores, as mudanças provocadas pela mortalidade no sistema de vida dos cidadãos, devem ter sido um forte estímulo a praticar em larga escala o tráfico dos escravos. O conceito comum da época, de fato, era que se podia traficar escravos infiéis, pois se considerava que não a natureza, mas a religião colocasse os homens acima dos animais e das coisas. A Igreja em geral admitia a legitimidade da escravidão, confirmada pelas leis, daqueles indivíduos “*qui non sint catholicae fidei christiana*”, ou seja, não somente não católico por origem, mas também aqueles batizados durante sua escravidão (ZANELLI, 1885, p. 9-24), como é o caso dos quatro escravos de Leonardo, comprados em Ancona.<sup>171</sup>

Um segundo perfil textual pode ser considerado “a estrutura aberta”, “enquanto prevê uma expansão linear progressiva (mais ou menos ampla) do discurso, tendencialmente paratática e confiada à repetição de poucos conectivos elementares” (RICCI, 2005, p.166), uma organização textual que avança por blocos informativos e que reflete a tendência da língua falada (SERIANNI, 2001 p. 78). Tal segmentação do texto encontra-se principalmente nas memórias referentes à atividade profissional e ao patrimônio familiar (constituição de sociedades, divisão de bens, heranças, etc.) e nas partes propriamente narrativas (acontecimentos familiares, eventos políticos, etc.):

Richordanza che a dì xv d' ottobre 1348, io Leonardo feci tavola per me, nella tavola che tenea Domenicho di ser Vanni, dove io stava per lui ed era la detta tavola anchora a pigione del detto Domenicho, cioè paghata per lui per infino a chalen' di novembre 1348, e chonpiuto il detto termine la tolsi a pigione da Domenicho e Francescho di messer Cianpolo de' Cha/valchanti, per pregio di f. xxv d' oro l'anno.

Da poi m'achonpagnai nella detta tavola cho' Luigi de' Mozi e di sua volontà volle che 'lla scritta dicesse Leonardo Bartolini e Tommaso di Luigi, ch'è suo figliuolo sechondo, e misse nella detta chonpagnia f. dc d'oro e io ne

---

<sup>171</sup> Florença, por um longo tempo, sendo desprovida de um porto próprio e de navios, não recebia esse tipo de mercadoria diretamente do país de origem, mas recorria aos mercados de escravos, especialmente nas cidades portuárias de Veneza e Gênova, e também de Pisa, Nápoles e especialmente de Ancona, que se tornara, na baixa Idade Média, o porto de referência dos florentinos no mar Adriático (TOGNETTI, 2018, p. 38-39).

mi dissi f. cc d'oro e partissimo per metà. E chominciò la detta chompagnia a dì j d'aprile 1349.

E poi [...] mutamos la chompagnia [...]

Di poi [...] rafermai chol detto Giovanni [...]. E misse [...] e io Leonardo [...]. E sempre usamos [...] e allora partavamo [...] e poneva [...]. Ed è bastata la chompagnia [...] e mai non avemo dischordia [...]. E in questo tempo [...] e facemo [...].<sup>172</sup>

Grande parte das páginas do livro contém registros sintéticos de operações especificamente comerciais e apresentam, com poucas variações, um esquema padronizado, introduzido por sintagmas que indicam o tipo de conta, expressões iniciais típicas dos livros de contabilidade, que passaram diretamente desses para os livros de família. Além de serem recorrentes, a característica mais evidente dessas fórmulas é o fato de se apresentarem em séries homogêneas e compactas (RICCI, 2005, p. 34). Temos, assim, para pagamentos recebidos, “*Ànne dato, Ànnone dato*”; para créditos, “*E de’ dare, deono dare*”; para dívidas: “*De’ avere, deono avere*”; para pagamentos efetuados, “*Ànne àuto, Ànnone àuto, Paghai*” e para os totais, “*Soma*” ou “*Monta che*”.

Os critérios são inspirados na profissão do autor, de acordo com uma lógica cautelatória (SZNURA, 2010, p. xlviii), pela qual cada registro precisa ser identificado e selado por elementos que marcam com clareza o início (além do sintagma de abertura, a data) e o fim (documentos notariais, eventuais referência explícitas a uma continuação, subtotal), de maneira a tornar mais difíceis eventuais intervenções adulterinas.

As anotações são sintéticas, mas detalhadas, e contêm todos os elementos que, em uma eventual necessidade, possam comprovar a transação. Os pormenores das operações são anotados por Leonardo minuciosamente, acompanhando os ensinamentos do seu contemporâneo Paolo di Certaldo, e assim não faltam, além da descrição da operação, o dia exato em que se realizou, o nome dos envolvidos, a indicação do notário que emitiu o documento, das eventuais testemunhas, o livro e a *carta* onde o documento foi registrado, na razão “*alla tavola*”, ou dos documentos notariais, com o detalhe dos nomes dos emissores.<sup>173</sup>

Algumas vezes, os registros incluem expressões dêiticas, que remetem as operações de um fólio do livro para um outro. Essas são introduzidas, também, por sintagmas padronizados, como “*posto di qua a carta, di qua a carta ...*” quando indicam algo que já foi escrito, e “*posto inanzi a carta, come apare inanzi a carta, inanzi a carta ...*” quando indicam

<sup>172</sup> c. vijv 10-35

<sup>173</sup> [245] *Sempre quando fai fare alchuna charta, abi uno tuo libro, e scrivivi suso il dì che si fa e 'l notaio che la fa e' testimoni, e 'l perché e con chui la fai, sì che, se tu o' tuoi filgliuoli n'avessero bisongno, che la ritruovino. E a fugire molti chasi e pericholi de' falsi uomini, sempre si vorebe fare conpiere; e tiélati ne la chassa tua compiuta.* (CERTALDO, 1921, p. ciii)

o que será escrito em um fólio sucessivo. Em alguns casos os dois registros têm longos intervalos de tempo entre eles, em outros a numeração das páginas não é congruente. O procedimento e a terminologia são adotados também nas memórias de fatos não puramente financeiros, por exemplo, quando Leonardo registra nas primeiras páginas a assunção da tutela do sobrinho Onofrio, e dezesseis anos mais tarde é livrado do encargo e anota logo abaixo desse primeiro registro: “*Ònne fine dal detto Nofrio, chome apare inanzi a carta lj.*” O número do fólio que ele indica, porém, não coincide com aquele em que efetivamente aparecerá o fato.<sup>174</sup>

Como se pode observar, o uso de fórmulas estereotipadas, recorrentes em especial nas longas e monótonas listagens de anotações contábeis, tende a influenciar e a ser aplicado nas memórias de eventos que não se referem a fatos puramente comerciais, (mas, na visão do escrevente, no fim das contas, esses também teriam implicações econômicas). Para o mercador, a área das ocorrências a serem registradas tende necessariamente a entrelaçar-se com os demais fatos da esfera privada. Como observa Guglielminetti (1997, p. 228), essas anotações entram nas mais antigas das *Ricordanze* mercantis somente como suporte de outro conteúdo, quer dizer, porque tais acontecimentos, em medida direta ou indireta, comportam uma variação de capital na companhia doméstica, deixando prever a consolidação de sua estrutura ou pressagiando seu progressivo enfraquecimento. É o caso dos acontecimentos que revestem, no mesmo tempo um interesse econômico e familiar, como casamentos, nascimentos, tutela dos órfãos e mortes.

Os casamentos, os dois de Leonardo, o do filho Bartolomeo e o da filha Caterina, são registrados em poucas linhas: não falta, como sempre, a invocação da proteção divina, mas não há detalhes pessoais ou traço de sentimentos. O esquema acompanha sinteticamente o tríptico que representa a arquitetura do cenário nupcial, descrito por Christiane Klapisch-Zuber em seu atento estudo a esse respeito, realizado com base nos Livros de Família toscanos dos séculos XIV–XVI (KLAPISCH-ZUBER, 1979, p. 1219-1221)

a) A *predélle*, o plano de apoio seria composto pelas primeiras negociações e pelos acordos preliminares entre as partes, que suportam, evidentemente, todo o restante: culminam em um primeiro reencontro solene e público entre as partes, ou seja, entre os pais e tutores dos noivos, acompanhados por alguns parentes próximos e amigos. O pai jura casar a filha ou o filho com o futuro genro ou nora, enquanto o noivo promete solenemente tomar por esposa a moça, nos tempos e nas condições conveniadas: um notário redige a escritura, onde são

---

<sup>174</sup> c. vjr e c. lv

anotados o dote declarado e as outras condições financeiras do casamento. Fiadores e árbitros terão a função de determinar os termos do contrato e de estar atentos à sua execução: aos pagamentos do dote, em particular, mas também às datas dos fatos que seguirão. Este compromisso é extremamente rígido, e não pode ser rompido sem graves danos e penalidades.<sup>175</sup> Isso constitui a primeira aba do tríptico.

b) A segunda parte dos ritos nupciais tem como cenário o domicílio da moça. Pelos notários e religiosos a cerimônia era chamada *matrimonium*: em Florença, era conhecida geralmente como “o dia do anel”, pelo nome do objeto simbólico, cuja entrega solene era a mais própria para tocar a imaginação. Quando o dia terminava, os noivos eram considerados marido e mulher.

c) A terceira etapa do tríptico é dedicada ao rito, durante o qual a jovem esposa é acompanhada para a casa do marido, e os parentes e amigos a recebem com uma festa que pode durar mais de um dia. Tradicionalmente, é ao término da jornada de núpcias que a união é consumada carnalmente.

Usamos como exemplo o casamento do filho primogênito, Bartolomeo, cujas fases são descritas em poucas palavras, mas com alguns detalhes a mais em relação aos outros casamentos registrados no livro. Aqui, também, destacam-se, de modo especial, os aspectos legais e econômicos do acontecimento.

a) *Memoria che a dì j di luglio 1377 fumo d'achordo chon ser Guelfo di ser Manetto da Puntormo, Bernardo di Cione Dolcebene e Aldobrando di Cino merciaio, churatori di Chanbio di Bartolo Chanbi e tutori della Lisa, serocchia del detto Chanbio e figliuola del detto Bartolo, che Bartolomeo mio figliuolo togliessi per moglie la detta Lisa e dovessonci dare in dota, al tempo ch'ella sarà in età di xij anni, <sup>176</sup> f. cinquecento d'oro e uno podere per non istimato [...] e dovessimo menarla aguale a chasa nostra e avere la rendita del podere e tenere i detti f. v<sup>e</sup> d'oro, infino a tanto che la sarà in età, cioè per tutto febbraio 1381 e chon altre chose e modi, chome più pienamente si contieneper iscritta fatta de' detti patti, per mano di ser Michele di ser Aldobrando di ser Albizo e sottoscritta per mano de' detti tutori e di me Leonardo e di Bartolomeo detto cho' mia parola.*

<sup>175</sup> Vide o casamento da filha Caterina, c. lxxxxvr 10

<sup>176</sup> Apesar dos cânones da Igreja admitirem que, depois dos sete anos de idade, pudesse ser feito um pacto matrimonial a ser celebrado depois no décimo segundo aniversário, a jovem idade da esposa prometida devia aparecer inusitada até mesmo na sociedade da época, como comenta o cronista florentino Guido di Francesco Monaldi: “*Mercoledì 15 luglio 1377 [...] Al dì detto menò moglie Leonardo Bartolini, e la nuora era una fanciulla com dote di M. M. Fiorini, di anni sette.*” (MONALDI, 1833, p. 510). A pobre moça deve ter morrido muito jovem, pois por volta de 1390 Bartolomeo encomendou os afrescos que decoravam a capela de família, em memória e lambrança da esposa (DE BENEDICTIS, 1984, p. 55). Vide ilustração D p. 85.

*E a dì xv di luglio anno detto la menamo a chasa insieme cholla Dada mia donna. [...]*

b) *E a dì 24 d' aghosto 1382, il dì di Santo Bartolomeo, il detto Bartolomeo diè l'anello a la detta Lisa sua moglie. Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrado. [...]*

c) *E sabato notte a dì 29 di novebre 1382 [io Bartolomeo] la menai e dormì cho' llei. In buon'ora possa essere e sia.*<sup>177</sup>

O registro dos ritos do primeiro casamento de Leonardo com Giannetta, órfã de Rinieri de Lapo Chiarini, é extremamente curto e sintético: não fala de acordos preliminares, mas o valor do dote a ser recebido já aparece em evidência no mesmo parágrafo e na mesma linha, quando lembra a manhã em que levou para casa a esposa e também lhe deu o anel.<sup>178</sup>

Depois de vinte e dois anos de casamento, e quinze filhos, Giannetta morre: passados dois anos, Leonardo casa-se novamente, com Dada de Gherardo de' Bisdomini, viúva de Durazzo d'Andrea Tigliamochi, que lhe dará mais quatro filhos. As três fases do casamento são mencionadas brevemente e são as mesmas: juramento e entrega do anel em um dia e, no mês seguinte, a esposa vai para a casa do marido, acompanhada por Lisa, a jovem prometida do enteado Bartolomeo. Obviamente, não faltam em seguida os detalhes dos acordos dotais.<sup>179</sup>

Como escreve Chabot (2011, p. 212), a sequência ritual da instalação da noiva sob o teto conjugal é ostensivamente pontuada por uma transferência de bens e sucessivamente por uma troca de dons. Anos mais tarde, Leonardo redige a listagem de suas *masserizie*, entre as quais os vestidos encomendados por sua mulher quando foi para sua casa. Na mesma ocasião, ela ganhara do marido dois belos anéis, um com um diamante e um com uma esmeralda, e também os parentes presentearam a esposa: *monna* Balda, com um anel de pérolas, o cunhado Salvestro com uma verga de ouro e o sobrinho Onofrio, filho de sua cunhada Lisa, com uma turquesa.<sup>180</sup>

O chefe da família devia estar já ancião — o registro já não é mais de sua mão — quando em 1382 promete em casamento a filha Caterina, então de dezesseis anos, a Bartolomeo Tedaldi. Os ritos são os mesmos: acordos pré-nupciais e juramentos, entrega do anel e passagem da esposa para a casa do marido. Mas agora o ônus de pagar o dote é de Leonardo e, nos detalhes das complexas negociações, é registrado um fator novo, a existência

<sup>177</sup> c. lxxxijr 1-26

<sup>178</sup> c. xijv 12-16

<sup>179</sup> c. lxxxjv

<sup>180</sup> c. lxxxxv 7-9

de uma forte penalidade em caso de rompimento do compromisso. É anotado até o valor do pagamento ao notário encarregado de formalizar o contrato e emitir os documentos.<sup>181</sup>

Ainda mais sintética é a memória do casamento do sobrinho Onofrio, do qual Leonardo tinha sido tutor desde a morte de sua irmã pela peste.<sup>182</sup> Mesmo livre da tutela, depois de dezesseis anos, continua a administrar os bens e cuidar dos negócios do rapaz, como procurador. Será somente depois de casado, quando devia ter aproximadamente vinte e um anos, que Onofrio aparenta seguir uma via própria, pois seu nome não aparece mais nas anotações do tio.

A lembrança dos nascimentos, e mais ainda dos falecimentos, da mesma forma, segue um esquema fixo, sintético, lacônico, que deixa pouco espaço para considerações pessoais.

*Memoria che mercholedì di xj di settenbre anni 1359 dopo nona, al nome di Dio possa essere e sia, naque Salinbene mio figliuolo. Dio gli dea buona ventura. Lunedì di xvj di settenbre si battezzò in San Giovanni; fecielo cristiano Zanobi di Domenicho Gianbollari e Simone di Guiduccio Pucci.*

*Chiamòllo a 'ssè il nostro Signore Idio a di 30 di giugno 1363 per la maladetta mortalità. Lodato sia Idio e ringraziato.*<sup>183</sup>

Pode causar espanto o fato de que acontecimentos desse tipo, para nós modernos entre os mais emocionantes, na alegria e na tristeza, sejam registrados friamente, pragmaticamente, segundo um esquema fixo, como o são a compra e venda de bens ou entradas e saídas de dinheiro: a data exata do nascimento (e, eventualmente, da morte), o nome escolhido, a dedicatória para Deus com uma breve oração para dar boa sorte, a lembrança do batizado, com os nomes dos padrinhos e uma curta *aprecatio* final. Até na forma as anotações se parecem: assim como nos registros das transações mercantis, nas operações contábeis que se consideram fechadas, nas memórias dos fatos passados dos quais não seja mais interessante voltar a ocupar-se, as seções das escritas dedicados aos filhos falecidos encontram-se inteiramente riscadas transversalmente.

Em vez de manifestações de comoção, seguem longas relações de dados ligados à amamentação: os nomes e a origem das amas, seus custos, seus resultados. As próprias invocações à Divindade, mesmo de acordo com a religiosidade que permeia cada ação do homem da Idade Média, que reconhece a sujeição de todo fato humano à obra de Deus, parecem meras fórmulas rituais.

---

<sup>181</sup> c. lxxxxvr 7-23

<sup>182</sup> c. lxiiijv 6-10

<sup>183</sup> c. xxxijr 2-9



O registro de atos comerciais ou familiares não deixa espaço ao desabafo pessoal, e nem seria possível reconstruir a partir da linguagem formular e profissional e das frases estereotipadas, a atitude mental dos escreventes perante a morte: daí a acusação de frieza, tanto erroneamente quanto tradicionalmente movida aos mercadores (BEC, 1983, p. 283). Ao mesmo tempo deve-se descodificar, à luz da história, esse tipo de memória. Ter filhos em abundância, especialmente homens, tornava-se necessário para superar os efeitos devastadores da peste, que se tornara endêmica e, em geral, de uma mortalidade infantil de espantosas proporções e, dessa forma, ter possibilidade de obter a continuidade familiar, de dar prosseguimento à própria estirpe. Essa era a tarefa, talvez a principal, do chefe da família: sem ter descendentes, todo o resto seria vão. Nota Pandemiglio (2006, p. 30-31) que o mercador florentino Goro Dati foi “modelo de marido e de pai, votado para a pertinaz atividade de procriador, em função da continuação do próprio sangue”. Ele teve 26 filhos, de 4 esposas: mas, quando ele morreu, restavam somente 3 homens e 4 mulheres.

As mulheres deviam garantir a continuidade da linhagem, para o bem da família e da cidade: a boa esposa era considerada tal se tinha condições de gerar uma prole sadia, bonita e numerosa. Mais tarde, o humanista Matteo Palmieri escrevia (e era também a opinião da Igreja) que “A principal utilidade que se espera da mulher são os filhos e as sucessivas famílias” ou “Coisa útil é ter gerado filhos, ampliado a população e dado cidadãos à pátria.” (Palmieri, p. 157 e 161 [s. l.] apud PINTO, 2016, p. 152-153). De fato, escreve Pinto (2016, p.153), o comportamento da camada superior da sociedade florentina parecia ater-se a esses conselhos, visto que as mulheres daquela classe colocavam no mundo em média 10 ou 11 filhos, apesar de muitos não sobreviverem aos primeiros meses ou anos de vida.

Nascimentos (ou seja, vidas) e mortes, os dois eixos da continuidade da família, do suceder-se das gerações. O cuidado registrado no livro com a amamentação dos filhos, que chega a detalhar os nomes das nutrizas, o período de amamentação e os valores pagos, mostra o esforço de procurar vencer a morte: mas a morte é um acontecimento natural, normal, acompanha de perto a vida da família. Dos 19 filhos de Leonardo, 13 homens e 6 mulheres, quando as anotações do livro terminam, mais da metade terá morrido, todos em tenra idade.

É o tema da morte que cria a urgência de recuperar a memória familiar, observa Pandemiglio (2006, p. 83), a morte e a maneira de derrotá-la, com a redação do livro de família: o tema da morte do genitor constitui o estímulo, a trágica ocasião do início da escritura do livro por parte do filho.

Não é somente em um espaço pessoal e privado que se desenrola a vida de Leonardo, mas em um contexto mais amplo, o da Comuna e de seu território. Em seu livro as partes

narrativas são bem mais escassas do que nos outros textos em que o autor deixa bem clara a intenção explícita e consciente de descrever uma série de acontecimentos públicos,<sup>184</sup> mas, apesar disso, tornam-se veículos de memória referente à cidade (CIAPPELLI, 1995, p.124).

Os fatos narrados constituem pontos de interseção entre os negócios e a vida pública, pois os primeiros são, direta ou indiretamente, influenciados pela segunda. Uma das principais preocupações dos autores desses livros, comenta Ciappelli (2009, p. 206), é demonstrar o grau de participação da família à vida pública da cidade: por isso, não somente é sempre presente uma parte das memórias que se refere aos cargos públicos assumidos, mas outra categoria constante de anotações tem relação com o pagamento dos impostos diretos e indiretos, que era uma das principais provas da condição de cidadão.

A arrecadação do governo em grande parte derivava dos impostos indiretos, as *gabelle*, que incidiam sobre todo tipo de produto e de transações. Leonardo não deixa de anotar os detalhes dos pagamentos efetuados para os contratos de compra e venda de bens imóveis urbanos e campestres, para os aluguéis, para os dotes, para as heranças e para os produtos (especialmente trigo, óleo e vinho) transportados.

São minuciosamente contabilizados os impostos diretos, em particular os empréstimos exigidos pela Comuna em caso de necessidade, as *prestanze*, os empréstimo ao *Monte*, com suas fortes implicações financeiras: não somente o tipo de imposto, as datas e os valores, mas também as circunstâncias históricas e as causas da sua instituição.

A maior parte das despesas extraordinárias que se somaram aos gastos normais do estado florentino era representada pelas despesas militares. Digno de nota é a *sega*, aquele empréstimo recolhido diariamente dos cidadãos, justamente como os dentes de uma serra, a ser depois devolvido: foi devido, em 1351, às despesas para sustentar a defesa da cidade no malsucedido assédio por parte das tropas do arcebispo e senhor de Milão, Giovanni Visconti. Este assédio, mal preparado, não atinge o resultado esperado, e os milaneses passam a devastar a região e as cidades toscanas por vários meses, antes de retirar-se.<sup>185</sup>

Em 1363 um novo surto de peste, juntamente com a guerra que o exército de Pisa leva quase até os muros de Firenze, devasta o território.<sup>186</sup> Essa segunda epidemia atinge

---

<sup>184</sup> Vide p. 44 e 45 e nota 40 p.45

<sup>185</sup> c. xv 10-33.

<sup>186</sup> Nessa epidemia faleceu também o cronista Matteo Villani, continuador da *Cronica* do irmão mais famoso Giovanni morto, por coincidência, durante a epidemia de 1348 que matou o pai Bartolino. Por sua vez, o filho Filippo continua a *Cronica*, em poucos capítulos nos quais descreve a “*pestilenza dell’anguinaia*”, a peste bubônica daquele ano, que tinha matado o pai, e as fases da guerra contra Pisa, até vitória dos florentinos na batalha de Cascina e a paz, em agosto de 1364.

fortemente o núcleo familiar de Leonardo: falecem quatro dos filhos, Lisa, Salimbene, Agostino e Bastiano. Além do luto, ele anota os danos e perdas que sofreu: tem gastos para recuperar as propriedades queimadas pelos soldados inimigos em Mosciano; as últimas parcelas relativas à devolução de um empréstimo que tinha concedido um ano antes deixam de ser pagas, em razão da morte súbita do devedor; é levado também a perdoar a dívida referente à falta de recebimento de uma parte do aluguel de umas terras que ele possuía em San Chirico a Legnaia, perto da Via Pisana.<sup>187</sup>

Em 1373 outras *prestanze* são devidas por aquela que Leonardo chama guerra “*dell’Alpe*”,<sup>188</sup> ou seja, da parte apenínica do Mugello, contra a antiga e fortíssima *consorteria* dos Ubaldini que dominava a região e que há tempo constituía um obstáculo para as miras expansionistas de Florença: naquele ano essa foi definitivamente derrotada, perdendo seu poderio. Lembramos que o próprio Leonardo tinha sido eleito para o ano anterior *Camarlingo degli Ufficiali dell’Alpe*,<sup>189</sup> magistratura criada no mesmo ano para essa finalidade. Leonardo paga também a parte cobrada aos seus familiares, e receberá inteiramente o dinheiro de volta em duas parcelas, nos dois anos sucessivos, pelo *camarlengo* da Comuna.

Em 1374 o território e grande parte da península é assolado por uma terceira epidemia de peste, acompanhada por uma violenta carestia: morrem o filho Romolo, a esposa Giannetta com o filho Giovanni, natimorto, e quatro escravos. No ano seguinte, novas *prestanze* são devidas para comprar trigo “*per lo grande charo che n’era*”,<sup>190</sup> ou seja, pelo preço muito alto naquele momento. O trigo constitui, de fato, o alimento principal da população, do qual a Comuna agora precisa, e que em tais situações de escassez costumava importar, em parte, do Estado da Igreja: mas agora o legado pontifício recusa o pedido de venda. O fato é interpretado pelos florentinos como um ato de hostilidade, agravado pela entrada no território de tropas mercenárias. Florença lidera uma coalizão de estados do centro e do norte da Itália contra o Papa, já que temiam que ele quisesse estender seus domínios em detrimento da Toscana e que visasse a sujeitar novamente as cidades suas súditas que tinham-se rebelado, e luta, até o ano de 1378, naquela que foi denominada “Guerra dos Oito

<sup>187</sup> c. xxxvr 15-16, c. lijr 12-13 e c. lvv 25-28

<sup>188</sup> c. lxxiiiiv 2-3

<sup>189</sup> Os *Ufficiali dell’Alpe* era uma magistratura criada em 1372 e composta por oito cidadãos, com a autoridade de armar de novas estruturas defensivas e cuidar da segurança das localidades da região dos Apeninos que pertenciam à República, entre as quais Firenzuola, a principal fortificação florentina..

<sup>190</sup> c. lxxvjv 3-4

Santos”.<sup>191</sup> Leonardo não menciona explicitamente o conflito como causa dos altos impostos ao quais ele e sua família são submetidos, mas são mais de vinte *prestanze* que ele e sua família são obrigados a negociar com o governo naquele período.

Entretanto, o evento que parece atrair mais a atenção de Leonardo é, no ano de 1378, o chamado Tumulto dos *Ciompi*.<sup>192</sup> Come escreve Ciappelli (1995, p. 133), ele chega a distinguir o “*picholo romore*”, o pequeno tumulto que se segue em 18 de junho ao reestabelecimento dos *Ordinamenti di Giustizia* por parte de Salvestro de’ Medici e Simone Gherardi — uma providência, no entanto, no âmbito das normas constitucionais da República — do “*romore*” de fato, sintoma e sinônimo de subversão, que acontece em 22 de junho, quando o povo e as *Arti* menores se armam e conseguem fazer com que o Conselho revogue algumas reformas da *Parte Guelfa* que lhes pareciam mal feitas e criar outras a seu favor. Nesses dias, a cidade é palco de graves lutas, destruições e incêndios de casas e lojas. Mais do que a participação, neste caso, o juízo e o fato de Leonardo ter assistido ao episódio são pessoais, como conclui Ciappelli.

Essa memória é a única parte estritamente narrativa do livro, ou seja, o fato histórico aparentemente não tem ligação e não contém nenhuma referência explícita a um fato pessoal, da vida econômica ou familiar. A descrição limita-se aos primeiros dias do tumulto, sem acenar para os eventos agitados e violentos dos períodos seguintes. Significativo é o fato de que não há, na mesma página, nenhum outro registro junto às poucas linhas do episódio.

Ao que parece, Leonardo e sua família não são afetados fisicamente ou economicamente pela revolta, talvez por não estarem entre as figuras importantes da cidade ou pelo seu ramo de negócios, não diretamente implicado. A situação anterior não tardará a ser restabelecida, mas ele demonstra perceber que nesses poucos dias seus privilégios de pertencer a uma elite, às *Arti* maiores, correram perigo. Anos depois, em 1382, Leonardo participará diretamente da reforma com a qual o poder do “popolo grasso” será de fato reestabelecido.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> Os oito oficiais deputados a administrar a guerra foram assim denominados pelo povo, por aclamação, por salvarem de graves perigos a liberdade da pátria, após o interdito lançado pelo papa contra toda a nação florentina. (GHERARDI, 1868, p. 10, 23, 45 e 81). *Vide* nota 219 p. 151

<sup>192</sup> c. lxxxiiijv

<sup>193</sup> *Vide* nota 160 p. 90

### 1.7.2 – A forma do texto

Ao conjunto das escrituras documentárias de registro (em particular aos coevos livros de contas mercantis e aos protocolos notariais) reporta-se também o aspecto codicológico-paleográfico, ou seja, a forma material do livro de família (CICCHETTI, 1984, p. 1121-1123).

O primeiro e mais evidente elemento é o fato de que o Livro de *Ricordanze* de Leonardo, como a maior parte dos livros de família, entre os séculos XIV e o XV, é escrito em *mercantesca*: geralmente clara e precisa a de Leonardo, mais apressada e desleixada a de Bartolomeo.

O critério de organização interna do texto consta de uma simples sequência cronológica que prevê, porém, contínuas remissões e acréscimos. A sucessão *recto-verso* estabelece uma divisão, uma separação físico-visual na qual não existe uma continuidade entre uma página e a imediatamente sucessiva, salvo os poucos casos em que o objeto da narração ou da descrição seja unitário e requeira alongar-se em uma ou mais páginas. A sucessão *recto-verso* constitui, assim, uma série de espaços de escrita, tendencialmente autônomos e concluídos, identificados pela numeração dos fólios, e ainda por uma espécie de título posto em evidência no centro do fólio, formado pelo ano e, em muitos casos, também pelo dia e mês. Enquanto no título o ano e o dia são indicados em algarismos romanos (salvo em dois casos) e o mês em letras, nas memórias individuais o ano é sempre escrito em algarismos arábicos, enquanto o dia aparece ora em números romanos, ora em arábicos. A datação constitui, então, uma sorte de híbrido que, por um lado, pelas formas com que se expressa o milésimo, alude vagamente à documentação notarial em latim, por outro é própria dos livros de contas e de administração em vulgar (SZNURA, 2010, p. xlvii).

Os três elementos de identificação cronológica estão sempre presentes e as ocorrências são registradas cuidadosamente, levando em conta até mesmo o horário dos fatos assinalados. O livro obedece normalmente a tempos de escrituras breves e descontínuos, compostos de interrupções e retomadas, à medida que os fatos acontecem, e frequentemente o(s) autor(es) volta(m) a escrever para completá-los e atualizá-los, após vários anos. Os parágrafos estão separados, de modo a permitir anotações futuras, por oportunos espaços em branco e, às vezes, por linhas horizontais: simples traços de pena que concluem, sem apagá-las, as lembranças de um fato. Ao contrário, os trechos ou as páginas referentes a ações que provavelmente não deviam ter mais interesse para o autor são riscados transversalmente por dois traços.

A ocupação pela escrita é bastante variável, de um mínimo de duas linhas por páginas (no caso da memória de um cargo exercido) a mais de quarenta.

O livro é inteiramente autógrafo por mão de Leonardo, exceto os últimos fólios e algumas memórias pela mão do filho Bartolomeo, inseridas posteriormente para esclarecer e finalizar as do pai. A inclusão de fatos de interesse familiar em um registro elaborado juntamente com vários membros do grupo, é mais um aspecto que caracteriza os livros de família. Em época bastante posterior, provavelmente a partir do século XVIII, foram acrescentadas muitas glosas e marcas para evidenciar palavras ou frases do texto.

Com os livros de contas mercantis, os de família tinham em comum aspectos formais (encadernação, formato, número de páginas etc.), indícios materiais de uma mesma função: livros de utilidades, construídos para durar por longo tempo.

Como a quase totalidade dos livros de família, o de Leonardo é um exemplar único, inicialmente conservado no mesmo lugar de sua produção, onde podia ser consultado, mas não era destinado a ser reproduzido e difundido. Este caráter do livro ser único e não reproduzível explica a densa trama de chamadas internas a outros pontos do mesmo livro, referenciadas pelo número do fólio: coisa que seria evidentemente sem sentido, em caso de cópia do texto em um livro diferente (CICCHETTI, 1984, p. 1121).<sup>194</sup> Ao mesmo tempo, a numeração progressiva preventivamente colocada em todos os fólios assegurava uma certa proteção contra possíveis falsificações futuras, evitando inserções e revelando cortes.

Os livros eram normalmente conservados na casa da família, em lugar fechado e, todavia, facilmente acessível, para poderem ser escritos e lidos com segurança e sem dificuldade. No caso das *Ricordanze* de Leonardo, elas permaneceram guardadas, até os dias de hoje, no arquivo na habitação da família do autor.

Análoga aos livros de contas mercantis é também a nomeação individual dos códices, com base na cor ou no material da encadernação, ou em uma sigla alfabética (“L”, como reza a invocação inicial do livro de Leonardo), de modo que este insere-se em uma série complexa, mas ordenada, de outros livros, cada um dotado de uma função específica, mas partícipe de um aparato comum de registro, em “um verdadeiro concerto a mais vozes da memória escrita”, como define Mordenti (2001, p. 33). São livros que não chegaram até nós: mas Leonardo registra, além do acima citado, a existência de outros livros e muitas vezes seu uso e sua localização. Alguns são livros inerentes às funções por ele desenvolvidas, como o livro dos síndicos de seu *maestro ser Vanni*, do qual ele, por sua segurança tratando-se de um

---

<sup>194</sup> Vide também p. 99

assunto delicado, guarda uma cópia, ou o livro da *gabella delle porte*. A maioria, porém, contém registros de fatos referentes à atividade da sua companhia bancária, e Leonardo, já desde o início, indica quais são: doze cadernos longos, identificados pelas letras de A a M, e um livro Branco quadrado, onde escreveram o *corpo* da companhia.<sup>195</sup> Além desses, há menções de registros em outros livros, distintos pela cor da capa: livro Branco grande, livro Preto grande, livro Vermelho.<sup>196</sup>

As citações contidas nas *Ricordanze* não deixam entender claramente as funções e o desenvolvimento dos outros livros ou o critério adotado por Leonardo para registrar neles as operações comerciais. O critério não é cronológico, pois ele parece servir-se de um ou de outro indiferentemente, durante todos os anos de sua atividade; e nem é, aparentemente, devido à natureza da operação, pois no mesmo volume aparecem seções comerciais de várias origens: das mais diversas vendas e compras, de pagamentos de serviços, de empréstimos, de letras de câmbio, de impostos, de aluguéis e outros.

Existia ainda um livro, o *Livreto Secreto*, de particular importância, de pequenas dimensões mas composto de páginas de material mais nobre e duradouro, o pergaminho, cujo título já remete ao seu aspecto mais particular: “[...] *come per lo nostro libreto segreto aparisce in charta di pechora*”.<sup>197</sup> A denominação de *Libro Segreto* era comum, entre os vários livros mantidos pelos mercadores, destinados a permanecer em família e previstos especificamente para o registro da atividade mercantil do autor, pois continham o texto da associação, detalhes do capital, dos acordos entre sócios e das transações efetuadas pelas companhias. Seguindo os preceitos de Paolo da Certaldo, que recomendava manter tais livros, junto com os outros documentos de particular importância, fechados em lugar reservado e protegido,<sup>198</sup> anota Leonardo que “*e io l’ò nel mio chassone*”, encontra-se bem guardado em casa, em seu cofre.<sup>199</sup>

Enquanto os livros contábeis deviam ser mantidos na *tavola* ou na loja, provavelmente à disposição dos interessados para eventuais controles, tanto de particulares

---

<sup>195</sup> c. vijv 34-35. Talvez Leonardo tenha considerado também a letra K, que, porém, não aparece para identificar nenhum livro: mas há a indicação de um livro O e, portanto são mesmo doze os diversos cadernos citados no texto.

<sup>196</sup> Não está claro se os livros distintos pela cor não são os mesmos dos cadernos distintos pelas letras, porque frequentemente esses livros são citados com as duas indicações (*Libro Nero G*, *Libro Branco F*, etc.)

<sup>197</sup> c. xlvjr 21

<sup>198</sup> “[...] *e tielati ne la chassa tua* [...]” (CERTALDO, 1921, p. ciii),

<sup>199</sup> c. xlvjr 22

quanto de órgãos do governo, o livro de *Ricordanze* — como o Livro Secreto — devia ficar oculto, longe dos olhos dos estranhos. Motivações de ordem prática, como proteger a economia familiar, estão na base do caráter secreto do livro, aspecto que encontramos mencionado em numerosos exemplos. Um dos motivos poderia ser tentar evitar, ou pelo menos, diminuir o valor dos frequentes impostos ou dos empréstimos compulsórios exigidos pelo governo e calculados aproximadamente de acordo com as possibilidades financeiras dos cidadãos. Isso significava basicamente que, permanecendo fisicamente bem guardado no âmbito doméstico, o livro não devia circular entre estranhos. “*Non volemo che gli albitri avessono a sapere questo ne' fatti nostri ...*” afirma Leonardo, quando da divisão da herança paterna entre os irmãos “*tutti in chonchordia e tutti chontenti*”.<sup>200</sup>

A intenção expressa de quem escreve é a de que a leitura não se dê por pessoas de fora da família: como vimos, a motivação principal da escrita é de ordem prática, utilitária, documental. Goro Dati (c. 1r apud PANDIMIGLIO, 2006, p. 96), no programa de escritura de seu livro, afirma que escreverá os fatos secretos da companhia e da mercancia, que lhe pertencem, para clareza (somente) de si mesmo e de quem vier depois dele. Da mesma forma, um século mais tarde, Francesco Guicciardini escreverá: “E porque aqui eu direi a verdade, peço aos meus descendentes, que os terão nas mãos, que não os mostrem para ninguém fora de casa, mas que os conservem para si e para sua serventia, porque eu os escrevi somente para essa finalidade”<sup>201</sup>.

A restrição da circulação dos livros ao âmbito da família, se por um lado é um elemento que caracteriza o livro como um gênero particular, do outro é também um aspecto que deriva da falta de “literariedade” dos mesmos. A reflexão sobre a escrita familiar, comenta Cicchetti (1985, p. 7), oscila “entre a simples constatação de sua alteridade com referência ao sistema literário, e a configuração dos elementos constitutivos de tal alteridade em um gênero capaz de desenvolver, por sua vez, funções de modelo”.

O dos livros de família, comenta Pandimiglio (2006, p. 9),

não é um gênero literário (admitindo que alguém já o tenha seriamente considerado) mas um gênero de escrita, de escrita sociocultural que — em virtude das capacidades e/ou das aspirações do escrevente — pode ter conteúdos não só socioantropológicos, não só de fonte histórica, mas também atinentes a gêneros literários.

---

<sup>200</sup> c. xv v 33

<sup>201</sup> *E perché qui dirò la verità, prego e' discendenti nostri a chi le verranno alle mani, non le mostri a alcuno fuora di casa, ma serbile per sé e sua utilità, perché io l'ho scritte solamente a quello fine*” (GUICCIARDINI, 1936, p. 30)



A escritura familiar não possui a veste estilística que requerem os textos destinados a serem apresentados ao público e acolhidos no sistema literário: no caso de Leonardo, é evidente a falta de qualquer pretensão literária. No manuscrito os fatos são anotados geralmente de forma impessoal, deixando raramente transparecer o caráter e as experiências pessoais do escritor: o fulcro é a família e seus componentes, pouco importando o que acontece no mundo à sua volta. Porém, se os acontecimentos podem ter influência no andamento familiar e patrimonial, eles merecem algumas palavras a mais, uma menção e um breve comentário. Ele está decidido a explicar, a defender e a passar para as gerações futuras as posições de privilégio da própria família, na qualidade de pertencente à classe dominante. Nas memórias que apresentam exposições de acontecimentos mais complexos ou não usuais, não suportadas pelos exemplos canônicos disponíveis e conhecidos, nota-se a intenção do autor de evitar possíveis dúvidas de interpretação, de procurar a maior clareza, estruturando a exposição em uma construção menos simplificada e mais ampla.

Nas páginas de Leonardo, a falta de pretensões literárias do livro, escrito (salvo as páginas iniciais e outras poucas)<sup>202</sup> provavelmente *currenti calamo*, rapidamente, sem efetuar uma atenta releitura mas realizando, quando necessário, integrações ou correções, transparece na forma linguística com a qual é redigido: o escrevente está interessado no simples uso funcional da língua e não no estilo.

Não temos muitos elementos para avaliar seu nível cultural, mas imaginamos que o fato de ser ao mesmo tempo mercador e homem público devia inevitavelmente comportar um certo domínio da escrita. Em sua qualidade de bom *cambiatore*, — assim ensinam os manuais de comércio — precisa conhecer a terminologia e o uso da escrita, ser rápido e seguro e exercitar-se na escritura por longos períodos, com o intuito de estar sempre bem prevenido.<sup>203</sup>

Como afirma Ricci (2005, p. 245) concluindo a análise de livros da mesma época e do mesmo gênero,

[...] se o simples registro de uma operação comercial ou de um nascimento, dificilmente deixa transparecer o nível sociocultural e a relativa competência linguística do escrevente; vice versa, no caso no qual o mesmo registro seja complicado pela necessidade de relatar acontecimentos e imprevistos não contemplados pelo formulário de referência (dos protocolos notariais) a medida que aumenta o grau de “narratividade” da lembrança, aumenta

<sup>202</sup> Algumas páginas, pela organização dos registros, pela precisão dos detalhes e pela uniformidade e apuro da escrita, podem ter sido precedidas por um rascunho, ou copiadas de outros documentos: assim, por exemplo, as longas listagens das terras, das masserizie e até alguns fatos econômicos.

<sup>203</sup> “*Chi vuole essere buono cambiatore, conviene primamente avere termini, e usanze delle lettere [...]* e vuolsi sopra tutto essere sollecito, e fermo, asercitasi di, e notte, e massime collo scrivere per stare bene avvisato.” (UZZANO, 1766, p. 148)

também de consequência a possibilidade de encontrar aquelas peculiaridades morfosintáticas e textuais que são típicas da língua dos semicultos.

Trata-se, então, de um escritor bem alfabetizado, mas inculto o que basta para usar às vezes a comunicação escrita de maneira formalmente e substancialmente não diferente daquela oral (RICCI, 2005, p. 22): não para colocar no papel simplesmente seu discurso oral, mas, segundo Palermo (1994, p. 25 apud RICCI, 2005, p. 31). “para se aproximar de forma intencional a um particular gênero textual do qual são respeitadas as regras constitutivas quanto à disposição das partes e à instrumentação formal.”<sup>204</sup>

A escrita de Leonardo acompanha e representa a personalidade do seu autor. Assim como ele não é, e nem aparenta querer ser, um protagonista entre seus concidadãos, seu livro não se destaca pelas suas qualidades entre os muitos textos congêneres da época: mas ele faz parte integrante daquele notável grupo de personagens que com seu pensamento e com suas obras (inclusive com seus escritos) caracteriza fortemente a segunda metade do século.

De fato, o livro acompanha a atividade que se desenvolve em um arco de tempo de trinta e cinco anos, marcado, no começo e no fim, por dois fatos de fundamental importância. Inicia com um fenômeno natural de catastróficas dimensões, a pandemia de 1348 com suas consequências econômicas e sociais, das quais a cidade lentamente se recupera. Termina ou, pelo menos, as memórias do livro concluem-se, com eventos políticos que introduzem uma época depois da qual Florença não será mais a mesma, a reação oligárquica de 1382 à qual se segue uma “evolução das estruturas sociais e políticas da sociedade florentina, que justamente ao cair do Trezentos conhece aquela radical fratura classista a favor de um restrito agrupamento oligárquico” (PEZZAROSSA, 1979, p. 122) que perdurará por quase meio século. Daí para frente, não será mais Leonardo, mas serão seus descendentes os personagens representativos da história da família e da cidade.

A última anotação, pela própria natureza do livro, não constitui uma conclusão ou um fim, mas somente uma interrupção (MORDENTI, 2001, p. 20). Não sabemos exatamente porque isso se deu ou se houve uma continuação, pois não possuímos outros textos: sabemos, porém, pelos documentos da época e dos tempos posteriores, que aquilo que Leonardo almejava se realizara. Sua família está bem estruturada e relacionada, vários filhos continuam sua obra participando ativamente da vida econômica e pública da cidade, os negócios prosperam e as sempre crescentes entradas financeiras possibilitam a expansão do patrimônio.

---

<sup>204</sup> PALERMO, Massimo P. *Il carteggio Vaianese (1537-39). Un contributo allo studio della lingua d'uso nel Cinquecento*. Firenze, Accademia della Crusca, 1994

Família, estado, dinheiro e propriedade, com seus entrelaçamentos e interligações, são os pilares que sustentam a vida do mercante florentino da época.

Neste contexto, seu livro permanece como parte da história de uma família, ou melhor, é parte da história de um seu expoente que foi o primeiro a se preocupar em apropriar-se dela para subtraí-la ao tempo e fixa-la na escrita. E as páginas das suas “*Ricordanze*” cumprirão sua função de transmitir para as gerações futuras esses momentos iniciais da memória familiar.

## CONCLUSÃO

Voltemos agora ao significado da palavra *ricordanza* no contexto do livro, que constitui o título e o cerne desse trabalho.<sup>205</sup> Aparece na introdução, na forma do plural, para indicar aquilo sobre o que se escreverá, ao lado do mais genérico “feitos” e de alguns assuntos econômicos. Depois a palavra será usada de forma maciça, e sempre no singular, encabeçando um grandíssimo número de registros, às vezes vários na mesma página. Identifica, assim, algo de particular, uma seleção entre os inúmeros feitos e situações da vida de Leonardo, para que dele não se perca a lembrança. Algo que, portanto, merece ser assinalado por escrito.<sup>206</sup>

Não é *memória* ou *ricordo*, termos que ele praticamente não usa, e que poderiam remeter a algo acontecido no passado, mas é uma realidade do presente, ou que no presente produz seus efeitos. É algo que deve ser registrado no momento em que acontece ou imediatamente depois, algo cuja lembrança não poderia simplesmente ser confiada à palavra, pois é destinado intencionalmente a uma finalidade prática futura.

Como escrevem Goody e Watt (2006, p. 68), referindo-se, em termos gerais, a um texto que se apresenta em forma diarística, esse

[...] pela escrita, pelas palavras tomadas objeto e por fazê-las a si próprias e a seus significados disponíveis para escrutínio muito mais prolongado e intensivo do que oralmente seria possível, [...] permite ao indivíduo objetivar

---

<sup>205</sup> Vide p. 92 e 93

<sup>206</sup> Do mesmo modo, Goro Dati escreve: “*Seguitando col nome di Dio le ricordanze di miei fatti che sono buoni a tenere a mente per scrittura, [...]*” (c. 4r, apud PANDIMIGLIO, 2006, p. 103). Porém, como comenta Pandimiglio (*ibidem* p. 72-74), o escasso uso que Dati faz da palavra *ricordanza*, e quase sempre no plural, tem prevalentemente a função de indicar algumas seções do livro, enquanto *memoria* adquire “vivacidade e amplitude expressiva, especialmente em momentos tópicos da escritura.”

a sua própria experiência e lhe dá algum controle nas transmutações de memória sob a influência de eventos subsequentes.

A experiência pessoal, ao ser organizada, acumulada e documentada, transforma-se em um saber que fica à disposição das gerações futuras: no pensamento dos mercadores, é esta a função principal das memórias escritas, mesmo que o leitor, o “receptor coletivo” seja limitado ao âmbito da família. Esta soma de conhecimentos adquiridos necessita do suporte da escrita para explicitar sua função, e é justamente o que Leonardo pretende fazer com a elaboração de seu livro.

Em nossa tese, deixamos de lado a questão estéril de determinar se o livro, e os muitos outros da mesma espécie, poderia ser incluído ou não em um gênero definido. Com certeza, o que nós chamamos de “literariedade” não estava na visão ou nas intenções do autor. Como “gênero” entendemos simplesmente definir a especificidade textual e a peculiar função que caracterizam essas escritas, que aparecem nas páginas de Leonardo. Ou seja, como observa justamente Mordenti (CICCHETTI; MORDENTI, 1984, p. 1117 e 1118), desejamos possibilitar a leitura desse texto em particular, ou outros tantos objeto da nossa pesquisa, “antecipando e descrevendo no mesmo tempo o seu *tipo* mais completo e característico”.

Seguindo uma hipótese em parte diferente, em sentido diacrônico, à luz de outras correntes da crítica moderna, podemos chegar à conclusão de que é difícil separar claramente do universo dos textos considerados propriamente literários o livro de Leonardo, ou pelo menos uma parte dele, bem como a grande maioria dos livros congêneres. Segundo Brioschi (2003, p. 14)

A literatura não é [...] uma mera coleção de textos, mas sim de “obras”: de textos recebidos, lidos e transmitidos de acordo com um complexo de regras. Além disso, ela propõe seus textos não somente para mim, aqui e agora; de geração em geração, os oferece para a leitura de um *destinatário coletivo*: na prática, para qualquer um que tenha a capacidade e o desejo de fruir deles. [...] quer dizer, não como um “*discurso de consumo*”, mas sim como um “*discurso de reuso*”.

Se entendermos como “reuso” um ato de reapropriação, em que o mesmo objeto é submetido às modalidades de fruição mais diversas, através das circunstâncias que mudam, notamos como esse conceito poderia aplicar-se aos nossos livros.

Isso se torna ainda mais relevante devido ao contexto da produção do livro. Na opinião de Alfieri (1994, p. 169) o espaço comunicativo da memorialística medieval era restrito, pois a atividade da escrita limitava-se à destinação familiar, mesmo no decorrer de várias gerações. Assim, “o livro de família [...] poderia ser um caso arquetípico, mas de alguma forma extremo, de consumo linguístico, com rituais de leitura junto a um público

doméstico praticados com a finalidade de inculcar tradições *reusáveis* de comportamento.” (ALFIERI 1994, p. 169, grifo nosso)

Mas, mesmo que as intenções do autor fossem basicamente essas, depois de ter cumprido seu papel por muito tempo, o texto passa, com a sua recepção moderna, da esfera privada para a esfera pública. Cancelada, com o decorrer dos anos, a necessidade da confidencialidade, esses livros, outrora exemplares únicos, serão depois citados, copiados, editados, impressos, estudados, comentados e difundidos: ou seja, utilizados em diversas épocas como fontes destinadas a diferentes empregos, com diferentes regras e através de circunstâncias diversas.

Este poderá ser o futuro do nosso livro, ser lido ou consultado talvez por simples diversão ou curiosidade, ou por um interesse mais específico sobre alguma das suas páginas. Se Leonardo não pode ser chamado de “mercante escritor”, conforme a já citada clássica definição de Bec, nós preferimos retratá-lo como era, “mercante e escritor”, pois esta é a imagem que ele nos deixa de si, digno representante daquele amplo número de personagens que com seus escritos contribuíram a formar o gênero do qual tratamos.

## CAPÍTULO 2 – As *Ricordanze* de Leonardo di Bartolino: tradução parcial

1v

+ Em nome de Deus e de sua Mãe, Virgem *madonna* Santa Maria e do beato *messer* Santo Giovanni Battista e do *messer* Santo Piero e do *messer* Santo Paolo apóstolos e do *messer* Santo Michele Angelo e de Santo Barnaba e de Santo Zanobi e de *madonna* Santa Reparata e de Santa Caterina e do beato *messer* Santo Giovanni Gualberto e de todos os santos e santas da corte do Paraíso, que nos deem bem a fazer e bem a dizer, para a alma e para o corpo, amém.

Este livro é do próprio Leonardo di Bartolino Salimbeni, no qual eu, o dito Leonardo, escreverei de minha própria mão todos meus fatos e lembranças e aluguéis de terras e devedores e credores, como acontecerão pelos tempos que hão de vir, e começaremos a partir do momento em que Bartolino, nosso pai, faleceu, que passou desta vida no dia de Santo Iacopo, dia 25 de julho de 1348, e foi sepultado em Campi na igreja de San Piero a Ponti. Deus tenha sua alma, amém. E este livro é (composto) de 96 fólhos e chamá-lo-ei de L.

2r

No ano de 1348, no dia 25 de julho

Bartolino Salimbeni, nosso pai, ao qual Deus e sua Mãe, *Madonna* santa e virgem Maria, por sua misericórdia perdoe à alma e descanse-a em vida eterna, passou desta vida no dia de santo Iacopo, dia 25 de julho do ano de 1348, e foi sepultado em Campi na igreja de San Piero a Ponti, pela maldita mortalidade; e não fez testamento, porque disse com sua boca que ele não precisava, pois não julgava lidar com nenhuma pessoa para a qual tivesse a obrigação, mas que deixava como seus herdeiros os filhos e o sobrinho, isto é, Bernardo di Tobbia. Ocorre que, depois de sua morte, deixou vivos, dos seus filhos, frei Marco, na ordem dos frades de Santa Maria del Carmine, Leonardo, Tobbia, Andrea, Uberto e Salvestro, ou seja, seis filhos homens e nenhuma fêmea. E também deixou Bernardo, seu sobrinho e filho do falecido Tobbia Salimbeni, do qual ele foi tutor no tempo passado, tendo o dito Bernardo cinco irmãs, filhas do dito Tobbia, das quais, pelo dito Bartolino, quatro foram casadas e uma colocada no mosteiro de Sofiano. E encontramos, após a morte do dito Bartolino, estes bens, isto é:

O *podere* de Campi, com aquelas terras e confins que escreveremos mais para frente.

O *podere* de Terzano, com aquelas terras e confins que escreveremos mais para frente.

Três *casolari* na Via degli Strozzi, no *popolo* de Santa Trinita, com aqueles confins que escreveremos mais para frente.

Uma casa, localizada na Via del Moro, com aqueles confins que escreveremos mais para frente.

Na Comuna, ou seja, no *Monte*, 125 florins de ouro.

Poucas *masserizie*, das quais não sei se farei menção, uma vez que que no ano anterior, no dia 23 de junho de 1347, na noite antecedente ao dia de San Giovanni, pegou fogo em uma casa de Caponsaco Monaldi, na qual estava então um Zuccherio Filippi de' Foresi, e queimou todas as casas dos Foresi e as nossas, de modo que muitas *masserizie* queimaram e (as) perdemos enquanto (as) transferíamos. E antes, também, em 1345, na noite de San Marco, pegou fogo em nossa casa e queimaram dois quartos, de modo que também naquele momento perdemos muitas *masserizie*. Por tudo, seja louvado Deus.

Outra coisa não nos deixou, nem também não nos deixou dinheiro algum.

2v

1348

Aqui em seguida escreverei as terras e os confins do *podere* de Campi, isto é:

1 Um sítio, casa de senhor, com duas casinhas para os trabalhadores e eira e poço e jardim, com dentro o grandíssimo carvalho. Todas essas coisas em um *cerchiovito*, localizado no povoado de San Piero a Ponti, ao qual<sup>207</sup> do 1º lado (está) a estrada nova, do 2º a rua e os herdeiros de Guidalotto Bernotti, do 3º (o rio) Bisenzio e a rua no meio, do 4º os herdeiros de Nicolò Baldovini, ou seja, *monna* Piera, que foi esposa do dito Nicolò. É no total *staiora* 6 *a corda*, com as casas.

2 Um campo ali em frente, (com) a estrada nova no meio, que é de *staiora* 26 *a corda*, com fossas no meio: do 1º a estradas nova; do 2º os herdeiros de Nerozo de'Cocchi;

---

<sup>207</sup> Nas fórmulas que indicam os confins, traduzimos com “ao qual, à qual) o *che*, introdutor da fórmula que corresponde ao *cui* latino dos documentos notariais, dativo do pronome relativo. (RICCI, 2005, p. 39)

do 3° a rua do Perusciello; do 4°, em parte os herdeiros de Nicolò Baldovini e em parte os herdeiros de Lippo Doni del Sagina.

3 Um pedaço de terra, localizado ali perto ou em frente, (com) a rua do Perusciello no meio: do 1° a rua do Perusciello; do 2° Tommaso di Giovanni de' Cocchi; do 3° os herdeiros de Gherardo Manfredi; do 4° os ditos herdeiros de Gherardo. São *staiora* 8 a corda.

4 Um pedaço de terra localizado ali perto: do 1° rua do Perusciello; do 2° *monna* Bartola de Ugo Paganelli; do 3° os herdeiros de Ciai de' Vecchiatti; do 4° os herdeiros de Guidalotto Bernotti. É *staiora* 2 a corda.

5 Um pedaço de terra localizado no dito povoado, lugar chamado Giuncheto, a estrada nova passa no meio: do 1° e do 2° a rua; do 3° Bonaiuto del Bello; do 4° Vanni del Trincia degli Avogadi. É *staiora* 2 a corda.

6 Dois pedaços de vinhas que formam um único terreno, com fossas no meio, localizado no dito lugar: do 1° a rua; do 2° os herdeiros de Giovanni Grasso; do 3° os herdeiros de Guidalotto Benotti; do 4° Neri di Benuccio de' Chiarini. É *staiora* 9 a corda.

7 Um pedaço de vinha no dito lugar: a 1° a estrada nova; do 2° os herdeiros de Nerozzo de' Chocchi; do 3° nós mesmos; do 4° os herdeiros de Nicolozzo di Giunta Arrighetti. É *staiora* 4 a corda.

8 Um pedaço de terra no dito lugar, que se junta atrás à dita vinha: do 1° nós mesmos, ou seja, a dita vinha; do 2° os herdeiros de Nerozzo de' Cocchi; do 3° o *spedale* de San Bartolo a Mugnone; do 4° Vanno del Trincia Avogadi. É *staiora* 6 a corda.

9 Um pedaço de terra, localizado no dito povoado, lugar chamado "Alla Lastra": do 1° a rua; do 2° a Piera *pinzochera*, filha do finado Vanni di Colto; do 3° do *spedale* de San Bartolo a Mugnone. É *staiora* 5 a corda.

3r

1348

10 Um pedaço de terra no dito lugar: do 1° a rua; do 2° os herdeiros de Nerozzo de' Cocchi; do 3° Bernardo di Piero Strozzi; do 4°, ainda dividido, de *monna* Giovanna, esposa do finado Sandro Bonaiuti e de Cherico e Nicolò di Gerino da Sommaia. É *staiora* 12 e *panora* 8 a corda.

11 Um pedaço de terra localizado no dito lugar: do 1° a rua; do 2° *monna* Giovanna, que foi esposa de Iacopo del Bianco; do 3° Leonardo di *messer* Giovanni degli Strozzi; do 4°



a dita *monna* Giovanna di Sandro e o dito Cherico e Nicolò, ainda não dividido. É *staiora* 8 menos *panora* 4 a corda.

12 Um pedaço de terra no dito povoado, lugar chamado “In Guzana”: do 1º nós mesmos; do 2º Leonardo di *messer* Giovanni; do 3º Bernardo di Piero Strozzi; do 4º nós mesmos. É *staiora* 7 e *panora* 4 a corda.

13 Um pedaço de terra com fossa no meio, no dito lugar: do 1º os herdeiros di Nerozzo de’ Cocchi; do 2º e 3º Bernardo di Piero Strozzi; do 4º nós mesmos. É *staiora* 14 a corda.

14 Um pedaço de terra, localizado no dito povoado, lugar chamado “Tra le vie”: do 1º rua; do 2º da igreja de San Piero a Ponti; do 3º os herdeiros de Nerozzo de’ Cocchi; do 4º a rua de Carraia e os ditos herdeiros de Nerozzo. É *staiora* 14 a corda.

15 Um pedaço de terra no dito lugar do Pinzone: do 1º rua; do 2º *monna* Piera di Nicolò Baldovini; do 3º da igreja de San Piero a Ponti; do 4º do *spedale* de San Sebbio. É *staiora* 8 a corda.

16 Um pedaço de terra, localizado no dito povoado, lugar chamado “all’Olmo”: do 1º e 2º rua; do 3º Vanni del Trincia Avogadi; do 4º os herdeiros de Palla degli Strozzi. É *staiora* 20 a corda.

17 Um pedaço de terra com fossa no meio, no dito povoado, lugar chamado “In via nuova”: do 1º rua; do 2º *monna* Lorenza, que foi mulher de Bartolo Ducci; do 3º os herdeiros de Lippo del Sagina; do 4º a dita *monna* Lorenza. É *staiora* 10 a corda.

18 Um pedaço de terra, a estrada nova no meio, no dito povoado, lugar chamado “Al colle”: do 1º os herdeiros de *ser* Bindo Aghinetti; do 2º *monna* Lorenza dita acima; e é do terceiro *monna* Piera di Nicolò Baldovini; do 4º os herdeiros de Cambio Vogliani. É *staiora* 6 a corda.

3v

1348

19 Um pedaço de terra no dito povoado, lugar chamado “Alla strada”: do 1º a estrada nova; do 2º *monna* Piera di Nicolò Baldovini; do 3º a rua de Ronco; do 3º os herdeiros de Rossello degli Strozzi. É *staiora* 4 a corda.

20 Um pedaço de terra no dito povoado, lugar chamado “in via nuova”: do 1º rua; do 2º e 3º os herdeiros de Neri di Giunta del Ciacca; do 4º os herdeiros de Guido di Simone Abrostini. É *staiora* 6 a corda.

21 Um pedaço de terra em rua nova, ou seja em Carraia: do 1° os herdeiros de Cambio Vogliani; do 2° os herdeiros de Nerozzo de' Cocchi; do 3° do *spedale* de San Piero a Ponti; do 4° os herdeiros de Palla Strozzi. É *staiora* 6 a corda.

22 Um pedaço de terra no dito lugar: do 1° os herdeiros de Guido Abrostini; do 2° da igreja de San Piero a Ponti; do 3° *monna* Ricca di Cecco Bonaiuti; do 4° os herdeiros de Cambio Vogliani. É *staiora* 2 a corda.

23 Um pedaço de caniçal, localizado no povoado de San Cresci a Campi, lugar chamado “In poggio”: do 1° rua; do 2° os herdeiros de Cugio Ghiselli; do 3° as monjas, que foram filhas de Giovannino sardo e os herdeiros de Ricco Bucelli; do 4° o rio Bisenzio. É *staiora* 2 a corda.

Vendeu-se depois para Iacopo di Stroza.

24 Um pedaço de terra, localizada no povoado de San Cresci, lugar chamado “A via di Prato”: do 1° *messer* Andrea Oricellai; do 2° Lotto di Coppolo; do 3° Filippozzo Amieri; do 4° os herdeiros de Piuvichese Brancacci, É *staiora* 4 a corda.

Soma que são no total *staiora* 194.

Aqui em seguida escreveremos as terras e os confins do *podere* de Terzano.

1 Um campo com casa para trabalhador, fornaça, forno e cabana, localizado no povoado de Santa Lucia di Terzano, lugar chamado Casalino: do 1° e 2° e 3° rua; do 4° em parte os herdeiros de Baldino Compagni e em parte dos Peruzzi e em parte *ser* Puccino di *ser* Lapo. É *staiora* 8 a grano.

2 Um pedaço de terra, que foi vinha, no dito povoado, lugar chamado “La sabbia”: do 1° fossado; do 2° rua, ou seja *chiasso*; do 3° e 4° os herdeiros de Michele Bottaccini. É *staiora* 5 a grano.

3 Um pedaço de terra no dito povoado, lugar chamado San Martino: do 1° estrada; do 2° *ser* Francesco di *ser* Palmieri; do 3° da igreja de Santa Lucia; do 4° os herdeiros de Stefaniello e os herdeiros de Baldino Compagni. É *staiora* 3 a trigo.

4r

1348

4 Um pedaço de terra no dito povoado e lugar: do 1° estrada; do 2° os herdeiros do Mazza; do 3° *ser* Francesco di *ser* Palmieri; do 4° da dita igreja de Santa Lucia. É *istaioro* 1 a grano.

5 Um pedaço de terra localizado no dito povoado, lugar chamado “Nel lato”: do 1° e 2° os herdeiros de Michele Bottacini; do 3° os herdeiros de Stefanello; do 4° como de comum acordo. *É staiora 3 a grano.*

6 Um pedaço de terra no dito povoado, lugar chamado “Al Trebbio”: do 1° rua; do 2° e do 3° os herdeiros de Michele Bottacini; do 4° dos Peruzzi. *Staiora 4½ a grano.*

7 Um pedaço de terra no dito povoado, lugar chamado Casignano; do 1° rua; do 2° os herdeiros de Baldino Compagni; do 3° fossado; do 4° os herdeiros de Michele Bottacini. Sobre, há um *casolare*. *É staiora 9 a grano.*

8 Um pedaço de terra no dito povoado, lugar chamado “Al bagno”: do 1° estrada; do 2° dos Peruzzi; do 3° *ser* Puccino di *ser* Lapo; do 4° os herdeiros de Stefanello. *É staiora 7 a grano.*

9 Um pedaço de terra no dito povoado, ou seja, no povoado das Corti, lugar chamado Poggio Ridolfi: do 1° os herdeiros de Baldino Compagni; do 2° e do 3° das senhoras do mosteiro de San Domenico; do 4° fossado. *É staiora 1 e meio a grano.*

10 Um pedaço de terra no dito lugar: do 1° dos Peruzzi; do 2° das ditas senhoras; do 3° os herdeiros de Salimbene; do 4° Niccolò Guardi. *È staiora 1 e meio a grano.*

11 Um pedaço de terra no dito lugar: do 1° dos Peruzzi; do 2° as ditas senhoras; do 3° dos Peruzzi; do 4° as ditas senhoras. *É staiora 1 e meio a grano.*

12 Um pedaço de terra no dito lugar: do 1° e 2° e 3° das ditas senhoras de San Domenico; do 4° rua. *È staiora 4 a grano.*

13 Um pedaço de terra no dito lugar: do 1° rua; do 2° e terceiro *ser* Puccino di *ser* Lapo; do 4° Francesco Rinuccini, ou seja, Niccolò Guardi. *É staiora 7 a grano.*

14 Um pedaço de terra no dito lugar: do 1° e 2° rua; do 3° e 4° dos Peruzzi. *É staiora um a grano.*

O dito *podere* de Terzano foi de Bardo Ghighi de’ Bottacini. Comprou-o Bartolino, uma metade de Alberto Girolami e outra metade da Comuna de Florença, pois o dito Bardo tinha sido declarado publicamente rebelde. Temos, de cada parte, os documentos completos.

Aqui em seguida escreveremos os confins das nossas três casas, a saber, as que estão localizadas no *popolo* de Santa Trìnita, em Porta Rossa, na Via degli Strozzi, que têm do 1° lado a rua; do 2° Goro di Iacopo degli Strozzi; do 3° Bonaccorso Compagni; do 3° *chiasso*.

Além disso, uma casa, localizada na Via del Moro, no *popolo* de San Brancazio: do 1º Via del Moro; do 2º Ghieri albergueiro; do 3º *chiasso*; do 4º os herdeiros de Simone di *messer* Gianni Tornaquinci.

Depois, após a mortalidade, vendo-nos remanescidos nos jovens, pareceu aos amigos e parentes nossos e a nós que, para bem estar e paz de nós, providenciássemos para resolver nossos interesses, ou seja, que Bernardo di Tobbia tivesse sua parte e nós, filhos de Bartolino, tivéssemos a nossa. E, em concórdia, fizemos compromisso no dia 17 de fevereiro do ano de 1349 (1350), ou seja, Bernardo di Tobbia de um lado e Leonardo por mim mesmo e prometi pelos outros meus irmãos do outro lado, junto aos sábios e sensatos homens Luigi di *messer* Andrea de' Mozi, Dato di Cante de' Bottacini, tio do dito Bernardo, e Bernardo d'Alessandro de' Sassetti, por dois meses, iniciados no dito dia e terminados no dia 17 de abril de 1350. Foram testemunhas Francesco di *ser* Guido Pucci e Ruberto di Giovanni Davanzati. Escritura por mão de *ser* Domenico di *ser* Guido Pucci de Empoli.

Depois, na quinta-feira dia 15 de abril 1350, em concórdia prolongamos o compromisso por um mês, isto é, até o dia 17 de maio de 1350, junto aos ditos árbitros; escritura por mão do dito *ser* Domenico. Prolongamo-lo, porque esperávamos Dato di Cante, que estava em Pisa, que fosse dar o laudo.

Depois disso, no dia 10 de maio de 1350, o dito Luigi de' Mozi e Bernardo Sassetti, não obstante Dato di Cante estivesse ausente, já que tinha ido para Pisa e não voltava, decidiram e sentenciaram, como foi de nossa vontade e concórdia:

5r

que Bernardo de Tobbia tivesse e fosse dele o *podere* de Terzano, com aquelas terras que o dito *podere* possui, como aqui é feita menção dos nomes e dos limites, e um dos três *casolari* que estão escritos aqui, ou seja, aquele que está ao lado de Bonaccorso Compagni, e a casa da Via del Moro, que está escrita aqui, e 254 florins de ouro, que nós tínhamos recebidos de volta do dote da Ambrogia, sua irmã e viúva de *ser* Francesco Griffoli de Catignano, que faleceram ambos pela mortalidade, que assim ele recebeu dinheiro em espécie, e que devesse receber aquela parte das *masserizie* que tínhamos então, segundo o parecer de Marco, nosso irmão.

E que Leonardo e seus irmãos e filhos de Bartolino tivessem o *podere* de Campi, como escrito aqui, e os outros dois *casolari* que estão ao lado de Goro de Iacopo degli Strozzi, e f. 125 de ouro, que nós temos no *Monte*, isto é, a receber da Comuna de Florença, e

a outra sobra das *masserizie* e toda a herança que nós pudéssemos ter da Lisa, nossa irmã e viúva de *ser* Giovanni Dini de Lanciolina. E assim sentenciaram, estando Bernardo di Tobbia e eu Leonardo presentes e de acordo. Escritura por mão do dito *ser* Domenico di *ser* Guido Pucci. Foram testemunhas nisso Tommaso e Neri, irmãos e filhos do falecido Giuntino degli Alamanni, e outros, na casa de Luigi de' Mozzi acima mencionado. E fizemos quitação geral para Bernardo e ele para nós. Temos o documento completo de todas as coisas.

Depois, frei Marco quis, e nós assim em concórdia estivemos satisfeitos, que ele tivesse a quarta parte das *masserizie*, e assim teve. E depois o dito Bernardo as vendeu para Andrea di Bartolino, no dia 24 de fevereiro de 1355. Foram avaliadas, no total, 110 f. de ouro: recebeu de Andrea f. 24 de ouro, como aparece no caderno G na tábua, no fólho 282, e de mim Leonardo recebeu f. 3 e meio.

5v

Lembrança que Lisa, nossa irmã e que foi esposa de *ser* Giovanni Dini de Lanciolina, fez testamento no dia 27 de junho do ano 1348, ou seja, depois da morte do dito seu marido, que faleceu no dia 14 do dito mês e ano; e deixou do seu dote, que era f. 300 de ouro, para nós f. 138 de ouro e para seu filho Onofrio f. 150 de ouro e para Manfredi, sobrinho do dito *ser* Giovanni, f. 10 de ouro e para *monna* Diana, sua ama, f. 2 de ouro. Escritura por mão de *ser* Piero Mazzetti de Sesto. Depois ela morreu, no dia 1 de julho do ano de 1348.

---

Lembrança que eu Leonardo aluguei de *monna* Margherita, que foi esposa de Domenico di Ugo Vecchietti, uma casa localizada no *popolo* de San Donato de' Vecchietti, pelo preço de f. 10 de ouro por ano, começa o ano no dia 1 de outubro de 1348; à qual (está) do 1º lado a rua, do 2º a dita *monna* Margherita, do 3º a pracinha dos Lupini, do 4º Michele di Daniello Paganelli. Das quatro partes do aluguel, ela devia receber três e a outra a Companhia d'Orto San Michele. Escritura por mão de *ser* Michele di *ser* Tenha de Castelfiorentino. Paguei-a pelo tempo que eu a tive dela, e fez-me quitação. Escritura por mão do dito notário.

Depois a tomei em locação novamente de Tommaso di Rossello degli Strozzi, tutor dos filhos de Domenico Vecchietti. Escritura por mão do dito *ser* Michele. E paguei-o por aquele tempo que eu a tive, e deixei-a no primeiro dia de novembro de 1350. No dia 2 de abril de 1351 fez-me quitação. Escritura por mão do dito *ser* Michele.

1348

Lembrança que, no dia 12 de dezembro do ano 1348, eu Leonardo assumi a tutela de Onofrio, que foi filho de *ser* Giovanni Dini de Lanciolina, na presença de *messer* Nicola Lapi, juiz. Escritura por mão de *ser* Piero Pucci de Capraia, e temos o documento completo disso.

Tenho o documento de quitação pelo dito Nofrio, como aparece para a frente no fólio 51.

---

Lembrança que, em 1348, no mês de agosto, Filippo di Cionetto Bastari, Neri Fioravanti, *maestro*, Iacopo di Andrea Ghinetti e Francesco di Neri Guadagni, síndicos dos credores de Domenico di *ser* Vanni, *tavolieri*, com o qual eu Leonardo estivera como feitor, me elegeram seu *camarlingo* por f. 6 de ouro por mês: e respondi pessoalmente para eles da conta que eu tinha mantido anteriormente na tábola com o dito Domenico, já que eu tinha ficado com ele do dia 5 de novembro de 1343 até o dia 6 de junho de 1348, pois neste dia faleceu o dito Domenico. Deus tenha sua alma. E permaneci com os ditos síndicos por um ano. E em seguida, depois deles foram feitos síndicos dos ditos credores Neri Fioravanti sobredito, Sandro de Simone de Quarata, Domenico di Donato Bandini e Albizzo di Tuccio Rigaletti: os quais síndicos me elegeram seu *camarlingo* e fiz bem e inteiramente o meu ofício e prestei contas a eles, bem e inteiramente, de todo dinheiro e de todas as coisas que vieram em minhas mãos em razão de dito ofício. Por esse motivo eles, no dia 15 de abril de 1350, examinadas inteiramente minhas escritas contábeis, me fizeram quitação e me liberaram do tempo que eu estivera seu *camarlingo* e até do ofício de *camarlingo* no tempo dos sobreditos síndicos, que estiveram antes deles. Escritura por mão de *ser* Filippo di *ser* Albizzo Verduce, seu notário: e tenho o documento completo disso.

E ainda o dito Domenico di *ser* Vanni, meu maestro, na sua morte, quando fez testamento, me fez quitação de todo o tempo que eu estivera com ele na *tavola*. Escritura por mão de *ser* Matteo di Vanni de Lonciano.

Ainda, os mencionados síndicos de Domenico di *ser* Vanni, no dito dia no qual me liberaram e na dita providência e no expirar de seu ofício, me deixaram em depósito uma

certa quantidade de dinheiro, que eu devia distribuir entre os credores, conforme lhes cabia: desse dinheiro, reparti entre eles e paguei bastante aos ditos credores, como está contido no livro dos referidos síndicos, livro que eu tenho junto a mim e está escrito pela minha mão. Depois, nesse interim, foi feita pela Comuna uma reforma, que cada *camarlingo* destes sindicatos devia colocar toda quantidade de dinheiro, que ele tivesse por causa do seu ofício, em um *cassone* de Santa Croce, destinado para essa finalidade pela Comuna: os *Priori* tinham uma chave, uma outra o oficial da *Mercanzia* e uma outra os frades de Santa Croce.

Pela qual coisa, no dia 14 de janeiro de 1350 (1351), na presença de frei Lorenzo, sacristão de Santa Croce, e de três dos cinco da *Mercanzia* e de frei Berto, *camarlingo* da *Camera dell'Arme* do Palácio dos *Priori*, coloquei no dito *cassone* de Santa Croce f. 95 de ouro. Escritura por mão de *ser* Bartolomeo de Rignano.

E no dia 21 de janeiro de 1350 (1351) coloquei novamente no dito *cassone*, na dita maneira, escritura por mão do dito *ser* Bartolomeo, f. 28 de ouro pelo resto do dinheiro que me tinha sobrado por causa do dito ofício, como aparece no dito livro dos síndicos, no fôlio 133.

E depois dessas coisas prestei as contas disso ao juiz da razão, e tenho um documento de liberação, por mão do notário do dito juiz da razão.

7r

1349

Lembrança que, no dia \*\*\* de dezembro de 1349, Bernardo di Alessandro Sassetti comprou de Pinvecio di Sinibaldo Sassetti, — e fez com que o documento dissesse que fui eu Leonardo — a metade do forno chamado o forno de Borghese, localizado no *popolo* de San Piero Bonconsiglio, ou seja, San Miniato tra le Torri. Escritura por mão de *ser* Piero Mazzetti de Sesto: mas, na verdade, ele é seu.

Depois, no dia 20 de dezembro do dito ano, aluguei para Manetto forneiro o referido meio forno, a pedido do dito Bernardo. Escritura por mão de *ser* Benedetto Tempi de Castelfiorentino.

No dia 21 de dezembro de 1349 Bernardo Sassetti e irmãos quiseram me fazer um documento, e fizeram para sua defesa e sua cautela, da sua casa, situada entre os ferros-velhos, no *popolo* de San Piero Bonconsiglio: isto é, que Paolo d'Alessandro foi o vendedor e vendeu-me pelo preço de f. 400 de ouro, e o sobredito Bernardo foi fiador. Escritura por mão de *ser* Bernardo Compagni de Lonciano. E o dito Bernardo pagou a *gabella* do contrato que

se combinou com os *gabellieri*. E aluguei-a para eles por um ano por f. 30 de ouro por ano. Escritura por mão do dito *ser* Bernardo: mas, na verdade, ela é deles e não é minha.

Também, no dia 8 de março de 1349 (1350), comprei pelo preço de 225 florins de ouro, para os ditos filhos de Alessandro Sasseti, de Niccolò di Marco dell'Asino, por sua conta, uma casa situada no *popolo* de San Donato de' Vecchietti, à qual está do 1º (lado) a rua, do 2º Domenico Guidalotti, ou seja, *messer* Zatino Peroni de Genova, do 3º é dos ditos filhos de Alessandro Sasseti, do 4º é dos Squarcialupi. Escritura por mão de *ser* Piero Mazzetti de Sesto. Eu Leonardo paguei, então, o dinheiro do meu próprio e eles depois me devolveram, e assim a dita casa é deles. E, no dia 2 de abril de 1350, paguei a *gabella* do contrato: paguei f. 11 de ouro 5 s. a ouro, uma metade do dinheiro do vendedor, que a retive dele, e a outra metade do comprador.

7v

1349

Lembrança que eu Leonardo pus Uberto di Bartolino a estar com Domenico di Pagno di Tieri, no dia 1 de outubro de 1349; depois, em 21 de outubro de 1349, mandou-o a estar em Fermo nas Marcas em um seu *fondaco* de recortes de panos. Permaneceu com ele por um ano e ele o pagou em razão de f. 16 de ouro por ano.

E no dia 7 de outubro de 1350 passou a estar, na mesma terra, com Francesco di Ricco Biliotti: não fez pactos com ele.

---

Lembrança que, no dia 15 de outubro de 1348, eu Leonardo abri um banco para mim, na *tavola* que Domenico di *ser* Vanni tinha, onde eu estava por ele, e era, a referida tábola, ainda alugada do dito Domenico, isto é, paga para ele até as Calendas de novembro de 1348 e, vencido o dito prazo, a tomei em locação de Domenico e Francesco di *messer* Ciampolo de' Cavalcanti, pelo preço de f. 25 por ano.

Em seguida, associei-me na dita tábola a Luigi de' Mozzi e, por sua vontade, ele quis que a escritura dissesse “Leonardo Bartolini e Tommaso di Luigi” que é seu segundo filho, e meteu na dita companhia f. 600 de ouro e eu meti f. 200 de ouro, e (decidimos que) partíssemos pela metade. E a dita companhia começou no dia 1 de abril de 1349.

Depois, no dia 1 de janeiro de 1356 (1357), por vontade do dito Luigi e consentimento do dito Tommaso, mudamos a companhia de Tommaso predito em Giovanni di Luigi, seu filho maior.



Depois, no dia 2 de fevereiro de 1359 (1360), ratifiquei a dita companhia com o referido Giovanni, já que no dia 5 de novembro de 1359 faleceu o dito Luigi, ao qual Deus dê paz, que grande perda foi a dele. E o dito Giovanni meteu f. mil de ouro e eu Leonardo f. duzentos, e devemos partir pela metade da maneira que fazíamos antes. E costumamos rever sempre nossa razão nas festas de Páscoa de Natal, ou seja, no primeiro dia de janeiro: e, então, partíamos o ganho do ano todo e púnhamos à razão de cada um sua metade, como aparece pelos nossos livros de minha própria mão. E a mencionada companhia durou, de mim para eles no dito modo, desde o dia 1 de abril de 1349 até o dia 1 de junho de 1362, e nunca tivemos discórdia juntos, aliás, sempre grandíssima concórdia. Louvado seja Deus e a Mãe. E neste tempo fizemos doze cadernos longos, marcados de A até o M, e fizemos no início um livro Bianco quadrado, onde escrevemos o *corpo*.

8r

1350

Lembrança que, no dia 29 de julho de 1350, eu Leonardo, na qualidade de tutor de Onofrio, pupilo e filho de *ser* Giovanni di Lanciolina, fiz um compromisso com os filhos de *ser* Grimaldo di Lanciolina, primos do dito Onofrio, porque tinham tirado e roubado a casa com as *masserizie* que eram do dito Onofrio, e entraram nela um dia, quando era fechada sob minha responsabilidade. E falaram que a casa era deles, e queriam as *masserizie* pelo aluguel do tempo que *ser* Giovanni, pai do dito Onofrio, estivera dentro dela. É verdade que eles tinham um documento, que foi falso, que *ser* Giovanni doara-a para eles, para sua defesa, e estou muito certo que existiu um documento contrário disso, mas não o encontrei, nem soube nem encontrei alguma memória nos livros de *ser* Giovanni, e assim por isso pedi-lhes compromisso; e chamamos árbitros, isto é, Schiattino del Bene Uccella, que chamaram pela sua parte, e eu chamei pela minha parte Bernardo d'Alessandro Sassetti, e como terceiro chamamos, em concórdia, Filippo di Recco del Cappone, pelo tempo e prazo de um mês, durante o compromisso, até o fim do dia 29 de agosto do dito ano; escritura por mão de *ser* Bartolo Nevaldini.

Daí, no dia 29 de agosto de 1350, o dito Schiattino del Bene e o dito Bernardo d'Alessandro, ainda que Filippo di Recco fosse ausente, aprovaram e sentenciaram que a mencionada casa fosse de Onofrio, mas que os ditos filhos de *ser* Grimaldo pudessem habitá-la por um ano a começar do primeiro dia de outubro de 1350, e que dentro de 15 dias a começar do dia da dita sentença devessem devolver e restituir as *masserizie*, e que Onofrio, ou

seu tutor, não pudessem vender nem alienar a dita casa até que tivesse a idade de 18 anos. Temos os documentos completos do compromisso e da sentença, por mão de *ser* Bartolo Nevaldini de Barberino.

8v

1350

Lembrança que, no dia 9 de setembro de 1350, eu Leonardo coloquei Salvestro de Bartolino no *fondaco* de Niccolò e Martino Guardi, *speziali grossi*<sup>208</sup>, e não fizemos pactos com eles de salário.

Em seguida, no dia 31 de dezembro do referido ano, os ditos seus mestres enviaram-no para Perugia para ficar em um *fondaco* deles, e foi com Bernardo Dolcebene, que ia ele também para Perugia para seus negócios.

Depois, no dia 15 de março do dito ano (1351), voltou de Perugia e chegou em Florença por vontade de seus mestres e enviaram-no para Genova e partiu de Florença no dia 17 de março do dito ano.

9r

1351

Lembrança que, no dia 2 de abril de 1351, eu Leonardo vendi, pelo preço de f. vinte e três e meio de ouro, para Iacopo di Stroza del Rosso degli Strozzi, um pedaço de canavial, localizado no povoado de San Cresci, paróquia de Campi, e era de dois *staiora* e confinante como escrito aqui nas terras de Campi, marcado 23 a página 4. A *gabella* da nossa parte custou f. um e meio de ouro. O documento falou f. vinte de ouro; eu assumi o compromisso pelos outros meus irmãos e Bernardo di Tobbia foi meu fiador. Escritura por mão de *ser* Michele di *ser* Tegna de Castelfiorentino,

Lembrança que, no dia 23 de maio de 1351, eu Leonardo, enquanto tutor de Onofrio di *ser* Giovanni, aluguei a Iacopo di Ciandro degli Aglioni o *podere* de San Chirico a Legnaia, com as casas e as terras que o dito *podere* possui, por dois anos, pelo preço de lb. 72 pi. por ano, iniciando o ano no dia 1 de novembro de 1351: deve dar a metade do aluguel do ano no dia 1 de agosto próximo, e a outra metade no ano novo, E fizemos pactos com ele, e assim diz

---

<sup>208</sup> Refere-se aos grossistas, ou atacadistas, que vendiam as matérias primas aos especieiros, ou boticários, que produziam os medicamentos.

o documento, que não deva ter lá uma taberna, e nem jogo de azar, e nos apresentou como fiador, para todas as coisas supraditas, Andrea del Benino Neldi, irmão de Francesco del Benino, Escritura por mão de *ser* Bartolomeo di Lapo Forese.

Deu-nos, no dia 17 de setembro de 1352: recebi em duas vezes, como está registrado na *tavola* no caderno D à página 79, à minha razão, lb. quarenta pi.<sup>209</sup>

lb. 40 pi.

Deu-nos, no dia 23 de novembro de 1352: recebi em espécie, como está registrado à minha razão *alla tavola* no caderno D à página 149, lb. quinze pi.

lb. 15 pi.

Deu-nos, no dia 11 janeiro de 1352 (1353) recebi em espécie, como está registrado à minha razão no dito caderno à página 202, lb. quinze pi.

lb. 15 pi.

Deu-nos, no dia 3 de setembro de 1353, como está registrado à minha razão no caderno E à página 104 *alla tavola*, lb. vinte pi.

lb. 20 pi.

Deu-nos, no dia 26 de setembro '353, como está registrado no dito caderno às ditas páginas, lb. vinte pi.

lb. 20 pi.

Deu-nos: recebi em várias vezes, em espécie lb. trinta e quatro pi.

lb. 34 pi.

Total lb. 144 pi.

De modo que fui pago, dessa razão, inteiramente. Fiz a quitação disso para ele no dia 17 de dezembro de 1359, Escritura por *ser* Bartolomeo di Lapo Forese.

10v

1351

Lembrança que, no dia 9 de junho, Bernardo di Tobbia Salimbeni vendeu para Sandro di Cione, padeiro, que recebia por conta de *monna* Bruna \*\*\* *pinzocchera*, a casa de Via de Moro, escrita aqui à página 5, que lhe coube em parte entre as outras coisas, pelo preço de f. 40 de ouro líquidos, e eu Leonardo fui fiador nisso. Foram testemunhas disso Doffo di

---

<sup>209</sup> Existiam, em Florença, dois tipos de moedas: a de ouro, o *fiorino*, e a de prata ou *piccola* (pi.), que compreendia várias peças de diferentes valores: *lire*, *soldi* e *denari*. (PINTO, 1978, p. 48)

Pierozzo Sassetti e Domenico di Lippo, mediador do *Cambio*. Escritura por mão de *ser* Maso Nelli di Parione.

---

A Comuna de Florença deve dar, no dia 28 de setembro de 1351, lb. 7, s. 2 e d. 8, pela *sega* que se fez aos cidadãos. Pagou-se por dois meses, pois que nos foi calculado d. 32 por dia, por um total de 61 dias.

lb. 8 s. 2 d. 8 pi.

E deve dar, no dia 14 de março de 1351 (1352): pagamos para Paolo di Gherardo Davizi, *camarlingo*, da avaliação que se fez, que fomos notificados em lb. 30. Pagou-se a s, 10 por lb., lb. quinze. Foi notário nisso *ser* Paolo Nemi. A nota dizia: “Leonardo di Bartolino e Bernardo di Tobia Salimbeni”.

lb. 15

E deve dar, no dia 20 de junho de 1352: pagamos lb. quinze, que se pagou também a s. 10 por lb.

lb. 15 pi.

Essa despesa necessitou à Comuna por causa que o Arcebispo senhor de Milão<sup>210</sup> nos fez guerra, e nos enviou muita gente em nosso território, e teve pouca honra, já que não conseguiu a posse de nada. E permaneceu vários meses no assédio à Scarperia, e antes viera da Sambuca, e de lá veio para perto de Pistoia, e de Pistoia a Campi, e de Campi a Peretola, e finalmente perto das portas de Prato. E depois foi embora pela Val di Marina até a Scarperia; aí pôs o assédio e não conseguiu nada, e depois foi embora.

Nos deram em vários pagamentos lb. 38, s.2 e d. 8, de modo que fomos pagos inteiramente em 10 pagamentos.

lb, 38 s. 2 d. 8 pi.

11v

Dia 1 de novembro de 1350

Lembrança que eu Leonardo, com os meus irmãos, voltamos a morar de aluguel na casa de Bernardo d’Alessandro Sassetti e dos irmãos, que eu comprei para eles de Niccolò di Marco dell’Asino, que está localizada no *popolo* de San Donato de’ Vacchietti, como está

---

<sup>210</sup> Trata-se do arcebispo Giovanni Visconti, senhor de Milão entre os anos de 1349 e 1354.

escrito aqui no fólho 7. Devo dar-lhes disso f. 10 de ouro por ano. O ano começa este dia acima.

Receberam f. 10 de ouro, no dia 16 de agosto de 1351, pelo aluguel de um ano, findado no dia 1 de novembro de 1351, como aparece na *tavola*, no caderno C no fólho 118.

f. 10 de ouro

Estivemos lá até o dia primeiro de novembro de 1358, quando voltamos a estar em Porta Rossa, nas nossas casas; e pagamos-lhes pelo aluguel inteiramente.

12v

1352

Lembrança que, no dia 4 de novembro de 1352, eu Leonardo tomei em locação de Tommaso di Rossello degli Strozzi a casa dos filhos de Domenico Vecchietti, situada no popolo de San Donato de' Vecchietti, à qual está do 1º lado a rua, do 2º o dito filho de Domenico, do 3º a pracinha dos Lupini, do 4º Michele di Daniello, ou seja, as três partes da mencionada casa, a outra parte era da Companhia do Orto San Michele; (alugamo) pelo preço de f. 8 por ano as três partes por um ano, iniciado no dia 1 de novembro de 1352. Escritura por mão de *ser* Michele di *ser* Tegna de Castelfiorentino.

Tivemo-la por um ano e não a habitamos, e pagamo-lo e fizemos a quitação disso com ele. Escritura por mão de *ser* Michele.

---

Lembrança que eu Leonardo tomei por esposa a Giannetta, que foi filha de Rinieri di Lapo Chiarini, e a levei para casa no sábado, dia 19 de janeiro do ano 1352 (1353), com o nome de Deus e de boa ventura, possa ser e seja. E devo receber de dote f. 400 de ouro; e neste dia, na manhã em que eu a levei, dei-lhe o anel. Escritura por mão de *ser* Maso Nelli de Parione.

Dos ditos f. 400 de dote que devo haver, deu-me 56 *staiora* de terra, localizada no *popolo* da *Pieve* a Settimo, com os seguintes confins:

Um pedaço de terra, em parte semeável e em parte vinhedo, com em cima canavial e arvores frutíferas e não frutíferas, com fossas no meio, situado no *popolo* da *pieve* a Settimo, lugar chamado “a Corticelle”: a 1º a estrada, a 2º Piero e Benci di Feo, a 3º a rua, a 4º em parte a *Parte Guelfa* de Florença e em parte os herdeiros de Mannello Guidetti. É 41 *staiora* e \*\*\* *panora*.

Igualmente, um pedaço de terra arável, situado no dito *popolo* e lugar lá em frente: a 1º a estrada, a 2º a rua, a 3º os ditos herdeiros de Manello, a 4º os herdeiros de Micuccio Bonamichi. É 14 *staiora* e \*\*\* *panora*. E a dita terra foi-me avaliada, em concórdia entre as partes, em trezentos e trinta florins de ouro. E Andrea di Bartolino, enquanto procurador da Giannetta, tomou-a por cautela, com aquelas razões e cautelas que nisso eram necessárias, em concórdia entre as partes, por validade do testamento de Rinieri, seu pai que

13r (1 -22)

deixou-lhe quatrocentos florins de ouro para a sua dote. Escritura por mão de *ser* Maso Nelli, e temo-la inteira. E o dito *ser* Maso deferiu a mencionada sentença no Paço e temos os documentos completos de toda a sentença, publicada por mão de *ser* Falcone di *ser* Giovanni.

E pelo restante do referido dote, isto é, 70 florins de ouro, Neri Carini, pagante por Giovanni di Rinieri, deu-me em uma roupa não acabada, forrada de *endesia*, que ela trouxe, e em *masserizie*: e assim, no total, recebi quatrocentos florins de ouro.

E, no dia 1º de setembro de 1354, eu Leonardo, Tobia, Andrea, Uberto e Salvestro declaramos ter recebido o referido dote, ou seja, da Giannetta o sobredito *podere* e de Neri de Benuccio Carini, pagante por Giovanni di Rinieri Carini, irmão da dita Giannetta, setenta florins de ouro em *masserizie*. Escritura por mão de *ser* Maso Nelli de Parione.

E no dia 15 de setembro de 1354 paguei o imposto do referido dote, dez florins de ouro, para Biagio di Giovanni degli Scali, *vice-camarlingo* de \*\*\*

No dia 19 de julho de 1374, que foi uma quarta-feira, a dita Giannetta ficou doente pela maldita mortalidade e na terça-feira sucessiva, no dia 25 de julho, dia de Santo Iacopo, o nosso Senhor Jesus Cristo chamou-a a si. Louvado e agradecido seja Ele de todas suas deliberações. E sepultamo-la em Santa Trinita em nosso sepulcro. Nosso Senhor Deus e sua Madre, virgem Maria, façam-lhe verdadeira misericórdia para sua alma. E antes, de manhã, pariu uma criança de sexo masculino de seis meses e faleceu e teve o nome de Giovanni.<sup>211</sup>

14v

1354

---

<sup>211</sup> A criança foi batizada.

Lembrança que no dia 9 de abril, foi na Quarta-feira Santa, que seja de boa sorte, por volta do meio dia nasceu a Lisa, minha filha. Tornaram-na cristã Giovannozzo Rinaldi, Trincia di Caccialoste Trincianelli e Billicozzo di Geri Gondi. Deus a faça boa.

Chamou-a para si nosso Senhor Deus, no dia 13 de julho de 1363, pela maldita mortalidade. Louvado seja sempre Deus por aquilo que nos faz.

Demos para amamentar a dita Lisa, no dia 15 de abril de 1354, para *monna* Mingarda, esposa de Benedetto, denominado Cuoio, do *popolo* de San Michele a Nezano, de Santa Maria em Pianeta. Há de receber, por mês, lb. 3 pi. e as outras coisas. Devolveu-a para nós, no dia 31 de janeiro de 1354: esteve com ela por 8 meses e meio. Há de receber, no total, lb. 28 e s. 10 pi.

E demo-la para amamentar, neste dia, para *monna* Nicolosa, como se lê aqui em baixo.

Demos para a dita *monna* Mingarda, no dia 15 de abril do dito ano, em sua mão, lb. três pi.

lb 3 pi

Demos-lhe, no dia 10 de junho, em sua mão.

lb. 6 pi.

Demos-lhe, no dia 11 de outubro do dito ano, e levou-lhe-as seu vizinho Fulcieri, lb. doze pi.

lb. 12 pi.

Pagamo-la: na verdade, não foi paga inteiramente, pelo motivo de que ela deu o leite grávida, por bem cinco meses, e antes a tínhamos avisada para que não o fizesse.

Demos para amamentar a dita Lisa, no dia 31 de janeiro de 1354 (1355) para *monna* Nicolosa, esposa de Liso de Santa Margherita a Montisci. Há de receber, por mês, f. 1 de ouro, sem nenhuma outra coisa.

Demos para a dita *monna* Nicolosa, no dia 28 de fevereiro, f. 1 de ouro.

Demos para a dita *monna* Nicolosa, no dia 29 de março, f. 1 de ouro.

No dia 31 de março de 1355, demos para amamentar a dita Lisa para *monna* Drusa, esposa de Cecco, do *popolo* de San Michele a Nezano. Há de receber, por mês, lb. 3.

Esteve com ela por 7 meses, isto é, até o dia primeiro de dezembro de 1355. Pagamo-la até este dia, e desmamamo-la.

1354

Lembrança que, por faltas de Salvestro — e deixamos estar de mencionar as razões —, nós irmãos nos acordamos em dividir. No nome de Deus possa ser e seja, com acrescimento de haver e de pessoas, com salvação da alma e do corpo, amém

E no dia 27 de agosto de 1354 Leonardo, Tobbia, Andrea, Uberto e Salvestro — e prometemos por frei Marco, nosso irmão, que estava em Paris —, fizemos o compromisso junto aos sábios e sensatos homens Bernardo d'Alessandro Sassetti, Zanobi del Benino e Bernardo di Tobbia Salimbeni. Escritura por mão de *ser* Lodovico Giovanni degli Statuti, que está atrás de San Romeo, perto da casa dos Peruzzi.

E no dia 31 de agosto do mesmo ano, estando todos nós em concórdia e todos nós presentes, exceto Salvestro, que tinha ido se divertir, os ditos árbitros sentenciaram e aprovaram que Leonardo predito tivesse um *podere*, que eu comprei em Campi, isto é, uma casa, *capanna* e eira e terra, com outras árvores frutíferas e não frutíferas, situado no *popolo* de San Piero a Ponti, lugar chamado “ao Santo”, que tem confins conforme consta na compra que eu fiz, (descrita) acima no fólio 10. Também, me deram dois pedaços do patrimônio: esses dois pedaços de terra são marcados acima, nos fólios 2, 10 e 11. (Somam) 20 *staiora* e 4 *panora*, pois que um é de 12 *staiora* e 7 *panora*, posto no dito *popolo* e lugar: aos quais (estão) do primeiro (lado) a rua, do segundo o referido *podere*, do terceiro Bernardo di Piero Strozzi, do quarto Nicolaio di Nerozzo de' Cocchi; o outro é de 7 *staiora* e 8 *panora*, posto no dito lugar; do primeiro a rua, do segundo o pedaço de 8 *staiora* do referido *podere*, do terceiro nós mesmos, do quarto *monna* Giovanna di Iacopo del Bianco.

Também, todas as *masserizie* que eu comprei da mortalidade para cá e, além dessas, algumas *masserizie* velhas comuns: uma cama e uma *cassapanca* de duas tampas de 5 braços e um cofre para guardar dinheiro e uma *sargia* xadrez azul clara e dois toneis.

Também, estando todos nós de acordo, aprovaram que um pedaço de terra no dito *popolo*, lugar chamado “ao Olmo”, que é de 20 *staiora a corda*, ao qual do primeiro e segundo lado tem a rua, do terceiro Vanni del Trincia Avogadi, do quarto os herdeiros de Palla di *messer* Iacopo Strozzi, marcado 16 acima no fólio 2, fosse de frei Marco durante sua vida e depois de sua morte fosse de nós ou de nossos herdeiros. Pedimos para dizer assim para que não fosse vinculado aos frades do Carmine, mas nossa intenção é que possa dispor disso conforme sua vontade.



Depois disso, estando todos nós concordes, aprovaram que Tobbia, Andrea, Uberto e Salvestro tivessem, sem dividir, todo o outro *podere* de Campi, com as casas e o terreno, que é no total cerca de 154 *staiora a corda*: os pedaços dele são marcados acima, no fôlio 4, assim: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24. Também dois *casolari*, localizados no *popolo* de Santa Trinita, na rua que é chamada “degli Strozzi”, aos quais tem do 1º lado a rua, do 2º Goro di Iacopo degli Strozzi, do 3º o *chiasso*, do 4º Bernardo di Tobbia. Também, as três partes, das quatro, de todas as *masserizie* que tínhamos antes da mortalidade, salvo as que deram para mim, como se contem na minha parte; a outra quarta parte é de Bernardo de Tobbia. Também, 125 florins de ouro no *Monte*, isto é, na Comuna de Florença.

Como se pode ver, eu Leonardo tive uma parte maior do terreno do que era justo que me fosse devido. O motivo foi que então tínhamos uma dívida por volta de 200 florins de ouro e estivemos de acordo que toda dívida e bem móvel que nós tivéssemos, fosse meu. Não queremos que os árbitros viessem a saber isto nos nossos feitos, mesmo porque eu tinha ganho aquele *podere*, que eu tinha comprado com o meu próprio ganho e pela minha indústria e cansaço, e além disso tinha ganho e colocado na casa várias centenas de florins de ouro. Nossos feitos necessários, dos quais, grosso modo, posso mencionar alguma quantidade, ou seja: paguei por dívidas de Benedetto, nosso irmão, que morreu pela mortalidade; depois da mortalidade, gastei 50 e mais florins de ouro nas casas de Campi; depois da mortalidade, dei 60 florins de ouro e mais para frei Marco, em muitas vezes; da mortalidade para cá, paguei para Andrea cerca de f. 50 de ouro, quando voltou da Inglaterra, que trouxe uma dívida em volta de f. 80 de ouro. E gastei mais outro dinheiro, do qual não faço menção, e nenhum dos irmãos, até este tempo, nunca ganhou um dinheiro, salvo Uberto, que juntou cerca de f. 40 de ouro, enquanto esteve em Fermo nas Marcas, dinheiro que recebeu além da sua parte. Além disso, eu Leonardo tinha esposa e uma menina, de modo que se exigia de mim um gasto maior que dos outros; e como se pode ver, do nosso patrimônio não tive outra coisa senão 20 *staiora* de terra e aquelas poucas *masserizie* velhas. Mas louvado seja Deus, pois disto fomos todos em concórdia e todos contentes. Eu quis, antes, menos do que me convinha, de modo que ninguém pudesse ou quisesse se queixar de mim ou que eu pudesse receber alguma crítica.

1354

Para que, se precisasse debater e encontrar soluções nos casos que podem advir — Deus nos guarde dos maus —, Tobbia, Andrea, Uberto e Salvestro fizeram, no dia 1 de setembro de 1354, um compromisso geral em mim, da duração de seis anos. Escritura por mão de *ser* Bartolomeo di Lapo del Forese.

---

Lembrança que, no dia 2 de setembro de 1354, Uberto partiu de Florença e foi para Orvieto, por Francesco de' Ricco Biliotti. Com bem e acréscimo dele, possa ser e seja.

---

Palmieri di Geri degli Spini deve-me dar, no dia 3 de setembro de 1354, pois emprestei-lhe f. 100 de ouro, dos quais fez escritura, a meu pedido, para Tommaso d'Alessandro Sassetti de 6 pedaços de terra com fossas no meio, todos juntos: são cerca de 28 *staiora*. Foram afiançadores nisso Giovanni di Geri, seu irmão, Giovanni di Cipriano de' Tornaquinci e Filippo di Simone di Guccio degli Spini. Deram sua palavra *monna* Margherita, esposa do dito Giovanni di Geri, e *monna* Gemma, esposa do dito Giovanni di Cipriano e irmã do dito Palmieri. Escritura por mão de *ser* Bartolomeo di Lapo del Forese. Dei-lhe o dito dinheiro no banco, como está escrito no caderno longo do F, no fôlio 42.

f. 100 de ouro

E deve dar, pelo presente que nos quis doar pelo tempo desse dinheiro, até o dia 16 de junho de 1358, f. 39 de ouro.

Soma f. 139 de ouro

E neste dia, o dito Tommaso, a meu pedido, alugou para o mencionado Palmieri a dita terra por dois anos. Deve dar por isso, todos os anos no primeiro dia de agosto, f. 12 e meio de ouro. Foram afiançadores disso os mencionados fiadores acima. Escritura por mão do dito *ser* Bartolomeo.

E, no dia 30 de setembro de 1354, paguei a *gabella* dos contratos, isto é, f. 5 de ouro, do dinheiro do dito Palmieri.

A dita terra é localizada no *popolo* de San Piero a Ponti, lugar chamado “al Colle”, à qual está do 1º lado a rua nova, do 2º e do 3º a rua, do 4º o dito.

Deu, no dia 28 de setembro de 1357, como aparece no caderno do H no fôlio 342,

f. 30 de ouro

Deu, no dia 23 de dezembro do dito ano, como aparece no dito lugar,

f. 14 de ouro

Deu, no dia 23 de janeiro de 1357, com aparece à minha razão no caderno do H no fólho 378, que Tommaso Sassetti nos deu por ele, f. sessenta e cinco de ouro,

f. 65 de ouro

Tommaso Sassetti deu por ele, no dia 16 de junho de 1358, como aparece à minha razão no caderno do I no fólho 191 na *tavola*, f. onze de ouro,

f. 11 de ouro

Neste dia, Tommaso Sassetti deu por ele, como aparece no dito lugar,

f. 8 de ouro

Soma f. 139 de ouro

17r

1354

Salvestro di Bartolino, meu irmão, deve dar, emprestei-lhe em dinheiro f. vinte e cinco de ouro, como aparece à sua razão na *távola* no caderno do F, no fólho 50, e postos à minha razão no dito caderno, no folio 45. Foi quando ele foi a Paris, para suas despesas.

f. 25 de ouro

E deve dar, no dia 3 de janeiro de 1354, por ele a Tedaldino de' Ricci e companheiros, f. 11 de ouro s. 4 d. 6 ff., que os enviamos a ele por câmbio em Avignon, e de Avignon a Paris, como aparece à minha razão na *tavola*, no caderno do F no fólho 12,

f. 11 de ouro s. 4 d. 6 ff.

E deve dar, no dia 6 de fevereiro de 1354 (1355), por ele a Carlo Strozza, f. dois e meio de ouro, que Tommaso di Marco emprestara-os para ele em Fiandra,

f. 2 de ouro s. 14 d. 6 ff.

E deve dar, no dia 18 de abril de 1355, por ale a Lamberto, *calzaiuolo*, pelo resto de suas *calze*, s. 20 d. 2 ff.

f. 20 d. 2 ff.

Deu, pela sua parte da colheita do ano de 1354, quando nos dividimos, f. 10 de ouro,

f. 10 de ouro

Deu, sua pela quarta parte de f. 125 do dinheiro do *Monte*, que comprei dele, f. 8 de ouro,

f. 8 de ouro

Deu, pela sua quarta parte das *masserizie*, que foram avaliadas em f. 110 de ouro. Para Bernardo coube a quarta parte, que montava a f. 27 e meio de ouro: restaram f. 72 e meio de ouro. Cabe-lhe disso f. 20 de ouro s. 18 d. 3 ff., que as comprei dele.

f. 20 de ouro s. 18 d. 4 ff.

20v (23-30)

1356

Lembrança que, no dia 14 de maio de 1356, eu Leonardo aluguei para Francesco e Piero di Guido di Neri de' Renzelli de Campi, que moram no *popolo* de Sant'Angelo a Legnaia, um palácio com pátio cercado de muros e poço e jardim, localizado no *popolo* de San Chirico a Legnaia, por f. 2 de ouro daqui até as calendas de novembro de 1356, e por f. 6 de ouro por dois anos a partir do dito dia. Escritura por mão de *ser* Nello Ghetti, notário dos *Speziali*.

21r

1361

Lembrança que, no dia 16 de maio de 1356, em meu próprio nome, dei em locação para Romolo di Neruccio, do *popolo* de San Chirico a Legnaia, 57 *staiora* de terra em cinco pedaços, situada no dito *popolo*. Deve dar, todo ano, quatro *moggia* e doze *staia* de trigo comum e um par de capões e dez dúzias de ovos, iniciando o ano nas Calendas de agosto de 1357. Alugamo-lhe-as por cinco anos: deve levar todas as coisas para Florença, com o transporte por sua conta e o imposto por minha.

Escritura por mão de *ser* Bartolomeo di Lapo del Forese.

Fui mal pago e com meu prejuízo, porque fiz-lhe condições pesadas demais.<sup>212</sup>

21v

1356

Lembrança que eu Leonardo, no dia 21 de setembro de 1356, comprei de Andrea di Cappone di Recco de' Capponi, três das quatro partes de uma casa, localizada na rua de Porta

---

<sup>212</sup> PINTO, 1982, nota 78 p. 174

Rossa, no *popolo* de Santa Trinita, à qual está do 1º lado a rua de Porta Rossa, do 2º o *maestro* Niccolò dell'Ossa<sup>213</sup>, do 3º eu Leonardo, do 4º o *chiasso*. E Bartolomeo, seu irmão, consentiu à dita venda e prometeu fazer consentir a isso Bonaccorso, seu irmão, e de fazer dar a palavra a *monna* Filippa, sua esposa, e a *monna* Ginevra, esposa do dito Bartolomeo. Vendeu por sua conta, pelo preço de trezentos florins de ouro líquidos para ele.

Escritura por mão de *ser* Bartolomeo di Lapo del Forese.

E no dia 31 de outubro de 1356, paguei a *gabella* dos contratos, f. 15 de ouro, a Piero di Bartolo Paradisi, *vicecamerlingo* de \*\*\*

As ditas três partes da mencionada casa foram de Niccolò e Manetto di *messer* Alberto degli Squarciasacchi: o dito Andrea a teve por uma sentença do oficial da *Mercanzia*, por força de uma sentença que ele teve contra eles na *Arte della Lana*, por dinheiro que devia receber deles: e o dito Andrea me deu as ditas sentenças e razões, e tenho-as em meu cofre.

Antes que o dito Andrea me vendesse, no dia 6 de setembro de 1356, cedera-a em locação como sua a Simone di Forabosco. Escritura por mão de *ser* Martino Giovanni, notário da *Arte della Lana*.

E no dia 31 de dezembro *monna* Filippa, esposa do dito Andrea, e *monna* Ginevra, esposa do dito Bartolomeo e Bonaccorso di Cappone, irmão do dito Andrea, concordaram com isso e deram a palavra. Escritura por mão do dito *ser* Bartolomeo di Lapo: e neste mesmo dia Billicozzo di Geri Gondi, na qualidade de procurador do dito Andrea di Cappone, pôs-me na posse de dita casa. Escritura por mão do dito *ser* Bartolomeo.

Também, faço lembrança que, antes que Andrea tivesse a dita casa, ela tinha queimado em frente à rua de Porta Rossa, e assim o dito Andrea teve por sentença, como é dito, as três partes da dita casa assim queimada, e a quarta parte da dita casa assim queimada é de *monna* Bartola, *pinzochera* e irmã dos ditos Niccolò e Manetto. E é verdade que Niccolò di Forabosco, com vontade de Andrea di Cappone, por uma certa convenção e pactos que teve com ele, fez consertar e refazer a dita casa do seu próprio dinheiro. E depois do dito conserto da dita casa, o dito Niccolò di Forabosco morreu: daí Andrea, antes que me fizesse a dita venda, naquele mesmo dia, comprou novamente o dito edifício de *monna* Pera, que foi esposa do dito Niccolò di Forabosco e tutora de seu filho Guido, por f. cem de ouro, que o dito Niccolò gastara nisso mais de lb. 500, segundo o que ela mostrava por escrito.

---

<sup>213</sup> *Niccolò dell'Ossa*, isto é, “dos ossos”. Como o nome indica, Niccolò devia ser um médico dos ossos, ou seja, hoje diríamos um ortopedista: preposto ao nome, o título de *maestro* designava especialmente os médicos. Junto com os irmãos Giovanni (v. fólio 91r) e Stefano, era filho do *maestro* Jacopo da Roma, “geralmente chamado *dell'Ossa*”, também falecido durante a peste de 1348, do qual herdara a profissão e o nominativo. (PARK, 1985, p. 67e 93)

1356

E assim o dito edificio é todo meu, donde para a dita *monna* Bartola restou a propriedade da quarta parte da dita casa.

Lembrança que, no dia 5 de janeiro de 1356 (1357), eu Leonardo doeí a dita casa a meu irmão Uberto di Bartolino e neste dia pu-lo na posse, escritura pelo dito *ser* Bartolomeo. E no dia seguinte, 6 de janeiro, o dito Uberto doou a dita casa a Andrea, seu e meu irmão, e no dito dia pô-lo na posse. Escritura por mão do dito *ser* Bartolomeo. No entanto, a dita casa pertence também a mim, Leonardo, mas fiz isto para minha cautela, que a fiz ir para o dito Andrea porque ele é clérigo, para que outros não pudessem comprá-la, para que mais legitimamente fosse sua compra: e os clérigos podem comprar em sociedade, e então eles querem, sem que se possa pedir-lhes de volta para uma compra mais legítima.

No dia 12 de março de 1359 (1360) o dito Andrea di Bartolino fez-me doação novamente da dita casa. Escritura por mão do dito *ser* Bartolomeo di Lapo; foram testemunhas disso o sobredito Uberto di Bartolino e Tommaso di Martino, *lastraiuolo*, e Dino Megli, alfaiate.

Também, faço lembrança que, no dia 8 de outubro de 1369, que foi o dia de Santa Reparata, eu Leonardo predito comprei pelo preço de f. 66 de ouro e dois terços a quarta parte da dita casa de Jacopo di Schiatta Mangioni, procurador de Manetto di *messer* Alberto predito, que mora no presente em Barletta, o qual Manetto (vendeu) na qualidade de herdeiro de uma metade da dita *monna* Bartola e garantiu pelos filhos de Niccolò, seu irmão, herdeiro da outra metade, e Filippo di Giovanni Castelli entrou nisso como fiador. Escritura por mão de *ser* Michele di *ser* Aldobrando. Fiz-lhe o pagamento, como aparece à minha razão no meu livro Branco da tavola marcado D, no fólio 195.

E no dia 13 de novembro de 1369 paguei a *gabella* da dita compra a Antonio Martini, *beccaio*, *camarlingo* dos contratos, ou seja, f. 3  $\frac{1}{3}$  de ouro, como aparece à minha razão na *tavola*, no caderno C no fólio \*\*\*.

E no dia 5 de novembro de 1369 tive a escritura completa do dito *ser* Michele di *ser* Aldobrando, e demos-lhe disso f. um de ouro, e com ela tivemos o documento da procuração que o dito Manetto fez no sobredito Iacopo di Schiatta, e está envolta no dito documento que foi feito em Barletta por mão de *ser* Antonio Cicinello de Napoli, notário.

32r

1359 dia 11 de setembro

Memoria que, no na quarta-feira, dia 11 de setembro de 1359, depois da hora nona, em nome de Deus possa ser e seja, nasceu meu filho Salimbene. Deus lhe conceda boa ventura. Na segunda-feira, dia 16 de fevereiro, foi batizado em San Giovanni; fizeram-no cristão Zanobi di Domenico Giambollari e Simone di Guiduccio Pucci.

Nosso Senhor Deus chamou-o para si no dia 30 de junho de 1363, pela maldita mortalidade. Louvado seja Deus e agradecido.

---

No dia 15 de setembro do dito ano, veio para (ser) sua ama a Bartola d'Allegri e tivemos-la em casa por f. 14 de ouro por ano. Foi sua ama por 28 meses e depois esteve conosco como criada até setembro de 1368 e paguei-a inteiramente de todas as coisas. Quando esteve como criada recebeu f. 9 por ano.

35r

1360, dia 15 de fevereiro

Lembrança que, no dia 15 de fevereiro do dito ano, eu Leonardo, em meu nome, aluguei para Spinello Marsili, do *popolo* de San Chirico a Legnaia, e para Marco di Guerio, do *popolo* de San Piero a Monticelli, 57 *staiora* de terra, em cinco pedaços, sem a casa e sem a horta, localizadas no dito *popolo* de San Chirico a Legnaia, que confinam como é indicado na escritura, por cinco anos, começados no dia 1 de novembro do ano 1361 e terminados no dia 1 de novembro de 1366, pelo preço de lb. 107 s. 9 pi. por ano, fazendo o pagamento no fim do ano. Escritura por mão de *ser* Bartolomeo di Lapo del Forese.

Pagaram-me, mas não inteiramente, porque houve alguns anos em que deixei uma parte para eles, por causa da mortalidade de 1363 e da guerra dos Pisanos<sup>214</sup>. Fiz-lhes quitação disso.

36r (1-11)

1360 (1361), dia 27 de fevereiro

---

<sup>214</sup> Vide nota 186 p.105

Memoria que, no dia 27 de fevereiro de 1360 (1361), frei Niccolò Ciosi, da ordem dos frades de Santa Maria Novella, síndico das mulheres do monastério de Ripoli, vendeu a Panizza e Antonio di Bandinaccio di Bruno degli Erri certas vinhas localizadas em Brozi, pelo preço de f. 226 de ouro. E eu Leonardo di Bartolino, por rogo de sóror Maddalena, minha tia, que foi irmã de minha mãe e que é priora do dito monastério, entrei nisso como fiador. Escritura por mão de *ser* Niccolo di *ser* Ugolino de Signa.

46r

1363

Guido e Cecco del Chiaro, de Settimo, meus trabalhadores, devem dar, no dia 20 de junho de 1363: receberam em espécie, levou o dito Cecco f. dois de ouro, disse que precisava para pôr homens a serrar, já que Guido estava doente.

f. 2 de ouro

Deve dar, no dia 29 de agosto de 1363: recebeu em espécie f. 2 de ouro, disse que queriam comprar um tonel. Levou ele mesmo.

f. 2 de ouro

Deve dar, no dia 18 de setembro de 1363: receberam pela *gabella* de quatro *cogna* e uma *soma* de vinho, que eu recebi deles.

lb. 10 s. 10 pi.

Deve dar, no dia setembro 1364: receberam pelo transporte e pela *gabella* de seis *cogna* de vinho, que eu recebi dele em várias vezes.

lb. 22 pi.

Deve dar, no dia 5 de outubro do dito ano: recebeu em suas mãos:  
f. 1 de ouro.

Pagou desta razão, deu-me vinho,

---

Lembrança que, no ano de 1362, fizemos companhia juntos *alla tavola* Giovanni di Luigi de' Mozzi, Leonardo Bartolini e Niccolò di Pagnozzo Tornaquinci, E começamos no dia 5 de junho de 1362, e o dito Giovanni colocou pela sua parte de capital f. 1600 de ouro, e eu Leonardo coloquei pela minha parte f. 800 de ouro, e Niccolò acima citado colocou f. 800 de ouro. Devemos levar cada um a terça parte daquilo que Deus conceder, como se mostra em nosso livreto secreto em pergaminho: e eu o tenho em meu baú. A referida companhia durou até o dia 14 de março de 1364 (1365), e em concórdia saiu dela o dito Giovanni di Luigi,



porque levava o dinheiro que ele tinha na mencionada companhia, para suas necessidades, como se mostra no referido livro secreto.

E, nesse dia, eu Leonardo predito e o dito Niccolò permanecemos juntos como sócios e continuamos a dita companhia e durou até o dia 20 de abril de 1367: então nos separamos, como consta do livro Preto, à página 249 à minha razão e à página 250 à razão de Niccolò. No dia 21 de outubro 1367 mandamos publicar pela *Arte del Cambio* esta divisão e separação e mandamo-las registrar na *Arte*. Escritura por mão de *ser* Neri Chelli de Monterapoli, seu notário.

55v

1364

Os *poderi* de Mosciano e a casa de Parione e as *masserizie* que foram de Giovanni di Rinieri Carini devem dar, no dia 12 de setembro de 1364, retiramos onde deviam dar aqui no fólio 55, f. oitocentos e seis de ouro s. seis ff.,

f. 806 s. 6 ff.

E devem dar, no dia 9 de outubro de 1364, demos para Giraldo di Paolo, que devia receber de Giovanni por raspagem de couro s. 15 pi.,

s. 6 d. 8 pi.

E devem dar, no dia 26 de outubro de 1364, demos para Piero di Teghia, linaiuolo, que devia receber de Giovanni por tecido de linho lb. quatro pi.,

f. 1 de ouro s. 6 d. 4 pi.

E devem dar, pelas despesas feitas em pequenas partes para discuti em juízo em Florença e para documentos e outras coisas, como aparece em uma escrita em várias partes unida ao fólio 57, f. treze de ouro e lb. 26 s. 5 no total,

f. 21 de ouro

E devem dar, por despesas que Andrea di Bartolino fez, quando foi em Borgonha para recuperar a escritura do dote da mãe da minha esposa Giannetta<sup>215</sup>, f. cento e vinte de ouro, como aparece à minha razão na *tavola* no livro branco A no fólio \*\*\*. Permaneceu lá por mais de cinco meses e tenho-a completa.

f. 120 de ouro

<sup>215</sup> De acordo com Ildefonso (1786, p. 231 e 232) o nome da sogra de Leonardo era Lisabetta d'Albertaccio Ciuffagni. Andrea teria ido, com a devida procuração, ou porque os parentes estivessem lá, ou porque estivesse lá o fundo referente a tal dote, já que lá se encontravam os documentos.

E devem dar, no dia \*\*\* de janeiro de 1364 (1365), demos a Andrea di Bartolino, que devia receber do dito Giovanni, como deixou-lhe pelo seu testamento f. onze de ouro, escritos à minha razão na távola no livro grande Branco na carta \*\*\*,

f.11 de ouro

E devem dar, pelas despesas feitas para consertar a casa de Mosciano do moinho, que foi queimada pelos Pisanos<sup>216</sup>, f. cinquenta e três de ouro. Mande levá-la mais do que era,

f. 53 de ouro

E devem dar, por despesas feitas em mandar refazer o forno no dito lugar, que foi queimado pelos Pisanos, f. dezessete de ouro,

f. 17 de ouro

E devem dar, que entreguei a *messer* o abate Simone de Santa Trinita, por legado que fez Giovanni à dita igreja, lb. 20 pi.,

f. 6 de ouro s.5 ff.

E devem dar, por despesas que fizemos em fazer um forno na localidade de San Polo, lb. trinta,

f. 9 de ouro

E devem dar, por despesas em mandar fazer a borda do fossado na localidade do moinho, f. quatro de ouro,

f. 4 de ouro

1048 24

56r

1364

Lembrança que, no dia 13 de dezembro de 1364, Leonardo di *messer* Giovanni degli Strozzi recebeu de *messer* Riccardo da Saliceto de Bolonha, juiz e doutor em lei, naquele tempo salariado da Comuna de Florença, quatrocentos florins de ouro. Qui-los, então, para casar a filha, que uniu-a em matrimónio com Luigi di Piero Guicciardini: e, a pedido do dito Leonardo, fiz uma escrita disso de minha mão, na qualidade de (devedor) principal, e o dito Leonardo subscreveu-se como fiador, na presença do *maestro* Iacopo di Neri e de frei

---

<sup>216</sup> Vide nota 186 p. 105.

Giovanni da Settimo, provincial, e de outros freis do Carmino. Mas a verdade é que o dito Giovanni teve os ditos f. quatrocentos de ouro e foram recebidos por ele.

Lembrança que o dito Leonardo di *messer* Giovanni pagou o dito *messer* Riccardo de Saliceto, no dia 20 de agosto de 1365 e deu-lhe f. quatrocentos e vinte de ouro, entre capital e dom, e pagamo-los por ele na *tavola* a Galeasso da Uzzano, como aparece no caderno da nossa *tavola* do D no fólio 138.

56v (1-9)

1364

Leonardo de *messer* Giovanni degli Strozzi deve dar, no dia 28 de janeiro de 1364 (1365), recebeu de mim na távola f. cem de ouro, como aparece no caderno C no fólio 152. Emprestei-os para ele, que os quis para terminar de pagar o dote da filha,

f. 100 de ouro

Deu disso, no dia 19 de junho do ano 1366, recebi f. cem de ouro em dinheiro, como aparece à sua razão na *tavola* no caderno do E no fólio 127,

f. 100 de ouro

57v

1365

Memória que, no dia 5 de julho de 1363, que foi no sábado à tarde, na véspera de San Romolo, nasceu meu filho Romolo. Em boa hora possa ser e com o nome de Deus, que lhe dê boa ventura. Batizou-o frei Bartolo, médico, pelo amor de Deus.

---

Demos para amamentar o mencionado Romolo para *monna* Bene, esposa de Francesco tecelão, do *popolo* de San Lorenzo de Florença, no Borgo alla Noce. O levou no dia 17 de julho de 1365, e deve receber disso lb. 10 pi. por mês.

Recebeu, no dia 5 de agosto de 1365, teve em espécie lb. 10 pi.,

lb. x

Recebeu, do mês de setembro, entre vinho e dinheiro, em várias vezes, a Giannetta deu-lhe lb. 10 pi.,

lb. x

Recebeu, no dia 21 de outubro de 1365, a Giannetta deu-lhe quatro *staia* de trigo, daquele de sala, por s. \*\*\* por *staio*,

lb. \*\*\*

Na segunda-feira, dia 18 de setembro de 1374, pela maldita mortalidade, à noite, adoeceu o dito Romolo e na segunda-feira seguinte, dia 25 de setembro, sepultamo-lo em Santa Trinita em nosso sepulcro. Louvado seja Deus e sua Mãe por aquilo que fazem para nós, e rezo-lhes para que o benzam. Viveu 9 anos 2 meses e 20 dias.

59r

1366

Lembrança que, no dia 12 de agosto de 1366, eu Leonardo de Bartolino comprei pelo preço de lb. sessenta e sete e s. 4 pi., dos Oito Oficiais que comumente foram chamados os *Ufficiali dei beni dei ribelli*, porque foram deputados a vender os bens da Comuna, um *chiasso* localizado no *popolo* de Santa Trinita na rua de Porta Rossa, ao lado das nossas casas, confinante assim: do 1º (lado) rua de Porta Rossa, do 2º em parte nós mesmos e em parte Goro di Iacopo dos Strozzi, do 3º rua, do 4º em parte Giovanni di Riccardo Bombeni e em parte Niccolò e Lapo di Neri de' Soldanieri. Escritura por mão de *ser* Iacopo de *ser* Zanobi Paoni, notário dos mencionados Oficiais. O dito *chiasso* foi mensurado, no total,  $144\frac{1}{2}$  braços quadrados, neste modo: isto é, que, do lado em frente à Porta Rossa até os 12 braços é largo  $2\frac{7}{8}$  braços, que perfazem  $34\frac{1}{2}$  braços a s. 15 o braço; e dos 12 braços para cima  $36\frac{2}{3}$  braços, largo 3 braços, que perfazem 110 braços a s. 7 por braço. Amontou, no total, em lb.64, e para a *gabella* lb. 3, assim que no total amontou em lb.67 s. 4, e para tomar posse s. 10 e para a escritura completa que recolhemos s. 40. Os nomes dos Oficiais são estes: Giovanni Ciari, Iachopo di Lippo, Lotto di Giachetto Mancini, Nofrio di Giovanni di *messer* Lapo Arnolfi, Lapo di Vanni Oricellai, Tellino Dini, Andrea di Neri Rondinelli e Giovanni Canbi.

No dia \*\*\* de setembro 1382, os que então eram os *Ufficiali della Torre* confirmaram novamente que o dito *chiasso* era todo meu. E isto foi porque Matteo di Niccolò degli Strozzi moveu-me uma questão lá junto a eles a respeito do dito *chiasso*, e assim deram uma sentença sobre isso e tornaram a confirmar mais uma vez que ele era meu e ainda mandaram Giovanni Giutini, chefe de obras, medi-lo novamente e recebeu s. 10 e demos para *ser* Romeo s. 40 pela escritura completa.

62r

1367 (1368)

Lembrança que, no mês de fevereiro do dito ano, Iacopo Bartoli, que mora em Ancona, comprou para mim de *ser* Curado de Osimo, em Ancona, dois escravos, marido e mulher. O marido chama-se Venanzo e a mulher Giovanna e estava grávida, que depois de março pariu em Ancona uma criança de sexo masculino, que foi batizada e teve o nome de Martino. Custaram, de primeira compra, 42 ducados de ouro, e depois custaram 11 ducados de despesa em Ancona para o imposto e a escritura e outros gastos do parto e de levá-los para Florença; assim, no total, custaram f. 53 de ouro. Depois, custaram para vesti-los e outras despesas. Os mencionados (escravos) foram pagos na távola, como aparece no livro Bianco D, no fólio 5.

Depois providenciei que fossem batizados e pus para Venanzo o nome de Lorenzo e para a mulher o de Giovanna.

Mandei-os para trabalhar o *podere* do moinho, no *popolo* de Santo Andrea, *calonaca* de Mosciano, e trabalhavam e (o) faziam bem e tiveram depois também uma criança de sexo masculino.

E depois, no mês de julho de 1374, pela maldita mortalidade, morreram dentro de uma semana todos os quatro, e por isso recebi deles grande dano: não os teria vendidos nem por 150 florins de ouro. Louvado seja Deus.

68v

1370 (1371) dia 25 de janeiro

A Comuna de Florença deve dar, no dia 25 de janeiro do dito ano, por uma *prestanza* que fizeram os Dezesseis da Moeda, chamada 15ª *prestanza*, ou seja, a quarta nova *prestanza* de f. \*\*\*, imposta a Leonardo Bartolini e irmãos, da qual emprestei f. dez de ouro e s. 19 a ouro. Como as outras, eu Leonardo paguei do meu próprio dinheiro, com a intenção de receber de volta, para Iacopo di Dino del Pecora, *camarlingo* pelo *quartiere* de Santa Maria Novella,

f. 10 de ouro s. 19 a ouro

Deram-nos, no dia 11 de setembro de 1371, tivemos de Spinella di Luca Alberti, *camarlingo* na câmara da Comuna, para restituir o dito dinheiro, f. 10 de ouro s. 27 d. 7 ff., como aparece à minha razão na *távola*, no caderno E na página 130,

f. 10 de ouro s. 19 a ouro.

Memoria que, no dia 9 de maio de 1371, eu Leonardo tomei em locação de Maghinardo di Giachinotto Cavalcanti a *tavola*, que tive no passado no Mercado Novo, por dois anos, começados no dia 1 de janeiro de 1371 (1372), por f. 40 de ouro por ano, efetuando o pagamento no início do ano. Escritura por mão de *ser* Neri Chelli de Monte Rappoli, notário da *Arte del Cambio*. E não recusei a razão da taxa, que eu tenho sobre isso, pelo longo tempo que estive nela, já que a tomei em locação para mim desde o ano de 1348 de Domenico di *messer* Ciampolo.

E, também, o referido Maghinardo me fez quitação do aluguel até o dia 1 de janeiro de 1371 (1372), porque até então o pagáramos.

71r

1372

Lembrança, que no dia 15 de agosto de 1372, a Giannetta, minha esposa, e Sandro di Dragonetto, que comprou da Giannetta a casa em Parione, fizeram procurador *ser* Bartolomeo di Maso Nelli e outros, para tratar da causa. Escritura por mão de *ser* Giovanni Nicolai de Castelfiorentno.

No dia 16 de agosto o dito Bartolomeo, enquanto procurador, como acima dito, mandou sua irmã Lisabetta e seu marido e a filha e outros, fazer a obrigação para que não tivessem poder, de fato, sobre os bens que foram de Rinieri Carini ou de Giovanni, seu filho e irmão deles. Neste dia foram feitos os requerimentos por parte de todos os juízes de *messer* \*\*\* de Gubbio, podestade de Florença,<sup>217</sup> e no dia 17 do dito mês foram registrados.

---

Memória que, no dia 23 de novembro de 1372, Giovanni de' Mozzi vendeu para Francesco di Lapo de Figline um *podere*, localizado perto de Figline, lugar chamado Gaglianella, pelo preço de 400 florins de ouro, e eu, Leonardo, fui fiador disso. Escritura por mão de *ser* Ristoro de *ser* Iacopo de Figline.

72r

1372 (1373)

---

<sup>217</sup> Trata-se de Lando de' Becci (*Landus Landoli de Becciis de Eugubio*), podestade nos anos 1371 e 1372. (apud GINANNESCHI, 2002, c. 78 p. 19)

Lembrança que, no dia 23 de março 1372, eu Leonardo fui eleito, pelos *Priori* e pelos *Collegi* e pelos *Ufficiali dell'Alpe*, *camarlingo* de ditos Oficiais para repor Firenzuola.

73v (1-15)

1373 dia 15 de julho

A Comuna de Florença deve dar, no dia 15 de julho, retiramos onde devia dar aqui no fólho 66, atribuídos ao *Monte* do um dois, no total f. 383 de ouro s. 8 d. 6 a ouro. Custam para mim f. 184 de ouro s. 4 d. 3 a ouro. Rendem de interesse d. i por lb. por mês.

383 8 6

f. 383 de ouro s. 17 d. 9 a ouro do um dois

E deve dar, no dia 25 de agosto de 1373, f. 204 de ouro do *Monte* do um três, que comprei de Iacopo Bartoli, que mora em Ancona, o qual dinheiro o referido Iacopo tinha comprado em 1364 e mandado escrevê-lo em mim Leonardo, e por f. 125 de ouro s. 17 d. 9 a ouro, que compramos do dito Iacopo do *Monte* do um dois, e custaram f. cento e seis de ouro s. onze d. dez a ouro. Paguei-o, como aparece à sua razão no meu livro Branco da *tavola* marcado E no fólho 329, e paguei-o de todos os pagamentos que devia receber por todo o mês de julho 1373, como aparece no dito lugar.

f. 125 de ouro s. 17 d. 9 a ouro do um dois e

f. 204 de ouro do um três.

713 / 6 / 3

76r

1374, dia 22 de agosto

A Comuna de Florença deve dar, no dia 22 de agosto, por uma *prestanza* que impuseram a qualquer um que tivesse uma *prestanza*, que por cada florim de ouro emprestasse lb. 3: portanto, por f. 10 de ouro que tínhamos de empréstimo, emprestamos lb. 30 pi. e devemos recebe-las de volta do *camarlingo* do trigo, que seja em agosto de 1375, que se recolheram para (comprar) trigo<sup>218</sup>.

lb. 30 pi.

---

<sup>218</sup> Vide nota 219 p. 151

Deram, no dia 23 de agosto de 1375, tivemos de Giovanni Federighi, *camarlingo* dos Oficiais do trigo. Leonardo trouxe lb. quinze pi.

lb. 15 pi

Deram, no dia 6 de novembro de 1375, tivemos do dito Giovanni Federighi, *camarlingo* acima citado, lb. quinze pi. Iacopo di Benci as trouxe.

lb. 15 pi.

Total lb. 30 pi

Lembrança que, no dia 3 de outubro de 1374, fiz matricular na *Arte del Cambio* meu filho Bartolomeo, sem pagar nada à *Arte* pelo benefício de mim, Leonardo di Bartolino, sendo cónsules Andrea di Cappone de' Capponi, Duccio Mellini e Matteo di *ser* Giovanni: escritura por mão de *ser* Piero Guerrucci de Monte Vettolino, então notário da dita *Arte del Cambio*.

Também, fiz matricular meu filho Marco na mencionada *Arte*, no dia 2 de abril de 1375, sendo cónsules Nofrio di Giovanni di *messer* Lapo Arnolfi, Iacopo di Giovanni degli Scali, Neri Bartolini degli Scodellai e Caruccio d'Andrea del Nero. Escritura por mão do dito *ser* Piero.

76v

1374, dia 16 de novembro

A Comuna de Florença deve dar, no dia 16 de novembro, por uma *prestanza* que fizeram para comprar trigo, por causa do alto preço que havia<sup>219</sup>, coube a nós emprestar f. dez de ouro, escritos à minha razão na *tavola* no caderno G no fólho 76. Foi debitado<sup>220</sup> à *gabella* do sal e esse empréstimo deve ser devolvido por Spinello di Luca Alberti.

<sup>219</sup> Trata-se da grande carestia que, depois de um novo surto de peste, assolou naqueles anos parte da península. Para poder alimentar sua população, em ocasiões similares, Florença costumava importar trigo, especialmente da vizinha Romanha: mas o legado pontifício negou secamente o pedido de venda. Os florentinos interpretaram o gesto como uma ofensa e uma tentativa de enfraquecê-los, já que o papa, em vista de um iminente retorno de Avignon para Roma, visava sujeitar novamente os territórios do Estado da Igreja e estender seu domínio sobre outras regiões da Itália central. O fato foi uma das causas do início das hostilidades: Florença, liderando uma liga de cidades, entre as quais as que se rebelavam à autoridade da Santa Sede, entrou em guerra contra o papa. O conflito durou até o ano de 1378 e foi denominado “Guerra dos Oito Santos”, pelo nome que o povo florentino deu para a magistratura dos Oito da Guerra, instituída pela Comuna para dirigir a luta, a frisar a sua legitimidade moral, depois da excomunhão e do interdito lançado contra a cidade por Gregório XI.

<sup>220</sup> No texto: *assegnata alla gabella del sale*. Nesta acepção, o verbo tem o sentido de assegurar o pagamento e o termo do empréstimo, destinando obrigatoriamente as entradas da *gabella* em questão para essa finalidade. Ou seja: as entradas do tipo indireto foram dadas em garantia da restituição do



f. 10 de ouro

E deve dar, no dia 26 de janeiro de 1375 (1376), por um outra *prestanza* para o dito trigo: pagamos por isso f. dez de ouro, escritos à minha razão no dito caderno no fólho 94, e paguei por *monna* Balda di Piero Bisdomini, com a intenção de receber de volta, f. dois de ouro da mencionada *prestanza*, escritos à minha razão no dito lugar. São debitados a que Spinello di Luca os devolvesse.

f. 12 de ouro

E devem dar, no dia 15 de março de 1374, por uma *prestanza* para o dito trigo, f. dez de ouro e para a dita *monna* Balda f. dois de ouro, escritos à minha razão no dito caderno no fólho 94. São debitados a que Spinello di Luca os devolvesse.

f. 12 de ouro

E deve dar, no dia 12 de abril de 1375, por uma meia *prestanza* que foi cobrada, f. cinco de ouro, escritos à minha razão no dito caderno G no fólho 105. São debitados \*\*\*

f. 5 de ouro

E deve dar, por uma *prestanza* que pagamos a Bernardo di *ser* Ridolfo Pretasini, f. dez de ouro, e por *monna* Balda dita f. dois de ouro, debitados \*\*\*

f. 12 de ouro

E deve dar, no dia 15 de junho de 1375, por uma *prestanza* que pagamos ao dito Bernardo di Ridolfo, *camarlingo*, f. 10 de ouro por um *accatto*, f. 10 de ouro.

E deve dar, dia 22 de setembro de 1375, pagamos para Bernardo di *ser* Ridolfo Pretasini, *camarlingo delle prestanze*, por um *accatto* que fizeram os *Sedici della Moneta*, f. sete de ouro, como aparece à minha razão à *tavola* no caderno H no fólho 40,

f. 7 de ouro.

Deram, no dia 30 de outubro de 1375, tivemos de Bernardo di *ser* Ridolfo Pretasini, *camarlingo*, f. vinte e nove das três últimas partes acima que nos descontou-os em três empréstimos, que pagamos neste dia, como aparece para frente no fólho 79,

f. 28 de ouro

Deram-nos, no dia 19 de dezembro de 1375, tivemos de Spinello di Luca Alberti, *camarlingo*, para restituir a sobredita *prestanza* feita em novembro 1374, f. dez de ouro, escritos à minha razão à *tavola* no caderno H no fólho 162.

f. 10 de ouro

---

empréstimo. (REZASCO, 1881, p.59; PINTO, 198, p. 336 nota 10) Assim escreve Villani (1991, p. 583. Libro XII cap. XCII) “*Il Comune di Firenze [...] quando bisognava [...] si civiva per prestanze e imposte a’ mercatanti e ricchezze e altri singolari, assegnandole con guiderdone sopra le gabelle.*”

Deram-nos, no dia 7 de fevereiro de 1375 (1376), tivemos do dito Spinello pela referida meia *prestanza*, no dito fólio 162,

f. 5 de ouro

Deram-nos, no dia 14 de junho de 1375 e no dia 9 de outubro de 1375, de Spinello di Luca, *camarlingo*, como aparece à minha razão no caderno I no fólio 23,

f. 23 de ouro s. 27 d. 10 ff.

77r

1374 (1375), dia 30 de janeiro

Lembrança que, no dia 30 de janeiro de 1374, aluguei para Baccio de Neri, do *popolo* de Santo Andrea de Mosciano, o *podere* com o moinho localizado no referido *popolo*, por cinco anos começados no dia 5 de agosto, com os bois avaliados em f. 30, a meio prol e meio dano. E devemos emprestar-lhe f. vinte de ouro, e paguei de imposto disso s. 18 e d. 4. E ele deve trabalhar bem e não deve ajudar ninguém e deve levar-me todas as coisas em Florença, isto é, a metade de tudo aquilo que se recolherá em cima disso, salvo o vinho. E deve dar-me dois pares de capões e dez dúzias de ovos e a metade dos sarmentos, e devo dar-lhe a metade da semente e devo manter-lhe um asno. Lavrou a escritura de todas as coisas *ser* Guelfo de *ser* Manetto de Pontormo.

Lembrança que, no dia 19 de março de 1374 (1375), eu Leonardo foi eleito *podestà* de Empoli por 6 meses, começados no dia 1 de junho de 1375, com salário de lb. 250 pi., tendo um cavalo e dois criados. Aceitei este ofício em favor de Salvestro, para deixá-lo ficar nele, e assim fiz.

81 v

1377

Lembrança que, no dia \*\*\* de junho de 1377, tomei por esposa a Dada, que foi filha de *messer* Gherardo de' Bisdomini e que foi esposa de Durazzo d'Andrea Tagliamochi. E, no dito dia, celebrei as núpcias com ela e dei-lhe o anel; escritura por mão de *ser* Arrigo Guidi. E, no dia 15 de julho levei-a junto com a Lisa, que foi filha de Bartolo Cambi, que deve ser esposa de meu filho Bartolomeo.

E, no dia 4 de março de 1378 (1379), eu Leonardo com meu filho Marco, com minha palavra, declaramos (ter recebido) f. 432 de ouro de Ghino di *messer* Ruberto Cortigiani, que

foram dos Bisdomini, pagante do seu próprio dinheiro, pelo dote da dita Dada. Tive disso f. 412 em dinheiro, como aparece à minha razão na távola no livro Bianco F no fólio 357, e f. 20 nos cofres e outras *donora* que ela trouxe. E prometi fazer obrigar nisso meu filho Bartolomeo, quando ele estiver. *Ser Arrigo Guidi* fez a escritura de todas as coisas.

E, no dia 8 de março de 1380 (1381), o dito Bartolomeo ratificou e obrigou-se ao referido dote, escritura por mão de *ser Arrigo Guidi*, que está em casa dos Bisdomini.

82r

1377

Memória que, no dia 1 de julho de 1377, estivemos de acordo com *ser* Guelfo de *ser* Manetto de Pontormo, Bernardo di Cione Dolcibene e Aldobrando di Cino merceeiro, curadores de Cambio di Bartolo Cambi e tutores da Lisa, irmã do dito Cambio e filha do dito Bartolo, que meu filho Bartolomeo tomasse como esposa a dita Lisa e devessem nos dar em dote, no tempo que ela estiver na idade de 12 anos, f. quinhentos de ouro e um *podere*, não avaliado, localizado em Malafrasca no *popolo* de San Cristofano a Nuovoli, ou seja, de San Donato a Torri; e devêssemos levá-la, da mesma forma, para nossa casa e receber a renda do *podere* e ter os ditos f. 500 de ouro, até que ela não estivesse na idade, isto é, por todo fevereiro de 1381 (1382); e com outras coisas e modos, como se trata mais completamente na escritura que foi feita dos mencionados pactos, por mão de *ser* Michele di *ser* Aldobrando di *ser* Albizzo e subscrita por mão dos ditos tutores e de mim Leonardo e do dito Bartolomeo, com minha palavra.

E, no dia 15 de julho, a levamos para casa junto com a Dada, minha mulher. Em boa hora possa ser e seja, e com a graça de Jesus Cristo e da sua Mãe Virgem Maria.

E, no dia 24 de agosto, o dia de San Bartolomeo, o dito Bartolomeo deu o anel para a dita Lisa, sua esposa. Escritura por mão de *ser* Michele de *ser* Aldobrando.

E, no dia 15 de setembro de 1382, Leonardo e o referido Bartolomeo declararam (ter recebido) de Cambio de Bartolo Cambi, pelo dote da dita Lisa, o *podere* de Malafrasca e f. 500 de ouro, que ela devia receber da távola, com consentimento de Bernardo di Cione e Aldobrando di Cino, seus tutores. Foram testemunhas disso Simone di Benedetto e Bernardo di Lippo Bombeni e o *maestro* Martino di Michele.

E no sábado à noite, no dia 29 de novembro de 1382 levei-a e dormi com ela. Em boa hora possa ser e seja.

No dia 21 de setembro passado, Leonardo entrou na posse do *podere* de Malafrasca. Escritura de todas as coisas por mão de *ser* Michele de *ser* Aldobrando, Alugou-o para Maso por 4 anos, começados no dia primeiro de novembro de 1382, pelo preço de lb. 150 por ano. Escritura pelo dito *ser* Michele.

82v

1377

A Comuna de Florença deve dar, no dia 31 de agosto do dito ano, pagamos pelo resíduo de 12 *prestanze* a Pagolo di Michele Rondinelli, f. dois de ouro s. 14 d. 1 a ouro por nós e s. 7 d. 3 por *monna* Balda e s. 10 d. 9 a ouro por Bernardo di Tobbia: em total, f. 3 de ouro s. 12 d. 1 a ouro. Foram fixados para devolver na *gabella delle porte*: é *camarlingo* dela Spinello di Luca Alberti,

f. 3 de ouro s. 12 d. 1 a ouro

Deu, no dia 5 de outubro de 1379, Marco di Leonardo trouxe da Câmara da Comuna, pelo dito resíduo, para mim e para *monna* Balda, f. 3 de ouro s. 1 d. 4 a ouro, como aparece à minha razão na *tavola* no caderno M no fôlio 114, e para Bernardo s. 10 d. 9, postos à sua razão no dito caderno no fôlio 98. No total,

f. 3 de ouro s. 12 d. 1 a ouro

---

Lembrança que, no dia 10 de dezembro de 1377, eu Leonardo comprei de Tommaso di Meglio e de Francesco e Domenico, que foram irmãos e filhos de Lorenzo di Meglio Fagiuoli, um *podere* localizado no *popolo* de San Piero a Ponti, ao lado do nosso, que foi de frei Baldo, chamado frei Paolo, que foi filho de Niccolò Baldovini, nosso parente (restou-lhes pelo dote de *monna* Piera, irmã deles e que foi mãe do dito frei Paolo, donde foi feita uma escritura por mão de *ser* Niccolo di *ser* Ugolino), pelo preço de f. quatrocentos e trinta e seis, a meia *gabella* para cada um, como aparece no livro da *tavola* F, no fôlio 160: e prometeu-me dar como fiador Albizzo di Domenico Fagiuoli, dentro de seis meses. Os limites do dito lugar e terras estão escritos na escritura da compra, feita por mão de *ser* Michele di *ser* Aldobrando di *ser* Albizzo. E, no dia 15 de janeiro do dito ano, pagamos a *gabella* do mencionado *podere* para Nofrio di Giovanni di Bartolo Bischeri, *camarlingo* da *gabella dei contratti*, f. 21 de ouro s. 16 a ouro, a metade do nosso e a outra metade retivemos ao dito Tommaso.

f. 436 de ouro

f. 11 de ouro

1378

Lembrança que, na sexta-feira, dia 18 de junho de 1378, Salvestro di *messer* Alamanno de' Medici e Simone di Benedetto di Simone Gherardi com seus companheiros dos *Priori*, reestabeleceram as Ordens da Justiça sobre os Grandes, a qual coisa provocou um pequeno tumulto. Depois, na terça-feira, dia 22 de dito junho, levantou-se a revolta e armaram-se o povo e as *Arti*, e com seus *gonfalon*i foram até o Palácio dos Priori e conseguiram que fossem desfeitas, pelos conselhos, algumas reformas da Parte Guelfa, já que parecia ao povo que se fizesse mau uso delas, e fizeram outras reformas a respeito disso.

Nessa manhã, foram queimadas as casas de alguns cidadãos que tinham sido responsáveis por mandarem usá-las mal. Esses foram *messer* Lapo di Castiglionchio, Carlo di Strozza degli Strozzi, Bartolo di Giovanni Siminetti, Migliore Guadagni, Simone dell'Accorri de' Pazzi, Piero dei Filippo degli Albizi, Niccolò di Geri Soderini, Tommaso di Guccio Soderini e *messer* Benghi Buondelmonti, e a loja deles, e mais outros.

1378

Lembrança que, no mês de julho do dito ano, compramos de Iacopo di Bertaccio Pandolfini uma escrava, que tem o nome de Maria, e demos-lhe por isso f. quarenta e cinco de ouro. Deve nos dar a escritura disso quando quisermos.

f. 45 de ouro

---

Michele di Giovanni, nosso trabalhador de Campi, deve dar, no dia 19 e setembro, por uma vaca e um bezerro que compramos dele pelo preço de f. dezoito de ouro, e demo-los para ele a *soccio*, a meio pró e meio dano<sup>221</sup>,

f. 18 de ouro

---

<sup>221</sup> Trata-se de um contrato de meação, pelo qual os Bartolini (*soccidanti*) entregam os animais para o colono (*soccidario*), que realiza as atividades necessárias à criação, repartindo pela metade entre eles os lucros e as despesas inerentes seja ao crescimento dos animais, seja aos produtos (leite, queijo etc.) que deles derivam.

Fez-nos escritura disso, no dia 13 de dezembro do dito ano, por mão de *ser* Michele di *ser* Aldobrando. Demos-lhe o dito dinheiro, como aparece à minha razão na távola no caderno L no fólho 55,

f. 13 de ouro

Deu disso, no dia \*\*\* de 1378, devolveu-nos a dita vaca prenhe e o dito bezerro, e demo-los para Benedetto, seu irmão e nosso trabalhador: foram avaliados f. vinte e um de ouro, posto que Benedetto deva dar adiante no fólho 89,

f.21 de ouro

88v (1-6)

1378 (1379)

Lembrança que, na sexta-feira à noite, no dia 11 de fevereiro, ao chegar do sábado, no dia 12 de fevereiro de 1378 (1379), nasceu minha filha Giannetta. Deus conceda-lhe boa ventura. E, no sábado que vinha, minha escrava Maria fez uma menina<sup>222</sup> e foi de Leonardo di Simone di Geri Gondi, a qual se livrou e deu-a para criar e a Maria amamentou a dita Giannetta.

---

No sábado, dia 19 de fevereiro de 1378 (1379), partiu meu filho Bartolomeo e foi para Giara.

95r

1381, no dia 17 de junho

Lembrança que, no dia 17 de junho de 1382, aluguei para Nolfo de Francesco, sapateiro, a nossa loja ao lado dos herdeiros do *maestro* Stefano<sup>223</sup>, por 5 anos iniciados no primeiro dia de julho de 1382, por f. 11 de ouro por ano. Escritura por *ser* Michele de *ser* Aldobrando.

Fiz razão com o dito Nolfo, no dia 22 de dezembro de 1383, que tínhamos recebido tantos calçados para nós todos que perfaziam lb. 35 s. 2 d. 6: e não deu nada mais.

---

<sup>222</sup> Pelas datas (*vide* fólho 85r), registradas com a habitual precisão por Leonardo, parece que ele comprou a escrava quando ela já estava esperando a criança: pode ser que ele tenha agido assim para favorecer o filho de seu amigo e parceiro de negócios.

<sup>223</sup> Talvez se tratasse do *maestro* Stefano dell'Ossa, que falecera em 1374 . *Vide* nota 213 p. 140

---

Lembrança que na quarta-feira, dia 13 de agosto de 1382, prometi em casamento minha filha Caterina a Bartolomeo di Bartolomeo di Niccolò di Totto Tedaldi e devo-lhe dar de dote f. 500 de ouro. Foram árbitros Otto do *maestro* Andrea Sapiti e Simone dei Geri Gondi, e a penalidade do compromisso diz f. 600 de ouro. Escritura por mão de *ser* Michele di *ser* Aldobrando.

E no dia 24 de agosto de 1382, o dia de San Bartolomeo, o referido Bartolomeo deu o anel à dita Catarina. Escritura por *ser* Michele dito.

Depois, Leonardo ficou contente que ele tivesse f. 500 em dinheiro e, além desses, o enxoval, e assim declarasse, ou seja, lhe déssemos aquilo.

E no dia 10 de janeiro de 1382 (1383) o dito Bartolomeo e *ser* Michele di *ser* Aldobrando e Agnolo Totti declarou (ter recebido) por dote f. 500 em espécie e f. 60 em enxoval, ou comprar todas as coisas, como aparece à razão de Leonardo no caderno da *tavola* marcado O. Escritura por mão de *ser* Marco di Vanni de Empoli.

E na quarta-feira, dia 14 de janeiro de 1382 (1383), uniu-se com ela em matrimônio. Em boa hora possa ser e seja.<sup>224</sup>

No dia 4 de fevereiro tivemos os documentos completos do mencionado *ser* Marco, com a palavra da dita Caterina, e demos-lhe f. um de ouro.

96r

1382

Benedetto di Giovanni, nosso trabalhador em Campi, deve dar, tiramos onde devia dar atrás no fólio \*\*\*

E deve dar, no dia 9 de maio de 1381, teve em empréstimo lb. 3 s. 10,

lb. 3 s. 10

E deve dar, no dia 23 de junho, teve em empréstimo lb. 2,

lb. 2

E deve dar, no dia 16 de novembro, emprestamos-lhe para uma pá,

lb. 2 s. 10

E deve dar, no dia 10 de junho de 1382, emprestamos-lhe,

lb. 3

---

<sup>224</sup> Caterina estava, então, com dezesseis anos.

E deve dar pelos porcos, e os compramos, deve pagar a metade de \*\*\*,

lb. \*\*\*

E deve dar, emprestamos-lhe para comprar trigo para sua comida, lb. 3 pi.,

lb. 3

E deve dar, no dia 8 de julho, que vendeu um vitelo, como aparece atrás no fólho 94<sup>225</sup>, f. 6 menos s. 20, e deu disso f. 5,

lb. 2 s. 15

E deve dar, no dia \*\*\* de outubro, que emprestei-lhe para comprar linho para semente,

lb. \*\*\*

E deve dar, no dia 10 de novembro, que vendeu para Mozzone um vitelo, como aparece atrás no fólho 94<sup>226</sup>, f. 5 menos s. 10, que não deu para nós mais de que f. 2 de ouro,

florins 2 de ouro lb. [. ] s. 5

E deve dar, no dia 6 de agosto, emprestamos-lhe f. 1 de ouro,

f. 1 de ouro

O dito Benedetto faleceu no mencionado lugar no ano de 1387, e sua família ficou muito pobre. Deixamos-lhes, pelo amor de Deus, todas as coisas que nos devesse dar.

---

<sup>225</sup> Na realidade, trata-se do fólho 93v.

<sup>226</sup> *Idem.*



## GLOSSÁRIO LINGUÍSTICO E HISTÓRICO

Os substantivos estão no singular: o plural é indicado quando é irregular ou tem uma forma dupla; os verbos estão no infinitivo. As palavras em *itálico* são conforme consta no texto ou em outros documentos da época. Entre parênteses são indicadas as alternativas ou o correspondente termo em italiano moderno. A tradução em português é assinalada quando tiver uma correspondência aceitável.

### Referências:

ASF	Archivio di Stato di Firenze. <i>Guida generale degli Archivi di Stato</i> . Disponível em: <a href="http://www.maas.ccr.it/PDF/Firenze.pdf">http://www.maas.ccr.it/PDF/Firenze.pdf</a> <a href="http://dati.san.beniculturali.it/SAN/produttore_SIASFI_san.cat.sogP.23406">http://dati.san.beniculturali.it/SAN/produttore_SIASFI_san.cat.sogP.23406</a>
Crusca	<i>Vocabolario degli Accademici della Crusca</i> , quinta edizione (1863-1923) Disponível em: <a href="http://www.lessicografia.it">http://www.lessicografia.it</a>
GDLI	Grande Dizionario della Lingua Italiana - UTET Disponível em: <a href="http://www.gdli.it/ricerca/libera">http://www.gdli.it/ricerca/libera</a>
Rezasco	Rezasco, Giulio. <i>Dizionario del linguaggio italiano storico e amministrativo</i> . Firenze, Successori Le Monnier, 1881
T/B	N. Tommaseo, B. Bellini. <i>Dizionario della lingua italiana</i> . Torino, Unione Tipografica Editrice, 1861. Disponível em: <a href="http://www.tommaseobellini.it/#/">http://www.tommaseobellini.it/#/</a>
TLIO	Tesoro della Lingua Italiana delle origini. Disponível em: <a href="http://tlio.oiv.cnr.it/TLIO/">http://tlio.oiv.cnr.it/TLIO/</a>
Treccani/E	<i>Enciclopedia Treccani</i> . Disponível em: <a href="http://www.treccani.it">www.treccani.it</a>
Treccani/V	<i>Vocabolario Treccani</i> . Disponível em: <a href="http://www.treccani.it">www.treccani.it</a>

**A(L)LOGAR** v. tr.: Alugar (TLIO)

**A(L)LOTTA** adv. (All'otta, all'ora, allora): Então (Treccani/V)

**AB(B)ACO** m.: Arte de fazer as razões e as contas, propriamente por meio dos números arábicos. (Crusca)

**AC(C)ATTARE** v. tr.: 1 – Recolher dinheiro dos cidadãos, impondo empréstimos forçados. 2 – Comprar. (Treccani/V)

**AC(C)ATTO** m.: O mesmo que *prestanza* (v.)

**AC(C)ONCIARE** v. tr.: 1 - Arrumar; tornar algo pronto, disponível; colocar algo em certa ordem, apropriada para o uso ao qual é destinado. 2 – Colocar em ordem uma conta ou uma entrada, nos livros de contas. (TLIO)

**AC(C)ORTARE** (Accorciare) v. tr.: Reduzir, encurtar (TLIO)

**ALARE** m.: Cada um dos dois utensílios, geralmente em ferro, usados para sustentar a lenha no *focolare* (v.) ou na lareira. (TLIO)

**ALGORISMO** (*algorismo*, algoritmo) m.: Nome dado a toda parte especial da aritmética e da álgebra, consideradas na sua aplicação prática; em geral; todo tipo de cálculo. (Crusca)

**ALPE** f.: Montanha, cadeia de montanha (geralmente, as do Norte da Itália). Era assim chamado também o lado dos montes Apeninos do Mugello, região ao Norte de Florença, que dividem a Toscana da Romagna. (TLIO)

**ANIMO** m.: Intenção, propósito

**AP(P)IC(C)ARE** v. tr.: Juntar, unir. (T/B)

**A(P)PIGIONARE** v.tr.: Dar em aluguel. (TLIO)

**A(P)PUNTAR** v. tr.: Estabelecer de comum acordo. (Treccani/V)

**ARATOLO** m.: (aratro) Arado. (TLIO)

**ARME** f.: Arma. 1 – Brasão, insígnia. 2 – *Camera dell'Arme* (v.) (TLIO)

**AR(R)OGERE** v. tr.: Acrescentar (T/B)]

**ARTE** f.: Guilda, Corporação de ofícios. Associação entre mercadores, industriais e artesãos, que desenvolviam um mesmo ofício, isto é, uma mesma atividade econômica, um mesmo trabalho, uma mesma profissão, nascida para tutelar os próprios interesses. (Treccani/V)

**ASSEGNARE** v. tr.: Deputar, atribuir, destinar; creditar ou debitar. *Assegnare un prestito ad una gabella*: assegurar o pagamento dos frutos e da sorte do empréstimo, obrigando e destinando para aquele efeito a entrada daquela *gabella* (v.). (Rezasco)

**ASTAIO** m.: Fabricante de hastes (TLIO)

**AV(V)EGNADIO** conj.: 1 – Com o conjuntivo = embora, ainda que. 2 – Com o indicativo = porque, pois. (Treccani/V)

**BACINETTO** m.: Espécie de casco, endossado unido à malha e em baixo do elmo. (Treccani/E)

**BALLA** f.: Quantidade de mercadoria (especialmente tecidos) acondicionada em um invólucro para a venda. (TLIO)

**BALÌA** f.: 1 – Domínio. 2 – Faculdade de governar e dispor, por tempo determinado, dos súditos em sentido ilimitado, na ocasião de particulares necessidades ou graves perigos para o Estado: o termo passou a indicar também a comissão, ou magistratura extraordinária, à qual tais poderes eram delegados. (Rezasco; ASF)

**BÀLIA** f.: Ama de leite. Mulher que amamenta uma criança alheia, geralmente a pagamento.

**BALZANA** f.: Insígnia formada por duas bandas horizontais de cores diferentes. Por antonomásia, insígnia preta e branca da Comuna de Siena. (TLIO)

**BANDO** (*banno*) m.: Bando, notificação ou anúncio público. Na Idade Média é utilizado para aqueles que não se sujeitam ao poder comum, (culpados de reatos comuns ou, frequentemente, de divergências políticas) e acaba para significar uma condenação, definitiva ou temporária, ao exílio e ao confisco dos bens. (Treccani/E)

**BARBUTA** f.: Elmo metálico com viseira ou simples lingueta para proteção do nariz (Treccani/V)

**BARILE** m.: Barril. 1 – Pequeno tonel em madeira. 2 – Medida de capacidade, geralmente para vinho e azeite, equivalente à décima parte de um *cogno* (v.) (Crusca)

**BATTITORE** m.: Aquele que com o mangual malha os cereais na eira para debulhá-los. (T/B)

**BIADA** f.: Nome genérico de vários tipos de cereais, como trigo, cevada, aveia e similares. (Rezasco)

**BIADAI(U)OLO** m.: Aquele que vende as *biade* (v.) (T/B)

**BIADO** m.: (v. *biada*). *Ufficiali del B.* Magistratura anonária, encarregada do aprovisionamento do trigo e dos outros cereais nos períodos de carestia, do seu transporte nos armazéns, da sua conservação e circulação, além do seu controle durante as feiras e mercados. (ASF)

**BIGELLO** m.: Tipo de pano grosseiro cinza. (TLIO)

**BIGONCIA** f.: Recipiente em madeira, sem tampa, composto por aduelas, a seção oval, usado na vinicultura. (Crusca),

**BOLOGNINO** m.: Moeda de prata cunhada pela Comuna de Bolonha. (TLIO)

**BOMERO** (bomere) m.: Instrumento de ferro com o qual, arando, fende-se a terra. (Crusca)

**BOTTE** f.: (Dim. *Botticella/o*) Tonel. Grande recipiente abaulado para líquidos formado por aduelas em madeira e tampos unidos por arcos metálicos. (TLIO)

**BRACCIO** m., –A f.: Braço. Por metonímia, unidade de medida de extensão linear correspondente aproximadamente a 60 cm. (TLIO)

**BULLETTA** (*bolletta*) f.: Mandato ou recibo de pagamento. (TLIO)

**BUONOMINI** m. pl.: Lett. “bons homens”. Os doze *Buonomini*, instituídos em 1321, junto aos *Gonfalonieri* (v.) das companhias armadas do povo, constituíram o órgão consultivo da *Signoria* (v.). Eram eleitos três para cada *quartiere* (v.) (ASF)

**CALENDE** f. pl. (Truncado, antes do nome do mês: Calen-) Já desde o antigo calendário romano, o primeiro dia de cada mês. (Treccani/V)

**CALONACA** (*calonica*, *canonica*) –**E** f.: Habitação de *calonici* (v.). Mais comumente, a habitação do pároco anexa à igreja. (Treccani/V)

**CALONACO** (*calonico*, *canonico*) –**I** m.: Cônego. Religioso pertencente ao capítulo de uma igreja metropolitana (catedral ou colegiada) (TLIO)

**CALZA** f.: 1 - Calça(s), meia. Indumento que envolve, reveste o pé e a perna em parte ou completamente, como calças. 2 – Calçado. (TLIO)

**CALZAIUOLO** m.: Quem fabrica ou vende *calze* (v.) (TLIO)

**CAMAGLIO** m.: Parte da armadura, constituída por malhas de aço ou latão, usada para a proteção do pescoço e dos ombros. (Treccani/V)

**CAMARLINGO** m.: (Camerlingo, *camarlengo*). Tesoureiro, aquele que administra as finanças. Responsável da administração das finanças de uma entidade pública ou privada. (T/B, TLIO)

**CAMERA** f.: Câmara. Lugar onde se conserva e se leva o dinheiro do público, do príncipe e de alguns colégios. A *Camera del Comune* (v.) tinha uma função central na organização administrativa do Estado, com tarefa de tesouraria da Comuna e, então, das entradas e das saídas. Chefiavam a *Camera* quatro *Camarlinghi* (v.), três pertencentes às *Arti* (v.) e um vindo do clero regular. A *Camera dell'Arme* (v.) administrava os fundos para a aquisição e manutenção das armas e instrumentos de guerra e tinha a direção dos serviços de espionagem. Em um segundo momento, foram-lhe confiados os pagamentos dos salários e das despesas para os embaixadores, para os serviços dos guardas noturnos, para a manutenção do Palácio dos *Priori*, para esmolas e subsídios. (T/B; ASF)

**CAPANNA** f.: Pequena construção rústica empregada como habitação, mas também como edifício de serviço para guarda dos campos e outras obras rurais, ou para albergar gado ou guardar feno, forragem, ferramentas e lenha. (TLIO)

**CAPITA** f. pl.: (latinismo? < neutro plural de *caput* = *capo*, *estremità*). Extremidade, barra, orla.

**CAPITATO**: Dotado de *capo*, ou *capita*, ou seja, de extremidade bordada. (TLIO)

**CAPITUDINE** f.: Chefe dos colégios das *Arti Maggiori* e *Minori*. Adunação dos chefes das *Arti Maggiori* e *Minori*. (TLIO)

**CARELLO** m.: Almofada de pano, principalmente xadrez de várias cores, e recheado de *borra* (resíduos da fabricação e do acabamento dos panos de lã e de seda) (Crusca)

**CARTA** f.: Papel. 1 – Fólio, composto de duas páginas, frente (*r*) e verso (*v*), de um livro manuscrito. 2 – Escritura, documento comprovante um negócio público ou privado; contrato, instrumento notarial. (Treccani/V)

**CASOLARE** m.: Casa, geralmente em más condições; casa isolada no campo. Às vezes, sinônimo simplesmente de casa. (T/B)

**CASSAPANCA** f.: Móvel em forma de caixa utilizado seja para guardar objetos, seja para sentar. (TLIO)

**CASSONE** m.: Grande caixa, baú. Caixa para conservar e proteger dinheiro. (TLIO)

**CASTEL(L)ERIA** f.: (*castellaneria* ?). Ofício e jurisdição de castelão. (Rezasco)

**CASTELLO** m. –A f.: Castelo, fortaleza. Os *Ufficiali delle Castella* tinham competência na guarda, restauração e construção de castelos e fortificações do domínio. Eram sete e duravam seis meses no cargo. Tinham sob sua direta dependência os castelãos, que moravam junto com os soldados nas fortificações. (ASF)

**CATASCIAMITO** m.: Tipo de *sciamito* (v.) ricamente trabalhado. (Crusca)

**CATASTO** m.: Cadastro. Instituído em 1427 para uma melhor justiça distributiva, registrava detalhadamente todos os bens imóveis e as rendas móveis – dos quais era fornecida a descrição – também de muitos que não eram sujeitos aos impostos, como os eclesiásticos e os lugares religiosos. (ASF)

**CAVARE** v. tr.: Escolher, eleger. Tirar a sorte (em particular, os prepostos a um ofício) mediante pedaços de papel, das bolsas das eleições. (TLIO)

**CERCHIAIO** m.: Artesão que fabrica os arcos das *botti* (v.) ou similares. (Treccani/V)

**CERCHIOVITO** m.: Recinto, espaço fechado ou delimitado entre limites precisos. Línea fechada, mais ou menos circular, que delimita um território. (TLIO)

**CERVELLIERA** f.: Elmo leve, calota de ferro usada para proteger o crânio. (TLIO)

**CHIASO** m.: Rua ou via estreita, travessa. Especialmente nas áreas urbanas: beco, rua estreita e curta, às vezes arqueada. (Treccani/V)

**CHIOVARE** (*chiodare*, *inchiodare*) v. tr.: Juntar ou fixar com pregos. (TLIO)

**CILESTRO** (*celestro*, *celeste*); Da cor clara do céu limpo. (T/B)

**CIMARE** v. tr.: Raspar o pelo de um pano para tornar homogênea a espessura. (TLIO)

**CIMATORE** m.: Operário especializado em *cimare* (v.) os tecidos

**CIMIERO** m.: Figura em relevo, posta sobre o elmo. Pode encontrar-se efigiado também no lado externo dos escudos (v. *targa*) (Treccani/E)

**COGNO** m. –A f.: Unidade de medida de capacidade, utilizada especialmente para o vinho, equivalente a dez *barili* (v.) florentinos, ou seja, a c.ca 455 litros. (Treccani/V)

**COIAIO** (cuoiaio) m.: Quem vende ou quem curte o couro. (TLIO)

**COLLEGIO** m.: A união dos *Gonfalonieri di Compagnia* (v.) e dos *Buonomini* (v.) os quais, mais comumente, eram chamados todos juntos os *Collegi*. (Rezasco)

**COLTO** m.: Campo, terreno destinado à agricultura. (Treccani/V)

**COLTRE** f.: Cobertor pesado para cama, geralmente recheado de lã ou plumas. (Treccani/V)

**COLTRICE** f.: Colchão (T/B)

**COMUNE** m.: Comuna. Corpo de todos os cidadãos de uma Cidade ou Terra, que se regia pelos próprios estatutos; forma de governo urbana e independente. (Crusca; Treccani/V)

**CONDURRE** v. tr.: Alugar, tomar em locação. (Treccani/V)

**CONTENTO**: Contente, satisfeito. *Essere contento che*: dar a própria aprovação para alguma coisa. (TLIO)

**CONFESSARE** v. tr.: Declarar em forma oficial; declarar formalmente de ter recebido alguma coisa e de não ter outros pedidos (TLIO, GDLI)

**CONSORTO** (consorte) m.: Consorte. Parente, consanguíneo. Pessoa ligada a outras por relações, especialmente de natureza política. (v. *consorteria*) (Treccani/V)

**CONSORTERIA** f.: Agregação de várias famílias nobres do mesmo tronco e, às vezes, de tronco diferente. (Rezasco)

**CONTADO** m.: Território em volta de uma cidade, sobre o qual estendia-se a autoridade de uma Comuna ou de uma República. (TLIO)

**CONVEGNA** f.: Decisão tomada de comum acordo; entendimento de natureza econômica. (TLIO)

**CORDA** f. Corda. Instrumento para medir. *A corda* (adv.): Unidade de medida de comprimento (v. *staioro*). (TLIO)

**CORETTO** m.: Pequena couraça, geralmente em malha metálica, mas também em couro. (TLIO)

**CORPO** m.: 1 – A estrutura física do ser humano. 2 – Valor total dos proveitos; capital de uma companhia comercial ou parte de capital investido por cada sócio. (TLIO)

**CORTE** f.: Pátio. Espaço aberto, no interior ou no exterior de um edifício, cercado por muros. (TLIO)

**COTTARDITA** f.: Tipo de túnica, talvez mais longa e larga da *cotta* (cota), usada tanto pelos homens, quanto pelas mulheres. (Crusca)

**CUITATORE** m.: (coadiutore) Oficial subordinado ao cancelário (Molho, 2010, p.517; Crusca)

**CUPPO**: 1 – De cor escura, fosca; 2 – (subst.. m. ) Pano de cor escura. (TLIO)

**CURANDAIO** m.: Artesão encarregado de *curare* (v.) os tecidos. (T/B)

**CURARE** v. tr.: Curar, branquear tecidos no estado bruto. (TLIO)

**CURIA** f.: Cúria; a corte papal.

**DESCO** m.: Mesa

**DIPUTARE** (deputare) v. tr.: Designar, destinar para uma finalidade. (Treccani/V)

**DIMEZ(Z)ATO**: Referido a roupa, uniforme e similares: composto por duas partes, unidas pelo meio perpendicularmente, de duas cores diferentes. (Crusca)

**DIVISA** f.: Divisão, partilha, repartição de um bem entre diversos sujeitos. (TLIO)

**DOGA** f.: Aduela. Cada uma das tábuas encurvadas do corpo dos tonéis ou de recipientes similares. (TLIO)

**DONO -I** m. – **ORA** f.: Presente. 1- Doação; interesse. 2 – No plural: *donora*. Enxoval. Os objetos que, além do dote, são dados para as esposas quando ela vai para a casa do marido. (Crusca)

**DRAPPO** m.: Tipo de tecido precioso, de lã ou seda. (TLIO)

**DUCATO** m.: Moeda de ouro, cunhada em Veneza a partir de 1284, equivalente, em peso e valor, ao *fiorino* (v.). (TLIO)

**ESTIMO** m.: Estimação e descrição dos bens dos cidadãos para calcular os impostos por eles devidos. Indica também o próprio imposto. (Resasco)

**FARSETTO** m.: Vestimenta do busto, propriamente dos homens. (Crusca)

**FATTORE** m.: feitor. 1 – Administrador ou procurador de alto nível dentro de uma magistratura pública, ou de uma coletividade, ou dos negócios e comércio de um senhor. 2 – Quem administra ou cuida de uma propriedade agrícola. (TLIO)

**FIASCAIO** m.: Quem vende ou empalha os *fiaschi* (v.) (Treccani)

**FIASCO** m.: Recipiente de vidro, para vinho ou outros líquidos, com o gargalo longo, revestido com palha de ervas palustres. (Treccani)

**FINE** f.: Quitação, e também o próprio documento. Ato com o qual uma parte se declara satisfeita de seus direitos, exonerando a outra da obrigação. Documento que iguala as partidas, das quais, em caso contrário, poderia surgir uma diferença. (GDLI; Resasco)

**FIORINO** m.: Florim. Moeda de Florença, antes de prata e depois, a partir de 1252, de ouro, de 3,54 gramas e 24 quilates: tinha impresso, de um lado, o lírio, símbolo da cidade, e, do outro, a imagem de São João Batista. Teve denominações especiais em relação à diversidade de cunhagem e ao peso, nas sucessivas emissões. *F. di suggello* (v.): assim chamado pelas bolsas lacradas, nas quais os florins eram fechados, para garantia de peso e de qualidade. (Treccani)

**FIT(T)AIOLO** m.: Locatário. (Treccani/V)

**FOCOLARE** m.: Parte da lareira, mais ou menos levantada do chão, mas situada diretamente sob a coifa, na qual se acendia o fogo para cozinhar ou para esquentar os ambientes. (Treccani/V)

**FONDACO** m.: Local ou edifício destinado ao depósito e à compra-venda de mercadorias, ao exercício dos negócios a às atividades mercantis. (TLIO)

**FRENELLO** m.: Adorno em forma de faixa, diadema ou outro, usado pelas mulheres para prender os cabelos acima da testa. (TLIO)

**GABELLA** f.: Termo usado para expressar várias formas de contribuição, não ligadas por alguma relação de identidade: servia, então, para expressar indiferentemente seja um imposto direto, seja um indireto ou também uma taxa. *G. dei Contratti*. Assim era chamado seja o imposto que incidia sobre as transferências de bens, a título oneroso e a título gratuito, seja o órgão que o cobrava. *G. delle Porte*: sobre as mercadorias ao passar as portas da cidade. *G. del Sale*: sobre a venda do sal, privativa do Estado. (Rezasco; ASF)

**GHIBELLINO**: Gibelino. Partidário dos interesses imperiais contra a política papal e, mais genericamente, de toda facção política em contraste com outras facções que se definiam *guelfe* (v.) (Treccani)

**GIURARE** v. tr.: Prometer sob juramento; prometer (solenemente) o casamento; celebrar as núpcias. (Treccani/V)

**GONFALONE** m.: Gonfalão; estandarte com pontas pendentes. Estandarte da Comuna, e também, bandeira militar e insígnias de magistrados, de corporações civis e religiosas. Com o nome de *Gonfalone* eram indicadas também cada uma das quatro zonas nas quais eram divididos os *Quartieri* (v.) de Florença: Santo Spirito: *Scala, Nicchio, Sferza, Drago*. Santa Croce: *Carro, Bue, Lion Nero, Ruote*. Santa Maria Novella: *Vipera, Unicorno, Lion Rosso, Lion Bianco*. San Giovanni: *Lion d'Oro, Drago, Chiavi, Vaio*. (vide ilustração B p. 61)

**GONFALONIERE** m.: Custódio do *Gonfalone* (v.); aquele que porta o gonfalão. Os *Gonfalonieri di Compagnia* (*Vexilliferi Sotietatis*), cargo instituído na metade do século XIII para a defesa dos direitos do povo em oposição aos magnatas, tinham jurisdição territorial e poder de intervenção armada. Em volta de 1303 a eles foi conferida a tarefa de providenciar a defesa da Signoria e a salvaguarda do governo do povo, chegando ao vértice do governo da cidade. (*Gonfalonni*, v.). Junto com os *Buonumini* (v.) constituíam em Florença os chamados *Collegi*, que, junto com os *Priori das Arti* (v.), formavam a *Signoria* (v.), órgão central do governo. Permaneciam no cargo quatro meses: doze pertenciam às *Arti Maggiori* e quatro às *Minori*. O *Gonfaloniere di Giustizia*, custódio do *Gonfalone* das armas da República, era o chefe do governo civil. (ASF; Treccani/V)



**GOVERNATORE** m.: Quem cuida da gestão ou da administração de alguma coisa. (TLIO)

**GRAMMATICA** f.: Língua latina, em contraposição à língua vulgar. (Crusca)

**GRANO** m.: Trigo. *G. comunale*: qualidade não escolhida, qual comumente se usa. (Crusca)

**GUARNACCA** f.: Veste longa, sem mangas, geralmente forrada de pele e provida de capuz. (TLIO)

**GUARNELLO** m.: Tecido de tela bruta e de pouco valor, usado como veste de uso comum ou como forro. (TLIO)

**GUELFO**: Guelfo. Partidário da política temporal e da supremacia do papado contra os interesses imperiais e, mais genericamente, sem nenhuma referência à política papal e imperial, de toda facção política em contraste com outra facção, que se definia *ghibellina* (v.). (Treccani/V)

**GUIDERDONE** m.: Recompensa, remuneração, interesse ou juro do dinheiro. (Treccani/V)

**IMBREVIATURA** f.: Minuta dos negócios jurídicos que o notário escrevia, geralmente de forma abreviada, para depois redigi-la em forma de original definitivo com a assinatura das partes e das testemunhas; registro no qual os notários copiavam tais minutas. (Treccani/V)

**ISBATTERE** (v. *Sbattere*) v. tr.

**LANO**: Feito de lã. (Treccani/V)

**LASCIO** m.: Legado feito por testamento. (T/B)

**LASTRAIUOLO** m.: Operário empregado no revestimento de edifícios com placas de pedra. (TLIO)

**LETTERA** f.: Carta de câmbio, cambial. (GDLI)

**LIB(B)RA** f.: 1 – Libra. Unidade de medida de peso, com o valor aproximado da terça parte de um kg, correspondente, geralmente, a doze *once* (v.). 2 – Lira (moeda) (Crusca)

**LINAIUOLO** m.: Quem trabalha ou vende linho. (TLIO)

**LINO** m.: 1 – Linho. Planta das lináceas. 2 – Tecido feito com fibras do linho. 3 – (Adj..) Feito com tecido de linho. (Treccani/V)

**LIRA** f.: Lira. Moeda equivalente a cem *soldi*. (Rezasco)

**LODARE** (*laudare*) v. tr. e intr.: Aprovar (uma proposta); sentenciar como árbitro, em um compromisso. (Rezasco)

**LODO** (*laudo*, lodo) m.: Laudo, parecer, sentença arbitral. Deriva do latim medieval *laudum*, que tinha o significado de “aprovação (dada pelo senhor feudal)”: forma deverbal de *lodare*. (v.) (Treccani/E; Rezasco)

**LOGORARE** v. tr.: Consumir, usar (Treccani/V)

**LOICA** (*logica*) f.: Ciência da arte de bem raciocinar. (Crusca)

**MADIA** f.: Móvel consistente em uma caixa retangular de madeira, provida de tampa superior com dobradiças, usada para conservar farinha e fermento para fazer o pão. (Treccani/V)

**MADONNA** f.: (Nossa) Senhora. Do latim *mea domina*, minha senhora. Título honorífico usado na antiguidade para se dirigir a uma mulher ou falando dela. Por antonomásia, e em geral com inicial maiúscula, Maria, Mãe de Jesus. (Treccani)

**MAESTRO** m.: Mestre. 1 – Quem exerce profissão ou indústria, não como trabalhador subordinado ou discípulo, e é, então, o chefe ou patrão, da loja ou da companhia. 2 – Preposto ao nome, título que designa especialmente os médicos. (Rezasco)

**MAGLI(U)OLO** m.: Sarmento que se corta da videira e que, plantado para que crie raízes, é depois transplantado nas fossas preparadas para isso, para fazer novas videiras. (Crusca)

**MAGOLATO** m.: Preparação da terra para o cultivo em faixas separadas por fossas, ao longo das quais são plantadas as árvores. (Treccani/V)

**MALLEVADORE** m.: Fiador, garante. Pessoa que se obriga a realizar o pagamento ou o cumprimento de obrigação de outra pessoa. (Treccani/V).

**MALLEVERIA** f.: Obrigação do *mallevadore* (v.), pela qual se assegura a execução de uma obrigação ou de um pacto, qual quer que seja, ou o cumprimento fiel de um cargo, ou similares. (Rezasco)

**MANICARE** v. tr.: Comer

**MARRA** f.: Enxada grossa, com ferro largo e curto, usada para trabalhar a terra. (TLIO)

**MASSERIZIA** (*massarizia*) f.: No uso comum, geralmente como plural, o mobiliário e os outros objetos utilitários ou de decoração de uma casa. (Treccani/V)

**MENARE** v. tr.: Unir-se com uma mulher em matrimônio (GDLI, 8)

**MENATO**: Usado. É dito de roupa, *masserizie* (v.) e similares, contraposto a “novo”. (Crusca)

**MERCATANTE** (*mercante*) m.: Mercante, mercador.

**MERCATANTIA** (*Mercanzia*) f.: O *Officium Mercantiae* nasceu como instituição privada, contratual, e como tribunal arbitral, por iniciativa de cinco das sete artes maiores, em 1308. Foi reconhecida como uma magistratura do Estado por uma *balia* (v.) especial da Comuna,

em 1309. A ela foram confiadas as causas referentes ao exercício das represálias e a tutela da segurança do comércio florentino. (ASF)

**MERCIAIO** m.: Merceeiro, varejista. Aquele que vende, por profissão, mercadoria várias a varejo, em particular, membro da *Arte dei Merciai*. (TLIO)

**MESCIROBA** f.: Recipiente de metal ou outro material precioso, utilizado para fins ornamentais ou para lavar as mãos (TLIO; T/B)

**MESSERE** m.: (Meu) Senhor. Do provençal *meser*, “meu Sire, meu Senhor”. Título de dignidade muito comum nos tempos antigos, devido por norma a juízes e notários, mas usado, por respeito e reverência, como apelativo de importantes personagens e atribuído até aos santos; em posição proclítica, geralmente encontram-se as variantes *messer*, *ser* (Treccani/V)

**MEZ(Z)ETTA** f.: Unidade de medida de capacidade, equivalente à quarta parte do *fiasco* (v.). (T/B)

**MEZ(Z)ULE** m.: Tábua mediana do fundo de um tonel. (TLIO)

**MOBOLE** (mobile ?) m.: Bem móvel. É chamado o que não é fixo e se podem trocar, como *masserizie* e dinheiro (T/B)

**MOGGIO** m. –A f.: Unidade de capacidade de medida, equivalente a 24 *staia* (v.) (T/B)

**MONETA** f.: Moeda. *Ufficiali della Moneta*: v. *Zecca*

**MONNA** f.: Forma abreviada de *Madonna* (v.), título que se usava prepor ao nome próprio de uma mulher, na maior parte das vezes ou casada ou viúva, mesmo se de condição baixa ou não muito elevada. (Crusca)

**MONTARE** (*ammontare*) v. intr.: Somar, totalizar. (T/B)

**MONTE**, –I m. (Dim. *Monticino*): 1 - Conjunto de somas ou bens. 2 - Em termos econômicos, a palavra encontra-se frequentemente a partir da Idade Média, e assume múltiplos significados, nos quais, porém, é sempre implícita a ideia de acumulação. De modo especial *Monte* é uma expressão da linguagem financeira, que se aplica a um determinado acúmulo, ou a um acúmulo geral de empréstimos, voluntários ou forçados, solicitados ou impostos pelos estados que eram obrigados a providenciar às necessidades extraordinárias, mediante expedientes de caixa, em vista da insuficiência e das longas práticas de cobrança dos impostos diretos. Mas, devido ao crescimento fora de medida da dívida pública em consequência especialmente das numerosas guerras às quais a Comuna era obrigada para manter a própria autonomia e consolidar sua posição na região, com a suspensão temporária do pagamento das cotas de amortização, cada vez mais longa, os empréstimos assumiram de fato o caráter de renda perpétua. *Monte* podia significar também a unificação de muitos ou de todos os empréstimos, aos quais era garantido um tratamento uniforme. É o caso do *Monte* comum de Florença, constituído com a reforma de 22 de fevereiro de 1345, que transformou de fato todos os velhos empréstimos em títulos de renda irredimíveis, com o rendimento de 5 por cento anuais, isentos de imposto, e negociáveis: a chamada *prestanza* (v.). Na prática, se quem tinha antecipado o próprio dinheiro não era destinado a recuperar os capitais, a formação que se verificou de um mercado livre dos títulos permitia-lhe de dispor de um valor

real de pelo menos a terceira ou quarta parte da importância emprestada, que podia ser recebida a qualquer momento e que se somava aos juros eventualmente recebidos até o momento da venda. A constituição de um *Monte* comum não impediu que os empréstimos contraídos posteriormente, em vez de serem sujeitos ao mesmo tratamento, fossem inscritos nos livros de outros *Monti* a condições diferentes e mais vantajosas para os emprestadores, sugeridas e impostas pela necessidade de dinheiro por parte do estado. Assim, nos anos que se seguiram, devido ao desastre da Peste Negra e à retomadas das ações de guerra, foram instituídos empréstimos forçados com direito a juros. Em 1355 – a testemunho da dificuldade pelo estado de coletar dinheiro – foram praticados aos contribuintes florentinos juros dobrados em comparação àqueles previstos em 1345, e um fenômeno parecido repetiu-se em 1358, quando foram concedidos juros de 15 por cento. Devido à necessidade de contornar a proibição eclesiástica da usura, em ambos os casos juros tão elevados foram concedidos através do artifício da concessão, para a restituição, de uma quantidade nominal de “*fiorini di Monte*” duas e três vezes maiores, respectivamente, daquela real: o *Monte* do “um dois” e do “um três”. (Rezasco; Treccani/E)

**OB(B)RIGARSI** (*obbligarsi*) v. rifl.: Empenhar-se; vincular-se mediante obrigação, no sentido jurídico da palavra. (Treccani/V)

**O(B)BRIGATO**: Vinculado

**ONCIA** f.: Onça. Unidade de medida de peso e de massa. (Treccani/V)

**OPERA** f.: Trabalho (ou trabalhador) diarista nos campos. (Treccani/V)

**ORCIO** m. –A f.: 1 – Grande vaso de terracota. 2 – Unidade de medida de capacidade para líquidos, equivalente à décima segunda parte do *cogno* (v.) (Treccani/V)

**PADULE** f.: (Palude) Pântano

**PAIUOLO** m.: Recipiente de cobre, largo e fundo, com cabo móvel de ferro em arco, que permite pendurá-lo ao gancho da corrente no centro da lareira. (Treccani/V)

**PALAGIO** m.: Palácio, Paço

**PANICO** m.: Painço, “Milho-da-Itália”. Planta da família das gramíneas.

**PANORO** m., –A f.: Superfície de terreno que dá trigo, ou seja, farinha, suficiente para fazer um pão. Unidade de medida da terra, correspondente a doze *pugnora* (v); correspondente à décima segunda parte do *staioro*. (v.) (Treccani/V)

**PARTE GUELFA** f.: Organização política enquadrada nas estruturas jurídicas da Comuna, formada-se para a defesa do guelfismo. Os *Capitani di Parte Guelfa* era uma magistratura instituída em Florença em 1267, depois da vitória dos Guelfos. Em 1280 teve a tarefa específica de perseguir os Gibelinos que não se tinham submetidos ou, de qualquer forma, os inimigos da facção no poder. Para exercer sua função, no início eminentemente política, era dotada de jurisdição civil e também criminal. Tinha um vasto patrimônio, derivado do confisco dos bens dos rebeldes, que eram administrados por ela. (ASF)

**PARTITA** f.: Parte; partida; nota, ou memória, que se faz de débito ou crédito nos livros de contas. (T/B)

**PASQUA** f.: Propriamente, a Páscoa, o dia da Ressurreição de Cristo, mas os escritores e o uso ampliaram esta denominação para outras solenidades religiosas (P. do Corpo de Cristo, P. da Natividade etc.) (T/B)

**PESCAIA** f.: Borda, represa. (Treccani/V)

**PEZZAIO** m.: Artesão que fabrica ou vende retalhos (talvez de couro, para fazer solas) (TLIO)

**PIANELLAIO** m.: Quem faz ou vende *pianelle* (calçados com salto baixo ou sem salto, sem cadarços). (Treccani/V)

**PIATIRE** v. intr.: Contender em juízo, tratar uma causa como juiz ou advogado ou pleitear as próprias razões contra um adversário. (Treccani/V)

**PIATO** –I m.: (Placito) Sentença deferida por uma autoridade judiciária; também, documento que conserva seu texto. Causa judicial. (v. *piatire*) (Treccani/V)

**PIEVE** f.: Circunscrição eclesiástica menor, constituída de um vasto território com uma igreja principal, dotada de batistério, e outras igrejas sucursais, administrada por um padre, chamado *pievano*. Complexo dos fieis pertencentes à circunscrição; o edifício da igreja. (Treccani/V)

**PIMACCIO** –I m. –A f.: (*Piumaccio*) Travesseiro. (T/B)

**PINZOC(C)HERA** f.: Monja laica. Mulher que veste o hábito religioso, mesmo permanecendo na vida secular. (TLIO)

**PIOVIERE** (*piviere*) m.: O território de jurisdição de uma *pieve* (v.) (TLIO)

**PIUVICARE** v. Tr.: Publicar (T/B)

**PODERE** m.: Quinta. Propriedade rural destinada a cultivo, geralmente dotado de edifícios, a ser trabalhada por uma ou mais famílias de colonos por conta própria, por contrato de aluguel ou por meação. (Treccani/V)

**PODESTÀ** m.: Podestade. Magistrado que representava o supremo órgão executivo da Comuna e, em particular, exercia diretamente ou indiretamente a função judiciária. Era eleito por quatorze eleitores, escolhidos pelos Priores entre os membros dos conselhos dos cidadãos, e durava no cargo seis ou doze meses. Devia ser originário de uma cidade que não confinasse com o território florentino: a mesma cláusula vigia, também, para os numerosos funcionários administrativos e judiciários que o acompanhavam, tais como juízes, notários, cavaleiros e guardas. (ASF; Treccani)

**POPOLO** m.: 1 – Povo, população. Coletividade heterogênea que compreendia principalmente (mas não exclusivamente) a camada média urbana formada pelos mercadores e artesãos, e organizada em corporações e sociedades. 2 – Quantidade de pessoas ou território que faz parte de uma circunscrição eclesiástica menor, geralmente uma paróquia (TLIO)

**PORTA** f. –*E* e –*I* f.: Porta (Treccani/V)

**PREGIO** m.: Preço

**PRESTAGIONE** (Prestazione) f.: Prestação. No direito, o conteúdo ou o objeto de uma obrigação. (Treccani/V)

**PRESTANZA** f.: Imposto direto extraordinário, empréstimo voluntário ou forçoso, com promessa de restituição ou compensação com outros tributos e – a partir da metade do século XIII para os empréstimos voluntários e desde o fim daquele século para os forçosos – com correspondência de juros. (ASF)

**PRIORE** m.: Prior. 1 – Superior de uma comunidade religiosa e, em particular, de uma comunidade monástica. 2 – Em Florença: Os *Priori* ou *Priori delle Arti*, em número de seis, eram chamados também *Signori*, junto com o *Gonfaloniere di Giustizia* (v.), e constituíam o abstrato coletivo denominado *Signoria* (v.) que governava a República. A nomeação dos *Priori* era confiada a uma comissão constituída pelos *Priori* em saída, pelos chefes ou *Capitudini* (v.) das *Arti*, e por alguns cidadãos. Permaneciam no cargo por dois meses. (Rezasco; Treccani/E)

**PRO** m.: Prol. Vantagem, utilidade; interesse, fruto do capital. (Treccani/V)

**PROMESSA** f.: = *malleveria* (v.)

**PROMETTERE** v. tr.: Entrar como *mallevadore* (v.) para alguém (Rezasco)

**PROV(V)ISIONE** f.: (*Provvigione*). Providência; ato de prover alguém de alguma coisa. Interesse do dinheiro, particularmente daquele da Dívida Pública. (Rezasco)

**PUGNORO** m. – *A* f.: Unidade de medida de terreno.

**QUARTIERE** m.: Denominação de cada uma das quatro partes nas quais foi dividido, a partir de 1343, o território da cidade de Florença: Santa Maria Novella, San Giovanni, Santa Croce e Santo Spirito. (*vide* ilustração B p. 61) O termo passou posteriormente, na língua italiana, a indicar genericamente um bairro, um distrito. (Treccani/V)

**QUARTO** m.: A quarta parte de uma medida de capacidade, como do *staio* (v.) (Treccani)

**QUATTRINO** m.: Moeda do valor de quatro *denari* (v.) (Treccani/V)

**RACCONCIARE** v. tr.: Fazer voltar à forma e estado primitivo, consertar. (T/B)

**RAGIONE** f.: Razão. Assume, conforme o caso, os diversos significados de: razão, conta de débito e crédito, cálculo, partida, ajuste de contas, contabilidade ou, em geral, escrituração mercantil. Rendere *ragione*: responder pessoalmente, justificar. (T/B; Treccani/V)

**RECARE** v. tr.: Denunciar bens, especialmente imóveis, para fins fiscais; notificar. (Treccani/V)

**RECATA** f.: Nota dos bens imóveis dada ao magistrado ou ao órgão encarregado de recebê-la e registrá-la. (Treccani/V)

**REDA, -E** (erede) m. e f.: Herdeiro (Treccani/V)

**RICONDURRE** v. tr.: Tomar novamente em locação. (Crusca)

**RI(N)NOVALE**: Anual, aniversário (T/B)

**RISTORO** m.: Compensação, ressarcimento. (Treccani/V)

**ROGARE** v. tr.: Redigir um ato público, por parte de um notário. (TLIO)

**ROMAGNUOLO** m.: Tipo de pano de lã, grosso, de cor natural, tecido segundo o uso da Romagna. (Treccani)

**RUBELLO** (*ribello*, ribelle) m. Rebelde, revoltoso. Quem está em estado de rebeldia; quem recusa obediência à autoridade. V. também *BANDO*. (Treccani/E)

**SAGGINA** f.: Outro nome do *sorgo* (sorgo), planta das gramináceas. (Treccani)

**SALA** f.: Nome de algumas plantas palustres. (Treccani/V)

**SALTERO** m.: Saltério. Instrumento musical de cordas.

**SARGIA** f.: Tecido de linho ou de lã, de várias cores, e geralmente pintado, utilizado para fazer cortinas e similares. (TLIO)

**SBATTERE** v. tr.: Deduzir, descontar. (T/B)

**SCAC(C)ATO** adj.: Quadriculado, desenhado em quadros como o tabuleiro do xadrez. (Treccani)

**SCHEDONE** m.: (*schidone*, schidione) Espeto. Instrumento longo e fino, no qual espetam-se as carnes para assar, e é geralmente de ferro. (T/B)

**SCIAMITO** m.: *Drappo* (v.) de seda pesada, de várias cores. (Treccani/V)

**SCRITTA** f.: 1 – Nota, lista. 2 – Obrigação, por escrito; escritura. (T/B)

**SEGA** f.: Imposto por cabeça ou por família, a caráter diário, pois suas prestações cotidianas eram iguais como os dentes de uma serra (*sega*); às vezes tinha caráter obrigatório, mas remunerado. (Treccani/V)

**SENSALE** m.: Mediador, intermediário, corretor

**SENSERIA** f.: Trabalho de mediação desenvolvido pelo *sensale* (v.), compensação a ele devida. (Treccani/V)

**SER**: v *Messer*.

**SERMENTO** m.: (Sarmento) m.: Sarmento

**SEROCCHIA** f.: (*sirocchia*) f.: Irmã

**SERQUA** f.: Número de doze, usado propriamente para ovos, peras, maçãs e coisas similares (T/B)

**SESTIERE** m.: Denominação de cada uma das seis partes nas quais era dividido o território da cidade de Florença, entre 1250 e 1343. (*vide* ilustração B p. 61) (Treccani/V)

**SEZ(Z)AIO**: Último (Trccani/V)

**SIGNORIA** f.: A magistratura colegial que constituía o órgão supremo da Comuna. (Treccani/V)

**SINDACO –CHI** (-ci) m.: Síndico. Aquele que revê, controla as contas. Procurador de uma cidade, uma Comuna ou uma comunidade, com a função de tutelar seus interesses ou de exercer um controle sobre as atividades de seus funcionários. (Crusca; Treccani/V).

**SOCIO** (*soccida*) m.: Contrato estipulado entre quem possui o gado e quem se empenha a criá-lo, dividindo pela metade com o proprietário as despesas e os proventos. (TLIO)

**SODARE** v.tr.: Garantir, dar garantia para o cumprimento de uma obrigação. (Treccani/V)

**SODO** m.: Solo agrícola não trabalhado e, então, sólido e inculto. (Treccani/V)

**SOMA** f.: 1 – Unidade de medida de superfície e de capacidade. 2 – Ônus, obrigação árdua e pesada. (Treccani/V)

**SORIANO** m.: Tecido proveniente da Síria (TLIO)

**SOSCRIVERE** (*Sottoscrivere*) v. tr.: Subscrever

**SOVER(S)CIO** m.: Assim chamam-se os cereais que não produzem colmos e que, depois de semeados e crescidas um pouco, são enterrados para engordar a terra. (Crusca)

**SPEDALE** (*ospedale*) m.: Hospital, hospedaria. Nasce, na Idade Média, como lugar de cura e de assistência aos pobres e peregrinos. Assume, em seguida, a tarefa de educar a infância abandonada, conservando sempre a da cura dos doentes: é essa última função que, no decorrer do tempo, impõe-se, substituindo as demais. (Treccani/E)

**SPELDA** f.: Spelta. Espécie da família das gramináceas. (Treccani/V)

**SPIC(C)ARE** v. tr.: Separar, desunir (T/B)

**SPRANGA** f.: Espécie de roseta de metal usada para fecho e adorno, em particular de cintos. (TLIO)

**STADERA** f.: Tipo de balança, baseado no princípio da alavanca. (Treccani/V)



**STAGNATA** f.: Recipiente de ferro revestido por uma camada de estanho. (Treccani)

**STAIIO** m. – **A** f.: unidade de medida de capacidade; vaso de madeira para medir os cereais e, às vezes, também os líquidos. (Rezasco)

**STAIORO** (*istaio*, *stio*) m. – **ORA** f.: Antiga unidade de medida de superfície, usada na Toscana antes da adoção do sistema métrico-decimal. O *staio* a *grano* (ou a semente) correspondia à superfície da terra na qual se semeie u m *staio* (v.) de trigo. Um *staio* correspondia a 12 *panora* (v). Equivalente a aprox. 525,00 m<sup>2</sup> atuais. *Staio* a *corda* (adv.) (v.) (Treccani/V)

**STANZA** (*istanza*) f.: Pedido ou insistência. (Treccani/V)

**STIATTALE** (*schiatiale*) m.: Da *stiatta* (*schiatia*): estirpe, progênie, prosápia. (Crusca)

**STREMO** (estremo): Extremo

**STRETTOIO** m.: Espremedor utilizado no processo de fabricação do vinho (Treccani/V)

**SUG(G)ELLO** (*sigillo*) m.: Lacre; selo. Instrumento, geralmente de metal, no qual é cavada a marca que se efigia na matéria com a qual se lacra. (v. *Fiorino*) (T/B)

**TARGA** f. (diminutivo: *targetta*): Tipo de escudo leve, de madeira ou de couro, às vezes com decoração heráldica. (Treccani/E)

**TAVOLA** f. Tábua, tábua de madeira ou mesa. 1 – Banco dos banqueiros: ou seja, o banco privado que exercia o câmbio da moeda e outras operações bancárias, constituído originalmente por uma tábua sustentada por dois cavaletes de madeira. 2 – Quadro, pintura de altar. (Crusca)

**TAVOLIERE** m.: Banqueiro (v. *tavola*). (Treccani/v)

**TEMPORILE** m.: *Porco t.*: leitão. (T/B)

**TENUTA** f.: Gozo, ou faculdade atual de desfrutar; posse. (T/B)

**TERMINE** m.: Espaço de tempo; tempo prefixado. (T/B)

**TINO** m.: Recipiente formado por aduelas em madeira (castanho, carvalho, lárice etc.) e tampos unidos por arcos metálicos, destinado a conter as uvas esmagadas durante a fermentação alcoólica. (Treccani/V)

**TORRE** f.: Torre. *Ufficiali di T.* ou *della (e) T.*: assim eram chamados – pela localização do seu escritório – os encarregados da direção dos planos edilícios, e da administração e da tutela dos direitos sobre os bens pertencentes ao Estado, inclusive aqueles passados ao fisco devido a condenações políticas ou à falta de observância das obrigações tributárias. Em 1364 foram conferido aos *Ufficiali di Torre* a competência de cinco outros ofícios: das *gabelle* (v.), dos bens dos *ribelli* (v.), dos moinhos, do mar e das ruas, pontes e muralhas. (ASF)

**TRESPOLO** m.: Aparelho composto de três pés, um de um lado e dois do outro, sobre os quais apoiam-se os tampos das mesas. (T/B)

**UOSA** f.: Calçado parecido com uma bota. (Treccani/V)

**VAIO** m.: Pele cinza escura, macia e preciosa, obtido da pelagem de inverno de uma variedade russa e siberiana de esquilo, usada no vestuário distintivo de magistrados, doutores, dignitários, ordens cavaleirescas. (Treccani/V)

**VALESCIO** m.: Tecido de lona de algodão misturado com outras fibras. (TLIO)

**VANTAG(G)IO** m.: Vantagem. Aqueles pactos que o patrão impõe, em vantagem própria, ao camponês, consistente em geral em frangos, ovos, frutos e similares. *Di vantaggio* (adv.): a mais. (T/B)

**VERGADO** : Listrado. (Treccani/V)

**VETTURA** f.: Transporte de pessoas ou coisas feito, a pagamento, com animais de carga ou veículos a tração animal. (Treccani/V)

**VILIA –E** (Vigilia) f.: Vigília, no significado de dia que antecede à festividade. (Crusca)

**ZECCA** f.: Casa da Moeda; oficina do governo onde cunham-se as moedas e os sigilos do estado. Os *Ufficiali sulla moneta* e depois *Maestri di Zecca*: superintendiam à cunhagem do florim e das outras moedas. Gradativamente, estenderam seu controle sobre a circulação do dinheiro e sobre sua exportação. Tiveram, também, a jurisdição penal sobre os crimes em matéria monetária. (ASF)

**ZENDADO** m.: *Drappo* (v.) finíssimo ou véu, principalmente de seda. (Treccani/V)

## BIBLIOGRAFIA

- AGNOLETTI, Anna Maria E, (A cura di). *Statuto dell'Arte della Lana di Firenze (1317-1319)*. Firenze, Le Monnier, 1940.
- ALBERTI, Leon Battista. *I Libri della Famiglia*. In: *Opere Volgari*, volume primo, a cura di C. Grayson. Scrittori d'Italia n° 218. Bari, Laterza, 1960.
- ALFIERI, Gabriella. *La lingua di consumo*. In: *Storia della lingua italiana*. A cura di L. Serianni e P. Trifone, vol. secondo. Torino, Einaudi, 1994.
- ANTELLA, Guido Filippi dell'. *Ricordi*. In: *Vite di illustri italiani inedite o rare*. Vol. Primo. Archivio Storico Italiano, Tomo IV. Firenze: Vieusseux, 1843.
- ASTORRI, Antonella. *La Mercanzia a Firenze nella prima metà del Trecento. Il potere dei grandi mercanti*. Firenze, Olschki, 1998.
- BAGGIONI, Laurent et LECLER, Élise. "Après les Ciompi: regards florentins sur le tumulte et construction politique de l'après-crise". Astériot [En ligne], 15|2016, mis en ligne le 15 novembre 2016, consulté le 27 août 2019. URL: Disponible em: <http://journals.openedition.org/asterion/2793>
- BALESTRACCI, Duccio. *La zappa e la retorica. Memorie familiari di un contadino toscano del Quattrocento*. Firenze, Salimbeni, 1984.
- BATTISTA, Gabriella. *Una famiglia di mercanti nei secoli XIV-XVI: i Rinieri*. In: *From Florence to the Mediterranean. Essays in honour of Anthony Molho*. Firenze, Olschki, 2009.
- BEC, Christian. *I mercanti scrittori*. In: *Letteratura Italiana*, direzione Alberto Asor Rosa, vol. II, Torino, Einaudi, 1983, p. 269-297.
- BEC, Christian. *Les marchands écrivains. Affaire et humanism à Florence, 1375-1434*, Paris, La Haye, 1967.
- BERARD, Claude Cazalé; KLAPISCH-ZUBER, Cristiane. *Mémoire de soi et des autres dans les livres de famille italiens*. In: *Annales, Histoire, Sciences Sociales*, 2004/4 (59e année) Disponible em: <https://www.cairn.info/revue-Annales-2004-4-page-805.htm>
- BEVILACQUA, Mirko. *Il giardino del piacere. Saggi sul Decameron*. Roma, Semar, 1995
- BIZZOCCHI, Roberto. *Forme diverse di memoria storica nell'età moderna*. Conferência. [s. l.], 2006. Disponible em: <https://pdfs.semanticscholar.org/dca1/2237e7b0bbebe70ec880eb05273545747a63.pdf>
- BLACK, Robert. *École et société à Florence aux XIVe et XVe siècles - Le témoignage des ricordanze*. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, [...], Hess, 2004. Disponible em: <https://www.cairn.info/revue-Annales-2004-4-page-827.htm>

- BLACK, Robert. *Education and Society in Florentine Tuscany: Teachers, Pupils and Schools, c. 1250-1500*, volume 1. Leiden / Boston, Brill, 2007.
- BLANCHOT, Maurice. *Faux pas*. Paris, Gallimard, 1943.
- BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Letteratura Italiana Einaudi. Edizione di riferimento: a cura di Vittore Branca, Torino, Utet, 1956.  
Disponível em: [http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume\\_2/t318.pdf](http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_2/t318.pdf)
- BONOLIS, Guido. *La giurisdizione della Mercanzia in Firenze nel secolo XIV*. Firenze, Bernardo Seeber, 1901.
- BORGHINI, Vincenzo Et alii. *Annotazioni e discorsi sopra alcuni luoghi del Decameron di M. Giovanni Boccaccio, fatte da' deputati alla correzione del medesimo*, a cura di P. Fanfani. Firenze, Le Monnier, 1857.
- BOSKOVITS, Miklós. *The Fourteenth Century – The Painters of the Miniaturist Tendency*, section III, volume IX. In: *A critical and historical Corpus of Florentine Painting*. Florence, Giunti Barbera, 1984.
- BRANCA Vittore. *Mercanti scrittori. Ricordi nella Firenze tra medioevo e rinascimento*. Milano, Rusconi, 1986.
- BRIOSCHI, Franco; DI GIROLAMO, Costanzo; FUSILLO, Massimo. *Introduzione alla letteratura*. Roma, Carocci, 2003.
- BRUCKER, Gene A., *Dal Comune alla Signoria: la vita pubblica a Firenze nel primo Rinascimento*. Bologna, Il mulino, 1981.
- BRUCKER, Gene A., *Florentine Politics and Society 1343-1378*. Princeton, Princeton University Press, 1963.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália – Um ensaio*. São Paulo, Schwarcz, 1991.
- CECCHERINI, Irene. *La genesi della scrittura mercantesca. Actes du XVe Colloque du Comité International de Paléographie Latine (Vienne, 13-17 septembre 2005)*, a cura di O. Kresten e F. Lackner, p. 123-137.
- CECCHERINI, Irene. *Le scritture dei notai e dei mercanti a Firenze tra Duecento e Trecento: unità, varietà, stile*. In: *Medioevo e Rinascimento*, Annuario del Dipartimento di Studi sul Medioevo e Rinascimento dell'Università di Firenze, XXIV / n.s. XXI, 2000, p. 29-68
- CECCHI, Matteo. *Palazzo Bartolini Salimbeni – Istimatissima Architettura*. Firenze, Edifir, 2015.
- CERTALDO, Paolo da. *Il libro di buoni costumi di Paolo di Messer Pace da Certaldo: documento di vita trecentesco fiorentino*. A cura di S. Morpurgo. Firenze, Le Monnier, 1921.

- CHABOT, Isabelle. *La dette des familles: femmes, lignage et patrimoine à Florence aux 14. et 15. siècles*. Rome: École Française de Rome, 2011.
- CHABOT, Isabelle. *Ricostruzione di una famiglia. I Ciurianni di Firenze tra XII e XV secolo*. Firenze, Le Lettere, 2012.
- CIAMPAGLIA, Margherita. *Il libro di bottega segnato "A" di Bernardo di Stefano Rosselli (15 giugno 1475 – 3 marzo 1500). Pittura a Firenze nel secondo Quattrocento*. Tesi di Dottorato di Ricerca in Storia e Conservazione dell'Oggetto di Arte e Architettura. Università degli Studi Roma Tre, 2008. Disponibile em: <https://arcadia.sba.uniroma3.it/bitstream/2307/158/1/Tesi%20Dott%20segreteria.pdf>
- CIAPPELLI, Giovanni (A cura di). *Francesco di Matteo Castellani. Ricordanze A (1436-1459)*. Firenze, Olschki, 1992.
- CIAPPELLI, Giovanni. *I Libri di Famiglia a Firenze. Stato delle ricerche e iniziative in corso*. In: Mordenti, Raul. *I libri di famiglia in Italia*, vol. II: *geografia e storia*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 2001, p. 131-139.
- CIAPPELLI, Giovanni. *L'evoluzione dei modelli di memoria familiare: i libri di famiglia toscani (secoli XVI-XVIII)*. In: *Memoria, famiglia, identità tra l'Italia e l'Europa nell'età moderna*. A cura di G. Ciappelli. Bologna, Il Mulino, 2009.
- CIAPPELLI, Giovanni. *Memoria degli eventi storici nelle ricordanze private fiorentine – (secc.XIII-XV)*. In: *La memoria e la città - Scritture storiche tra Medioevo ed Età Moderna*. A cura di C. Bastia e M. Bolognani, responsabile culturale F. Pezzarossa. Bologna, Il Nove, 1995.
- CIAPPELLI, Giovanni. *Memory, Family and Self. Tuscan Family Books and Other European Egodocuments (14<sup>th</sup>-18<sup>th</sup> Century)*. Leiden/Boston, Brill, 2014.
- CIASCA, Raffaele (per cura di). *Statuti dei Medici e Speciali*. In: *Fonti per la storia delle corporazioni artigiane del Comune di Firenze*. Firenze, Olschki, 1922.
- CICCHETTI, Angelo; MORDENTI, Raul. *I libri di famiglia in Italia*, vol. I: *filologia e storiografia letteraria*. Roma, Edizioni di storia e letteratura, 1985.
- CICCHETTI Angelo; MORDENTI, Raul. *La scrittura dei libri di famiglia*. In: *Letteratura italiana* diretta da A. Asor Rosa, vol III, *Le forme del testo*, tomo II, *La prosa*. Torino: Einaudi, 1984, pp. 1117-1159.
- CONNELL, William J., *"Libri di Famiglia" and the family history of florentine patrician*. In: *Italian Culture, VIII*, 1990. 279-292.  
Disponibile em: <https://www.academia.edu/6198438>
- CONTI, Elio; GUIDOTTI, Alessandro; LUNARDI, Roberto. *La civiltà fiorentina del quattrocento*. A cura di L. De Angelis, S. Raveggi, C. Piovanelli, P. Pirillo, F. Sznura. Firenze, Vallecchi, 1993.

- COTRUGLI, Benedetto. *Libro de l'arte de la mercatura*. A cura di V. Ribaud. In: Italianistica 4. Venezia, Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 2016.  
Disponível em: <https://edizionicaforcari.unive.it/media/pdf/books/978-88-6969-088-4/978-88-6969-088-4.pdf>
- CORTI, Gino. *Consigli sulla mercatura di un anonimo trecentista*. In: Archivio Storico Italiano, Vol. 110, No. 1 (398), Firenze, Olschki, 1952.
- CREDI, Oderigo di. *Ricordi*. In: Archivio Storico Italiano, tomo IV. Firenze, Vieusseux, 1843.
- D'ARAMENGo, Maria Teresa Balbiano. *Il Purgatorio di Dante. Nuovi appunti per la lettura*. Torino, Riccadonna, 2004.
- D'ARAMENGO, Maria Teresa Balbiano. *Il Paradiso di Dante. Nuovi appunti per la lettura*. Torino, Riccadonna, 2006.
- DATI, Goro. *Historia di Firenze di Goro Dati. Dall'anno MCCCLXXX all'anno MCCCCV. Con annotazioni*. Firenze, Giuseppe Manni, 1735.
- DAVIDSOHN, Robert. *Storia di Firenze – II parte II*. Firenze, Sansoni, 1981.
- DE ANGELIS, Laura. *Territorial offices and officeholders*. In: *Florentine Tuscany – Structures and Practices of Power*, edited by Connell W.J and Zorzi A. Cambridge University Press, 2000, p. 165-182.
- De Benedictis, Cristina. *Su un affresco di Spinello Aretino: vicende di una committenza*. In: *Scritti di storia dell'arte in onore di Federico Zeri*, Milano, Electra, 1984, p. 56-59
- DE LA RONCIERE, Charles Marie. *Un changeur florentin du Trecento: Lippo di Fede del Sega (1285 env.-1363 env.)* Paris: S.E.V.P.E.N., 1973.
- DE LA RONCIERE, Charles Marie. *A vida privada dos notáveis toscanos no limiar do Renascimento*. In: *História da vida privada vol. 2, Da Europa feudal à Renascença* Organização: G. Duby. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- DEL LUNGO, Isidoro. *Dino Compagni e la sua Cronaca*. Volume Primo, parte prima. Firenze, Successori Le Monnier, 1879.
- DOREN, Alfred. *Le Arti fiorentine*. Firenze, Le Monnier, 1940.
- DURANTE, Marcello. *Dal latino all'italiano moderno – Saggio di storia linguistica e cultural*. Bologna, Zanichelli, 1981.
- EMILIANO, António. *Crítérios e normas para transcrição e transliteração de textos medievais*. Lisboa. Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, 2001  
<https://www.academia.edu/3777459>
- FANELLI, Giovanni. *Firenze, Architettura e Città - Atlante*. Firenze, Vallecchi, 1973.

*FORMULARIUM QUOTIDIANUM CONTRACTUUM, secundum stilum potissime Florentinum.* Florentiae, Typis Regiae Celsitudinis, 1705.

FREDONA, Robert A. *Political conspiracy in Florence, 1340/1382*. A Dissertation Presented to the Faculty of the Graduate School of Cornell University In Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy, 2010. Disponível em: <https://ecommons.cornell.edu/bitstream/handle/1813/14894/Fredona?sequence=1>

GERARD MARCHANT, Laurence (A cura di). *Draghi rossi e querce azzurre. Elenchi descrittivi di abiti di lusso (Firenze 1343- 1345)* trad. a saggi introduttivi di L. Gérard Marchant, Ch. Klapisch-Zuber, F. Sznura, G. Biscione, J. F. Vaucher De la Croix, Firenze, SISMEL, 2013.

GHERARDI, Alessandro. *La guerra dei Fiorentini con Papa Gregorio XI, detta la Guerra degli Otto Santi*. Firenze, M. Cellini, 1868.

GHERARDI, Alessandro (A cura di). *Diario d'anonimo fiorentino*. In: *Cronache dei secoli XIII e XIV*. Volume unico. In: Documenti di Storia Italiana, pubblicati a cura della R. Deputazione sugli studi di Storia Patria, Tomo VI, p. 207-588. Firenze, M. Cellini, 1876.

GIANNAZZA, Luca. *Prosopografia del personale di Zecca. Elenco nominativi (Ridotto)*, Elgivs 2.1, [S. l.] 2013. Disponível em: [https://www.sibrium.org/Materiali/Eligivs\\_export\\_latest.pdf](https://www.sibrium.org/Materiali/Eligivs_export_latest.pdf)

GINANNESCHI, Stefano (A cura di). *Elenchi nominativi dei Podestà del Comune di Firenze e dei Capitani del Popolo in carica dal 1343 al 1502*, Vol. II (1364-1391), Inventario N/26. Archivio di Stato di Firenze, 2002. Disponível em: [http://www.archiviodistato.firenze.it/asfi/fileadmin/risorse/allegati\\_materiali\\_di\\_studio/archivi\\_podesta\\_capitani.pdf](http://www.archiviodistato.firenze.it/asfi/fileadmin/risorse/allegati_materiali_di_studio/archivi_podesta_capitani.pdf)

GIGLI, Girolamo. *Diario Sanese, in cui si veggono alla giornata tutti gli Avvenimenti più ragguardevoli spettanti sì allo Spirituale, sì al Temporale della Città, e Stato di Siena; [...]* Parte prima. Lucca, L. Venturini, 1723.

GOLDTHWAITE, Richard A. *The Economy of Renaissance Florence*. John Hopkins University Press, Baltimore, 2009.

GOLDTHWAITE, Richard; SPALLANZANI, Marco. *Censimento di libri contabili private dei fiorentini, 1200-1600*. 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/38036416/CENSIMENTO-25dec2018.docx>

GOODY, Jack; WATT, Ian. *As Consequências do Letramento*. São Paulo, Paulistana, 2006.

GUGLIELMINETTI, Marziano. *Memoria e scrittura. L'autobiografia da Dante a Cellini*. Torino. Einaudi, 1977.

GUICCIARDINI, Francesco. *Memorie di famiglia*. In: *Scritti autobiografici e rari*, a cura di R. Palmarocchi. Bari, Laterza, 1936, p. 1-50.

- GUIDINI, Cristofano di Gano. *Ricordi*. In: *Vite di illustri italiani inedite o rare. Vol. Primo*. Archivio Storico Italiano, Tomo IV. Firenze: Vieusseux, 1843.
- HERLIHY, David, *Medieval Households*. Cambridge / London, Harvard University Press, 1985.
- HERLIHY, David; KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *Les Toscans et leurs familles. Une étude du Catasto florentin de 1427*. Paris, Fondation National des Sciences Politiques et Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1978.
- HOWELL, Martha C. *The Properties of Marriage in Late Medieval Europe: Commercial Wealth and the Creation of Modern Marriage*. In: *Love, Marriage, and Family Ties in the Later Middle Ages. International Medieval Research*, vol. 11. Brepols, Turnhout, (B), 2003.
- ILDEFONSO di San Luigi, Fr., *Delizie degli eruditi toscani*. Appendice al tomo xxxiii, *Del magnifico Lorenzo de' Medici, cronica scritta dal senatore Gherardo Bartolini Salimbeni colla storia genealogica di questa illustre casata*. Firenze: Gaetano Cambiagi Stampatore Granducale, 1786.
- IMBERT, Gaetano. *La Vita Fiorentina del Seicento*, Firenze, R. Bemporad e Figlio, 1906.
- INSABATO, Elisabetta. *"Le nostre chare iscritture": la trasmissione delle carte di famiglia nei grandi casati toscani dal XV al XVIII secolo*. In: *Istituzioni e società in Toscana nell'età moderna*, 2 vols., ed. C. Lamioni. Roma, Ministero per i beni e le attività culturali / Ufficio Centrale per i beni archivistici, 1994, p. 878-911.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *Le Nom « refait » La transmission des prénoms à Florence (XIV-XVI<sup>e</sup> siècles*. In: *L'Homme*, 1980, tome 20 n° 4. Formes de nomination en Europe. p. 77-104.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *Zacharie, ou le père évincé: les rites nuptiaux toscans entre Giotto et le concilie de Trente*. *Annales Histoire Sciences Sociales*, 34(6) Nov.-Dec. 1979. p. 1216-1243.
- LE GOFF, Jacques. *Mercadores e banqueiros da Idade Média*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- LE GOFF, Jaques. *La borsa e la vita. Dall'usuraio al banchiere*. Bari, Laterza, 1987.
- LE GOFF, Jaques. *Tempo della Chiesa e tempo del mercante: e altri saggi sul lavoro e la cultura nel Medioevo*. Torino, Einaudi, 1977.
- LUSINI, Vittorio. *La Cronaca di Bindino da Travale (1315-1416)*. Firenze, Seeber / Loescher, 1903.
- MALESPINI, Ricordano. *Historia Antica di Ricordano Malespini, Gentil'huomo Fiorentino. Dall'edificazione di Fiorenza per infino all'anno M.CCLXXXI*. Fiorenza, Giunti, 1568.



- MARAZZINI, Claudio. *La lingua italiana. Profilo storico*. Bologna, il Mulino, 2002.
- MAZZONI, Vieri. *Accusare e proscrivere il nemico politico. Legislazione antighibellina e persecuzione giudiziaria a Firenze (1347-1378)*. Pisa, Pacini, 2010.
- MELIS, Federigo. *Lo sviluppo economico della Toscana e internazionale dal sec. XIII al sc. XV*. In: *Industria e commercio nella Toscana medievale*. A cura di B. Dini. Firenze, 1989. Disponibile em: <http://www.istitutodardini.it/biblio/online/sparse3/home.htm>
- MOLHO, Antony; SZNURA, Franek. *"Brighe, affanni, volgimenti di stato": le ricordanze quattrocentesche di Luca di Matteo di messer Luca dei Firidolfi da Panzano*. Firenze, SISMEI, Edizioni del Galluzzo, 2010.
- MONALDI, Guido di Francesco di Rinuccio. *Diario*. In: *Istorie Pistoiesi, ovvero, delle cose avvenute in Toscana dall'anno MCCC al MCCCLVIII e Diario del Monaldi*. Prato, Guasti, 1833.
- MORDENTI, Raul. *I libri di famiglia in Italia*, vol. II: *geografia e storia*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 2001.
- MORDENTI, Raul. *Les livres de famille en Italie*. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, a. 59, n. 4, 2004. Disponibile em: <https://www.cairn.info/revue-Annales-2004-4-page-785.htm#>
- MORDENTI, Raul. *Proposte di norme editoriali per la collana "La memoria familiare"*. LDF Bollettino della ricerca sui libri di famiglia, anno 1, numero 2-3, Roma, 1989.
- MORELLI, Giovanni di Pagolo. *Ricordi*. Nuova edizione e introduzione storica a cura di Claudia Tripodi. Firenze, University Press, 2019.
- MONTECATINI, Naddo da. *Croniche fiorentine di ser Naddo da Montecatini e del cavaliere Iacopo Salviati*, a cura di Ildefonso di San Luigi, tomo XVIII, in *Delizie degli Eruditi Toscani*, volume unico. Firenze, Cambiagi, 1784.
- MONUMENTA VATICANA, *Historiam Regni Hungarie Illustrantia*. Series prima, Tomus secundus. *Acta legationis Cardinalis Gentilis (1307-1311)*, Franklin-Társulat, Budapest, 1885.
- NAJEMY, John M. *A History of Florence (1200-1575)*. Malden / Oxford / Victoria, Blackwell Publishing, 2006.
- NAJEMY, John M. *Corporatism and Consensus in Florentine Electoral Politics, 1280-1400*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1982.
- ORSINI, Ignazio. *Storia delle monete della repubblica fiorentina*. Firenze, P. G. Viviani, 1760.
- PAATZ, Walter und Elisabeth. *Kirchen von Florenz: ein kunstgeschichtliches Handbuch*, Volume 5. Frankfurt am Main, Klostermann, 1953.

- PANDIMIGLIO, Leonida. *Ricordanza e libro di famiglia. Il manifestarsi di una nuova fonte*. In: *Lettere Italiane*, Anno XXXIX, N. 1. Firenze, Olschki, Gennaio-Marzo 1987, p. 3-19.
- PANDIMIGLIO, Leonida. *I libri di famiglia e il "Libro segreto" di Goro Dati*, Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2006.
- PANDIMIGLIO, Leonida. *Quindici anni (circa) con i Libri di Famiglia*. In: Mordenti R. *I libri di famiglia in Italia*, vol. II: *geografia e storia*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 2001. p. 116-139.
- PARK, Katharine. *Doctor and Medicine in Early Renaissance Florence*. Princeton, University Press, 1985.
- PATRONE, Anna Maria Nada. *La borghesia e l'avvento del Comune*. In: *L'ascesa della borghesia nell'Italia comunale*. Torino, Loescher, 1974. Disponibile em: <http://www.rm.unina.it/didattica/fonti/patrone/prefazione.htm>
- PERGOLOTTI, Francesco Balducci. *La Pratica della Mercatura*. In: *Della decima e delle altre gravzze [..]*. Tomo terzo. A cura di G. F. Pagnini. Firenze, Bouchard, 1766
- PETRUCCI, Armando. *Introduzione a: Il libro di ricordanze dei Corsini (1362-1457)*. Roma, Istituto Storico per il Medioevo, 1965.
- PETRUCCI, Armando, *Medioevo da leggere, Guida allo studio delle testimonianze scritte del Medioevo italiano*. Torino, Einaudi, 1992.
- PEZZAROSSA, Fulvio. *La memorialistica fiorentina tra Medioevo e Rinascimento: rassegna di studi e testi*. *Lettere Italiane*, vol. 31 n° 1, pp. 96-138. Firenze, Olschki, 1979.
- PEZZAROSSA, Fulvio (A cura di). *Ugolino di Niccolò Martelli. Ricordanze dal 1433 al 1483*. Roma, Edizioni di storia e letteratura, 1989
- PINTO, Giuliano. *La Toscana nel tardo Medioevo: ambiente, economia rurale società*. Firenze, Sansoni 1982
- PINTO, Giuliano. *Attività creditizia, mobilità sociale e cittadinanza nella Firenze del Tre e Quattrocento*. In: *Credito e cittadinanza nell'Europa mediterranea dal Medioevo all'Età Moderna*. Atti del convegno internazionale di studi, 8-10 ottobre 2009, a cura di E. C. Pia. Asti, Centro Studi Renato Bordone, 2014
- PINTO, Giuliano. *Firenze medievale e dintorni*. Roma, Viella, 2016
- PINTO, Giuliano. *Firenze e la carestia del 1346-1347: Aspetti e problemi delle crisi annonarie alla metà del '300*. In: *Archivio Storico Italiano*, vol. 130 n° 1. Firenze, Olschki, 1972, p. 3-84
- PINTO, Giuliano. *Il libro del Biadaio, Carestia e annona a Firenze dalla metà del '200 al 1348*. Firenze, Olschki, 1978.

- PITTI, Bonaccorso. *Ricordi*. In: Biblioteca Italiana. 2003. Disponível em:  
<http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001396/bibit001396.xml>
- PORRI, Giuseppe. *Due narrazioni sulla sconfitta di Montaperto, tratte da antichi manoscritti*. In: *Mescellanea Istorica Sanese*. Siena, Onorato Porri, 1844
- PORTA, Giuseppe. *L'urgenza della memoria storica*. In: *Storia della letteratura italiana* diretta da E. Malato, vol. II "Il trecento", Roma: Salerno Editrice, 1995, pp. 166-179
- PRATESI, Alessandro. *Genesi e forme del documento medievale*. Coll. Guide 3. Roma, Jouvence, 1979
- REPETTI, Emanuele. *Dizionario geográfico físico storico della Toscana*. Firenze. Vol. I, A. Tofani, 1833; Vol. II, A. Tofani, 1835; Vol III, Allegrini e Mazzoni, 1839; Vol. IV, Allegrini e Mazzoni, 1841; Vol V, Mazzoni, 1843; Vol. VI, (Appendice), Mazzoni, 1846.
- REZASCO, Giulio. *Dizionario del linguaggio italiano storico e amministrativo*. Firenze, Successori Le Monnier, 1881
- RICCI, Alessio. *Mercanti scriventi – Sintassi e testualità di alcuni libri di famiglia fiorentini fra Tre e Quattrocento*. Roma, Aracne, 2005
- RICCI, Alessio. *Libri di famiglia e diari*. In: *Storia dell'italiano scritto, III Italiano dell'uso*. A cura di G. Antonelli, M. Motolese e L. Tomasin. Roma, Carocci, 2014
- RICCI, Giuliano de'. *Priorista*, vol. II. Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari 23, 1595 c.ca.
- RUTEMBURG, Victor I. *La Compagnia Uzzano (su documenti dell'archivio di Leningrado)*. In: *Studi in onore di Armando Sapori*. Milano, Istituto Editoriale Cisalpino, 1957.
- SACCHETTI, Franco. *Il libro delle Trecentonovelle*. A cura di Ettore Li Gotti. Collana *Il Centonovelle: novelliere antico e moderno*. Milano, Bompiani, 1946..
- SALIMBENI, Lorenzo Bartolini. *Una "fabbrica" fiorentina di Baccio D'Agnolo*. Palladio – Rivista di storia dell'architettura, estratto, 3ª serie anno XXVII – fasc. 2. Roma: De Luca, 1978
- SALIMEI, Franco. *I Salimbeni di Siena*. Roma, Editalia, 1986
- SAPORI, Armando. *La mercatura medievale*. Firenze, Sansoni (Scuola Aperta), 1972. Disponível em: <http://rm.univr.it/didattica/strumenti/sapori/indice.htm>
- SAPORI, Armando. *La cultura del mercante medievale italiano*. In: *Gli orizzonti aperti. Profili del mercante medievale*. A cura di G. Airaldi. Torino, Paravia/Scriptorium, 1997, pp. 139-173.
- SCARAMELLA, Gino (A cura di). *Il tumulto dei Ciompi – Cronache e memorie*. In: *Rerum Italicarum Scriptores. Raccolta degli storici italiani dal cinquecento al*

*millecinquecento*, ordinata da L. A. Muratori. Nuova edizione riveduta, ampliata e corretta con la direzione di G. Carducci e V. Fiorini. Tomo XVIII – Parte III. Bologna, Zanichelli, 1934

SERIANNI Luca. *La lingua nella storia d'Italia*. Roma: Dante Alighieri, 2001

SIGNORINI Rita. *Il libro di ricordi di Leonardo di Bartolino Salimbeni*. In: *LdF. Bollettino della ricerca sui libri di famiglia*, II, n. 4, Roma, 1990, pp. 18-20

SIGNORINI, Rita. *Alle origini di una famiglia patrizia. Il libro di ricordanze di Leonardo di Bartolino di Salimbene*. Tesi di laurea, Università di Firenze (Lettere e filosofia), 1995-96

SIRIGATTI, Lapo di G. Niccolini de'. *Il libro degli affari propii de casa*, Édition critique et commentée: Christian Bec. [Paris], S.E.V.P.E.N, 1969

SORDI Paolo. *I libri di famiglia in Italia: storia di una ricerca e della sua problematica conservazione attiva (ovvero: la soluzione digitale)*. Testo & Senso n.17, 2016.  
Disponível em: <http://testoesenso.it/article/view/423>

STEFANI, Marchionne di Coppo. *Cronaca Fiorentina*. A cura di N. Rodolico. In: *Rerum Italiacarum Scriptores - Raccolta degli storici italiani*, T. XXX. Citta di Castello, S. Lapi, 1903

STEFANI, Marchionne di Coppo. *Istoria Fiorentina*. Pubblicata, e di annotazioni, e di antichi munimenti accresciuta, ed illustrata da Fr. Ildefonso di San Luigi. Vol. II. In: *Delizie degli Eruditi Toscani*, tomo VIII. Firenze, Cambiagi, 1777

STEFANI, Marchionne di Coppo. *Istoria Fiorentina. Pubblicata, e di annotazioni, e di antichi munimenti accresciuta, ed illustrata da Fr. Ildefonso di San Luigi*. Vol. Sesto e settimo. In: *Delizie degli Eruditi Toscani*, tomo XII. Firenze, Cambiagi, 1779

STEFANI, Marchionne di Coppo. *Istoria Fiorentina*. Pubblicata, e di annotazioni, e di antichi munimenti accresciuta, ed illustrata da Fr. Ildefonso di San Luigi. Vol. Decimo. In: *Delizie degli Eruditi Toscani*, tomo XVI. Firenze, Cambiagi, 1783

SZNURA, Franek. *Luca Firidolfi da Panzano e i suoi "ricordi"*. In: Molho, A.; Sznura, F. *"Brighe, affanni, volgimenti di stato" : le ricordanze quattrocentesche di Luca di Matteo di messer Luca dei Firidolfi da Panzano*. Firenze, SISMEL, Edizioni del Galluzzo, 2010

THEINER, Augustino. *Vetera monumenta slavorum meridionalium historiam illustrantia maximam partem nondum edita ex tabulariis vaticanis deprompta collecta ac serie cronológica disposta*. Tomus primus (1198-1549). Roma, Typis Vaticanis, 1863

TODESCHINI, Giacomo. *La reputazione economica come fattore di cittadinanza nell'Italia dei secoli XIV-XV*. In: *Fama e "Publica Vox" nel Medioevo*, p. 105-118, Atti del convegno di studio svoltosi in occasione della XXI edizione del Premio internazionale Ascoli Piceno. Pliniana, Selci-Lama, 2011

- TOGNETTI, Gianpaolo. *Criteri per la trascrizione di testi medievali latini e italiani*. Roma: Quaderni della Rassegna degli archivi di Stato; 51, 1982
- TOGNETTI, Sergio. *Da Figline a Valdarno. Ascesa economica e politica della famiglia Serristori (secoli XIV-XV)*. Firenze, Opus Libri, 2003
- TOGNETTI, Sergio. *Attività mercantile e finanziarie nelle città italiane dei secoli XII-XV: spunti e riflessioni sulla base della più recente storiografia*. In: *Ricerche Storiche*. Pisa, Pacini, 2018.
- TOGNETTI, Sergio. *Mercanti e libri di conto nella Toscana del Basso Medioevo: le edizioni di registri aziendali dagli anni '60 del novecento ad oggi*. In: *Anuario de Estudios medievales* vol. 42 n° 2. Julio-diciembre de 2012, pp. 867-880
- TRIPODI, Claudia. *I fiorentini "quinto elemento dell'universo": l'utilizzazione encomiastica di una tradizione/invenzione*. In: *Archivio Storico Italiano*, anno CLXVIII (2010) N°625 Disp. III (agosto-settembre). Firenze, Olschki, MMX
- TRIPODI, Claudia. *I Cerchi tra trasmissione documentaria e oscillazioni sociali: dal "Quadernuccio di spese di messer Consiglio (1275-1294) ai registri di Bindaccio (secc. XV-XVI.)* In: *"Città e campagne del basso medioevo. Studi sulla società italiana offerti dagli allievi a Giuliano Pinto"*. Firenze, Olschki, 2014
- UZZANO, Giovanni di Antonio da. *La Pratica della Mercatura* (1442). In: Pagnini, Giovanni Francesco. *Della decima e altre gravezze etc.* tomo IV. Firenze, Giuseppe Bouchard, 1766
- VALENTI, Filippo. *Scritti e lezioni di archivistica, diplomatica e storia istituzionale*. A cura di D. Grana. Roma, Ministero per i beni e le attività culturali - Ufficio centrale per i beni archivistici, 2000
- VELLUTI, Donato. *La Cronica Domestica di Messer Donato Velluti, scritta tra il 1367 e il 1370, [...] per cura di I. Del Lungo e G. Volpi*. Firenze, Sansoni, 1914.
- VILLANI, Giovanni. *Nuova Cronica*. A cura di Giuseppe Porta. Fondazione Pietro Bembo, Parma, Ugo Guanda, 1991. Disponibile em:  
[https://www.liberliber.it/mediateca/libri/v/villani/nuova\\_cronica/pdf/nuova\\_\\_p.pdf](https://www.liberliber.it/mediateca/libri/v/villani/nuova_cronica/pdf/nuova__p.pdf)
- VILLANI, Matteo. *Cronica* In: *Collezione di Storici e Cronisti Italiani, editi e inediti*. Tomo V. Firenze, Sansone Coen, 1846.
- ZANELLI, Agostino. *Le schiave orientali a Firenze nei secoli XIV e XV*. Firenze, Loescher, 1885

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA  
E CULTURA ITALIANAS

COSIMO BARTOLINI SALIMBENI VIVAI

**Memórias de mercadores na Florença comunal do século XIV: os *Livros de Família*  
e as “*Ricordanze*” de Leonardo di Bartolino Salimbeni**

SEGUNDO VOLUME

SÃO PAULO

2020

COSIMO BARTOLINI SALIMBENI VIVAI

**Memórias de mercadores na Florença comunal do século XIV: os *Livros de Família*  
e as “*Ricordanze*” de Leonardo di Bartolino Salimbeni**

Versão corrigida

SEGUNDO VOLUME

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Língua, Literatura e Cultura Italianas

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Casini

SÃO PAULO

2020

# SUMÁRIO

## PRIMEIRO VOLUME

<b>NOTAS DE REDAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Memórias de mercadores.....</b>	<b>19</b>
1.1 - Florença na idade comunal: uma cidade de mercadores. ....	19
1.2 - As <i>Arti</i> florentinas .....	25
1.2.1 - O poderio dos mercadores durante a República.....	25
1.2.2 - Estrutura e organização .....	30
1.3 - Cultura e escrita dos mercadores florentinos. ....	34
1.4 - Os Livros de Família: um gênero particular.....	42
1.5 – O início de uma família de mercadores florentinos: Bartolino Salimbeni .....	54
1.6 - Leonardo di Bartolino: mercante e escritor.....	62
1.7 - O livro de <i>Ricordanze</i> de Leonardo .....	91
1.7.1 – Modelos e articulação do texto .....	91
1.7.2 – A forma do texto.....	108
<b>CAPÍTULO 2 – As <i>Ricordanze</i> de Leonardo di Bartolino: tradução parcial .....</b>	<b>117</b>
<b>GLOSSÁRIO LINGUÍSTICO E HISTÓRICO .....</b>	<b>160</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>178</b>



# SUMÁRIO

## SEGUNDO VOLUME

<b>CAPÍTULO 3 – A edição do livro de <i>Ricordanze</i> de Leonardo di Bartolino .....</b>	<b>192</b>
3.1 – Descrição do manuscrito .....	192
3.2 – Critérios de transcrição e de edição.....	194
3.3 - <i>Ricordanze</i> .....	198
3.4 - Índices .....	394
3.4.1 – Índice dos personagens.....	394
3.4.2 – Índice dos notários.....	415
3.4.3 – Índice dos nomes de lugar .....	417
ANEXOS.....	420
Anexo A – <i>Ricordanze</i> – c. j v.....	420
Anexo B – <i>Ricordanze</i> – c. xlvj r .....	421
Anexo C – <i>Ricordanze</i> – c. ljj v .....	422
Anexo D – <i>Ricordanze</i> – c. lxxviiij v .....	423
Anexo E – <i>Ricordanze</i> – c. lxxxij r .....	424
Anexo F – <i>Ricordanze</i> – c. lxxxiiiij r .....	425

## CAPÍTULO 3 – A edição do livro de *Ricordanze* de Leonardo di Bartolino

### 3.1 – Descrição do manuscrito

O manuscrito, aqui editado integralmente, está conservado no arquivo privado Bartolini Salimbeni Vivai, em Vicchio (Florença), com identificação G7. A escrita inicia-se em 25 de julho de 1348 e chega até o ano de 1382, sendo que a última anotação foi acrescentada em 1387.

Capa em couro avermelhado, com a flor bastante gasta. Aba do plano posterior sobreposta ao plano anterior. Amarração por barbante. No verso do plano anterior consta uma escrita, de mão moderna, quase completamente ilegível por causa da tinta descorada.

Etiqueta de papel colada no lombada com a identificação de arquivo G7, sendo o G em letra grande maiúscula e a tinta e o 7 em letra pequena a lápis.

Duas guardas de papel, com filigrana representada pelas letras VLG maiúsculas, não identificada (provavelmente do início do século XVIII).

O manuscrito é composto por 6 cadernos de 8 bifólios (octônios), com um total de 96 fólios (*cartas*) de papel, em bom estado de conservação. No primeiro e no último fólio, j r e lxxxvj v, foi colado um fólio de suporte, que não apresenta filigrana.

Dimensões: 23x30cm.

Existem duas tiras de papel, respectivamente de 10x2cm e 12x2cm, com escrita de primeira mão, inseridas e fixadas entre os fólios lxxxv v (em baixo da linha 17) e lxxxvj r, e lxxxj v (em baixo da linha 5) e lxxxij r.

Paginação (excluídas as guardas) com numeração romana a tinta no *recto*, de 1 a 96, no canto superior direito, autógrafa de Leonardo.

Filigrana similar aos tipos “*Pose entre deux pontuseaux, couronne á un fleuron et deux demi*”, entre os números 4594 e 4597 do C. M. Briquet, *Les Filigranes: Dictionnaire historique des marques du papier dès leur apparition vers 1282 jusqu’em 1660*, Genève; Paris, Alphonse Picard et fils, 1907, que indica também analogia com o tipo de filigrana de “*trois monts*”: procedência incerta, itálica, entre os anos de 1312 e 1342. Os fólios ij, xxxij e xlvij apresentam filigrana diferente, similar aos tipos Briquet “*Fruit em forme de poire ou de figue accompagné de deux feuilles*”, número 7349 (Bologna, 1342), ou “*Papavero con due*

*bottoni*” ref. 171 e 172, (Fabriano, 1345), do *III Zonghi's Watermarks* (Aurelio & Augusto Zonghi, A.F. Gasparinetti), The Paper Publications Society, Hilversum Holland, 1953.

Ausente qualquer tipo de decoração.

O manuscrito é quase inteiramente autógrafo, de mão de Leonardo, e as intervenções em algumas memórias e nos fólhos finais são provavelmente do filho Bartolomeo. Acreditamos tratar-se de Bartolomeo, com base nas linhas 17-28 do fólho lxxxvij r, em que ele escreve em primeira pessoa a respeito do próprio casamento, e na similaridade com este trecho da grafia dos outros registros, não de mão de Leonardo.

As mãos são indicadas assim: <A:> = Leonardo di Bartolino Salimbeni

<B:> = Bartolomeo di Leonardo di Bartolino (?)

Leonardo usa uma *mercantesca* de bom feitio, não caligráfica, mas geralmente fluida e clara, que demonstra um aceitável nível de educação gráfica e algum hábito para a prática da escrita. A grafia torna-se mais apressada e menos cuidadosa nos últimos fólhos, ou quando, pela limitação do espaço, é obrigado a juntar as linhas e diminuir o tamanho das letras. A mão de Bartolomeo é mais desleixada e de difícil leitura.

A escrita ocupa, mesmo que de maneira variável, a inteira superfície à disposição.

As anotações apresentam-se em ordem cronológica, interrompida somente pelos eventuais acréscimos e integrações posteriores, inseridos nos espaços deixados para essa finalidade. As lembranças e, conseqüentemente, o número de linhas em um fólho, têm uma extensão e um comprimento variável, e estão distanciadas em maneira não homogênea, apresentando, às vezes, amplos espaços em branco, visto que o autor não podia prever qual seria o espaço ocupado por cada anotação, que frequentemente era aberta, isto é, não concluída por um único registro.

Algumas lembranças estão divididas entre si por linhas horizontais; em alguns casos estão barradas por duas linhas transversais, traçadas da esquerda em baixo à direita em cima, a significar que o autor considera concluídos os motivos que originaram a anotação ou extinta a partida.

Às vezes, os fólhos apresentam, nas margens, breves anotações e comentários de mão moderna (talvez do século XVIII), ou *maniculae* e outros sinais, indicando pontos considerados importantes.

Entre os fólhos encontram-se numerosos insertos de papel, de diversas dimensões, soltos, com anotações de mão moderna (talvez do século XVIII), com a função de marcadores: contêm nomes e fatos considerados relevantes, provavelmente para fins genealógicos. O papel exhibe filigrana da série que representa um “cavalo com crina, orelha,

rabo, quatro patas e casco, fitas à volta do pescoço, a esvoaçar e faixa (sela) no dorso”, similar ao tipo Tecnicipa – Portugal, nº 2195 (ano 1776), de procedência não identificada.

O manuscrito, aparentemente, foi consultado por Francesco Rosselli no início do século XVI, conforme indicado por Boskovits (1984, p. 33 nota 99). No século XVIII foi consultado, para fins genealógicos, por Fr. Ildefonso di San Luigi, (1786, p. 81-270), que chegou a transcrever e comentar alguns trechos do livro. Nos tempos atuais, conforme o registro do arquivo, o manuscrito foi estudado diretamente por Salimbeni (1978, p. 20 nota 8); Pinto (1982, p. 174 nota 78, p. 296 nota 192) e Goldtwaite (2018, p. 17). Signorini (1990 e 1995/6) elaborou a edição e a análise histórica do texto para sua tese de láurea, provavelmente através de um fac-símile fotostático, de onde são extraídas as referências citadas em estudo recentes, dos quais temos conhecimento, ou seja: Ciappelli (1995, p. 126 nota 41, p. 144 nota 99, p. 146 nota 104; De Angelis (2000, p.174 nota 41); Chabot (2011, p. 69, 99, 197, 204, 212 e 214); Baggioni (2016, par. 10 nota 14). Outros estudos que se referem não diretamente ao livro, mas a Leonardo e à sua família, utilizam-se dos trabalhos de Fr. Ildefonso.

### 3.2 – Critérios de transcrição e de edição

A edição do Livro de *Ricordanze* de Leonardo tem como base a transcrição realizada por Signorini (1995-6). O texto e as relativas notas foram integralmente conferidos e reelaborados, de acordo com o manuscrito original, efetuando as alterações, correções e integrações que se acharam oportunas.

Seguem-se, em princípio, as normas enunciadas no documento *Proposte di norme editoriali per la collana “La memoria familiare”* (Mordenti 1989, p. 5-61) e, em particular, os critérios de transcrição adotados por Pezzarossa (In: Martelli 1989, p. 62-65) e Ciappelli (In: Castellani 1992, p. 57-60).

A transcrição refere-se somente ao texto original e às intervenções efetuadas pelo(s) próprio(s) autor(es). Intervenções nos fólios de mãos posteriores, tais como glosas, observações, grifos, *maniculae* e outros sinais são indicadas em nota.

Tende-se a conservar a máxima fidelidade à grafia original, mas adequando ao uso moderno a separação das palavras, o uso das letras maiúsculas, a pontuação e os acentos finais e os não finais, introduzidos nas formas do verbo *avere* sem o *h* etimológico (*àanne, àanno, à, ò*). Em outros casos, o acento é introduzido quando a interpretação de uma palavra pode resultar ambígua (*aùto, dèboli*)

A manutenção da grafia é estendida aos casos nos quais poderia ter havido esquecimento do *titulus* (til) (fumi, soma, Giovani).

Os sinais  $\Gamma$   $\perp$  demarcam as seções de escrita, sucessivamente riscados transversalmente pelo autor, a indicar que considera extinta a partida e inativas as consequências econômicas, jurídicas e sociais do registro.

Os parênteses angulares < > indicam as integrações do editor onde o modelo não apresenta lacunas. (ve<n>dè).

Os asteriscos, em número proporcional ao espaço no manuscrito, indicam as “janelas” na linha, ou seja, as omissões do autor.

As lacunas do modelo (texto ilegível) devidas a defeitos mecânicos (acidente no suporte material, manchas, apagamentos, abrasões ou deterioração da escrita) indicam-se com colchetes, entre os quais é colocada a integração proposta. Se não é proposta integração, colocam-se pontos em número presumivelmente igual ao das letras faltantes.

Os casos de ditografia são indicados entre duas barras verticais: (da|a|re, opere|re|)

O ponto de interrogação entre parênteses angulares expressa a dúvida de leitura: <?>

O ponto em alto foi adotado para assinalar a existência do fenômeno do “*raddoppiamento fonosintattico*”, ou seja, do redobramento sofrido na pronúncia, em particulares condições, pela consoante inicial de uma palavra ligada à precedente. O redobramento, porém, não é eliminado com a separação editorial das palavras. Nesse caso, o espaço em branco precede o ponto em alto (a ·lloro; che ·ffu)

O ponto em alto indica, também, a simplificação do redobramento entre as consoantes de duas palavras contíguas. Nesse caso, o espaço em branco segue o ponto em alto. (u·moggio, Sa· Moro). O ponto em alto indica também a omissão da sílaba final em “calende” (calen·).

O apóstrofo indica a queda de uma vogal em qualquer posição: por elisão, aférese etc. (ch’io, appigiona’la, ‘nbreviatura, e’). O apóstrofo indica também a omissão de um algarismo em um número (‘368)

É introduzida a letra maiúscula referente aos adjetivos que identificam os livros e cadernos citados (Nero, Segreto) e os dois pontos ao lado das letras que os classificam (.D.).

São mantidos o *chrismon* xpo (Chi-Rho) e o sinal gráfico de cruz.

O sinal tironiano é desenvolvido em e.

É conservada a oscilação e a promiscuidade entre palavras e algarismos árabes e romanos. É mantida a letra *j* limitadamente às unidades finais dos números romanos

Palavras ou letras tachadas, mas legíveis, e a eventual emenda ao lado, na mesma linha, são representadas graficamente conforme o original: ~~Betto~~ Ceccho . As outras intervenções de correção e reescrita por parte do autor são indicadas em nota, enquanto no texto é fornecida a versão corrigida.

São representadas graficamente os sinais de chamada e os grifos, quando usados pelo autor, mas não são representados os traços que circulam parcialmente a numeração dos fólios e a datação inicial.

São desenvolvidas as abreviaturas, certas e constantes (por contração, por truncamento ou por sigla), sem assinalá-las em itálico. Temos assim: *messer, ser, per, pr, popolo, figliuolo, figliuoli, quaderno, carta, ragione, gabella, vettura, procuratore, camarlingo, Castelfiorentino, portò, lettera, comune*

Em caso de abreviaturas esporádicas e inconstantes, os signos alfabéticos não representados no manuscrito estão em itálico: (*Gianetta, Bologna, bolognini*)

São mantidas as abreviaturas referentes ao sistema monetário: f., ff. = fiorino/i; s. = soldi; d. = denari; lb. = lire; p. = piccioli ou piccoli. Todavia, são desenvolvidas no texto (e não nas referências contábeis), assinalando-as em itálico, quando não seguidas ou precedidas por indicações de quantidade, em cifras ou em letras, ou pelo sinal de omissão: (d. vj; d. \*\*\*; parte di *denari* che ...).

A mesma sigla d, caracterizada por trato final prolongado, que, na indicação de moeda de prata, indica os *denari*, assume o valor de *d'oro* quando segue indicação de moeda áurea, e nesse ultimo caso é desenvolvida, sem assinalá-la. (f. vij d'oro)

São conservadas as formas dos numerais: j<sup>o</sup>, j<sup>a</sup> para *uno / primo, una / prima*; p<sup>o</sup> para *primo* (atestado somente nas escritas por mão de Bartolomeo); C para *cento / centinaio* e M para *mille / migliaio* (às vezes na entrelinha, sobrepostos à cifra:  $\text{iiij}^C = \text{quattrocento}$ ;  $94^M = \text{novantaquattromila}$ ). São conservadas as frações como no modelo; a fração  $\div$  é modernizada em  $\frac{1}{2}$ ; *Meno*, quando abreviado em *M*, é desenvolvido.

São mantidas as abreviaturas referentes a medidas, lineares: *braccio (-a)*; de capacidade: *moggio (-a), staio (-a), barile (-i), quarto*; de peso: *libra (-e), oncia (-e)*; de superfície: *staio (-a), panoro (-a)*.

Procura-se manter a composição da página manuscrita, os traços divisórios e a paragrafação, mas não o espaçamento entre as memórias. As numerosas referências contábeis, evidenciadas pelo autor em coluna na margem direita do manuscrito, são transcritas na linha sucessiva à do lançamento a que se referem, à direita.

As linhas do original, dentro de um parágrafo, são identificadas por barras oblíquas finais, que não aparecem depois das cifras das operações contábeis ou no fim do fôlio: consequentemente, a passagem de linha pode ocasionar a divisão de uma palavra em duas partes, sem espaços em branco entre suas letras. Uma barra dupla em fim de página indica o prosseguimento do parágrafo ou da memória no fôlio seguinte.

É introduzida a numeração de cinco em cinco das linhas do modelo, à direita, considerando-se como primeira a datação do fôlio, quando houver.

As variações de mão da escrita são indicadas, em negrito, com uma letra maiúscula para cada escrevente, seguida por dois pontos e compreendida entre parênteses angulares, colocada antes do texto correspondente. O esquema é o seguinte:

<**A**:> = Leonardo di Bartolino Salimbeni

<**B**:> = Bartolomeo di Leonardo di Bartolino

### 3.3 - Ricordanze

<A:>

c.j v

+ Al nome di Dio e della sua Madre, vergine madona santa Maria / e del beato messer  
santo Giovanni Batista e di messer santo Piero e / di messer santo Paolo apostoli e di  
messer santo Michele agnolo / e di santo Barnaba e di santo ~~sa~~ Zanobi e di madonna santa  
Reparata / e di santa Chaterina e del beato messer santo Giovanni Gualberto e / di tutti 5  
santi e sante della chorte di paradiso, che 'cci deano bene / a 'ffare e bene a dire per l'anima  
e per lo chorpo, amen.

Questo libro è di Leonardo di Bartolino Salinbeni propio ~~ed è ordinato~~ / nel quale io  
Leonardo detto, iscriverò di mia mano propria tutti / i miei fatti e richordanze e 10  
alloghagioni di terre e debitori e cre/ditori, chome ochoreranno per li tenpi che debono  
venire e chomincie/remo da poi in qua che Bartolino nostro padre morì, che passò di /  
questa vita il dì di santo Iachopo, dì xxv di luglio 1348 e sopellissi / a Chanpi nella chiesa  
di San Piero a Ponti. Dio abia l'anima sua, amen. / Ed è questo libro carte lxxxxvj e 15  
chiamerollo del L.

c.ij r

Anni mcccxlviij dì xxv di luglio

Bartolino Salinbeni nostro padre, a chui Iddio e .lla / sua Madre, madonna santa e  
verGINE Maria per la loro miserichordia / e pietà perdoni all'anima e riposila in vita eterna,  
passò di questa vita / il dì di santo Iachopo, dì xxv di luglio anni mcccxlviij e fu sopellito 5  
a / Chanpi nella chiesa di San Piero a Ponti, per la maladetta mortalità; / e non fecie  
testamento, però che disse cholla sua bocca che non gli bisognava, / che non si sentia  
avere a 'ffare cho. niuna persona a chu' egli fosse tenuto, / ma che lasciava sue erede i  
figliuoli e il nipote, cioè Bernardo / di Tobbia. Ond'è che dopo la sua morte lasciò vivi de' 10  
suoi / figliuoli frate Marcho, nell'ordine de' frati di Santa Maria del / Charmino, Leonardo,  
Tobbia, Andrea, Uberto et Salvestro, / cioè sei figliuoli maschi e non veruna femmina. E  
anche lasciò Ber/nardo suo nepote e figliuolo che 'ffu di Tobbia Salinbeni, di chui e' fu  
tutore / per lo tenpo passato, avendo il detto Bernardo cinque serochie e figliuole del / detto 15  
Tobia, delle quali per lo detto Bartolino ne furono maritate quattro / e una messa in  
munistero da Sofiano. E troviamo dopo la morte / del detto Bartolino questi beni, ciò sono:



Il podere da Chanpi, chon quelle terre e chonfini che inanzi iscriveremo;  
 Il podere da Terzano, chon quelle terre e chonfini che inanzi iscriveremo; 20  
 Tre chasolari nella via degli Strozi, nel popolo di Santa Trinita, chon que' / chonfini che  
 inanzi iscriveremo;  
 Una chasa posta nella via del Moro, co' que' chonfini che inanzi scriveremo;  
 Nel Chomune, cioè nel Monte, f. centoventicinque d'oro;  
 Poche masserizie, delle quali menzione non so si mi farò, però che 'll'anno / dinanzi, di 25  
 xxij di giugno 1347, la notte vegnente il dì di San Giovanni, / s'aprese il fuocho inn una  
 chasa di Chaponsacho Monaldi, che vi stava / allora entro uno Zuchero Filippi de' Foresi, e  
 arse tutte le chase [de'] Fo/resi e 'lle nostre, siché molte masserizie tra arsono e perdemo  
 quando / isghonbravamo. E anche prima, nel 1345, la notte di Santo Marcho, / s'aprese il 30  
 fuocho in chasa nostra e arsono due chamere, siché anche / allora perdemo assai  
 masserizie. D'ogni chosa sia lodato Iddio. /  
 Altro non ci lasciò, né eziandio danari non ci lasciò alchuno.

c.ij v

## Mcccxlviij

Qui apresso iscriverò le terre e chonfini del podere da Chanpi, cioè:

- 1 Uno sito, chasa da signore, chon due chasette da lavoratori e aia e pozo / e giardino  
 entrovi la grandissima quercia. Tutte queste chose inn uno / cerchiovito, posto nel popolo 5  
 di San Piero a Ponti, che dal primo la strada / nuova, a ij° via e 'lle rede di Guidalotto  
 Bernotti, a iij° Bisenzo e via in / mezo, a iiij° le rede di Nicholò Baldovini, overo monna  
 Piera, moglie / che 'ffu del detto Nicholò. È in tutto staiora vj a chorda cholle chase. <sup>1</sup>
- 2 Uno cholto ivi dirinpetto, la strada nuova in mezo, ch'è istaiora xxvj / a chorda, chon 10  
 fosse in mezo: a j° strada nuova, a ij° le rede di Nerozo / de' Chocchi, a iij° la via del  
 Perusciello, a iiij° le rede di Nicholò Bal/dovini in parte e in parte le rede di Lippo Doni  
 del Sagina.
- 3 Uno pezo di terra posta ivi presso o dirinpetto via del Perusciello in mezo: / a j° via  
 del Perusciello, a ij° Tommaso di Giovanni de' Chocchi, a iij° le rede / di Gherardo 15  
 Manfredi, a iiij° le dette rede di Gherardo. Sono staiora viij a chorda.
- 4 Uno pezo di terra posta ivi presso: a j° via del Perusciello, a ij° monna / Bartola

<sup>1</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa.

d'Ugho Paghanelli, a iij° le rede di Ciai de' Vechietti, a iiij° / le rede di Guidalotto Bernotti. È istaia vij a chorda.

5 Uno pezo di terra posto nel detto popolo, luogho detto Giuncheto, la / strada nuova 20  
va per lo mezo: a j° e ij° via, a iij° Bonaiuto del Bello, a iiij° Vanni / del Trincia degli  
Avoghadi. È istaia ij a chorda.

6 Due pezi di vigna a uno tenere, chon fosse in mezo, posta nel detto luogho: a j° via, a  
ij° le rede di Giovanni Grasso, a iij° le rede di Guidalotto Bernotti, a iiij° Neri di Benuccio  
de' Charini. È staia viij a chorda.

7 Uno pezo di vigna nel detto luogho: a j° strada nuova, a ij° le rede / di Nerozo de' 25  
Chocchi, a iij° noi medesimi, a iiij° le rede di Nicholozo di / Giunta Arrighetti. È staia iiij  
a chorda.

8 Uno pezo di terra ~~ehe~~ nel detto luogho, che s'agiugne drieto alla / detta vigna: a j° noi  
medesimi, cioè la detta vigna, a ij° le rede / di Nerozo de' Chochi, a iij° dello spedale di 30  
San Bartolo a Mugnone, a iiij° / Vanni del Trincia Avoghadi. È staia vj a chorda.

[9] Uno pezo di terra, posto nel detto popolo, luogho detto alla Lastra: / a j° via, a ij° la  
Piera pinzochera, figliuola che ·ffu di Vanni di Cholto, a iij° delo spedale / di San Bartolo a  
Mugnone, a iiij° le rede di Nerozo de' Chochi. È staia v a chorda.

c. iij r

Mcccxlviij

10 Uno pezo di terra nel detto luogho: a j° via, a ij° le rede di Nerozo de' Chocchi, / a  
iij° Bernardo di Piero Strozi, a iiij° per non diviso di monna Giovanna, mo/glie che ·ffu di  
Sandro Bonaiuti e di Chericho e Nicholò di Gerino / da Sommaia. È staia xij e panora 5  
viij a chorda.

11 Uno pezo di terra posto nel detto luogho: a j° via, a ij° monna Giovanna, / moglie  
che ·ffu di Iachopo del Bianco, a iij° Leonardo di messer Giovanni / degli Strozi, a iiij°  
~~noi me~~ la detta monna Giovanna di Sandro e il detto / Chericho e Nicholò, per non diviso.  
È staia viij meno panora iiij° a chorda.

12 Uno pezo di terra nel detto popolo, luogho detto in Ghuzana: a j° noi / medesimi, a 10  
ij° Leonardo di messer Giovanni, a iij° Bernardo di Piero / Strozi, a iiij° noi medesimi. È  
staia vij e panora iiij° a chorda.

13 Uno pezo di terra chon fossa in mezo, nel detto luogho: a j° le rede di / Nerozo de'

Chocchi, a ij° e iij° Bernardo di Piero Strozi, a iiij° noi mede/simi. È staiora xiiij a chorda. 15

14 Uno pezo di terra, posto nel detto popolo, luogho detto tra l'le Vie: a j° via, / a ij° della chiesa di San Piero a Ponti, a iij° le rede di Nerozo de' Chocchi, / a iiij° la via di Charraia e le dette rede di Nerozo. È staiora xiiij a corda.

15 Uno pezo di terra nel detto luogho dal Pinzone: a j° via, a ij° monna / Piera di 20 Nicholò Baldovini, a iij° della chiesa di San Piero a Ponti, a iiij° / dello spedale di San Sebbio. È staiora viij a chorda.

16 Uno pezo di terra, posto nel detto popolo, luogho detto a l'Olmo: a j° e ij° via, / a iij° Vanni del Trincia Avoghadi, a iiij° le rede di Palla degli Strozi. / È staiora xx a chorda.

17 Uno pezo di terra chon fossa in mezo, nel detto popolo, luogho detto in Via / Nuova: 25 a j° via, a ij° monna Lorenza, moglie che ffu di Bartolo Ducci, / a iij° le rede di Lippo del Sagina, a iiij° la detta monna Lorenza. / È staiora x a chorda.

18 Uno pezo di terra, la strada nuova in mezo, nel detto popolo, luogho / detto al 30 Cholle: a j° le rede di ser Bindo Aghinetti, a ij° monna Lorenza / sopradetta, ed è dal terzo monna Piera di Nicholò Baldovini, a iiij° le rede di Chanbio Vogliani. È staiora vj a corda.

c.iiij v

#### Mcccxlviij

19 Uno pezo di terra nel detto popolo, luogho detto alla Strada: / a j° strada nuova, a ij° monna Piera di Nicholò Baldovini, a iij° la via da / Roncho, a iiij° le rede di Rossello degli Strozi. È staiora iiij a chorda.

20 Uno pezo di terra nel detto popolo, luogho detto in Vie Nuova: a j° via, / a ij° e iij° 5 le rede di Neri di Giunta del Ciaccha, a iiij° le rede / di Guido di Simone Abrostini. È staiora vj a chorda.

21 Uno pezo di terra in Via Nuova, overo in Charraia: a j° le rede / di Chanbio 10 Vogliani, a ij° le rede di Nerozo de' Chocchi, a iij° dello spedale / di San Piero a Ponti, a iiij° le rede di Palla ~~Stroz~~[a] Strozi. È staiora vj a corda. /

22 Uno pezo di terra nel detto luogho: a j° le rede di Guido Abrostini, a ij° / della chiesa di San Piero a Ponti, a iij° monna Riccha di Ceccho Bona / iuti, a iiij° le rede di Chanbio Vogliani. È staiora ij a chorda.

23 Uno pezo di channeto, posto nel popolo di San Cresci a Chanpi, / luogho detto in 15 Pogio: a j° via, a ij° le rede del Chugio Ghiselli, a iij° le monache, / figliuole che ffurono

di Giovanino sardo e ·lle rede di Riccho Bu/celli, a iiij<sup>o</sup> il fiume di Bisenzo. È staiora ij a chorda. / Vendesi poi a Iachopo di Stroza.<sup>2</sup>

24 Uno pezo di terra, posta nel ~~detto~~ popolo di San Cresci<sup>3</sup>, luogo detto a Via di Prato: / a j<sup>o</sup> messer Andrea Oricellai, a ij<sup>o</sup> Lotto di Choppolo, a iij<sup>o</sup> Filippozzo Amieri, / a 20 iiij<sup>o</sup> le rede di Piuvichese Branchacci. È staiora iiij a chorda.

Soma che sono in tutto staiora clxxxiiij<sup>o</sup>

Qui apresso iscriveremo le terre e chonfini del podere da Terzano.

1 Uno cholto chon chasa da lavoratore e fornacie e forno e chapanna, / posto nel popolo di Santa Lucia da Terzano, luogo detto Chasalino: / a j<sup>o</sup> e ij<sup>o</sup> e iij<sup>o</sup> via, a iiij<sup>o</sup> in parte le 25 rede di Baldino Chonpagni e in parte / de' Peruzi e in parte ser Puccino di ser Lapo. È staiora viij a grano.

2 Uno pezo di terra, che ·ffu vigna, nel detto popolo, luogo detto la Sabbia: a / j<sup>o</sup> fossato, a ij<sup>o</sup> via, overo chiasso, a iij<sup>o</sup> e iiij<sup>o</sup> le rede di Michele Bo/ttaccini. È staiora v a grano.

3 Uno pezo di terra nel detto popolo, luogo detto Sa' Martino: a j<sup>o</sup> strada, / a ij<sup>o</sup> ser 30 Francescho di ser Palmieri, a iij<sup>o</sup> della detta chiesa di Santa Lucia, a iiij<sup>o</sup> / le rede di Stefaniello e ·lle rede di Baldino Chonpagni. È staiora iij a grano. //

c.iiij r

Mcccxlviij

4 Uno pezo di terra nel detto popolo e luogo: a j<sup>o</sup> strada, a ij<sup>o</sup> le rede del / Mazza, a iij<sup>o</sup> ser Francescho di ser Palmieri, a iiij<sup>o</sup> della detta chiesa di / Santa Lucia. È istaioro uno a grano.

5 Uno pezo di terra posto nel detto popolo, luogo detto nel lato: a j<sup>o</sup> e ij<sup>o</sup> / le rede di 5 Michele Bottaccini, a iij<sup>o</sup> le rede di Steffanello, a iiij<sup>o</sup> apun/tata. È staiora iij a grano.

6 Uno pezo di terra nel detto popolo, luogo detto al Trebbio: a j<sup>o</sup> via, a ij<sup>o</sup> e / a iij<sup>o</sup> le rede di Michele Bottaccini, a iiij<sup>o</sup> de' Peruzi. Staiora iiij  $\frac{1}{2}$ <sup>4</sup> a grano.

7 Uno pezo di terra nel detto popolo, luogo detto Chasignano, a j<sup>o</sup> / via, a ij<sup>o</sup> le rede di 10

<sup>2</sup> *Vendesi ... Stroza*: acrescentado na margem externa

<sup>3</sup> *Di San Cresci*: acrescentado na margem externa, com sinal de chamada

<sup>4</sup>  $4\frac{1}{2}$ : acrescentado na entrelinha superior

Baldino Chonpagni, a iij° fossato, a iiij° le rede / di Michele Bottaccini. Àvi suso un chasolare. È staiora viij° a grano.

8 Uno pezo di terra nel detto popolo, luogho detto al Bagno: a j° strada, / a ij° de' Peruzi, a iij° ser Puccino di ser Lapo, a iiij° le rede di Stefanello. / È staiora vij a grano. 15

9 Uno pezo di terra nel detto popolo, overo nel popolo delle Chorti, luogho / detto Poggio Ridolfi: a j° le rede di Baldino Chonpagni, a ij° e iij° delle / donne del munistero di San Domenicho, a iiij° fossato. È staiora j e mezo a grano.

10 Uno pezo di terra nel detto luogho: a j° de' Peruzi, a ij° delle dette / donne, a iij° le rede di Salimbene,<sup>5</sup> a iiij° Nicholò Guardì. È staiora j e mezo a / grano. 20

11 Uno pezo di terra nel detto luogho: a j° de' Peruzi, a ij° le dette donne, / a iij° de' Peruzi, a iiij° le dette donne. È staiora uno e mezo a grano.

12 Uno pezo di terra nel detto luogho: a j° e ij° e iij° delle dette donne / di San Domenicho, a iiij° via. È staiora iiij a grano.

13 Uno pezo di terra nel detto luogho: a j° via, a ij° e terzo ser Puccino / di ser Lapo, a iiij° Francesco Rinuccini, overo Nicholò Guardì. È sta/iora vij a grano. 25

14 Uno pezo di terra nel detto luogho: a j° e ij° via, a iij° e iiij° de' Peruzi. / È staioro uno a grano.

Il detto podere da Terzano fu di Bardo Ghighi de' Bottacini. Chonperollo / Bartolino 30  
l'una metà da Alberto Girolami e l'altra metà dal Cho/mune di Firenze, che il detto Bardo avea bando di rubello, / e abianne di chatuna parte le charte chonpiute.<sup>6</sup>

c.iiij v

Mcccxlviij

Qui apresso iscriverremo ð i chonfini de' tre <sup>7</sup> / nostri chasolari, cioè che sono posti nel popolo di Santa Trinita, in Porta / Rossa, nella via degli Strozi, che dal j° via, a ij° Ghoro di Iachopo de / gli Strozi, a iij° Bonachorso Chonpagni, a iiij° chiasso. 5

Anche una chasa, posta nella via del Moro, nel popolo di San Branchazio: / a j° via del Moro, a ij° Ghieri alberghatore, a iij° chiasso, a iiij° le rede / di Simone di messer Gianni

<sup>5</sup> *Le rede di Salimbene*: evidenciado com três retângulos na margem inferior, em baixo das palavras.

<sup>6</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula*, na margem interna. Na margem inferior foram desenhados novamente três retângulos, e uma mão moderna anotou: *N.B. Erede di Salimbene*

<sup>7</sup> *tre*: evidenciado por *manicula* na margem superior

Tornaquinci.

Poi, dopo la mortalità, vegliendoci rimasi noi giovani, parve / agli amici e parenti nostri 10  
e a nnoi che, per bene e stato e pace / di noi, provedessimo d'achonciare i fatti nostri, cioè  
che Bernardo / di Tobbia avesse la parte sua e noi figliuoli di Bartolino avessimo la /  
nostra. E di chonchordia facemo chonpromesso a dì xvij di febraio / anni mcccxlviij, cioè  
Bernardo di Tobbia dall'una parte et / Leonardo per me propio e promissi per li altri miei 15  
fratelli dall'altra parte, ne' savi / e discreti huomini Luigi di messer Andrea de' / Mozi, Dato  
di Chante de' Bottacini, zio di Bernardo detto, e in Ber/nardo d'Allessandro de' Sasetti, per  
due mesi, chominciati il detto / dì e finiti dì x vij d'aprile mccccl. Fu testimone Francescho /  
di ser Guido Pucci e Ruberto di Giovanni Davanzati. Carta per mano / di ser Domenicho 20  
di ser Guido Pucci da Empoli.

Poi, giuovedì dì xv d'aprile mccccl, di chonchordia prolunghamo / il chonpromesso per  
uno mese, cioè infino a dì xvij di magio 1350 / ne' detti albitri, carta per mano del detto ser  
Domenicho. Prolungha/molo, perché aspettavamo Dato di Chante, ch'era a Pisa, che fosse / 25  
a dare in lodo.

Dopo questo, a dì x di magio mccccl, il detto Luigi de' Mozi e Bernardo / Sasetti,  
avegnadio che Dato di Chante fosse absente, perciò ch'era / ito a Pisa e non tornava,  
lodorono e sentenziorono chome / fu di nostra volontà e chonchordia:<sup>8</sup> // 30

c.v r

che Bernardo di Tobbia avesse e suo fosse il podere da Terzano, / chon quelle terre che  
il detto podere possiede, chome di qua nomi/natamente e chonfini è fatta menzione, e l'uno  
de' tre cha/solari, che scritti sono di qua, cioè quello ch'è a 'llato a Bonachorso Chon/pagni 5  
et la chasa della via del Moro, ch'è scritta di qua, e / fiorini ccliiij d'oro, che noi avavamo  
riaùto della dota dell'Anbru/ogia, sua serocchia e moglie che 'ffu di ser Francescho  
Griffoli<sup>9</sup> da / Chatignano, che morirono ammedue per la mortalità, che chosì gli / ebe  
chontanti, e che dovesse avere quella parte delle ma/sserizie, che allora avavamo, che 10  
paresse a frate Marcho / nostro fratello.

E che Leonardo e suoi fratelli e figliuoli di Bartolino avessono il podere / da Chanpi,  
chome scritto di qua, e gli altri due chasolari, che sono / a 'llato a Ghoro di Iachopo degli

<sup>8</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>9</sup> *Moglie ... Griffoli*: sublinhado e evidenciado por sinal de duas pequenas barras na margem interna.

Strozi, e f. cxxv d'oro, che noi abi/amo nel Monte, cioè ad avere dal Chomune di Firenze, / 15  
 e l'altro avanzo delle masserizie e ogni retaggio che noi potessi/mo avere della Lisa, nostra  
 serocchia e moglie che ·ffu di ser Gio/vanni Dini da Lanciolina. E chosì sentenziarono,  
 essendovi / Bernardo di Tobbia e io Leonardo presenti e di chonchordia. Carta / per mano 20  
 del detto ser Domenico di ser Guido Pucci. Fuvi testimoni / Tommaso e Neri, fratelli e  
 figliuoli che ·ffurono di Giuntino degli Alamanni, / e altri, in chasa <di> Luigi de' Mozi  
 sopradetto. E facemo fine gene/rale a Bernardo e egli a ·nnoi. Abianne la charta chonpiuta /  
 d'ogni chosa.<sup>10</sup>

Poi frate Marcho volle, e noi chosì di chonchordia fumo chontenti, ch'egli / avesse la 25  
 quarta parte delle masserizie: e chosì ebbe. E poi / il detto Bernardo le vendé a Andrea di  
 Bartolino, a dì xxiiij° di fe/braio 1355, che ·ffuro istimate tutte f. cx d'oro, ebene da Andrea  
 / f. xxiiij d'oro, chome apare al quaderno del .G. alla tavola, a carta 282, / e f. iij e mezo 30  
 n'ebe da ·mme Leonardo.

c.v v

Richordanza che ·lla Lisa, nostra serocchia e moglie che ·ffu di ser / Giovanni Dini da  
 Lanciolina, fecie testamento a dì xxvij di / giugno anni mcccxlviij, cioè dopo la morte del  
 detto suo / marito, che morì a dì xiiij del detto mese e anno, e lascioci della / sua dota, 5  
 ch'era f. ccc d'oro, f. cxxxviij d'oro e a Onofrio suo / figliuolo f. cl d'oro, e a Manfredi,  
 nipote del detto ser Giovanni, f. x d'oro, / e a monna Diana sua balia f. ij d'oro. Carta per  
 mano di ser Pi/ero Mazetti da Sesto. Poi ella morì dì j di luglio, anni mcccxlviij.

---

└ Richordanza che io Leonardo tolsi a pigione da monna Marghe/rita, moglie che ·ffu 10  
 di Domenico d'Ugho Vechietti, una chasa / posta nel popolo di San Donato de' Vechietti,  
 che dal j° via, a ij° la / detta monna Margherita, a iij° la piazuela de' Lupini, a iiij° Mi/chele  
 di Daniello Paghanelli, per pregio di f. x d'oro l'anno, chomincia / l'anno di j d'ottobre  
 1348. Dovea avere ella delle iiij° parti le tre / della pigione, l'altra la Chonpagnia d'Orto 15  
 Sa' Michele. Charta / per mano di ser Michele di ser Tegna da Chastelfiorentino. Paga'la  
 del tempo / ch'io la tenni da ·lle e feciemene fine. Charta per mano del detto notaio.

Poi la richondussi da Tommaso di Rossello degli Strozi, tutore de' figliuoli / di  
 Domenico Vechietti. Carta per mano del detto ser Michele e pa/gha'lo di quel tempo ch'io 20

---

<sup>10</sup> Evidenciado por *manicula* na margem interna, à direita das duas últimas linhas

la tenni, e lascia'la in chalen' di novembre 1350 / Fecemene fine di ij d'aprile 1351. Charta per mano del detto ser Michele.<sup>1</sup>

c.vj r

Mcccxlviij

Richordanza che a di xij di dicenbre anni mcccxlviij, io Leonardo / presi la tutela di Onofrio, figliuolo che ffu di ser Giovanni Dini da Lancio/lina, in presenza di messer Nichola Lapi giudice. Carta per mano / di ser Piero Pucci da Capraia, e abianne la charta chonpiuta.<sup>11</sup> 5  
 Ònne fine dal detto Nofrio, chome apare inanzi a carta lj.

---

Memoria che nel mcccxlviij del mese d'aghosto, / Filippo di Cionetto Bastari, Neri Fioravanti maestro, Iachopo / d'Andrea Ghinetti e Francescho di Neri Guadagni, sindachi / de' creditori di Domenicho di ser Vanni tavolieri, chon chui io Leonardo / era stato per fattore, me elessono loro chamarlingho per / f. sei d'oro il mese e a l'loro rendei ragione del chonto ch'io avea / tenuto per adietro alla tavola, chol detto Domenicho, ch'era istato / cho- llui da di v di novembre 1343, infino a di vj di giugno 1348, che / questo di morì il detto 15 Domenicho. Dio abia l'anima sua. E stetti cho' detti / sindachi uno anno. E poi dopo loro furono fatti sindachi de' / detti creditori Neri Fioravanti sopradetto, Sandro di Simone da Qua/rata, Domenicho di Donato Bandini e Albizo di Tuccio Righaletti: / i quali sindachi 20 m'elessono loro chamarlingho e feci bene e / chonpiutamente l'uficio mio e a l'loro ne rende' bene e chonpiu/tamente ragione d'ogni danaio e d'ogni chosa che m'era pervenuta / alle mani, per chagione del detto uficio. Per la qual chosa a di xv / d'aprile 1350 eglino, veduta chonpiutamente la mia ragione, / mi feciono fine e mi prosciolsono del tenpo ch'io era stato loro cha/marlingho et eziandio del chamarlinghato degli altri sopradetti / sindachi, 25 ch'erano istati innanzi a l'loro. Carta per mano di ser Filippo di / ser Albizo Verduce, loro notaio, e abianne la carta chonpiuta.

E |e| anchora il detto Domenicho di ser Vanni mio maestro mi fecie fine / alla morte sua, quando fecie testamento, di vj di giugno 1348, / ~~dei~~ di tutto il tenpo ch'io era stato cho 30 l'lui alla tavola. Charta per mano / di ser Matteo di Vanni da Lonciano. //

---

<sup>11</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna.



c.vj v

Anchora i detti sindachi di Domenicho di ser Vanni, il detto di che mi / prosciolsono e  
 nella detta provisione nello spirare de 'lloro uficio, /mi lasciorono in diposito una certa  
 quantità di *danari*, che io gli dovessi / istribuire tra' creditori, chome tochava loro e a chui  
 de' qua' / *danari* istribui' e paghai assai ai detti creditori, chome nel libro / de' detti 5  
 sindachi si chontiene, il quale libro io ò apo me e scritto / di mia mano. Poi, in questo  
 mezo, si fece per lo Chomune una ri/formagione, che ogni chamarlingho di questi  
 sindachati / dovesse mettere ogni quantità di *danari*, ch'egli avesse per chagione / del suo 10  
 uficio, in uno chassone di Santa Crocie, diputato per lo / Chomune, che 'll'una chiave  
 teneano i Priori, un'altra l'uficia/le della Merchatantia, un'altra i frati di Santa Crocie.

Per la qual chosa, a di xiiij di gennaio 1350, in presenza di frate Lorenzo, / sagrestano di  
 Santa Crocie, e di tre de' cinque della Mercha/tantia e di frate Berto, chamarlingho della 15  
 Chamera dell'Arme / del Palagio de' Priori, missi nel detto chassone di Santa Crocie / f.  
 novantacinque d'oro. Carta per mano di ser Bartolomeo da Rignano.<sup>12</sup>

E a di xxxj di gennaio 1350 rimissi nel detto chassone al detto / modo, carta per lo detto  
 ser Bartolomeo, f. ventotto d'oro per resto de' *danari*, / che m'erano rimasi per chagione del 20  
 detto uficio, chome apare al / detto libro de' sindachi, a carta 133.

E dopo queste chose ne rendei ragione al giudice della ragione, dipu/tato per lo  
 Chomune, e ònne charta di proscioglione, per mano del / notaio del detto giudice della  
 ragione.

c.vijr

Mcccxlviij

Richordanza che a di \*\*\* di dicenbre 1349 Bernardo d'Allessandro / Sasetti chonperò  
 da Pinvecio di Sinibaldo Sasseti, e fecie dire / la charta in me Leonardo, mezo il forno,  
 chiamato il forno / di Borghese, posto nel popolo di San Piero Bonchonsiglio, overo di / Sa 5  
 Miniato tra 'lle torri. Carta per mano di ser Piero Mazetti da / Sesto, ma nella verità egli è  
 suo.

Poi a di xxx di dicenbre, anno detto, alloghai a pigione a Manetto for/naio il detto mezo  
 forno, a richesta del detto Bernardo. Carta / per mano di ser Benedetto Tenpi da 10

---

<sup>12</sup> No texto: *Rignana*

Castelfiorentino.

A dì xxxj di dicenbre 1349 Bernardo d'Allessandro<sup>13</sup> Sasetti e fratelli / mi vollono far charta e feciono per loro difensione e a ·lloro cha/utela della chasa loro, posta tra' ferravechi, nel popolo di San Piero / Bonchonsiglio, cioè che Paolo d'Allessandro fu venditore e mi ven/dé per pregio di f. quattrocento d'oro e Bernardo sopradetto fu ma/llevadore. Carta per mano di ser Bernardo Chonpagni da Lonciano. / E paghò il detto Bernardo la ghabella del chontratto, che si pattegiò cho' / ghabellieri. E apigiona'la loro per uno anno per f. xxx d'oro l'anno. / Charta per mano del detto ser Bernardo, ma nel vero ella è loro e / non è mia. 15 20

Anche a dì viij di marzo 1349 chonperai per li detti figliuoli d'Allessandro / Sasetti da Nicholò di Marcho dell'Asino, per suo dato e fatto, una chasa, / posta nel popolo di San Donato de' Vechietti, che dal j° via, a ij° Dome/nicho Guidalotti, overo messer Zatino Peroni da Genova, a iij° de' detti / figliuoli d'Allessandro Sasetti, a iiij° degli Squarcialupi, per pregio di / fiorini dugentoventicinque d'oro. Carta per mano di ser Piero Mazetti / da Sesto. Paghai io Leonardo allora i *danari* de' miei propri ed eglino me / gli ànno poi renduti, siché ·lla detta chasa è ·lloro. E a dì ij d'aprile 1350 / paghai la ghabella del chontratto: paghai f. xj d'oro s. v a oro, l'una / metà de' *danari* del venditore, che gliele ritenni, e l'altra metà del chonpratore. 25 30

c.vij v

Mcccxlviij

Richordanza che io Leonardo puosi Uberto di Bartolino a / stare chon Domenico di Pagno di Tieri, di j d'ottobre 1349, poi / a dì xxj d'ottobre 1349 il mandò a stare a Fermo nella Marcha / a uno suo fondacho di ritaglio di panni. Istette cho ·llui uno / anno e paghollo a ragione di f. xvj d'oro l'anno. 5

E a dì vij d'ottobre 1350 si puose nella detta terra a stare chon / Francesco de' Riccho Biliotti: non fece patti cho ·llui.

Richordanza che a dì xv d'ottobre 1348, io Leonardo feci tavola per me, / nella tavola che tenea Domenico di ser Vanni, dove io stava per lui ed era / la detta tavola anchora a pigione del detto Domenico, cioè paghata / per lui per infino a chalen· di novembre 1348, e 10

<sup>13</sup> Evidenciado por *manicula* no espaço acima

chonpiuto il detto termine / la tolsi a pigione da Domenico e Francescho di messer  
Cianpolo de' Cha/valchanti, per pregio di f. xxv d'oro l'anno.

Da poi m'achonpagnai nella detta tavola cho' Luigi de' Mozi e di sua vo/lontà volle che 15  
·lla scritta dicesse Leonardo Bartolini e Tommaso di Luigi, / ch'è suo figliuolo sechondo, e  
misse nella detta chonpagnia f. dc d'oro / e io ne mi dissi f. cc d'oro e partissimo per metà.  
E chominciò la detta chonpagnia / a dì j d'aprile 1349.

E poi a dì j di gennaio 1356, per volontà del detto Luigi e chonsentimento / del detto 20  
Tommaso, mutamo la chonpagnia da Tommaso predetto in Giovanni / di Luigi, suo magior  
figliuolo.

Di poi a dì ij di febbraio 1359 rafermai chol detto Giovanni la detta chonpagnia, / però  
che a dì v di novembre 1359 morì il detto Luigi, a chui Idio faccia / pace, che gran danno fu 25  
di lui. E misse il detto Giovanni f. mille d'oro / e io Leonardo f. dugento e dobbiamo partire  
per metà, al modo / che prima faciavamo. E senpre usamo di rivedere la nostra ragione /  
per le feste di Pasqua di Natale, cioè in chalen' di gennaio, e allora parta/vamo il guadagno  
di tutto l'ano e poneva a ragione di chatuno la / sua metà, chome per li nostri libri apariscie 30  
di mia propria mano. / Ed è bastata la chonpagnia, da me a ·llo al detto modo, da dì j  
d'aprile / 1349 infino a dì j di giugno 1362, e mai non avemo dischordia insie/me, anzi  
sempre grandissima chonchordia. Lodato ne sia Iddio e la Madre./ E in questo tempo  
facemo dodici quaderni lunghi, segnati dal .A. infino / al .M. e facemo al principio uno 35  
libro Bianco quadro, dove scrivemo il corpo.

c.viij r

~~Mcccxlviij~~ Mcccl

Richordanza che a dì xxviii<sup>o</sup> di luglio 1350 io Leonardo, chome / tutore di Onofrio,  
pupillo e figliuolo di ser Giovanni da Lanciolina, feci / chonpromesso<sup>14</sup> cho' figliuoli di ser  
Grimaldo da Lanciolina, chugini del / detto Onofrio, perché aveano tolta e rubata la chasa 5  
cholle ma/sserizie ch'erano del detto Onofrio, e entraronsi dentro un dì / essend'ella serrata  
sotto la mia chiave. E dissono che ·lla chasa / era loro, e ·lle masserizie voleano per la  
pigione di quel tempo / che ser Giovanni, padre del detto Onofrio, v'era istato entro. Vero è  
/ ch'egli aveano ~~eh~~ una charta, che ·ffu fitizia, che ser Giovanni l'a/vea donata loro, per sua 10  
difensione, e sono molto certo che ne / fu chontra charta, ma no ·lla trovai, né seppi né in

<sup>14</sup> Evidenciado com *manicula* na margem interna

su' libri di ser / Giovanni, né trovai alchuna memoria, siché però ~~gli~~ adomandai / loro  
 chonpromesso, e chiamamo albitri, cioè Schiattino del / Bene Uccella, che 'l chiamorono 15  
 per la loro parte, e io chiamai / per la mia parte Bernardo d'Allessandro Sasetti, e il terzo  
 chia/mamo di chonchordia Filippo di Reccho del Chappone, per tenpo e / termine d'uno  
 mese, carta per mano di ser Bartolo Nevaldini, / durante il chonpromesso, per tutto di di  
 xxviiiij d'aghosto anno detto.

Onde che a dì xxviiiij<sup>o</sup> d'aghosto 1350 il detto Schiattino del Bene / e il detto Bernardo 20  
 d'Allessandro, avegnadio che Filippo di Reccho fosse / absente, lodarono e sentenziarono  
 che 'lla detta chasa fosse di / Onofrio, ma che da chalen<sup>r</sup> di ottobre 1350 a uno anno i detti  
 figliuoli di / ser Grimaldo la potessono abitare e che dal dì del detto lodo a xv dì / mi 25  
 dovessono rendere e restituire le masserizie, e che Nofrio o suo / tutore non potesse vendere  
 né alienare la detta chasa infino / che non fosse d'età di xvij anni. Abianne le charte  
 chonpiute del chon/promesso e del lodo, per mano di ser Bartolo Nevaldini da Barberino.

c.viiij v

Mcccl

Richordanza che a dì viiiij<sup>o</sup> di settenbre 1350 io Leonardo puosi Sal/vestro di Bartolino  
 al fondacho di Nicholò e Martino Guardì ispeziali / grossi, e non facemo patti cho 'l loro di  
 salaro.

Poi a dì xxxj di dicenbre anno detto i detti suoi maestri il mandarono / a Perugia a uno 5  
 loro fondacho a stare, e andò chon Bernardo Dol/cebene, ch'andava anch'egli a Perugia per  
 suoi fatti.

Poi a dì xv di marzo anno detto tornò da Perugia e giunse in Firenze / per volontà de'  
 suoi maestri e mandàrollo a Genova e partì di / Firenze dì xvij di marzo anno detto. 10

c.viiiij r

Mccclj

Richordanza che a dì ij d'aprile 1351 io Leonardo vendei a Ia/chopo di Stroza de' Rosso  
 degli Strozi uno pezo di channeto, posto nel / popolo di San Cresci, pioviero di Chanpi, ed  
 era due staiora e chonfina/to chome scritto di qua nelle terre da Chanpi segnato 23, a carta 5  
 4, / per pregio di f. ventitré e mezo d'oro. Chostò la ghabella la nostra parte / u' mezo

fiorino d'oro, disse la charta f. venti d'oro e io promissi per li altri / miei fratelli e Bernardo di Tobbia fu mio mallevadore. Carta / per mano di ser Michele di ser Tegna da Chastellofiorentino.

---

┐ Richordanza che a dì xxij di magio 1351 io Leonardo, sichome / tutore di Onofrio di 10  
ser Giovanni alloghai ad affitto a Iachopo / di Ciandro degli Aglioni il podere da San  
Chiricho a Legnaia, cho ·lle / chase e terre che il detto podere possiede, per due anni, per  
pregio / di lb. lxxij pi. l'anno, chominciando l'anno di j di novembre 1351, e de' / dare la 15  
metà del fitto dell'anno di j d'aghosto prossimo, e l'altra metà / in chapo dell'anno. E  
facemo patti cho ·llui, e chosì dice la carta, che / non vi debia tenere taverna, né ritenere  
giuoco, e diecci per mallevadore a tutte le / sopradette chose Andrea del Benino Neldi, /  
fratello di Francescho del Benino. Carta per mano di ser Bartolomeo / di Lapo del Forese. 20

Ànne dato, di xvij di settenbre 1352, ebi tra due /volte, chome apare alla tavola al  
quaderno del .D. /a carta 79 a mia ragione lb. quaranta pi./

lb. xl pi.

Ànne dato, di xxij di novembre 1352, ebi chontanti, / chome apare a mia ragione alla  
tavola, al quaderno del .D., /a carta 149, lb. quindici pi. / 25

lb. xv pi.

Ànne dato, di xj di gennaio 1352, ebi chontanti, chome / apare a mia ragione al detto  
quaderno a carta 202, lb. quindici pi. /

lb. xv pi.

Ànne dato, di ij di settenbre 1353, chome apare a mia / ragione al quaderno del .E. a 30  
carta 104 alla tavola, lb. venti pi. /

lb. xx pi.

Ànne dato, di 26 di settenbre '353, chome apare al detto quaderno / alle dette carte, lb.  
venti pi. /

lb. xx pi.

Ànne dato, ebi tra più volte chontanti, lb. trenta / quattro pi. /

lb. xxxiiij pi. /

Somma lb.cxluiij pi. / 35

Siché io sono paghato di questa ragione interamente. Fecineli fine di xviiij / di dicenbre  
1359. Charta per ser Bartolomeo di Lapo del Forese. ┘

c.viiiij v

Mcccij

Richordanza che a dì xxviiiij di magio 1351 io Leonardo propio chon/perai un podere, posto nel popolo di San Piero a Ponti da Chanpi, ch'è / staïora cinquanta a corda, meno alchuno panoro, in due pezzi: / l'uno pezo è staïora 42, chon chasa da 'llavoratore e 5 chasolare / e aia, che dal primo e ij° via, a iij° Nicholò d'Albizo de' Ghalighari, / dal iiij° le rede di Bartolino Salinbeni, cioè noi medesimi; / un altro / pezo di terra, ch'è staïora viij a chorda: a j° via, a ij° le rede di Ne/rozo de' Chocchi, a iij° e a iiij° noi medesimi. /

Conpera la metà per non diviso da Nicholò e Chericho di Gerino da So/mmaia, che 10 'll'ebono in dota da monna Nicholaia, figliuola che 'ffu di Sandro / di Giovanni Dietaiuti, overo Bonaiuti, e moglie che 'ffu del detto / Chericho, sichome n'apare: carta per mano di ser Gino di ser Giovanni / da Chalenzano, roghata dì \*\*\* anni mcccxlvi. E alla detta / vendita fu mallevadore Giovanni, figliuolo che 'ffu del detto Sandro / di Giovanni, per 15 pregio di f. centosettantacinque d'oro. Carta per mano / di ser Domenico di ser Guido Pucci da Empoli.<sup>15</sup>

L'altra metà conperai da monna Giovanna, figliuola che 'ffu di Bonin/chontro Ghiselli e moglie che 'ffu del detto Sandro di Giovanni e / da Giovanni suo figliuolo e figliuolo che 20 'ffu del detto Sandro. E promissono / che Matteo, fratello del detto Giovanni di Sandro venditore, il quale / Matteo non era in Firenze e non era inn età, quando fosse inn età, / avrebbe ferma e rata e retificherebbe e chonsentirebbe alla / detta vendita. E alla detta vendita fu mallevadore Ni/cholò e Chericho di Gerino sopradetti, per pregio di f. clxxv 25 d'oro. / Carta per mano del detto ser Domenico, e 'lle donne loro vi dierono / la parola, cioè monna Nicholosa, figliuola di Nicholuccio di Puccio / Bencivenni e moglie del detto Chericho, et monna Leonarda, / figliuola che 'ffu di Neri di Gianfigliazzi e moglie ch'è del detto Nicholò.

Testimoni alle predette chose furono Nicholoso di Simone de' Gian/figliazzi e Vieri di 30 Berto di Vieri degli Schali, nella chasa e abi/tazione de' detti Nicholò e Chericho di Gerino in borgho Sa' Lorenzo.//

c.x r

<sup>15</sup> Primeiras linhas do parágrafo evidenciadas por *manicula* na margem externa

## Mcccij

Et a dì v di giugno 1351 il detto Giovanni di Sandro, per sé e / sichome procuratore di monna Giovanna sue madre, e chome / procuratore de' detti Chericho e Nicholò di Gerino venditori, mi mi/sse in tenuta nel detto podere. Carta per mano del detto ser Domenicho. / 5  
Fu testimoni Billichozo di Geri Ghondi ed altri.

A dì viij di giugno 1351 paghai la ghabella del chontratto del detto / podere a Ghoccio Lupicini vecechamarlingho per Nicholò di / Bocchino Rinbaldesi, f. xvij d'oro e mezo. Carta per mano di ser Bal/do Brandaglia, ch'era notaio a l'entrata. Paghai la metà de' / miei 10  
propri *danari* e l'altra metà de' detti venditori, che gli ritenni loro / quando gli paghai. Abianne la bulletta del detto pagamento / in charta di pechora, e abiamo la charta chonpiuta della chonpera / del detto podere. Demone al detto ser Domenicho f. iij d'oro.

Il pagamento ch'io feci loro apare al quaderno lungho del .C. alla / tavola, a carta 293. 15

Anche abiamo aùto la retifichagione del detto Matteo di Sandro, / figliuolo della detta monna Giovanna e fratello del detto Giovanni, venditori / dell'una metà. Carta per mano di ser Santi Bruni, e abiamo la / charta chonpiuta. 20

Poi a dì xij di maggio 1355 vendei a Bartolo di Cino il detto podere, cho/n anche xx staiera di mia terra a l'ato a questa, chome apare in/nanzi a carta xvij.<sup>16</sup>

---

┐ Richordanza che a dì v di giugno 1351 io Leonardo diedi a soccio a / Giunta e al 25  
Belluccio, figliuoli che ffurono di Giovanni, popolo di San Piero a Ponti / da Chanpi miei lavoratori, uno bue e uno vitello, di stima / di f. xvj d'oro, cioè il bue di f. xij e il vitello di f. iij d'oro, a mezo / pro e a mezo danno. E se chaso venisse che si morissono per loro difalta, / Dio ne gli guardi, perciò dee essere tutto il danno loro. Carta / per mano di ser 30  
Domenicho di ser Guido Pucci.

Il detto bue e vitello sono de' detti Giunta e Belluccio, avegnadio / che me n'abiano fatto charta, feciomela perch'io fossi sichuro / de' *danari* che mi debono dare.

Riebolisi . ┘

c.x v

## Mcccij

Richordanza che a dì viij<sup>o</sup> di giugno 1351 Bernardo di Tobbia / Salinbeni vendé a

---

<sup>16</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

Sandro di Cione fornaio, ricevente per monna / Bruna \*\*\* pinzochera, la chasa della via  
del Moro, / iscritta di qua a carta v, che gli tochò in parte in fra l'altre chose, / per pregio di 5  
f. quaranta d'oro netti, e io Leonardo vi fui malle/vadore. Fuvì testimone Doffo di Pierozo  
Sasetti e Domenicho di Li/ppo sensale del Chanbio. Carta per mano di ser Maso Nelli di  
Parione.

---

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xxviiij di se/ttenbre 1351, lb. viij s. ij d. viij pi. per 10  
la segna / che si fece a' cittadini. Paghossi per due mesi, /che ce ne fu posto d. xxxij il dì,  
montò per lxj dì.

lb. viij s. ij d. viij pi.

E de' dare, di xiiij di marzo 1351: paghamo a Pa/olo di Gherardo Davizi, chamarlingho  
dell'esti/mo che 'ssi fece, che 'ffumo rechati in lb. xxx. Pa/ghossi a s..x per *lira.*, lb. quindici 15  
pi. Fuvì notaio / ser Paolo Nemi. Dicea la rechata: Leonardo / di Bartolino e Bernardo di  
Tobia Salinbeni. /

lb. xv.

E de' dare, di xxx di giugno 1352: paghamo / lb. quindici, che si paghò anche a s. x 20  
la *lira*.

lb. xv pi.

La detta spesa bisognò al Chomune per chagio/ne<sup>17</sup> che l'arciveschovo signore di  
Melano / ci fece guerra, e mandocci molta gente in / sul nostro chontado, ed ebene pocho  
onore, / che niuno aquisto fece. E stette parecchie / mesi ad assedio alla Scharperia, ed era 25  
prima / venuto dalla Sanbucha e di là vene presso a Pi/stoia e da Pistoia a Chanpi e da  
Chanpi a Peretola / e infino presso alla porta del Prato. E poi se n'andò / per Val di Marina 30  
alla Scharperia, e quivi puo/se l'asedio e non vi aprodò nulla, e poi se n'andò.

Ànne dato in più paghe lb. xxxviiij s. ij d.viiij, / sì che fumo paghati interamente in x  
paghe.

lb. xxxviiij s. ij d. viij pi. ┘

c.xj r

Mcccij

┐ Andrea di Baldinaccio del Verre de' dare, di / iiij di novembre 1351: diedi per lui,

---

<sup>17</sup> La detta ... *chagione*: evidenciado por duas *maniculae*, uma na mergem interna e uma na externa.



chome apare / a mia ragione alla tavola, al quaderno del .C., a carta 138, / a Andrea di 5  
 Chappone di Reccho f. venticinque / d'oro, e il detto Andrea di Chapone ne gli prestò /  
 anche f. xxv d'oro, e Lapo Berti anche xxv, e / Iachopo di Ticcio anche f. xxv d'oro.  
 Presta/mogliele a Bartolomeo di Nicholò di Cione / Ridolfi e a Andrea di Cione Ridolfi per 10  
 una / sentenza dalla Merchatantia, ch'aveano a/dosso e chontra al Verre di Baldinaccio,  
 frate/llo del detto Andrea debitore, che per la detta / sentenza voleano entrare in tenuta in  
 su / il podere da 'lLegnaia, ch'è del detto Andrea di / Baldinaccio. Paghogli tutti inn una 15  
 somma / Andrea di Chappone, chon anche f. lvj d'oro, che / gli diede il detto Andrea di  
 Baldinaccio al detto / Bartolomeo di Nicholò e Andrea di Cione, ed e/gliino feciono fine a' 20  
 detti Verre e Andrea / di Baldinaccio. Carta per mano di ser Francescho / di ser Rosso,

f. xxv d'oro

E il detto Andrea di Chappone à carta del detto / podere da Legnaia, che dice in  
 Chappone, suo padre / che 'ffu, e promisseci di tenere la detta charta / a nostra pitizione per 25  
 nostra sichurtà de' detti *danari*, tanto / che ch'egli ci penerà a dare, cioè per sé e per Lapo /  
 Berti e Iachopo di Ticcio e per Leonardo di Bartolino.

Ànne dato dì v di settenbre 1358: avemo chontanti, chome / apare a mia ragione alla 30  
 tavola, al quaderno del .I., a carta 191 f. dieci d'oro, /

f. x d'oro.

Ànne dato \*\*\*, avemo chontanti / f. dieci d'oro, chome apare a mia ragione al quaderno  
 \*\*\*, /

f. x d'oro

Ànne dato, dì xxij di giugno anni 1361: avemo chontanti, / chome apare a mia ragione  
 alla tavola, al quaderno del .L., a carta / 236 ~~f. dieci d'oro~~ f. cinque d'oro. 35

f. v d'oro. ↯

c.xj v

Dì j di novembre Mcccl

└ Richordanza che Io Leonardo cho' miei fratelli tornamo a stare / a pigione nella chasa  
 di Bernardo d'Allessandro Sassetti e de' fra/telli, ch'io chonperai per loro da Nicholò di  
 Marcho dell'Asino, chom'è iscritto di qua a carta vij, ch'è posta nel popolo di San Donato 5  
 de' Vechietti. / Debone dare loro l'anno f. dieci d'oro. Chomincia l'anno questo dì di

sopra.<sup>18</sup>

Ànonne aùto di xvj d'aghosto 1351 per pigione d'uno / anno, finito di j di novembre 1351, f. dieci d'oro, / chome apare ala tavola, al quaderno del .C., a carta 118,

f. x d'oro 10

Istemovi infino a chalen' di novembre 135[8], che / tornamo a stare in Porta Rossa, nelle chase no/stre e paghamoli della pigione interamente.<sup>19</sup> ↵

c.xij r

Richordanza che a dì vj di febraio 135\*\*\* Simone e Billichozo di / Geri Ghondi presono la tutela di Giovanni loro fratello, in pre/senza di messer Tomaso di ser Guido Pucci, e io Leonardo vi fu' ma/llevadore alla detta tutela. Carta per mano di ser Domenicho 5 / di ser Guido Pucci.

---

┐ Richordanza che io Leonardo, sichome tutore di Onofrio di / ser Giovanni, affittai a Romolo di Neruccio, del popolo di San Chiricho / a Legnaia, staiora lvij di terra, in cinque pezi, posta nel / detto popolo di San Chiricho, per istaia lxxxv  $\frac{1}{2}$  di grano, posto a Firenze / a mia ghabella e a sua vettura, ogn'anno per tre anni. 10

Paghomi molto a mio danno, però che feci somma cho 'llui / e ricevettine danno. ↵

c.xij v

Mccclij

┐ Richordanza che, a dì iiij di novembre 1352, io Leonardo tolsi / a pigione da Tommaso di Rossello degli Strozi la chasa de' figliuoli di Dome/nicho Vechietti, posta nel popolo di San Donato de' Vechietti, che a j° via, / a ij° del detto figliuolo di Domenicho, a 5 iiij° la piazuela de' Lupini, a iiij° Miche/le di Daniello, cioè le tre parti della detta chasa, l'altra parte era / della Chonpagnia d'Orto Sa' Michele, per pregio di f. otto d'oro l'anno, / le dette tre parti per uno anno, chominciato di j di novembre 1352. / Carta per mano di ser Michele di ser Tegna da Chastelflorentino.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa.

<sup>19</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa.

<sup>20</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

Tenemola uno anno e non l'abitamo, e paghamolo e facemocene fare / fine. Carta per 10  
mano del detto ser Michele. ↵

Richordanza che io Leonardo tolsi per moglie la Gianetta, figliuola / che ffu di Rinieri  
di Lapo Charini, e mena'la a chasa sabato di xviii<sup>o</sup> / di gennaio anni mcccij, chol nome di 15  
Dio e di buona ventura, possa / essere e sia. E debone avere di dota f. quattrocento d'oro e  
que/sto di la mattina ch'io la menai le diedi l'anello. Charta per mano di ser / Maso Nelli di  
Parione.<sup>21</sup> ~~de~~

De' detti f. cccc d'oro che debo avere di dota, mi diede staiora lvj / di terra, posta nel  
popolo della pieve a Settimo, chosì chonfinata, cioè:

Uno pezo di terra lavoratoia in parte e in parte vignata, chon channeto / e alberi fruttiferi 20  
e non fruttiferi sopra sé, chon fosse in mezo, posto nel / popolo della pieve a Settimo,  
luogho detto a Chorticelle: a j<sup>o</sup> strada, a ij<sup>o</sup> / Piero e Benci di Feo, a iij<sup>o</sup> via, a iiij<sup>o</sup> la Parte  
Guelfa di Firenze in parte / e in parte le rede di Mannello Guidetti. E' istaiora xlj e panora  
\*\*\*.

Ite<m> uno pezo di terra aratoia, posta nel detto popolo e luogho ivi dirinpetto: / a j<sup>o</sup> 25  
strada, a ij<sup>o</sup> via, a iij<sup>o</sup> le dette rede di Manello, a iiij<sup>o</sup> le rede di Michuccio / Bonamichi. È  
staiora xiiij e panora \*\*\*. E la detta terra mi fu chonta, di / chonchordia delle parti, f.  
trecentotrenta d'oro. E Andrea di Barto/lino, sichome procuratore della Gianetta, per  
chautela la prese chon / quelle ragioni e chautele, che in ciò bisognavano, di chonchordia 30  
delle / parti, per vigore del testamento di Rinieri suo ~~pafre~~ padre, che le //

c.xiiij r

lasciò f. quattrocento d'oro per sua dota. Carta per mano di ser Maso Nelli / e abiallo  
chonpiuto. E fece il detto piato a palagio ser Maso detto e abi/amo le charte chonpiute di  
tutto il piato, piuichato per mano di ser Fal/chone di ser Giovanni.

E per lo resto della detta dota, cioè f. lxx d'oro, mi diè Neri Charini, paghan/te per 5  
Giovanni di Rinieri, inn una roba dimezata, foderata d'endesia, ch'ella / ne rechò e in  
masserizie, siché, in somma, n'ebi f. quattrocento d'oro.

E a dì j di settenbre 1354 io Leonardo, Tobia, Andrea, Uberto e Salvestro, /  
chonfessamo la detta dota, cioè dalla Gianetta il sopradetto podere e / da Neri di Benuccio 10

<sup>21</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

Carini, paghante per Giovanni di Rinieri Charini, / fratello della detta Giannetta, in  
maserizie f. settanta d'oro. Carta per / mano di ser Maso Nelli di Parione.<sup>22</sup>

E a dì xv di settenbre 1354 paghai la ghabella della detta dota, f. dieci d'oro / a Biagio di  
Giovanni degli Schali, vecechamarlingho di \*\*\*.

A dì xviiiij di luglio 1374, che ·ffu mercholedì, amalò la detta Gianetta per la / maladetta 15  
mortalità e il seguente martedì, a dì xxv di luglio, il dì di / Santo Iachopo, la chiamò a ·ssé  
il nostro Signore H Giesò Cristo. Lodato / e ringraziato si' egli d'ogni sua diliberazione. E  
soppellimola in Santa /Trinita<sup>23</sup> nella nostra sepultura. Il Nostro Signore Iddio e ·lla sua /  
madre, vergine Maria, le facciano verace miserichordia a/l'anima sua. E prima la mattina 20  
partorì uno fanciullo maschio di sei / mesi ed ebe l'anima ed ebe nome Giovanni.

---

Richordanza che a dì xiiij di gennaio 1353 io Leonardo / chonperai da Simone di  
Giovanni degli Agli staiora / xvij di terra forte, posta a Chanpi, per pregio / di f. quattordici 25  
d'oro, e paghai di ghabella s. cinquanta pi., chome apare a mia ragione alla tavola, al  
quaderno del .E., / a carta clxxviii. La detta terra chonperai per Giunta e / Belluccio di  
Giovanni da Chanpi, e renderomi i *danari* a stento e vincholenza.

f. xiiij d'oro s. l pi.

Richonpera'ne dal detto Giuta staiora vj, che gli tocchò / a ·llui, che ·lla divisono a 30  
questo modo, ch'era meglio che ·ll'altra. / Chostomi lb. vj lo staioro e pagha'lo, chome  
apare a mia ragione / al quaderno del .L. alla tavola, a carta 119.

Richordanza che a dì 17 d'aghosto 1366 io Leonardo rivendei a pitizione del detto  
Giunta, / per mio dato e fatto, a Gianni di Cenni di Dotto da Sa· Moro le dette vj staiora di 35  
terra, / per pregio di lb. 36, e Giunta detto s'obrighò in tutto alla difesa. Carta per mano di /  
ser Tomaso di ser Salvestro di ser Bernardo.

c.xiiij v

Mcccliij

┐ Richordanza che a dì viij d'aghosto 1353 io Leonardo affittai a Lorenzo / di Lapo,  
vocato Lorenzo Fabri, del popolo della pieve a Settimo, staiora lvj /di terra, posta nel  
popolo della pieve a Settimo, chonfinata chome apare /di qua alla dota della Gianetta. 5

---

<sup>22</sup> Parágrafo evidenciado por sinal de dois riscos paralelos na margem interna

<sup>23</sup> *Trinita ... sepultura*: evidenciado por *manicula* na margem interna e sublinhado

De'ne dare l'anno mogia due di grano / e lb. trentasei posto a Firenze, a sua vettura e a mia ghabella. Afittamogliele / per tre anni. Chomincia l'anno di j d'aghosto 1353 e finendo di j d'aghosto 1354. / Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese.

Ànne dato, di viiij d'aghosto 1354: rechò Lorenzo detto / mogia due di grano a Firenze e paghai la ghabella / 10

f mogia ij di grano.

Ànne dato, di iiij di gennaio 1354: eb'io Leonardo dal / detto Lorenzo lb. trentasei pi. / lb.xxxvj pi.

Ànne dato per l'anno 1355: avemo mogia due / di grano e lb. trentasei pi. / mogia ij di grano e lb. xxxvj pi.

Ànne dato per l'anno 1356: avemo mogia due di grano e lb.trentasei pi. / 15 mogia ij di grano e lb. xxxvj pi.

Facemoneli fine. Charta per mano di ser Piero Ghacci, notaio della / Chonpagnia del Bighallo. ↴

---

┐ Lorenzo di Lapo da Settimo mio lavoratore de' dare, / di viij d'aghosto 1353, che gli prestai chontanti / f. quindici d'oro. Fecemi carta d'uno bue di stima / di f. xv d'oro. Carta per mano del detto ser Bartolomeo. / Dèbimi rendere di qua a uno anno. / 20

f. xv d'oro.

Ànne dato, di xxx di giugno 1355: ebi chontanti / dal detto Lorenzo f. nove d'oro, / 25 f. viiij<sup>o</sup> d'oro.

Ànne dato, di ij di novembre 1355: ebi chontanti, tra / inn oro e moneta, f. sei d'oro. /

f. vj d'oro. ↴

c.xiiij r

Mcccliij

┐ Richordanza che io Leonardo a mio propio nome /alloghai a pigione a Iachopo di Ciandro degli A/gliani la torre, overo palagio chol giardino / da San Chiricho a Legnaia, per pregio di lb. xviiij l'a/nno. Chomincia l'anno di j d'ottobre 1353 e alogha'/gliele per uno anno. Carta per mano di ser Bartolomeo / di Lapo del Forese, roghata di xxvj di settenbre 1353.<sup>24</sup> / 5

---

<sup>24</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

lb. xviiij pi.

Ànne dato, avemo tra più volte lb. diciotto pi. /

lb. xviiij pi.

Abianeli fatta fine di xviiij di dicembre 1359. Carta / per ser Bartolomeo di Lapo del Forese sopradetto. ┘ 10

---

┐ A di xxx di settenbre 1353 io Leonardo alloghai a / lavorare a Forte di Ceccho, del popolo di San Piero a Ponti da Chanpi, nel torno / di staïora lxxx di terra, tra lla quale ve n'ebe della forte e un pezo di vi/gna, cioè i magliuoli<sup>25</sup>, posta nel popolo di San Piero a Ponti in più pezi per tre / anni, chominciati di j d'ottobre 1354. E de'ne dare la metà di ciò che vi / si rachoglierà suso, e de' dare di vantagio ogni anno staia xiiij di grano / della sua parte propria e due paia di chaponi e v serque d'uova. Carta / per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese. E no' gli debo dare, né prestare / né buoi, né altra chosa che per patti sia. 15 20

Tennela uno anno e rechò ciò che dovea e poi si partì, / per l'omicidio che fece i' Re suo nipote, e andone a stare nel chontado di Pistoia. ┘

---

┐ Richordanza che, a di xiiij di gennaio 1353, io Leonardo afittai a Giovannino / di Chanbio Vogliani, popolo di San Piero a Ponti da Chanpi, il podere dal Santo, cioè / staïora lxiiij di terra o in quel torno, cholle chase, per cinque anni chominciati / di j d'aghosto 1354. De'ne dare ogni anno mogia cinque e staia tre di grano ne / lla fine dell'anno e due paia di chaponi e vj serque d'uova. 25

Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese e abialla chonpiuta.

Il detto podere, chon anche viij staïora di terra, vendei a Bartolo di Cino, di xij / di magio 1355, chome apare inanzi a carta xviiij. ┘ 30

c.xiiij v

Mcccliiij

---

<sup>25</sup> *Magliuoli*: u acrescentada na entrelinha superior

┐ Richordanza che a dì viiij d'aprile 1354, fu in mercholedi Santo, che in / buona ventura  
sia, in sul mezo dì naque la Lisa mia figliuola. Fecela<sup>26</sup> / cristiana Giovannozzo Rinaldi,  
Trincia di Chaccialoste Trincianelli / e Billichozo di Geri Ghondi. Dio la faccia buona.<sup>27</sup> 5

Chiamòlla a ssé il nostro Signore Idio a dì xiiij di luglio 1363 per la ma/ladetta  
mortalità. Lodato sia Idio senpre di ciò che ci fa. ┘

---

┐ Demo a balia la detta Lisa a dì xv d'aprile 1354 / a monna Mingharda, moglie di  
Benedetto, vo/cato Chuoi, del popolo di Sa' Michele a Nezano da / Santa Maria in 10  
Pianeta. De'ne avere il mese / lb.iiij pi. e l'altre chose.

Rendelaci, dì 31 di gennaio 1354: àlla tenuta / viiij mesi e mezo. Monta che de' avere, /  
lb. xxviiij s.x pi.

E demola a balia questo dì a monna Nicholosa, cho/me apare qui di sotto. 15

Demo alla detta monna Mingharda, a dì xv d'aprile anno detto, in sua mano lb. tre pi.,/  
lb. iiij pi.

Demole, a dì x di giugno anno detto, in sua mano, /  
lb.vj pi.

Demole, a dì xj d'ottore anno detto, portògliele / Fulcieri suo vicino, lb. dodici pi.,/ 20  
lb. xij pi.

Abialla paghata: vero è che non fu paghata intera/mente, per chagione ch'ella le diè i  
latte pregno / ben cinque mesi, e avisamonela prima che no 'l facesse. ┘

---

┐ Demo a b<al>ia la detta Lisa, a dì 31 di gennaio 1354, a monna Nicholosa, moglie / 25  
di Liso da Santa Margherita a Montisci. De'ne avere il mese f. j d'oro, / senza niun'altra  
chosa.

Demo alla detta monna Nicholosa, dì 28 di febraio, f. j d'oro

Demo alla detta monna Nicholosa, dì 29 di marzo 1355, f. j d'oro. ┘

---

┐ Dì xxxj di marzo 1355 demo a balia la detta Lisa a monna Druda, moglie di / 30  
Ceccho, popolo di Sa' Michele a Nezano. De'ne avere il mese lb.iiij.

Tenela viij mesi, cioè infino a chalen' di dicenbre 1355. Abialla paghata / per infino a  
questo dì e spopamola. ┘

---

<sup>26</sup> la Lisa ... *fecela*: sublinhado

<sup>27</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

c.xv r

Mcccliij

Richordanza che per difetti di Salvestro (e lascieremo istare di nominare / le chagioni) noi fratelli ci achordamo di dividere. Al nome di Dio possa / essere e sia e chon acrescimento d'avere e di persone, chon salvamento / dell'anima e del chorpo, amen.<sup>28</sup> 5

E a di xxvij d'aghosto 1354 Leonardo, Tobbia, Andrea, Uberto e Salvestro / e promettemo per frate Marcho, nostro fratello, ch'era a Parigi,<sup>29</sup> facemo / chonpromesso ne' savi e discreti huomini Bernardo d'Allessandro Sassetti, / Zanobi del Benino e Bernardo di Tobbia Salinbeni. Carta per mano di ser Lo/dovichio Giovanni dagli Statuti, che sta dietro a 10  
Sa' Romeo, presso a chasa <de>i Peruzi.

E a di xxxj d'aghosto anno detto i detti albitri, di chonchordia di tutti noi e pre/senti chatuno di noi, salvo Salvestro, che s'era ito trasstullando, senten/ziarono e lodarono che Leonardo ~~pres~~ predetto avesse uno podere, / che io chonperai a Chanpi, cioè una chasa, chapanna e aia e tera, chon altri / alberi fruttiferi e non fruttiferi, posto nel popolo di San 15  
Piero a Ponti, luogo / detto al Santo, chonfinato chome apare alla chonpera ch'io ne feci di qua a / carta x. Anche mi dierono del patrimonio due pezi, sono segnate queste due peze di terra di qua a carta ij, 10 e 11,<sup>30</sup> di staiora / xx e panora iiij°, che 'll'uno è staiora xij e panora viij, posto nel detto popolo e / luogo: a j° via, a ij° il detto podere, a iiij° Bernardo di Piero Strozi, a iiij° Nicho/laio di Nerozo de' Chocchi. L'altro è staiora vij e panora viij, 20  
posto nel detto / luogo, che a j° via, a ij° il pezo del'otto staiora del detto podere, a iiij° noi / medesimi, a iiij° monna Giovanna di Iachopo del Bianco.

Anche tutte le masserizie ch'io m'ò chonperate dalla mortalità in qua / e oltre a queste delle masserizie vechie chomuni: una lettiera e una / chassapancha a due choperchi di v 25  
bracia e j chassone da tenere danari / e una sargia schachata cilestra e due botti.<sup>31</sup>

Anche lodorono di chonchordia di tutti noi che uno pezo di terra, posto nel detto / popolo, luogo detto a l'Olmo, ch'è staiora xx a corda, a j° e ij° via, a iiij° Vanni del / Trincia Avoghadi, a iiij° le rede di Palla di messer Iachopo Strozi, è segnato / 16 di qua a 30

<sup>28</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>29</sup> *per ... Parigi*: sublinhado por linha tracejada

<sup>30</sup> *Sono segnate ... 11*: acrescentado na margem interna

<sup>31</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna



carta ij , fosse di frate Marcho a sua vita e dopo la sua morte / fosse di noi o di nostre rede.  
 Facemo dire chosì, perché non fosse obrighato / a' frati del Charmino, ma nostra intenzione  
 è che ne possa fare la sua volontà.

c.xv v

## Mcccliiij

Dopo a questo lodorono di chonchordia di tutti noi che Tobbia, Andrea, Uberto e /  
 Salvestro avessono per non diviso tutto l'altro podere da Chanpi, cholle chase e sito, / che  
 sono in tutto nel torno di staiora cliiij a chorda, i quali pezi sono segnati / di qua a carta iij e 5  
 a carta iiij chosì: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, / 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24; anche  
 due chasolari posti nel popolo di / Santa Trìnita, nella via che si dice degli Strozi, che a j°  
 via, a ij° Ghoro di Ia/chopo degli Strozi, a iij° chiasso, a iiij° Bernardo di Tobbia. Anche  
 delle quattro / parti le tre di tutte le masserizie che avavamo dalla mortalità a dietro, / salvo 10  
 che quelle che ànno dato a 'mme, chome nella mia parte si chontiene; l'altra / quarta parte è  
 di Bernardo di Tobbia. Anche in sul Monte f. cxxv d'oro, cioè / in sul Chomune di Firenze.

32

Come l'uomo può vedere io Leonardo ebi in parte più terreno che no 'mmi / tochava per  
 errata. La chagione fu perché allora avavamo debito nel / torno di f. dugento d'oro e 15  
 fùmone in chonchordia che ogni debito e ogni / mobole che noi avessimo, fosse mio. Non  
 volemo che gli albitri avessono a / sapere questo ne' fatti nostri, anche perché io m'avea  
 guadagnato quel / podere ch'io m'avea chonperato di mio guadagno propio e per mia  
 industria / e fatica, e oltre a questo avea guadagnato e messi nella chasa parecchie /  
 centinaia di fiorini d'oro. I nostri fatti necessari, de' quali in grosso posso nominare / 20  
 alchuna quantità, cioè paghai per debiti di Benedetto nostro fratello,<sup>33</sup> che<sup>34</sup> / morì per la  
 mortalità; dopo la mortalità nel torno di f. l d'oro e più ispesi / nelle chase da Chanpi. Dopo  
 la mortalità f. lx d'oro e più diedi a frate / Marcho<sup>35</sup> tra parecchie volte; dalla mortalità in  
 qua, nel torno di f. l d'oro, / paghai per Andrea,<sup>36</sup> quando tornò d'Inghilterra,<sup>37</sup> che rechò 25

<sup>32</sup> *N.B. questo Capitolo: acrescentado por mão moderna no espaço abaixo*

<sup>33</sup> *Benedetto, fratello: sublinhados*

<sup>34</sup> *N.B. Benedetto: escrito na margem externa por mão moderna*

<sup>35</sup> *frate Marcho: sublinhado*

<sup>36</sup> *Andrea: sublinhado*

<sup>37</sup> *tornò d'Inghilterra: sublinhado*

debito nel torno / di f. lxxx d'oro. E più altri *danari* spesi, che menzione non ne fo, e niuno / di frate mi infino a questo tenpo mai un danaio non guadagnorono, salvo / che Uberto,<sup>38</sup> che avanzò nel torno di *fiorini* xl d'oro, mentre che stette a Fermo / nella Marcha, i quali *danari* ebe oltre alla sua parte. Anche / io Leonardo avea moglie e una fanciulla, che mi si 30 richiedea più spesa / che gli altri, e chome si può vedere di nostro patrimonio non n'ò a/vuto altro che venti staïora di terra e quelle poche masserizie vecchie. / Ma lodato sia Idio che di ciò fummo tutti in chonchordia e tutti chontenti. / Volli inanzi meno che no' mi si chonvenia, che niuno si potesse o volesse / ramarichare di me o ch'io ne potessi avere 35 niuno biasimo.<sup>39</sup> //

c.xvj r

Mcccliij

Perché se bisognasse arghomentare e rimediare ne' chasi che possono ave/nire, Dio ci guardi de' rei, Tobbia, Andrea, Uberto e Salvestro feciono / a dì j di settenbre 1354 conpromesso generale in me Leonardo, e dura sei anni. / Carta per mano di ser Bartolomeo 5 di Lapo del Forese.

---

Richordanza che a dì ij di settenbre 1354 partì Uberto di Firenze e andò a Orbivieto / per Francescho de' Riccho Biliotti. Chon bene e achrescimento di lui, possa essere e sia.<sup>40</sup>

---

┐ Palmieri di Geri degli Spini mi de' dare, dì iij di settenbre / 1354, che gli prestai f. cento d'oro, de' quali fece carta / a mia stanza a Tommaso d'Allessandro Sasetti di vj pezi / 10 di terra chon fosse, in mezo a uno tenere: sono nel torno di xxviij / staïora. Fuvi mallevadore Giovanni di Geri suo fratello / e Giovanni di Cipriano de' Tornaquinci e Filippo di Simone di / Ghuccio degli Spini. E dieronvi la parola monna Margherita, / moglie del detto Giovanni di Geri, e monna Gemma, moglie del / detto Giovanni di 15 Cipriano e serocchia del detto Palmieri. Carta per / mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese. I detti *danari* gli diedi alla tavola, chome apare al quaderno lungho del .F., a carta xlij. /

---

<sup>38</sup> *Uberto*: sublinhado

<sup>39</sup> Segunda metade do parágrafo evidenciada por *manicula*

<sup>40</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* (ou por uma pluma) no espaço abaixo

f. c d'oro

E de' dare per dono e che 'cci volle donare per tenpo di questi *danari*, infino a dì xvj di giugno 1358, f. xxxviiiij d'oro.

Somma f.cxxxviiiij<sup>o</sup> d'oro.<sup>41</sup>

E questo dì il detto Tommaso a mia stanza gli affittò al detto Pal/mieri la detta terra per 20 due anni. De'ne dare ogni anno / in chalen<sup>r</sup> di aghosto f. xiiij d'oro e mezo. Furonvi mallevadori / i detti mallevadori di sopra. Carta per mano del detto ser Bartolomeo.

E a dì xxx di settenbre 1354 paghai la ghabella de' chontratti, cioè / f. cinque d'oro de' *danari* del detto Palmieri.

La detta terra è posta nel popolo di San Piero a Ponti, luogho detto / al Cholle, che dal j<sup>o</sup> 25 strada nuova, a ij e iij<sup>o</sup> via, a iiii<sup>o</sup> il detto.

Ànne dato, dì 28 di settenbre '357, chome apare al quaderno del .H. a carta 342, /

f. xxx d'oro

Ànne dato, dì j di novembre ~~per lui~~ 1357 per lui da Tomaso Sasetti, chome a/pare a mia ragione al quaderno del .H. a carta 363 f. undici d'o<ro> o [...], dice per pigione,/

f. xj d'oro.

Ànne dato, dì xxiiij di dicenbre, anno detto, chome apare nel detto luogho, / 30

f. xiiij d'oro.

Ànne dato, dì 23 di gennaio '357, chome apare a mia ragione al quaderno del .H. / a carta 378, che ci diè per lui Tomaso Sasetti f. sesantacinque d'oro,/

f. lxxv d'oro.

Ànne dato, dì xvj di giugno '358, per lui Tomaso Sasetti, chome apare / a mia ragione al quaderno del I, a carta 191, alla tavola, f. undici d'oro, /

f. xj d'oro.

Ànne dato questo dì per lui Tomaso Sasetti, chome apare nel detto luogho, / 35

f. viij d'oro.

Somma f. cxxxviiiij d'oro ┘

c.xvj v

Mcccliiij

┐ Frate Marcho Bartolini mio fratello de' dare, dì ij di / settenbre 1354: paghai per lui in

<sup>41</sup> *E de' dare ... cxxxviiiij d'oro*: acrescentado na margem externa

Firenze a Agnolo di Vanni / Guidi f. trenta d'oro s. viii<sup>o</sup> d. viij ff. per f. xxx d'oro che / gli 5  
fece dare in Parigi a Richardo Giovanni. Scritti a / mia ragione alla tavola, al quaderno del  
.F. a carta xlv, /

f. xxx d'oro s. viii<sup>o</sup> d. viij ff.

E de' dare, di xxx di giugno 1355: paghai per sua lettera a / frate Pietro del Maestro de'  
frati del Carmino f. quin/dici d'oro, chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno / del 10  
.F. a carta 176, /

f. xv d'oro.

E de' dare, di ij di settenbre 1355, diedi per lui a Agno/lo di Vanni Guidi, che gliele fece  
dare in Pa/rigi a Richardo Giovanni, f. quindici d'oro, iscritti / a mia ragione alla tavola, al  
quaderno del .F. a carta 176,<sup>42</sup> /

f. xv d'oro.

E de' dare, di xviiiij di settenbre 1355, per lui a Agnolo / di Vanni Guidi, per mandare 15  
iiiij<sup>o</sup> libri a Parigi al / detto frate Marcho, f. uno d'oro, scritto al detto quaderno a carta cc, /

f. j d'oro.

E de' dare, di xvij di settenbre 1356, per f. trenta d'oro, / che ricevette in Parigi da  
Richardo Giovanni, per / chanbio ne facemo qui, chon Tedaldino de' Ricci / e chonpagni, 20  
chome apare a mia ragione alla tavola, / al quaderno del .G. a carta clij, f. xxx d'oro s. x d.  
viij ff., /

f. xxx d'oro s. x d. viij ff.

E de' dare, di xxvij di magio 1357, per lui Agnolo / di Vanni Guidi. Portò Bonerello  
d'Alberto f. dicio/tto d'oro s. ventuno d. nove ff., i quali ricevette / in Parigi da Richardo 25  
Giovanni, scritti a mia ragione / alla tavola al quaderno del .H. a carta lx. Fu quando tornò  
da Parigi chol generale,<sup>43</sup> /

f. xviiij d'oro s. xxj d. 9 ff.

E de' dare, di xij di giugno 1357, ebe chontanti: por/togliele frate Simone di Bartolo e  
frate Tommaso / Schandicci f. nove d'oro, chome apare alla tavola, / al quaderno del .H. a 30  
carta 96, e a dì xij di luglio paghamo / per lui a Guido Monaldi per sue lettere gli mandò a  
Parigi, s. 27.

f. viiiij<sup>o</sup> d'oro s. xj d. v a ff.

E de' dare, di iiij di gennaio 1358, mandamoli a ricevere / da Richardo Giovanni, overo

<sup>42</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>43</sup> *alla távola ... generale*: evidenciado com *maniculae* nas magens internas e externas.

da Bartolomeo di Richardo, / f. trenta d'oro, per chanbio ne facemo chon Tedaldino / de' Ricci e chonpagni, chome apare a mia ragione al quaderno / della tavola del .I. a carta cxxv, /

f. xxx d'oro

149 24 6.

E de' dare, di ij di gennaio 1360<sup>44</sup>, paghai per lui a Guido Baldi / f. cinquanta d'oro, chome apare a mia ragione alla ta/vola, al quaderno del .L., a carta 79: furono per f. cinquanta d'oro, / ne ricevette in Vignone da Filippo astaio da Luccha, /

f. l d'oro.

E de' dare, infino a dì xiiij d'aghosto 1360, per braccia xiiij a panno lino per sue cha/miscie, tolsi da Lippo di Giovanni, chom' apare a mia ragione al quaderno del .L., a carta 26, /

f. ij d'oro.

Somma f. ccj d'oro s. xxiiij d. vj ff. /

Posti debia dare inanzi a carta xxxv. ↵

45

c. xvij r

Mcccliij

Salvestro di Bartolino mio fratello de' dare, di xv di setten/bre, presta'li chontanti f. venticinque d'oro, chome / apare a sua ragione alla tavola, al quaderno del F, a carta l, e po/sti a mia ragione, al detto quaderno, a carta xlv. Fu quando an/dò a Parigi per sue spese,<sup>45</sup> /

f. xxv d'oro.

E de' dare, di iij di gennaio 1354, per lui a Tedaldino de' Ricci / e chonpagni, che gliel' mandamo per chanbio a Vignone / e da Vignone a Parigi, chome apare a mia ragione / alla tavola, al quaderno del .F., a carta cij, f. xj d'oro s. iiij d. vj ff., /

f. xj d'oro s. iiij d. vj ff.

E de' dare, di vij di febraio 1354, per lui a Carlo di Stroza / f. due e mezo d'oro, che gliel' avea prestati in Fiandra / Tommaso di Marcho,<sup>46</sup> /

<sup>44</sup> 1360: acrescentado na entrelinha superior

<sup>45</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>46</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

f. ij d'oro s. xiiij d. vj ff.

E de' dare, di xvij d'aprile 1355, per lui a Lanberto chal/zaiuolo, per resto di sue chalze, 15  
s. xx d. ij ff., /

s. xx d. ij ff.

Ànne dato ~~di~~ per la sua parte della richolta dell'anno 1354, / quando ci dividemo, f. dieci  
d'oro, /

f. x d'oro.

Ànne dato per la sua quarta parte di f. cxxv d'oro de' / *danari* del Monte, che chonperai  
da ·llui, f. otto d'oro,

f. viij d'oro.

Ànne dato per la sua quarta parte delle masserizie, / che ·ffurono istimate f. cx d'oro. 20  
Tochonne a Bernardo / la quarta parte, che montorono f. xxvij e mezo d'oro: resto/rono in  
f. lxxxij d'oro e mezo. Tochaline f. xx d'oro / s. xvij d. iiij ff., che ·lle chonperai da ·llui, /  
f. xx d'oro s. xvij d. iiij ff.

c.xvij v

Mcccliij

¶ Uberto di Bartolino de' avere, di ij di settenbre 1354: / ebi da ·llui chontanti, chome  
apare a sua ragione / alla tavola, al quaderno del .F., a carta 232, f. quaranta d'oro, /

f. xl d'oro. 5

E de' avere, di vij d'ottobre 1354, per la sua parte / della richolta, quando ci dividemo, f.  
dieci d'oro, / chome apare alla detta ragione, al detto quaderno, /

f. x d'oro.

E de' avere, infino a di v d'ottobre 1355, per dono de' / detti *danari*, f. cinque d'oro, /

f. v d'oro. 10

E de' avere questo di per la sua parte quarta di f. cxxv / d'oro de' *danari* del Monte, che  
gli chonperai da ·llui, /

f. viij d'oro.

E de' avere, per la sua parte della richolta dell'anno / 1355, f. sette d'oro /

f. vij d'oro.

Somma f. lxx d'oro

15

Anne aùto, di v d'ottobre 1355, puosi ch'egli avesse / dato ove dovea dare alla tavola, al

quaderno del .F., / a carta cciiij, a partita |a partita|, f. settanta d'oro. /

f. lxx d'oro. ┘

---

┐ Richordanza che Salvestro di Bartolino mi vendé / la sua quarta parte di f. cxxv d'oro 20  
de' *danari* del / Monte e diedigline f. otto d'oro, chome apare / a sua ragione di qua a carta  
xviij, /

f. viij d'oro.

Anche chonperai da Uberto di Bartolino la sua / quarta parte di f. cxxv d'oro del Monte  
sopradetti, / f. otto d'oro, chome apare ch' io gli ò dato qui di sopra, /

f. viij d'oro. 25

Anche chonperai da Andrea di Bartolino la / sua quarta parte de' detti f. cxxv d'oro nel  
Monte, / che chonperai da 'llui, chome apare a mia ragione / alla tavola, al quaderno del  
.H., a carta cxxviiiij°, f. dodici d'oro, /

f. xij d'oro. 30

Anche chonperai da Tobbia di Bartolino la sua / quarta parte de' detti f. cxxv d'oro nel  
Monte, e pa/gha'lo chome apare a sua ragione, alla tavola al quaderno / del .I., a carta ccxij,  
f. undici d'oro, /

f. xj d'oro.

Anche chonperai, a dì iiij di luglio 1358, da Giovanni di Ri/nieri Charini, f. 67 d'oro /  
nel Monte, e pagha'lo, chome apa/re a mia ragione alla tavola, al quaderno del .I. a carta 35  
43, /

f. xxiiij d'oro s. viij d. iiij a oro.

Anche chonperai, già è più tenpo, da Bernardo d'Allessandro / Sasetti, f. v d'oro nel  
Monte: chostoromi f. uno d'oro al quaderno del .D. a carta 79, /

f. j d'oro.

Somanne i *danari* nel Monte f. clxxxxviij d'oro e s.\*\*\*. /

Vende'li, di xvj di gennaio 1358, chome apare inanzi a carta 29, /

f. lxxiiij d'oro s. xviij d. vj a oro. ┘

c.xviij r

Mccclv

Richordanza che, a dì xij di magio 1355, io Leonardo vendei a / Bartolo di Cino

Benvenuti ritagliatore, del popolo di Santa Lucia d'Ogni/santi, il podere mio da Chanpi,  
 posto nel popolo di San Piero a Ponti, luogo / detto al Santo, ch'è nel torno di staiora lxx a 5  
 chorda. Ciò sono staiora l, / cholle chase che chonperai da Chericho di Gerino da Sommaia  
 e da monna Gio/vanna di Sandro, chome apare di qua a carta x, e staiora xx, che mi  
 tochorono / in parte della terra del nostro patrimonio, chome apare alla nostra divisa, / di  
 qua a carta xv, per pregio di f. secentosesanta d'oro netti di spesa e di / ghabella, e meza la 10  
 richolta, e anche gli vendei la detta meza richolta f. dieci d'oro. / Siché in tutto n'ebi f.  
 secentosettanta d'oro, chome apare al quaderno della tavola, / al quaderno del .F., a carta  
 302. Fuvì mallevadore Tobia, Andrea, Uberto e / Salvestro, e 'lla Gianetta mia moglie vi  
 diè la parola. Carta per / mano di ser Benozo Pieri, e demo al detto Bartolo le carte della  
 chonpera de/lle sopradette l staiora di terra. 15

---

Richordanza che lunedì di xiiij di luglio 1355, in sul mezo di, naque / Bartolomeo mio  
 figliuolo. Facemolo battezzare, per l'amor di Dio, fecelo cristiano / monna Nelda, moglie  
 che 'ffu di Ghigho, che sta in Parione, e monna Stefana, / moglie che 'ffu di Bueme da  
 Chanpi, e monna Andrea del Chiaza da Chanpi. / Battezzossi alla pieve a Chanpi. Dio gli 20  
 dea buona ventura.<sup>47</sup> //

c.xviiij v

1355

┐ Demo a balia il detto Bartolomeo mio figliuolo, a di xxiiij di luglio 1355, a / monna  
 Massaia, moglie di Francescho di Bonino, del popolo della pieve a Ripoli. / De'ne avere il  
 mese lb. iiij pi. e l'altre chose. /

Ànne<sup>48</sup> àuto, di xxx di dicenbre 1355: ebe in sua mano / f. sei d'oro, chome apare a mia 5  
 ragione alla tavola, / al quaderno del .G., a carta xlj, /

lb. xx s. xiiij. /

Ànne àuto, di xxx d'aprile 1356, ebe Francescho suo / marito s. xx pi., scritti a mia  
 ragione al detto quaderno a carta 90, /

lb. j pi.

Ànne àuto, di xij di dicenbre 1356, ebe chontanti / in sua mano f. tredici d'oro, chome 10

---

<sup>47</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* no espaço abaixo

<sup>48</sup> *À* escrito sobre *d* parcialmente cancelado



apare a mia ragione al detto quaderno, a carta ccij, /

lb. xlv.

Ànne àuto, di xj di marzo 1356, portò Francescho suo marito / lb. quattro pi., chome  
apare a mia ragione al quaderno del / .H., a carta xvj alla tavola, /

15

lb. iiij pi.

Ànne àuto, di xxv di luglio 1357, ebe chontanti in / sua mano f. iiij d'oro, de' quali ella  
me ne rendé / poi due, chome apare a mia ragione al detto quaderno, a carta 98, /

lb. vj s. xvij pi.

Rendéci il detto Bartolomeo, però ch'ella ingrossò, / e tenemolo in chasa, e vene per sua  
balia monna / Piera, ch'era da San Ghodenzo. ↵

20

---

└ Richordanza che a di xvij di settenbre 1355 alloghai / a soccio a Giunta di Giovanni,  
popolo di San Piero a Ponti / da Chanpi, due vitelli, per pregio di f. diciotto d'oro, / a  $\frac{1}{2}$  pro  
e a mezo danno. Carta per ser Bartolomeo di Lapo, /

25

f. xvij d'oro.

Ànne dato, di iij di giugno 1356, ebi chontanti f. qui/ndici d'oro, chome apare al  
quaderno del .H. a carta ccxlviii<sup>o</sup> / a mia ragione, ove debo avere /

f. xv d'oro.

Furono d'uno de' detti vitelli, ch'egli vendé, ch'e/rano diventati buoi. / L'altro è morto, e  
non sapemo da chui. / Sapemo poi che l'ucise il Nero di Stefano Buemme e fùmone  
ristituiti dal Grosso suo fratello. / ↵

30

c.xviii r

Mccclv

Memoria che a di xxvij d'ottobre 1355 io Leonardo, albitro tra Tobia, / Andrea, Uberto  
e Salvestro, lodai che 'lla parte di Salvestro fosse / d'Andrea e che Salvestro gli dovesse  
dare, di qui a uno mese f. cento d'oro. / Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del  
Forese. E questo lodo diedi per/ché il detto Salvestro era mal disposto e giuchava e faceva  
male i fatti / suoi, siché perch'egli non potesse né vendere, né barattare la parte sua, / diedi  
questo lodo.<sup>49</sup>

5

---

<sup>49</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

---

A dì xxx d'ottobre 1355, io Leonardo, in servizio di Migliorato di Salin/bene da Sa' Moro, chonperai de' *danari* del detto Migliorato, da ~~Piero~~ Nicholò<sup>50</sup> e Filippo / di Meo, del popolo di Sa' Moro, uno pezo di terra di tre staiora, posta nel popolo di Sa' Moro, luogho detto \*\*\*<sup>51</sup>

---

└ A dì xxiiij di novembre 1355, il Forte di Ceccho, del popolo / di San Piero a Ponti da Chanpi, mi fece charta per mano di / ser Bartolomeo di Lapo del Forese di due vacche e / di due vitelli, ch'egli à in chasa nostra, per pregio di / f. venti d'oro. Fecielo per f. venti d'oro, ch'io gli pre/stai per le spese che si feciono quando e' fu achusato / per l'omicidio che fece il Re suo nipote, /

f. xx d'oro.

Àmi paghato de' detti f. venti d'oro tra più volte, / e no' gli ò cancellato la charta, /  
f. xx d'oro. ┘

c.xviiiij v

Mccclv di xvj di gennaio

└ Richordanza che a dì xvj di gennaio 1355 Io Leonardo afittai a Paolo e Piero / di Finuccio, del popolo della pieve a Settimo, staiora lvj o in quel torno di terra, / posta nel detto popolo della pieve, ch'io ebi della dota della Gianetta, in cinque / anni, chominciando di j d'aghosto 1356. De'ne dare ogn'anno mogia due e / staia otto di grano chomunale, posto in Firenze a sua vettura e a mia / ghabella e lb. trentasei pi. e uno paio di chaponi. Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese. /

Tennelo il detto tenpo e restorommi a dare lb. ij s. x. /

Àmmi paghato e cancellai loro la carta. ┘

c.xx r

Mccclv

Richordanza che, a dì xviiiij di febraio 1355, io Leonardo chonperai da / Bernardo di

---

<sup>50</sup> *Nicholo*: escrito na entrelinha superior

<sup>51</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

Tobbia Salinbeni mio chugino uno podere chon chasa, for/nacie, forno e chapanna, posto nel popolo di Santa Lucia da Terzano, / piovieri di Ripoli, chon quelle terre e chonfini che 5  
sono iscritte / dove si fa menzione del detto podere, di qua a carta iiij, per pregio di f. trecento d'oro / netti a ·llui, che io paghai la ghabella e ·ll'altre spese.

Anche un chasolare, posto nel popolo di Santa Trinita in Firenze, nella via degli / Strozi, cioè quello che gli tochò in parte, chome nella divisa si chontiene a carta v, / cioè a j<sup>o</sup> via, a 10  
ij<sup>o</sup> i figliuoli di Bartolino Salinbeni, a iij<sup>o</sup> chiasso, a iiij<sup>o</sup> il chasolare / che ·ffu de' figliuoli di Bonachorso Chonpagni e oggi del maestro Nicholò dell'Ossa,<sup>52</sup> per pregio di f. settanta d'oro netti a ·llui.

Fugli malevadore alle predette chose Andrea e Salvestro di Bartolino, / e d'ogni chosa fece carta ser Bartolomeo di Lapo del Forese.

Paghai la ghabella de' chontratti a dì xvij di marzo 1355 a Iachopo Renzi, / 15  
chamarlingho della detta ghabella, f. xvij e mezo d'oro e per lui vi stava / Iachopo Bonizi, e il notaio era ser Vermiglio di ser Franchino. Abianne la / bulletta di sua mano.

Anche chonperai da ·llui queste masserizie, cioè una lettiera grande / di braccia vj, una 20  
chassapancha a tre choperchi, un chassone a due choperchi, uno / lettuccio cho' materassino, un sachone alla detta lettiera, un paio di forzieri, / una botte di barili vij, una madia fresca, uno lenzuolo di braccia viij / a iiij teli.

Vendei il detto podere, dì 14 di settenbre 1359, a Michele Bochini chalzolaio, chome /  
apare inanzi a carta 33. 25

c.xx v

Mccclvj

¶ Il Chomune di Firenze de' dare, dì xj 1356, / per la metà di f. secento d'oro nel Monte, che chonperai / da Charlo di Naddo, e in mio nome dichono tutti / e 600: vero è che l'altra 5  
metà sono di Giovanni / di Luigi de' Mozi, che gli chonperamo a mezo. Chosto/rono f. ccvj d'oro s. xij d. viij a ff., a ragione di 34 / e  $\frac{1}{3}$  per C, chome apare a mia ragione alla ta/vola, al quaderno del .G., a carta 283, e alla detta ragione / apare chome Giovanni detto mi rendé 10  
la metà, /

f. ccc d'oro nel Monte.

<sup>52</sup> Parágrafo evidenciado por manícula na margem interna. Ossa: evidenciado por linha e retângulo em baixo da palavra

Ànne dato, di j di settenbre 1356, vende'gli a Bindo / Benini, a ragione di 36 per C: e bine f. cento otto d'oro, / chome apare al quaderno della tavola del .G., a carta 283, ed ebi le paghe ordinatamente infino a questo di, /

f. ccc d'oro nel Monte. ↴

---

┐ Agnolo di Neri di Bochuccio e fratelli lanaiuoli / deono dare, di ij di magio 1356, 15  
presta loro / chontanti f. dugento d'oro. Sono scritti in To/maso d'Allessandro Sasetti:  
fecilo a mia chautela, ma e' sono miei propi, /

f. cc d'oro.

Ànonne dato, di vij di luglio 1356, avemo chontanti / f. dugento d'oro: dierogli a 20  
Tommaso Sasetti e / Tommaso gli diede a me, /

f. cc d'oro. ↴

---

┐ Richordanza che, a di xiiij di magio 1356, io Leonardo / apigionai a Francescho e  
Piero di Guido di Neri / de' Renzelli da Chanpi, che dimorano nel popolo di San/t'Angelo a 25  
Legnaia, un palagio chon chorte mu/rata e pozo e giardino, posto nel popolo di San  
Chiri/cho a Legnaia, per di qui a chalen di novembre 1356, per / f. ij d'oro, e dal detto di a  
due anni, per f. vj d'oro l'anno. / Carta per mano di ser Nello Ghetti, notaio degli 30  
Speziali<sup>53</sup>/

f. xiiij d'oro.

E de' dare per pigione, da di j di novembre 1358, infino di j di novembre 1359, /

f. vj d'oro.

Ànonne dato, di vij di giugno '357, f. due d'oro, rechò Piero detto, / chome apare a mia  
ragione al quaderno del .H., a carta 249, f. due d'oro, /

f. ij d'oro.

Ànonne dato, di xxviii<sup>o</sup> di novembre 1357, avemo chontanti, rechò / Francescho detto, 35  
chome apare al detto quaderno, a carta 342, / f. cinque d'oro e f. j d'oro, spese nella  
chucinuza della corte, /

f. vj d'oro.

Ànne dato, di iij di novembre 1358, rechò Francescho detto f. sei d'oro, / chome apare  
alla tavola a mia ragione, al quaderno del .I., a carta 191, /

f. vj d'oro.

---

<sup>53</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

Ànne dato, di xxviiiij di novembre 1359, rechò Francescho detto / f. sei d'oro, e fecili 40  
fine. Carta per lo detto ser Nello questo dì,

f. vj d'oro.<sup>54</sup> ↵

c.xxj r

Mccclvj

¶ Richordanza che a dì xvj di magio 1356 io Leonardo, a mio propio nome, alloghai /  
ad affitto a Romolo di Neruccio, del popolo di San Chiricho a Legnaia, staïora / lvij di terra 5  
in cinque pezi, posta nel detto popolo. De'ne dare ogni anno / mogia quattro e staia dodici  
di grano chomunale e due paia di chaponi / e diecie serque d'uova, chominciando l'ano in  
chalen· di aghosto 1356 e / finendo in chalen· di aghosto 1357. Affittamogliele per cinque  
anni; dee / rechare ogni chosa a Firenze a sua vettura e a mia ghabella. /

Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese. /

Fu'ne mal paghato e a mio danno, però che gli feci troppa soma. ↵ 10

c.xxj v

Mccclvj<sup>55</sup>

Richordanza che io Leonardo chonperai a dì xxj di settenbre 1356 da / Andrea di  
Chappone di Reccho de' Chapponi, delle quattro parti le tre / d'una chasa, posta nella via di  
Porta Rossa, nel popolo di Santa Trìnita, che dal j° / via di Porta Rossa, a ij° il maestro 5  
Nicholò dell'Ossa, a iij° io Leonardo, a iiij° chiasso. / E chonsentì alla detta vendita  
Bartolomeo suo fratello e promisse di farvi / chonsentire Bonachorso suo fratello e di far  
dare la parola a monna Fi/lippa sua moglie e a monna Ginevra, moglie del detto  
Bartolomeo. / Vendé per suo dato e fatto per pregio di fiorini trecento d'oro netti a ·llui.

Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese. 10

E a dì xxxj d'ottobre 1356 paghai la ghabella de' chontratti f. quindici d'oro / a Piero di  
Bartolo Paradisi, vececamarlingho di \*\*\*

Le dette tre parti della detta chasa fu di Nicholò e Manetto di messer Alberto / degli  
Squarciasachi: ebela il detto Andrea per sentenza dall'uficiale della / Merchatantia per 15  
vighore d'una sentenza ch'egli ebe chontro a ·lloro / all'Arte della Lana, per danari che

<sup>54</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>55</sup> Na mesma linha, segue nota de mão moderna: *N.B. Compra della casa*

dovea avere da ·llozo e il detto Andrea / mi diè le dette sentenzie e ragioni e òlle nella chassa mia.

Inanzi che il detto Andrea mi vendesse, l'avea aloghata a pigione / chome sua a dì vij di settenbre 1356 a Simone di Foraboscho. Carta per mano / di ser Martino Giovanni, notaio 20 dall'Arte della Lana.

A dì xxxj di dicembre 1356 monna Filippa, moglie del detto Andrea e monna / Ginevra, moglie del detto Bartolomeo e Bonachorso di Chappone e fra/tello del detto Andrea, vi chonsentirono e dierono la parola. Carta per mano del detto ser Bartolomeo di Lapo e questo dì medesimo Billichozo di Geri / Ghondi, sichome procuratore del detto Andrea di 25 Chapone, mi misse in te/nuta della detta chasa. Carta per mano del detto ser Bartolomeo.

Anche fo richordanza che, inanzi che Andrea avesse la detta chasa, / ell'era arsa dinanzi dalla via di Porta Rossa, siché Andrea detto ebe per sentenzia, / chome detto è, le tre parti della detta chasa chosì arsa e l'altra quarta / parte ~~e di me~~ della detta chasa chosì arsa è di 30 monna Bartola pinzochera / e serochia de' detti Nicholò e Manetto. Ed è vero che Nicholò di Foraboscho, / chon volontà d'Andrea di Chapone per certa chonvegna e patti ch'ebe cho ·llui, / fece rachonciare e rifare la detta chasa de' suoi propri *danari*. E dopo il detto / rifacimento della detta chasa il detto Nicholò di Foraboscho morì, onde / che Andrea, 35 inanzi che mi facesse la detta vendita, quel dì medesimo / rinchonperò il detto edificio da monna Pera, moglie che ffu del detto / Nicholò di Foraboscho e tutrice di Guido suo figliuolo, <per> f. cento d'oro, che ve n' avea / ispeso il detto Nicholò più di lb. v<sup>c</sup>, sechondo ch' ella mostrava per iscritto. //

c.xxij r

Mccclvj

Siché il detto edificio è tutto mio, onde che alla detta monna Bartola / rimane a essere la quarta parte della detta chasa arsa.

Richordanza che a dì v di gennaio 1356 io Leonardo donai la detta cha/sa a Uberto di 5 Bartolino<sup>56</sup> mio fratello e questo dì il missi in tenuta. Carta / per ser Bartolomeo detto e a dì vj di gennaio prossimo 1356 il detto Uberto / donò la detta chasa a Andrea suo e mio fratello e il detto dì il misse in tenuta. / Carta per mano del detto ser Bartolomeo. Nondimeno la detta chasa / è pure di me Leonardo, ma questo feci per mia chautela, che

---

<sup>56</sup> *Uberto di Bartolino*: evidenciado por *manicula*

·lla feci / venire nel detto Andrea, perch'egli è chericho, / a ·cciò che altri no ·lla / potesse 10  
 chonperare, che più legittimamente fosse sua chonpera / e i cherici<sup>57</sup> possono chonperare in  
 chonsorteria e dunque e' vogliono / senza potere essergli richiesta per più legittima  
 chonpera.

A dì xij di marzo 1359<sup>58</sup> il detto Andrea di Bartolino mi rifece donagione / della detta 15  
 chasa. Carta per mano del detto ser Bartolomeo di Lapo; fuvì testi/mone Uberto di  
 Bartolino sopradetto e Tommaso di Martino lastraiuolo e / Dino Megli sarto.

Anche fo richordanza<sup>59</sup> che a dì viij d'ottobre 1369, che ·ffu il dì di Santa / Reparata, io  
 Leonardo predetto chonperai da Iachopo di Schiatta / Mangioni, procuratore di Manetto di 20  
 messer Alberto predetto, che dimora al / presente in Barletta, il quale Manetto chome reda  
 per l'una metà della / detta monna Bartola, sua serocchia, e promise per li figliuoli di  
 Nicholò suo fra/tello rede per l'altra metà, la detta quarta parte della detta / chasa, per  
 pregio di f. lxxvj d'oro e due terzi e Filippo di Giovanni Chastelli / v'entrò mallevadore. 25  
 Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrando. / Fecili il paghamento chome apare a  
 libro mio bianco della tavola, / segnato .D., a carta 195 a mia ragione.

E a dì xij di novembre 1369 paghai la ghabella della detta chonpera a Antonio / Martini 30  
 bechaio, camarlingho de' chontratti, cioè f.  $3 \frac{1}{3}$  d'oro, chome apare a / mia ragione alla  
 tavola, al quaderno .C., a carta \*\*\*.

E a dì v di novembre '369<sup>60</sup> ebi la carta chonpiuta dal detto ser Michele di ser  
 Aldobran/do e demogliene f. uno d'oro e chon essa avemo la carta della procurazione, che  
 fecie il detto Manetto in Iachopo di Schiatta sopradetto, ed è involta / nella detta carta che  
 ·ffu fatta in Barletta, per mano di ser Antonio Cicinello / da Napoli, notaio. 40

c.xxij v

Mccclvj dì xvij di novembre

└ Richordanza che a dì xvij di novembre 1356 la sera, in sul tramontare / del sole,  
 naque Rinieri mio figliuolo; fecelo cristiano frate Giovanni / da Settimo, dell'ordine de'  
 frati del Carmino. Fecilo fare per l'amor di Dio; / priegho Idio che gli die buona ventura. / 5

<sup>57</sup> e i cherici possono chonperare: evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>58</sup> A dì ... 1359: evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>59</sup> Anche fo ricordanza: evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>60</sup> '369: acrescentado na entrelinha superior

Venerdì di xiiij di luglio 1357 il nostro Signore Idio chiamò a 'ssé il detto Rinieri.  
Lodato e ringraziato si' Egli di ciò che ci fa. ʘ

---

ʘ Demo a balia il detto Rinieri di xxiiij di novembre a monna / Piera, moglie \*\*\*, da  
Sezata. / De' avere il mese s. cinquanta pi. / Paghamola del tempo ch'ella il tenne. ʘ 10

---

Betto di Giovanni di Naddo Bonachosa de' dare di xvj di / dicembre 1356: salda' ragione  
cho 'llui in soma / f. \*\*\*, / per la qual chosa mi fece carta di f. sesanta d'oro / questo dì, 15  
per mano di ser Bartolomeo di Lapo Foresi.

c.xxiiij r

Mccclvj

ʘ Stefanino di Duccio del Forese de' dare, di xxiiij / di dicembre 1356: paghai per lui  
alla tavola de' miei / propri *danari*, chome apare al quaderno del .G., a carta xvij, / f. cento 5  
d'oro, /

f. c d'oro.

E de' dare, di xj di dicembre 1359: ebe in moneta, portò / Agnolo di Lapo degli Schali f.  
cinque d'oro, quando avea male, /

f. v d'oro.

Ànne dato, di xx di novembre 1359, per lui da ser Bartolomeo / di Lapo del Forese e per  
lui da Ubaldino Fastelli, chome a/pare a mia ragione alla tavola al quaderno del .H. a carta 10  
clxxxj, / f. cinquanta d'oro, /

f. l d'oro.

Ànne dato, di xij d'aghosto anni 1360, per lui ser Bartolomeo di Lapo, / chome apare a  
mia ragione alla tavola, al quaderno del .H., a carta cclxx, /

f. xxxij d'oro.

Ànne dato, di xij d'aprile 1361: ebi in moneta f. venti/tré d'oro tra due volte, scritti a mia 15  
ragione alla tavola, / al quaderno del .L. a carta 236, /

f. xxiiij d'oro.

E rendemoli una scritta ch'io avea di mano di Stefanino. / ʘ

---

ʘ Leonardo di messer Giovanni degli Strozi mi de' dare, / di xxiiij di dicembre 1356:



paghai per lui alla tavola / de' miei propri *danari*, chome apare al quaderno del .G. a carta 20  
47, / f. centocinquanta d'oro, /

f. cl d'oro.

Ànne dato, di xvij di gennaio 1357: ebi chontanti cho/me apare alla tavola a mia  
ragione al quaderno del .H. a carta 378, f. centocinquanta d'oro,

f. cl d'oro. ┘

┐ Andrea di Chappone e fratelli deono dare, di / xxiiij di dicembre 1356: prestai loro 25  
alla tavola, chome a/pare al quaderno del .G. a carta 194, a di 24 di novembre 1356 / f.  
dugento d'oro e pagha'li alla tavola de' miei *danari*, /

f. cc d'oro.

Presta'li loro per lo servizio che il detto Andrea mi fece / della vendita della chasa e 30  
pagha'lo della detta cha/sa, chome iscritto a mia ragione al detto quaderno a carta 157.

Ànne dato, di xx di dicembre 1358: dièmi, chome apare / alla tavola al quaderno del .I. a  
carta ccj in due partite, / f. centododici d'oro, /

f. cxij d'oro.

Ànne dato, di xvij d'aprile 1359: ebi per lui da Ghuccio di Cino, / chome apare a mia 35  
ragione al quaderno del .I. a carta 209, f. cento d'oro, /

f. c d'oro.

Resta avere f. xij d'oro. /

Ànne àuto, di xxvij d'aprile 1359: ebe chontanti in sugello / f. dodici d'oro, scritti a mia  
ragione alla tavola, al quaderno del .I. a carta 267, /

f. xij d'oro. ┘

c.xxiiij v

Mccclvj

┐ Iachopo di Ticcio de' avere, di j di novembre: ebi per lui / dalla tavola, chome apare al  
quaderno del .G. a carta 247, / f. dugentoundici d'oro, /

f. ccxj d'oro.

Ànne àuto, di ij di marzo 1356: paghai per lui alla ta/vola, chome apare al quaderno del 5  
.H. a carta xj, f. dugentoundici d'oro,

f. ccxj d'oro. ┘

---

┐ Andrea di Bartolino de' avere, di xxiiij di dicembre 1356: / ebi per lui dalla tavola,  
chome apare a sua ragione al quaderno / del .G. a carta cciiij, f. trentacinque d'oro, / 10  
f. xxxv d'oro.

Ànne àuto, di iiij d'aghosto 1357: puosi che dovesse / avere e paghai per lui alla tavola  
chontanti al quaderno / del .H. a carta 325, f. trentacinque d'oro, /  
f. xxxv d'oro. ┘

---

┐ Piero di Neri di Lippo de' dare, di xxviiij di febbraio / 1356: presta'li a ·llui e a' suoi 15  
chonpagni e amici / lb. dugento pi. Charta per mano di ser Piero Mazetti. / Feci dire la  
carta in Tomaso Sasetti di lb. 250 pi, /

lb. cc pi.

E de' dare, di xxxj d'aghosto, che ci donò per tenpo di vj / mesi, lb.venti pi., /

lb. xx pi.

Ànne dato, di j di settenbre 1357: avemo chontanti, / rechò Tomaso Sasetti f. sesanta 20  
d'oro, /

lb. ccv pi.

Ànne dato ~~qu~~, di ij di settenbre 1357, per lui da Tomaso / Sasetti lb. quindici pi, /

lb. xv pi. ┘

c.xxiiij<sup>o</sup> r

Mccclvj

Verre di Baldinaccio de' dare, di xxviiij di febraio / 1356: paghai per lui alla tavola de'  
miei propi *danari* / lb. quindici pi. al quaderno del .G. a carta 148, /

lb. xv pi.

---

Richordanza che, perché Salvestro di Bartolino / volle vendere la parte sua, Andrea e 5  
Uberto / di Bartolino la chonperarono da ·llui, cioè la quar/ta parte del podere da Chanpi,  
ch'era tra Tobia, / Andrea, Uberto e Salvestro, chome apare alla di/visa nostra a carta xvj e 10  
·lla quarta parte di due / chasolari, che si chontenghono nella detta divisa, / per pregio di  
fior. \*\*\*.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

E perciò io Leonardo, loro albitro, lodai e sentenziai.

Carta per ser Bartolomeo di Lapo del Forese a di 28 d'aghosto 1357.<sup>62</sup>

c.xxiiij v

Mccclvij

Qui apresso io Leonardo di Bartolino iscriverò tutte le masserizie / mie, ch'io avrò in chasa e questa scritta fo a di xx di novembre 1357.

E chomincio ,<sup>63</sup> al nome di Dio e della Vergine Maria e di loro benedetti / Santi, prima a 5  
quelle che mi tocharono in parte delle masserizie / vechie, che nostro padre ci lasciò. Ciò sono:

Una lettiera e chassapancha a due choperchi di braccia v.

Una sargia grande schacchata cilestra.

Uno chassone grande a uno choperchio da tenere *danari*.

Una botte<sup>64</sup> d'otto some, chorta al modo sanese.<sup>65</sup> Fecila ripiallare e tornò bar. 5. 10

Una botte d'uno chogno la più grossa.

---

Qui apresso scriverò quelle masserizie ch'io m'ò chonperate e aquistate / dalla mortalità in qua, che quando ci dividemo fummo in chonchordia / ch'io dovessi avere tutte le masserizie ch'io m'avea chonperate e / aquistate da poi in qua che nostro padre morì, cioè:<sup>66</sup> 15

Uma<sup>67</sup> chortina grande, che ·lla chonperai da Betto di Giovanni. Vende'la poi a Lischa.

Una choltre bianca sottile di braccia 7, che ·lla chonperai dal detto Betto.

Uno lettuccio nuovo cho. materassino: chonpe-ra'lo quando Bernardo tolse moglie.

Nove paia di lenzuola tra buone e chattive.

Otto charelli, cioè ij di chuoio tondi e vj franceschi: chonpera'li quando tolsi moglie. 20

Dodici chuchiai d'ariento: chonpera'li tra più volte.

Due bacini d'ottone mezani assai freschi: chonpera'li dal sindachato di Domenicho.

---

<sup>62</sup> *Carta ...1357*: acrescentado na margem externa

<sup>63</sup> evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>64</sup> evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>65</sup> *Sanese*: evidenciado por um retângulo, abaixo do qual está escrito, de mão moderna: *N.B. Masserizze vecchie, una Botte alla Senese*

<sup>66</sup> Parágrafo evidenciado por dois sinais de barrinhas verticais na margem externa

<sup>67</sup> *Una*: precedido por uma *h* na margem externa

Ebene j Nofrio di Giovanni.<sup>68</sup>

Uno bacino grandissimo vechio d'ottone, che ·ffu di Betto di Giovanni.

Un paio di bacini d'ottone picholi, che ·ffurono di Betto e un altro paio che /ffurono anche di Betto; ne vendei cho' guanciali del drappo, che ·ffurono anche di Betto.

Uno bacinuzo e una mesciroba nuovi da donna di parto e uno descho tondo. 25

Due mescirobe vechie grandi e rotti: chonpera'le dal sindachato di Domenicho.

Una choncha di rame da ricevere aqua: chonpera'la da uno feravechio.

Una chonchetta di rame da lavare schodelle: ebi de' sindachi di Giovanni da Pino.

Uno paiuolo nuovo: chonpera'lo \*\*\*. 30

Una chassapancha a due choperchi: chonpera'la tra ' feravecchi.

Uno chassone vechio a due choperchi, orlato di spranghe: chonperai tra' feravechi.

Una sechia nuova, che chonperai dal Bello Bracini ferovechio.

Due chopertoruzi adoghati: chonperai da' sindachi di Giovanni da Pino.

Uno sachone nuovo: chonperai \*\*\*. 35

Quattro pimacci, tre verghati e uno rosso: chonpera'li tra più volte //

c.xxv r

Mccclvij

Anchora pur delle dette masserizie che chonperai dalla mortalità in qua:

Una materassa nuova schachata a letto mio di braccia vj: fecila fare. /

Una archa grande vechia, tiene tre mogia: chonpera'la da Michele Danielli.

Una archetta vechia, tiene uno mogio: ebila da Michele del Moscha. Alla Baccio a 5  
Mosciano.<sup>69</sup>

~~Una~~ stagnata fresca di stagno di tenuta di tre mezette: chonpera'la da' sindachi.  
Vende'la.<sup>70</sup>

Una tavola pichola da mangiare di bra. iiij: fecila fare.

Uno trepiè grande e lungho e uno trepiè nuovo: chonpera' \*\*\*.

~~Una~~ tovaglia chapitata chon chapita streme: fu di messer Ughiccione Buondelmonti. È  
loghora.<sup>71</sup>

<sup>68</sup> Ebene ... Giovanni: acrescentado na margem externa

<sup>69</sup> Alla ... Mosciano: acrescentado na margem interna

<sup>70</sup> Vende'la: acrescentado na margem interna

Uma <sup>72</sup> sopravesta di zendado increspata, chon ischudiccioli dell'arme nostra.	10
Una targetta chon cimiero dell'arme nostra. <sup>73</sup>	
Uno paio di choraze choperte di chuoio rosso.	
Una barbuta chon bacinetto nuovo e cholla maglia.	
Uno paio di guanti di ferro.	
Uno paio di bracciali e braccialetti.	15
Uno choretto cho· maglia grossa vechia.	
<del>Tre</del> choretti cho· maglia rada di picchol pregio. Vende'li 1378. <sup>74</sup>	
Una spada e uno choltello da ·llato. <sup>75</sup>	
<del>Due</del> cervelliere a mio chapo. Vende'le. <sup>76</sup>	
Due balestra: chonpera'le ***.	20
Due stadere da pesare: chonperai da' sindachi di Domenicho di ser Vanni.	
Una tavola di Nostra Donna, che ·ffu di Betto di Giovanni. <sup>77</sup>	
Uno tabernacholo da chiudervi dentro la detta tavola, che 'l chonperai.	
Tre guardanappe sottili non chapitate.	
Sette tovagliuole grosse di bra. vij l'una. Feciele la Gianetta. /	25
xviij tovagliuole nuove grosse, che le fecie la Gianetta /	
Tre guardanappe nuove, che ·lle fecie la Gianetta. /	
Due tovaglie e iiij <sup>o</sup> guardanappe vechie. /	
Sei sciughatoi sottili. /	
Quattro tovagliuole chapitate vechie. /	30
Una choltelliera nuova chon sei choltella loghore, <sup>78</sup> e ce ne rimase alchuno 1378.	
Una choltelliera vechia chon due choltella cho. manicha d'avorio chon ghiere d'ariento.	
Due lucerne nuove: chonpera'le ***.	
Un paio d'alari, benché non sono chonpagni, chonpera'li tra ' feravecchi.	
Uno orciolino choperchiato di rame: chonpera'lo ***.	35

---

<sup>71</sup> È *loghora*: acrescentado na margem interna

<sup>72</sup> *Uma ... nostra*: evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>73</sup> *Dell'arme nostra*: evidenciado por *manicula* no espaço ao lado direito

<sup>74</sup> *Vende'li 1378*: acrescentado na margem interna

<sup>75</sup> Evidenciado por *manicula* no espaço ao lado direito

<sup>76</sup> *Vende'le*: acrescentado na margem interna

<sup>77</sup> Evidenciado por *manicula* na mesma linha ao lado direito

<sup>78</sup> *Loghore*: acrescentado na margem interna

Due deschetti da sedere vecchi.

Uno tapeto da tenere alla tavola dal chanbio: fu di Guidalotto.

Uno focholare di ferro: fu di Lando di Giano.

Uno descho dove mangiano i fanciulli.

Uno descho largho e orlato da scrivere.

40

c.xxv v

Mccclvij detto di xx di novembre

Queste sono le masserizie ch'io ebi da Neri Charini per chonpimento della / dota della Gianetta e anche n'ò una scritta di mano del detto Neri. Ciò sono:

Una choltrice di lunella, chon due pimaccia; pesò libr. ccx.

Uno panno vermiglio grande di bra. \*\*\*.

5

Uno chopertoio a gli a gigli di bra. viij.

Uno chopertoio bianco grosso di bra. viij  $\frac{1}{2}$ .

ij lenzuola di bra. vij l'uno a tre teli.

j lenzuolo di iiij teli, bra. viij  $\frac{1}{2}$ .

j lenzuolo padovano di ij  $\frac{1}{2}$  teli, bra. viij.

10

j lenzuolo di iiij<sup>o</sup> teli, bra. viij.

j lenzuolo padovano di ij  $\frac{1}{2}$  teli, bra. vij  $\frac{1}{2}$ .

j lenzuolo padovano di ij teli, bra. viij  $\frac{1}{2}$ .

j lenzuolo di iiij<sup>o</sup> teli di bra. viij<sup>o</sup>.

liij<sup>o</sup> mantiletti di bra. xvj inn uno telo.

15

j lenzuolo a due teli di bra. viij<sup>o</sup>.

j lenzuolo a ij teli padovano di bra. viij  $\frac{1}{2}$ .

Qui apresso iscriverò quelle masserizie che chonperai da Bernardo / di Tobia, quando andò a Orbivieto:

Una lettiera e chassapancha a tre choperchi, fresche, di bra. vj.

20

Uno chassone a due choperchi fresco.

Uno lettuccio e materassino.

Uno sachone alla detta lettiera.

Uno paio di forzieri.

Una madia fresca.

25

Una botte di barili vij.

Uno lenzuolo a iiij<sup>o</sup> teli di bra. viii<sup>o</sup>.

Queste sono quelle che chonperai da Andrea di Bartolino, quando vendé / la parte delle masserizie vechie che chonperò da Bernardo di Tobia:

Una botte d'uno chogno }

30

Una botte di sette some } chontalemi f. sei d'oro

Una botte di sei some }

Una chaldaia grande: chontalami f. tre d'oro.

Una tovaglia grande chapitata di bra. xviiij: chontalami f. ij  $\frac{1}{2}$  d'oro.

35

Uno chassone vechio a due choperchi: chontalomi f. uno d'oro. Òllo fatto ripiallare.

xxvj r

Mccclvij dì xx di novembre

Anche chonperai da Salvestro mio fratello la sua<sup>79</sup> quarta parte delle / masserizie vechie, che gli tochorono in parte, che venono istimate, / isbattutone la parte di Bernardo, f. lxxxij e mezzo d'oro, siché ne tocha / a 'llui f. xx d'oro s. xviiij d. iiij a ff., e chosì puosi a sua 5  
ragione, chome apare / di qua a carta xvij.

E questa scritta è inventario di tutte le mie masserizie, ò fatta questo dì di sopra.

E da quinci inanzi iscriveremo qui a piè se più ne chonperemo o aquisteremo.

---

~~Uno~~ paio d'uose<sup>80</sup> di chuoio nero, mi donò Giovanni di Luigi de' Mozi dì 18<sup>81</sup> marzo 1358. Ebele lo schiavo.<sup>82</sup>

~~Uno~~ paio d'uose<sup>83</sup> bianche, ovvero stivali, donòmi la pelle Simone e Billichozo di Geri. 10  
Loghore.<sup>84</sup>

---

<sup>79</sup> *Sua*: acrescentado na entrelinha superio

<sup>80</sup> No texto: *uofe*

<sup>81</sup> *18*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>82</sup> *Ebele ... schiavo*: acrescentado na margem interna

<sup>83</sup> No texto : *uofe*

<sup>84</sup> *Loghore*: acrescentado na margem interna

Due sechie grandi, nuove: fecile fare al pozo nuovo chon due pezi di chatene.

Due deschetti nuovi da sedere: donòglimi Martino di Michele da Chanpi.

Uno paio di trespoli nuovi, che gli feci fare d'albero.

xj sciughatoi grossi da rasciughare il chapo e piedi: feceli la Gianetta. /

Uno chassone stretto e lungho nuovo a uno choperchio: chonperai da Bernardo 15  
Dolcebene.

Uno chopertoio bianco grosso che 'l feci fare di giugno 1362; chostommi in tutto f. 9.

Una choltrice e due pimaccia verghate: chonperai da Benozo di ser Riccio, / del detto  
anno e mese; chostommi f. xvij d'oro; di bra. v in chamera terrena.

Uno paio di lenzuola grossette: chonperai da Francescho di Bernardo da Signa / nel 20  
detto anno e mese; chostorommi f. iij d'oro. /

Uno paio di lenzuola, fece la Gianetta di luglio 1362, che chonperò il panno lino / da  
Benozo di ser Riccio. Fu braccia 48 per s. 9 il bra., lb. xxj s. xij, quando fui de' Priori. /

Due paiuoli nuovi e j chonchetta di rame e j orciu/olo grande di rame nuovi, che  
chonperamo di viii<sup>o</sup> / di luglio 1364: demo rame vechio e arogeo f. ij d'oro. / 25

Una botte che facemo ranchonciare di quelle che furono / di Giovanni Charini: tiene  
chogna ij  $\frac{1}{2}$ ; fecivi fare il fondo nuovo e cerchiare.

Una botticina di some due, che ffu di Giovanni Charini.

Uno forziere nuovo: fu di Giovanni Charini.

Uno lettuccio e materassino e panchale a pesci; fu di Giovanni Charini, nuovo. 30

Uno paio di forzieri vecchi: furono di Giovanni Charini.

Una choltricella verghata e j sargia vechia, schachata bianca e verde:<sup>85</sup> furono di  
Giovanni Charini.

Una tavola di donna: fu di Giovanni Charini. Ebela poi Nofrio e rimasomi una sua.

Bra. lxxxvij di panno lino: fu di Giovanni Charini; facemone panni lini.

Due botti grandi, chonperai da ~~Bette~~ Ceccho di Giandonato vinattiere di xviii di / 35  
settembre 1364, che l'una tiene barili 29 e l'altra bar. 21. Chostorono f. xij d'oro e per /  
rechatura s. xx pi.

Una botte di barili viii; chonperai da Lisabetta di monna Bella. Fecivi fare / il mezule  
nuovo e una dogha nuova.

Una archa grande da grano, è in sulla volta; fu di Giovanni Charini, tiene mo. 3 e più.

---

<sup>85</sup> *Schanchata ... verde*: acrescentado na entrelinha superior



c.xxvj v.

Mccclviij di xxviii di marzo

Richordanza che io Leonardo alloghai a lavorare a Matteo di Ghe/rardo, vochatto Matteo di Fulcieri, il podere da Terzano, per tre anni, / chominciati di j d'aghosto 1358, chon questi patti: che mi de' rechare / ~~la metà~~ a Firenze a sua vettura e mia ghabella la metà di ciò che 5  
vi / si richoglierà su e deboli dare mezo il seme de' monti e non delle / buone terre, cioè del cholto e della sabia e della buona terra di / Chasignano e de' tenere un porcho a mezo e dobiallo chonperare / a mezo, cioè chatuno de' paghare la metà di ciò che chosterà ed egli / il de' pasciere e ingrassare e recharmi poi la metà a Firenze a mia ghabella. / E de'ci dare 10  
per tre Pasque d'ogni anno uno chappone e cinque / serque d'uova, cioè per Ognisanti, per Pasqua di Natale e per Pasqua / di Risoresso.

Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese, di 29 di marzo 1358.

Vendei il detto podere a Michele Bochini, chome apare inanzi a carta 33 / e restòmmi a 15  
dare lb. iiij pi.

c.xxvij r

Mccclviij

Per la grazia di Dio e della sua benedetta Madre, sabato<sup>86</sup> a di xij di magio 1358 / in sulla terza naque Marcho mio figliuolo. Dio gli dea buona ventura per / la Sua miserichordia e pietà. Feciolo cristiano per l'amor di Dio / ser Baldo, prete di San Donato de' Vechietti. 5

---

┐ E il dì medesimo venne per sua balia monna Lippa di Cho/ncio da Legnaia: de'ne avere il mese f. uno d'oro, / senza niun'altra chosa e chomincia il termine di xv / di magio 1358.

Rechòllone di vij di settenbre 1359, perché non avea latte, siché / l'à tenuto mesi xv e di 10  
xxij, siché de' avere in somma, /

f.xv d'oro e s. ~~xlviij~~<sup>o</sup> s. xxj d. iij ff.

E ~~questo di~~ demolo a balia di xv di settenbre a monna Piera, chome si è scritto / inanzi a carta 33.

Àne aùto, di ij di luglio 1358, per lei a Benozo di ser Riccio lina/iuolo per uno 15

---

<sup>86</sup> *Sabato*: acrescentado na entrelinha superior

sottanello s. ventisette pi.,/

s. xj d.viij ff.

Ànne àuto, questo dì ebe in sua mano lb. sette pi., /

f. ij d'oro s. ij d.vij ff.

Ànne àuto, dì xv di settenbre: ebe in sua mano lb. quattro pi., /

f. j d'oro s. v d. viij ff.

Ànne àuto dì viiij di gennaio: ebe chontanti s. cinquanta pi.,/

s. xxj d. viij ff.

Ànne àuto, dì xiiij di febbraio: ebe chontanti f. uno d'oro,/

f. j d'oro.

Ànne àuto, dì xxvj di marzo 1359: ebe chontanti f. uno d'oro, /

20

f. j d'oro.

Ànne àuto, dì xij d'aprile: portò monna Giovanna sua matri/gna lb. tre pi., /

s. xxvj ff.

Ànne àuto, dì xiiij di magio: ebe chontanti lb. quattro pi., /

f. j d'oro s. v d. viij ff.

Ànne àuto, dì xxviiij d'aghosto: ebe chontanti lb. tre pi., /

s. xxvj ff.

Ànne àuto, dì vij di settenbre: ebe in sua mano f. tre d'oro, /

25

f. iij d'oro.

12 12 3

Ànne àuto, dì xxx di novembre 1359: demo chontanti / in sua mano, in presenza di monn'Andrea da Legnaia lb. undici pi, in grossi, /

f. iij d'oro s. viiij ff.

Somma f. xv d'oro s. xxj d. iij a ff. 1

c.xxvij v

Mccclviij

┐ Per cagione del chamarlinghato di Lorenzo Fagiuoli, chamarlingho / dell'estimo del chontado e del macello e delle signorie, perch'egli / sustitui in sua vece Andrea di Bartolino e-p feciono chonpromesso / insieme, cioè Lorenzo di Meglio Fagiuoli dall'una parte e 5 Andrea / di Bartolino dall'altra, in Tommaso di Meglio Fagiuoli e in ser Filippo di ser /

Bernardo, di xxij di magio 1358, per xvij mesi. E Billichozo di Geri / e io Leonardo  
entramo mallevadori al detto Andrea, che farebe bene / e lealmente l'ufficio suo e renderebe  
buona ragione. / E fumo in chonchordia che sse l'uno albitro morisse, che l'altro po/tesse 10  
sentenziare e chosì dice la charta. Fecene charta ser Michele di ser Tegna da  
Chastelfiorentino.<sup>87</sup>

Il detto Andrea fece l'ufficio chonpiutamente e rendène ragione / al giudice della ragione  
e fune prosciolto Lorenzo Fagiuoli ed egli / e il detto Lorenzo ebe la detta proscioglione 15  
e i libri apose, per la / qual cosa rinunziarono di chonchordia al sopradetto chonpromesso. /  
Charta per mano del detto ser Michele di ser Tegna di \*\*\*. 』

---

Richordanza che a di xij di giugno 1358 Giovanni di Rinieri Charini / donò alla  
Gianetta mia moglie l'una delle sue chase eh, posta / nel popolo di Santa Trinita, nella via 20  
di Parione, che dal j° via di Parione, / a ij° il detto Giovanni in parte e in parte Michele di  
Vignano choiario, / a iij° le rede di Giovanni Bencini in parte e in parte Giovanni del  
Formicha, / a iiij° Giovanni Perini in parte e in parte le rede di Neri di Nicholò  
Ardin/ghelli. Carta per ser Bartolomeo di Lapo del Forese, abialla chonpiuta.<sup>88</sup>

Fece questa donagione per mia sichurtà della promessa ch'io feci / per lui alla tavola a 25  
Zanobi di Lapuccio suo chognato di f. ccl d'oro, / chome apare al quaderno del .I. a carta  
193. E feci una scritta di mia mano / al detto Giovanni che quando e' mi paghasse o traesse  
della detta pro/messa, gli rifare' fare indietro donagione della detta chasa.

Riebbi la detta scritta di mia mano / e istraccia'la, siché rimane / la charta della detta 30  
chasa nella Gianetta e abialla chonpiuta di / mano di ser Nicholò Manetti, che gli furono  
chomesse le 'nbreviature di ser Bartolomeo.

c.xxviiij r

Mccclviiij

Richordanza che a di vij di luglio 1358 Giovanni di Rinieri Charini / vendé a Piero  
di Dino, popolo di Santo Leonardo dalla Querciuela, / chonperante per monna Ghuccia sua  
moglie, due pezi di boscho / a Mosciano, per pregio di lb. cento piccole. e io Leonardo 5  
v'entrai mallevadore. /

---

<sup>87</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>88</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

Carta per mano di ser Maso Nelli di Parione.<sup>89</sup>

┐ Simone di Geri da Monte Rimaldi di Mugello / mi de' dare, di j di magio 1358:  
paghai per lui / alla tavola, chome apare al quaderno del .H. a carta 98 / f. cento d'oro, 10  
rechatì in questo dì. Èmmi mallevado/re Billichozo di Geri Ghondi e feciomi una scritta /  
di loro mano, richonosciuta per charta fatta per / mano di ser Domenicho d'Allegro,  
fornaio, /

f. c d'oro.

E de' dare, di xvj di gennaio 1358: ebe chontanti per dare / a Geri di ser Gherardo 15  
f.venti d'oro,

f. xx d'oro.

E de' dare, per dono de' detti *danari* infino a dì j di maggio anni 1362, / isbattuto il  
tenpo degl'infrascritti 50 f., che n'à dati dì 24 di dicembre 1358,

f. xlviiij d'oro.

Somma f. clxviiij d'oro

Ànne dato, di xxiiij di dicembre 1358, per lui Billichozo di / Geri, chome apare alla 20  
tavola al quaderno del .I. a carta / 209 f.c inquantà d'oro, /

f. l d'oro.

Ànne dato, di\*\*\* d'aghosto 1362, chontanti f. quattro / d'oro: rechò Billichozo fuor di  
sugello, /

f. xiiij d'oro.

Ànne dato, di xxiiij d'ottobre 1362: avemo chontanti, rechò / Billichozo di Geri f. 25  
cinquantuno d'oro in sugello, /

f. lj d'oro.

Resta a dare f. liij d'oro. /

E de' dare per dono de' detti *danari* infino a dì j di novembre 1362 / f. sette d'oro s.  
quattro a oro, /

f.vij d'oro.

Somma che resta a dare f.lx d'oro, di j di novembre 1362. /

E de' dare: demo per lui a Simone di Geri Ghondi, ponemo abia / dato inanzi a carta 33 30  
f. sei d'oro, /

f. vj d'oro.

<sup>89</sup> Linha evidenciada por *manicula* no espaço abaixo

E de' dare, di 24 di dicenbre 1364, che 'cci vole donare / segnati e benedetti f. ventuno d'oro, /

f. xxj d'oro.

Ànne dato, di xxiiij di dicenbre 1364, per lui da Simone di Geri / Ghondi, chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno .C. / a carta clj f. ottantasette d'oro, / 35

f. lxxxvij d'oro. ↵

c.xxviiij v

Mccclviij

¶ Matteo di Fulcieri, mio lavoratore da Terzano, / de' dare, di xxx d'aghosto 1358, per xvj pechore / ch'io chonperai: chostorono lb. trentuno pi.

Anche ebe per me da' figliuoli di Bindo da Terzano tre / pechore, che 'ffuro delle mie, che v'erano prima. 5

E de' dare, di vj d'ottobre per uno montone che gli / chonperai: chostò s. cinquanta pi.

Le dette pechore de' tenere e pascere e ghover/nare e de'ci dare la metà del frutto ch'elle fa/rano. Dio ce 'l dea buono. 10

Il detto anno figliarono ed ebono xviiij agnelli, de' quali si vendé x e / viij n'allevò, che sono la metà nostri.

Il detto anno se ne portò i' lupo due pechore e j se ne p morì, siché sono rimase / xvj pechore e j montone e iiij agnelli e rechò il chascio e la lana, che vi fu. 15

A di xiiij di settenbre 1359 vendei a Michele Bochini chalzolaio le dette / pechore e agnelli, chol podere da Terzano, chome apare inanzi a carta xxxiiij. ↵

---

¶ Richordanza che a di iiij di luglio ~~Giova~~ 1358 Giova/nni di Rinieri Charini mi vendé f. 67 d'oro nel Monte / vechio e pagha'lo chome apare alla tavola a mia / ragione al quaderno del .I. a carta xliij. Siché v'eno nel Monte / vechio in tutto f. 197 d'oro, de' quali sono 31 di Tobbia / mio fratello. Abiane ogni mese d. j per lb., / 20

f. clxxxxvj d'oro s. 8 a oro.

Vendei a di xvj di gennaio 1358 i detti f. 197 d'oro del Monte / ad Allesso di Chola, chonperante per una donna e i detti *danari* / sono scritti a mia ragione, ch'io deba avere al quaderno del .I. /a carta 209 alla tavola. Avemone f. 73 d'oro s. 25 d. 8 ff., / 25

f. clxxxxvj d'oro s. 8 a oro.

E paghai Tobbia della sua parte, cioè i de' detti f. 31 / d'oro, che ne gli diedi f. undici d'oro, chome apare a sua / ragione alla tavola al quaderno del .I. a carta ccxij. ↴ 30

c.xxviiiij r

Mccclviiij di \*\*\*

└ La Margherita, figliuola di monna Nuta da Regiuolo / nostra fante, venne a stare cho ·nnoi di viij di novembre. / Stette cho ·nnoi da xiiij mesi: chadde giù per la schala e morì. / E 5 paghamola interamente e più e demoli alla madre l'avanzo. ↴

---

Memoria che per Ognisanti anni 1358 tornamo a stare in Porta Rossa, nella / chasa che ·ffu degli Squarciasacchi, ch' io chonperai da Andrea di Chappone, chome / apare di qua a carta 22 e inanzi ch'io vi tornassi, cioè la 'state dinanzi, murai / in su' chasolari nostri chamere che s'agiugnevano dirieto alla detta chasa. / In buona ora possa essere e sia, voglia 10 Idio e ·lla sua Madre per la loro pietà.<sup>90</sup>

---

└ Benozo di ser Riccio linaiuolo de' dare di xxij di / gennaio 1357: levai dalla tavola al quaderno del .H. a car.196 f. cento d'oro, /

f. c d'oro.

Ànne dato, di xvj di marzo 1359: ebi chontanti chome / apare a mia ragione alla tavola 15 al quaderno del .H. a carta / cclxx f. cento d'oro, /

f. c d'oro.↴

c.xxviiiij v

Mccclviiij

└ Belluccio di Giovanni da Chanpi, del popolo di San Piero / a Ponti, de' dare, di xxx di dicenbre 1358: saldaì ragione / cho ·llui questo di d'ogni chosa ch'ò aùto a fare / cho ·llui da 5 quinci adietro f. ventinove d'oro / e mezo. E de' dare del tenpo passato cinque cha/poni e \*\*\* serque d'uova. /

f. xxviiiij d'oro s. xxxiiij pi.

---

<sup>90</sup> Parágrafo evidenciado no espaço inferior por duas *maniculae*, nas margens internas e externas, entre as quais está escrito, por mão moderna: *Principia La Fabbrica dell'Antico Palazzo degli Sportici di Porta Rossa ora Torrigiani*

E de' dare, di iij di gennaio, per lui a Agnolo di Gherardo de' / Baroncelli f. quattro d'oro  
per una charta 'gli avea adosso / di f. x d'oro e feceli fine questo dì. Carta per ser Giovanni 10  
di ser Nepo. /

f. iiij d'oro.

Ànne dato, di xxij di febbraio 1358, per lui da Bartolo / feltraiuolo di Porta Rossa per  
due mogia di grano, / che n' chonperò da 'llui fior. sei d'oro meno s. v pi., chome / apare a  
mia ragione alla tavola al quaderno del .I. a carta 267, /

f. vj d'oro meno s. ij d. ij ff.

Ànne dato, di x di magio 1359: avemo chontanti f. due / d'oro e mezo, chome apare al 15  
detto quaderno e carta, /

f. ij d'oro s. xiiij d.vj ff.

Ànne dato, di xij di luglio 1359: avemo chontanti f. se/ tte d'oro, chome apare al detto  
quaderno e carta, /

f. vij d'oro.

Ànne dato, di iiij di dicenbre 1361: puosi dovesse dare a sua / ragione alla tavola al 20  
quaderno del .L. a carta cxxv f. quattro d'oro, /

f. iiij d'oro.

Ànne dato, di xij d'aghosto 1362: avemo chontanti, / che me gli rechò in palagio de'  
Priori, quando io era de' Priori, f. quattordici d'oro,<sup>91</sup> /

f. xiiij d'oro.<sup>1</sup>

c.xxx r

Mccclvij

┐ Ugholino, Ricciardo e Ubertino<sup>92</sup>, figliuoli che 'ffurono d'Andrea d'U/bertino degli  
Strozi, deono dare / di xxvij di febraio 1358: levamo ove / Ricciardo e fratelli doveano dare 5  
alla tavola / al quaderno del .I. a carta lxxxij f. settantaquattro d'oro / s. quattro d. uno a  
ff.; pagha'li de' miei propi *danari*, /

f. lxxiiij d'oro, s. iiij d. j ff.

Èmene mallevadore Neri di Benuccio Charini / e ònne una scritta di loro mano di f.  
cento d'oro.

<sup>91</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>92</sup> *Ugholino, Ricciardo e Ubertino*: escritos em coluna.

Ànonne dato, di xxviiiij di magio 1359: avemo chontanti / in moneta alla tavola f. 10  
 quarantanove d'oro, /

f. xlviiiij d'oro.

Ànonne dato, di xxvij d'aghosto: avemo chontanti / f. sei d'oro, /

f. vj d'oro.

Ànonne dato, di xxxj d'aghosto 1359: avemo chon/tanti f. dicenove d'oro, / 15

f. xviiiij d'oro.

Ànonne dato chontanti s. quattro d. uno ff., /

s. iiiij d. j ff.

Somma f. lxxiiiij d'oro s. iiiij d. j ff.

Rendemo loro la scritta di lor mano.┘

┐ Domenicho di Bartolino diedi, de' dare, di j di marzo / 1358: ebe da me chontanti f. 20  
 quarantacin/que d'oro. Èmene mallevadore Simone e / Michele di Guiduccio Pucci, che a  
 ·llor preghie/re gli prestai. De'ne dare a d. 3 lb. \*\*\*, /

f. xlv d'oro.

Ònne una scritta di mano del detto Domenicho di / f. lx d'oro. / 25

Ànne dato di xxiiiij di marzo ~~avemo~~ anni mcccclviiiij<sup>o</sup>, / avemo chontanti f.  
 quarantacinque d'oro /

f. xlv d'oro ┘

c.XXX v

Mcccclviiij di xiiiij di marzo

┐ Michele di Ghese e Martino suo figliuolo,<sup>93</sup> maestri de' Renzelli da Chanpi, / deono  
 dare di xiiiij di marzo / 1358: paghai alla tavola, al quaderno del .I. a carta / clvj, per 5  
 Martino di Michele f. novantasei / d'oro. Emene mallevadore Bartolo Maffei / biadaiuolo e  
 feciomene una scritta di lor / mano, richonosciuta per charta fatta per mano / di ser Iachopo  
 Pagni da Vispignano, di fiorini / centoquaranta d'oro, / 10

f. lxxxxvj d'oro.

E deono dare di xxx d'aghosto, che ·cci donò di / sua volontà, segnati e benedetti, f.  
 quattro d'oro, /

<sup>93</sup> Michele ... figliuolo: escritos em coluna



f. iiij.

Ànonne dato, di xxx d'aghosto 1359: avemo / chontanti f. cento d'oro fuor di sugello, /

f. c d'oro.

Facemo loro fine della detta scritta, di ij di se/ttenbre 1359. Charta per mano di ser Piero 15  
M/azetti da Sesto.<sup>1</sup>

---

Il Chomune di Firenze de' dare, di xvij di marzo 1358: / prestamo chontanti a' 20  
camarlinghi dalla chamera f. undici / d'oro e mezo, per la metà di f. xxij d'oro che cci  
furono inposti / della prestanza di f. lxx<sup>M</sup> d'oro, de' qua' *danari* ci furono asegni/ti in sul  
Monticino f. 34  $\frac{1}{2}$  d'oro. Paghai io Leonardo de' miei propi *danari* /

f. xxxiiij d'oro s. x a oro.

E de' dare, di xvij di magio 1359: prestai chontanti de' miei propi / *danari* f. xj d'oro e 25  
mezo, per l'altra metà di f. xxij d'oro de/lla detta prestanza. I detti *danari* sono scritti a mia  
ragione al quaderno / della tavola del .I. a carta 162 e que' di sopra a carta 125. Furo/mi  
asegnati al detto Monticino f. 34 e mezo d'oro, /

f. xxxiiij d'oro s. x a oro.

E de' dare per la metà di f. 358  $\frac{1}{2}$  che chonperai de' *danari* della detta / prestanza per me 30  
e per Leonardo di messer Giovanni e tutti *danari* sono / in mio nome in più partite, chome  
della chonpera apare a mia / ragione alla tavola al quaderno del .H. a carta xxj e la metà di  
Leo/nardo detto.<sup>94</sup> Vendei a Paolo di Bartolo Morelli ed ebe in sua mano i *danari*,<sup>95</sup> /

f. clxxviii d'oro s. v a oro.

E de' dare, che chonperai della detta prestanza da Betto di Giandonato / per f. 7 $\frac{1}{2}$  ch'egli 35  
avea paghati, ne gli diedi f. sei d'oro, chome apare / a mia ragione al quaderno del .H.<sup>96</sup> a  
carta 48 fuomene asegnati, /

f. xxij d'oro s. x a oro.

Somma f. cclxx d'oro s. xv a oro.

Ànne dato, di xj di novembre 1359: per lui da Ghino Becchi da Luccha, / che gliele  
vendei a 30  $\frac{1}{4}$  per C, posti a mia ragione alla tavola / al quaderno del .H. a carta 214, f.  
lxxxj d'oro s. xvij a oro. Ed ò aùte / le paghe infino a di j di novembre '359, cioè d. j per lb. 40

---

<sup>94</sup> *Detto*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>95</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>96</sup> *H*: com sinal de chamada, repetido *H* na margem externa

il mese, /

f. cclxx d'oro s. xv a oro.┘

c.xxxj r

Mccclviii di xiiij di magio

┐ Richordanza che a di xiiij di magio 1359 io Leonardo afittai a / Romolo di Neruccio  
del popolo di San Chiricho a Legnaia il palagio / e chorte murata e pozo chol giardino,  
posto nel popolo di San Chiricho / a Legnaia per due anni, chominciando di j di novembre 5  
1359, per pregio / di f. sette d'oro l'anno. Fugli malevadore Lorenzo suo fratello.

Carta per mano di ser Berto Talenti da Fiesole, che dimora a bottega nel Garbo.<sup>97</sup>

Paghocci a ragione di f. sei d'oro l'anno.┘

┐ Bernardo di Cione Dolcebene de' dare di xiiij d'aghosto / anni mcccclviii<sup>o</sup>: paghai per lui 10  
alla tavola, chome apare / al quaderno del .I. a carta lvij chontanti f. cento d'oro, /

f. c d'oro.

Ànne dato, di xiiij di magio anni 1362: avemo chontanti / f. cento d'oro, posti a mia ragione  
alla tavola al quaderno del .M. a carta \*\*\*,

f. c d'oro.┘

c.xxxj v

1359

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xxiiij di luglio 1359, / prestai chontanti de' miei  
propri *danari* a' chamarlinghi della / chamera del detto Chomune f. sei d'oro della prestanza  
/ di f. l<sup>M</sup> d'oro, per li qua' *danari* mi furono iscritti in sul Monticino, / de' quali dobbiamo 5  
avere ogni mese d. j per lb. di provisione, /

f. xviiij d'oro.

E de' dare, questo di prestai per Giovanni di Rinieri Charini / f. tre d'oro, per li quali mi  
furono iscritti in sul detto Monticino, iscritti a mia ragione alla tavola al quaderno del .H. a  
carta 29, /

f. viiiij d'oro

<sup>97</sup> Os dois parágrafos anteriores são evidenciados por *manicula* no espaço inferior

E de' dare, di xvj di dicenbre 1359: chonperai da Betto di Giando/nato vinattiere per f. x 10  
d'oro, che prestò della detta prestanza f. trenta / d'oro, chome apare a mia ragione al  
quaderno del .H. a carta 93, f. otto d'oro, /

f. xxx d'oro.

Ànne dato, di xvj di dicenbre 1359, vende'li a Iachopo Benini / del quartiere di Santa 15  
Crocie, chome apare a mia ragione al quaderno del .H., / a carta ccxiiij, f. dicesette d'oro s.  
tre d. quattro / a oro a 30 e  $\frac{1}{4}$  per C, /

f. lvij d'oro. <sup>l</sup>

---

¶ Simone di Foraboscho de' dare, di j di settenbre 1359: / pagha' per lui alla tavola  
nostra, chome apare / a sua ragione al quaderno del .I. a carta cxviii<sup>o</sup> e posti a mia ragione  
/ al quaderno del .H. a carta clxxxxj, f. centocinque d'oro / s. due d. uno ff., / 20

f. cv d'oro s. ij d. j ff.

Facemo un piato dinanzi a l'uficiale della merchatantia / e presi in paghamento per f.  
cxx d'oro uno poderetto a / Brozi nel popolo della Pieve, cioè uno sito chon chase / e 25  
torricella e chorte murata e forno e orto e uno / pezo di terra dal lato. Sono in tutto, cho ·lle  
chase, nel / torno di staiora viii<sup>o</sup>  $\frac{1}{2}$  a chorda. Fu istimato / f. cxi d'oro e abiamo la charta del  
detto piato / chonpiuta. Il detto poderetto è posto nel popolo della / Pieve a Brozi, luogho 30  
detto Villa di Mezo, che dal j<sup>o</sup> / via, a ij<sup>o</sup> Francescho di Papero de' Chavalchanti, \*\*\*.

Ànne dato, di iij d'aghosto anni mcccclx, avemo per lui / da Filippo di Foraboscho f.  
centocinque d'oro s. ij d. j ff. / e facemoli fine delle dette ragioni. Carta per mano / di ser 35  
Nicholò di ser Ugholino,

f. cv d'oro s. ij d. j ff. <sup>l</sup>

c.xxxij r

Mccclviiiij di xj di settenbre

¶ Memoria che mercholedì di xj di settenbre anni 1359 dopo nona,<sup>98</sup> al / nome di Dio  
possa essere e sia, naque Salinbene mio / figliuolo. Dio gli dea buona ventura. Fe Lunedì di  
xvj di se/ttenbre si battezzò in San Giovanni; fecielo cristiano Zano/bi di Domenicho 5  
Gianbollari e Simone di Guiduccio Pucci.<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> *dopo nona*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>99</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

Chiamòllo a 'ssè il nostro Signore Idio a dì 30 di giugno 1363 / per la maladetta mortalità. Lodato sia Idio e ringraziato. <sup>1</sup>

---

┐ A dì xv di settenbre anno detto, venne per sua balia la Bartola / d'Allegri e tenemola 10  
in chasa a f. xiiij° d'oro l'anno. / Tenelo a balia mesi 28 e poi istette cho 'nnoi per fante  
infino di settenbre 1368 e pagha'la inte/ramente d'ogni chosa. Ebe quando stette per fante f.  
9 l'anno. <sup>1</sup>

c.xxxij v

Mccclviiiij di xiiij di settenbre

Richordanza che a dì xiiij di settenbre 1359 io Leo/nardo vendei a Michele Bochini,  
chalzolaio / del popolo di San Tommaso di Firenze, il podere da Terz/ano, chon quelle 5  
chase e terre e chonfini che si / chontenghono di qua a carta iij°, per pregio di f. tre/cento  
ottanta d'oro, de' quali e' ritenne della mia / parte della <sup>100</sup> ghabella f. viij° d'oro s.x a oro. E  
~~vende~~ <sup>2</sup>li /. Carta per mano di ser Lapo Gini da Sa' Romeo. E ven/de'li xvij pechore e iij° 10  
agnelli e uno porcho / e certe masserizie, f. venti d'oro. Fecemi il pa/ghamento chome  
apare alla tavola a mia ragione / al quaderno del .H. a carta ccxiiij.

Entrommi mallevadore Tobbia, Andrea e Uberto di / Bartolino questo dì \*\*\* e a dì \*\*\* 15  
d'ottobre anno detto, / la Giannetta mia moglie vi diè la parola.

---

A dì xv di settenbre 1359 demo a balia Marcho mio figliuolo / a monna Piera, moglie di  
Piero da Sezata. De'ne / avere il mese s. xl pi.

Rechollone, di xxx di settenbre anno detto, ché no'l / volle tenere perché le parve troppo 20  
malagevole, / ovvero perché le parve pocho prezo. E perciò lo spopamo.

c.xxxiij r

Mccclviiiij di xv di novembre

┐ Ghirighoro di Marcho degli Strozi de' dare, di xv di no/venbre: ebe chontanti in Santa  
Maria Novella da 'mme / Leonardo f. dieci d'oro fuor di sugello, /

---

<sup>100</sup> della: d sobrescrito a f

f. x d'oro.

E de' dare, di xj di dicenbre anno detto: ebe chontanti in sua / mano f. dieci d'oro fuor di 5  
sugello da mme Leonardo, /

f. x d'oro.

Ànne dato, di xiiij d'aghosto 1363: avemo per lui da Giovanni / di Marcho, scritti a mia  
ragione alla tavola al quaderno .B. a carta / 88 f. venti d'oro, /

f. xx d'oro.↓

---

└ Simone di Geri Ghondi de' dare, di xij di dicenbre 1359: pa/ghai per lui alla tavola, 10  
chome apare a sua ragione al quaderno del .H. / a carta ccviii<sup>o</sup> f. dieci d'oro. Furono per  
Simone da Montegrimaldi, /

f. x d'oro.

E de' dare, di xviii di gennaio 1359: ebe chontanti in Bologna, portò Bi/llichozo di Geri  
f. quaranta d'oro, per li quali f. 40 d'oro abiamo / per richordanza una cintola grande 15  
d'ariento, chonfetta di filo, / chiovate le spranghe chon perle, /

f. xl d'oro.

E de' dare, per dono de' detti 40 f. per uno anno, finiti di 18 di gennaio / 1360, f. sei  
d'oro, /

f. vj d'oro.

E de' dare, per dono de' detti f.40 d'oro per infino di xj di settenbre / 1363, f. quindici 20  
d'oro s. x a oro, /

f. xv d'oro s. x a oro.

Somma f. lxxj d'oro s. x a oro. /

Ànne dato, di xj di magio 1361: avemo chontanti f. quattordici d'oro, / scritti a mia  
ragione alla tavola al quaderno del .L. a carta 236, /

f. xiiij d'oro.

Ànne dato, di ij di luglio 1362, per lui da Simone da Monte/grimaldi, chome apare a 25  
mia ragione alla tavola a libro Grande / a carta 231 f. quattro d'oro, /

f. iiij d'oro.

Ànne dato, di xviii d'ottobre 1363: diè per me a Paolo d'Alle/ssandro Sasetti; ponemo  
debia dare inanzi a carta xlviii / f. quarantasette d'oro s. dieci a oro, /

f. xlvij d'oro s. x a oro.

Somma f. lxxv d'oro s. x a oro.

Resta a dare f. vj d'oro di chapitale.

Ànne dato per lui Simone da Montegrimaldi, posto di qua a carta 28, /

f. vj d'oro. 1

c.xxxiiij v

Mccclviiiij di xij di dicembre

┐ Bernardo d'Ughiccione de' Ciufagni de' dare, / di j di dicembre anni mcccclviiiijº:  
paghai per lui alla / tavola, ove dovea dare al quaderno ~~del .L.~~ del .I. a carta / cviiiij f. 5  
dugento d'oro e posti a mia ragione al quaderno / del .H. a carta 191. Salda' ragione cho  
·llui e rechata in di j di dicembre 1359, /

f. cc d'oro.

E de' dare, di j di dicembre anni 1360, per dono de' detti *danari*, isba/ttutone il tenpo  
degl'infrascritti f. 50 d'oro ch'egli à dato / a di 9 di settenbre f. ventotto d'oro s. sei d. tre a 10  
oro, /

f. xxviiij d'oro s. vj d. iij a oro.

E de' dare, di j di dicembre anni 1361, per dono de' detti *danari*, isbattutone / il tenpo  
degl'infrascritti f. 153 d'oro s. 15 d. 10, ch'egli à dati di 16 d'ottobre, /

f. xxiiij d'oro s. xviiij d. viiiij a oro.

Somma f. cclij d'oro s. v a oro. /

Ànne dato, di viiiijº di settenbre 1360, per lui Giramonte di Benghi, / chome apare alla 15  
tavola al quaderno del .L. a carta 208 f.cin/quanta d'oro, /

f. l d'oro.

Ànne dato, di xvj d'ottobre 1361 per lui da Benedetto di Benghi / de' Bardi, vochatò  
Voglia e per lui da Francescho Zati e chonpagni, / chome apare alla tavola a mia ragione al  
quaderno del .L. a carta 282, / f. centocinquantatré d'oro s. quindici d. dieci a oro, / 20

f. cliij d'oro s. xv d. x a oro.

Ànne dato, di xvj di dicembre: avemo chontanti chome apare a / sua ragione alla tavola  
al quaderno del .L. a carta 304, per la ragione di Gira/monte di Benghi, f. quattordici d'oro /

f. xiiij d'oro.

Resta a dare f. xxxiiiijº d'oro s. viiiijº d. ij a oro, di j di dicembre 1361. /

E de' dare per dono de' detti *danari* per uno anno finito, di j di dicembre 1362, / 25

f. v d'oro s. iij d. vj a oro.

So'ne stato paghato di questa ragione per lui da Gi/ramonte di Benghi de' Bardi tra più volte d'olio, / di legne e di vino.<sup>1</sup>

---

┐ Ugholino d'Andrea degli Strozi e fratelli deono da/re, di xvij di gennaio 1359: 30  
paghai per loro alla tavo/la, chome apare al quaderno del .H. a carta lxv f. trenta/cinque  
d'oro, /

f. xxxv d'oro.

Ànonne dato, di xvij di giugno anni mcccclx: avemo / in moneta f. trenta d'oro, chome  
apare a mia ragione / alla tavola al quaderno del .H. a carta cclxx, / 35

f. xxx d'oro.

Ànonne dato, di xiiij di luglio: avemo chontanti f. cinque / d'oro, chomme apare a mia  
ragione al detto quaderno alle dette carte, /

f. v d'oro.<sup>1</sup>

c.xxxiiij<sup>o</sup> r

Mcccclx di xxx di marzo

Richordanza che a di xxx di marzo mcccclx, che ·ffu lu/nedì Santo, io Leonardo di  
Bartolino chonperai / da Andrea e Uberto di Bartolino miei fratelli queste / chase e terre, 5  
poste nel popolo di San Piero a Ponti / a Chanpi, che qui apresso scriverò, per pregio di / f.  
ottocento d'oro netti a ·lloro, che facemo / per via di donagione, che non se ne paghò  
ghabella. / Feci loro il paghamento de' detti *danari* alla tavola, / chome apare a mia ragione 10  
al quaderno lungho del .H., / a carta 249 e posti a ·lloro ragione al detto quaderno del .H. / a  
carta 275.<sup>101</sup> / Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese.<sup>102</sup>

c.xxxiiij v

Mcccclx di xij d'ottobre

┐ Chericho di Gerino da Sommaia de' dare, di xij d'o/ttobre anni mcccclx: paghai per lui  
alla tavola no/stra, ove dovea dare al quaderno del .H. a carta liij, / f. trecento d'oro e scritti 5  
a mia ragione al detto quaderno / a carta ccxlviiiij, /

---

<sup>101</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* no espaço abaixo

<sup>102</sup> *Carta ... Forese*: acrescentado na margem externa

f. ccc d'oro.

Ànne dato, di xxviiij di marzo anni mcccclxj; avemo / chontanti f. trecento d'oro iscritti a  
mia ragione / alla tavola al quaderno del .L. a carta ccxxxvj, /

f. ccc d'oro. J

Frate Marcho Bartolini mio fratello de' dare, di ij / di gennaio anni mcccclx: levamo ove 10  
dovea dare / di qua a carta xvij f. dugentouno d'oro s. xxiiij d. vj ff., /

f ccj d'oro s. xxiiij d. vj ff.

E de' dare, di iiij di giugno 1362: paghai per lui a Simo/ne e Billichozo di Geri Ghondi  
per guarnello lb. iiij s. xiiij / d. ij pi., chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno del / 15  
.M. a carta 34, /

f. j d'oro s. iiij d. j ff.

E de' dare, di xx di settenbre 1363: ebe per prestare a frate / Giovanni Bartoli, f. quattro  
d'oro, /

f. iiij d'oro.

E de' dare, di xxvij di novembre 1366: paghai per lui / alla tavola per resto di f. otto 20  
d'oro, che demo per lui / a Ferzo cimatore, chome apare al quaderno [. ] E,<sup>103</sup> a carta lxj /

f. ij d'oro.

E de' dare, di xxj di gennaio 1366: diedi al maestro Tommaso e al / maestro Bancho in  
due partite, che 'l medichorono, f. cinque d'oro / e a Domenicho barbiere s. quaranta pi.,  
chome apare a mia ragione / alla tavola al quaderno .E. a carta lxx, / 25

f. v d'oro s. xvij d. vj ff.

c.xxxv r

Mcccclx di xv di febbraio

┐ Richordanza che a di xv di febbraio anno detto, io Leonardo / a mio nome affittai a /  
Spinello Marsili, del popolo di San Chiricho a Legnaia e / a Marcho di Guerio, del popolo 5  
di San Piero a Monticelli, / staiora lvij di terra in cinque pezi, senza la chasa / e senza  
l'orto, posta nel detto popolo di San Chiricho / a Legnaia, chonfinata chome nella charta si  
chon/tiene per cinque anni, chominciati di j di novembre / anni mcccclxj e finiti di j di 10  
novembre 1366, per pregio / di lb. centosette s. nove pi. per anno, facendo il / pagamento

<sup>103</sup> E: escrito na entrelinha superior



nella fine dell'anno. Carta per mano / di ser Bartolomeo di Lapo del Forese.

Paghoromi, ma nonne interamente, però che ci e/be degli anni che ne lascia' loro per 15  
chagione / della mortalità del '363 e della guerra de' Pisani.<sup>104</sup> / Fecine loro fine. ┘

c. XXXV v

Mccclx di xxiiij di febbraio

Richordanza che io Leonardo aloghai ad affitto, / questo dì di sopra, a Chiaro di  
Bonaguida e a Guido / suo figliuolo, i' luogho mio da Settimo per tre anni, / chominciati di 5  
j di novembre 1361 e finiti dì j di novembre / 1364. Debone dare ogni ano staia  
cinquanta/sei di grano chomunale, posto a Firenze a mia / ghabella e a sua vettura in  
chalen' di aghosto e lb. tren/tasei pi. e uno paio di chapponi ogni anno in cha/len' di 10  
novembre. E' staiora 56. Ebila per parte di dota della *Giannetta*.

Carta per mano di ser Durante Giovanni Duranti, che sta a chasa in Parione.

Ànne dato il fitto del primo anno interamente in grano e vino in più volte.

c. xxxvj r

Mccclx di xxvij di febbraio

Memoria che a dì xxvij di febbraio 1360 frate Nicholò / Ciosi, dell'ordine de' frati di  
Santa Maria Novella, / sindacho delle donne del munistero di Ripoli, / vendé a Paniccia e 5  
Antonio di Baldinaccio / di Bruno degli Erri certe vigne poste a Brozi, / per pregio di f.  
ccxxvj d'oro. Et io Leonardo di / Bartolino, a priegho di suora Maddalena, mia zia / e  
serocchia che ffu di mia madre e priora del detto / munistero<sup>105</sup>, v'entrai malevadore. Carta 10  
per / mano di ser Nicholò di ser Ugholino da Signa.

---

┐ Billichozo di Geri Ghondi de' dare f. dugentose/dici d'oro s. quarantacinque d. quattro  
pi. Promissemi / per Tommaso di Giovanni de' Chocchi in questi termini, cioè: / f. 43 d'oro 15  
s. 15 d. j pi. a dì xv d'aghosto 1361, e f. 86 d'oro / s. 15 d. j a dì xv di febraio anno 1361, e

---

<sup>104</sup> guerra ... Pisani: evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>105</sup> Maddalena ... munistero: Anotação de mão moderna na margem externa, evidenciada com *manicula*: Nota Bene: Se si troverà chi fusse nel 1360 la detta Priora, si potrebbe sapere chi fusse la moglie di Bartolino Salimbeni.

f. 87<sup>106</sup> d'oro s.15 d.2 / pi. a dì 15 d'aghosto anni 1362, per f. 188 d'oro s. 25 a ff., ne / diedi chontanti al detto Tommaso, chome apare a mia ragione / alla tavola al quaderno del .L. a carta 236, /

f. ccxvj d'oro s. xlv d. iiij pi.

Ànne dato, dì xxiiij di luglio 1361, per lui da Francescho Chaccini, / chome apare a mia ragione al detto quaderno alle dette carte, f. qua/rantatrè d'oro s. nove d. otto a ff., / 20

f. xliij d'oro s. viiij d.viij a ff.

Ànne dato, dì viij di febbraio 1361: avemo chontanti, rechò Giovanni di Geri f. ottantasei d'oro s. dicenove d. quattro / a ff., chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno del .M. a carta 178, / 25

f. lxxxvj d'oro s. xviiij d.iiij ff.

Resta a dare, dì xv d'aghosto 1362, f. lxxxvj d'oro s. 19 d. 4 ff.

E de' dare, per dono de' detti *danari* infino a dì v di magio 1363, f. sei d'oro, /

f. vj d'oro.

Ànne dato dì v di magio j 1363: ponemo abia àuto, inanzi / a carta xlij, f. novantadue d'oro s. xviiij d. iiij ff, /

f. lxxxxij d'oro s. 19 d. 4 ff.<sup>l</sup>

c.xxxvj v

Mccclxj dì xxvij di marzo

┐ Smeraldo di Stroza degli Strozi de' dare, dì xv di / giugno anno detto, f. centoquattro d'oro: furono / per f. cento d'oro, che a dì xxvij di marzo anno detto / ne diedi per lui a Maghaghio di Gentile da Pre/malchuore, chome apare alla tavola al quaderno / del .L. a carta cclviiij, / 5

f. ciij d'oro.

E de' dare, dì x d'ottobre, che ·cci donò f. due d'oro, /

f. ij d'oro.

Ànne dato, dì vij di giugno 1361, per lui da Maghaghio / predetto, iscritti a mia ragione al quaderno del .L. alla tavola a carta / 236, f. settanta d'oro, / 10

f. lxx d'oro.

Ànne dato, dì x d'ottobre 1361: avemo chontanti per lui da / Maghaghio di Gentile

---

<sup>106</sup> 87: 7 escrito sobre 6

predetto f. trentacinque d'oro / tra in *bolognini* e *fiorini* e moneta, iscritti alla tavola a mia  
ra/gione al quaderno del .L. a carta 282, /

15

f. xxxv d'oro.

À Anne dato questo di: avemo chontanti dal detto Smeraldo / f. uno d'oro, /

f. j d'oro.┘

---

┐ Richordanza che a di vij \*\*\*. ┘

---

┐ Taddeo di Chantino degli Agli de' dare, di v d'aprile / anno detto: prestamoli 20  
chontanti f. cento d'oro, / iscritti a mia ragione alla tavola al quaderno del .L. a carta 236, /

f. c d'oro.

E de' dare, di xij di giugno anni 1361, che 'cci donò /

f. ij d'oro s. xxj d. viii ff.

À Anne dato, di xij di giugno anni 1361, per lui da Neri / Charini f. centodue d'oro s.  
ventuno d. viii<sup>o</sup> ff., scritti / a mia ragione al quaderno del .L. a carta 236, /

25

f. cij d'oro s. xxj d. viii ff.┘

c.xxxvij r

Mccclxj di vij d'aprile

┐ Richordanza che a di vij d'aprile anno detto io Leonardo / alloggi a pigione il palagio  
e chasa bassa chol giar/dino, posto nel popolo di San Quiricho a Legnaia, a / Alesso di 5  
Turchio, de' popolo di Santo Angiolo a Legnaia, / per tre anni, chominciati di j di novembre  
1361, per pregio / di f. sette d'oro l'anno: de' pagare la metà a chalen' di / aghosto e l'altra  
metà nella fine dell'anno.<sup>107</sup>

Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese.

À paghato tra a me e a Nofrio di ser Giovanni.┘

10

---

┐ Filippo di Biagio degli Strozi de' dare, di ~~xxij~~ vij<sup>108</sup> di giugno / anni 1361: ebe  
chontanti f. trenta d'oro, chome apare a mia / ragione al quaderno della tavola del .L. a  
carta 236, /

---

<sup>107</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>108</sup> *vij*: escrito na entrelinha superior

f. xxx d'oro.

E de' dare, di vj d'aghosto, ebe chontanti f. venti d'oro, chome apa/re a mia ragione alla 15  
tavola al quaderno del .L. a carta 282, f. venti d'oro, /

f. xx d'oro.

E de' dare, di xx di giugno 1362<sup>109</sup>, ebe f. dieci d'oro alla tavola, /

f. x d'oro.

Ànne dato, di ij di luglio 1362<sup>110</sup>: avemo chontanti f. venti d'oro, / chome apare a mia  
ragione al detto quaderno e carta, /

f. xx d'oro.

Resta a dare f. xl d'oro, di 20 di giugno 1362.

E de' dare, di xij di luglio, che 'cci donò s. viij d. xj ff. 20

Ànne dato, di xij di luglio: diè per me a Simone e B/illichozo di Geri Ghondi, chome  
apare alla tavola a li/bro Grande a carta 227 e posti mi debiano dare / inanzi a carta xlj f. xl  
d'oro s. viij d. xj ff.,

f. xl d'oro s. viij d. xj ff.┘

c.xxxvij v

Mccclxj di xxvij d'aghosto

┐ Per la grazia di Dio, questo di di sopra, dopo nona, mi naque uno fanciullo maschio /  
e ponemoli nome Aghostino, perché naque la vilia di Santo Aghostino. / Fecelo cristiano  
Giovanni Chantini tavoliere, Nicholò di Zuchero Gianni ta/voliere e Filippo di Vanni da 5  
Petrognano ritagliatore. Dio gli dea buona / ventura e per la Sua miserichordia il faccia  
buono.┘

┐ A di iij di settenbre anno detto il demo a balia a monna / Giovanna, moglie di  
Giovanni, vochato Prete, da Mari/gnolla. Dee avere il mese lb. tre pi.

Chiamollo a 'ssé il Nostro Signore Idio, di\*\*\* di giugno / 1363 per la maladetta 10  
mortalità e furono paghate / le balie, che n'be tre. ┘

<sup>109</sup> 1362: acrescentado ma margem interna

<sup>110</sup> 1362: acrescentado na entrelinha superior

c.xxxviiij r

Mccclxj di xxx d'ottobre

┐ Tommaso d'Allessandro Sasetti de' dare f. centotrentacinque / d'oro s. diciotto d.  
quattro a ff., a questi termini, cioè: / a dì xv di febraio 1361, f. sesantasette d'oro s. xxiiij d.  
viiij ff. / e a dì xv d'aghosto 1362 f. sesantasette d'oro s. xxiiij d. viij ff. / Furono per f. 5  
centoventisette d'oro, che a dì xxx d'ottobre 1361 / gli demo chontanti, chome apare a mia  
ragione alla tavola, / al quaderno del .L. a carta cclxxxij, /

f. cxxxv d'oro s. xviiij d. iiij ff.

E de' dare, questo di paghai per lui alla tavola, chome apare al detto / quaderno a carta 10  
cxxxiiij, f. sesanta d'oro e posti a mia ragione al detto quaderno / a carta 282, /

f. lx d'oro.

E de' dare, di xv di dicenbre 1362, che mi donò segnati e benedetti / f. tre d'oro s.  
diciotto d. iiij ff., /

f. iij d'oro s. xviiij d. iiij ff.

Somma f. clxxxxviiiij<sup>o</sup> d'oro s. vij d. viij ff. /

199 7 8

Ànne dato, di xvj di dicenbre 1361, avemo chontanti f. sesanta d'oro, / 15

f. lx d'oro.

Ànne dato, di xviiiij<sup>o</sup> di febraio, avemo chontanti f. cinquantadue d'oro, /

f. liij d'oro.

Ànne dato, di xxiiij di febraio, ebi chontanti in moneta f. dieci d'oro, /

f. x d'oro s. xxiiij d. viij ff.

Ànne dato, di xxv di febraio, ebi in moneta f. cinque d'oro, /

f. v d'oro.

Ànne dato, di xv di dicenbre 1362, ebi chontanti f. settan/tuno d'oro s. tredici a ff., / 20

f. lxxj d'oro s. xiiij ff.

Somma f. clxxxxviiiij<sup>o</sup> d'oro s. vij d. viij ff.┐

┐ Richordanza che a dì v di dicenbre 1361 ~~il piovano Lotte~~ Francescho di Biliotto del  
popolo di Santa Filicita a Larciano di Mugello, / mi s'obrighò a una charta di fitto di / f.  
cxxxv d'oro, di darglimi / cioè di j di giugno f. l d'oro e l'avanzo di \*\*\*. / E il piovano Lotte 25

di Bonagio, piovano della pieve a San Cresci / a Valchava gli fu mallevadore.<sup>111</sup> Afitta'gli certa terra da / Canpi ed egli la r'afittò a Billichozo di Geri e chonfessò da .llui il fitto. / Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrando di ser Albizo.<sup>112</sup>

Feciomi questa carta per sichurtà de' *danari* ch'io debo avere da / Simone da 30  
Monterimaldi, chome apare di qua a carta xxviii.

A petitione del detto Simone da Monterimaldi, feci azione a Alberto di Bonachorso / di f. l d'oro a dì \*\*\* di luglio 1362. Carta per lo detto ser Michele di ser Aldobrando e non ebi *danari*.

E poi a dì \*\*\* d'aghosto anno detto feci fine al detto Francescho di Biliotto de/ll'avanzo 35  
della detta carta a petizione del detto Simone e chon volontà di Billi/chozo di Geri, cioè di f. lxxv d'oro e non ebi danaio, però che 'l detto Simone / e Billichozo se n'achordorono chol detto Francescho e però la cancellò. Carta per ser Michele detto. ↵

c.xxxviii v

Mccclxj di xxx d'ottobre

┐ Benci Arrighetti bichieraio de' dare, di xxx d'ottobre / anno detto, per lui a Michele di Nome da Ghanbassi: po/nemo abia dato al quaderno del .L. dalla tavola a carta cxxvij 117<sup>113</sup> / e posti a mia ragione al detto quaderno a carta 282, f. ventino/ve d'oro, / 5  
f. xxviii d'oro.

E de' dare, di iiij di giugno 1362, che 'cci volle donare / f. quattro d'oro s. sedici pi., /  
f.iiij d'oro s.xvj pi.

Ànne dato, di 27 di giugno 1362, avemo chontanti, chome / apare a mia ragione alla 10  
tavola a libro Grande a carta 231, / f. ventiquattro d'oro, /  
f. xxiii d'oro.

Ànne dato, di iiij di giugno anno detto, chome apare a mia / ragione alla tavola al quaderno del .M. a carta ccij f. nove d'oro s. sedici pi., /  
f. viii d'oro s. xvj pi.

<sup>111</sup> *E il piovano Lotto ... mallevadore*: na margem externa está escrito e evidenciado por dois sinais de três pequenas linhas paralelas, de mão moderna: *Piovano Lotto di Bonagio, Mallevadore*

<sup>112</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* no espaço acima, antes da linha de separação

<sup>113</sup> 117: escrito na interlinha inferior

┐ Piero di Neri di Lippo de' dare, di xxviiiij di novembre 1361, / levamo da sua ragione 15  
dalla tavola al quaderno del .L. a carta / ciiiij<sup>o</sup>, f. cinquanta d'oro, /

f. l d'oro.

E de' dare, di xij di febraio, ebe chontanti f. cinque d'oro, /

f. v d'oro.

Ànne dato, di xij di febraio 1361, per lui da Tomaso Sasetti / f. cinquantacinque d'oro, 20  
posti a mia ragione alla ta/vola al quaderno del .M. a carta 178, /

f. lv d'oro.┐

---

┐ Ugholino d'Andrea e fratelli deono dare, di xxiiij di / dicenbre, levamo ove doveano  
dare alla tavola al quaderno / del .L. a carta 166 f. quaranta d'oro. Paghai di miei *danari*  
propri, /

f. xl d'oro.

Ànne dato, di xxvj di settenbre 1362, chome apare a libro / Grande dalla tavola 25  
Biancho, segnato .A. a carta 243,

f. xl d'oro.┐

---

Cornuolo Marini da Chomo de' avere, di xxviiiij di dicen/bre 1361: ebi per lui dalla  
tavola, chome apare al quaderno del .L., / a carta 307, f. sette d'oro s. xviiij d. vij ff., /

f. vij d'oro s. xviiij d. vij ff.

c.xxxviiiij r

Mccclxj di iiij di dicenbre

┐ Simone di Guiduccio Pucci de' dare, di iiij di dicenbre, le/vamo ove dovea dare al  
quaderno del .L. a carta 148 dalla tavola, di 7 d'ottobre '361<sup>114</sup> / f. quaranta d'oro e posti a  
mia ragione al detto quaderno a carta 282, /

f. xl d'oro.

E de' dare, di vij d'ottobre 1362, per dono de' detti *danari* per uno / anno finito questo 5  
di, f. sei d'oro, /

f. vj d'oro.

E de' dare, di vij d'ottobre 1363, per dono de' detti *danari* per uno anno, /

---

<sup>114</sup> *Dì ... '361*: acrescentado na margem interna

f. vij d'oro.

E de' dare, per dono de' detti *danari*, infino a di viiiij° di dicenbre '363, /

f. j d'oro.

Ànne dato, di viiiij° di dicenbre '363, chome apare a mia ragione / ala tavola, al 10  
quaderno .B. a carta 35, f. trentasei d'oro, /

f. xxxvj d'oro.

Ànne dato, infino a di 27 di novenbre '363, per lui Migliorato da Sa' Moro, / chome  
apare alla tavola al quaderno .B. a carta 92, f. undici d'oro, /

f. xj d'oro.

Ànne dato questo di per uno tino, ch'ebi da 'llui: disse me 'l chon/tava f. sette d'oro, /

f. vij d'oro.¶

---

¶ Richordanza che a di xviiiij° di febraio 1361 io Leonardo di Bartolino affittai / a 15  
Pasquino di Ceccho di Vanni, vochato Ceccho Rescio, queste terre e chasa e orto, / poste  
nel popolo di San Piero a Ponti, cioè:

Uno pezo di terra, posto nel detto popolo, luogho detto all'Olmo: a j° e ij° via, a iij° le /  
rede di Palla degli Strozi, a iiiiij° Vanni del Trincia Avoghadi. E' istaiaora xx.

iiij pezi di terra insieme, poste a. luogho detto in Ghuzana: a j° Bernardo di Piero / degli 20  
Strozi, a ij° monna Francescha di Giachinotto Tornaquinci, a iij° Nicholaio di / Nerozo de'  
Chocchi, a iiiiij° Bartolo Cini. È staiaora xxj e panora iiiiij.

Uno pezo di terra a' luogho detto alla Lastra: a j° via, a ij° Nicholaio di Nerozo / de'  
Chocchi, a iij° dello spedale di San Bartolo a Mugnone, a iiiiij° messer Andrea / Oricellai. È 25  
staiaora v.

Uno pezo di terra nel detto luogho, ivi presso: a j° Nicholaio di Nerozo, a ij° la / vigna  
nostra, a iij° dello spedale di San Bartolo detto, a iiiiij° Vanni del Trincia / Avoghadi. È  
staiaora vj.

Uno pezo di vigna posta alla strada nuova: a j° strada nuova, a ij° Nicholaio / di Nerozo, 30  
a iij° il detto pezo di terra, a iiiiij° le rede di Nicholozo di Giunta Arrighetti. / È staiaora iiiiij°.

Anche una chasa, ~~chei~~ ch'è nella mia chorte dov'io abito, cho' 'n mezo l'orto che 'ffu / di  
Guidalotto Bernotti. Siché sono in tutto staiaora lvij per iiiiij anni, cho/minciati di j d'aghosto  
1362 e finiti di j d'aghosto 1366. De'ne dare / ogni anno mogia quattro e staia xvij di grano 35  
chomunale, posto a Fi/renze a mia ghabella e a sua vettura e due paia di chapponi e viij  
serque d'uova / e Ceccho suo padre fu presente e dielli la parola.



Carta per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese.

Paghòmi e fecineli fine. Carta per mano di ser Agnolo Tetti Latini<sup>115</sup> da / San Donino. 40

c.xxxviiiij v

Mccclxj di xvj di marzo

¶ Uberto Benvenuti de' dare, di xiiij di luglio anno 1362 / ~~f. dugento d'o~~ f. dugento otto d'oro, furono per / f. dugento d'oro che a di s. iij a ff., che, a di xiiij di marzo / anni 1361, 5  
ne demo per lui a Diedi di Nuccio chatalano, / chome apare a mia ragione ala tavola al quaderno del .L., / a carta cclxxxij, /

f. ccviiij d'oro.

Ànne dato, di xiiij di luglio 1362, fecilone de/bitore alla tavola, chome apare al quaderno del .M. a carta / xlvij f. dugento otto d'oro e postine a mia ragione / al detto 10  
quaderno a carta 203 f. ccv d'oro s. viij d. viij ff., /

f. ccviiij d'oro. 1

---

¶ Smeraldo di Stroza de' Rosso de' dare, di xxiiij di marzo, / f. centoquattro d'oro, i qua' danari demo per lui a Ma/ghaghio di Gentile da Premalchuore chontanti, /

f. ciiij d'oro.

E de' dare, di xiiij di settenbre, che 'cci donò f. due d'oro e mezzo, / 15

f. ij d'oro s. xiiij d. vj ff.

Ànne dato, di \*\*\* di giugno, per lui da Maghaghio di / Gentile da Premalchuore f. cinquanta d'oro, iscritti / a mia ragione alla tavola a libro Bianco a carta 231, /

f. l d'oro.

Ànne dato, di xiiij di settenbre 1362, avemo chontanti, / rechò Tobbia di Bartolino f. 20  
cinquantasei d'oro / s. quattordici d. sei ff., /

f. lvj d'oro s. xiiij d. vj ff. 1

---

Richordanza che a di 9 d'aprile 1362 alloghai a Bartolo / di Giovanni, popolo di San Donino j uno pezo di terra chon fosse / in mezo, posto nel detto popolo, luogo detto Chalcinaia: a j° / via, a ij° merchatante Ducci, a iij° i frati di Santa Maria / Novella, a iiij° le 25  
rede di Giovanni del Tignoso. Anche uno / pezo di terra, posta nel popolo di San Cresci a

---

<sup>115</sup> *Latini*: acrescentado na entrelinha superior

Chanpi, luogho / detto a Tagliamiglio: a j<sup>o</sup> Benozo Tecchi, a ij<sup>o</sup> Buono Totti, / a iij<sup>o</sup> Chanbio Stefani, a iiij<sup>o</sup> Iachopo Choppoli per cinque anni, / chominciati di j d'aghosto 30  
1362, per pregio di staia xxij di / grano l'ano, posto a Firenze a sua vettura e mia ghabella.

c.xl r

Mccclxij di j di giugno

┐ Matteo di Donato d'Uberto de' dare, di j di giugno 1362, / paghai per lui alla tavola,  
chome apare al quaderno del .M., / a carta xx f. cento d'oro, /

f. c d'oro.

E de' dare, di j di giugno 1363, per dono de' detti *danari* per uno anno, / 5

f. xx d'oro.

E de' dare per dono de' detti *danari* per j anno finito di j di giugno '364, /

f. xxiiij d'oro.

Eramene tenuto Bernardo Sasetti per scritta di lor mano e<sup>116</sup> rende'la al detto Bernardo e  
disse che no' glimi potea dare e però / la cancellò.

Ànne dato, di xvj di gennaio 1363, ebi chome apare alla ta/vola a libro Bianco a carta 10  
\*\*\* f. trenta d'oro, /

f. xxx d'oro.

Ànne dato, di xiiij di giugno 1364, chome apare a mia ragione / alla tavola al quaderno  
.C. a carta 108, f. settanta d'oro, /

f. lxx d'oro.

Ànne dato, di xv di luglio '364, chome apare|e| alla detta ragione / al detto quaderno, f.  
venti d'oro, /

f. xx d'oro.┐

┐ Tommaso di Mari Trincianelli de' avere, di j di giugno / anni mcccclxij, cancellai da 15  
sua ragione ove dovea a/vere alla tavola al quaderno del .L. a carta 193 f. cento d'oro /, per  
prestare a Matteo di Donato scritto qui di sopra, /

f. c d'oro.

Ànne aùto, di xxxj di gennaio 1363: paghai per sua / lettera a Charlo degli Strozi e 20  
chonpagni f. cento d'oro, / chome apare a mia ragione alla tavola a libro Gran/de Bianco

<sup>116</sup> *Eramene ... e*: acrescentado na margem interna

.A. a carta 323, /

f. c d'oro.

Demoli per provisione de' detti *danari* e per lui a Bracci/no di Mari suo fratello, posto abia dato al quaderno .A. / della tavola a carta xxj, di 31 d'ottobre 1368, f. otto d'oro, /

f. viij d'oro.

c.xl v

Mccclxij

┐ Neri di Benuccio Charini de' dare, infino a dì xxviii<sup>o</sup> di marzo anno detto, paghai per lui alla tavola, cho/me apare al quaderno del .M. a carta xxij f. trenta d'oro, /

f. xxx d'oro.

E de' dare, di xij di maggio anno detto, paghai per lui / alla tavola, chome apare al detto 5 quaderno a carta xxiiij / f. venticinque d'oro per monna Cella, /

f. xxv d'oro.

E de' dare, di 29 di marzo 1363, per dono de' detti f. 30 d'oro per uno anno, /

f. iiij d'oro s .x a oro.

Ànne dato, di viij di novembre, avemo chontanti f. dicenove / d'oro fuor di sugello de' 10 *danari* di monna Cella, /

f. xviiij d'oro.

Ànne dato questo dì: ebi per lui dalla tavola per interesse di suo *danari*, chome / apare al quaderno del .L. a carta ccxij f. sei d'oro, /

f. vj d'oro.

Ànne dato, di xiiij di giugno 1365, avemo da Paolo suo figliuolo / e reda f. trenta d'oro, chome apare a mia ragione alla ta/vola, al quaderno .D. a carta 57 e diè per ispese del 15 richiamo s. xxxij pi. /

f. xxx d'oro.

Morissi Neri <nel> 1363, per la mortalità e non ne potei avere altro. ┘

┐ Il Chomune di Firenze mi de' dare, di v di luglio 1362, e io era alotta de' Priori:<sup>117</sup> paghai della prestanza di f. l<sup>M</sup> d'oro f. sei d'oro de' miei / propi *danari*, chome apare alla tavola a mia ragione a libro Gran/de a carta 231. Sono asegnati in sulla ghabella delle 20

<sup>117</sup> E io ... *Priori*: acrescentado na margem externa, e evidenciado por dois sinais

porte, /

f. vj d'oro.

E de' dare, di xxv d'aghosto anno detto, paghai della detta / prestanza la sechonda volta f. sei d'oro, chome apare / alla detta mia ragione. Sono asegnati in sulla detta ghabella; asegnaronsi poi in sul monte del'uno tre,<sup>118</sup> /

f. vj d'oro.

E de' dare, di xxvij di febraio 1362, per la terza prestanza di / f. l<sup>M</sup> d'oro, che n'ebi f. viij 25 d'oro. Paghai a Taddeo di Bencivenni / Bonsostegni chamarlingho; eravi notaio ser Teghiaio Altoviti, /

f. viij d'oro.

E de' dare: questo di paghai al detto chamarlingho per animo / di riavere f. tre d'oro per Nofrio di ser Giovanni, che gli furon' inposti, /

f. iij d'oro.

E de' dare, di viij d'aprile 1363, per la quarta prestanza paghai / al detto Taddeo f. otto 30 oro. Notaio ser Teghiaio detto, /

f. viij d'oro.

E de' dare: questo di paghai al detto chamarlingho, per animo di riavere, / f. tre d'oro per Nofrio detto della detta prestanza, /

f. iij d'oro.

Ànne dato, di xj di gennaio 1362: avemo da Geri de' Pigli vece/chamarlingho di Ceccho Cioni camarlingho delle porte f. sei d'oro e *soldi*, / per la detta prestanza ch' io feci a di v di 35 luglio 1362, /

f. vj d'oro e s. per merito.

Ànne dato, di iiij di novembre 1363, ponemo debia / dare inanzi a carta l f. ventotto d'oro, /

f. xxvij d'oro

c.xlj r

Mccclxij

┐ Simone e Billichozo di Geri Ghondi deono dare, di xij / di luglio anno detto, ebono per me da Filippo di Biagio / Strozi, chome apare a ·l·loro ragione alla tavola a libro /

<sup>118</sup> *Asegnaronsi ... tre*: acrescentado na margem interna

Grande a carta 227, f. quaranta d'oro s. otto d. xj ff., / posto che Filippo abia dato di qua a carta 37, /

f. xl d'oro s. viij d. xj ff.

De' detti *danari* mi chonperorono f. 40 d'oro della prima prestanza / de' f. 1<sup>M</sup> d'oro e dichono in loro medesimi.

E deono dare, ch'ebono di vantagio quando chonperorono / della detta prestanza a s. viij d. vj per f., /

lb. xvij pi.

Ànonne dato, di xij di novembre 1362, ebi chontanti, rechò B/illichozo lb. diciotto pi. e d. tre scritti a mia ragione alla tavola al quaderno / del .A. a carta \*\*\*, /

lb. xvij pic. e s. viij d. xj ff.

Ànonne dato, di iij di novembre 1363, avemo chontanti / che gli riebono dal Chomune della detta prestanza, / chon altri loro *danari*, f. quarantaquattro d'oro s. trenta pi., /

f. xliij d'oro s. xxx pi.

Resta d'avanzo f.iiij d'oro s.xxx pi. e tanti / *danari* montò lo 'nteresso ch' ebono dal Chomune de' / detti *danari* a ragione di x per C.<sup>l</sup>

---

┐ Richordanza che io Leonardo a mio nome apigionai / a di xx d'ottobre 1362 a Guido di Rinieri Benzi la cha/sa da San Firenze, ch'è di Nofrio, per due anni, chominciati / di j d'ottobre 1362 per f. dieci d'oro l'anno. Carta per mano / di ser Nigi di ser Giovanni.

À paghato di quello tenpo che la tenne.<sup>l</sup>

c.xlj v

Mccclxij

┐ Simone di Guiduccio Pucci de' dare, di xxiiij d'o/ttobre 1362, demoli chontanti f. cinquantuno / d'oro in sugello, diedegli a Ubaldino Fastelli, /

f. lj d'oro.

E de' dare, di \*\*\* d'ottobre anno detto <sup>119</sup>: ebe chontanti f. novantu/no d'oro in sugello. Feceli dare a Ubaldino Fastelli, /

f. lxxxxj d'oro.

E de' dare, di viij di novembre 1362: ebe chontanti in sugello / f. cinquantotto d'oro:

---

<sup>119</sup> *anno detto*: acrescentado na entrelinha superior.

feceli dare a Ubaldino Fastelli, /

f. lvijj d'oro.

Ànne dato, di x d'aprile 1363, chontanti, de' quali ne feci / chanciellare una ragione alla 10  
tavola al quaderno del .A. a carta 68, / ove Smeraldo di Stroza dovea dare e puosi mi debia  
/ dare inanzi a carta 45 f. cento d'oro per lui Ubaldino Fastelli, /

f. c d'oro.

Ànne dato, di vij d'aghosto 1363, per lui Ubaldino Fa/stelli, chome apare a mia ragione 15  
alla tavola al quaderno / del .B. a carta 88, f. cento d'oro,

f. c d'oro.↓

---

¶ Piero di Neri di Lippo de' dare, di j di dicenbre 1362, / ebe per me da Tomaso Sasetti  
f. quaranta d'oro, / fecene una scritta di sua mano a Tommaso Sasetti sopra/detto.  
Ricevettela Tomaso in mio servigio, ma miei sono i *danari*, /

f. xl d'oro.

E de' dare, di xviiiij d'ottobre 1363, per dono de' detti *danari*, / 20

f. v d'oro.

Ànne dato, di 19 d'aprile 1363, per lui da Tomaso Sasetti, chome apa/re a mia ragione  
alla tavola al quaderno .A. a carta cx, f. venti d'oro, /

f. xx d'oro.

Ànne dato, di xviiiij d'ottobre 1363, diè per me a Paolo / d'Allessandro Sasetti: ponemo  
debba dare a sua ra/gione, inanzi a carta xlvijj, f. venticinque d'oro, /, 25

f. xxv d'oro.↓

c.xlij r

Mccclxij

¶ Billichozo di Geri Ghondi de' avere, di v di dicenbre 1362, / avemo chontanti in mia  
mano f.venticinque d'oro fuor di sugello, /

f. xxv d'oro.

E de' avere, di xvij di dicenbre 1362, per lui da Domenicho di Fi/lippo, chome apare a 5  
mia ragione alla tavola al quaderno del / .A. a carta cx, f. venticinque d'oro, /

f. xxv d'oro.

E de' avere, di v di maggio, per lui da Nicholò di Gualterotto, chome a/pare a mia ragione

alla tavola al quaderno .A. a carta 139, f. 47 s. 18 d. 4 ff., /

f. xlvij d'oro s. xvij d. iiij ff.

Somma f. lxxxxvij d'oro s. xvij d. iiij ff.

Ànne àuto, di v di magio 1363, ponemo abia dato di qua a carta / 36 f. novantadue d'oro 10  
s. xviiiij d. iiij ff., /

f. lxxxxij d'oro s. xvij d. iiij ff.

Ànne àuto, di xij di maggio, ebe chontanti, chome apare a / mia ragione alla tavola al  
quaderno .A. a carta 78, f. cinque d'oro, /

f. v d'oro.

---

┐ Bartolo Foresi mi de' dare, di x di dicenbre 1362: paghai / per lui alla tavola de' miei 15  
propi *danari*, chome apare al quaderno / del .L., ove dovea dare a carta 167 e posti a mia  
ragione / al quaderno del .M. a carta 47, f. trentanove d'oro s. xxj d. vij ff., /

f. xxxviiiij d'oro s. xxj d. vij ff.

E de' dare, di ij d'aprile 1364, per lo richiamo e per la sen/tenza ch' io ebi da l'Arte del  
Chanbio, lb. iij s. xvij d. 8, /

f. j d'oro s. vij d. v ff.

Fumone paghati dal 1370 in qua, che parte n'avemo / da Nicholò di Cione Fini, che 'l 20  
feci pagare: ebine da 'llui / f. xviiiij<sup>o</sup> d'oro e parte n'ebi da Bernardo di Neri sue rede e poi  
n'ebi da Andrea di Betto Gherardini, cholle spese e chon tutto f. venti d'oro. ┘

c.xliij v

Mccclxij

Tobbia di Bartolino de' avere: cancellai una sua / ragione infino a di xv d'aprile 1359,  
ove dovea avere / alla tavola al quaderno del .I. a carta ccxij e puosigli a / mia ragione f. 5  
trentasette d'oro, che dovea avere / in due partite, cioè f. xxvj d'oro, che s'ebono da /  
Andrea e Uberto per ristoro della sua parte del po/dere da Chanpi e f. xj d'oro, che gli diedi  
io Leonardo / della sua parte de' denari del monte, /

f. xxxvij d'oro.

Anne àuto, di ~~xx~~ xviiij<sup>120</sup> di dicenbre 1362 per lui a messer Andrea / di Nardo Oricellai 10  
 per tre staiora di terra, che chonperai / per lui da ·llui, posta a Chanpi, nel popolo di San  
 Piero a Ponti, / luogho detto alla Lastra, che dal j° via, a ij° il detto / Tobia, a iij° Nicholaio  
 di Nerozo de' Chocchi, a iiij° Migli/ore pizichagnolo, f. dicenove d'oro netti a ·llui. Charta / 15  
 per mano di ser Bartolomeo di Lapo del Forese; testimoni / Tenperano di Manno e  
 Bonaiuto del Bello. Fecili il pa/ghamento in loro presenza e sono scritti a mia ragione a/lla  
 tavola al quaderno del .A. a carta cx, /

f. xviiij d'oro.

Paghai la ghabella de' chontratto della detta terra, di v di gennaio / 1362, lb. tre s. tre 20  
 pi., /

lb. iij s. iij pi.

Àanne àuto, di xviiij d'aghosto 1367, per lui a Stagio e Simo/ne di messer Leonardo degli  
 Strozi per staiora iiij° e panora / ij di terra, che chonperai per lui da ·lloro, chostò f.  
 dicenove / d'oro e per ghabella s. xxxj d. vj. E diedi a ser Michele di ser Aldobrando, / che 25  
 fece la charta, s. x e dievi la parola monna Lena, loro / madre e la moglie di Stagio e anche  
 promissono per Filippo / loro fratello. Fece la charta d'ogni chosa il detto ser Michele / di  
 ser Aldobrando di ser Albizo. La detta terra è posta nel / popolo di San Piero a Ponti, 30  
 luogho detto Giuncheto, in sulla strada nu/ova, che dal j° strada nuova, a ij° \*\*\* , /

f. xviiij d'oro s. xlj d. vj pi.

c.xliij r

Mccclxij

┐ Tomaso d'Allessandro Sasetti de' dare, di xx di dicenbre / anno 1362, ebe da me  
 chontanti in sua mano f. cento d'oro, /

f. c d'oro.

E de' dare, di x d'aprile 1364, che ·cci volle donare per / lui Paolo Sasetti f. sei d'oro s. 5  
 sei d. j ff., /

f. vj d'oro s. vj d. j ff.

Àanne dato, di xxij di febraio 1362, diede per me alla tavola, / chome apare a mia  
 ragione al quaderno del .A. a carta 110, f. cinquanta d'oro, /

f. l d'oro.

<sup>120</sup> xviiij: escrito na entrelinha superior



Ànne dato, di x d'aprile 1364, per lui Paolo d'Allessan/dro Sasetti: ponemo debia dare  
 inanzi a sua ragione / a carta 48 f. cinquantasei d'oro s. sei d. uno ff., / 10  
 f. lvj d'oro s. vj d. j ff.┘

---

┐ Migliorato di Salinbe<sup>121</sup> da Sa Moro de' dare, di \*\*\* / di dicenbre 1362<sup>122</sup>: ebe  
 chontanti f. venti d'oro, chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno del .A. a carta  
 \*\*\*. /  
 À paghato. ┘

---

┐ Tommaso di Mari Trincianelli de' dare, di xxij di gennaio 1362: / ebe Trincia per 15  
 panno per la Chaterina sua serochia f. sei d'oro. / Sono scritti a mia ragione alla tavola al  
 quaderno .A. a carta 48, /  
 f. vj d'oro.

E de' dare, di xxvj di giugno 1363 per lui a Albizo di Mari / per lo mortorio della sua  
 fanciulla, portò Braccino di Mari / f. due d'oro, scritti a mia ragione al quaderno del A a 20  
 carta 78, /

f. ij d'oro.  
 E de' dare, di iiij di luglio 1363, per lui a Braccino Trincianelli, / per parte del mortorio  
 della Chaterina loro serochia, f. cin/que d'oro, scritti a mia ragione alla tavola al quaderno  
 .B. a carta x, /

f. v d'oro.  
 E de' dare, di xij di luglio 1363, per lui a Braccino di Mari per ghabella / del lascio, che 25  
 fecie loro Arigho di Tici e per parte del mortorio / della detta Chaterina, f. quaranta d'oro,  
 scritti a mia ragione al / detto quaderno e carta. Ed òne carta di fitto di f. 50 d'oro da  
 Bracino / e mallevadore Leonardo di messer Giovanni, per mano di ser Nicholò di ser  
 Ciuto, /

f. xl d'oro.  
 Ànne dato, di iiij d'aprile 1364, per lui Albizo e Braccino / di Mari e per loro Leonardo 30  
 di messer Giovanni, f. quarantasette d'oro, /  
 f. xlvij d'oro.

Ànne dato, questo dì, per lui Braccino di Mari f. sei d'oro, /

---

<sup>121</sup> *Migliorato di Salimbe*: evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>122</sup> 1362: acrescentado na entrelinha superior

f. v j d'oro. ↴

c.xliij v

Mccclxij

┐ Antonio Guardi e Giovani d'Arrigho tavolieri deo/no dare, di viiij di luglio 1363, f. centosesantuno / d'oro s. cinque a oro. Furono per f. 150 d'oro: ne demo chon/tanti, di viiij 5  
di gennaio 1362, a Bernardo Ciufagni, /

f. clxj d'oro s. v a oro.

Ànnonne dato, di xiiij di luglio 1363, avemo chontanti / f. venti d'oro. Rechò Leonardo Bartolini, /

f. xx d'oro.

Ànnonne dato, di detto, ebi, chome apare a mia ragione / alla tavola al quaderno ,B, a carta 88. Rechò Tobia, /

f. cxlj d'oro s. v a oro. ↴

┐ Trincia Trincianelli de' avere, di xx di dicenbre 1362, / levai da sua ragione alla 10  
tavola, al quaderno del .L. a carta 234 / e puosigli a mia ragione al quaderno del .M. a carta  
47, f. cinquan/tatrè d'oro s. tre d. otto ff. I detti *danari* tengho per uno / deposito, feci per lui  
alla tavola al quaderno del .I., a carta 265, in / nome di ser Domenicho di ser Guido Pucci, 15  
che si debono dare chon / certi modi e chondizioni <sup>123</sup> a monna Chaterina, moglie che ·ffu /  
di Primerano Trincianelli, e Trincia detto ne feci debitore / al detto quaderno a carta 140, /

f. liij d'oro s. viij d. iiij pi.

Ànne àuto, di xx d'ottobre anni 1365, ponemo abia / dato ove dovea dare alla tavola al 20  
quaderno del .I. / a carta 140, fatto nel 1358, f. cinquantatrè d'oro / s. otto d. iiij pi. e  
dieronsi a monna Chaterina, moglie / che ·ffu di Primerano Trincianelli, chome apare / a  
mia ragione alla tavola, al quaderno del .D. a carta lxx / e cancellai il sopradetto deposito, 25  
fatto in nome / di ser Domenicho di ser Guido, procuratore della Chaterina / di Mari, che si  
doveano dare alla detta monna / Chaterina di Primerano, chome apare al detto / quaderno  
del .I. a carta 265. E chosì demo chome detto e e' / fecie fine della dota sua e a ·mme del 30  
detto di/posito. Carta per mano di ser Domenicho di ser Guido Pucci, /

f. liij d'oro s. viij d. iiij pi. ↴

---

<sup>123</sup> Evidenciado por *manicula* na margem externa

c.xliiij<sup>o</sup> r

Mcccclxij

┐ Ser Lodovicho di ser Alesso e gli altri chalonaci di Santo An/drea a Mosciano deono dare, di j di febraio 1362, pre/stai loro chontanti, chome apare alla tavola al quaderno del .A. / a carta liiij, f. cento d'oro e lb. tre pi.<sup>124</sup>

5

f. c d'oro s. xxvj d. vj ff.

E per questa chagione, questo di chondussi da ·lloro a ·ffitto / uno podere, posto nel popolo di San Bartolo a Grieve, luogho / detto Trespaldi e uno podere, posto nel popolo della pieve / a Settimo, a ·llato a Vinghone, per tenpo di v anni chominciati / questo di di sopra, per fitto di f. cento d'oro, il quale fitto chon/fessarono da ·mme e feciomene fine. Carta per mano di / ser Filippo di ser Albizo.

10

E poi, di xj di febraio 1362, alloghai il detto primo podere a Pi/ero di Naccio, lavoratore del detto podere, per fitto di sei / mogia di grano l'anno e per lo detto tenpo di v anni, a pagha/re ogn'anno del mese d'aghosto.

15

E detto di alloghai il detto altro podere a Dino di Lapino Ba/zalla, lavoratore del detto podere, per altrettanto fitto e tenpo e modo.

Fuommi mallevadori de' detti fittaiuoli Guido e Berto Trin/cianeli e Braccino di Mari Trincianelli. Carta per lo detto ser Filippo. /

20

E deono dare, di xx d'aprile 1363, ebono chontanti, portò ser / Domenicho chalonacho da Mosciano, chome apare a mia / ragione alla tavola al quaderno .A. a carta liiij, f. venti d'oro, /

f. xx d'oro.

E deono dare, di xxviiij d'aprile 1363, ebono per lo piato da pa/lagio ch'eglino aveano chol popolo di San Giorgio f. otto d'oro. / Portò Berto Trincianelli, chome apare a mia ragione al detto quaderno e carta, /

25

f. viij d'oro.

E de' dare, di xxiiij d'ottobre 1363, ebe per me da Pa/olo Sasetti: ponemo abia dato inanzi a carta 48, /

f. xxx d'oro.

E de' dare, di xvj di gennaio 1363, per lui a Guido e Braccino / Trincianelli, per pagare

30

<sup>124</sup> Paragrafo evidenziado por *manicula* na margem interna

la chondanagione del fatto / della quistione da San Giorgio f. trentuno d'oro, /

f. xxxj d'oro. /

Somma f. clxxxx d'oro.

Ànne dato, ponemo abia àuto a carta l, f. xxviiij d'oro s. xv a oro, /

f. xxviiij d'oro s. xv a oro.

Resta a dare f. clxj d'oro d'oro s. v a oro.

E de' dare, di vij d'aprile 1365, che cci donò segnati e be/nedetti f. xxxviiij d'oro s. xv a 35  
oro e lasciamoli di / quel che montava la ragione di patto fatto f. xxxj d'oro, /

f. xxxviiij d'oro s. xv a oro.

Ànne dato, di vij d'aprile 1365, per lui da Piero di Bonaventura Richoveri, f. dugento  
d'oro, scritti a mia ragione alla / tavola a libro Nero a carta 151, posti inanzi a carta 57, / 40

f. cc d'oro.

Fecili fine ed egli a me, di 7 d'aprile 1365. Carta per ser Matteo da Bologna.<sup>125</sup> J

c.xliiij v

Mccclxij

¶ Smeraldo di Stroza degli Strozi de' dare, di xx di marzo / anno detto, diedi per lui a  
Maghaghio di Gentile da / Premalchuore f. cento d'oro. De'ne dare per di qui / a di j di 5  
luglio 1363, f. cvj d'oro e mezo ~~ab~~. Ònne una / scritta di sua mano, /

f. cvj d'oro s. x a oro.

E de' dare, di iij di novembre 1363, per dono de' detti / *danari*, f. sette d'oro s. sedici a  
oro, /

f. vij d'oro s. xvj a oro.

Somma f. cxiiij d'oro s. vj a oro.

Ànne dato, di iij di novembre 1363, avemo chon/tanti, rechò Agnolo d'Antonio Manfredi 10  
f. centoquattordici d'oro s. sei a oro,

f. cxiiij d'oro s. vj a oro. J

¶ Monna Mattea di Zanobi del Benino de' avere: levai / da sua ragione dal quaderno del  
.L. a carta 213<sup>126</sup> alla tavola e puosi a mia ragione / al quaderno del .M. a carta 204 f. otto 15  
d'oro s. xv d. v ff., /

<sup>125</sup> *Fecili ... Bologna*: acrescentado na margem interna

f. viij d'oro s. xv d. v ff.

Ànne àuto, di xxiiij d'aprile '363:<sup>127</sup> ebe chontanti lb. dieci pi. per pa/ghare pigione e altre chose, chome apare a mia ragione / alla tavola al quaderno del ..A, a carta 63, /

f. iij oro d. viij ff.

Ànne àuto, di xx di gennaio 1363, per lei a Domenicho di Filippo / ritagliatore per panno per Nanni suo figliuolo lb. tre ff., chome / apare a mia ragione alla tavola al quaderno .B. a carta 42, /

f. ij d'oro s. ij ff.

Ànne àuto, di xxij di marzo 1364, per lei a Vanuccio / d'Arrigho per braccia viij di chupo, che levamo da 'llui / per uno mantello per lei, f. viij d'oro s. xxiiij<sup>o</sup> ff. e / per cimatura s. iij d. j ff., /

f. viij d'oro s. xxvij d. j ff.

Resta a dare f. v d'oro d. xiiij d. iij ff.

Posto debia dare inanzi a carta lvij,

f. v d'oro s. xiiij d. iij ff. ↯

c.xlv r ~~xliij~~

Mccclxiiij

¶ Il Chomune di Firenze de' dare, di viij di maggio, che pre/stamo per la prestanza de' f. l<sup>M</sup> d'oro, fatta d'aprile,<sup>128</sup> chiamata la quinta prestanza, / f. otto d'oro, i quali ànno asegnati in sul Monte nuovo e dèboli / meritare a ragione di xv per C. Paghai a Taddeo di Bencivenni, /

f. viij d'oro.

E de' dare: questo di paghai della detta prestanza per Nofrio di / ser Giovanni, per animo di riavere dal Chomune, f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

E de' dare, di xxiiij di maggio, per la sesta prestanza di f. l<sup>M</sup> / fatta del mese di magio. Paghai a Taddeo di Bencivenni / Bonsostegni predetto, scritti a mia ragione alla tavola, al quaderno .A., carta 78, /

<sup>126</sup> a carta 213: acrescentado na margem externa, com sinal de chamada

<sup>127</sup> '363: acrescentado na entrelinha superior

<sup>128</sup> fatta d'aprile: acrescentado na entrelinha superior

f. viij d'oro.

E de' dare questo dì della detta prestanza per Nofrio, per animo di riavere dal Chomune,  
f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

E de' dare, dì iij di giugno 1363, paghai per Leonardo di messer / Giovanni degli Strozi  
la sesta prestanza de' miei propi / *danari*, per animo di riavere dal Chomune, f. quaranta 15  
d'oro, / nel ghonfalone de' Leone Rosso a libro a carta 38, /

f. xl d'oro.

E de' dare, dì xv di luglio '363, paghai la prestanza sesta<sup>129</sup> per Giovanni / Charini e per  
residuo f. tre d'oro s.vj a oro, per animo di riavere, /

f. iij d'oro s. vj a oro.

E de' dare, questo dì paghai per me e per Nofrio per lo residuo / de' *danari* perduti nel 20  
ghonfalone a s. ij per lb., scritti a mia ragione a carta xj, /

f. j d'oro s. ij a oro.

E de' dare, dì vij d'aghosto 1363, per la settima prestanza di f. l<sup>M</sup> / d'oro fatta del mese di  
luglio, f. otto d'oro, scritti a mia / ragione a carta xj alla tavola al quaderno .B., /

f. viij d'oro.

E de' dare, questo dì paghai la detta prestanza per Nofrio per ani/mo di riavere, scritti a 25  
mia ragione al detto quaderno, /

f. iij d'oro.

E de' dare, dì xxvij d'aghosto 1363, paghai per f. xvj d'oro, / che mi fu inposto della  
ottava<sup>130</sup> prestanza di f. C<sup>M</sup> d'oro a s. xx per *fiorino* / a nonne riavere lb. xvj pi. e per  
Nofrio di ser Giovanni, / per f. vj d'oro della detta prestanza a s. xx per f., lb. vj pi., /

\*\*\*.

E de' dare, dì xv di novembre 1363, per la nona prestanza / di f. l<sup>M</sup> d'oro, fatta del detto 30  
mese di novembre: eramene inposto f. 10  $\frac{1}{4}$ , paghai alla vechia per lo bando, ch'andò / chi  
paghasse infra certo termine, potesse paghare / a qualunque prestanza e' volesse. Paghai a  
Domenicho / Cianpelli f. otto d'oro, / 35

f. viij d'oro.

E de' dare, questo dì paghai per Nofrio della detta prestanza / al simile modo, che n'avea

<sup>129</sup> *sesta*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>130</sup> *ottava*: acrescentado na margem interna

4  $\frac{1}{4}$ , paghai f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

Somma f. lxxxviiij d'oro s. viij a oro

Posto debia dare inanzi a carta l. ↴

c.xlv v

Mcccclxiij

┐ Leonardo di messer Giovanni degli Strozi de' dare, di iij / di giugno 1363, per f. 40  
d'oro della sesta prestanza, che / paghai per lui, che fu pregio s. xxij il f., monta, /

f. xiiij d'oro s. viiiij d. viiiij ff.

À Anne dato, di ij di dicembre 1363, diè per me alla / tavola, chome apare a mia ragione al 5  
quaderno .B. a carta / xxxv, f. tredici d'oro s. nove d. otto ff. /

f. xiiij d'oros s. viiiij d. viij ff. ↴

---

┐ Bello di Giovanni da Chanpi de' dare, / paghai per lui a Domenicho di Filippo Chorsi  
per panno lb. iiij, /

lb. iiij pi.

E de' dare, di xij d'aghosto 1363, presta'li chontanti f. / due / d'oro: volle per dare a 10  
Martino di Michele per lo charro, /

f. ij d'oro.

E de' dare, di xxvj di settenbre 1363, ebe s. dieci pi., /

s. x pi.

E de' dare, ché gli prestò monna Bella staia ij di grano, /

staia ij di grano.

Facemone ragione insieme e chapitossi. ↴

---

┐ Richordanza che a di x di giugno 1363 naque Ba/stiano mio figliuolo e volleselo 15  
messer Domenedio a di xiiij / del detto mese e anno per la maladetta mortalità. / Lodato sia  
Idio e ringraziato di ciò che ci fa. ↴

c.xlvj r

## Mccclxiiij

Γ Guido e Ceccho del Chiaro da Settimo miei lavoratori / deono dare, di xx di giugno  
1363, ebono chontanti, / portò Ceccho detto f. due d'oro, disse gli voleano per / mettere 5  
huomini a fare seghare, ch'era malato Guido, /

f. ij d'oro.

E de' dare, di xxviiiij d'aghosto 1363, ebe chontanti, disse / voleano chonperare un tino,  
f. due d'oro. Portò e' medesimo, /

f. ij d'oro.

E de' dare, di xviiij di settenbre 1363, ebono per ghabella di / chogna quattro e some una  
di vino, ch'ebi da ·lloro, /

lb. x s. [...] pi.

E de' dare, di settenbre 1364, ebe per vettura e ghabella di / chogna sei di vino, ch'ebi da 10  
·llui tra più volte, /

lb. xxij pi.

E de' dare, di v d'ottobre anno detto, ebe in sua mano, /

f. j d'oro.

À paghato di questa ragione, diemene vino.┘

---

Richordanza che nell'anno 1362 facemo chon/pagnia<sup>131</sup> insieme alla tavola Giovanni di 15  
Lu/igi de' Mozi, Leonardo Bartolini e Nicholò di Pa/gnozo Tornaquinci. E chominciamo a  
di v<sup>132</sup> di giugno / 1362 e misse il detto Giovanni per suo chorpo di / chonpania f. 1600  
d'oro e io Leonardo ne missi per / mio chorpo f. 800 d'oro e Nicholò predetto ne misse / f. 20  
800 d'oro e dovemo trarre chatuno per terzo / di ciò che Dio ne choncedesse, chome per lo  
nostro li/bretto Segreto aparisce in charta di pechora e io / l'ò nel mio chassone. E bastò la  
detta chonpania / infino a di xiiij di marzo 1364 e di chonchordia / se n'uscì il detto 25  
Giovanni di Luigi, perché n'avea / tratti i *danari* che avea nella detta chonpania per suoi  
bi/sogni, chome apare al detto libro Segreto.

E il detto di ci rimanemo chonpagni insieme io Leonardo predetto / e il detto Nicholò, e 30  
seguimo la detta chonpania e bastò infino a di xx / d'aprile 1367 e allora ci partimo, chome  
apare a libro nostro Nero / .B. a carta 249 a mia ragione e a ragione di Nicholò a carta 250.  
E a di 21 d'ottobre / 1367 facemo piuvichare per l'Arte del Chanbio la detta divisa e

---

<sup>131</sup> *facemo chompagnia*: evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>132</sup> v: sovrapposto a j



partenza / e facemolo scrivere all'Arte. Carta per ser Neri Chelli da Monterapoli loro notaio.

c.xlvj v

Mccclxiiij

┐ Ser Lodovicho, priore della chalonacha a Mosciano, / de' dare, di xx di settenbre 1363, ebe per ghabella e vettura / di due chogna di vino, ch'ebi da ·llui lb. otto pi. Portò / 5 ser Domenicho chalonacho di Mosciano, scritte qui a piè, /

lb. viij pi.

E de' dare, di xvj di febraio '363<sup>133</sup>: ebe per ghabella di orcia dieci / d'olio, chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno / .B. a carta 52, lb. dieci pi. Portò ser Domenicho prete, /

lb. x pi.

E de' dare, di xxij di febraio 1363, per lui a Nicholaio da Mosci/ano per ghabella e 10 vettura di ij chataste di legne, lb. iiij<sup>o</sup> s. xj, /

lb. iiij s. xj pi.

E de' dare, di j di marzo 1363, ponemo debia avere in/nanzi a carta l, f. dieci d'oro, /

f. x d'oro.

E de' dare, ponemo debia avere innanzi a carta l, / f. otto d'oro s. cinquanta pi., /

f. viij d'oro s. l pi.

Ànne dato, di j d'ottobre 1363, posto a Firenze chogna due di vino, / 15

f. iiij d'oro e lb. x s. x pi.

Ànne dato, di 22 di febraio '363, due chataste di legne, /

f. iiij d'oro e lb. iiij s. xj

Ànne dato, di j di marzo, in più volte, orcia dieci d'olio, / chontoccielo posto a Firenze f. j d'oro s. xx l'orcio, /

f. x d'oro e lb. x pi.

Somma f.xviij d'oro e lb.xxv s.j pi.<sup>l</sup>

---

┐ Giunta di Giovanni, popolo di San Piero a Ponti da Chanpi mio / lavoratore, mi de' 20 dare, di xxv di settenbre, ebe per chon/perare un paio di buoi f. quindici d'oro; èmene

---

<sup>133</sup> '363: acrescentado na entrelinha inferior, na superior aparece outro '363, riscado,

tenu/to il Belluccio suo fratello e sono a 'lloro rischio, /

f. xv d'oro

Fecemi carta de' detti buoi per istima di f. xv d'oro / a salvo chapitale. Carta per mano di ser Nicholò di / ser Ugholino, a dì xxvij di novembre 1363. Chostò s. v. /

s. v

E de' dare, dì xxij di giugno 1364, ebe chontanti f. due / d'oro: disse gli volea per mettere opere a fare se/ghare, scritti a mia ragione alla tavola al quaderno .C., carta 24, /

f. ij d'oro.

Abbiamo da poi fatta ragione insieme e siamo paghati. ↵

30

c.xlvij r

Mccclxiiij

¶ Filippo di Biagio degli Strozi de' dare, dì v d'ottobre '363, / ebe chontanti f[.] f. nove d'oro per prestare a Stagio / di messer Leonardo Strozi, /

f. viiij d'oro.

Ànne dato, dì \*\*\* d'aprile 1364, avemo chontanti / f. nove d'oro, /

5

f. viiij d'oro. ↵

---

¶ Monna Nicholosa,<sup>134</sup> moglie che ·ffu di Bartolo Foresi, de' dare, dì v d'ottobre 1363, de' quali feci uno diposito per lei / alla ghabella de' chontratti per lo lascio le fecie Bartolo, /

f. v d'oro s. xx pi..

E de' dare, dì xvj di novembre 1363, per fare achonciare / a' chontratti il detto diposito, ch'era in due partite: chostò \*\*\* /

\*\*\* s. x pi.

E de' dare, dì xxiiij di marzo 1363, ebe per ghabella di ij orcia d'olio, /

\*\*\* s. xl pi.

E de' dare, dì x d'aprile 1364, ebe per ghabella di ij orcia d'olio,

\*\*\* s. xl pi.

E de' dare, dì xxiiij di dicenbre, chome apare a mia ragione alla ta/vola, al quaderno .E. a carta 68, per piatire cho· Nicholò di Cione Fini, /

---

<sup>134</sup> *Monna Nicholosa*: evidenciado por *manicula* na margem interna

f. ij d'oro s. xxv pi.

Ànne dato tra due volte, chome scritto di sopra per ghabella per / orcia quattro d'olio, delle quali volle donarmi, le diè per gu<i>derdone de' *danari* che debo avere da Bartolo suo marito, che /ffu, per questo anno, siché metto il pregio pure alla due / e vuolsene 20 sbattere la ghabella delle dette due che mi donò, /

f. ij d'oro e lb .iiij.

Ànne dato, ponemo debia dare inanzi a carta lx / f. cinque d'oro s. cinquantacinque pi.,/

f. v d'oro e lb. ij s. xv pi. ↴

---

┐ Feci uno diposito a' chontratti, di v d'ottobre 1363, a / Ghuccio di Dino Ghucci chamarlingho e per lui v'era Dino / di Bianchardo Masini, per ghabella del lascio feci<e> 25 Giovanni / a mme e <a> Andrea mio e a Simone di Geri Ghondi, tra due / volte di f. tre d'oro s. xv a oro, /

f. iij d'oro s. xv a oro.

Fecilo achonciare a piè della detta ghabella. ↴

c.xlvij v

Mccclxiiij

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xvj d'ottobre, pa/ghai a Domenicho Cianpelli, chamarlingho allora per / lo quartiere di S<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Novella, d'una prestanza di f. xij<sup>M</sup> d'oro, / che me ne fu inposta a me e a Simone di Benedetto / f. dieci d'oro. Tochamene f. cinque 5 d'oro, /

f. v d'oro.

E de' dare, di xv di nov\*\*\*

Ànne dato, di xv di novembre 1363, riavemo, Simone / e io Leonardo, dal detto Domenicho Cianpelli chamar/lingho sopradetto, i detti f. dieci d'oro. Tochèonne a me, / 10

f. v d'oro. ↴

---

Richordanza che a di \*\*\* d'ottobre 1363 ~~io Le~~ / Simone di Benedetto di Simone Gherardi prese / la chureria di Cristofano suo fratello dinanzi / a messer Luigi Gianfigliazi, e io Leonardo gli en/traì mallevadore. Carta per mano di ser Nicholò di / ser Ugholino. / 15

Poi di maggio 1367 io Leonardo, loro arbitro, / gli divisi di chonchordia. Charta per

mano del detto / ser Nicholò di ser Ugholino.

c.xlviiij r

Mcccclxiij

┐ Paolo d'Allessandro Sasetti de' dare, di xviiiij d'o/ttobre 1363, ebe per me da Simone di Geri Ghondi, / ponemo abia dato di qua a carta 33 f. quaran/tasette d'oro s. dieci a oro, / 5  
f. xlvij d'oro s. x a oro.

E de' dare, questo di ebe per me da Piero di Neri. Ponemo / abia dato di qua a carta xlij f. venticinque d'oro, /

f. xxv d'oro.

E de' dare, di iij di novembre 1363, ebe chontanti / da 'mme in sugello f. centocinquantotto d'oro s. dieci a oro, /

f. clviiij d'oro s. x a oro.

E de' dare, per avanzo duno chanbio, che fece per me, / 10

f. ij d'oro s. iiij ff

E de' dare, per avanzo d'un chanbio, che fece per me, /

f. iij d'oro s. iiij ff.

E de' dare, di x d'aprile 1364, per lui a Tommaso d'Alle/ssandro, ponemo abia dato di qua a carta 43, f. cin/quantasei d'oro s. sei d.j ff., /

f. lvj d'oro s. vj d. j ff.

Somma f. cclxxxxij d'oro s. viiiij d. v ff. 15

Ànne dato, di xxiiij d'ottobre 1363 per me a ser Lodovicho / priore di Mosciano, ponemo debia dare a sua / ragione di qua a carta 44, f. trenta d'oro, chome / apare al quaderno suo alla tavola al quaderno .A. a carta 129, /

f. xxx d'oro.

Ànne dato, per danno d'uno chanbio che fece per me / e senserie, s. viiiij d. v ff., 20

s. viiiij d. v ff.

Ànne dato, di x d'aprile, avemo chontanti / f. dugentosesantadue d'oro in sugello, /

f. cclxij d'oro.

Somma f. cclxxxxij d'oro s. viiiij d. v ff. ┘

c.xlviii v

Mccclxiiij

¶ Richordanza che a dì iiij di novembre 1363 io Leonardo richondussi da/gli Ufficiali della Torre il chiasso da ·llato a chasa mia a pigione per / due anni, chominciati di 7 di febraio 1363, per s. xv l'ano. Carta per mano / di ser Bonagiunta di ser Francescho, a 5 registro  $\frac{1}{5}$  a carta 75. E paghai allora / per infino al detto dì vij di febraio 1363 al detto ser Bonagiunta.<sup>135</sup>

A dì vij di febraio 1364 paghai la pigione del detto / chiasso per tutto il tenpo de' detti due anni a ser Francescho / di ser Giovanni. Carta per ser Lucha da Chastel San Giovanni. E/d ebono s. 5 per lo paghamento e s. 30 per la pigione a registro /  $\frac{1}{5}$  a carta 126, / 10 lb. ij e s. x pi.

Richordanza che a dì 12 d'aghosto 1366 io Leonardo chon/perai il detto chiasso, chome apare inanzi a carta 59. E poi / a dì 17 di febraio 1366 paghai la pigione del detto chiasso / per mesi vj e dì v, cioè da dì 7 di febraio 1365 infino a dì 12 / d'aghosto 1366, che 'l chonperai, che montò s. 7 d. 8 pi. Era chamar/lingho Ubaldino Fastelli e feci achonciare in 15 su tutti i re/gistri della Torre chom'io l'avea chonperato. Eravi notaio / ser Nicholò di ser Zanobi Paoni, a chui io diedi s. x per achonciatura.<sup>136</sup>¶

¶ ~~Giunta~~<sup>137</sup> Tomaso di Iachopo ferravechio de' dare, di iiij di novembre / 1363, paghai per lui alla tavola nostra, chome apare / ~~al che~~ al quaderno del .L. a carta 73 del chonto che 20 tenea Leonardo e / posti a mia ragione al quaderno del .M. a carta 49, f. undici d'oro./ Abianne una sentenza dall'Arte de' Feravechi di f. xxv d'oro,<sup>138</sup>

f. xj d'oro.

E de' dare, di xij d'aprile 1364, per la presura e per lo diritto, / quando il feci pigliare lb. 25 cinque pi., /

f. j d'oro s. xv ff.

Ànne dato, di magio 1364, ebi per lui da Ricciardo di Benozo / tra due volte, chome apare a mia ragione alla tavola / al quaderno .C. a carta xij, f. sette d'oro, /

<sup>135</sup> Parágrafo evidenciado por manícula na margem externa

<sup>136</sup> *Era chamarlingo ... achonciatura*: evidenciado por manícula na margem interna, e por quatro sinais de duas pequenas linhas paralelas, dois em cada margem

<sup>137</sup> ~~Giunta~~: escrito na entrelinha superior

<sup>138</sup> *Abianne ... d'oro*: evidenciado por manícula na margem externa

f. vij d'oro.

Ànne dato, di xvij d'ottobre 1364, per lui da Francescho di / Geri da Prato, f. cinque  
d'oro, /

30

f. v d'oro.

c.xlviiiij r

Mccclxiij

Bernardo da Quintolo lavoratore che ffu della Mattea / di Zanobi del Benino de' dare, di  
iiij di novembre 1363, pa/ghai per lui alla tavola, chome apare al quaderno del .L. a carta  
75, /

f. j d'oro

Piero Bernardi bastiere de' dare, di iiij di novembre 1363: / paghai per lui alla tavola, 5  
chome apare al quaderno del .L. a carta 78, /

f. j d'oro s. xxij d. xxj ff.

┐ Taddeo di Chantino degli Agli de' dare, di iiij di novembre / 1363, paghai per lui alla  
tavola, chome apare al quaderno del / .L. a carta 15, f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

Ànne dato, di xxvj d'aghosto 1367, chome apare a / mia ragione alla tavola al quaderno 10  
Grosso .A. a carta 153,

f. iij d'oro.┐

c.xlviiiij v

Mccclxiij

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di iiij di novembre / 1363, levamo ove dovea dare di  
qua a carta xlj, /

f. xxviiij d'oro.

E de' dare, questo di levamo ove dovea dare di qua / a carta xlv, /

5

f. lxxxviiij d'oro s. viij a oro.

E de' dare, di viiiij° di febraio 1363, per la decima prestanza / di f. l<sup>M</sup> d'oro, chome apare

a mia ragione ala tavola al quaderno .B., carta 52, /

f. x d'oro s. v a oro.

E de' dare, di xxvii<sup>o</sup> di febraio 1363, per ghabella di chogna vij / e mezo di vino a lb.3 il chogno, che fu posto in città,/ lb. xxij s. x pi. 10

E de' dare, di xviii<sup>o</sup> di marzo 1363, per la undecima pre/stanza di f. l<sup>M</sup> d'oro, che n' avea f. x  $\frac{1}{4}$ , paghai la metà / / a no<sup>r</sup> riavere, perché dicea chosì l'ordine chi volea paghare, paghai f. v d'oro e  $\frac{1}{8}$ ,

E de' dare, di v d'aprile 1364, per la prestanza 12<sup>139</sup> di f. lxxv<sup>M</sup>, / che me ne tochava f. 15 xv  $\frac{3}{8}$ . Paghai la metà a non ria/vere f. vij d'oro s. xiiij d. viiij a oro,

E de' dare, di vij di giugno 1364, per la tredecima pre/stanza di f. l<sup>M</sup> d'oro fatta del mese d'aprile, che / me ne tochava f. x  $\frac{1}{4}$ . Paghai la metà a non ria/vere, che si poteva chosì 20 paghare, f. v d'oro s. ij d. vj a oro, /

E de' dare, di iij di luglio 1364, per la prima prestanza fa/tta del mese di luglio detto di f. 94<sup>M</sup>, f. xx  $\frac{1}{2}$  d'oro, /

f. xx d'oro s. x a oro.

E de' dare, di xxvj di luglio 1364, per la sechonda prestanza / di luglio detto di f. 94<sup>M</sup>, f. 25 venti d'oro s. x a oro,

f. xx d'oro s. x a oro.

E de' dare, di v di settenbre '364<sup>140</sup> per la prestanza di f. 94<sup>M</sup> / fatta del mese d'aghosto 1364, f. xx d'oro s. x a oro,

f. xx d'oro s. x a oro.

E de' dare, di v di novembre 1365, chonperai da messer Donato / degli Adimari f. cxlj d'oro, nel Monte dell'uno tre, per / f. 47 d'oro della sesta prestanza, che paghai per lui a di / 30 ij di giugno 1363 in mio nome, che gliel' prestai / e puosonsi a sua ragione a libro Grande Bianco a carta 86 / e pagha'lo chome apare a mia ragione al quaderno della tavola / .D. a carta 72. Chostorono f. 38 d'oro  $\frac{3}{4}$  a 27  $\frac{1}{2}$  per C., /

f. xlvij d'oro.

Somma f. 224 d'oro s. 18 a oro dell'uno tre e *fiorini* x  $\frac{1}{4}$  dell'uno due. 35

Posti inanzi a carta lij. ┘

<sup>139</sup> 12: acrescentado na margem externa

<sup>140</sup> '364: acrescentado na entrelinha superior

c.l r

Mccclxiiij

Iachopo di Sogliano de' dare, di viiij di dicenbre, ebe / chontanti f. due d'oro. Apare alla  
tavola a mia / ragione al quaderno .B. a carta xxxv f. due d'oro, /

f. ij d'oro.

Ànne dato d'aprile 1364 uno orcio d'olio. Valse /

5

f. j d'oro s. xxv pi.

---

¶ Ser Lodovicho priore della chalonacha di Santo Andrea / a Mosciano de' avere, di xj  
di dicenbre 1363, avemo chontanti / f. cinque d'oro, rechò ser Tommaso, e uno mogio di  
grano, il / quale ci chontò f. cinque d'oro. Somma in tutto /

f. x d'oro.

E de' avere, di j di marzo 1363, ponemo dovesse dare di qua / a carta 47 f. dieci d'oro. 10  
Furono per x orcia d'olio e paghai la ghabella, /

f. x d'oro.

E de' avere, ponemo dovesse dare di qua a carta 47 / f. otto d'oro s. cinquanta pi., /

f. viiij d'oro s. xv a oro.

Somma f.xxviiij d'oro s. xv a oro.

Ànne àuto, ponemo abia dato di qua a carta xliiij / f. ventotto d'oro s. quindici a oro, / 15  
f. xxviiij d'oro s. xv a oro.⌋

c.l v

1364

Uno paio di forzieri deono dare, di viiij d'aprile / anni 1364, chonpera'li da Bernardo di  
Lotto chofanaio, / chostorono chol forzerino f. xij d'oro s.xl pi. / I detti forzieri donai alla 5  
Chaponana, figliuola / che ffu di Luigi de' Mozi e moglie di Lodovicho / di messer Bindo  
Biligiardi, però ch'è mia figlioccia,<sup>141</sup>

f. xij d'oro s. xl pi.

---

<sup>141</sup> Però ... figlioccia: evidenciado por *manicula* na margem interna



Richordanza che a dì xxvj di giugno 1364 Nofrio / di ser Giovanni da Lanciolina mi  
fece fine della / tuteria, ch' io era stato suo tutore e anche mi fece / suo procuratore, 10  
perché dovea andare e andò a / Vignone per li Guardi. D'ogni chosa fece charta / ser  
Domenicho di ser Guido Pucci. Ò la fine chonpiuta.<sup>142</sup>

E partì di Firenze il detto Nofri, per andare a Vignone / per li Guardi ~~a dì~~ giovedì a dì 4 15  
di luglio 1364. In buona ora sia.

c.lj r

Mccclxiiij

Γ Giovanni di Maso Manovelli de' dare, di xxvj d'ottobre 1364, promettemo per lui a  
ser Bonavere Iachopi per / parte della dota di monna Maria, figliuola del detto Giovanni / e 5  
moglie del detto ser Bonavere. E per lo detto ser Bonavere / gli promettemo a Piero di  
Geppo Orlandini ~~da oggi~~, di j di / maggio anni mcccclxv, ~~f. dug~~ f. centosesanta d'oro.  
/Ponemo ~~d~~ che 'l detto Piero debia avere qui a piè, /

f. clx d'oro.

Ànne dato, di xxiiij di dicembre 1364, chome apare a sua ragione / alla tavola a 10  
quaderno .C. a carta 151 f[...] f. sesanta d'oro, /

f. lx d'oro.

Ànne dato, di xij di maggio 1365, chome apare a sua / ragione alla tavola al quaderno  
.D. a carta cxiiij, f. cento d'oro, /

f. c d'oro.┘

---

Γ Piero di Geppo Orlandini de' avere, di j di magio anni / milletrecentosesantacinque,  
promettemoli per ser Bona/vere Iachopi, e a ser Bonavere per Giovanni di Maso 15  
Ma/novelli ponemo debia dare qui di sopra f. centosesanta d'oro, /

f. clx d'oro.

Ànne aùto, di xxiiij di dicembre 1364, ebe chontanti, chome / apare alla tavola nostra al  
quaderno .C. a carta clj a ragione / di Giovanni di Maso, ove dovea avere f. cento d'oro,  
che dice ànne / aùto di 24 di dicembre per lui a Leonardo Bartolini e per Leonardo / a Piero 20  
Geppi, portò Antonio di Rugieri f. sesanta d'oro, /

f. lx d'oro.

---

<sup>142</sup> Parágrafo evidenciado por manícula na margem interna

Ànne àuto, di xij di maggio 1365, ebe per me da Giovanni / di Maso e per Giovanni di  
Maso ebe dalla tavola nostra. Portò / Lorenzo di messer Barna, chome apare alla tavola  
nostra al / quaderno .D. a carta cxijj, f.cento d'oro, posto che Giovanni abia dato / qui di 25  
sopra, /

f. c d'oro. ↵

c.lj v

Mccclxiij

┐ Richordanza che a di v di luglio 1364, chon buona ventura / possa essere e sia, naque  
la sechonda Lisa mia figliuola. Dio le dea / buona grazia e buona ventura, amen. ↵

---

┐ Demo a balia la detta Lisa, a di viij di luglio 1364, / a monna Bice, moglie d'Andrea / 5  
da Vicchio, pioviero di Ripoli, che sta ne'luogho che / fu di ser Bonaiuto Danze. De'ne  
avere il mese \*\*\*. 3 15 <sup>143</sup>

Chiamòlla a 'ssé il nostro Signore Giesò Xpo a di xj di magio 1365 / e paghamo la detta 10  
balia interamente. ↵

---

Il Comune di Firenze de' dare, levamo di / qua a carta .L. f. dieci d'oro s. v a oro,  
asegnati de'll'uno due, /

f. xx d'oro s. x a oro.

E de' dare, levamo del detto luogho f. ccxxiiij d'oro / s. xvij a oro, asegnati dell'uno tre, 15  
montano /

f. dclxxiiij d'oro s. xiiij a oro.

E de' dare, di 13 di luglio 1364, paghai per Nofrio di ser Giovanni per / la prima  
prestanza doppia, fatta del mese di luglio detto, / de' miei *danari* per animo di riavere f.  $8\frac{1}{2}$   
d'oro, /

f. xxv d'oro s. x a oro.

E de' dare, di 6 d'aghosto '364 ~~per~~ 1, paghai per lo detto Nofrio, per / la seconda 20  
prestanza doppia fatta del mese di luglio detto / al detto modo, de' miei *danari* f.  $8\frac{1}{2}$ , /

f. xxv d'oro s. x a oro.

---

<sup>143</sup> 3 15: acrescentado na margem externa

E de' dare, di 14 di settenbre '364, paghai per lo detto Nofrio / per / la terza prestanza  
doppia, fatta d'aghosto al detto modo, / f.  $8\frac{1}{2}$  d'oro, 25

f. xxv d'oro s. x a oro.

E de' dare, di 4 di dicenbre '364, per lo residuo delle prestanze / mie f. 7 d'oro s. 13 d. 10  
a oro, asegnati l'uno tre, /

f. xxij d'oro s. j d.vj a oro.

E de' dare, questo di paghai per lo residuo di Nofrio de' miei / *danari*, per animo di  
riavere, f. 3 d'oro s. j d. 4 a oro, /

f. viij d'oro s. iij a oro.

Ànne dato, di 22 di gennaio 1365, vendei a Iachopo di Bancho / f. 791 d'oro s. 4 d. 9 a 30  
oro delle prestanze dell'uno tre, chome apare / a mia ragione alla tavola a libro Grande  
Nero a carta 85, a ragione / di  $27\frac{2}{3}$  per C., f. 218 d'oro s. 25 d. 9 ff., /

f. dcclxxxj d'oro s. iij d. viij<sup>o</sup> a oro. /

Ànne dato, posti debia dare inanzi a carta lxiiij, /

f. xx d'oro s. x a oro dell'uno due.<sup>l</sup>

c.lij r

Mccclxiiij

¶ Nofrio di ser Giovanni da Lanciolina de' avere, infino<sup>144</sup> di xvij / di giugno 1364, f.  
sesanta d'oro della somma di f. 75 d'oro, cho/me apare alla tavola al quaderno .C. a carta  
110, /

f. lx d'oro.

E de' avere, di 14 d'aghosto 1364, per lui da Chonpagno da Lanciolina / per istaia v di 5  
grano di fitto del detto anno, s. cinquanta pi., /

s. xxij ff.

E de' avere, questo di avemo da Bartolo di Giovanni da San Donino / per le x staiora di  
terra, che llavora della sua, posta a San Donino, / luogho detto Chalcinaia, staia dieci di  
grano, valse netto / di ghabella lb. cinque pi. / 10

f. j s. xiiij d. vj ff.

E de' avere, avemo da Spinello da Legnaia e da Marcho di Guerio / per fitto dell'anno

<sup>144</sup> *infino*: acrescentado na entrelinha superio

1364, isbattutone il danno che fece loro / la gente de' Pisani, lb. ottanta pi.,<sup>145</sup> /

f. xxiiij d'oro.

E de' avere, avemo di pigione da Guido Benzi per la chasa da / San Firenze, per l'anno 15  
1364, f. dieci d'oro, /

f. x d'oro.

E de' avere, per pigione della chasa da Legnaia, che tiene Ale/sso di Turchio, per l'anno  
1364, f. cinque d'oro, /

f. v d'oro.

E de' avere per fitto de 'lluogho da Legnaia, avemo da Spinello / e da Marcho per l'anno  
1365 tra più volte lb. cvij s. viiij pi., /

f. xxxij d'oro s.vj d.x ff.

E de' avere, avemo da Guido Benzi per l'anno 1365, per pigione / della chasa sua da San 20  
Firenze, f.dieci d'oro, /

f. x d'oro.

E de' avere, avemo da Bartolo da San Donino per la terra da San Donino, / per l'anno  
1365, staia xij di grano a s. x lo staio netti di ghabella, /

f. j d'oro s. xxij d. iij ff.

E de' avere per pigione della chasa da Legnaia, per l'anno 1365, f. cinque d'oro, /

f. v d'oro.

E de' avere, ché rechai a 'mme le dette prestanze di sotto, / 25

f. xxv d'oro s. xvj ff.

Somma f. 175 d'oro s. 24 d. 7 ff.

Ànne àuto, di xij di luglio 1364, per la prima prestanza doppia / di luglio, detto dì, f.  
C<sup>M</sup> d'oro, che gli fu inposto f. viij s.xv ff. Paghai / in mio nome per animo di riavere, per  
potere andare per essi, /

f. viij d'oro s. xv ff.

Ànne àuto, di vj d'aghosto 1364, per la seconda prestanza di luglio doppia, / 30

f. viij d'oro s. xv ff.

Ànne àuto, di xiiij di settembre '364, per la prestanza doppia fatta / del mese d'aghosto  
passato f. viij d'oro s. xv ff., /

f. viij d'oro s. xv ff.

Ànne àuto, di xvij di novembre 1365, per resto di f.505, ci mandò a pa/ghare a Antonio

---

<sup>145</sup> Parágrafo evidenciado com *manicula* na margem interna

Guardi e chonpagni, e puosonsi a mia ragione alla tavola, / posto che lla tavola abia àuto 35  
 inanzi a carta 57, f. centocinque d'oro, /

f. cv d'oro.

Àanne àuto, di vij luglio 1367, per lui a' Chovoni per ghabella e vettura / d'una balla di  
 suoi panni lb. cinque s. xij d. viij pi., /

f. j d'oro s. xx d. vij ff.

Àanne àuto, di xx di settembre 1367, per lui a' Chovoni per ispese della / sopradetta balla  
 da Vignone a Talamone, /

f. j d'oro s. xx d. iij ff.

Àanne àuto, ponemo debia avere inanzi a carta lx, /

40

f. xlj d'oro s. xxv d. 9 ff.

Somma f. 175 d'oro s. 24 d. 7 ff. <sup>l</sup>

c.lij v

Mccclxiiij

Maso di Segna e Marcho suo figliuolo miei lavoratori / da Mosciano deono dare, di xvij  
 d'aghosto 1364, / ebono chontanti tra due volte, chome apare a mia/ ragione alla tavola al 5  
 quaderno .C. a carta 38, f. dieci d'oro, /

f. x d'oro.

E deono dare, di vj di settenbre '364, ebono per achattare / buoi per lavorare lb. iij s. 10  
 pi., /

lb. iij s. x pi.

E deono dare, di xiiij d'ottobre '364, ebono chontanti, / portò Marcho detto, disse per  
 richoglierne uno asino, /

f. j d'oro.

E deono dare, di xxvj d'ottobre '364, ebono per achatta/re buoi per lavorare, lb. tre pi../ 10

lb. iij pi.

E deono dare, di xxvj d'aprile ~~per~~ 1365, per uno paio / di buoi che gli chonperamo,  
 f.venticinque d'oro, /

f. xxv d'oro.

E deono dare, di xxj di luglio 1365, per uno asino che gli / chonperamo, f. tre d'oro, / 15

f. iij d'oro.

Dì xiiij d'ottobre 1365 ci facemo fare charta al detto / Maso e al detto Marcho suo figliuolo di tre buoi di stima / di f. xxxvj d'oro a  $\frac{1}{2}$  pro e a mezo danno, cioè f. xxv/ d'oro per li sopradetti buoi, che gli chonperamo e l'altro bue / per li f. xj d'oro, che gli prestamo, 20 e anche d'uno asino / di stima di f. tre d'oro a salvo chapitale. Fece la / charta ser Tommaso di ser Salvestro di ser Bernardo .

c.liij r

Mccclxiiij

┐ Giramonte di Benghi de' Bardi de' avere, di xxj d'aghosto / 1364, avemo chontanti, chome apare a mia ragione alla tavola / al quaderno del .C. a carta 38, f. dieci d'oro, / f. x d'oro.

E de' avere, di \*\*\* d'ottobre 1366, per some ij di vino bianco / e per some cinque di 5 vermiglio, /

\*\*\*.

E de' avere, di \*\*\* di novembre 1366, per due chataste e mezo di legne, /

\*\*\*.

E de' avere, di 29 di settenbre 1367, per some due di vino bianco et / per some cinque di vermiglio, /

\*\*\*.

Abiallo paghato, che gli schontamo nella ragione dove ci dovea dare per Bernardo / 10 Ciufagni.┘

---

Richordanza che a dì ij di luglio 1364 la Gianetta mia moglie fece procuratore / ser Falchone di ser Giovanni e ser Bartolomeo di ser Maso a piatire e chonpromette/re,/ per potere fare chonpromesso chon Paolo di Neri Charini, che non era inn età. / Carta per ser 15 Biagio Bernabucci. E a dì v di luglio 1364 il detto ser Falchone, / procuratore della Gianetta, fece chonpromesso cho' tutori del detto Paolo in messer Scholaio / di ser Berto per tutto luglio. Carta per ser Bartolomeo di ser Maso Nelli.

E a dì \*\*\* lodò.

c.liij v

## Mccclxiiij

¶ I poderi da Mosciano e la chasa di Parione, che / ffurono di Giovanni di Rinieri Charini e ·lle masseri/zie, deono dare infino a dì xx di magio 1363, / ebe in moneta quando 5  
avea male Giovanni, portò Tubia, /

f. ij d'oro.

E deono dare, dì xxij di magio 1363, ebe per dare a' medici / e per medecine e per altre chose, portò Nofrio di ser Giovanni / f. cinque d'oro, per la malattia del detto Giovanni, /

f. v d'oro.

E dì xxiiij di magio 1363, per le spese minute del mor/torio del detto Giovanni, portò 10  
Bene Spinelli e Nofrio di ser / Giovanni che feciono le spese, lb. quaranta pi. a s. 64 f.,/

f. xij d'oro s. xiiij d. vj ff.

E questo dì a Domenicho di Francescho vaiaio per uno vaio / bruno per l'Angiuliera, moglie di Giovanni, f. sette d'oro, <sup>146</sup> /

f. vij d'oro.

E a dì xv di luglio '363, per paghare la prestanza di Giovanni, / che n' avea f. iij d'oro, 15  
vendemola a s. 28 il f., lb. 4 s. 4,

f. j s. viiiij<sup>o</sup> d. viij ff.

E dì 14 d'aghosto per paghare la prestanza a s. xx per f., lb. iij s. j pi., <sup>147</sup> /

f. j d'oro meno s. j ff.

E dì 21 d'aghosto '363, per paghare alla ghabella de' chontratti, / per lo lascio che Giovanni fece a Neri Carini e a me del / podere e della chasa ~~per~~ e delle masserizie, perché noi / rendesimo la dota alla moglie in suo servigio, / 20

f. xxv d'oro s. viiiij d. viij ff.

E dì 28 d'aghosto '363, per la prestanza di f. C<sup>M</sup> d'oro, che n'avea / f. vj d'oro, paghamo s. 20 per f., lb. vj pi., /

f. j d'oro s. xxvj ff.

E dì ij di settenbre '363, demo a Bartolomeo Bonbeni, per lo / panno chupo per l'Angiuliera e per lo bigio della bara / e per la tonicha, f. sedici d'oro s. xij d. iiij ff., 25

f. xvj d'oro s. xij d. iiij ff. /

E dì 18 di settenbre 1363, demo a Bartolino Choveri spe/ziale, per cera e altre chose per lo mortorio e per rin/ovale di Giovanni e per lo mortorio di due suoi fanciulli, / f. ventidue

<sup>146</sup> Parágrafo evidenciado por sinal triangular na margem externa

<sup>147</sup> s. j pi.: acrescentado na entrelinha superior

d'oro s. tre d. nove ff., /

f. xxij d'oro s. iij d. viiij ff.

E deono dare, demo a monna Isabetta, serochia del / detto Giovanni e moglie di Zanobi 30  
di Lapuccio, per lascio / fatto a ·llei per lo detto Giovanni. Ponemo debia avere / in questa  
faccia innanzi lb. cento pi., /

f. xxx d'oro.

Somma f. cxxiiij° d'oro s. xvij ff.

Posto che debiano dare inanzi a carta lv. ↯

35

c.liiij° r

Mccclxiiij

Monna Isabetta,<sup>148</sup> serocchia che ·ffu di Giovanni di Rinieri / Charini e moglie di Zanobi  
di Lapuccio, de' avere / per lascio che ·lle fece il detto Giovanni per suo testamento, /  
ponemo che suo' beni debiano dare di qua in questa faccia / lb. cento pi., / 5

f. xxx d'oro.

Ànne àuto per veli, che si chonperorono dal Bene Spinelli, / f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

Ànne àuto per una roba sanguigna che ·lle levamo, / Neri Charini e io Leonardo, da 10  
Giovanni di ser Segna, e / poi le rede di Neri Charini paghò a Giovanni di ser Segna i /  
detti *danari*, e poi le dette rede di Neri me gli schontorono, / quando mi renderono i *danari*  
delle maserizie, che si venderono, / f. quattordici d'oro s. tre d. quattro ff., /

f. xiiij d'oro s. iij d. iiij ff.

Ànne àuto, di v di dicenbre 1364, ebe per offerire a' servi di / Santa Maria una 15  
immagine, f. uno d'oro, /

f. j d'oro.

Ànne àuto, di xxvj di giugno 1366, per lei a Barna di / Valorino, portò e' medesimo f.  
dodici d'oro, chome a/pare a mia ragione alla tavola al quaderno del .E. a carta 30,  
f. xij d'oro.

c.liiij v

<sup>148</sup> *Monna Isabetta*: evidenciado por manícula no espaço acima



## Mccclxiiij

¶ I poderi da Mosciano e la chasa di Parione e ·lle ma/sserizie, che ·ffurono di Giovanni di Rinieri Charini, / deono dare, levamo ove doveano dare di qua / a carta lv, f. 5 centoventiquattro d'oro s. xvij ff., /

f. cxxiiij d'oro s. xvij ff.

E deono dare, che mi retengono le rede di Neri Cha/rini f. undici d'oro, quando mi renderono i *danari* delle / masserizie, ch'aveano vendute di quelle del de/tto Giovanni, che dissono che Neri Charini dovea a/vere dal detto Giovanni e chiedeano maggior quan/tità e 10 non doveano avere nulla: dichiarò chosì / messer Ischolaio, in chui la chomettemo di chonchordia / e allora si ritenono anche f. xiiij d'oro e *soldi* per lo panno / sanguigno dell'Isabetta, ch'aveano paghati a Giovanni di ser Segna, /

f. xj d'oro.

E deono dare per lascio che mi fece il detto Giovanni / in due partite, per *danari* che mi 15 dovea dare, f. cinquan/totto<sup>149</sup> d'oro, /

f. lviiij d'oro.

E de' dare, di vij d'aghosto 1364, demo a Lucha di Geri / per lascio fattoli per lo detto Giovanni, che gliel' avea pre/stati f. dieci d'oro: chonfessògli d'avere àuti da me. / Charta 20 per mano di ser Falchone di ser Giovanni, /

f. x d'oro.

E deono dare, questo di demo al'Angiuliera, moglie / che ·ffu<sup>150</sup> del detto Giovanni, per la sua dota e donagione, / f. cinquecentoquindici d'oro. Chonfessògli d'avere àuti / dalla 25 Gianetta mia moglie e fecene l'azione di / f. 171 d'oro e  $\frac{2}{3}$ . Charta per mano del detto ser Falchone / e anche le demo per lascio a ·llei fatto per lo detto Giova/nni f. ottanta d'oro, chonfesògli per mano di ser Fachone, /

f. dlxxxxv d'oro.

E deono dare, di xj di settembre '364, demo a Simone di / Geri Ghondi per parte di 30 lascio a ·llui, fatto per lo detto Gio/vanni, f. tre d'oro s. viiiij° d. vj ff., /

f. iij d'oro s. viiiij d. vj ff.

E deono dare, di xiiij di settenbre 1364, per ghabella della detta / azione della dota, f. quattro d'oro s. viij d. vij ff., /

f. iiij d'oro s. viij d. vij ff.

<sup>149</sup> *Cinquantotto: cinquanntotto* no texo

<sup>150</sup> *moglie ... Giovanni*: evidenciado por sinal triangular na margem externa

Somma f. dcccvj d'oro s. vj ff.

Posti debiano dare inanzi a carta lvj.<sup>1</sup> /

35

c. lv<sup>151</sup> r

Mccclxiiij

I poderi da Mosciano e la chasa di Parione e le ma/sserizie, che ffurono di Giovanni di Rinieri Charini de/ono avere, infino a dì ij di giugno 1363, per una ghir/landa e uno frenello di perle vendemo a Guido Bal/di orafo, f. xxiiij d'oro s. xxiiij d. vj ff., / 5

f. xxiiij d'oro s. xxiiij d. vj ff.

E deono avere, di xxj d'aghosto 1363, per uno panno rosso / e una choltre bianca, che vendemo a Paolo di Giusto / righattiere, f. diciotto d'oro, de' quali n'ebe monna Ghin/gha vj e poi gli mi schontò, / 10

f. xviiij d'oro.

E deono avere, di xxiiij d'aghosto, per una choltrice e due / pimacci verghati e una materassa di bordo, che si ven/derono, f. venti d'oro, /

f. xx d'oro.

E deono avere questo dì, per una federa di choltrice e due / pimaccia, che si venderono, f. tre d'oro s. dicenove ff., / 15

f. iij d'oro s. xviiiij ff.

E deono avere questo dì, per libbre lvj di charne seccha, che / si vendé, lb. iij s. xiiij d. viiiij<sup>o</sup> pi., /

f. j d'oro s. iij d. viiiij ff.

E deono avere, di ij di settenbre, per panni lani, si venderono / a Giovanni Doni righattiere, f. trentotto d'oro, /

f. xxxviiij d'oro.

E deono dare, questo dì, per panni lini, si venderono a Benozo di / ser Riccio f. trentuno d'oro, / 20

f. xxxj d'oro.

E deono avere, questo dì, per bottoni e nastri d'oro che vendemo, /

f. viij d'oro s. iij d. iij ff.

E deono avere, di xxviiij di settenbre, rechò Gentile Charini, / per più chose minute, che

---

<sup>151</sup> Depois da l, riscado *iiij* e acrescentado *v* na entrelinha superior

si venderono f. xj d'oro s. xvj d. iiij ff., /

f. xj d'oro s. xvj d. iiij ff.

E deono avere per una roba di guarnaccha di sciamito <che> si / vendé, f. diciotto d'oro, 25  
ebe i *danari* monna Ghingha, /

f. xviiij d'oro.

E deono avere per più masserizie minute, che volle / monna Ghingha di Neri Charini, /  
\*\*\*.

c.lv v

Mccclxiiij

I poderi da Mosciano e la chasa di Parione e lle masserizie, / che ffurono di Giovanni  
di Rinieri Charini, deono dare, di / xiiij di settenbre 1364, levamo ove doveano dare di qua / 5  
a carta lv f. ottocentosei d'oro s.sei ff., /

f. dcccvj d'oro s. vj ff.

E deono dare, di viiiij<sup>o</sup> d'ottobre '364, demo a Giraldo di Paolo, / che dovea avere da  
Giovani per raditura di chuoia s. xv pi., /

s. vj d. viij ff.

E deono dare, di xxvj d'ottobre '364, demo a Piero del Teghia / linaiuolo, che dovea  
avere da Giovanni per lino lb. quattro pi., /

f. j d'oro s. vj d. iiij ff.

E deono dare, per ispese fatte minutamente per pi/atire in Firenze e per charte e altre 10  
chose, chome / apare per una scritta in più partite, ch'è apichata / a carta 57, f. tredici d'oro  
e lb. xxvj s. v pi. in somma, /

f. xxj d'oro.

E deono dare per ispese che fece Andrea di Barto/lino, quando andò in Borghogna per 15  
raquistare la / charta della dota della madre della Gianetta mia / moglie, f. centoventi d'oro,  
chome apare a mia ragione / alla tavola a libro Bianco .A. a carta \*\*\*. Stettevi più di  
cinque mesi e abilla chonpiuta, <sup>152</sup> /

f. cxx d'oro.

E deono dare, di \*\*\* di gennaio 1364, demo a Andrea / di Bartolino, che dovea avere 20  
dal detto Giovanni, cho/me per suo testamento gli lasciò, f. undici d'oro, scritti / a mia

<sup>152</sup> Parágrafo evidenciado por um sinal e por *N.B.* na margem externa

ragione alla tavola a libro Grande Bianco a carta \*\*\*, /

f. xj d'oro.

E deono dare per ispese fatte ne rachonciare la cha/sa da Mosciano dal mulino, che ·ffu 25  
arsa da' Pisani, / f. cinquantatré d'oro. Fecila alzare più che non era,<sup>153</sup> /

f. liij d'oro.

E deono dare per ispese in fare rifare la fornace del detto / luogho, che ·ffu arsa da'  
Pisani f. dicesette d'oro,<sup>154</sup> /

f. xvij d'oro.

E deono dare, che diedi a messer l'abate Simone di Santa Trinita, per / lascio che fece 30  
Giovanni alla detta chiesa, lb. venti pi., /

f. vj d'oro s. v ff.

E deono dare per spese, che facemo in fare un forno a ·lluogho da San Polo, lb. trenta, /

f. viij<sup>o</sup> d'oro.

E deono dare per ispese in far fare la peschaia al fossato nel luogho / del mulino, f.  
quattro d'oro, /

f. iiij<sup>o</sup> d'oro.

1048 24

c.lvj r

Mccclxiij

Richordanza che, a dì xij di dicenbre 1364, Leonardo di messer Giovanni / degli Strozi  
achattò da messer Ricchardo da Saliceto da Bologna, giudice / e dottore di leggie, allora  
saliato dal Chomune di Firenze, fiorini / quattrocento d'oro. Volleli allora per maritare la 5  
figliuola, che ·lla maritò / a Luigi di Piero Guicciardini, e a preghiere del detto Leonardo /  
ne feci una scritta di mia mano, sichome principale, e il detto / Leonardo si sottoscrisse  
sichome mallevadore, in presenza del maestro / Iachopo di Neri e frate Giovanni da  
Settimo provinciale e altri frati / del Charmino. Ma ·lla verità è |è| che i detti f. quattrocento 10  
d'oro / ebe il detto Leonardo di messer Giovanni e per lui s'achattarono.<sup>155</sup>

<sup>153</sup> Parágrafo evidenciado por uma pequena figura romboide na margem interna

<sup>154</sup> Parágrafo evidenciado por uma pequena figura romboide na margem externa

<sup>155</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* no espaço acima

Richordanza che il detto Leonardo di messer Giovanni paghò il detto ~~Le~~ messer /  
 Riccardo da Salicetto, a di xx d'aghosto 1365, e diedegli tra chapitale e dono / f.  
 quattrocentoventi d'oro ~~per l-e~~ e paghamoli per lui alla tavola a Ghaleasso / da Uzano, 15  
 chome apare al quaderno della tavola nostra del .D. a carta 138.

c.lvj v

Mccclxiiij

¶ Leonardo di messer Giovanni degli Strozi de' dare, di / xxviiij di gennaio 1364, ebe  
 per me dalla tavola, / chome apare al quaderno .C. a carta clij, f. cento d'oro. / Presta'glielle, 5  
 che gli volle per chonpiere di paghare / la dota della figliuola, /

f. c d'oro.

Ànne dato, di xviiiij di giugno anni mcccclxvj, ebi / chontanti, chome apare a sua ragione  
 alla tavola / al quaderno del .E. a carta 127, f. cento d'oro. Rechò Tobbia, /

f. c d'oro.¶

Monna Mattea, moglie che ffu di Zanobi del Benino, / de' dare, di xxij di marzo 1364, 10  
 levamo ove restava / a dare di qua a carta xlv f. cinque d'oro s. xiiij d. iiij ff., /

f. v d'oro s. xiiij d. iiij ff.

E de' dare, di xxxj d'ottobre 1368, ponemo abia dato / al quaderno .A. della tavola a  
 carta xxviiij per più spese di piato, / fatti per lei chontro ad Aghostino choregiaio e chontro / 15  
 alla Biagia <sup>156</sup> sua serochia, in somma f. quattro d'oro s. xvij d. iiij ff., /

f. iiij d'oro s. xvij d. iiij ff.

Ànne dato, di xxj di novembre 1370, puosi avesse aùto / alla tavola al quaderno .D. a  
 carta 128, lb. vij s.xviiij d. x pi.,

f. ij d'oro s. xij ff.

c.lvij r

Mccclxv

La chonpagnia nostra dalla tavola de' dare a me / Leonardo di Bartolino propio, oltre al

---

<sup>156</sup> *Biagia*: evidenziado por *manicula* no espaço abaixo, seguida pela frase: *Forse questa è uno nipote di Bartolino Sal.*

chorpo de/lla chonpagnia, a dì vij d'aprile 1365, ebono per me / da Piero di Bonaventura 5  
 Richoveri, ch'egli mi diè per ser / Lodovicho priore di Mosciano, posto abia dato di qua / a  
 carta xliiij f. dugento d'oro, scritti a libro Nero .B. carta 151, /

f. cc d'oro.

E de' dare, levoronsi dove restava avere a libro Bianco a carta 200, /

f. viij s. xxiiij d. x ff.

E de' dare, dì xxij di gennaio 1365, ebe per me da Iachopo di Bancho / per f. 791 s. 4 d. 10  
 9 a oro de' *danari* del Monte delle prestanze dell'un tre, a / ragione di  $27\frac{2}{3}$  per C., chome  
 apare a mia ragione a libro Nero a carta 85, /

f. ccxviiij d'oro s. xxv d. viiiij<sup>o</sup> ff.

Ànne dato, dì v di luglio 1365, pagharono per me a / Lucha di Geri di Geri per una  
 promessa gli aveano fatta / per me, chome apare a libro Bianco .A. a carta 351, f. ottanta  
 d'oro, /

f. lxxx d'oro.

Ànne dato, dì xvij di novembre 1365, per resto di f. 505 d'oro, che cci mandò / a 15  
 paghare da Vignone Nofri di ser Giovanni a Antonio Guardi / e Giovanni d'Arrigho, de'  
 quali ne gli mandamo a paghare indietro a llui / f. 400, siché restò a dare f. centocinque  
 d'oro, chome apare a libro / Nero .B. a carta 78, posto che Nofrio abia àuto di qua a carta  
 52, /

f. cv d'oro.

Ànne dato, dì xxiiij di dicembre 1365, per mie tratte, chome scritto / a mia ragione a 20  
 libro Nero a carta 85, levate dal quaderno .D. a carta 78, /

f. ccxxxv d'oro s. x d. j ff.

c.lviij v

Mcccclxv

¶ Memoria che a dì v di luglio 1365, che ffu sabato da vespro / la vilia di Santo  
 Romolo, naque Romolo mio figliuolo. In buona / ora possa essere e chol nome di Dio, che  
 gli dea buona ventura. / Battezòllo frate Bartolo medicho, per l'amor di Dio. 5

---

Demo a balia il detto Romolo a monna Bene, / moglie di Francescho tessitore, del  
 popolo di Sa' Lorenzo di Firenze nel borgho alla Nocie. Portòllone a dì / xvij di luglio

1365, de'ne avere il mese lb. v pi. /

Ànne àuto, di v d'aghosto 1365, ebe chontanti lb. dieci pi., /

10

lb. x.

Ànne àuto del mese di settenbre, tra vino e *danari* in più / volte, gli diè la Gianetta lb. dieci pi., /

lb. x.

Ànne àuto, di xxij d'ottobre 1365, dièlli la Gianetta staia / quattro di grano di quello di sala, per s. \*\*\* lo staio /

lb. \*\*\*.

Lunedì a dì xvij di settenbre 1374, per la maladetta mortalità, / amalò la sera il detto Romolo e lunedì a dì xxv di settenbre / seguente il sopellimo a Santa Trinita nella nostra sepoltura. / Lodato sia Iddio e 'lla Sua Madre di ciò che ci fanno, e 'lloro prie/gho che 'l benedichano. Vivette anni viij e mesi ij e di xx. ↵

c.lvij r

Mccclxv

Richordanza che a dì xxx d'aghosto 1365 io Leonardo di Bartolino / mi feci matricholare all'Arte di Porte Sante Marie, per vighore / e beneficio di Bartolino Salinbeni mio padre, che era stato di quell'Arte. / Fuvì iscritto a libro della detta matrichola per mano di ser Bartolo di Neri / da Roffiano, notaio della detta Arte. Fecilo perché i miei figliuoli po/tessono essere a quell'Arte senza pagare *danari* a essere matricholati.<sup>157</sup>

┐ Richordanza che a dì xij d'aprile 1366 la Gianetta / mia donna apigionò a ser Simone Landi notaio / la chasa sua di Parione, per pregio di f. tredici d'oro / l'anno, chominciato di xv d'ottobre anni mcccclxv. / Carta per mano di ser Giovanni Nicholai da Chastelflorentino.

Tenela infino a dì xv d'ottobre 1367 e chonpiemi di pagh/are chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno .A. / a carta 159. ↵

┐ Richordanza che a dì vj di settenbre 1366 Nofrio di ser Giovanni / mi mandò a ricevere da Vignone da Ghucciozo de' Ricci e chon/pagni, chon *danari* di Federigho Sasetti, f. trecento d'oro e di presente / gli dispositai per lui a Ghuccio di Cino per tre mesi,

<sup>157</sup> Parágrafo evidenciado por duas *maniculae* no espaço abaixo

che ne diede / f.viii<sup>o</sup> d'oro. Poi al termine gli depositai per lui a Andrea / e Uberto di 20  
Bartolino f. 309 d'oro, a dì 7 di dicembre 1366, /

f. cccviii d'oro.

Poi di maggio 1367 mi mandò chontanti f. centocinquanta d'oro, / i quali depositai per  
lui a' detti Andrea e Uberto, a dì xxj di magio / 1367, e die'lli per loro a Paolo Sasetti,  
chome apare alla tavola / al quaderno .A. a carta 28. E i detti f. 309 d'oro diedi per loro 25  
anche / a Paolo Sasetti e ricevetteli per me dal detto Ghuccio di Cino, /

f. cl d'oro.

I detti Andrea e Uberto glien' assegnarono d'utile del me/se di luglio 1368 f. lxxxij d'oro,  
/

f. lxxxij d'oro.

Somma f. dxlij d'oro.

I detti *danari*, chon f.112 d'oro ch'io diedi anche a' detti Andrea e Uberto / ~~chome~~ per lo 30  
detto Nofrio, chome apare inanzi a carta lx, volle il / detto Nofrio che il detto Andrea gli  
levasse da mia ragione e po/nesseli a sua per certa chonpagnia, che fece cho 'llui, /

Soma in tutto f. dxliij d'oro. <sup>l</sup>

c.lviii v

Mccclxvj

┐ Salvestro di Bartolino Salinbeni de' dare, dì xv di / luglio anni 1366, ebe chontanti per  
prestare a An/drea di Bartolino f. cento d'oro in sugello. Diègli/le la Gianetta mia moglie, 5  
quand'io era de' Priori,<sup>158</sup> /

f. c d'oro.

Ànne dato, dì xv d'ottobre 1366 j, diede per me a Andrea / di Bartolino, ponemo debia  
dare inanzi a carta lxj / f. cento d'oro,

f. c d'oro. <sup>l</sup>

┐ Richordanza che, a dì j di maggio 1366, io Leonardo di Bartolino / a mio nome 10  
affittai a Alesso di Turchio il podere da San Chiricho / a 'lLegnaia, cho' suoi chonfini, ch'è  
staïora lx cholle chase, per / cinque anni, chominciati dì j di novembre 1366 e finiti dì j di /  
novembre 1371, per pregio f. cinque d'oro e lb. ottanta pi. e uno paio / di chapponi per ogni

<sup>158</sup> Giannetta ... Priori: evidenziado por *manicula* na margem externa



anno. Carta per mano di ser Giovanni Nicholai da Chastelflorentino.

Feci procuratore Nofrio di ser Giovanni a risquotere il detto fitto, / perché il detto 15  
podere era suo. Carta per mano del detto ser Giovanni. ↴

c.lviij<sup>o</sup> r

Mcccclxvj

Richordanza che, a dì xij d'aghosto 1366, io Leonardo di Bartolino chonperai / dagli  
Otto Uficiali, che volgharmente furono chiamati gli Uficiali de' / beni de' rubelli,  
avegnadio che furono diputati a vendere i beni del Cho/mune, uno chiasso posto nel popolo 5  
di Santa Trinita, nella via di Porta / Rossa, a ·llato alle chase nostre, chosì chonfinato: dal j<sup>o</sup>  
via di Porta Rossa, / ij<sup>o</sup> noi medesimi in parte e in parte Ghorò di Iachopo degli Strozi, / a  
iij<sup>o</sup> via, a iiij<sup>o</sup> Giovanni di Richardo Bonbeni in parte e in parte Nicholò e / Lapo di Neri de'  
Soldanieri, per pregio di lb. sesantasette s. iiij pi. Carta / per mano di ser Iachopo di ser 10  
Zanobi Paoni, notaio de' detti Uficiali. Il detto / chiasso fu misurato in tutto braccia quadre  
144  $\frac{1}{2}$ , i questo modo: cioè che, da lato dinanzi di Porta Rossa infino alle xij braccia, è  
largo / braccia 2  $\frac{7}{8}$ , che<sup>159</sup> montano braccia 34  $\frac{1}{2}$  per s. 15 il braccio; e dalle 12 braccia in  
su, / braccia 36  $\frac{2}{3}$ , largo braccia 3, che montano braccia 110 per s. 7 il braccio. Montò in 15  
tutto / lb. lxiiij e per ghabella lb. 3 s. 4, siché in tutto montò lb. 67 s. 4 e per entrare / in  
tenuta s. x e per la charta chonpiuta che ·lla richogliemo s. 40. I nomi / degli Uficiali sono  
questi: Giovanni Ciari, Iachopo di Lippo, Lotto di / Giachetto Mancini, Nofrio di Giovanni  
di messer Lapo Arnolfi, Lapo / di Vanni Oricellai, Tellino Dini, Andrea di Neri Rondinelli  
e Giovanni Canbi.

<B:>

A dì \*\*\* di settembre 1382, gl' Uficiali della Torre, che allora erano, richia/rirono il detto 20  
chiasso essere tutto mio. Carta per mano di ser Romeo Bartoli lo/ro notaio. E questo fu  
perché Matteo di Nicholò degli Strozi mi mosse là a ·lloro quistione del detto chiasso, siché  
vi dierono se<n>te<n>zia e richiari/rollo da chapo essere esso mio e achora mandarono a 25  
rimisuralo Gio/vanni Giutini capomastro ed ebbe s. x e a ser Romeo demo della carta /  
conpiuta s. 40.

---

<sup>159</sup> *che: cho* no texto

c.lviii<sup>o</sup> v

Mccclxvj

&lt;A:&gt;

Richordanza che lunedì notte alle viij ore, a dì v d'ottobre 1366<sup>160</sup>, naque / la Chaterina mia figliuola. Facemola battezzare per l'amore di Dio che 'lle / dea buona ventura.

---

Demo a balia la detta Chaterina, a dì xvij d'ottobre 1366, / a monna \*\*\* moglie di 5  
Ceccho \*\*\*.

---

┐ Monna Nicholosa<sup>161</sup>, moglie che 'ffu di Bartolo Foresi, de' dare, / levamo ove dovea dare di qua a carta xlvij f. v d'oro s. lv pi., /

f. v d'oro e lb. ij s. xv pi.

E de' dare, dì xxxj d'ottobre 1368, per lei a ser Guelfo di ser Manetto / per suo salaro di 10  
piati, che fece per lei chontro a Nicholò di Cio/ne Fini, per parte di pagamento f. tre d'oro,  
posto che ser Guelfo / abia dato al quaderno della tavola .A. a carta xxj, /

f. iij d'oro.

Ànne dato, dì xiiij di magio 1370, rechò Marcho di Lionardo, chome / apare alla tavola a  
mia ragione al quaderno .C. a carta 151 f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

Ànne dato, dì xxiiij di gennaio 1371, avemo chontanti: rechò Marcho di Leo/nardo f. tre 15  
d'oro, chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno .E. a carta 182, /

f. iij d'oro.

Ebi l'avanzo da Andrea Gherardini. ┘

c.lx[...] r

Mccclxvj

Nofrio di ser Giovanni da Lanciolina de' avere, anni 1366, / ponemo abia àuto di qua a  
carta lij, /

---

<sup>160</sup> 1366: acrescentado na entrelinha superior

<sup>161</sup> Monna Nicholosa: evidenciado no espaço acima, antes da linha de separação, por *manicula* e pela escrita: *Forse ancora questa Figlia di Tobbia Salimbeni*

f. xlj d'oro s. xxv d. 9 ff.

E de' avere, avemo da Spinello da Legnaia e Marcho / di Guerio per fitto della terra da Legnaia, per l'anno 1366, / lb. centosette s. nove tra più volte, / 5

f. xxxij d'oro s. vj d. x ff.

E de' avere, avemo da Guido Benzi per pigione della / chasa da San Firenze, per l'anno 1366, f. dieci d'oro, /

f. x d'oro.

E de' avere, avemo da Bartolo da San Donino per la terra / da San Donino, per l'anno 1366, staia xij di grano, / a s. x lo staio, netti di ghabella, / 10

f. j d'oro s. xxij d. 4 ff.

E de' avere ~~avemo da~~ per pigione della chasa da Legnaia, per l'anno 1366, f. cinque d'oro, /

f. v d'oro.

E de' avere per pigione della chasa da San Firenze da / Guido Benzi, per l'anno 1367, f. dieci d'oro, / 15

f. x d'oro.

E de' avere per la tterra da San Donino, per l'anno 1367, / staia xij di grano a ragione di s. xij lo staio, /

f. ij d'oro s. iiij d. viij ff.

E de' avere, di 31 d'ottobre 1367, ebi da Alesso da / Legnaia per parte di fitto del detto anno lb. 39 s. 10, /

f. xj d'oro s. xxviiij ff.

E de' avere, di \*\*\* di febraio 1367, per parte di fitto del / detto anno lb. dieci pi., avemo dal detto Alesso, / 20

f. iij d'oro d. iij ff.

Ànne àuto, di j d'aghosto 1368, per lui a Andrea di Bartoli/no ponemo abia dato inanzi a carta lxj f. centododici d'oro, /

f. cxij d'oro.

Ànne àuto, che diedi al prete da San Quiricho per decima / di iiij° anni, chonpiuti nel 1367, lb. quattro pi., / 25

f. j d'oro s. vj ff.

Ànne àuto, che gli asegnai per debitore Alesso da Legnaia, che mi restava a dare di pigione delle chase / sue da Legnaia f. tredici d'oro s. quattordici d. sei ff. /

f. xiiij d'oro s. xiiij d. vj ff.

c.lx v

Mcccclxvj

┐ Andrea di Bartolino Salinbeni<sup>162</sup> de' dare, di xv d'ottobre 1366, / ebe per me da Salvestro di Bartolino, ponemo abia dato / di qua a carta lviiiij f. cento d'oro,

f. c d'oro.

E de' dare, di j d'aghosto 1368, che 'cci donò per chosto de' detti *danari* / f. dodici d'oro, 5  
/

f. xij d'oro.

Ànne dato, di j d'aghosto 1368, diede per me a Nofrio di ser / Giovanni, ponemo abia dato di qua a carta lx f. cento/dodici d'oro, /

f. cxij d'oro. ┘

---

┐ Pasquino e Benozo di Ceccho miei lavoratori / da Chanpi deono dare, di j d'aghosto 10  
1367, per uno / paio di buoi che chonperai loro, f. ventisette d'oro / e mezo, che baratamo le vache che gli aveano di / mio e arogiemo *danari* infino nella detta somma, /

f. xxvij d'oro s. xiiij d. vj ff.

Nonne facemo carta niuna.

15

Ànne dato Pasquino propio, che si chontò l'uno de' detti buoi / f. quindici d'oro e mezo e vendélo f. sedici d'oro, de' quali / richonperò uno bue: chostò f. x d'oro s. xxv pi. e a 'mme / diede chontanti f. v d'oro s. xxiiij pi. Posto che debia da/re inanzi a carta 64 per questo bue 20  
i detti *danari* d'ottobre 1368, /

f. xv s. xiiij  $\frac{1}{2}$  ff.

Ànne dato Benozo, di 18 di giugno '368, vendé il de/tto bue, che gli rimase f. dodici d'oro ed ebigli, /

f. xij d'oro. ┘

c.lxj r

---

<sup>162</sup> *Andrea di Bartolino Salinbeni*: evidenciado por *manicula* no espaço acima

## Mccclxvij

Richordanza che, a dì viij di gennaio anno detto, cho/nperai da Nicholò e Lapo di Neri de' Soldanieri / due botteghe a ·llato a noi, il chiasso in mezzo, / poste in Porta Rossa, che 5  
dal j° via di Porta Rossa, / dal ij° il chiasso mio, a iij° Giovanni di Richardo Bon/beni, a iiij°  
i detti venditori, per pregio di f. dugen/tosettantacinque d'oro. Carta per mano di ser  
Mi/chele di ser Aldobrando di ser Albizo, disse la charta / in Simone di Geri Ghondi a mia 10  
stanza e per chui / e' volesse nominare. Poi, a dì v di febraio anno detto, / il detto Simone  
nominò me alla detta chonpera. / Carta per lo detto ser Michele. Fummi mallevadore /  
Anibaldo di Bernardo degli Strozi e ·lle donn|n|e / de' detti Nicholò e Lapo vi dierono la 15  
parola, e Lodo/righe e Filippo di Biagio vi chonsentirono, però ch'ave/ano ragioni adosso  
al detto Nicholò e Lapo. E presi / la tenuta d'ogni chosa, ò la charta chonpiuta in chasa:  
chostò f. ij d'oro, <sup>163</sup>

f. cclxxv d'oro.

Poi a dì iiij di febraio 1367 paghai la ghabella del detto / chontratto f. 13 d'oro e quattrini 20  
iij: la metà de' *danari* de' detti ven/ditori e l'altra metà de' miei, /

f. vj d'oro s. xvij d. vj a oro.

I detti paghamenti aparischono al mio libro Bianco / dalla tavola, segnato .D., a carta v.

c.lxj v

## Mccclxvij

Richordanza che nel detto anno fui camarlingo della / ghabella delle porti io Leonardo,  
e chominciò il mio / uficio a dì iij di gennaio anno detto e sodai di f. 8000<sup>164</sup> / d'oro. 5  
Fummi mallevadore Tommaso di Neri di Lippo, / Bartolo di Giovanni Siminetti, Giovanni  
di Luigi / de' Mozi, Nicholò di Neri Macigni e Simone di Be/nedetto di Simone Gherardi,  
chome aparisce carta per / mano di ser Domenicho Salvestri notaio. E finì a dì ij di / luglio 10  
1368, che sono vj mesi ed ebi di salaro f. vj / d'oro il mese. Fecine due libri, l'uno missi in  
/ Chamera dell'Arme e l'altro serbai per me. /

<sup>163</sup> Parágrafo evidenciado por duas *maniculae*, uma na margem externa na parte superior e outra na margem interna na parte inferior.

<sup>164</sup> Parvidenciado por *manicula* na margem interna

c.lxij r

Mccclxvij

┐ Richordanza che del mese di febraio anno detto / Iachopo Bartoli, che dimora in Anchona, chon/però per me da ser Churado da Osimo, inn Anchona, / due schiavi, marito e 5  
moglie. Il marito à no/me Venanza e la moglie Giovanna ed era / gravida, che poi di marzo partorì ad Anchona / uno figliuolo maschio, il quale battezzorono: ebe nome / Martino. Costorono di prima chonpera<sup>165</sup> ducati 42 / d'oro, e poi chostorono di spesa ad Anchona per 10  
ghabella e carta / e altre spese del parto e di chonducerli a Firenze du/cati xj, siché in tutto chostano f. 53 d'oro.

Poi sono chonstati in vestirli e altre spese. I detti si pagharo/no alla tavola, chome apare 15  
a libro bianco .D. a carta v,

f. \*\*\*.<sup>166</sup>

Poi gli feci battezzare e puosi nome a Venanzo Lorenzo e alla moglie Giovanna.

Manda'li a lavorare il podere dal mulino, popolo di Santo Andrea, / chalonacha da Mosciano, e lavoravano e facevano bene ed ebono poi anche uno fanciullo maschio.

E poi del mese di luglio 1374 per la maladetta mortalità si mori/rono inn una settimana 20  
tutti e quattro, di che ricevetti di loro / gran danno: no' gli avrei dati per f.cl d'oro. Lodato sia Iddio. ┘

c.lxij v

Mccclxviij

┐ Richordanza che a dì \*\*\* d'aprile 1368 io Leo/nardo apigionaie a Nicholò di Guiduccio / chalzolaio la bottega mia, ch' è a 'llato al bar/biere in Porta Rossa e a 'llato a 5  
l'altra mia bottega, / dove sta il bastiere, per pregio di f. dieci d'oro l'a/nno. Chomincia l'anno a dì xv d'aprile anno detto, / per uno anno. Carta per mano di ser Giovanni Nicholai / da Chastelfiorentino.

Il detto Nicholò vi stette infino a dì 23 d'ottobre 1370 / e fui paghato da 'llui della 10  
pigione. ┘

---

I poderi da Mosciano e la chasa di Parione e 'lle masserizie, che fu/rono di Giovanni di

---

<sup>165</sup> *Compera*: segue uma curta linha vertical, riscada

<sup>166</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

Rinieri Charini, deono dare *danari*: levamo ove / doveano dare di qua a carta lvj.

E deono dare per spese di fare ~~p~~o rifare vigna e due pezi di / chaneto a luogho da San 15  
Polo in sul fossato di Sogliole, f. \*\*\*, /

f. \*\*\*.

E deono dare, paghai alla ghabella de' chontratti per lo lascio di f. 75 d'oro, che  
Gio/vanni fece a mme Leonardo di f. 58 d'oro e ad Andrea mio fratello f. xj d'oro / e a  
Simone di Geri Ghondi f. 6 d'oro, ch'egli ci dovea dare, che gli l'avavamo / prestati. Paghai 20  
f. 3 d'oro s. 15 a oro, chome apare di qua a carta 47, /

f. iij d'oro s. xxj d. viiij a ff

E deono dare, di febraio 1377, per xxij opere che demo a Baccio per / porre vigna in  
uno sodo tra l'altre vigne del podere dal mulino / da Mosciano, lb. nove s. diciotto pi., /

lb. viiij s. xviiij pi.

E deono dare, di settenbre '378, per rifare la peschaia dietro alle chase / del podere dal 25  
mulino, /

\*\*\*.

E deono dare, a dì 19 di dicebre, per j° istrettoio da vino, chonperamo / per al mulino da  
lo Strozi e demo ad Andrea del Chiaro fitaiolo,

f. vij d'oro.

c.lxiij r

Mccclxviij

Richordanza che, a dì xxvi di maggio anno detto, naque<sup>167</sup> la terza Lisa. / Fecela  
cristiana per l'amore di Dio monna Lucia, spedalingha / dall Pogio alle Croci di val di  
Robiana. Dio le dea buona ventura.

Demola a balia, dì j di giugno 1368, a monna \*\*\* moglie / di Santi, vocato 5  
Romagnatto, da Torri di Val di Pesa, lavoratore / di Bartolomeo di monna Pera di  
Giandonati. De'ne avere il mese lb. iij.

c.lxiij v

Mccclxviij

---

<sup>167</sup> No texto: *naque*, com *titulus* (til)

┐ Pasquino di Ceccho da Chanpi mio lavoratore / de' dare, di xxvj d'ottobre 1368, per  
 uno bue, / che chonperò de' *danari* dell'altro bue che vendé, cho/me apare di qua a carta 61, 5  
 f. dieci d'oro s. xxv, /

f. x d'oro s. xxv pi.

Ànne dato, di 18 di giugno 1368, avemo chontanti / f. dieci d'oro s. xxv pi., /

f. x d'oro s. xxv pi. ┘

---

Conperai da' ghovernatori della ghabella delle porti / infino a di xvj di settenbre 1368  
 uno asino di pelo / bigio, f. cinque d'oro. Portò Nigi loro messo, chome / apare a mia 10  
 ragione al quaderno della tavola .B. a carta 47, /

f. v d'oro.

Rivendemolo, di xxiiij di luglio 1372, e avemone f. sei d'oro s. l pi., chome apare a mia  
 ragione alla tavola al quaderno / .E. a carta 208. Rechò Lorenzo mio schiavo, /

f. vj d'oro s. l pi.

c.lxiiij r

Mccclxviiij

┐ Il Chomune di Firenze mi de' dare, di xxvj di gennaio / 1368, f. trentasei d'oro nel  
 Monte dell'uno due, chon/pera' da Pero di Cece Foraboschi, chostorono f. x d'oro / s. xiiij 5  
 d. x ff., chome apare a mia ragione alla tavola / al quaderno .B. a carta 66, /

f. xxxvj d'oro.

E de' dare, ponemo abia dato di qua a carta 52<sup>168</sup> per f. 10  $\frac{1}{4}$  / della diecima prestanza,  
 paghata di 9 di febbraio 1363, / asegnati nel Monte dell'uno due, /

f. xx d'oro s. x a oro.

E de' dare, di xij di marzo '368, per la prima prestanza che / paghai, posta a mme e a 10  
 fratemi, paghai per animo di / riavere de' miei propi *danari*, asegnati al Monte dell'uno due,  
 /

f. xx d'oro.

E de' dare, di 27 di marzo '369, per la seconda prestanza al detto / modo, f. dieci d'oro  
 asegnati al Monte dell'uno due, /

---

<sup>168</sup> 52: 2 sobrescrito a 0



f. xx d'oro.

E de' dare, di 26 d'aprile '369, paghai per la terza prestanza / f. x d'oro, poi si rachonciò 15  
e puoseinsi su i residuo, si/ché a di xj di luglio '369 paghai anche f. 2 d'oro s. 18 d. 4 / a  
oro. Asegnaronsi in sul Monte dell'uno due, /

f. xxv d'oro s. xvj d. viij a oro.

E de' dare, di xxij di giugno '369, per lo residuo che paghai / delle due prestanze 20  
passate, f. 5 d'oro s. 16 d. 8 a oro, a/segnati in sul Monte dell'uno due, /

f. xj d'oro s. xij d. 4 a oro.

E de' dare, questo di paghai per lo residuo di Bernardo di Tobia / per animo di riavere  
de' miei propri danari, f. j d'oro s. 3 d. 4 a oro, /

f. ij d'oro s. vj d. viij a oro.

E de' dare, di xxv di luglio '369, paghai la quarta pre/stanza f.12 d'oro s.18 d.4 a oro, 25  
asegnati in sul Monte detto, /

f. xxv d'oro s. xvj d. viij a oro.

E de' dare, di 13 d'ottobre '369, paghai la quinta prestanza / f.12 d'oro s.18 d.4 a oro,  
asegnati in sul Monte dell'uno due, /

f. xxv d'oro s. xvj d. viij a oro.

A di 20 di novembre '369 vendei la sesta prestanza e diedi / a cholui che paghò per me s.  
15 pi. per f., per f. 12 d'oro s. 18 d. 4 a oro, /

A di 22 di dicenbre 1369 paghai la settima prestanza, che si / paghò la metà, cioè f.6 30  
d'oro s. 9 d. 2 a oro. Fu asegnata alla / rendita de' 4 d. per lb., che solea avere in ponti e lle  
mura. Riebili da Bartolomeo di Chapone, che ne fu vececamarlingo di 22 d'aghosto '370, /  
chome apare al quaderno .C. a carta 172 a mia ragione, /

Soma nel Monte f.188 d'oro.

35

Chostano f.86 d'oro s.10 a oro.

Posti debia dare inanzi a carta lxxvj. ┘

c.lxiiij v

Mcccclxviiij

Richordanza che io Leonardo fui camarlingo dell'ufficio delle chastella / e chominciò  
l'ufficio mio a di 20 di marzo 1368. Fu mio notaio / ser Simo Martini da Monte Sommano e  
poi ser Neri Chelli da Monte / Rappoli, notaio dell'Arte del Chanbio.<sup>169</sup> 5

Richordanza che Nofrio di ser Giovanni da Lanciolina tolse per moglie / la Falchetta,  
figliuola di Piero di Fronte lanaiuolo, e chonfessòne di dota / da 'llui f. 675 d'oro e io  
Leonardo Bartolini gli entrai mallevadore. / Carta per mano di ser Michele di ser Iachopo  
da Rabatta, fatta a di 14 d'aprile / 1369 e a di 15 d'aprile anno detto la menò. Idio dea loro 10  
buona ventura.<sup>170</sup>

c.lxv r

Mccclxviii<sup>o</sup>

┐ Pasquino e Benozo di Ceccho miei lavoratori da / Chanpi, popolo di San Piero a  
Ponti, deono dare di xxx di / giugno 1369 per uno paio di giovenchi che chon/perai loro, 5  
chostorono f. trentaquattro d'oro / s. ~~venti~~ <sup>quindici</sup><sup>171</sup> pi. Dèboli tenere per lavorare le terre  
mie / e ciò che Dio ne choncederà. Dee essere a mezo / pro e a mezo danno, di che Dio ci  
guardi, /

f. xxxiiij d'oro s. xv<sup>172</sup> pi.

A di 30 di novembre feci ragione chon Benozo detto, ché gli si mo/rì l'uno bue, che se 10  
l'avea chonto f.17 d'oro: ebe del chuoio / f. 2 d'oro s. 36, resta di danno a 'llui e a me f. 14  
d'oro s. 30. Tocha/ne a 'llui f. 7 d'oro s. 15, posto debia dare inanzi a carta 68, /

f. xvij d'oro.

Resta a Pasquino l'uno de' detti buoi in f. 17 s. 15 pi. /

Il detto Pasquino vendé il detto bue d'aprile 1378 ed ebi / i *danari* e chontamone 15  
insieme e i *danari* sono scritti a mia ragione / alla tavola al quaderno .D. a carta 156 in due  
partite. ┘

┐ Uno paio di buoi, che chonperamo a di 9 d'aghosto 1369 / da Giovanni di Geri

<sup>169</sup> Parágrafo evidenciado por dois sinais no espaço abaixo

<sup>170</sup> Parágrafo evidenciado por dois sinais de três barras paralelas no espaço abaixo e no acima, antes da linha de separação

<sup>171</sup> *Quindici*: escrito ma entrelinha superior

<sup>172</sup> xv: v sobreposta a x

Ghondi, deono dare, chostarono f. / ventisei d'oro s. lv pi. Tielli Lorenzo mio schiavo a /  
Mosciano per lavorare il podere dal mulino, / 20

f. xxvj d'oro s. lv pi.

L'uno vendemo a Piero di Giunta da Torri per tagliare e non mi / paghò; l'altro demo a  
Baccio nostro lavoratore, chon un altro / che chonperamo <per> f. xv d'oro, e furono  
stimati f. xxviiij  $\frac{1}{2}$  / chome apare inanzi a carta lxxviiij.  $\perp$

c.lxv v

Mccclxviii<sup>o</sup>

Richordanza che domenicha di xv di luglio anno detto naque / Giovanni mio figliuolo.  
Domenedio gli dea buona ventura. / Demolo a balia alla Giovanna, moglie di Lorenzo mio  
schiavo.<sup>173</sup>

c.lxvj r

Mccclxviii<sup>o</sup> di xxij di dicenbre

Il Chomune di Firenze de' dare, di xxij di dicenbre, / levamo ove dovea dare di qua a  
carta lxiiiij<sup>o</sup> / in sul Monte dell'uno due f. cento ottantotto d'oro, / chostorommi f. 86 d'oro 5  
s.10 a oro. Rendene di pro d. j / per lb. il mese, /

f. clxxxviiij d'oro.

E de' dare, questo di paghai l'ottava prestanza f. do/dici d'oro s. 18 d. 4 a oro, asegnata  
al Monte dell'uno / due, /

f. xxv d'oro s.xvij d.viiij a oro.

E de' dare per la nona  $\frac{1}{9}$  prestanza, di 18 di febraio 1369, / paghai f. dodici d'oro s. 18 d. 10  
4 a oro, asegnata dell'uno due, /

f. xxv d'oro s. xvij d.viiij a oro.

E de' dare, di xviiij d'aprile 1370, paghai la diecima / prestanza f. 12 s. 18 d. 4 a oro,  
asegnata al detto modo, /

f. xxv d'oro s. xvij d. viij a oro.

E de' dare, di xvj di maggio 1370, per la undecima / prestanza, paghai f. 12 d'oro s. 18 d.  
4 a oro al detto modo, / 15

<sup>173</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* no espaço abaixo

f. xxv d'oro s. xvij d. viij a oro.

E de' dare, di xij di luglio 1370, per la prestanza de' re/siduo, paghai f. sei d'oro s. 19 d. 7 a oro, asegnata chome detto, /

f. xij d'oro s. xviii<sup>o</sup> d. ij a oro.

E de' dare, di xv di luglio '370,<sup>174</sup> paghai i' residuo di Bernardo / di Tobbia in mio nome f. uno d'oro s. j d. 8 a oro asegnato, /

f. ij d'oro s. iij d. 4 a oro.

E de' dare, di 23 d'aghosto '370,<sup>175</sup> paghai per la prima nuo/va prestanza che si rachonciò f. dieci d'oro s. 19 a oro, asegnata al Monte dell'uno due a Bettino Chovo/ni, / 20

f. xxj d'oro s. xvij a oro.

E de' dare, di xxx di novembre 1370, paghai a Bettino Chovo/ni per la terza nuova prestanza f. dieci d'oro s. dicenove / a oro, asegnata al Monte dell'uno due, chiamata la xiiij<sup>a</sup>, 25

f. xxj d'oro s. xvij a oro.

E de' dare, di xx di marzo 1370, paghai per la xvj<sup>a</sup> prestanza / f. dieci d'oro s. dicenove a oro, asegnata al Monte dell'uno due, / paghai chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno .D. a carta 58, /

f. xxj d'oro s. xvij a oro.

373 3 2

Somma f. 373 d'oro s. 3 d. 2 a oro.

Costano f. 179 d'oro s. j d. 7 a oro.

E de' dare, di 30 di novembre 1370, paghai la prestanza per Bernardo / di Tobbia, per 30  
animo di riavere, f. due d'oro s. xj d. iiij<sup>o</sup> a oro, /

f. v d'oro s. ij d. viij a oro.

E de' dare, di xx di marzo 1370, paghai per Bernardo detto la sedicesima xvj<sup>a</sup> / prestanza per animo di riavere f. due d'oro s. xj d. iiij<sup>o</sup> a oro, /

f. v d'oro s. ij d. viij a oro.

Soma f. 383 d'oro s. 8 d. 6 a oro.

Costano f. 184 d'oro s. 4 d. 3 a oro. 35

Posti inanzi a carta 74.

<sup>174</sup> '370: acrescentado na entrelinha superior

<sup>175</sup> '370: acrescentado na entrelinha superior

c.lxvj v

Mccclxx

Richordanza che domenicha di xvij d'aghosto 1370, in sulla terza, naque / la Riniera mia figliuola. Facemola battezzare per l'amore di Dio.

---

┐ Richordanza che a di xxij d'ottobre 1370 io Leonardo / apigionai a Mazino di Nuccio 5  
e a Nuccio suo figliuolo / pizichagnoli la bottega mia, ch'è a llato al barbiere / in Porta  
Rossi, in tre anni, chominciati il detto di, a ragione di / f. dieci d'oro l'anno. Charta per  
mano di ser Michele di ser Al/dobrando.

Fallì il detto Nuccio di Mazino di dicembre 1371 e a gran fa/ticha fui paghato della 10  
pigione: perdei di tempo più d'uno mese. ┘

---

Richordanza che a di ij di novembre 1370 partì di Firenze, per an/dare a Vignone,  
Bartolomeo mio figliuolo, a stare chon Simone / Guardi e chonpagni. Andò chon Matteo di  
Metto loro chonpagno. / Il Nostro Signore Iddio e la Vergine Maria Sua Madre gli deano / 15  
buona ventura.<sup>176</sup>

c.lxvij r

Mccclxx

┐ Memoria che a di xx di novembre 1370, io Leonardo albitro chiamato / da Andrea e  
da Uberto miei fratelli, onde è carta per mano di ser Manfredi / \*\*\* da Carmignano, diedi  
lodo tra l'loro. Carta per mano di ser Mi/chele di ser Aldobrando. E lodai sechondo che 5  
furono in chonchordia, / chome apariscie per iscritta di mano del detto Uberto. ┘

---

┐ Il Comune di Firenze de' dare, di xv d'ottobre 1370, / paghai per la seconda nuova  
prestanza, chome apare a / mia ragione alla tavola al quaderno .D. a carta v, f. dieci d'oro /  
s. dicenove a oro. È assegnata a riavere de' danari del / grano del Chomune e fu chiamata la 10  
tredicesima xiiij<sup>a</sup> prestanza,

---

<sup>176</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* no espaço abaixo, e por dois sinais de três linhas paralelas no espaço abaixo e no acima, antes da linha de separação .

f. x d'oro s. xviiiij a oro.

Ànne dato, di j di marzo 1371, avemo da Agnolo Palarcioni chamarlingho / per lo  
Chomune a rendere la detta prestanza, chome apare a mia / ragione al quaderno .E. a carta  
188 alla tavola, f. dieci d'oro s. xxvij d. vj a oro,

f. x d'oro s. xviiiij a oro. J

c.lxvij v

Mccclxx

Pasquino di Ceccho da Chanpi mio lavoratore de' / dare, di xxx di novembre 1370, feci  
ragione cho 'llui, / presente Benozo suo fratello, restòmi a dare f. se/tte d'oro s. diciotto pi. 5  
e cancellai ove mi doveano / dare alla tavola al quaderno .D. a carta 14 e puosi a mia  
ragione, /

f. vij d'oro s. xviiiij pi.

E de' dare per barili uno e mezo di vino, ch'ebe della mia parte / di vendemia 1372 a f. 5  
il chogno, s. cinquanta pi., /

s. l pi.

Ànne dato, di xxj d'aprile 1371, ebi della sua parte del guadagno / d'uno bue f. due 10  
d'oro, scritti a mia ragione chon altri *danari* al quaderno .D. a carta 156, /

f. ij d'oro.

Ànne dato, di xiiij di giugno 1373, diedemi del guadagno che facemo / delle vacche  
della sua parte f. quattro d'oro, /

f.iiiij° d'oro.

Ànne dato, che diede a Tano, che gli aiutò al mura della falla s.xij, /

sxij pi.

---

Benozo di Ceccho da Chanpi mio lavoratore de' dare, di 30 / di novembre 1370, fatta 15  
ragione cho 'llui in presenza di Pa/squino suo fratello, di biada e di *danari* prestati e schonti  
*danari* di / lino e di channe e d'altre chose, restò a dare lb. vij s. ij d. iiiij° e tochòlli di danno  
del bue, che gli morì, f. vij d'oro s. xv pi. /Somma che restò a dare f. viiiij° d'oro s. xxvj d.  
iiiij pi., /

f. viiiij d'oro s. xxvj d. iiiij.

Ànne dato, di xviiiij di maggio 1373, per guadagno d'uno / paio di buoi, che teneva da 20

me a mezo, chome apare / inanzi a carta 70, f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

c.lxviii r

Mcccclxx

┐ Richordanza che domenicha a dì xviii<sup>o</sup> di gennaio 1370 io Leonardo / affittai a  
Giuliano d'Andrea del popolo della pieve a Settimo / il podere mio da Settimo, cioè nel  
torno di staiora lvj, po/sta nel detto popolo, luogho detto Chorticelle, chonfinato chome / 5  
nella charta si chontiene, per cinque anni, chominciati di j d'aghosto / 1371 e finiti di j  
d'aghosto 1376, per pregio di staia cinquanta di / grano e di lb. trentasei pic. e uno paio di  
chapponi ogni anno, / facendo il paghamento nella fine dell'anno, posto a Firenze / a sua 10  
vettura e a mia ghabella. Stette suo mallevadore / Francescho de' Riccho del detto popolo.  
D'ogni chosa fecie charta / ser Bartolomeo di ser Granaiuolo da Granaiuolo, che sta in  
borgho / San Friano. Disse la carta staia 56 di grano e lb. 36 pi. e j paio di / chaponi, ma  
nonne de' dare se non chome scritto di sopra.

Tenelo anni cinque e a dì 18 di settenbre 1379 mi diè lb. / dieci per chonpimento di 15  
paghamento. È vero che restò a dare v chapponi e / uova e disse che me l'avea date e no ·lle  
diede. Facemoli fine questo dì / per mano di ser Giovanni Nicholai da Chastelflorentino. ┘

c.lxviii v

Mcccclxx di xxv di gennaio

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xxv di ge/nnaio anno detto, per una prestanza che  
feciono / i Sedici della Moneta, chiamata xv<sup>a</sup> prestanza, / ovvero la quarta nuova prestanza 5  
di f. \*\*\*, / della quale prestai f. dieci d'oro s. xviiiij a oro, / inposta a ~~me~~ a Leonardo  
Bartolini e fratelli. / Chome l'altre paghai io Leonardo de' miei / propi *danari*, per animo di  
riavere, a Iachopo di Dino / del Pechora, chamarlingho per lo quartiere di Santa Maria 10  
Novella, /

f. x d'oro s. xviiiij a oro.

Ànne dato, di xj di settenbre 1371, avemo da Spinello di Lucha / Alberti, chamarlingho  
alla chamera del Chomune a rendere i detti / *danari* f. dieci d'oro s. xxvij d.vij ff., chome  
apare a mia ragione alla / tavola al quaderno .E. a carta 130,

f. x d'oro s. xviiiij a oro. 1

Memoria che a dì viiiij° di maggio 1371 io Leonardo chon/dussi a pigione da 15  
 Maghinardo di Giachinotto Chavalchanti / la tavola, che ò tenuto per adietro in Merchato  
 Nuovo, per due / anni, chominciati di j di gennaio 1371, per f. xl d'oro l'anno, facendo / il  
 pagamento nel principio dell'anno. Carta per mano di ser Neri / Chelli da Monte Rappoli, 20  
 notaio dell'Arte del Chanbio. E non ri/fiutai a la ragione dell'entratura, ch'io n'ò suso, per lo  
 lungho / tempo ch'io vi sono stato entro, che ·lla chondussi a mia pigione / propria infino nel  
 1348 da Domenicho di messer Cianpolo.

E anche il detto Maghinardo mi fece fine della pigione per / infino a dì j di gennaio 25  
 1371, perché infino allora l'abiamo paghato.

c.lxviiiij° r

Mccclxxj

Richordanza che a dì x di maggio 1371 io Leonardo chonp/erai da Piero di Puccio da 5  
 Chanpi, vocato Mozone una / vacha pregna chon una vitella. Chostò f. trentuno d'oro,/ i  
 quali demo per lui a Michele di Giobo, tavernaio, chome / apare a mia ragione alla tavola  
 al quaderno .D. a carta 72 e a carta 108, / in tre partite, le quali bestie abia dato a tenere a  
 Pa/guissquino di Ceccho da Chanpi, nostro lavoratore, a  $\frac{1}{2}$  pro / e a mezo danno, /

f. xxxj d'oro.

~~Venderosi le dette vacche chon~~

10

Figliò la detta vaccha e fece uno vitello maschio, il quale / si vendé d'aghosto 1372 f.  
 sette d'oro, de' quali mi rechò Pasqui/no f. 3  $\frac{1}{2}$  d'oro per la mia parte, chome apare a mia  
 ragione al quaderno / della tavola, segnato .E. a carta 208, /

f. iij d'oro s. xiiij d. vj ff.

Figliò poi la detta vaccha e ·lla detta vitella e chatuna fece / una vitella, e di giugno 1373 15  
 le vendé Pasquino soprad/etto a Michele di Giobbo tavernaio e Piero di Puccio da Chanpi, /  
 vochato Mozone, per pregio di f. 50  $\frac{1}{2}$  d'oro, de' quali ne dierono / al detto Pasquino f. 15  $\frac{1}{2}$   
 d'oro e a ·mme ne promissono di dare / tra di qui a San Giovanni prossimo f. 35 d'oro, che 20  
 ne li feci debitori alla / tavola al quaderno .F. a carta 97. Àcci d'avanzo al chapitale f. 19  $\frac{1}{2}$  /  
 d'oro, tocchane per uno di guadagno f. 9  $\frac{3}{4}$  d'oro, de' quali mi rechò / il detto Pasquino, di



13 di giugno 1373, chontanti f.  $5 \frac{3}{4}$ , chome / apare a mia ragione al detto quaderno della  
 tavola a carta 197, e allora mi / diè anche Pasquino f. 4 d'oro per parte di *danari* che mi  
 dovea dare, che sono / scritti anche al detto quaderno nel detto luogho, / 25

f. xl d'oro s. xxj d. viiij ff.

Àcci davanzo di guadagno f.  $13 \frac{1}{4}$  d'oro. ┘

c.lxviiiij v

Dì xxxj di luglio 1371

┐ Richordanza che a dì xxxj di luglio 1371 chonperai da / Piero di Puccio da Chanpi,  
 vocato Mozone, uno paio di gioven/chi, chostorono f. xlij d'oro, chome apare a mia ragione  
 alla / tavola al quaderno .D. a carta 108, i quali demo a tenere a Benozo / di Ceccho, mio 5  
 lavoratore, a mezo pro e a  $\frac{1}{2}$  danno, /

f. xlij d'oro.

Venderonsi i detti buoi di magio 1373 f. 49 d'oro meno s. 15, de' quali ce<sup>177</sup> ne toccha di  
 guadagno f. 6 d'oro s. 53. / Rechò Pasquino di Ceccho f. di 19 di magio 1373, / f. xlviii 10  
 d'oro s. liij pi.: toccha di guadagno per uno / f. iij d'oro s. xxvj d. vj, de' quali ebi della parte  
 di Benozo / detto f. tre d'oro, posto abia dato di qua a carta 68 / e Pasquino suo fratello gli  
 portò s. xxvj d. vj pi., posti / a mia ragione questi *danari* alla tavola al quaderno .F. a carta  
 \*\*\*. ┘

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di ij d'aghosto 1371, per una pr/estanza che feciono i 15  
 xvj della Moneta, chiamata la xvij<sup>a</sup> pre/stanza, inposta a Leonardo Bartolini e a' fratelli.  
 Paghai io Leonar/do de' miei propri *danari* per animo di riavere f. x d'oro s. xviiiij ] a oro,  
 chome / apare a mia ragione alla tavola al quaderno .D. a carta 108, /

f. x d'oro s. xviiiij a oro.

Ànne dato, di iij di febbraio 1371, ebi da Spinello di Lucha Alberti camarlingo ~~de~~ / alla 20  
 Chamera a rendere la detta prestanza f. quattro d'oro, chome apare a mia ragione / al  
 quaderno .E. a carta 182 alla tavola. Chonfessa'li insieme chon altri *danari*, che diceano in  
 / me ed erano di Giovanni di Luigi, ovvero di monna Dianora sua moglie, /

f. iiiiij d'oro.

<sup>177</sup> Ce: acrescentado na entrelinha superior

Ànne dato, di vij di luglio ~~avemo~~ 1372, ebi da Spinello detto, chome / apare a mia 25  
ragione alla tavola al detto quaderno a carta 208, f. nove d'oro / s. quindici ff. /

f. viiij d'oro s. xv ff.

Provideci il Chomune di questo avanzo. ↴

c.lxx r

Mccclxxj

└ Richordanza che a di \*\*\* di dicenbre 1371 io Leonardo / apigionai a Nicholò di Meo  
e Anbruogio suo figliuolo cho/iai o pezai le due nostre boteghe di Porta Rossa per cinque /  
anni, chominciati di j di febraio 1371 per pregio di f. xxiiij<sup>o</sup> / d'oro l'anno, facendo il 5  
paghamento la metà a  $\frac{1}{2}$  l'anno, l'altra / metà in chapo dell'anno. Carta per mano di ser Piero  
di ser Stefano / Chasciani, notaio dell'Arte de' Pezai. E rifiutorono a ogni en/tratura e  
promissono di lasciarla libera da ogni persona e da ogni / ragione d'entratura, a pena di 10  
\*\*\*,

I sopradetti Nicholò e Anbruogio fallirono di luglio / 1373 e facemo chonposizione cho'  
suoi sindachi / e di chonchordia avemo per loro, a di j di luglio 1374, / da Sandro Barucci f.  
quarantotto d'oro, schonti ogni / spesa, che detti Nicholò e Anbruogio v'aveano fatto. / 15  
Scritti a mia ragione alla tavola al quaderno .G. a carta 153, / e rimasonci adosso  
spigionate, /

f. xlviiij d'oro. ↴

---

Memoria che a di xv d'aghosto 1371 io Leonardo fui chamarlingho della ghabella de'  
chontratti per sei mesi, / a ragione di f. sei d'oro il mese. Fu mio notaio ser Francescho  
Venni da Viescha.<sup>178</sup>

c.lxx v

Mccclxxij

Memoria che a di iij di giugno 1372 la Giannetta mia moglie / vendé, e io Leonardo vi  
fui mallevadore, a Sandro Draghonetti / da Signa parte della chasa di Parione, che ·ffu di

---

<sup>178</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na *manicula* no espaço abaixo.

Giovanni di Rinieri / Charini, per pregio di f. dugento d'oro. Carta per mano di ser Simone 5  
/ Landi.

E a dì iiij di giugno anno detto le vendé l'altra parte per pregio / di f. lxxv d'oro. Carta  
per lo detto notaio.

La detta chasa donò il detto Giovanni alla detta Giannetta, sua se/rochia, a dì 12 di 10  
giugno 1358; carta per mano di ser Bartolomeo / di Lapo del Forese e al detto Sandro demo  
la detta carta chonpiuta.

---

Richordanza che a dì j d'aghosto 1372 Ugho Vechietti e chonpagni / mi feciono una  
promessa di f. 28 d'oro, a libro Rosso a carta \*\*\*, / per Manfredi Gianbollari per f. 28  
d'oro, che Paolo di Giovanni Guiglielmi / m'avea dipositati alla tavola, chome apare al 15  
quaderno \*\*\*, / perch'io gli dessi al detto Manfredi, quando il detto Manfredi gli entrasse /  
mallevadore alla chasa, che 'l detto Paolo chonperò da Zanobi Gianbollari.

c.lxxj r

Mccclxxij

Richordanza che a dì 15 d'aghosto 1372 la Giannetta mia moglie e / Sandro di  
Draghonetto, che chonperò dalla Gianetta la chasa di Parione, / feciono procuratore ser  
Bartolomeo di ser Maso Nelli e altri a piatire. / Carta per mano di ser Giovanni Nicholai da 5  
Chastelflorentino. E

A dì xvj d'aghosto anno detto, il detto ser Bartolomeo, chome procuratore detto, / fece  
fare la protestagione a Lisabetta sua serocchia e a Zanobi / suo marito e alla figliuola e ad  
altri, perché non potessono di fatto in su' beni che / ffurono di Rinieri Charini o di  
Giovanni suo figliuolo e 'llor fratello, e questo dì / si feciono le richieste da parte di tutti 10  
giudici di messer \*\*\* / da Ghobio, podestà di Firenze e a dì 17 del detto mese si segnarono.

---

Memoria che a dì 23 di novembre 1372 Giovanni di Luigi de' Mozi / vendé a Francescho  
di Lapo di Feghine uno podere, posto presso / a 'fFeghine, luogho detto Ghaglianella, per  
pregio di f. 400 d'oro, / e io Leonardo vi fui mallevadore. Carta per mano di ser Ristoro / di 15  
ser Iachopo da 'fFeghine.

c. lxxj v

Mccclxxij dì viij di febraio

Richordanza che questo dì di sopra alloghai io Leonardo a lavorare / a Benedetto e Michele, fratelli e figliuoli di Giovanni (\*\*\*), che oggi dimorano nel popolo di San Piero a Ponti a da Chanpi, tutte le terre / che abbiamo nel detto popolo, chon questi patti e modi, che 5  
ne fu mezano Miglio/rato di Salinbene dal Cholle,<sup>179</sup> cioè:

In prima che debono lavorare tutte le dette terre, che sono nel / torno di staiora clxxvij, bene e sollicitamente a detto di buono h / huomo e debono fare 30 staiora di magholati chon sovercio o più / e cho letame ogni anno e io debo mettere la metà del sovercio, e / che 10  
debiano ogni anno vanghare e affossare staiora xxx di terra / o più, e che debiano ogn'anno fare in sul detto podere staiora vj / overo viij d'agli e io debo dare loro mezo il seme de' detti agli. / E similmente debono fare ogn'anno altrettante staiora di lino / e io debo 15  
paghare mezo il seme detto e debono ghovernare la / mia parte del detto lino e io debo dare loro s. x della dodicina. / E debono ghovernare e lavorare il giardino a mezo e farvi / le siepi e io dare loro meze le channe. E debono tenere un porcho / o vorranno due a mezo e io debo paghare il mezo di quello che chosta/ssono a chonpera'gli, e poi al tempo 20  
dell'uccidere mi debono rechare / la metà a Firenze a l'loro vettura e mia ghabella.

Anche debo chonperare loro un paio di buoi, overo vacche ed e/glino gli debono ghovernare e pasciere e tenere per lavorare il de/tto podere a  $\frac{1}{2}$  pro e a mezo danno, e al tempo della richolta mi debono / dare la metà di ciò che vi si richoglierà su, e oltre a cciò 25  
mi debono da/re di vantagio della loro parte ogn'anno staia xvij di grano e ogni chosa / recharmi a Firenze, a mia ghabella e a l'loro vettura. E anche debono lavora/re le vigne e affossare e debomi rechare la metà del vino a Firenze a l'lo/ro vettura e mia ghabella, e debomi dare ogn'anno un'ocha e due paia di cha/pponi e x serque d'uova. E anche che non 30  
deban lavorare terra / altrui, né aiutare altrui. E tutte le predette chose debono fare / e oservare, a pena di lb. 50 e debasene stare a detto del detto Migliorato.

Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrando.

c.lxxij r

Mccclxxij

<sup>179</sup> *Migliorato ... Cholle*: evidenciado por duas figuras geométricas circulares, uma na margem interna e outra na externa

Richordanza che a dì xxiiij di marzo 1372 io Leonardo fui eletto, per li Priori e per li Chollegi / e per gli Uficiali dell'[Al]pe, camarlingo de' detti Uficiali a riporre Fiorenzuola.<sup>180</sup>

c.lxxij v

Mccclxxiiij di xxx di giugno

~~Richordanza~~

Benedetto e Michele, frategli e figliuoli di Giovanni / del popolo di San Piero a Ponti, miei lavoratori, / deono dare per uno paio di buoi, che chonperai loro per tenere / in sul mio podere per lavorare, f. cinquantadue d'oro e mezo. / Portò i detti *danari* il detto Michele, di detto<sup>181</sup>, i qua' buoi debono tenere, pa/scere e ghovernare alle loro spese e ciò che Dio ne farà, / o di pro o di danno, di che Dio guardi, si de' partire per metà tra me / e loro, salvo che se, per loro difetto o mala guardia, ne 'nterv/enisse meno che bene, debono portare tutto il dano eglino, / I detti *danari* sono scritti alla tavola a mia ragione al quaderno .F. a carta \*\*\*. /

f. liij d'oro s. xiiij d. vj ff

Feciomene carta, di xiiij di dicenbre 1378, per mano di ser Michele / di ser Aldobrando.

Ànnone dato, di \*\*\* di marzo 1378, per uno bue che venderono, che tenea / Benedetto detto, f. venti d'oro, /

f. xx d'oro.

Ànnone dato, di \*\*\* di luglio 1379, per uno bue che venderono, che / tenea Michele sopradetto, f. dodici d'oro, /

f. xij d'oro.

c.lxxiiij r

Mccclxxiiij di xv di luglio

Richordanza che a dì xv di luglio 1373, al nome di Dio e di buona ventura, alle 21 ora / venerdì, naque Zanobi mio figliuolo. Batezòllo per l'amor di Dio monna Lucia che / guarda

<sup>180</sup> *Richordanza ... Fiorenzuola*: evidenciado por *manicula* no espaço abaixo

<sup>181</sup> *di detto*: acrescentado na entrelinha superior

le donne. Dio gli dea buona ventura per l'anima e per lo chorpo.

Richordanza che a di \*\*\* demo a balia il detto Zanobi a monna / Lisa, moglie di Giovanni di Ciccholo, del popolo di San Piero a Monte Paldi da San Chasciano. De'ne avere il mese \*\*\*.

c.lxxiij v

Mccclxxiij di xv di luglio

Il Comune di Firenze de' dare, di xv di luglio, levamo ove / dovea dare di qua a carta lxxvj, assegnati in sul Monte dell'uno / due, in somma f. trecento ~~settanta~~ottantatre<sup>182</sup> d'oro s. ~~tre~~ otto<sup>183</sup> d. sei<sup>184</sup> a oro. Chostami / f. cento ~~settanta~~noventaottantaquattro<sup>185</sup> d'oro s. [viii] ~~quattro~~<sup>186</sup> d. tre<sup>187</sup> a oro. Rendene di pro d. j / per lb. il mese, /

383        8        6

f. ccclxxxiiij d'oro s. viij d. vj a oro dell'uno due.

E de' dare, di xxv d'aghosto 1373, f. dugentoquattro d'oro del Monte / dell'uno tre, che chonperai da Iachopo Bartoli, che dimora in Anchona, / i qua' *danari* avea chonperati il detto Iachopo nel 1364 e fattigli scrivere / in me Leonardo, e per f. cxxv d'oro s. xvij d. viiij a oro, che chonperamo dal / detto Iachopo del Monte dell'uno due, e chostarono f. centosei d'oro, / s. undici d. dieci a oro. Paga'lo chome apare a sua ragione a libro mio / Bianco della tavola, segnato .E. a carta 329 e paga'lo di tutte le pa/ghe che dovea avere per tutto il mese di luglio 1373, chome apare nel / detto luogo, /

f. cxxv d'oro s. xvij d. viiij<sup>o</sup> a oro dell'uno due e

f. cciiij<sup>o</sup> d'oro dell'uno tre.

713 / 6 / 3

<B:>

E de' dare, chome apare inanzi a charta 81, /

f. 954 s. 17 d. 8.

<sup>182</sup> *ottantatre*: *ottanta* escrito na entrelinha superior

<sup>183</sup> *otto*: escrito na entrelinha superior

<sup>184</sup> *sei*: sobrescrito a outro número ilegível

<sup>185</sup> *ottantaquattro*: escrito na entrelinha superior

<sup>186</sup> *quatro*: escrito na entrelinha inferior

<sup>187</sup> *tre*: sobrescrito a outro número ilegível

Somma f. \*\*\*. /

Furono per la riformagione rechatì a l'uno uno e trovamoci dove/re avere dal Chomune, rechatò a l'uno [uno, ] f. 874 e fumo di poi / chiariti fossono da pachare f. 800 d'oro s. 15 a 10 oro e detti dobbiamo ria/vere a quarto a quarto, sechondo le tratte.

A dì 29 d'ottobre 1383 avemo il p<sup>o</sup> quarto de' detti *danari* da Iachopo di Neri pachatore, / cioè f. 200 d'oro s. 3 d. 4 a oro.

Poi a dì 20 di giennaio 1384 chonperamo da messer Tomaso Sacchetti f. 816 e *soldi* del Mote / del'uno uno ale pache, i quali diceano i<n> Leonardo. Sono a riavere dal Chomune 15 f. 561 s. 15 a oro, / chostoromi cho' [certe] pache che aveano f. 324 d'oro s. 16 a oro.

E chonperamo a dì 15 di maggio da Nicholò Macigni e Leonardo Bartolini, i quali diceano / anche i<n> Leonardo f. 29 d'oro *soldi* del Mote, costoron f. 11 d'oro. /

A dì 17 d'aprile 1387 avemo il sechondo quarto di tuti i sopradetti *danari* / et avemone 20 f. 389 s. 14 d. 6.

c.lxxiiij r

<A:>

Mccclxxiiij dì viiiij<sup>o</sup> d'aghosto

Benedetto e Michele di Giovanni miei lavoratori da Canpi deono / dare, dì viiiij<sup>o</sup> d'aghosto, per la metà di f. due d'oro, che diedi loro. Po<r>tò / Michele detto per chonperare fave per sovercio f. uno d'oro, che debo / pagare la metà io e l'altra metà 5 eglino, secondo i patti ch'avemo, /

f. j d'oro.

E deono dare, dì xxviiiij<sup>o</sup> d'aghosto 1373, ebono per chonperare grano per / seminare f. sei d'oro. Portò Michele detto; a mia ragione al quaderno .F. a carta 115, /

f. vj d'oro.

E deono dare, dì xxviiiij<sup>o</sup> di settenbre anno detto, ebono per chonperare uno / aratolo da seminare f. due d'oro. Portò Michele detto. Scritti a mia / ragione al quaderno .F. a carta 10 \*\*\* , /

f. ij d'oro.

E deono dare, dì xxiiij d'ottobre, per la metà di f. due d'oro, ch'ebe per / chonperare agli per porre ~~f. due~~ f. uno d'oro. Portò Michele detto, cho/me apare a mia ragione al quaderno .F. a carta 132, /

f. j d'oro.

E deono dare, di xxxj di dicenbre 1373, per la metà di due porci che / chonperorono a 15  
Prato, che chostorono lb. v s. x. Portòlli Michele detto, /

lb. ij s. xv pi.

E deono dare, di viii<sup>o</sup> d'ottobre 1375, per la metà di s. xxij d. iiij, che / gli demo per le  
guardie delle vigne, /

s. xj d. viij.

E deono dare per la metà di lb. dieci, ch'ebono infino quan/do tornarono in su' luogo  
per channe per le siepe del / giardino e per le perghole, chome apare alla tavola, / al 20  
quaderno .H. a carta 70, levati da ragione di Michele a carta 56 6,<sup>188</sup>

lb. v.

E deono dare, di xxij di novembre 1375, per la metà di due / porci tenporili, che  
chonperai a Empoli e manda'gli loro / per Salinbene di Migliorato.<sup>189</sup> Chostorono lb. vj s. v  
pi., cho/me apare a mia ragione alla tavola al quaderno .H. a carta 56, / 25

lb. iij s ij d. vj

10 10 17 6

E deo \*\*\*

c.lxxiiij v

Mccclxxiiij di xj d'aghosto

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xj d'aghosto 1373, per una prestanza / che si puose  
per la spesa della guerra dell'Alpe e podere chontro agli / Ubaldini, pagha'ne f. dieci d'oro,  
posta a me e a' miei fratelli. / Paghai de' miei propi *danari* per animo di riavere; sonmi 5  
asegnate / più ghabelle per renderli in certe paghe e debene essere camarlingo a renderli  
Spinello di Lucha dalla Chamera,<sup>190</sup> /

f. x d'oro.

E de' dare, questo di paghai della detta prestanza per monna Balda, moglie<sup>191</sup>/ che ·ffu di  
Piero di Bindo Bisdomini,<sup>192</sup> de' miei danari per animo di riavere f. due, /

<sup>188</sup> 6: escrito na entrelinha superior

<sup>189</sup> *Salimbene di Migliorato*: sublinhado e evidenciado por *N.B.*, escrito no espaço abaixo, depois da última linha da página.

<sup>190</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>191</sup> *Monna Balda moglie*: sublinhado com linha tracejada



f. ij d'oro.

E de' dare, questo di paghai per Bernardo di Tobia per animo di riavere<sup>193</sup> / de' suoi 10  
 propi *danari*, posti a sua ragione alla tavola al quaderno .F. a carta 264, / e quando gli  
 riavrò gli renderò a ·llui f.due d'oro, /

f. ij d'oro.

E de' dare ~~di~~ infino a di xxviii di luglio 1373, paghai per Giovanni / di Luigi per animo  
 di riavere f. venti d'oro. Portò Bartolomeo / di Lionardo, sono scritti a ragione del detto 15  
 Giovanni alla tavola / al quaderno .F. a carta 68. E quando si riavranno si voranno porre a  
 sua / ragione, /

f. xx d'oro.

Ànne dato, di v d'ottobre 1374, avemo da Spinello / di Lucha Alberti camarlingo a  
 rendere la detta prestanza / per li due terzi de' detti f. 34 d'oro, f. xxij d'oro s. xiiij d. iiij<sup>o</sup> / a 20  
 oro, scritti a mia ragione per li due terzi, miei e di monna / Balda f. viij d'oro al quaderno  
 .G. a carta 153, e a ragione di Giovanni / di Luigi f. xiiij d'oro e terzo al detto quaderno a  
 carta 15, e <a> Bernardo / demo i suoi chontanti,

f. xxij d'oro s. xiiij d. iiij a oro.

Ànne dato, di xxiiij di febraio 1374, avemo dal detto / Spinello per chonpimento del 25  
 detto paghamento f. undici / d'oro s. vj d. viij a oro, postine a mia ragione al detto /  
 quaderno a carta 213 f. iiij<sup>o</sup> d'oro e a ragione di Giovanni di Luigi / al detto quaderno a  
 carta xv f. vj d'oro s. xiiij d. iiij a oro e a Ber/nardo demo il suo resto chontanti, cioè s. xiiij 30  
 d.iiij<sup>o</sup> a oro,

f. xj d'oro s. vj d. viij a oro.┘

c.lxxv r

Mccclxxiiij di xiiij di settenbre

Conperamo, di xiiij di settenbre 1373, una asina<sup>194</sup>, chonperòlla Lorenzo nostro schiavo  
 / da Mosciano, chostò f. sei d'oro s. lv pi. chol basto,

f. vj d'oro s. lv pi.

---

<sup>192</sup> *Piero di Bindo Bisdomini*: sublinhado com linha tracejada

<sup>193</sup> *Bernardo ... riavere*: sublinhado com linha tracejada

<sup>194</sup> *una asina*: acrescentado na entrelinha superior

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xxvij d'ottobre 1373, per una prestanza / che 5  
puosono a' cittadini i Sedici della Moneta, paghamone f. dieci d'oro, / chome apare a mia  
ragione alla tavola al quaderno .F. a carta 125, /

f. x d'oro.

Ànne dato, di v di luglio 1374, riavemo da Spinello di Lucha Alberti chammarlingho a  
rendere la detta prestanza per li  $\frac{4}{5}$ <sup>195</sup> de' detti *danari* f. otto d'oro, / iscritti a mia ragione alla  
tavola al quaderno .G. a carta 153, /

f. viij d'oro.

Ànne dato, di viii<sup>o</sup> di gennaio 1374, avemo dal detto Spinello / per lo resto della detta 10  
prestanza f. due d'oro, scritti a mia ragione / al quaderno .G. a carta 213 f,

f. ij d'oro. ┘

---

Michele di Giovanni nostro lavoratore da Chanpi propio de' dare, di xxij / d'ottobre  
1373, presta'li per chonperare grano per suo manichare, chome apa/re al quaderno .F. a 15  
carta 131 f. quattro d'oro, /

f. iiij d'oro.

E de' dare, di v di settenbre 1375, per la metà di s. xliij<sup>o</sup> pi., che chonperamo / staia iiij<sup>o</sup>  
di lupini per s. xj lo staio. Tochaline

s. xxij pi.

E de' dare, di xx d'ottobre 1375, prestamoli per chonperare uno chopertoio<sup>196</sup>, quan/do  
tolse moglie, f. cinque e mezo e f. due, ebe chontanti in somma f. vij  $\frac{1}{2}$ , / chome apare a mia 20  
ragione alla tavola al quaderno .H. a carta 51, /

f. vij d'oro s. xxxviiij.

E de' dare, di xij di luglio 1376, prestamoli per mettere battitori e per recha/re grano a  
Firenze lb. sei pi., /

lb. vj pi.

E de' dare, di xiiij<sup>o</sup> di luglio 1376, prestamoli per vettura d'una charata di grano, /

lb. iiij s. x pi.

E de' dare, questo di prestamoli per chonperare peze per lo fanciullo suo s. trenta pi.,

lb. j s. x pi.

---

<sup>195</sup>  $\frac{4}{5}$  : 4 sobrescrito a outro número ilegível

<sup>196</sup> *Copertoio*: a *r* está escrita na entrelinha superior

E de' dare, di xxviii di settenbre 1377, per la metà di f. due d'oro, che gli de/mo per lino 25  
seme. Tochaline f. uno d'oro,

f. j d'oro.

c.lxxv v

Mccclxxiiij di xxvj di dicenbre

Benedetto di Giovanni propio nostro lavoratore da Chanpi de' dare, di / xxvj di  
dicenbre, ebe per chonperare grano per suo manichare f. due d'oro, /

f. ij d'oro.

E de' dare per resto di f. due d'oro, che paghai per lui a Uberto di Schiatta s. ven/totto 5  
pi., che de' detti f. ij d'oro me ne diè u' mogio di spelda a s. 4 d. 8 lo staio, /

s. xxviii pi.

E de' dare, di xviii° di febraio 1373, ebe per chonperare grano / per suo manichare f.  
due in quattrini, cioè lb. sette, die/diglile Leonardo a chasa mia in Firenze de' *danari* del  
vino ch'io vende', /

f. ij d'oro.

E de' dare, di iij di maggio 1374<sup>197</sup> . ebe per chonperare grano per suo manicha/re f. uno 10  
d'oro, scritti a mia ragione alla tavola al quaderno G a carta 32, /

f. j d'oro.

E de' dare, di viij di giugno 1374, ebe per chonperare grano per suo ma/nichare f. uno  
d'oro, scritti a mia ragione alla tavola al quaderno .G. a carta 46, /

f. j d'oro.

E de' dare, di xj di novenbre 1374, ebe in sua mano per chonpe/rare grano per seme f.  
due d'oro, scritti a mia ragione / alla tavola al quaderno .G. a carta 76. Ebene monete lb.7 s. 15  
4, /

f. ij d'oro.

E de' dare, di 27 di luglio 1375, ebe per mettere battitori lb. tre, al quaderno .H. a carta  
25, /

lb. iij pi.

E de' dare, di xvj d'aghosto 1375, per la metà di f. due d'oro, che chostò / uno porcho,  
che chonperamo per tenere. Tochaline f. uno d'oro, chome / apare a mia ragione alla tavola

---

<sup>197</sup> 1374: acrescentado da entrelinha superior

al quaderno .H. a carta 40, /

f. j d'oro

┐ E de' dare, di xvj di settenbre 1375, per la metà di s.xl pi., che chostò uno / staio di 20  
lino seme, chome apare alla tavola al detto quaderno a carta 40. Dice ne chonperò / egli  
<s>taia uno, siché no· gli de' dare,

s. xx.┐

E de' dare, di 29 di marzo 1376, per la metà di s. 36 che gli demo per channe, /

s. xviiij.

E de' dare, di xij° di luglio 1376, prestamoli per mettere battitori lb. tre, /

lb. iij pi.

E de' dare, di xiiij° di luglio, prestamoli per rechatura una charrata di grano, 25

lb. iiij° pi.

E de' dare, di xviiij° di luglio, prestamoli per vettura d'una charata di grano, /

f. j d'oro s. v pi.

E de' dare, di 23 di dicenbre 1376<sup>198</sup> ebe per chonperare una vangha / s. quaranta pi.,  
scritti a mia ragione al quaderno .I. a carta cxj, /

lb. ij pi.

E de' dare, di 13 di giugno 1377, per la metà di s. 32 di channe, che chonperò per / la 30  
vigna, tochane a ·llui s. xvj, /

s. xvj pi.

E de' dare per uno staio di sagina, ch'ebe di quella richolsi chon Pasquino,

s. vj d. viiiij.

E de' dare per staia xij di panicho ch'ebe l'anno 1374, a s. 36 lo staio, lb. 21 s.1 2 a s. 68  
il f., /

f. vj d'oro s. xxiiij.

E de' dare per staia ij di miglio l'ano 1374 a s. 40 lo staio, lb.4 a s.68 il f., /

f. j d'oro s. xij pi.

E de' dare, di 17 di marzo 1377, per la sua parte del porcho, che chostò lb. 4 d. 8, che  
noi / ne paghamo f. j d'oro ed egli s. 5 d. 8. Tochagline s. 34 d. 8, 35

lb. j s. 14 d. 8.

E de' dare, di 18 di settenbre, per la metà di due staia di lino seme a s. 37<sup>199</sup> lo staio, /

<sup>198</sup> 1376: acrescentado da entrelinha superior

<sup>199</sup> 37: 3 escrito sobredito a outra cifra ilegível

lb. j s. 17.

E de' dare, di 21 d'ottobre, per vettura di barili \*\*\* di vino che paghai al Buono del Zeta,

lb.\*\*\*.

Ànne dato l'anno 1375 per staia  $19\frac{1}{4}$  di spelda, ch' ebi della sua parte a s. 9 lo staio, / lb .8 s. 13 d.3, abattesene per staia  $9\frac{1}{2}$  di panicho ch'ebe del mio il detto anno,/ per s. 11 lo staio, lb. 5 s. 4 d. 6: resta ch' à dato lb. 3 s. 4 d. 9; abattesene s. x per agli, /

lb. 2 s. 18 d. 9.

Ànne dato per barili  $6\frac{1}{2}$  di vino, ch'ebi della sua parte l'anno 1376, a ragione di f. 3 / il chogno, f. 2 meno s. 4 e per vettura di barili  $7\frac{1}{2}$  di vino, che mi rechò, s. 22 d. 6,

f. 2 s .18 d. 6.

c.lxxvj r

Mccclxxiiij di xxij d'aghosto

Il Comune di Firenze de' dare, di xxij d'aghosto, per una prestanza che / inpuosono a ~~eholoro che~~ a chiunque avea prestanza, per ogni *fiorino* d'oro / prestasse lb. tre, siché per f. x d'oro, che avavamo di prestanza, pre/stamo lb. trenta pi. e dobialli riavere dal camarlingo del grano / che sia d'aghosto 1375, che per grano s' acchattarono, /

lb. xxx pi.

Ànne dato, di xxiiij d'aghosto 1375, avemo da Giovanni Federighi / chamarlingho degli Ufficiali del grano. Rechò Leonardo lb. quindici pi., /

lb. xv pi.

Ànne dato, di vj di novembre 1375, avemo dal detto Giovanni Fede/righi camarlingo predetto lb.quindici pi. Rechò Iachopo di Benci, /

lb. xv pi.

Somma lb.xxx pi. ↴

Richordanza che a di iij d'ottobre 1374 feci mattricholare / all'Arte del Chanbio, senza pagare all'Arte nulla per lo beneficio / di me Leonardo di Bartolino, essendo chonsoli Andrea di Chappone / de' Chapponi, Duccio Mellini, Matteo di ser Giovanni, / carta per mano di ser Piero Guerrucci da Monte Vettolino, allora notaio / della detta Arte del

Chanbio, Bartolomeo mio figliuolo.<sup>200</sup>

Anche feci matricholare Marcho mio figliuolo alla detta Arte, di ij d'a/prile 1375, essendo chonsoli Nofrio di Giovanni di messer Lapo Arnolfi, / Iachopo di Giovanni degli Schali, Neri Bartolini degli Schodellai e Cha/ruccio d'Andrea del Nero. Carta per mano del detto ser Piero.<sup>201</sup>

c.lxxvj v

Mccclxxiiij di xvj di novembre

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xvj di novembre, / per una prestanza che feciono per chonperare grano / per lo grande charo che n'era, tochòne a prestare a nnoi / f. dieci d'oro, scritti a mia ragione alla tavola al quaderno .G. / a carta 76. Fu asegnata alla ghabella del sale, della quale pre/stanza de' rendere Spinello di Lucha Alberti,

f. x d'oro.

E de' dare, di xxvj di genaio 1374, per un'altra prestanza / per lo detto grano: paghamone f. dieci d'oro, scritti a mia / ragione al quaderno detto a carta 94 e paghai per monna Balda<sup>202</sup> / di Piero Bisdomini, per animo di riavere, f. due d'oro della / detta prestanza, scritti a mia ragione nel detto luogo. / Sono asegnati che gli rendesse Spinello di Lucha, /

f. xij d'oro.

E deono dare, di xv di marzo 1374, per una prestanza / per lo detto grano f. dieci d'oro e per Monna Balda detta / f. due d'oro, scritti a mia ragione al detto quaderno a carta 94. / Sono asegnati che gli rendesse Spinello di Lucha, /

f. xij d'oro.

E de' dare, di xij d'aprile 1375, per una meza prestanza / che si rischosse, f. cinque d'oro, scritti a mia ragione, / al detto quaderno .G. a carta 105. Sono asegnati \*\*\*,

f. v d'oro.

E de' dare, di xv di giugno 1375, per una prestanza che paghamo a Bernardo di ser Ridolfo Pretasini f. dieci d'oro / e per monna Balda<sup>203</sup> detta f. due d'oro, asegnati \*\*\*, /

<sup>200</sup> Parágrafo evidenciado por sinal em forma de triângulo na margem interna

<sup>201</sup> Parágrafo evidenciado por sinal em forma de triângulo na margem interna

<sup>202</sup> *Balda*: sublinhado e evidenciado por *manicula* na margem interna

<sup>203</sup> *Balda*: sublinhado

f. xij d'oro.

E de' dare, di xxv di giugno 1375<sup>204</sup>, per una prestanza che paghamo / a Bernardo di ser 25  
Ridolfo detto chamarlingho f. dieci d'oro per achatto, /

f. x d'oro.

E de' dare, di xxij di settenbre 1375, paghamo a Bernardo di ser Ri/dolfo Pretasini  
camarlingo delle prestanze per uno achatto, che fe/ciono i Sedici della Moneta, f. sette  
d'oro, chome apare a mia / ragione alla tavola al quaderno .H. a carta 40, /

f. vij d'oro.

Ànne dato, di xxx d'ottobre 1375, avemo da Bernardo di ser Ridolfo / Pretasini 30  
camarlingo f. ventinove d'oro delle tre sezaie partite di sopra, / che ce li schontò in tre  
prestanze, che paghamo questo dì, chome a/pare inanzi a carta 79, /

f. xxviii d'oro.

Ànne dato, di xviii di dicenbre 1375, avemo da Spinello di Lucha Alberti / camarlingo 35  
a rendere la sopradetta prestanza fatta di novembre 1374, scritti / a mia ragione ala tavola al  
quaderno .H. a carta 162 f. dieci d'oro, /

f. x d'oro.

Ànne dato, di vij di febraio 1375, avemo dal detto Spinello per la detta  $\frac{1}{2}$  prestanza,  
<alla detta carta> 162, /

f. v d'oro.

Ànne dato, a di xiiij di giugno 1375 e a dì 9 d'ottobre 1375, / da Spinello di Lucha  
camarlingo, chome apare a mia ragione al quaderno I a carta 23,

f. xxij d'oro s. xxvij d. x ff. 1

c.lxxvij r

Mccclxxiiij di xxx di gennaio

Richordanza che a dì 30 di gennaio 1374 alloghai a Baccio di Neri del popolo / di Santo  
Andrea da Mosciano il podere dal mulino, posto nel detto popolo, / per cinque anni  
chominciati di j d'aghosto 1375, e cho' buoi istimati f. xxx, / a mezo pro e a mezo danno. E 5  
dobialli prestare f. venti d'oro e pagha'ne la / ghabella s. xvij d.iiij, ed egli de' lavorare  
bene e non de' aiutare a persona / e de'mi rechare ogni chosa a Firenze, cioè la metà di

<sup>204</sup> '375: acrescendado na entrelinha superior

quello che vi si richo/glierà su, salvo il vino. E de'mi dare due paia di chapponi e diecie /  
 serque d'uova e mezi i sermenti e dèboli dare mezo il seme e dèboli / tenere uno asino. 10  
 D'ogni chosa fece carta ser Guelfo di ser Manetto / da Puntormo.

---

Richordanza che a dì 19 di marzo 1374 io Leonardo fui chavato / podestà d'Empoli per  
 vj mesi, chominciati di j di giugno 1375, chon / salario di lb. 250 pi., tegnendo uno  
 chavallo e due fanti. Questo / ufficio accettai in servizio di Salvestro, per farvi stare lui e 11  
 chosì feci.<sup>205</sup>

c.lxxvij v

Mcccclxxiiij di xxiiij di marzo

Memoria che io Leonardo chonperai, a dì 24 di marzo / 1374, dal Belluccio di Giovanni  
 del popolo di San Piero / a Ponti da Chanpi staïora xxj e panora otto di terra, / posta nel 5  
 popolo di Sa' Moro, luogho detto Vinghone, in / quattro pezi, ch'egli avea chonperato del  
 mese di fe/braio passato da Filippo e Lucha di Piero Rinieri, per / pregio di f. quaranta  
 d'oro. Carta per mano di ser Tomaso / di ser Salvestro di ser Bernardo da Signa.

E questo di gliel'aloghai a mezo per uno anno. Carta / per manno del detto ser 10  
 Tommaso.

---

Uno paio di buoi che demo a Baccio di Neri nostro lavo/ratore per lavorare, deono dare,  
 che gliele facemo / stimare del mese di magio 1375, f. ventotto d'oro / e mezo, l'uno 15  
 chonperamo f. xv d'oro, l'altro era de' no/stri che rimasino quando lo schiavo morì,

f. xxviiij d'oro s. xiiij d. vj ff.

E de' dare, di xxviiij di settenbre 1377, per uno bue, che barattò chon Fi/lippo di Stefano  
 da Mosciano, che gli diè uno de' nostri e giunseli / f. dodici d'oro, scritti a mia ragione alla  
 tavola al quaderno .H. a carta 80, /

f. xij d'oro.

E de' dare, di xiiij di luglio 1380, perché vendé i sopradetti buoi, f. 26  $\frac{1}{2}$  d'oro / e 20  
 richonperonne un paio, che chostorono f. xxviiiij<sup>o</sup> d'oro s. xx pi., che gli / agiunsi f. due  
 d'oro s. lvij pi., /

---

<sup>205</sup> Parágrafo evidenciado por manícula no espaço acima, antes da linha de separação, e por dois sinais de três linhas paralelas no espaço acima e abaixo, ao lado esquerdo



f. ij d'oro s. lvij pi.

&lt;B:&gt;

E de' dare, di 26 di giugno 1382, che ve<n>dé i sopradetti buoi, f. 24 d'oro / e  
chonperòne u' paio f. 33 d'oro, che n' agiu<n>si f. nove d'oro, /

f. viiiij<sup>o</sup> d'oro.

Ànne dati a di \*\*\* che vendemo i detti buoi a Moter[lo],

f. xxxiiij<sup>o</sup> d'oro.

c.lxxviiij r

&lt;A:&gt;

Mccclxxiiij

┐ Baccio di Neri, popolo di Santo Andrea a Mosciano, nostro / lavoratore, de' dare di  
febraio 1374, ebe da Paolo no/stro fattore dal mulino staia tre di sagina per s per s. xxv / E 5  
~~de' dare~~ lo staio, e staio uno di spelda per s. xx lo staio sottosopra,

lb. iiij<sup>o</sup> s. xv pi.

E de' dare, ebe del mese di marzo, ebe a Firenze da chasa mia / staia due di sagina e iiij  
quarti di fave per s. xxx lo staio / dela sagina e per s. xl le fave, /

lb. iiij s. x.

E de' dare, ebe del mese d'aprile 1375 staia due di sagina / per s. xxv lo staio. Monta / 10

lb. iiij s. x.

E de' dare, di xiiij d'aprile 1375, ebe staia due di sagina / per s. xxv lo staio,

lb. iiij s. x.

E de' dare, di xx d'aprile, ebe staio uno di sagina per s. xxv,

lb. j s. v.

E de' dare, di xvij di maggio, ebe per chonperare biada / lb.sette s. sei pi., cioè f. due 15  
d'oro, /

lb. vij s. vj.

E de' dare, di j di giugno, ebe per chonperare biada per ma/nichare f. due d'oro, /

lb. vij s. vj.

E de' dare, di xv di giugno, ebe per chonperare orzo per manichare, /

lb. ij.

E de' dare, di xviii<sup>o</sup> di luglio 1375,<sup>206</sup> per lui a Francescho di messer Iachopo / Marchi 20  
suo oste f.dieci d'oro, chome apare al quaderno .H. a carta 35, /

f. x d'oro.

E de' dare questo di per libbre ij  $\frac{1}{4}$  d'olio, che gli lasciamo al mu/lino a chasa, quando  
Paolo nostro fattore se n'andò, a ragione / di lb. 9 s. 10 l'orcio. Monta s. liij d. iiij; sbattone  
q. iij, che dice / che chalò le quattro orcia, che mi ripuose a Mosciano, q. iij, resta q. vj, /

~~lb. ij s. xiiij d. iiij<sup>o</sup>~~ lb. j s. xv d. iiij.

E de' dare per barili \*\*\* d'aceto, ch'era nella botte, /

25

\*\*\*.

E de' dare per uno bomere e una choreggia da giogho e / due aratoli,

f. ij d'oro.

E de' dare per una fune per l'asino, di \*\*\* di settenbre 1375, /

s. v.

E de' dare, di \*\*\* di settenbre 1375, ebe per suo manichare da chasa nostra / in Firenze 30  
del grano avea richolto Paolo nostro fattore, staia tre di grano / per s. xxv lo staio, monta /

lb. iij s. xv.

E de' dare, di \*\*\* d'ottobre anno detto, ebe per suo manichare del detto grano / in  
Firenze staia sei di grano, meno  $\frac{1}{2}$  quarto, per s. xxv lo staio, /

lb. vij s. x.

E de' dare, di 22 d'aghosto<sup>207</sup> 1375, per lui a Francescho di messer Iachopo / Marchi e 35  
per lui a Michele di Mazino, merchatante di bestie, f. quattro d'oro, /

f. iiij d'oro.

E de' dare, di \*\*\* di settenbre, ebe dal Borra da Settimo, e portòlla a Mosciano, / staia  
trentasei di sagina, della quale disse ne loghorò per me staia 7, l'altra eb'egli, /

lb. xj s. xij.

E de' dare di, infino a di xxx di maggio d'aghosto, ebe f. uno d'oro, chome apare / a sua  
ragione alla tavola al quaderno .H. a carta xliij, /

f. j d'oro.

E de' dare, di febraio 1375, ebe da 'nnoi, andò per esso a Chanpi, staia vj di / miglio di 40  
quello di Benedetto, per s. xiiij lo staio, e staia vj di sagina, per s. viij, /

<sup>206</sup> 1375: acrescentado na entrelinha superior

<sup>207</sup> aghosto: escrito sobre outra palavra ilegível

lb. vj s. vj.

Somma f.xvij d'oro e lb.lxiiij s.vj d.iiij.Posti debia dare inanzi a carta lxxviiiij<sup>o</sup>.

17 63 t6 4. J

c.lxxviiij v

Mccclxxv

Richordanza che a di \*\*\* di maggio 1375 io Leonardo feci mio *procuratore* Bartolomeo / mio figliuolo a potere fare ciò che posso fare io. Charta per mano di ser Michele di ser 5  
Aldobrando, / per tempo di cinque anni.

---

Il Chomune di Firenze de' dare, di xxx d'ottobre 1375, per tre pre/stanze, che cci furono inposto del detto mese d'una prestanza di f. / xxx<sup>M</sup> d'oro, che n'avemo per volta f. 14 d'oro s.18 d. 3 a oro. Montarono / f. xliiij d'oro s.16 d.3 a oro e chosì paghamo a Bernardo di ser Ridolfo / Pretasini, camarlingo del Comune alla detta prestanza; schontòcci f. 27<sup>208</sup> dell'altre, /

f. xliiij<sup>o</sup> d'oro s. xvij d. iij a oro s. xiiij<sup>o</sup> d. viiij<sup>o</sup> a oro.

E de' dare, questo di paghamo per monna Balda, moglie fu di Piero Bindi Bisdo/mini, 10  
delle dette tre prestanze f. quattro d'oro s. xij d. iij a oro, a ragione / di f. j d'oro s. x d. viiij<sup>o</sup>  
a oro per volta. Paghamo al detto camarlingo e schontò/cci f. due d'oro, ch' avavamo  
paghati per lei d'un'altra prestanza, chome / apare di qua a carta 77, /

f. iij d'oro s. xij d. iij a oro.

E de' dare, questo di paghamo per Bernardo di Tobbia delle dette tre pre/stanze, a 15  
ragione di f. 2 d'oro s. 19 a oro per volta al detto camarlingo, f. otto / s. xviiij a oro, e  
schontòcci f. due d'oro, ch'avavamo paghati per lui d'u/n'altra prestanza, fatta di giugno  
1375. Paghamo per animo di / riavere, furono pure de' suoi *danari* propi, /

f. viiij d'oro s. xvij a oro.

Somma f.lviij d'oro s.iiij a oro.

20

Sono asegnati al Monte libero dell'uno due e chomincia lo 'ntere/sso in chalen di marzo  
1375, cioè f. 116 d'oro s. 8 a oro, a d. j per lb. il mese. /

---

<sup>208</sup> 27: 7 escrito sobre cifra ilegível, 27 repetido na entrelinha superior

E de' dare, di ij di gennaio 1375, paghamo la quarta prestanza per noi f. qua/ttordici d'oro s. diciotto d. tre a oro, e per monna Balda<sup>209</sup> f. uno d'oro s. x d.viii<sup>o</sup> a oro, e / per 25 Bernardo f. due d'oro s. xviii<sup>o</sup> a oro. Somma f. xviii<sup>o</sup> d'oro s.viii a oro. / Sono asegnati al detto Monte del'un due; chomincia le paghe dello 'nteresso in chalen' di aprile 1376 al detto modo. Camarlingo Bernardo di ser Ridolfo, /

f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro.

E de' dare, di xxj di marzo 1375, paghamo la settima prestanza per noi / f. 14 d'oro s. 18 d. 3 a oro, e per monna Balda<sup>210</sup> f. j d'oro s. 10 d.9 a oro, e per Bernardo / di Tobbia f. 2 30 d'oro s. 19 a oro a Amerigho di Nicholò di ser Bene. Somma / f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro. Sono asegnate al Monte libero dell'uno / due e chominciano le paghe in chalen' di giugno 1376, /

f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro.

E de' dare, di viii<sup>o</sup> di magio 1376<sup>211</sup> paghamo l'ottava prestanza al / detto Amerigho, per noi f. 14 d'oro s. 18 d. 3 a oro, e per monna Balda f. uno / d'oro s.10 d.9, e per Bernardo di 35 Tobbia f. 2 d'oro s. 19 a oro. Somma f. 19 d'oro / s. 8 a oro. Sono asegnate al Monte libero dell'uno due e chominciano le / paghe in chalen' di settenbre 1376, /

f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro.

Somma queste tre prestanze di sotto f. lviiij d'oro s. iiij<sup>o</sup> a oro, che /

sono scritte al Monte detto f. 116 d'oro s. 8 a oro.

Somano in tutto scritte al Monte libero dell'uno due f. ccxxxij d'oro s. xvj a oro. / Posto 40 debia dare inanzi a carta lxxx.<sup>l</sup>

c.lxxviii<sup>o</sup> r

Mccclxxv

┐ Baccio di Neri nostro lavoratore da Mosciano de' dare, di / xiiij di dicenbre, levamo ove dovea dare di qua a carta 78, /

f. xvij d'oro e lb. lxiiij s. vj d. iiij pi.

E de' dare questo di per la metà di s. l pi., che chostò un tenporile, /

s. xxv pi.

<sup>209</sup> Balda: sublinhado e evidenciado por *manicula* na margem externa

<sup>210</sup> Balda: sublinhado

<sup>211</sup> 1376: 6 escrito sobre 5

E de' dare, di xxiiij di dicenbre 1375, prestamoli chontanti lb. tre pi., / che non potè 5  
allora avere *danari* da Pegholotto, di chui teneva una / fanciulla a balia, /

lb. iij pi.

E de' dare, di iij di febbraio 1375, per la metà di lb. iiij s. x, che chonperò / paglia per  
buoi. Tochaline s. xlv pi., /

lb. ij s .v pi.

E de' dare, di xiiij di marzo '375<sup>212</sup>, ebe monna Bene sua madre per richogliere / panno 10  
lino s. venti pi., /

lb. j ~~rende~~ ~~lieci~~ pi.

E de' dare, di xviiij<sup>o</sup> di marzo 1375, ebe per chonperare grano lb.tre pi., /

lb. iij pi.

E de' dare, di ij d'aprile 1376, ebe per chonperare grano per manichare / lb. sei pi.,

lb. vj pi.

E de' dare, di xxj d'aprile 1376,<sup>213</sup> ebe per grano per manichare e per mettere opere, / 15

f. iij d'oro.

E de' dare, di vij di maggio 1376, ebe per mettere opere nelle vigne lb. tre, /

lb. iij pi.

E de' dare, di xvj di magio 1376, ebe per richogliere un suo pegno lb. tre, /

lb. iij pi.

E de' dare, di xxviiij di maggio 1376, ebe per chonperare grano, portò monna Giovanna /  
sua moglie lb. sei pi., /

lb. vj pi.

E de' dare, di xij di luglio 1376, ebe per mettere battitori s. venti pi., /

20

lb. j pi.

E de' dare, di xxiiij<sup>o</sup> di dicenbre, ebe per chonperare sale lb. tre pi., /

lb. iij pi.

E de' dare, di viiiij<sup>o</sup> di gennaio 1376, ebe per chonperare grano e una marra f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

E de' dare, di xxj di marzo 1376, ebe per chonperare grano lb. sei pi., /

lb. vj pi.

E de' dare, di x d'aprile '377<sup>214</sup> ebe per chonperare grano lb. sei pi., /

<sup>212</sup> '375: acrescentado na entrelinha superior

<sup>213</sup> '376: acrescentado na entrelinha superior

lb. vj pi.

E de' dare, di xvj di maggio 1377, ebe per chonperare grano lb. cinque pi., / 25

lb.v pi.

E de' dare, di iiij di giugno '377, per la metà di lb. 4 s. 12 d. 6, che chostò un porcho, /

lb. ij s. vj d. iij.

Ed ebe, di 28 d'ottobre 1376, per seminare di quello di Michele da Chanpi staia vj di grano e staia j  $\frac{1}{2}$  di fave, / a s. 14 il grano e lle fave s. 12, /

lb. vj s. vj pi.

Somma f. 23 118 17 7<sup>215</sup>.

Ànne dato, d'ottobre 1376, avemo della sua parte chogna tre di vino / a ragione di f. 3  $\frac{1}{2}$  30  
il chogno al tino, monta f. x d'oro e mezo,

f. x d'oro e mezo.

Ànne dato, di gennaio 1376 orcia tre e libbre vj  $\frac{1}{2}$  d'olio della sua parte, / per lb.v s.j  
orcio lassù, monta lb. xviiiij<sup>o</sup> s. v pi.,

lb. xviiiij<sup>o</sup> s. v pi.

Ànne dato, di iiij di giugno 1377, ponemo debia da|a|re inanzi a carta lxxxj / f. tredici  
d'oro e lb. lxxxxvij s. xvij d. vij pi., /

f. xiiij d'oro e lb. lxxxxvij s.xvij d.vij pi.

Somma f. xxiiij d'oro e lb. cxviiij s. xvij d.vij pi. 35

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xxj di gennaio 1375, paghamo la quinta /  
prestanza di f. xxx<sup>M</sup> d'oro a Buono di Bese, per noi f. 14 d'oro s. 18 d. 3 a oro, / e per  
monna Balda di Piero Bisdomini f. j d'oro s. x d.viiiij<sup>o</sup> a oro, e per Bernardo di Tobia / f.  
due d'oro s.19 a oro. Somma f. 19 d'oro s. 8 a oro. Sono asegnati l'una metà / al sale, l'altra 40  
alle porti. Debonsi rendere di gennaio 1376, /

f. xvii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro.

Ànne dato, di xxxj di gennaio 1376, avemo da Spinello di Lucha Al/berti camarlingo a  
rendere la detta prestanza f. dicenove d'oro s. / otto a oro, chome apare a mia ragione al  
quaderno .I. a carta 250, per me / f. 16 d'oro s.13 a ff., e a ragione di Bernardo f. 2 d'oro s.  
19 a oro al detto / quaderno a carta 213, / 45

<sup>214</sup> '377: acrescentado na entrelinha superior

<sup>215</sup> *Somma ... 7*: acrescentado na margem interna

f. xviiiij d'oro s. viij a oro.<sup>l</sup>

c.lxxviiiij v

Mccclxxv

Richordanza che a dì xv di marzo 1375 io Leonardo alloghai il podere nostro da Settimo / a Iachopo di Vanni del popolo di San Cholonbano e a Domenicho di Piero del popolo della pieve / a Settimo a lavorare a mezo, e debono ogn'anno vanghare e affossare almeno / staiora xij di terra e farvi su xij staiora di sovercio e io paghare mezo il sovercio, / 5  
e vanghare ogn'anno la vigna e affossare tutta quella che bisogna e darmi al tenpo / della richolta mezo di ciò che vi si richoglierà su e recharle a Firenze a ·l·loro vettura / e a mia ghabella, e mezi i sermenti e uno paio di chapponi grassi e sei serque d'uova. / E che la richolta debano fare l'uno anno a chasa l'uno di loro e l'altro anno a chasa l'altro, / tutta 10  
insieme e nella fine del termine lasciare le channe e la paglia chome / la truovano, per termine di cinque anni, chominciati di j d'aghosto 1376. Carta per / mano di ser Michele di ser Aldobrando di ser Albizo.

c.lxxx r

Mccclxxv

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xij di marzo 1375, per la / sesta prestanza a Nicholò del maestro Chanbio camarlingo del sale. / Paghamo lb. xxviiiij e per Bernardo lb. 5  
iiiij, che si paghò s. xl per f., / e volesseno sale o i *danari* a termine.

Riavemola tra *danari* e sale e salina, e la parte di Bernardo / riavemo in *danari* e sono posti a sua ragione al quaderno .I. a carta 213.<sup>l</sup>

---

┐ Il Comune di Firenze de' dare per sei prestanze, cioè la prima, la seconda, / la  $\frac{1}{3}$ ,  
 $\frac{1}{4}$ ,  $\frac{1}{7}$ ,  $\frac{1}{8}$  asegnate [...] al Monte libero dell'uno due, levate di qua / a carta 79 in somma per f. 10  
116 d'oro s. 8 a oro, di chapitale f. 232 d'oro s. 16 a oro, /

f. ccxxxij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di xvij di giugno 1376<sup>216</sup>, paghamo la nona prestanza a Amerigho / di Nicholò di ser Bene per noi f. xiiij<sup>o</sup> d'oro s. xvij d. iij a oro, e per monna Balda di Piero / Bisdomini f. j d'oro s. x d. viii<sup>o</sup> a oro, e per Bernardo di Tobia f. ij d'oro s. xviii<sup>o</sup> a oro. / Somma f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro. Sono assegnate al Monte libero dell'uno / due, cioè f. 38 15 d'oro s. 16 a oro. Chominciano le paghe in chalen' di novembre 1376, /

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di xviii di luglio 1376, paghamo la decima prestanza a Amerigho / detto per noi f. 14 d'oro, e per monna Balda f. j d'oro s. x d. viii<sup>o</sup> a oro e per / Bernardo detto f. ij d'oro s. xviii<sup>o</sup> a oro. Somma f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro. Soncene / assegnati al Monte libero dell'uno due f. 38 d'oro s. 16 a oro. / Chominciano le / paghe in chalen' di novembre 1376,<sup>217</sup> 20 /

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di ij di settenbre 1376, paghamo l'undecima prestanza a Amerigho / detto, per noi f. xiiij<sup>o</sup> d'oro s. xvij d. iij a oro, per monna Balda f. j d'oro s. x d. viii<sup>o</sup> a oro / e per Bernardo f. ij d'oro s. xviii<sup>o</sup> a oro. Somma f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro. Soncene / assegnati al Monte libero dell'uno due f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro. Chominciano / le paghe in chalen' 25 di gennaio 1376, /

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di iiij<sup>o</sup> d'ottobre 1376, paghamo la dodecima prestanza a Nicholaio / di Chonsiglio Ughi per noi f. xiiij<sup>o</sup> d'oro s. xvij d. iij a oro, e per Bernardo f. ij d'oro s. xviii<sup>o</sup> a oro, e per monna Balda a Allessandro di Daniello Arrighucci f. j d'oro s. x d. viii<sup>o</sup> a oro. Somma f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro. Soncene assegnati al Monte / libero dell'uno due f. 30 xxxviiij d'oro s. xvj a oro. Chominciano le paghe in cha/len' di marzo 1376, /

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di xviii<sup>o</sup> di marzo 1376, paghamo la xiiij<sup>a</sup> prestanza a Iachopo di Francescho di Iachopo Arrighi per noi f. xiiij<sup>o</sup> s. xvij d. iij a oro, / e per Bernardo f. ij d'oro s. xviii<sup>o</sup> a oro, e per monna Balda f. j d'oro s. x d. viii<sup>o</sup> a oro / Somma f. xviii<sup>o</sup> d'oro s. viij a oro. 35 Soncene assegnati al Monte libero / dell'uno due f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro, /

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

426 16 o

<sup>216</sup> 1376: 6 sobrescrito a 5

<sup>217</sup> *Chomincianole paghe di j di gennaio 1376*: acrescentado, por mão de Leonardo, na margem interna do parágrafo



Somma f. ccccxxvj d'oro s. xvj a oro.

Posti debia dare inanzi a carta lxxxj.<sup>⌋</sup>

c.lxxx v

Mccclxxvj

Il Comune di Firenze de' dare per xj prestanze ch'abiamo / paghate, chome apare di qua a carta lxxx, e asegnate al / Monte libero dell'uno due, f. quattrocentoventisei d'oro s. xvj a oro, /

f. iiij<sup>C</sup> xxvj d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di xvij d'aprile 1377, paghamo la xiiij<sup>a</sup> prestanza, / cioè per noi f. 14 d'oro s. 5  
18 d. 3 a oro, e per monna Balda f. j d'oro / s. 10 d. 9 a oro e per Bernardo di Tobia f. 2  
d'oro s. 19 a oro. Somma / f. 19 d'oro s. otto a oro, cioè per noi e per Bernardo<sup>218</sup> a Iachopo  
di Francesco / di Iachopo Arrighi e per monna Balda<sup>219</sup> a Gianozo di Neri Bochucci,  
ase/gnata al Monte libero dell'uno due. Scritti a mia ragione al quaderno .H. / a carta 31. 10  
Chomincia la pagha \*\*\*,

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di v d'aghosto 1377, paghamo la xv<sup>a</sup> prestanza, la detta / quantità a' detti  
camarlinghi, scritti a mia ragione al quaderno .H. a carta 70. / Sono asegnati al detto Monte  
al detto modo. Chomincia la pagha di \*\*\*, / 15

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di xxviiij di settenbre 1377, paghamo la xvj<sup>a</sup> prestanza, / la detta quantità a  
Paolo Rondinelli per noi e per monna Balda / e per Bernardo la detta quantità, /

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di xvj di marzo 1378, paghamo la xvij<sup>a</sup> prestanza a / Nicholaio di Lapo del 20  
Nero, camarlingo per noi e per monna Balda e per Ber/nardo<sup>220</sup> la detta quantità, /

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

E de' dare, di xxij d'aprile 1378, paghamo la xviii<sup>a</sup> prestanza al / detto Nicholaio al  
detto modo, /

f. xxxviiij d'oro s. xvj a oro.

<sup>218</sup> *Bernardo*: sublinhado

<sup>219</sup> *Balda*: sublinhado e evidenciado por desenho geométrico triangular na margem externa

<sup>220</sup> *Balda e Bernardo*: sublinhado e evidenciado por desenho geométrico triangular na margem externa

E de' dare, di xiiij<sup>o</sup> di luglio '378, paghamo la prestanza doppia, / cioè xviii<sup>a</sup> e xx<sup>a</sup> al  
detto Nicholaio al detto modo per noi per monna / Balda e per Bernardo<sup>221</sup>, /

f. lxxvij d'oro s. xij a oro.

E de' dare, di 29 d'ottobre 1378, per *fiorini* chonperamo da Giovanni di Luigi de' Mozi  
f. cclvj d'oro e *soldi* di sue prestanze, ch'avea pa/ghate e permutòlle in noi già è più tenpo.  
Chostorono f. 84 d'oro s. 17 d. 5 / a *fiorino*, chome apare a mia ragione alla tavola a libro 30  
.F. a carta 177, /

f. cclvj d'oro s. viiij d.viij a oro.

<B:>

A di 15 di giennaio 1381 achortamo ogni prestanza che 'ss'e/ra paghata per Bernardo di  
Tobbia<sup>222</sup> e demogli le paghe per / isino al detto di: demogli tra di paghe e dele some e  
d'ogni / chosa f. 37 d'oro s. 5 d. 9 ff., chome apare a libro nero .G. / a charta 16, siché e' 35  
detti sono ora nostri liberi, /

954 / 17 / 8 /

Posti debbia dare adreto a charta 73.

c. lxxxj r

<A:>

Mccclxxvij

┐ Baccio di Neri da Mosciano nostro lavoratore de' dare, di iiij di giugno / 1377,  
levamo ove dovea dare di qua a carta 79, /

f. xiiij d'oro e lb. lxxxxvij s. xvij d. vij.

E de' dare, di xxj di giugno 1377, ebe per chonperare grano lb. quattro s. x, /

lb. iiij<sup>o</sup> s. x.

E de' dare, di xxxj d'ottobre 1377, ebe per chonperare grano da seme lb. iiij s. x, / 5

lb. iiij<sup>o</sup> s. x.

E de' dare, di xij di dicenbre 1377, ebe per chonperare grano lb. cinque, /

lb. v.

E de' dare, di xiiij di gennaio p 1377, prestamoli per chonperare sale s. xx, /

lb. j.

<sup>221</sup> *Balda e Bernardo*: sublinhado e evidenciado por desenho geométrico triangular na margem externa

<sup>222</sup> *Bernardo di Tobbia*: sublinhado

E de' dare, di detto, ebe per chonperare grano per suo manichare s. xl, /

lb. ij.

E de' dare, di xxij di gennaio '377, ebe per suo manichare per grano lb. quattro, /

lb. iiij.

E de' dare, di xx di febraio '377, per braccia viij di romagnuolo per monna Gio/vanna 10  
sua moglie, levòssi da Nicholò di Benedetto ritagliatore, /

lb. iiij s. xij.

E de' dare, di xxv di febraio, ebe per grano per suo manichare lb. quattro, /

lb. iiij°.

E de' dare, detto di, per la metà d'uno porcho gli chonperamo, chostò lb. vj s. v,

lb. .ij s. ij d. vj.

E de' dare, di iiij d'aprile '378, ebe per grano per suo manichare lb. quattro, /

lb. iiij°.

E de' dare, di j di maggio '378, ebe per grano per manichare lb. quattro, /

15

lb. iiij°.

E de' dare, di v di luglio '378, ebe per portare a monna Bene per richogliere una tela, /

lb. j s. xv.

E de' dare, di xj di settenbre '378, per la metà di s. xlij che chostò staia  $j \frac{1}{2}$  di lino / per  
seminare. Portò l monna Giovanna: tochagli a pagare la metà, /

lb. j s. j.

E de' dare d'aghosto 1378, p che dice che richolse moggia iij di grano e mezo, / che ce 20  
ne tocha staia 42 e richolse staia 28 di fave, tochacene 14, e ri/cholse staia 32 di spelda,  
tochacene staia 16, abattesene per seme / staia 7 di grano, che dice ne seminò staia 14 di  
gran<o> d'ottobre 1378. Chon/tòli il grano s. 15 lo staio, lb. 26 s. 5, e ·lle fave per s. x lo  
staio lb. 7, e ·lla spelda, s. 7 lo staio, lb. 5 s.12. Montano in tutto lb.\*\*\*, /

lb. xxxvij s. xvij.

E de' dare, di 25 di novembre 1378, per la metà di lb. 4 s. 11, ch'ebe per uno porcho, /

25

lb. ij s. v d. vj.

E de' dare, di 18 di dicembre 1378, ebe per sale s. xl, /

lb. ij.

Somma f. xij d'oro e lb.clxxxiiij° s. x d. vij.

Ànne dato, d'ottobre 1377, avemo della sua parte del vino chogna due, / isbattutone  
barili xj, ch'ebe poi della botte de' bar. xv  $\frac{1}{2}$  che inbottò lassù, a lb./ xij il chogno, posto in 30

Firenze, che se n'abatté lb. 4 per vettura e per ghabella, resta lb. viij, /

lb. xvj.

Ànne dato, di gennaio 1377, per orcia ij meno libbre j  $\frac{1}{2}$  d'olio, ch'avemo della sua /  
parte a ragione di lb. v l'orcio, disse lb. 9 s. j d. 3. Disse n'ebe orcia 6 e lb. 3, che / ce ne  
rechò orcia v, /

lb. viii<sup>o</sup> s. j d. iij.

Ànne dato, d'ottobre 1378, chogna tre di vino della sua parte a ragione di / lb. xj al tino. 35  
Monta \*\*\*, /

lb. xxxiij.

Ànne dato, di gennaio 1378, che dice che richolse, paghato il fattuio, / orcia sette d'olio,  
che me ne rechò orcia 5  $\frac{1}{2}$ , che n' ebi della sua / parte orcia due d'olio per lb.v l'orcio.  
Monta \*\*\*, /

lb. x.

Ànne dato, di gennaio 1378, ponemo debia dare inanzi a carta lxxxxj / f. tredici d'oro e 40  
lb. centosedici s. nove d. iij<sup>o</sup> pi., /

f. xiiij d'oro e lb. cxvj s. viiiij d. iij<sup>o</sup> pi.

Somma f. xiiij d'oro e lb. cxvj s. viiiij d. iij<sup>o</sup> pi. ↯

c.lxxxj v

Mcccclxxvij

Richordanza che a dì \*\*\* di giugno 1377 tolsi per moglie la Dada, / figliuola che ·ffu di  
messer Gherardo de' Bisdomini e moglie che ·ffu / di Durazzo d'Andrea Tigliamochi. E  
giura'la e die'le l'anello / il detto dì; charta per mano di ser Arrigho Guidi.<sup>223</sup> E a dì xv di 5  
luglio la menai insieme / cho ·lla Lisa, figliuola che ·ffu di Bartolo Chanbi, moglie che dee  
essere di Bartolomeo mio figliuolo.<sup>224</sup>

E a dì iij di marzo 1378 io Leonardo e Marcho mio figliuolo chon mia parola  
chonfessamo / da Ghino di messer Ruberto Chortigiani, che ·ffurono de' Bisdomini,  
paghante de' suoi propri *danari*, / per dota della detta Dada f. quattrocentotrentadue d'oro;  
ebine f. 412 d'oro chontanti, / chome apare a mia ragione alla tavola a libro bianco .F. a 10  
carta 357 e f. xx d'oro ne' forzieri / e altre donora ch'ella ne rechò f. E promisi di farvi

<sup>223</sup> *Guidi*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>224</sup> Parágrafo evidenciado por dois sinais de três linhas paralelas, no espaço superior e na margem

obligare Bartolomeo mio figliuolo, / quando ci sarà. D'ogni chosa fece carta ser Arrigho Guidi.

E a dì 8 di marzo 1380 retifichò e s'obrichò cho' mia parola il detto Bartolomeo / ~~carta~~  
per ~~mano~~ alla detta dota, carta per mano del detto ser Arrigho Guidi, che sta da chasa i  
Bisdomini.

15

c.lxxxij r

Mcccclxxvij

Memoria che a dì j di luglio 1377 fumo d'achordo chon ser Guelfo di ser Manetto / da  
Puntormo, Bernardo di Cione Dolcebene e Aldobrando di Cino merciaio, / churatori di  
Chanbio di Bartolo Chanbi e tutori della Lisa, serocchia del detto / Chanbio e figliuola del 5  
detto Bartolo, che Bartolomeo mio figliuolo togliesse per moglie / la detta Lisa e  
dovessonci dare in dota, al tempo ch'ella sarà in età di xij anni, / f. cinquecento d'oro e uno  
podere per non istimato, posto a ~~Nuovo~~ a Malafrascha / nel popolo di San Cristofano a  
Nuovoli, overo di San Donato a Torri e dovessimo menarla / aguale a chasa nostra e avere  
la rendita del podere e tenere i detti f. v<sup>c</sup> d'oro, / infino a tanto che la sarà in età, cioè per 10  
tutto febbraio 1381 e chon altre chose e modi, / chome più pienamente si chontiene per  
iscritta fatta de' detti patti, per mano di ser Michele / di ser Aldobrando di ser Albizo e  
soscritta per mano de' detti tutori e di me Leonardo e di / Bartolomeo detto cho' mia  
parola.<sup>225</sup>

E a dì xv di luglio anno detto la menamo a chasa insieme cholla Dada mia donna. / In 15  
buona ora possa essere e sia e cholla grazia di Giesò Xpo e della Sua Madre Vergine /  
Maria.

&lt;B:&gt;

E a dì 24 d'aghosto 1382, il dì di Santo Bartolomeo, il detto Bartolomeo diè / l'anello a la  
detta Lisa sua moglie. Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrado.

E a dì 15 di settembre 1382 Leonardo e 'l detto Bartolomeo chonfessarono da Cha/nbio di 20  
Bartolo Canbi per dota della detta Lisa il podere da Malafrascha e / f. 500 d'oro, ch'ella  
dovea avere dalla tavola, chon chosetimeto di Berna/rdo di Cione e Aldobrando di Cino  
suoi tutori. Fuvì testimone Simone / di Benedetto e Bernardo di Lippo Bonbeni e Martino  
di Michele maestro.

---

<sup>225</sup> Paragrafo evidenziado por *manicula* na margem superior

E sabato notte a dì 29 di novebre 1382 la menai e dormì cho 'llei. In buon'o/ra<sup>226</sup> possa 25  
essere e sia.

A dì 21 di settebre passato entrò Leonardo i tenuta nel podere da Ma/lafrascha. Carta  
per mano di ser Michele di ser Aldobrado d'ogni chosa. Aloghòllo a Maso per 4 anni,  
cominciati di p° di novebre 1382, per pregio di lb. 150 l'ano. / Carta per ser Michele detto.

c.lxxxij v

<A:>

Mccclxxvij

¶ Il Chomune di Firenze de' dare, di 31 d'aghosto anno detto, / paghamo per residuo di  
xij prestanze a Pagholo / di Michele Rondinelli, per noi f. due d'oro s. xiiij d. j a oro / e per 5  
monna Balda<sup>227</sup> s. vij d. iij a oro e per Bernardo<sup>228</sup> di Tobbia s. x / d. viii° a oro, in soma f.  
tre d'oro s. xij d. j a oro. Furono / asegnati a rendere in sulla ghabella delle porti: ène  
camarlingo / Spinello di Lucha Alberti, /

f. iij d'oro s. xij d. j a oro.

Àne dato, di v d'ottobre 1379, rechò Marcho di Leonardo / dalla Chamera del Comune 10  
per lo detto residuo per me e per monna Balda f. 3 / d'oro s. j d. 4 a oro, chome apare a mia  
ragione alla tavola al quaderno / .M. a carta 114 e per Bernardo s. 10 d. 9 a oro, posti a sua  
ragione / al detto quaderno a carta 98. in somma,

f. iij d'oro s. xij d. j a oro.<sup>229</sup> J

Richordanza che, a dì x di dicenbre 1377, io Leonardo chon/perai da Tomaso di Meglio 15  
e da Francescho e Domenicho, / fratelli e figlioli che 'ffurono di Lorenzo di Meglio  
Fagiuoli, uno / podere posto nel popolo di San Piero a Ponti da Chanpi, a 'llato al no/stro,  
il quale fu di frate Baldo, chiamato frate Paolo, figliuolo<sup>230</sup> che 'ffu di Nicholò Baldovini

<sup>226</sup> ora: oro no texto

<sup>227</sup> Balda: sublinhado e evidenciado por manícula na margem externa

<sup>228</sup> Bernardo: sublinhado

<sup>229</sup> Parágrafo evidenciado por um desenho na margem externa. No centro do espaço em branco, abaixo do parágrafo aparece outro desenho, circular.

<sup>230</sup> figliuolo: na margem interna está escrito e evidenciado por dois sinais de duas linhas: nota bene

nostro chonsorto<sup>231</sup>, rimase loro per / la dota di monna Piera, loro serocchia e madre che 20  
 ffu del detto / frate Paolo, onde ne fu carta per mano di ser Nicholò di ser Ugholino), / per  
 pregio di f. quattrocentotrentasei d'oro, a  $\frac{1}{2}$  ghabella di chatuno, / chome apare a libro della  
 tavola .F. a carta 160 e promissemi / di darmi per mallevadore Albizo di Domenicho  
 Fagiuoli infra / sei mesi. I<sup>232</sup> chonfini del detto luogho e terre sono scritte ne/lla carta della 25  
 chonpera, fatta per mano di ser Michele di ser Aldo/brando di ser Albizo, e a dì xv di  
 gennaio anno detto paghamo / la ghabella del detto podere a Nofrio di Giovanni di Bartolo  
 Bischeri, / camarlingo della ghabella de' chontratti, f. xxj d'oro s. xvj a oro, la metà di  
 no/stro e l'altra metà ritenemo al detto Tommaso, 30

f. iiij<sup>c</sup> xxxvj d'oro.

f. xj d'oro.↓

c.lxxxiiij r

Mccclxxvij

~~Richer~~ Le terre del detto podere del detto Tomaso sono qui apresso, cioè:

Una chasa chon uno pezo di terra lavoratoia, chon fosse in mezo, chon alberi fruttiferi e  
 / non fruttiferi e ripa, posta nel popolo di San Piero a Ponti, pioviero di Chanpi, che dal j° /  
 il fiume di Bisenzio e via in mezo, al ij° si dice oggi de' figliuoli di Iachopo di Bono in 5  
 parte / e in parte Donato di Lippo del Saggina , dal iij° strada nuova, dal iiij° Leonardo  
 Bartolini. È nel torno di staiora sei a chorda.

Due pezzi di terra nel detto luogho, chon fosse in mezo, dal j° strada nuova, a ij°  
 Donato / detto, a iij° il detto Donato in parte e in parte il detto Leonardo, a iiij° il detto  
 Leonardo. È staiora otto circha.

Una presa di terra di staiora xxiiij° a chorda, nel detto popolo, luogho detto Navani, 10  
 chon fosse in mezzo, a j° e / ij° via di Navani, a iij° Nicholò di Piero, vocato<sup>233</sup> Sevaiuolo,  
 in parte e in parte le rede di Stefano di Soldo e / in parte Forese di Giovanni Salviati, a iiij°  
 Segna Guiducci cimatore.

<sup>231</sup> *che fu ...nostro consorto*: evidenciado por um desenho que desce com uma linha até indicar uma frase, acrescentada no espaço inferior da página: *N.B. Dice Niccolò Balduini nostro consorto, onde potrebbe essere che fusse de' Balduini la moglie di Bartolino Salimbeni*

<sup>232</sup> *I*: In no texto

<sup>233</sup> *vocato*: acrescentado na entrelinha superior

Uno pezzo di terra vignata, posta nel detto popolo, luogo detto Giuncheto, overo Orghanella,<sup>234</sup> a j° via, a ij° Bartolo / Maffei, overo la moglie, a iij° le rede di Luigi di Giovanni degli Strozi, in parte e figliuoli di Mi/gliorato di Salinbene<sup>235</sup>, a iiij° il detto 15 Bartolo, overo la moglie. È staiora sei a chorda.

Uno pezo di terra lavoratoia nel detto popolo, luogo detto a la Lastra, a j° via, a ij° Leonardo detto, / a iij° Leonardo detto e della chiesa di San Piero a Ponte, a iiij° dello Spedale di San Sebìo. È staiora vj panora viij.

Un pezzo di terra lavoratoia nel detto popolo, luogo detto a la Strada nuova, presso al ponticello dal Cholle, a j° / via, a ij° e iij° Donato di Lippo, a iiij° figliuoli di Simone di Ghuccio Spini. È staiora otto a chorda.

Un pezo di terra nel detto popolo, luogo detto Padule, a j° Leonardo detto, a ij° / 20 Bartolo di Piero, vocato Zeta, in parte / e in parte il detto Leonardo, a iij° monna Giovanna, moglie fu di Iachopo del Bianco, a iiij° messer Francescho di / messer Andrea Oricellai. È staiora sei a chorda, chon parte di fossa in mezo.

Un pezo di terra posta nel detto popolo e luogo, a j° Michele di Giovanni, a ij° il Pecchia e Cente, a iij° / monna Francescha, moglie fu d'Andrea d'Ubertino, a iiij° le rede di Nicholaio de' Chocchi. È staiora tre a chorda.

Un pezo di terra nel detto popolo e luogo, a j° Lorenzo di Iachopo di Bono, a ij° le rede 25 di Nicholaio de' Chocchi, / a iij° Anibaldo di Bernardo, a iiij° Carlo degli Strozi. È staiora cinque a corda.

Un pezo di terra nel detto popolo e luogo, a j° strada nuova, a ij° Leonardo detto, a iij° via, a iiij° le rede / di Vanni del Trincia Avoghadi in parte e in particella Cinozo di Nutino. È staiora quattro a corda.

Un pezo di terra nel detto popolo, luogo detto in Aia nuova, detto in Panichale, a j° via, a ij° Carlo di Stroza, / a iij° Ubertino di Rossello, a iiij° Nofrio di Palla in parte e in parte 30 \*\*\*. È staiora iiij o meno.

Un pezo di terra nel detto popolo, luogo detto a Chiolla, a j° via, a ij° Ugholino di Bonaguida dal Cholle, / a iij° Michele di Bonsera, a iiij° Nicholò di Monte. È staiora cinque a corda.

Un pezo di terra posta nel detto popolo di Sa' Moro, luogo detto a Vinghione, a j° Fede di Iachopo, a ij° Piero di Degho / Spini, a iij° Nofrio di Nicholò de' Chocchi, a iiij° il Bello di

<sup>234</sup> overo *Organella*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>235</sup> *Migliorato di Salimbene*: evidenciado por manícula na margem interna



Giovanni. È staiora tre a corda.

Un pezo di terra p<osta> nel detto popolo e luogho, a j° monna Nuta, overo Nicholò Ghiselli, a ij° il Bello detto, a iij° Cristo/fano di Simone, a iiij° le rede di Nicholaio de' Chocchi. È staiora due a corda. 35

Un pezo di terra nel detto popolo e luogho, a j° strada nuova, a ij° Fede di Iachopo, a iij° monna Ciuta, overo / Nicholò Ghiselli, a iiij° Giovanni di Ruberto e lla detta monna Ciuta. È staiora tre a corda.

Un pezo di terra chon fosse in mezo, nel detto popolo e luogho, in sulla proda del Vinghone, a j° via, a ij° e iij° / Giovanni di Ruberto, a iiij° il Vinghone. È staiora cinque a chorda. 40

Un pezo di terra nel detto popolo e luogho, in sul Vinghone chon fossa in mezo, a j° Vinghone, a ij° il Bello / di Giovanni, a iij° Giovanni del Zanpa in parte e in parte il detto Bello, a iiij° Francescho di Bruno, / vocato Messo. È staiora nove a corda.

Un pezo di terra posto nel popolo di Sa' Lorenzo a Signa, luogho detto a via meza che Prato, a j° / via meza, a ij° e iij° e iiij° Anibaldo di Bernardo Strozi. È staiora quattro a chorda. 45

c.lxxxiiij v

Mcccclxxvij

Richordanza che, a dì xj di febraio anno detto, io Leonardo / chonperai da Tommaso di Soldo di messer Ubertino, venditore / per suo dato e fatto, e messer Baldo piovano della pieve a Carmigna/no, figliuolo che ffu del detto Soldo, e Tommaso detto e Iachopo d'Ubertino / di Nicholò e Giovanni di Luigi di Giovanni di messer Ubertino, cho/me mallevadori e' promissono la difesa generale e promissono a pena di \*\*\* che Strozza di Soldo starebe malle/vadore da ivi a per tutto il mese di marzo, anchora Tommaso di / Soldo predetto promise che monna Schotta sua moglie chonsentirebbe, / quando avesse chonpiuti l'età di 18 anni infra sei mesi, poi che / ne fosse richiest: 5 10

f. d d'oro.

Uno podere chon chase a uso di lavoratore, chon chasolare, aia, / pozzo, giardino murato, canali, porticho <e> o porcile, chon terra / lavoratoia e vignata e pergholata e channeto e alberi fruttiferi e non frutti/feri, posto nel popolo di San Piero a Ponte, in luogho / detto a San Piero a Ponte, che dal j° via, a ij° dello Spedale di San Sebìo / in parte 15

e in parte Forese di Giovanni de' Salviati in parte e in parte Leonar/do Bartolini e in parte  
Nicholò di Meo, a iij<sup>o</sup> della chiesa, ovvero cha/ppella di San Giovanni de' Manfredi, a iiij<sup>o</sup> il  
fiume di Bisenzio in parte e / in parte ripa del detto podere via in mezo. 20

Anche un pezuolo di ripa chon arbori, posta nel detto popolo e luogho, a j<sup>o</sup> il detto  
fiume, a ij<sup>o</sup> via. ~~È nel torno~~ È staiora ottanta o in quel torno.

Anche un pezo di terra vignata, posta nel detto popolo, luogho detto in giun/cheto, a j<sup>o</sup>  
via, a ij<sup>o</sup> il detto Leonardo, a iij<sup>o</sup> Giovanni Giliotti, a iiij<sup>o</sup> le / rede di monna Giovanna,  
moglie fu di Iachoppo del Bianco e in parte via. Staiora / dieci o in quel torno <sup>236</sup>, per  
pregio di f. cinquecento d'oro, a chomune / ghabella di ciaschuna delle parti, 25

E a dì xiiij di febbraio anno detto, il detto Stroza di Soldo entrò ma/llevadore alla detta  
vendita. 30

E a dì xxj di febraio predetto presi la tenuta e questo dì Betto / d'Andrea Fagnini,  
lavoratore del detto luogho, chonfessò / la tenuta da me, e d'ogni chosa fece carta ser  
Michele di / ser Aldobrando di ser Albizo.

E a dì iiij di marzo anno detto paghamo la ghabella del chontratto, cioè / f. venticinque  
d'oro a Meza di Iachopo di Meza e per lui gli demo / a Ghucciozo d'Ardingho de' Ricci.  
Furono la metà di nostri *danari* e / l'altra metà de' *danari* de' detti venditori, /  
f. xij d'oro s. x d. vj. 35

Il detto pagamento del detto podere e della ghabella è scritto / a mia ragione alla tavola  
a libro bianco .E.<sup>237</sup> a carta 160 e 177. 40

c.lxxxiiij r

Mccclxxvij

Betto d'Andrea Fagnini nostro lavoratore de' dare, dì xxj / di febbraio anno detto, per  
uno paio di buoi, che chonperamo da / messer Baldo degli Strozi piovano, i qua' buoi erano  
in sul podere, / che chonperamo da ·llui per pregio di f. trentaquattro d'oro, / chome apare a  
libro della tavola segnato .F. a carta 160. E de'gli tenere per lavorare il detto luogho a  $\frac{1}{2}$  pro  
e a mezo danno. / Fecenone carta a dì xiiij di dicenbre 1378 per mano di ser Mi/chele di ser  
Aldobrando, / 5

f. xxxiiij d'oro.

<sup>236</sup> *Torno*: *terno* no texto

<sup>237</sup> *E*: sovrapposto a *f*

A dì \*\*\* di luglio 1379 vendé i detti buoi ed ebene f. xl d'oro, / de' quali ce ne diè per 10  
nostra parte di guadagno, che gli diè a Bene/detto di Giovanni nostro lavoratore, quando  
chonperò la vaccha, f. tre d'oro, / e altrettanti se ne tenne per sé.

Conperamogline un altro paio, chome apare inanzi a carta 89, / e non ne facemo altra 15  
carta.

---

Richordanza che, a dì xxiiij di marzo 1377, la notte vegnente naque Gherardo mio  
figliuolo e / della Dada mia donna. Dio gli dea buona grazia e buona ventura.

Demolo a balia a una da Legnaia e tenelo uno mese e ritogliemoglielo, che non 'l tenea  
bene. Ebe lb. iiij.<sup>238</sup>

E demolo a balia a monna Margherita, moglie di Bartolo \*\*\* vetturale da San Giovanni  
tra / l'Archora. De'ne avere il mese lb. cinque, portòlone a dì iij maggio 1378. 30

Demo alla detta monna Margherita, di vij di novembre 1378, per sei mesi in sua / mano  
lb. trenta pi., /

lb. xxx pi.

Demo alla detta monna Margherita, a dì \*\*\* di magio 1379 in sua mano f. otto d'oro,/  
chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno \*\*\* a carta \*\*\*, a s. 76 il f., /

lb. xxx s. viij.

Demo alla detta monna Margherita, di xv d'aprile 1380, per mesi xj e / di x ch'ella il 25  
tenne, infino a questo dì, ebe in sua mano f. quindici d'oro / s.viij d. iiij pi. Sono a lb. 3 s.  
15 il f., lb. lvj s. xiiij d. iiij<sup>o</sup> e que/sto dì ce rechò e spoppamolo, /

lb. lvj s. xiiij d. iiij.

c.lxxxiiij v

Mccclxxviij

Richordanza che, a dì 18 di giugno 1378 in venerdì, Salvestro di messer Alamanno de'  
Medici / e Simone di Benedetto di Simone Gherardi cho' loro chonpagni de' Priori  
ripuosino gli ordini / della giustizia sopra ' Grandi, di che fu alchuno picholo romore. E poi  
a dì 22 di giugno / detto martedì si levò i' romore e armòssi il popolo e l'Arti, e cho' loro 5  
ghonfaloni n'andarono / a Palagio de' Priori e feciono che per li chonsigli si disfacciessono  
certe [r]iformagioni dalla / Parte Guelfa, che pareva al popolo che 'lle s'usano male e feciono

---

<sup>238</sup> Ebe lb. iiij: acrescentado na entrelinha superior

altre riformagioni intorno a 'cciò.

E in questa mattina furono arse le chase di certi cittadini, che n'erano fati chapo a farle / male usare: ciò fu messer Lapo da Chastiglionchio, Carlo di Stroza degli Strozi, Bartolo di Gio/vanni Siminetti, Migliore Guadagni, Simone dell'Achorri de' Pazi, Piero di Filippo degli Albizi, / Nicholò di Geri Soderini e Tommaso di Ghuccio Soderini e messer Benghi Buondelmonti e la / loggia loro e più altri.<sup>239</sup> 10

c.lxxxv r

Mccclxxviiij

Richordanza che del mese di luglio anno detto chonperamo da Iacho/po di Bertaccio Pandolfini una schiava, ch'à nome Maria, e de/moneli f. quarantacinque d'oro. De'cene fare charta a ogni / nostra volontà,<sup>240</sup> 5

f. xlv d'oro.

---

~~Ricordanz~~

Michele di Giovanni nostro lavoratore da Chanpi de' dare, di 19 di se/ttenbre, per una vaccha e uno vitello che chonperamo da 'llui per pregio / di f. diciotto d'oro, e demogliele a soccio a  $\frac{1}{2}$  pro e mezo danno, /

f.xviiij d'oro.

Fececene carta, di 13 di dicenbre anno detto, per mano di ser Michele di ser 10 Aldobrando. / Demoli i detti *danari*, chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno .L. a carta 55. /

f. xiiij d'oro

Ànne dato, di \*\*\* 1378, rendeci la detta vaccha pregna e il / detto vitello e demoli a Benedetto suo fratello e mio lavoratore, furon stimati f. ventuno d'oro, posto che Benedetto debia dare inanzi / a carta 89, 15

f. xxj d'oro.

c.lxxxv v

---

<sup>239</sup> Escrito no espaço abaixo e evidenciado por *manicula*: Nota questa Ricordanza

<sup>240</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* no espaço abaixo

Mcccclxxviiij

Il Chomune di Firenze de' dare, di xxj d'aghosto, paghamo / a Tommaso di Michele Rondinelli camarlingo della Chamera del / Chomune per l'achatto de' f. xl<sup>M</sup> d'oro f. venti d'oro, furono / assegnati alla ghabella delle porti e dobensi rendere in tre paghe, / il terzo di 5  
marzo e il terzo di giugno e il terzo d'aghosto 1379. / Sono scritti a mia ragione alla tavola al quaderno .L. a carta 49, /

f. xx d'oro.

E de' dare, di viiiij d'ottobre 1378, paghamo per la 'nposta di f. xxv<sup>M</sup> a Gentile di Nicholò Mattei vececamarlingo di Ghaleatto di To/maso Baronci, camarlingo della detta 10  
inposto, ovvero acatto, f. dodici d'oro. / Fuvi per suo notaio ser Antonio Franceschi, /

f. xij d'oro.

E de' dare, di iiij<sup>o</sup> di novembre 1378, paghamo per monna Balda<sup>241</sup> di Piero Bisdo/mini del detto achatto f. tre d'oro a mia ragione al detto quaderno a carta 62. /

f. iij d'oro.

Sono asegnati il detto achatto de' xxv<sup>M</sup> alle chognora del vino del / chontado e debonsi 15  
rendere  $\frac{2}{3}$  per tutto aprile prossimo e il  $\frac{1}{3}$  / alla ghabella delle porti e de' si rendere per tutto ottobre prossimo che viene.

E de' dare, di 4 di febraio 1378, paghò Bartolomeo di Leonardo a Gentile di Ni/cholò Mattei vececamarlingo di Salvi di Guiglielmo tavernaio / la xxj<sup>a</sup> prestanza, per noi f. 14 s. 18 d. 3 a oro, e per monna Balda di Piero Bis/domini f. j d'oro s. 10 d. 9 a oro, chome apare 20  
a mia ragione al quaderno .L. a carta 78, /

f. xvj d'oro s. viiiij<sup>o</sup> a oro.

Ànne dato, di v di maggio 1379, avemo da Antonio d'Agnolo / da Uzano camarlingo a rendere il detto acatto de' f. xxv<sup>M</sup> per parte / de' detti f. xv d'oro, che paghamo per noi e per monna Balda,<sup>242</sup> a ragione di s. 7 per lb., / chome apare a mia ragione al quaderno L .M.<sup>243</sup> della tavola a carta 185, /

f. v d'oro s. v a oro.

Leonardo entrò mallevadore.<sup>244</sup>

<sup>241</sup> *Balda*: sublinhado e evidenciado por sinal geométrico na margem externa

<sup>242</sup> *Balda*: evidenciado por sinal geométrico na margem externa

<sup>243</sup> *M*: escrito na entrelinha superior

<sup>244</sup> *Leonardo entrò mallevadore*: escrito, de mão de Leonardo, em tira de papel inserida na encadernação, entre os f. lxxxv v e lxxxvj r.

Ànne dato, di xiiij<sup>o</sup> di dicenbre 1379, per parte de' detti f. xx d'oro del detto / acatto di f. 25  
xl<sup>M</sup> d'oro, rechò Leonardo dalla Chamera del Comune, cho/me apare a mia ragione al  
quaderno .M. a carta 125, f. dieci d'oro, /

f. x d'oro.

Ànne dato, di 29 di marzo 1380, per lui da Albizotto Guidi camarlingo a rend/ere la  
detta xxj<sup>a</sup> prestanza, per parte de' / detti f. 16 d'oro s. 9 a oro a ragione / di s. v per lb., 30  
chome apare a mia ragione al quaderno .M. a carta 136, f. 4 s. 2 d. 3, /

f. iiij<sup>o</sup> d'oro s. ij d. .ij a oro.

Ànne dato, di 21 di giugno 1380, avemo dal detto Albizotto per parte de' detti f. 16  
d'oro s. 9 a oro della detta xxj<sup>a</sup> prestanza, a ragione di s.v per lb. al quaderno detto carta  
151, /

f. iiij<sup>o</sup> d'oro s. ij d. .ij a oro.

Ànne dato, di 29 d'ottobre 1380, avemo dalla Chamera per resto di f. xx d'oro / del detto 35  
acatto de' f. xl<sup>M</sup> d'oro, chome apare a mia ragione al quaderno .M. a carta 166, /

f. x d'oro.

Ànne dato, di 30 d'ottobre 1380, per lui da Lorenzo di Matteo camarlingo del sale / a  
rendere la prestanza detta della salina a s .v d. vj per lb., chome apare nel / detto luogho, lb.  
14 s. 11 d. 6 pi,<sup>245</sup> /

inanzi in questa faccia.

Ànne dato, di xviiij<sup>o</sup> di giugno 1381, avemo da Spinello di Lucha dalla / Chamera per  
chonpimento de' detti f. xv d'oro dell'achatto de' f. xxv<sup>M</sup> / ~~de~~-f. per me per monna Balda<sup>246</sup> 40  
predetto, in soma f. nove d'oro s. quindici a oro, /

f. viiiij<sup>o</sup> d'oro s. xv a oro.

<B:>

Ànne dato, a di 22 di maggio, avemo d'Albizzotto Ghuidi per l'utima / pacha della xx<sup>a</sup>  
prestanza f. otto d'oro, /

f. viij d'oro . 1

c.lxxxvj r

<A:>

<sup>245</sup> Parágrafo riscado também horizontalmete

<sup>246</sup> Balda: sublinhado

Mccclxxviii

Betto d'Andrea Fagnini nostro lavoratore da Chanpi de' dare, / di xxj d'aghosto anno  
detto, prestamoli per rendere al piovano / degli Strozi f. cinque d'oro, chome apare a mia  
ragione al quaderno .L. a carta 49, /

f. v d'oro.

E de' dare di maggio 1378 che chostò il porcho che chonperò lb. 4 s. 11 d. 6, / che ne 5  
paghamo noi f. uno d'oro ed e' paghò l'avanzo, siché ci restò / a dare della sua parte s.  
xxviii<sup>o</sup> d. iij, /

lb. j s. viii<sup>o</sup> d. iij.

E de' dare, per resto della biada rechatura a Firenze l'anno \*\*\*. /

Ànne dato per la mia parte del sovercio, che seminò l'anno 1378, per staia  $2\frac{1}{4}$  a s.8, /

s. 17.

Ànne dato per la metà di staia  $j\frac{1}{2}$  di fave, che seminò per sovercio, più delle sue a s. 12 10  
lo staio, /

s. 9.

Ànne dato, 1379, per chonciatura  $5\frac{1}{2}$  dodicine di lino della mia parte, a s.13 la dodicina,  
/

lb. 3 s. 11 d. 6.

Ànne dato per bar.  $j\frac{1}{2}$  di vino del cholto anno 1379, a s. 18 il barile, /

lb. j s. 7.

Ànne dato, che paghò più ne' buoi che f. 34 d'oro ch'avea s. xx,  
lb. j.

---

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xxiii<sup>j</sup> di novembre 1378, paghamo per la /  
prestanza del sale a Giovanni Dietisalvi cerchiaio camarlingo per lo Chomune / f. ventotto 15  
d'oro, de' quali eravamo tenuti di tòrre staia xvij di sale a lb. vj / lo staio, o volessimo non  
togliendo il sale o prestarli al Chomune e chi gli presta/sse gli dovesse riavere dal  
camarlingo del sale da chalen<sup>r</sup> di novembre 1379 / in là, chome pigliasse *danari* del sale e  
chi prima prestasse prima riavesse, / di che noi pigliamo partito di tòrre staia xiij di salina a 20  
lb. 4 lo staio, che / monta lb. liij, siché noi restiamo ad avere dal Comune lb. liij, che si fece  
/ che per ogni *fiorino* che l'uomo avesse di prestanza, dovesse tòrre staia  $j\frac{1}{4}$  di sale, / chome

apare a mia ragione alla tavola al quaderno .L. a carta 65<sup>247</sup>,

lb. liij pi.

Ànne dato, di 9 di marzo 1379, avemo da Lorenzo di Matteo Boninsegna per parte / de' detti lb. 53 a s. 4 d. 6 per lb., chome apare a mia ragione al quaderno .M. a carta 136, /

lb. xj s. 18 d. vj pi.

Ànne dato, di 30 d'ottobre 1380<sup>248</sup>, avemo dal detto Lorenzo a ragione di s. v d. vj per lb., cho/me apare a mia ragione al quaderno .M. a carta 166, lb.14 s.11 d.6, /

25

lb. xiiij s. xj d.vj pi.

Ànne dato, di 23 di novembre 1380, avemo dal detto Lorenzo per la detta cha/gione alle dette carte a s. v per lb., lb. 13 s. 5,

lb. xiiij s. v.

Ànne dato, di 12 di gennaio 1380, avemo da Bardo Mancini per resto de' detti / *danari*, chome apare nel detto quaderno a carta 183, lb. 13 s. v pi., /

30

lb. xiiij s. v pi.

Somma lb. liij pi. ↴

c.lxxxvj v

Mcccclxxviiij

A di 27 di novembre 1378 aloghamo ad affitto al Belluccio di Giovanni, popolo di San Piero / a Ponti, staïora 46 di terra per due anni, chominciati di j d'aghosto 1378. De'ne / dare ogni anno in chalen· di aghosto mo. tre staïa due di grano chomunale, posto a Firenze / a sua vettura e mia ghabella e un paio di chapponi e un paio di pollastre. Le terre sono 5 queste:

Uno pezo di terra chon fosse in mezo, posto nel detto popolo, luogho detto Ghuzana: a j° del / munistero di Montaione in parte e in parte le rede di Nicholaïo de' Chocchi, a ij° e iij° / Anibaldo degli Strozi, a iiij° monna Francescha di Giachinotto Tornaquinci. È staïora xxj a chorda e panora [...].

Un pezo di terra posta luogho detto alla Lastra: a j° ~~Bello di Giovanni~~ via, a ij° Be/luccio di Giovanni, a iij° le rede di Nicholaïo de' Chocchi, a iiij° Giunta di Giovanni. È 10 staïora 8.

<sup>247</sup> *chome apare ... 65*: acrescentado na margem interna

<sup>248</sup> *1380*: acrescentado na entrelinha superior



Un pezo di terra lavoratoia e vignata chon fossa<sup>249</sup> in mezo, posta nel detto luogo, a j° strada, / a ij° Leonardo Bartolini in parte e in parte Giunta di Bartolo di Giunta e in parte le rede di / Vanni del Trincia Avoghadi, a iij° Giunta di Giovanni, a iiij° le rede di Nicholaio de' Chocchi. È staiora dieci a corda.

Un pezo di terra alla Lastra: a j° via, a ij° Leonardo detto, a iij° il detto Leonardo e della 15 / chiesa di San Piero a Ponti, a iiij° dello spedale di San Sebìo. È staiora 6 e panora 8.

Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrando.

---

Aloghamo a Michele di Pagnone, chiamato Farso, dì 27 di novembre 1378, / il podere nostro da San Polo da Mosciano senza terra rossa, a mezo, e dobialli dare / terzo il seme, 20 per tenpo d'uno anno, chominciato di j di novembre 1378. Carta per lo detto ser Michele.

c.lxxxvij r

Mccclxxvij

Richordanza che, a dì xij di dicenbre anno detto, aloghamo a Betto d'Andrea Fagnini / tutto |tutto| il podere e vigna che chonperamo da Tommaso di Soldo, chon xvij staiora di terra / forte per tre anni, chominciati in chalen· di aghosto 1378, e de'ne dare mezo ciò che vi richoglierà / suso e staia xij di grano di vantagio della sua parte e due paia di chapponi e 5 cinque / serque d'uova e una ocha grassa, e de' tenere un porcho a mezo e chonperarlo, chatuno / de' paghare la metà del chosto. E de' rechare ogni chosa a Firenze a nostra ghabella e sua vettura, / salvo il vino, e dobialli dare mezo il sovercio che vi seminasse.

Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrando.

---

Richordanza che a dì 13 di dicenbre 1378 aloghamo a lavorio a Benedetto di Giovanni 10 da / San Piero a Ponti la chasa e l'orto, ch'è a 'llato alla porta dell'aia nostra, chon lxj staiora di buona terra / e staiora \*\*\* forte, a mezo per uno anno, chominciato in chalen· di aghosto 1378. De'ci dare la / metà di ciò che vi richoglierà su e staia 9 di grano della sua parte e j paio di chapponi e 5 / serque d'uova e un'ocha tra egli e Michele. E de' tenere j porcho a mezo e de' rechare ogni / chosa a Firenze a nostra ghabella e sua vettura. Carta per ser 15 Michele di ser Aldobrando. Le terre cioè:

Una chasa e l'orto nella chorte dov'io abito, un pezo di terra nel cholto, a j° strada, a ij°

---

<sup>249</sup> *chon fossa: connssa no texto*

noi, / a iij<sup>o</sup> le rede di Nicholaio de' Chocchi e a iiii<sup>o</sup> le dette rede. È staiora 9 a corda. Staiaora 7 di terra del' xj staiora / poste ivi a ·llato, che ·lle 4 lavora Michele, a j<sup>o</sup> noi, a ij<sup>o</sup> Donato di Lippo, a iij<sup>o</sup> via del Peruscello, a iiii<sup>o</sup> / le rede di Nicholaio. Un pezo di terra ivi presso, a j<sup>o</sup> via del Peruscello, a ij<sup>o</sup> e iij<sup>o</sup> monna Francescha di Gia/chinotto, a iiii<sup>o</sup> il 20 munistero di Montaione. È staiora 8 a corda. Staiaora 7 di vigna delle nove, l'altra lavora M/ichele in Giuncheto, a j<sup>o</sup> via, a ij<sup>o</sup> monna Francescha d'Andrea Strozi, a iij<sup>o</sup> figliuoli di Matteo barbiere, a iiii<sup>o</sup> noi medesimi. / J pezo di terra, posto luogho deto tra ·lle vie, a j<sup>o</sup> via, a ij<sup>o</sup> della chiesa di San Piero a Ponti, a iij<sup>o</sup> le rede di / Nicholaio de' Chocchi, a iiii<sup>o</sup> la via di Charraia e le rede di Nicholaio. È staiora xiiij. Un pezo di terra nel / detto luogho, detto al Pinzone, a j<sup>o</sup> via, a ij<sup>o</sup> noi, a iij<sup>o</sup> della chiesa di San Piero, a iiii<sup>o</sup> dello Spedale di San Sebìo. / È staiora 8. Un pezo di terra, posta alla Strada Nuova, al Ponticello dal Cholle, 25 a j<sup>o</sup> via, a ij<sup>o</sup> e iij<sup>o</sup> Donato di Lippo, / a iiii<sup>o</sup> i figliuoli di Simone di Ghuccio Spini. È staiora 8 a chorda.

c.lxxxvij v

Mccclxxvij

Alloghamo, a dì 13 di dicenbre anno detto, a Michele di Giovanni, popolo San Piero a Ponti, per uno anno, chomin/ciato in chalen· di aghosto passato, la chasa che ·ffu di frate Paolo, chon staiora 60 di buona terra e chon staiora \*\*\* / di terra forte; e de'ne dare la metà di ciò che vi si richoglierà su e staia 9 della sua parte e j paio / di chapponi e 5 serque 5 d'uova e j ocha tra egli e Benedetto. E de' rechare ogni chosa a Firenze a sua vettura / e mia ghabella, e de' tenere j porcho a mezo. Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrando. Le terre sono queste: /

Una chasa chon sei staiora di terra, posta a ·llato al mio abituro. Tre pezi di terra, insieme al cholto, a j<sup>o</sup> strada / a ij<sup>o</sup> Donato di Lippo, a iij<sup>o</sup> e iiii<sup>o</sup> noi. È staiora xv a corda. Staiaora 4 del pezo del' xj, che l'altra lavora Benedetto. / Un pezo di terra, posta alla via del Peruscello, a j<sup>o</sup> la via detta, a ij<sup>o</sup> monna Ghingha, moglie di Neri Charini, / a iij<sup>o</sup> Andrea 10 Bonaiuti, a iiii<sup>o</sup> le rede di monna Giovanna di Iachopo del Bianco. È staiora 7 a chorda. Staiaora ij di vigna / delle 9, che l'altra lavora Benedetto, posta in Giuncheto. Un pezo di vigna, posta in Orghanella, a j<sup>o</sup> via, a ij<sup>o</sup> / Bartolo Maffei, a iij<sup>o</sup> Giovanni di Luigi Strozi, a iiii<sup>o</sup> il detto Bartolone. / È staiora 6. Un pezo di terra, posto al'Olmo, a j<sup>o</sup> via, a ij<sup>o</sup> Nofrio di Palla, a iij<sup>o</sup> Filippo di Giunta, a iiii<sup>o</sup> via. È staiora xx anche in padule.

---

Riccho di Martino, vocato Paniccia, popolo di San Polo a Mosciano, che / tolse a 15  
lavorare terra rossa da noi, de' dare, di xv d'aprile, prestamoli / chontanti f. due d'oro,  
chome apare a mia ragione alla tavola al quaderno .L. a carta 32,

f. ij d'oro.

c.lxxxviiij r

Mccclxxviiij

Richordanza che, a di xv di giugno 1378, io Leonardo apigionai / a Matteo di Giovanni  
pianellaio la bottega nostra, ch'è a ·llato / al barbiere in Porta Rossa, per pregio di f. undici  
d'oro l'ano. /

Ànne dato, di \*\*\* di marzo 1378, per parte di pigione di vj mesi, tra *danari* e pi/anelle, 5  
f. quattro d'oro, /

f. iiij d'oro.

Ànne dato, di xxiiij di novembre 1379, per resto di pigione d'uno anno chominciato di 15  
/ di giugno 1378 e finito di 14 di giugno 1379, e schontamoli *danari* di zocholi e di  
pia/nelle aùte da ·llui infino a questo di, f. quattro d'oro s. 18 d. 6 ff., in soma, /

f. vij d'oro.

Ànne di 29 di marzo 1380 per parte di pigione f. sei d'oro, / 10

f. vj d'oro.

Ànne dato, di xviiiij° di marzo 1380, per chonpimento di pigione d'uno anno finito, / di  
xv di giugno 1380, f. due d'oro e schontamoli *danari* di zocholi e pianelle aùti / da ·llui  
infino a questo di, in somma, /

f. v d'oro.

Ànne dato, di detto, avemo per parte di pigione d'uno a-f anno, finito di 15 di / giugno 15  
1381, f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

Uscisene a di 15 di giugno 1381 di notte e di naschoso sghonbrò e non ci diè più *danari*.  
/ Siché noi restamo avere da ·llui f. otto d'oro, e a di iij di luglio 1381 n'a/vemo sentenza  
chontr'a ·llui dall'Arte de' Chalzolai di f. otto d'oro e delle spese.

---

Richordanza che, a di xvj di gennaio 1378, io Leonardo alloghai / a Giovanni di Piero e

a Michele e a Pacino suoi figliuoli del popolo / di San Piero a Monticelli il podere da 20  
 Chanpi, che lavorava Michele / di Giovanni, per tre anni, chominciati di j d'aghosto 1379, e  
 de'ci dare / il mezo di ciò che vi richoglierà su e staia viiiij<sup>o</sup> di grano della sua par/te e de'ci  
 rechare ogni chosa a Firenze a sua vettura e mia ghabella. / E de'ci dare ogni anno uno paio 25  
 di chapponi e j paio di pollastre e / cinque serque d'uova, e de' tenere uno porcho a mezo e  
 noi dobia/mo paghare la metà di quello che chosterà a chonperarlo e del'altra metà.

Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrando.

c.lxxxviij v

Mccclxxviij

Richordanza che venerdì notte a di xj di febbraio, vegnente il sabato a di 12 di febbraio  
 1378, / naque la Giannetta mia figliuola. Dio le dea buona ventura. E 'l sabato vegnente / la  
 Maria mia schiava fece una fanciulla e fu di Leonardo di Simone di Geri Ghondi, / la quale 5  
 si ritotolse e dièlla a balia e 'lla Maria 'lattò la detta Giannetta.

---

Sabato di 19 di febbraio 1378 si partì Bartolomeo mio figliuolo e andòne a Giara .

---

┐ Benedetto di Giovanni nostro lavoratore a Chanpi de' dare \*\*\* '378 / per una vaccha e  
 uno vitello, che gli demo a tenere, i quali tenea / Michele suo fratello e nostro lavoratore.  
 Ed era pregna la detta vaccha, / fu stimata f. ventuno d'oro, ponemo che Michele abia dato 10  
 / di qua a carta 85, de' la tenere a  $\frac{1}{2}$  pro e  $\frac{1}{2}$  danno, di che Dio guardi, /

f. xxj d'oro.

E de' dare, di \*\*\* di giugno 1379, per una vaccha e uno vitello che / gli chonperamo,  
 chonperòlla da Vere da Chastelnuovo da Prato j chostò f. dicesette meno s. x pi. Ebene per  
 me da Betto d'Andrea per la mia parte del / guadagno del bue che vendé, di qua a carta 84, 15  
 e f. xiiij d'oro e lb. iij s. v ebe / dalla tavola, chome apare a mia ragione al quaderno .M. a  
 carta 4, /

f. xvij d'oro meno s. x.

A di \*\*\* di luglio 1379 avemo del primo vitello di sopra che vendé Benedetto, /

f. viij d'oro e lb. iij pi.

A di \*\*\* di novembre 1379 per una vitello, vendé Bene<de>tto a Bartolomeo di / Vanni  
 tavernaio da San Donino, avemo tra più volte f. cinque d'oro, /

f. v d'oro.

Ànne dato, di \*\*\* di gennaio 1379, avemo del chuoio della seconda vaccha, che / morì 20  
per sua malaguardia, lb. tre s. dieci, /

lb. iij s. x.

Ànne dato, di 28 di settenbre 1380, ebi da Vanni di Ceccho Rescio per uno vitello f. v  
d'oro, /

f. v d'oro.

Ànne dato, di \*\*\* di dicenbre 1380, per una vitella che vendemo a Giovanni di Neri / da  
Chanpi, quando Francescho suo figliuolo menò moglie, f. sei d'oro, posti debia dare al  
quaderno .M., carta 85, /

f. vj d'oro.

Ànne dato, detto di ponemo debia dare a sua ragione inanzi a carta 94, / 25

f. xij d'oro s. x pi.

Somma f.3 8 d'oro meno s. x.<sup>l</sup>

c.lxxxviiiij<sup>o</sup> r

Mccclxxviiiij

Betto d'Andrea Fagnini nostro lavoratore da Chanpi de' dare / per uno paio di giovenchi  
che gli chonperamo per lavorare il podere, / chostorono f. trentaquattro d'oro s. xx pi.  
De'gli tenere a  $\frac{1}{2}$  pro e / a  $\frac{1}{2}$  danno, salvo che se altro n'avenisse per mala guardia, ci de' / 5  
chonservare senza danno, /

f. xxxiiij d'oro s. xx pi.

Vende'li Betto.

A di \*\*\* di giugno 1380 vendé Betto detto i detti giovenchi f.  $46\frac{1}{2}$  d'oro, / che n'ebe  
egli f.vj d'oro s.8 pi., che gli tocchò di guadagno e richonperonne / un paio di giovenchi,  
che chostorono f. xxxvij d'oro e a me diede l'avanzo, / cioè f. tre d'oro e s.\*\*\* a di \*\*\* di 10  
luglio 1380, /

f. xxxvij d'oro.

&lt;B:&gt;

A di 28 di giugno 1382 vendé Betto i detti giovechi ed ebbene f. 44 d'oro e  
richonperone un paio f.  $40\frac{1}{2}$  d'oro, che cci tochò di ghua/dagno f.  $j\frac{3}{4}$  e chosì ci diè. Restano

\*\*\* /

f. xl d'oro s. 4 d. 6 ff.

A dì 9 d'ottobre 1384 vendé i detti buoi f. 44  $\frac{1}{2}$ , e poi ne chonperò / j paio f. 34  $\frac{1}{2}$ . 15  
Ebene egli f. 3  $\frac{1}{2}$ . Restano \*\*\*.

A dì p° di luglio 1384 si venderono i detti buoi ed ebbesene f. / 41 s. 21 a ff. Avemogli  
tutti noi, perché ci restava a dare / ed egli s'era morto.

---

<A:>

A dì 7 di giugno 1379 alloghai a Giovanni di Neri vinattiere a Ponti / staïora xxiiij° di 20  
terra, che ffu di frate Pagholo, posta nel popolo di San Piero / a Ponti, luogho detto  
Navani, chon fosse in mezo, a j° e ij° via di Navani, / a iij° Nicholò di Piero, chiamato  
Sevaiuolo, a iiij° io in parte e in parte messer / Forese Salviati e in parte Segna Guiducci,  
per v anni chominciati di j d'a/ghosto 1378, per pregio di f. sette d'oro l'anno nella fine  
dell'anno.

Carta per mano di ser Michele di ser Aldobrando.

25

c.lxxxviiiij v

Mccclxxviiiij°

Giovanni di Piero e Michele e Pacino suoi figliuoli del popolo / di San Piero a  
Monticelli, che debono essere miei lavoratori a Canpi, / deono dare, di \*\*\* di maggio  
1379, per uno paio di buoi, che / chonperò de' miei *danari*, f. ventotto d'oro, ebe tra due 5  
volte scritti / a mia ragione alla tavola al quaderno .M. a carta 4. Chonperamogliele / per  
lavorare il nostro podere a Chanpi, che fu di frate Paolo e de' gli tenere a  $\frac{1}{2}$  pro e a mezo  
danno, di che Dio guardi, salvo che / se per mala guardia altro n'avenisse, de' essere tutto il  
dano suo. / Carta per ser Michele di ser Aldobrando, fatta dì 13 di giugno 1379.<sup>250</sup> / 10

f. xxviiij d'oro.

E deono dare, di xiiij° di luglio 1380, ebbe chontanti portò Gio/vanni detto, che  
chonperò per tenere un paio di vitelli grossi. / Chostò l'uno f. dieci d'oro e l'altro f. dieci  
d'oro, in somma f. venti d'oro, /

---

<sup>250</sup> Parágrafo evidenciado por *manicula* na margem interna

f. xx d'oro.

A dì 24 di giugno 1381, vendemo i detti buoi a Guido di Piero da / Nuovoli f. xxv d'oro, 15  
de' quali questo dì ce ne diè f. xv d'oro, de' dare / l'avanzo per tutto aghosto che viene, /

f. xv d'oro.

&lt;B:&gt;

A dì p° di settembre, avemo da Ghuido di Piero da Nuovoli, /

f. x d'oro.

A dì 29 di giugno 1382, vendé i giovenchi, ebene f. / trentaquattro d'oro e chosì avemo,  
/

f. xxxiiij d'oro.

&lt;A:&gt;

---

Richordanza che nel detto anno aloghamo ad affitto ad Andrea di Gianni da Mosciano il 20  
chanpo di terra / rossa per cinque anni, chominciati in chalen· di ottobre 1379 e finiti in  
chalen· di ottobre 1384, per pregio di / f. due d'oro ogni anno.

Ànne dato, dì xxij di febbraio 1380, per uno anno finito dì j d'ottobre 1380 f. /

f. ij d'oro.

c.lxxxx r

Mccclxxviii° dì xxij di giugno

Qui apresso iscriverò io Leonardo Bartolini tutte le masserizie, ch'io ò chonperate et /  
aquistate da poi in qua ch'io scrissi di qua a carta xxvj, ch'è ·lla sez<z>aia partita e j archa.

Due chasse nuove, che paiono apichate, che sono in sala, fecile fare a Dominicho di/  
Matteo legnaiuolo. Sono grosse, lunghe bra. ij  $\frac{1}{2}$  l'una. / 5

Una lettiera di bra. v  $\frac{1}{2}$ , fecila fare al detto Domenicho per mandare a Chanpi.

Due chasse nuove spihate, che paiono apichate, stanno a piè della detta lettiera. / Sono  
grosse e belle, e uno lettuccio nuovo per la detta lettiera.

Due chasse più larghe, nuove, grosse e belle, da stare in chapo della detta lettiera. /  
Fecile fare anche al detto Domenicho. 10

Una botticina di due some, nuova, chonperai da Agnolo bottaio. Manda'la alotta a  
Lorenzo mio schiavo a Mosciano per tenere vino bianco.

Una botticella nuova e grossa di bar. v, chonperai dal detto Agnolo per vino bianco. /

- Tre botte, chonperai da' sindachi di Giovanni Iachopi, l'una tiene bar. xxij, l'altra bar. /  
xiiij, l'altra bar. xj. Sono buone botti. 15
- Una tavola nuova di bra. vj  $\frac{1}{4}$ , che lla feci fare a Domenicho di Matteo. /
- Uno paio di trespoli grandi che gli chonperai.
- Uno asse grande da fare tavola, la mi chonperò il Bellue Filippo di Giuta per a Chanpi a Pistoia. /
- Uno paio di trespoli e due deschotti, chonperai da Martino per a Chanpi.
- Una padella e ij schedoni per a Chanpi. 20
- Una madia, la facemo venire da Mosciano e mandare a Chanpi.
- Due panni vermigli nuovi da letto di bra.\*\*\*, chonperai da Bondo d'Arrigho f. xxvj d'oro.
- Uno chopertoio bianco di bra. vij, fecilo fare nuovo a letto di chamera terrena. /
- Tre ij<sup>251</sup> materasse nuove di bra. v  $\frac{1}{2}$  l'una e l'una di bra. v<sup>252</sup>, fecile fare a Matteo del Teghia, chostò f. xxj d'oro. /
- Una choltrice nuova e due pimacci di bra. v  $\frac{1}{2}$  a letto mio, fecila fare al detto Piero e 25 Matteo.
- Uno paio di forzieri nuovi a figure rilevate, che rechò la Dada mia donna, quando la menai.
- Una chortina grande ben chapitata, che la chonperai da Matteo del Teghia, f. 32 d'oro e s. xx. /
- Uno chopertoio forestiere di valescio, tinto in più cholori, sottile, a figure, chonperai da Rinieri del Forese, chostò f.xvj d'oro.
- Una lettiera nuova senza lavorii, di bra.v  $\frac{1}{2}$  per le fanciulle, fecila fare a Domenicho 30 detto, chostò f. v d'oro.<sup>253</sup>
- Una choltre bianca a lavorij grande, chonpera'la di 27 di marzo '378<sup>254</sup> da Bernardo Gianbollari, chostò f. xiiij<sup>o</sup> d'oro. /
- Uno panno vermiglio grande ~~mee~~ menato per lo letto de' gharzoni, chonperai da Bernardo detto f. 8.

<sup>251</sup> *ijj*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>252</sup> *e l'uma di braccia v*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>253</sup> *Chostò ... d'oro*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>254</sup> *di '27 di marzo '378*: acrescentado na entrelinha superior



Due choltelliere chon quattro choltella e due choltellini per una fecile fare nuove.

Una lettiera di bra. v  $\frac{1}{2}$  assai frescha quasi nuova, chon due chasse intorno a' letto a tre  
choperchi, / per una in chamera mia, chonpera' da Domenicho di Matteo, chostò f.x d'oro. 35

Libre lxij once v di stagno lavorato nuovo,<sup>255</sup> cioè vj piatelli, cioè ij grandi, ij mezani / e  
ij minori, e xv schodelle e xvj salsieri, chonperamo da Guido di Francescho fiaschaio, e  
anche due nappi per fanciulli a s. 8 d. 6 la libbra, f.7 d'oro s.15 d.6 pi.

Due saliere nuove tonde senza piedi, chonperai dal detto.

xxvj schodelle di stagno e ij piattelli,<sup>256</sup> uno grande e uno pichollino,<sup>257</sup> vechie, cioè 40  
xviiij grande e 8 salsieri. /

Due saliere vecchie chon piedi e cento taglieri nuovi, furonmi mandati da Pistoia.

vj charelli nuovi, fecili fare quando ne venne la Dada, e anche facemo rifoderare / un  
chopertoio vechio a gigli di panno vermiglio. //

c.lxxxx v

Mcccclxxviii<sup>o</sup> di xxij di giugno

Seguiterò la facenda di sotto delle mie masserizie.<sup>258</sup>

Una roba di sciamito, ghonella e mantello foderato di chatasciamito cilestro adosso /  
della Dada mia donna, che 'l fece quando ne venne.

Una chottardita di scharlattato e uno mantello di soriano foderato di drappo doppio  
cilestro.

Uno mantello di soriano menato foderato di drappo. 5

Una chottardita d'azurino nuova.

Due anella che io le diedi, cioè j diamante e j smeraldo begli e monna Balda / le diè uno  
anello di perle e Salvestro le diè una vergha d'oro e Mofrio di ser Gio/vanni le diede una  
turchiescha.<sup>259</sup>

Uno choltello fornito d'ariento, che me 'l diede ser Nicholò Manetti quando fui de' / 10  
Priori <nel> 1376<sup>260</sup> ed egli fu nostro notaio. Chostò f. xj d'oro.

<sup>255</sup> *Libre ... nuovo*: evidenciado por manícula na margem interna

<sup>256</sup> *piattelli*: i final corrigido sobre o

<sup>257</sup> *uno grande e uno pichollino*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>258</sup> *Seguiterò ... masserizie*: acrescentado no espaço ao lado direito da data

<sup>259</sup> *turchesca*: evidenciado por desenho geométrico com dois triângulos ao lado direito

Una schodella d'ariento pesa.

Una botte che tiene bar. xij, chonperamo da Domenicho di Matteo, chostò f. due d'oro.

/

Tre botticelli di bar.  $4 \frac{1}{2}$  l'uno, chonperamo da Stefano vochato Poppa, chostò lb. xv, /  
di 24 di settenbre 1379. / 15

Uno botticello nuovo di bar. vj, meno un pocho, che 'cci chonperò a Prato il Belluccio, /  
di detto, chostò lb. v s. xv.

Uno botticello di bar.  $4 \frac{1}{2}$ , chonperò Marcho dall'Amoroso portatore, chostò lb. vj.

Uno barile, chonperò Marcho, chostò s. 27 e anche n'abbiamo ij a Mosciano, àlli Baccio.

Uno bacino da barbiere, chonperamo da Bartolone ferrovechio, chostò s. 45. 20

Un paio d'alari, chonperamo dal detto Bartolone per mandare a Chanpi, chostorono \*\*\*.

Una sechia grande chon chatena da levare e porre, per a Chanpi.

Un paio di forzieri vecchi, chonperamo da Benozo di ser Riccio per mandare a Chanpi,  
chostorono f. ij d'oro.

Uno staio nuovo di ferro, chonperamo di 16 di giugno 1378, chostò f. due d'oro.

Due stanghe grosse d'abete, chonperamo di 5 di luglio 1378, chostorono s. 48. 25

Una bracha e j paio di maniche di maglia, chonperò Bartolomeo da Lucha di Vanni, /  
armaiuolo, di 12 di febraio 1378, chostorono lb. xij.<sup>261</sup>

Una barbuta chol chamaglio di maglia, chonperò Bartolomeo di 18 di febraio 1378,<sup>262</sup>  
chostò f. vj d'oro.

Una chorazina, chonperò Marcho da Monte ferrovechio, di 19 di marzo 1378, chostò f.  
v d'oro.

Una dagha chonperò Marcho dal detto, chostò s. 28 d. 4. 30

Uno saltero, chonperamo di 29 di marzo 1379, da ser Romano Perboli s. xl.

Uno paio di guanti di ferro e j paio di bracciali interi di ferro, chonperò Marcho da  
Nanni / della Madalena, di 28 di magio 1379, chostorono f.  $3 \frac{1}{2}$  d'oro.<sup>263</sup>

Di xx di luglio 1380 tornò da churare bra. 76 di tovaglie e bra. 87 di guardanappe / e vj 35  
manteli di bra. 3 e 2 mantili da parto di bra. 2 l'uno.<sup>264</sup> Furono 8 \*\*\* tovaglie e \*\*\*

<sup>260</sup> *fui ... 1376*: evidenciado por manícula na margem externa

<sup>261</sup> *Uma bracha ... xij*: evidenciado por desenho geométrico na margem externa

<sup>262</sup> *1378*: acrescentado na entrelinha superior

<sup>263</sup> *Um paio ... d'oro*: evidenciado por um desenho geométrico na margem externa, que se estende a compreender também as duas linhas superiores

guardanappe e tovagliuole e mantilie.

Dì 4 d'aghosto 1380 chonperai una bighoncia di chastagno grossa di tenuta d'un chogno da far vino / bianco, chostò lb.vj s.xv. Manda'la a Chanpi.

Dì 13 di maggio 1381 tornò dal churandaio bra. 84 di panno lino buono che fece la Dada, / serbòsene bra.72 per un paio di lenzuola, del'altro si fece chamiscie a Tobia. 40

Spicharonsi di novembre 1380 delle dette tovaglie e guardanappe e mantili, che fece la Dada,/ tre tovaglie, tre guardanappe, tre mantili per a<d>operare.

c.lxxxxj r

Mccclxxviii<sup>o</sup>

┐ Baccio di Neri da Mosciano de' dare, di gennaio 1378, levamo / ove de' dare di qua a carta lxxxj, /

f. xiiij d'oro e lb. cxvj s. viiiij d. iiij pi.

A dì xiiij di gennaio 1378 ebe per j staio di vecchie per seminare nel / channeto s. dodici pi. Seminòllo, tochaline s.vj, / 5

s. vj.

E de' dare, di xxij di gennaio '378, ebe per chonperare uno bomero e una / marra lb. sei, /

lb. vj.

E a dì 16 di febraio 1378 ebe per chonperare paglia lb.v s. xv, /

lb. v s. xv.

E de' dare del detto mese, i quali demo per lui al maestro Giovanni dell'Ossa tra più volte, per medichatura il ginocchio, lb. vij s. x, / 10

lb. vij s. x.

E de' dare, di marzo anno detto, per la metà di iiij opere che misse s. xx,/ e l'altre volli paghare io e anche chonperai chastrone per lui per opere, /

lb. j.

E de' dare, di 23 di maggio 1379, ebe per mettere viiiij<sup>o</sup> oper|er|e alla vigna, /

lb.iiij s.x.

E de' dare, di viiiij di luglio '379, ebe per mettere oper|er|e a far seghare / e per farsi medichare lb. tre, / 15

<sup>264</sup> e vj manteli ... l'uno: acrescentado na entrelinha inferior

lb. iij.

E de' dare, di xxvij di luglio, ebe per fare rachonciare il basto s. xlvij, /

lb. ij s. viij.

E de' dare, di detto, dice richolse staia 50 di grano, diène j al prete, / resta staia 49 e dice che richolse staia 4 di fave e che ne seminò staia 6, che non / à ristore j, che ·lle chontò s. 15 e richolse staia x di spelda, che ne seminò tanta / che ne gli rimase della mia staia 2, che 20 la chontò s.15, e seminò j staia di seghale, tochamene s.vj, / e ci tene il grano per seme dell'anno 1379 per me staia  $7\frac{1}{2}$ , resta il grano staia  $17\frac{1}{2}$  per s. 20 lo staio, /

lb. xvij s. iiij°.

E de' dare, di 29 di novembre 1379, ebe per chonperare grano lb. sei,

lb.vj.

E de' dare, di \*\*\* di dicembre 1379, portò Neri per chonperare un porcho / lb. tre, disse che chostò poi s. 50, tochane a ·llui s. xxxv, /

lb. j s. xv.

E de' dare, di gennaio 1379, ebe per me dal Farso a San Polo staia vj di grano, / 25

lb. vj.

E de' dare, di 27 di gennaio '379<sup>265</sup> ebe per uno farsetto per Neri lb. v s. x, /

lb. v s. x.

E de' dare, detto di ebe per paglia, portò Neri suo figliuolo f./due d'oro, /

f. ij d'oro.

E de' dare, di iij di marzo, ebe per chonperare una somma di grano per sé lb. sette, /

lb. vij pi.

E de' dare, ebe per medichare l'asina s. x, /

s. x.

E de' dare, di xxij di marzo 1379, per panno per una ghonnella della Leonarda, / 30

lb. iij.

Somma f. xv d'oro e lb. clxxxxiij s. xvij d. iiij pi.

Ànne dato, d'ottobre 1379, dice che richolse, isbattuto bar. vj di / terra rossa, bar.77 tra bianco e vermiglio, tochane per uno / bar.  $38\frac{1}{2}$ , ebine bar. 65 ed egli n'ebe bar. 12, siché n'ò aùto / della sua parte bar.  $26\frac{1}{2}$  per f. v il chogno, posto a Firenze, / trasene per ghabella 35 e vettura, che la paghai io, lb. 4 per chogno, /

<sup>265</sup> '379: acrescentado na entrelinha superior

f. x d'oro s. xxvj pi.

Ànne dato, tra di genaio e di marzo 1379, dice che richolse orcia x e \*\*\* d'olio, del quale ci à rechato orcia viii<sup>o</sup> d'olio, siché abiamo de/lla sua parte orcia 4 per lb. iiij s.v l'orcio. Monta lb.17, /

lb. xvij.

Ànne dato, di xxij di marzo 1379, ponemo debia dare innazi / a carta 93 f. cinque d'oro 40 e lb. clxxv s. xj d. iiij<sup>o</sup> pi., /

f.v d'oro e lb. clxxv s. xj d. iiij<sup>o</sup>.

Somma f. xv d'oro e lb. clxxxxiiij s. xvij d. iiij pi.

Sanza la perdita de' buoi che ci è a mettere. ┘

c.lxxxxj v

3 Mccclxxviii<sup>o</sup>

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xvj di giugno anno detto, paghamo / a Francescho Lorenzi speciale camarlingo la xxij<sup>a</sup> e la xxij<sup>a</sup> prestanza, / f. xxviii<sup>o</sup> d'oro s. xvj d. vj a oro. Eravi notaio ser Bartolomeo Cecchi / da Marcialla. Sono asegnati a schontare a' primi 5 estimi che si porranno,<sup>266</sup> /

f..xxviii<sup>o</sup> d'oro s. xvj d. vj a oro.

E de' dare, di detto paghamo le dette prestanze per monna Balda,<sup>267</sup> moglie che ·ffu / di Piero di Bindo Bisdmini, f. tre d'oro s. j d.vj a oro, chome apare / a mia ragione alla tavola al quaderno .M. a carta viii<sup>o</sup>, /

f. iiij d'oro s. j d. vj a oro.

A dì 4 di novembre 1379 paghamo tre estimi, chome apare qui a piè, / che montorono f. 10 38 d'oro s. j d. 9 a oro, e fumi schonto i detti f. 29 s. 16 d. 6, /

f. xxviii<sup>o</sup> d'oro s. xvj d. vj a oro.

A dì 23 di novembre 1379 paghai tre estimi per monna Balda, chome apare / qui a piè e fumi schonto le dette prestanze, /

f. iiij d'oro s. j d .vj a oro. ┘

---

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di iiij<sup>o</sup> di novembre 1379, per tre estimi / che ·cci

---

<sup>266</sup> Parágrafo evidenciado por desenho na margem externa

<sup>267</sup> Balda: sublinhado

furono posti, che n'avemo per estimo f. 12 s. 13 d. 11 a oro: fu/rono posti a Leonardo 15  
Bartolini e fratelli, paghai de' miei propi *danari* per / animo di riavere, in somma f. 38 d'oro  
s. j d. 9 a oro a Lucha di Bartolomeo di Lucha Banchelli camarlingo, e schontòcci le  
prestanze dette di / sopra, cioè f. 29 d'oro s. 16 d. 6 a oro, e chontanti paghamo f. 8 s. 5 d. 3  
a oro, al quaderno .M. a carta 24,<sup>268</sup> /

f. xxxviii d'oro s. j d. viii a oro.

E de' dare, di xxiii di novembre 1379, paghai tre estimi per monna Balda<sup>269</sup> detta, / che 20  
ne le fu posto f. j e mezo, montò f. 4 e mezo, sbattese per le dette / prestanze f. 3 d'oro s. j  
d. 6 a oro, resta che paghai chontanti f. j d'oro s. 8 d. 6 a oro, al quaderno .M. a carta 26,<sup>270</sup>  
/

f. iii d'oro s. x a oro d. vj.

E de' dare, di xxj di febraio 1380, paghamo il quarto estimo a Stefano / di Baldo  
pizichagnolo camarlingho f. 12 d'oro s. 13 d. 11 a oro. Notaio ser Antonio / di ser  
Domenicho, chome apare a mia ragione al quaderno .M. a carta 35, /

f. xij d'oro s. xij d. xj a oro.

E de' dare, di detto paghamo il iiij<sup>o</sup> estimo per monna Balda detta f. uno / s. x d. ij a oro, 25  
chome apare al detto quaderno a carta 35. Portò Marcho di Leonardo, /

f. j d'oro s. x d. ij a oro.

E de' dare, di 24 di marzo anno detto, paghamo al detto camarlingo e notaio / il v<sup>o</sup>  
estimo f. 12 d'oro s. 13 d. 11 a oro, chome apare al detto quaderno a carta 38, /

f. xij d'oro s. xij d. xj a oro.

E de' dare, di xvj d'aprile 1380<sup>271</sup>, paghamo per monna Balda il v<sup>o</sup> estimo per monna  
Balda / al detto camarlingo. Portò Marcho f. j d'oro s. x d. ij a oro, al quaderno .M. a carta 30  
42, /

f. j d'oro s. x d. ij a oro.

E de' dare, di xxviii di magio 1380, paghò Marcho di Leonardo a' detti camarlingo / e  
notaio il vj<sup>o</sup> estimo f. 12 d'oro s. 13 d. 11 a oro, chome apare al detto quaderno a carta 47, /

f. xij d'oro s. xij d. xj a oro.

E de' dare, di xxvij di luglio ~~pae~~ 1380, paghò Marcho il vij<sup>o</sup> estimo / f. 12 d'oro s. 13 d.

<sup>268</sup> *al quaderno ... 24*: acrescentado na margem externa

<sup>269</sup> *Balda*: sublinhado, aqui e em todos os casos (menos um) em que aparece, até o fim do fôlio

<sup>270</sup> *al quaderno ... 26*: acrescentado na margem externa

<sup>271</sup> *1380*: acrescentado na margem externa

11 a oro, chome apare al detto quaderno a carta 54, /

f. xij d'oro s. xiiij d. xj a oro.

E de' dare, di detto paghò Marcho per lo vj° e vij° estimo per monna Balda / f. tre d'oro d. 35  
quattro a oro, al detto quaderno e carta,

f. iij d'oro d. iiij a oro.

E de' dare, di xj d'aghosto 1380, paghò Marcho i residuo de' primi iiij° estimi f. tre d'oro  
s. iiij d. vj a oro al quaderno .M. a carta 60, /

f. iij d'oro s. iiij° d. vj a oro.

E de' dare, di detto, per residuo de' detti iiij estimi per monna Balda s. vj d. ij a oro, /

s. vj d. ij a oro.

E de' dare, di xiiij di settenbre 1380, paghò Marcho per l'ottavo estimo, / 40

f. xij d'oro s. xiiij d. xj.

E de' dare, di detto, per lo detto estimo per monna Balda f. j d'oro s. x d. ij a oro, /

f. j d'oro s. x d. ij a oro.

E de' dare, di vij di gennaio 1380, paghamo a Giunta di Piero orafo. Eravi notaio ser  
Verdiano Arrighi per lo viiiij° estimo, /

f. xij d'oro s. xiiij d. xj a oro.

E de' dare, di detto, per lo detto estimo per monna Balda f. j d'oro s. x d. ij a oro, /

f. j d'oro s. x d. ij.

E de' dare, di xxvj di marzo 1381, per due estimi e residui d'essi, che montorono / in 45  
tutto f. xvij d'oro, vendemoli a Bartolo di Scholaio, perch'erano ase/gnati a riavere in certo  
termine da \*\*\*. / Dènone s. xvij d. iiij del f., montorono di dano lb. 23 s. 10. /

Somma f. cxxxj d'oro s. [. ] vij d. v a oro.

Posti debia dare inanzi a carta lxxxiiij f. cxxxj s. vij d. v a oro, 50

131 07 5. J

c.lxxxij r

Mccclxxviii°

Richordanza che a di j di settenbre 1379 alloghamo a pigione a Ghe/tto Paoli chalzolaio  
la botteggha nostra di Porta Rossa a llato al / chiasso, per pregio di f. viiiij° d'oro l'anno.

Ànne dato di febbraio 1380 tra in scharpette e *danari* chontanti, chome apare / alla 5  
tavola al quaderno .M. a carta \*\*\*, f. nove d'oro, /

f. viiij d'oro.

Rinieri del Forese di fior. 300 per la chasteleria.<sup>272</sup>

Richordanza che, a dì 26 d'aghosto 1379, fui in chonchordia chol popolo di San Piero a Ponti di fare per lo mio / una via nuova e tòrre la via vechia, cioè ch'io facessi una via per lo mio, la quale chomincia da/lla mia ripa del Bisenzio, che ffu di frate Pagholo di Nicholò, e vanne infino alla strada nuova a ·llato / al chanpo de' figliuoli di Iachopo di Bono, e rimanvi da quello lato a ·llato alla strada del mio un pezuolo / di terra, ed è la via infra 'l mio largha braccia vij netta e ·lla fossa da lato mio è mia, siché se io / vi volessi mutare, la posso ripigliare e rimane la detta ripa dirinpetto alla via a ·mme.<sup>273</sup> 10

Ed e' mi dierono la via vecchia, che tiene dalla strada nuova e solea andare a ·llato alla chasa / mia e dall'altro lato il chaneto de' figliuoli di Nicholaio de' Chocchi ~~e~~ in parte e in parte delle / rede di Filippo di Vanni da Chanpi maestro, e qui fa ghomito e andava tra ·lla ripa mia del / Bisenzo e la chasa mia, dove io abito, infino alla detta via nuova dove chominciamo. / E questo ci choncedeteno gli Uficali della Torre, chome più pienemente si chon/tiene nella loro diliberazione. Carta fatta per mano di ser Nicholò ~~Pa~~ di ser Zanobi / Paoni e di ser Antonio Pieri Chelli, ammedue notai al detto ufficio. 15

Abianne la charta chonpiuta di mano del detto ser Antonio Pieri Chelli, chostò s. xx. 20

c.lxxxxij v

Mccclxxviii<sup>o</sup>

Baccio di Neri da Mosciano mio lavoratore de' dare, dì xxij di marzo / 1379, ponemo abia dato di qua a carta 91, salda' ragione cho' llui, / senza il danno de' buoi, f. cinque d'oro e lb. centosettantacin/que s. xj d. iiij pi., / 5

f. v d'oro e lb. clxxv s. xj d.iiij pi.

E de' dare, dì vj di maggio 1380,<sup>274</sup> ebe per grano per suo manichare lb. tre pi.,/

lb. iij.

E de' dare, dì xiiij di maggio, ebe per farina per suo manichare s. cinquanta, /

<sup>272</sup> *Rinieri ... chasteleria*: tira de papel com escrita, de mão de Leonardo, inserida na encadernação entre os fólhos lxxxxj v e lxxxxij r

<sup>273</sup> Parágrafos evidenciados por duas *maniculae* no espaço acima, antes da linha de separação

<sup>274</sup> 1380: acrescentado na entrelinha superior



lb. ij s. x.

E de' dare, di xxvij di maggio, portò Neri suo figliuolo per grano per suo manichare, /

lb. v.

E de' dare, di xj d'aghosto, prestamoli per rachonciare il basto all'asina, /

lb. j s. x.

E de' dare, di x di novembre, prestamoli per uno paio di scharpette s. venti,

10

lb. j.

E de' dare, di xx di dicenbre, per la sua parte d'uno porcho tenporile, chostò / lb. iij s.  
xvj, tochaline s. xxxviiij, /

lb. j s. xviiij.

E de' dare, di xxij di dicenbre 1380, per lui a Nicholò di Benedetto ritagliatore per bra. /  
viiij° di bigello, per tutto f. due s. xv pi., /

f. ij d'oro s. xv pi.

E de' dare, di viij di marzo 1380, ebe per chonperare grano, portò Neri lb. quattro, /

15

lb. iiij° pi.

E de' dare di xxx di marzo 1381, ebe per biada per suo manichare f. due d'oro, /

f. ij d'oro.

E de' dare, di xx d'aprile 1381, ebe per biada per suo manichare f./due d'oro, /

f. ij d'oro.

E de' dare, di iij di luglio 1381, ebe per chonperare farina s. trenta pi., /

lb. j s. x

E de' dare, di luglio 1380, per staia xxj di grano, che ne dice che ne richolse / staia 56, 20  
tochamene staia 28, lascia'li la mia parte del seme staia 7, resta / che à della mia parte staia  
21 per s. 20 lo staio, e per staia 9 di fave, ch'ebe della / mia parte per s.15 lo staio e per  
staia 3 di spelda, che gli rimase della / mia parte, che ne richolse 12 e rechòmene 3 per s. 9  
lo staio e richolse / staia v d'orzo, rechòmi la mia parte e richolse staia 4 di seghare,  
tocha/mene staia 2, ebela tutta per s. 15 lo staio e richolse staia v di lino seme, / seminòne 25  
due, l'altro vendé e dice che mi schonta la mia parte nella / chonciatura del lino mio, che  
chonciò. Somma che de' dare lb. 30 s. 12, /

lb. xxx s. xij.

E de' dare, 1380,<sup>275</sup> per la mia parte dell'olio, che ne richolse lib.4 d'olio, /

lb. iij pi.

---

<sup>275</sup> 1380: acrescentado ma margem externa

E de' dare per la metà di lb.v, che vendé il poltruccio s. 50 ed ebe per vettura de/ll'asina, 30  
tanto che dice me ne tochava s. 30 nel 1379. Somma lb. iiij, /

lb. iiij.

<B:>

E de' dare per la roppa di Marcho, pegnò Neri, /

lb. ij s. viij d. iij.

Somma f. xj d'oro lb. ccxxxvj s. xiiij° d. viij pi.

<A:>

Ànne dato, di xij d'ottobre 1380, per barili xxij di vino, ch' avemo della / parte sua a  
ragione di f. vj e mezo il chogno, monta in tutto al tino, /

f. xiiij d'oro s. xxj.

<B:>

Resta a ddare a s. 74 lb. ccxxiiij e s. xj d.viij pi. a s. 74 il fiorino. 35

E de' dare del'ano 1381 per istaia  $14\frac{1}{4}$  di grano gli restò del nostro isbattu/tono il seme e  
'l prese e cci chostò a s. xx lo staio, /

lb. xiiij° s. v.

E de' dare, a dì 30 di dicebre, prestamogli per sale, /

lb. ij s. x.

E de' dare, di xj di gennaio, prestamogli /

f. ij d'oro.

E de' dare, di iij di febraio, prestamogli s. 40, /

40

lb. ij pi.

E de' dare, di 22 di febraio, prestamogli f. 4 d'oro, /

f. iij° d'oro.

E de' dare, di 20 di marzo, per la morte d'u' porcho teporile di lb. 4 s. 12, /

lb. ij s. vj.

E de' dare, di 26 d'aprile, a Baccio da Mosciano per grano, /

lb. vj pi.

E de' dare, di 24 di maggio, a Baccio damo per grano, /

lb. vj pi.

E de' dare, di 6 di settebre, a Baccio per u' chaminetto, /

45

lb. \*\*\* s. xviiij.

E de' dare, a dì 8 di gennaio, per j° porcho teporile, chostò lb. 6, tochali /

lb. iij pi.

E de' dare per la richolta del grano e biada de l'ano 1382, restògli della nostra [parte] / del grano, isbattutone il seme, staia 27 e j mezo quarto per s. xx lo staio, lb. 27 s. 2 d. 6, avemo della / sua parte staia 5 di spelda per s. 8 lo staio s. 4, restano lb. 25 s. 2 d. 6 e restagli staia 4 tra orzo e fafe, / isbattutone i seme a s. 11 lo staio, s. 44. Restano lb. 27 s. 6 d. 6, /

lb. xxvij s. vj d. vj.

Soma f. vj d'oro e lb. cclxxxviii s. 17 d. ij pi.

Ànne dato l'ano 1381 per cogne 2 e some ij di vino, avemo del suo, a f.  $2\frac{1}{2}$  il chogno, /

f. vj d'oro.

Ànne dato l'ano detto per orcie 6 d'olio avemo della parte sua per lb. 5 s. 7 l'orcio,

lb. xxxij e s. ij.

Ànne dato l'ano 1382 per barili 16 di vino avemo della sua parte, a f.  $3\frac{1}{2}$  il chogno, /

f. v d'oro s. 42.

Resta a ddare, a dì xxj di febbraio 1382, fatta ragione cho' llui, contando / il f. s. 74, lb. 55 cxxxxvj e s. xiiij d. ij pi., e chosì rimanemo co' llui d'acordo chetado / il danno de' buoi. /

c.lxxxxiiij r

&lt;A:&gt;

Mcccclxxviii°

Giovanni di Piero e figliuoli da Legnaia, nostri lavoratori a Chanpi, de/ono dare dì xxij di marzo, ebono per chonperare biada lb. sei, /

lb. vj pi.

E deono dare, dì xiiij di maggio 1380, ebono per chonperare biada lb. sei pi., /

lb. vj pi.

E deono dare, dì xxx di settenbre, prestamoli chontanti lb. tre pi., /

5

lb. iij pi.

E deono dare, dì xiiij d'ottobre 1380, prestamo loro chontanti lb. quindici pi., e questo dì gli demo per chonciatura i lino del detto anno, cioè  $x\frac{1}{2}$  <la> dodicina, / lb. v s. v pi.,

lb. xv.

E deono dare, dì viij di febraio, ebono per chonperare paglia f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

E deono dare, di j d'aprile 1381, per la metà di lb. 4 s. 12 d.4, chostò j porcellino, / 10

lb. ij s. vj d. ij.

E deono dare l'anno 1379 per la metà di staia 14 di cholonbina a s.  $3\frac{1}{2}$  /

lb. j s. iiij° d. vj.

Ànnone dato, di ottobre 1380, uno chogno di vino della sua parte\*\*\*.

┐ Memoria che a dì xv di maggio 1380, che ffu San Giusto, naque Giusto mio figliuolo. Dio gli dea buona ventura.

E a dì j di giugno anno detto il demo a balia a monna \*\*\* da Brozi. Tenelo due mesi, meno di v e pa/ghamola a lb. iij il mese, lb. v s. x. E poi il demo a balia a monna Sandra \*\*\* e tenelo di xij. E / allora, chome piaque a Dio, se 'l chiamò a ssé. Lodato si' Egli, e démole s. 35. Morì a dì 9 d'aghosto / 1380. ┘ 15

c.lxxxxiij v

Mccclxxx

┐ Il Chomune di Firenze de' dare, di xxviii° di maggio 1380, paghò / Marcho di Leonardo a Choccho di Donato di Choccho camarlingo per lo residuo / d'otto prestanze f. tre d'oro s. sedici d. tre a oro, chome apare al quaderno / .M. a carta 47. E paghò a dì 3 d'aghosto anno detto per lo residuo delle dette / otto prestanze per monna Balda<sup>276</sup> s. v d. j a oro. Furono asegnate a rendere / la vera sorta in sulla ghabella del vino del chontado. In somma, / 5

f. iiij° d'oro s. j d. iiij a oro.

Ànne dato, di xij di magio 1381, per lui da Giovanni Villani, camarlingo per lo Cho/mune a rendere le dette prestanze de' residuo, f. quattro d'oro s. j d. iiij a oro, /

f. iiij° d'oro s j d. iiij a oro ┘

Benedetto di Giovanni nostro lavoratore da Chanpi de' dare, di viii° di / luglio 1380, 10  
per una vacha chon uno vitello, che gli chonperamo a tenere / per lavorare a  $\frac{1}{2}$  pro e mezo danno. Chostorono f. dicesette d'oro e mezo, /

<sup>276</sup> Balda: sublinhado

f. xvij d'oro s. xiiij° d. vj ff.

E de' dare, di \*\*\* di dicenbre 1380, ponemo abia dato di qua a carta 89,

f. xij d'oro s. iiij° d. vj ff.

Àne dato, di \*\*\* di luglio 1381, per uno vitello grosso e grande, che / vendé, f. dodici 15  
d'oro meno s. dieci pi., rechò Bartolomeo di Leonardo, /

f. xij d'oro meno s. x pi.

<B:>

Àne dato, di 25 di settebre, per j<sup>a</sup> vitella, vendé al tavernaio da Petriolo, /

f. iiij° d'oro.

Àne dato, di 29 d'ottobre, per j<sup>o</sup> vitello, vendé a Mozzone, 1382, /

f. vij d'oro meno s. x.

Àne dati, a di viij di luglio 1383, che vendé un vitello a Mozzone f. 6 meno s. xx, / che  
f. 5 me ne diè e l'avanzo si ritene posti a sua ragione inazi carta 96, /

f. vj d'oro meno s. xx.

Àne dati, a di x di novebre, che vendé j<sup>o</sup> vitelo a Mozone f. 5 meno s. x, dièmene / f. due 20  
e l'avazo ritenne, posti a sua ragione a carta 96, /

f. v d'oro meno s. x.

Àne dati, di 9 d'ottobre, per j<sup>a</sup> vitella, vendé f. 4 s. 54,

f. 4 d'oro s. 54 [ ].

A di 30 di settebre 1385 vendé Benedetto due vitelli e rechòci lb. del'una f. 5 s. 12 d. 6 /  
ed egli n'ebbe al<t>reta<n>ti, /

f. \*\*\*.

Memoria che, a di xv di settebre 1381, naque Salinbene figliuolo di Leonardo, na/que 25  
a Canpi. Demolo a balia a Simone di Chante a Sa· Martino a Chanpi.

A di 17 di dicenbre 1381 demo al detto Simone balio f. tre d'oro, /

f. iij d'oro.

A di 8 d'aprile monna Cieccha, moglie del detto balio, /

f. iiij° d'oro.

A di 19 di luglio a Simone detto, /

f. iij d'oro.

A di 15 di novebre a Simone detto, /

30

f. iiij d'oro.

c.lxxxxiiij<sup>o</sup> r

&lt;A:&gt;

Mccclxxx

Memoria che, a dì 18 di gennaio anno detto, chonperai io Leonardo di Bartolino da /  
 Filippo di Simone di Ghuccio degli Spini uno pezo di terra, posta nel popolo di San Piero /  
 a Ponti da Chanpi, luogho detto al ponticello dal Cholle in sulla strada nuova, che dal j<sup>o</sup> /  
 strada nuova, dal ij<sup>o</sup> via, dal iij<sup>o</sup> Leonardo Bartolini, cioè il pezo del' viij<sup>o</sup> staiera del / 5  
 podere di frate Paolo, che chonperai da Tommaso Fagiuoli, dal iiij<sup>o</sup> \*\*\*. /

&lt;B:&gt;

A dì 21 di settembre 1382 entrai i' tenuta nel detto. Carta per ser Michele di ser  
 Aldobrado. / <sup>277</sup> /

&lt;A:&gt;

Il Chomune di Firenze de' dare, di xxvj di marzo 1381, levamo / ove dovea dare di qua  
 a carta 92, per li estimi paghati da quinci a dietro, /

f. cxxxj d'oro s. vij d. v a oro.

E de' dare, di 4 d'aprile 1381, paghai per lo residuo de' secondi iiij<sup>o</sup> estimi infi/no al  $\frac{1}{8}$  f. 10  
 tre d'oro s. cinque d. otto a ff., /

f. iij d'oro s. 3 d. 8 a oro.

E de' dare, di xvij di maggio 1381, paghai per lo decimo x<sup>o</sup> estimo, /

f. xij d'oro s. xij d. xj a oro.

&lt;B:&gt;

¶ Il Chomune di Fire<n>ze de' dare, a dì 22 d'aghosto 1381, portò Bartolo/meo per  
 paghare uno acchato che 'ss'asegnò ala ghabella del sale / a ridare a dì \*\*\*, / 15

f. 13 d'oro s. 10 [...].

E deono dare, di xj d'ottobre 1381, pachamo un achatto che 'ss'asegnò / ale chognora del  
 chontado, al ridare di \*\*\*, /

f. 13 s. 14 d. 10 ff.

E<sup>278</sup> deono dare, di xxj di maggio 1382, pachamo una terza prestanza, / che 'ss'asegnò al

<sup>277</sup> Parágrafo evidenciado por manícula no espaço abaixo

sale, f. 13 s. 36 d. j. Avalla fatte di sotto e chan<ce>lata,

f. 13 d'oro s. 14 d. [...] ff. 20

A dì 11 di gennaio 1383, riavemo da Simone di Ghuiduccio j<sup>o</sup> secho<n>do / achatto  
asegnato al sale, f. 13 s. 9 ff., /

f. 13 s. 9 ff.

A dì 27 di giungno riavemo da Nastagio j<sup>a</sup> terza prestanza asegnata a/l sale, f. 13 s. 7 d.  
2 ff., /

f. 13 s. 7 d. ij ff. 25

A dì primo di febbraio riavemo da Nastagio j<sup>o</sup> terzo achatto asegnato a/lle chognora, f.  
13 s. 7 d. j /

f. 13 s. 7 d. j<sup>l</sup>

lxxxxiiij v

<A:>

Mccclxxxj

Richordanza che a dì iiij<sup>o</sup> d'aprile 1381 ci facemo perdonare e far fine de' *danari* delle  
paghe / del Monte ricevute da' chamarlingo ~~della~~ del Monte da quinci adietro. Fececi  
questa per/donanza e questa fine d'ogni interesse, ch' avessimo aùto, Lucha di Giovanni,  
famiglio / de' Priori, chome sindacho e procuratore del Chomune a ciò fare. Carta della 5  
detta perdonanza / per mano di ser Giovanni d'Andrea d'Alinari, che sta all'Arte di Porta  
Santa Maria, / chuitatore di ser Nigi di ser Giovanni, notaio della detta Arte. /

<B:>

Il Chomune di Fireze de' dare, a dì xvij di dicebre 1381, portò Bartolomeo, che / paghò  
la prima prestanza asegnata al Mote nuovo f. 12 s. 13 d. 11 a oro e per residuo / della detta 10  
prestanza e per residuo del nono e decimo estimo f. 2 s. 8 e d. 2 a oro. So/ma f. 15 s. 2 d. j a  
oro, asegnati al Monte nuovo. Fuvi notaio ser Barto/lomeo di ser Maso Nelli, /

f. \*\*\*.

E de' dare, a dì 16 d'aprile, paghamo la sechoda prestanza, asegnato al Mon/te nuovo  
chomune lo 'ntereso in chaledi di giugno f. 13 d'oro s. 36 d. j pi., /

f. \*\*\*.

<sup>278</sup> E: precedido por um pequeno sinal de cruz na margem interna

┐ E<sup>279</sup> de' dare, di 21 di maggio, paghamo la terza prestaza, era camarlingo Giova/nni di 15  
Chante Amanati, asegnossi a ridare al sale f. 13 s. 36 d.j. Vuole a ridare di sotto, però che  
vi sono a illui achati che s'ano a ridare, /

f. \*\*\*. ┘

E de' dare, a di 17 di giugno, a Giovani di Chate Amanati per la quarta presta/nza  
doppia f. 26 d'oro s. 28 d. 10 a f., /

f.\*\*\*.

E de' dare, di xj d'aghosto, a Giovani di Chate Amanati per la quita prestanza / f.13 20  
d'oro s. 36 d. 6, /

f. \*\*\*.

E de' dare, a di 24 d'ottobre, paghamo la sesta prestanza / f. 13 s. 36 d. 9 pi. al detto  
Mote nuovo, /

f. \*\*\*.

Ànne dato per la quinta e sesta prestanza, che ce le sco/torono nele tre prestanze che si 25  
puosono poi [di] < ? >

f. \*\*\*.

c.lxxxxv r

Mccclxxxij a di xvij di giugno

Richordaza che a di 17 di giugno 1382 apigionai a Nolfo di Francescho calzolaio / la  
bottegha nostra, a lato a le rede del maestro Stefano, per v anni comiciati di primo / di  
luglio 1382 per f. xj d'oro l'anno. Carta per ser Michele di ser Aldobrado.

Feci ragione chol detto Nolfo, a di xxij di dicebre 1383, ch'avamo aute tante ischarpette 5  
per tutti / noi ch'amatavano lb. xxxv e s. 2 d. 6: e altro non à dato.

Richordanza che mercholedi a di xiij d'aghosto 1382 giurai la Chaterina mia / figliola a  
Bartolomeo di Bartolomeo di Nicholò di Totto Tedaldi e deboli dare di dota / f. 500 d'oro.  
Furono albitri Otto del maestro Andrea Sapiti e Simone di Gieri Ghondi, / e disse la pena 10  
del chonpromesso f. 600 d'oro. Carta per mano di ser Michele di ser A/ldobrando.

E a di 24 d'aghosto 1382, il di di Santo Bartolomeo, il detto Bartolomeo diè l'ane/llo alla  
detta Caterina. Carta per ser Michele detto.

Fu di poi chontento Leonardo ch'egli avesse f. 500 in danai e oltre a quegli le do/nora e 15

<sup>279</sup> E: precedido por um pequeno sinal de cruz na margem externa



chosì chonfessase, cioè quello gli dessimo.

E a dì 10 di gennaio 1382 chonfessò il detto Bartolomeo e ser Michele di ser Aldo/brando e Agnolo Totti per dota f. 560 d'oro, che arebbe chome detto i cotati f. / 500 e f.60 in donora, oppur tutte chose chonperare, chome appare a ragio/ne di Leonardo al quaderno della tavola segnato .O. Carta per mano di ser Marcho / di Vanni da Enpoli. 20

E mercholedì a dì xiiij° di giennaio 1382 la menò. In buon ora possa essere / e 'ssia.

A dì iiij° di febbraio avemo la charte conpiute da ser Marcho detto con parola / della detta Caterina e demogli f. uno d'oro

c.lxxxxv v

Mccclxxxij

Richordanza che a dì 25 di settebre anno detto, trovandosi una fossa da 'llato / nostro, che 'lle sono [...] Stefano barbiere, la richonperai da 'llui per pregio / di lb. xxiiij° pi. Carta per mano di ser Tomaso di ser Salvestro.

Paghamone la ghabella a dì viij d'ottobre a Giovani Conpagni camarligo e / notaio ser Lorezo di messer Domenicho. Paghamo s. xxiiij. 5

E detto di gli vendemo la metà del muro mio a lato a lui, alto bra. 12, e / cioè infino al chomignolo della chasa sua dinanzi, per pregio di lb. 53. Carta / per lo detto ser Tomaso di ser Salvestro.

---

Richordanza che infino a dì xj di gennaio 1381 alloghamo a Giovanni d'Andrea / di Lanbrusco, oggi del popolo di Sa' Martino a Chanpi, il podere nostro da Chanpi, cioè quello / 'ffu di frate Paolo con istaia lxxxvj o in quel torno, con questi patti: ch'egli il debbe / lavorare bene, affossare, vaghare, letaminare a sovercio, a uso di buono / lavoratore si richede, e fave, degli agli e de' lino. E debbeci dare la metà / di ciò che vi si richogli[er]à suso e della sua parte propria ci debbe dare istaia 9 di grano / e j° paio di chaponi e j paio di polastre e 5 serque d'uova e tenere un porcho / a mezzo, cioè dobbiamo pagare la metà quando si chonpera, ed egli a lor / tepo che si vende daccelo mezzo grasso. E tutte queste chose ci debbe rechare / a Fireze a sua vettura e nostra ghabella. E della nostra parte del lino [...]che ci to/chasse, il debbe ghovernare e dobiagli dare s. x della dodicina. Fecine / la charta ser Tomaso di ser Salvestro. E mezano ne fu Stefano di Recho e Voglino di / Matteo, del popolo di Sa' Piero a Poti. 10 15 20

Richordanza che a di \*\*\* 1382 aloghamo insieme chon Stefanone di Recho / a il  
Baldera \*\*\* da Chapalle certa terra e chonperamogli j<sup>o</sup> paio di vache / che paghamo noi, 25  
l'una che cci chostò f. 13 d'oro s. 8 d. 4 a ff. E debbele tenere a / mezzo pro e mezzo  
danno.

Presta'gli al detto per conperare pagla per le dette bestie, f. j d'oro.

A di \*\*\* toglemo al detto le dette vache e aloghamole a Motone / di \*\*\* del popolo \*\*\*  
chon uno vitello. Furono stimate f. \*\*\*.

Avemo dal detto istaia  $x \frac{1}{2}$  di grano per s. 24 lo staio. 30

c.lxxxxvj r

1382

Benedetto di Giovanni nostro lavoratore a Canpi de' / dare, levamo ove dovea dare  
adreto carta \*\*\*.

E de' dare, di viiiij<sup>o</sup> di magio 1381, ebe in prestanza lb. 3 s. x, /

lb. 3 s. 10.

E de' dare, di xxiiij<sup>o</sup> di giugno, ebbe in prestanza lb. ij, /

5

lb. 2.

[E] de' dare, di xvj di novebre, prestamoli per j<sup>a</sup> vancha, /

lb. 2 s. 10.

[E] de' dare, di x di giugno 1382, prestanoli, /

lb. 3.

[E] de' dare pe' porci e l'abiamo conperati, debbe paghare la metà / di \*\*\*, /

lb. \*\*\*.

E de' dare, di xxx d'aprile 1383, prestamoli per conperare grano / per suo manichare 10  
lb.tre pi., /

lb. 3.

E de' dare, a di viij di luglo, che vendé j<sup>o</sup> vitello, come apare a/dreto a carta 94, f. 6  
meno s. xx, e de'ne f. 5, /

lb. 2 s. 15.

E de' dare, a di \*\*\* d'ottobre, che gli prestai per conperare lino per seme, /

lb. \*\*\*.

E de' dare, a dì 10 di novebre, che vendé a Mozzone, chome a/ppare adreto a carta 94 j<sup>o</sup> 15  
vitello, f. 5 meno s. x, che non ce / ne diè altro che f. 2 d'oro /

fior. 2 d'oro lb. [. ] s. 5.

E de' dare, a dì 6 d'aghosto, prestamoli f. j d'oro, /

f. j d'oro.

Morissi il detto Benedetto in sul detto luogho l'ano 1387 e rimase la famela / sua molto  
povera. Lasciamo loro per l'amor di Dio ogni chosa che ci dovesse dare.

### 3.4 - Índices

#### 3.4.1 – Índice dos personagens

São elencadas as pessoas e as famílias citadas nas *Ricordanze* de Leonardo, de acordo com a forma moderna. Entre parênteses são acrescentadas, eventualmente, as formas adotadas no texto, nomes de família, patronímicos e ascendentes. Os asteriscos representam as lacunas no texto. Quando houver, é acrescentada também a categoria profissional ou a qualificação.

ABROSTINI, GUIDO DI SIMONE iijv  
 ADIMARI (degli) DONATO. xlviiiijv  
 AGHINETTI, BINDO. iijr  
 AGLI (degli) TADDEO DI CANTINO. xxxvjv, xlviiiijr  
 AGLI (degli), SIMONE DI GIOVANNI. xiiijr  
 AGLIONI (degli), IACOPO DI CIANDRO. viiiijr, xiiiijr  
 AGNOLO DI NERI DI BO(C)CUCCIO *lanaiuolo*. xxv  
 AGNOLO, *bottaio*. lxxxxr  
 AGOSTINO *corregiaio*. lvjv  
 ALAMANNI (degli), NERI DI GIUNTINO. vr  
 ALAMANNI (degli), TOMMASO DI GIUNTINO. vr  
 ALBERTI, SPINELLO DI LUCA, *camarlingo*. lxviiijv, lxviiiijv, lxxvr, lxxvjv, lxxviiiijr, lxxxijv, lxxxv  
 ALBERTO DI BONACCORSO. xxxviiijr  
 ALBIZI (degli), PIERO DI FILIPPO. lxxxiiiijv  
 ALDOBRANDO DI CINO, *merciaio*. lxxxijr  
 ALESSIO DI COLA. xxviiijv  
 ALESSIO DI TURCHIO da Legnaia. xxxviijr, lijr, lviiijv, lxr  
 ALLEGRI (d'), BARTOLA *balia*. xxxijr  
 AMBRUOGIO DI NICCOLÒ DI MEO. lxxr  
 AMERIGO DI NICCOLÒ DI ser BENE. lxxviiijv, lxxxr  
 AMMANNATI, GIOVANNI DI CANTE. lxxxviiiijr  
 AMOROSO (dall'), MARCO. lxxxxr  
 ANDREA (*monna*) da Legnaia. xxviijr  
 ANDREA DI GIANNI da Mosciano. lxxxviiiijv  
 ANIBALDO DI BERNARDO. lxxxiiijr  
 ANTONIO DI RUGIERI. ljr  
 ARDIGHELLI, NERI DI NICCOLÒ. xxviiijv  
 ARNOLFI, NOFRIO DI GIOVANNI DI messer LAPO. lviiiijr, lxxvjv

- ARRIGHETTI, BENCI *bicchieraio*. xxxviiijv
- ARRIGHETTI, NICOLOZZO DI GIUNTA. ijv, xxxviiiijr,
- ARRIGHI, IACOPO DI FRANCESCO DI IACOPO. lxxxr, lxxxv
- ARRIGO DI TICI. xliijr
- ARRIGUCCI, ALESSANDRO DI DANIELLO. lxxxr
- ASINO (dell'), NICCOLÒ DI MARCO vijr, xjv
- AVOGADI, VANNI DEL TRINCIA. ijv iiijr, xvr, xxxviiiijr, lxxxvjv
- BACCIO DI NERI *lavoratore*, da Mosciano. xxvr, lxijr, lxvr, lxxvijv, lxxviiiijr, lxxviiiijr, lxxxjr, lxxxjr, lxxxijv, lxxxijv
- BALDA, viuva de Piero di Bindo (Bindi) Bisdomini. lxxiiijrv, lxxvjv, lxxvijv, lxxviiiijr, lxxxr, lxxxv, lxxxijv, lxxxvv, lxxxv, lxxxvjv, lxxxiiijr
- BALDERA \*\*\* da Capalle. lxxxvv
- BALDI, GUIDO *orafo*. xvjv, lvr
- BALDO (ser), *prete*. xxvijr
- BALDOVINI, NICCOLÒ. lxxxijv
- BALDOVINI, PAOLO (BALDO) DI NICCOLÒ. lxxxijv
- BALDOVINI, PIERA DI NICCOLÒ. ijv, iiijr, iiijv
- BANCHELLI, LUCA DI BARTOLOMEO DI LUCA. lxxxvjv
- BANCO *maestro*. xxxiiijv
- BANDINI, DOMENICO DI DONATO. vjr
- BARDI (de'), BENEDETTO (VOGLIA) DI BENGHI. xxxiiijv
- BARDI (de'), GIRAMONTE DI BENGHI. xxxiiijv, liijr
- BARNA DI VALORINO. liijr
- BARONCELLI (de'), AGNOLO DI GHERARDO. xxviiiijv
- BARONCI, GALEA DI TOMMASO. lxxxvv
- BARTOLI, GIOVANNI *frate*. xxxiiijv
- BARTOLI, IACOPO da Ancona. lxijr, lxxijv
- BARTOLINI (DI BARTOLINO, DI BARTOLINO SALIMBENI), ANDREA ijv, vr, xijv, xiiijr, xvr, xv, xvjr, xijv, xviiijr, xxr, xxiijr, xxiijv, xxiijr, xxvv, xxvijv, xxxijv, xxxiiijr, xlvijr, xlvijv, lvv, lviiijr, lviiijv, lxr, lxv, lxijr, lxvijr
- BARTOLINI (DI BARTOLINO, DI BARTOLINO SALIMBENI), BENEDETTO. ixvv
- BARTOLINI (DI BARTOLINO, DI BARTOLINO SALIMBENI), LEONARDO. jv, ijv, iiijv, vr, vjr, vijr, vijv, viijr, viijv, viiiijr, viiiijv, xv, xjv, xijv, xiiijr, xiiijr, xvr, xv, xvjr, xviiiijr, xviiiijv, xxr, xxv, xxjr, xxjv, xxiijr, xxiijr, xxiijv, xxvjv, xxvijv, xxviiiijr, xxxv, xxxjr, xxxijv, xxxiiijr, xxxiiijr, xxxvjv, xxxvijr, xxxviiiijr, xljr, xliijv, xliijv, xlvjr, xlvijv, ljr, liijr, lvijr, lviiijr, lviiijv, lvviiiijr, lxjv, lxijr, lxiiijv, lxvjv, lxvijr, lxviiijr, lxviiijv, lxviiiijr, lxxr, lxxv, lxxjr, lxxijr, lxxijv, lxxvv, lxxvjv, lxxvijr, , lxxvijv, lxxviiiijv, lxxxijv, lxxxijv, lxxxiiijr, lxxxiiijv, lxxxvjv, lxxxviiijr, lxxxr, lxxxiiijr
- BARTOLINI (DI BARTOLINO, DI BARTOLINO SALIMBENI), LISA viuva di ser GIOVANNI DINI da Lanciolina. vr, vv

- BARTOLINI (DI BARTOLINO, DI BARTOLINO SALIMBENI), MARCO. ijr, vr, xv, xvjv, xxxiiijv, lxxxjv
- BARTOLINI (DI BARTOLINO, DI BARTOLINO SALIMBENI), SALVESTRO. ijr, viijv, xiiijr, xvr, xv, xvjr, xvijr, xijv, xvijr, xviiijr, xxr, xxiiijr, xxvjr, lvijv, lxv, lxxvijr, lxxxxv
- BARTOLINI (DI BARTOLINO, DI BARTOLINO SALIMBENI), TO(B)BIA ijr, xijv, xiiijr, xvr, xv, xvjr, xijv, xvijr, xviiijr, xxiiijr, xxvijv, xxxijv, xxxviiijv, xlijv, xliijv, liijv, lvjv
- BARTOLINI (DI BARTOLINO, DI BARTOLINO SALIMBENI), UBERTO. ijr, vijv, xijv, xiiijr, xvr, xv, xvjr, xijv, xvijr, xviiijr, xxijr, xxiiijr, xxxijv, xxxiiijr, lvijr
- BARTOLINI DEGLI SCODELLAI, NERI. lxxvjr
- BARTOLINI, AGOSTINO DI LEONARDO. xxxvijv,
- BARTOLINI, BARTOLOMEO DI LEONARDO. xvijr, xijvv, lxvjv, lxxvjr, lxxvijv, lxxxjv, lxxxijr, lxxxv, lxxviiijv, lxxxxr, lxxxiiijr, lxxxiiijr,
- BARTOLINI, BASTIANO DI LEONARDO. xlv
- BARTOLINI, CATERINA DI LEONARDO. lviiijv, lxxxxvr
- BARTOLINI, GHERARDO DI LEONARDO. lxxxiiijr
- BARTOLINI, GIANNETTA DI LEONARDO. lxxviiijv
- BARTOLINI, GIOVANNI DI LEONARDO. xiiijr
- BARTOLINI, GIOVANNI II DI LEONARDO. lxvr
- BARTOLINI, GIUSTO DI LEONARDO. lxxxiiijr
- BARTOLINI, LISA DI LEONARDO. xiiijv
- BARTOLINI, LISA II di LEONARDO. lqv
- BARTOLINI, LISA III DI LEONARDO. lxiiijr
- BARTOLINI, MARCO DI LEONARDO. xxvijr, lviiijv, lxxvjr, lxxxijv, lxxxxr, lxxxjv, lxxxiiijr
- BARTOLINI, RINIERA DI LEONARDO. lxvjv
- BARTOLINI, RINIERI DI LEONARDO. xxijv
- BARTOLINI, ROMOLO DI LEONARDO. lvijv
- BARTOLINI, SALIMBENE DI LEONARDO. lxxxiiijr
- BARTOLINI, SALIMBENE DI LEONARDO. xxxijr
- BARTOLINI, TOBIA DI LEONARDO. lxxxxr
- BARTOLINI, ZANOBI DI LEONARDO. lxxiiijr
- BARTOLO DI CINO. xr, xiiijr
- BARTOLO DI GIOVANNI da San Donino. xxxviiijv, lijv, lxr
- BARTOLO DI PIERO (ZETA). lxxxiiijr
- BARTOLO DI SCOLAIO. lxxxjv
- BARTOLO *feltraiuolo*. xxviiijv
- BARTOLO, *frate, medico*. lvijv

BARTOLOMEO DI CAPONE. lxiiijv  
 BARTOLOMEO DI RICCARDO. xvjv  
 BARTOLOMEO DI VANNI, *tavernaio*. lxxxviiijv  
 BARTOLONE, *ferrovecchio*. lxxxxr  
 BARUCCI, SANDRO. lxxr  
 BASTARI, FILIPPO DI CIONETTO vjr  
 BAZALLA, DINO DI LAPINO *lavoratore*. xlvir  
 BECCHI, GHINO. xxxv  
 BELLO (del) BONAIUTO. ijv, xliijv,  
 BELLO DI GIOVANNI da Campi. xlvv, lxxvijv, lxxxiiijr, lxxxvjv  
 BELLUCCIO DI STEFANO. lxxxxr  
 BENCI DI FEO. xijv  
 BENCINI, GIOVANNI. xxvijv  
 BENCIVENNI, NICOLOSA DI NICOLUCCIO DI PUCCIO esposa de Cherico di Gerino. viiiijv  
 BENE *balia*, esposa de Francesco, *tessitore*. lvijv  
 BENE, mãe de Baccio di Neri. lxxviiiijr, lxxxjr  
 BENEDETTO DI GIOVANNI da Campi, *lavoratore*. lxxvv, lxxxiiiijr, lxxxvr, lxxxvijr, lxxxvijv, lxxxviiijv, lxxxxiijr, lxxxvjv  
 BENEDETTO irmão de Giovanni di San Piero a Ponti, *lavoratore*. lxxijv, lxxiiiijr  
 BENINI, BINDO. xxv  
 BENINI, IACOPO. xxxjv  
 BENINO (del), ZANOBI. xvr  
 BENO(Z)ZO DI ser RICCIO *linaiuolo*. xxvjv, xxvijr, xxviiiijr, lvr, lxxxxr,  
 BENOZZO DI CECCO (DI VANNI), *lavoratore*. lxv, lxvr, lxvijv, lxviiiijr  
 BENVENUTI, BARTOLO DI CINO *ritagliatore*. xiiiijr, xviiijr  
 BENVENUTI, UBERTO. xxxviiijv  
 BENZI, GUIDO.. lijr, lxr  
 BERNARDI, PIERO, *bastiere*. xlviiiijr  
 BERNARDO da Quintolo. xlviiiijr  
 BERNARDO DI CIONE. lxxxijr  
 BERNARDO DI LOTTO *cofanaio*. lv  
 BERNARDO DI NERI. xlijr  
 BERNARDO DI ser RIDOLFO, *camarlingo*. lxxviiijv  
 BERNOTTI, CECCO. xxxviiiijr  
 BERNOTTI, GUIDALOTTO. ijv, xxvr, xxxviiiijr,  
 BERTI, LAPO. xjr  
 BERTO *frate, camarlingo della Camera dell'Arme del Palagio de'Priori*. vjv

BETTO D'ANDREA. lxxxviiijv  
 BETTO DI GIANDONATO *vinattiere*. xxxjv, xxxv  
 BIAGIA irmã de Mattea. lvjv  
 BIANCO (del), GIOVANNA DI IACOPO. iiijr, xvr, lxxxvijv  
 BIANCO *maestro*. xxxviiiijv  
 BICE *balia*. ljjv  
 BILIOTTI, FRANCESCO DE' RICCO. vijv, xvjr  
 BINDO da Terzano. xxviiijv  
 BISCHERI, NOFRIO DI GIOVANNI DI BARTOLO, *camarlingo*. lxxxijv  
 BISDOMINI, DADA DI messer GHERARDO, viuva de Durazzo d'Andrea Tigliamochi,  
 esposa de Leonardo Bartolini. lxxxjv, lxxxijr, lxxxiiiijr, lxxxxr  
 BISDOMINI, família. lxxxjv  
 BISDOMINI, PIERO DI BINDO (BINDI). lxxviiijv  
 BO(C)CHINI, MICHELE *calzolaio*. xxr, xxvjv, xxviiijv, xxxijv  
 BOMBENI, BARTOLOMEO. liijv  
 BOMBENI, BERNARDO DI LIPPO. lxxxijr  
 BOMBENI, GIOVANNI DI RICCARDO. lviiiijr, lxjr  
 BONAIUTI, RICCA (monna) DI CHECCO. iiijv  
 BONACOSA, BETTO DI GIOVANNI DI NADDO. xxiijv, xxiiiijv, xxvr  
 BONAGUIDA (di) CECCO DI CHIARO *lavoratore*, xlvjr  
 BONAGUIDA (di) CHIARO. xxxvv  
 BONAGUIDA (di) GUIDO DI CHIARO *lavoratore*. xxxvv, xlvjr  
 BONAIUTI, ANDREA. lxxxvijv  
 BONAIUTI (DIETAIUTI ?), GIOVANNA esposa de SANDRO. iiijr  
 BONAMICHI, MICHELUCCIO. xijv  
 BONDO D'ARRIGO. lxxxxr  
 BONERELLO D'ALBERTO. xvjv  
 BONINSEGNA, LORENZO DI MATTEO. lxxxvjv  
 BONIZI, IACOPO. xxr  
 BONSOSTEGNI, TADDEO DI BENCIVENNI. xlv, xlvr  
 BORRA da Settimo. lxxviiijr  
 BOTTACINI (de'), BARDO GHIGHI iiijr  
 BOTTACINI, DATO DI CANTE iiijv  
 BOTTACINI, MICHELE iiijv, iiiijr  
 BRACINI, BELLO *ferrovecchio*. xxiiiijv  
 BRUNA \*\*\* *pinzocchera*. xv  
 BUCELLI RICCO iiijv



BUEMME, GROSSO DI STEFANO. xviiijv  
 BUEMME, NERO DI STEFANO. xviiijv  
 BUONDELMONTI, messer BENGHI. lxxxiiijv  
 BUONDELMONTI, messer UGHICCIÓN. xxvr  
 BUONO DEL ZETA. lxxvv  
 BUONO DI BESE. lxxviiiijr  
 CACCINI, FRANCESCO. xxxvjrr  
 CAMBI, Bartolo. lxxxijr  
 CAMBI, CAMBIO DI BARTOLO. lxxxijr  
 CAMBI, GIOVANNI. lviijr  
 CAMBI, LISA DI BARTOLO, esposa de Bartolomeo Bartolini. lxxxjv, lxxxijr  
 CANTINI, GIOVANNI *tavoliere*. xxxvijv  
 CAPPONE (del), FILIPPO DI RECCO. viijr  
 CAPPONI (de'), ANDREA DI CAPPONE DI RECCO. xjr, xxjv, xxiijr, xxviiiijr, lxxvjrr  
 CAPPONI (de'), BARTOLOMEO DI CAPPONE DI RECCO. xxjv  
 CAPPONI (de'), BONACCORSO DI CAPPONE DI RECCO. xxjv  
 CAPPONI (de'), FILIPPA esposa de Andrea de'Capponi. xxjv  
 CAPPONI (de'), GINEVRA esposa de Barolomeo de'Capponi. xxjv  
 CARINI, (L)ISABETTA DI RINIERI DI LAPO esposa de Zanobi di Lapuccio. liijv, liiijr, lxxjr  
 CARINI, ANGIULIERA esposa de Giovanni di Rinieri. liijv, liiijv  
 CARINI, GENTILE. lvr  
 CARINI, GHINGA, esposa de Neri. lvr, lxxxvijv  
 CARINI, GIANNETTA DI RINIERI DI LAPO esposa de Leonardo Bartolini. xijv, xviiijr, xxvr, xxvv, xxvjrr, xxvijv, xxvijv, xxxijv, liijr, liiijv, lvv, lvijv, lviiijr, lviiijv, lxxv, lxxjr  
 CARINI, GIOVANNI DI RINIERI (DI LAPO). xiiijr, xxvjrr, xxvijv, xxviiijr, xxviiijv, xxxjv, xlvijr, liijv, liiijr, liiijv, lvr, lvv, xijv, lxxv, lxxjr  
 CARINI, NERI DI BENUCCIO. ijv, xijv, xiiijr, xxvv, xxxr, xxxvjv, xlv, liijv, liiijr, liiijv  
 CARINI, PAOLO DI NERI DI BENUCCIO. xlv, liijr  
 CARINI, RINIERI (DI LAPO). xijv, lxxjr  
 CARLO DI NADDO. xxv  
 CASTELLI, FILIPPO DI GIOVANNI. xxiijr  
 CASTGLIONCO, LAPO. lxxxiiijv  
 CATERINA viuva de Primerano Trincianelli. xliijv  
 CAVALCANTI (de'), DOMENICO DI messer CIAMPOLO. vijv  
 CAVALCANTI (de'), FRANCESCO DI messer CIAMPOLO. vijv  
 CAVALCANTI (de'), FRANCESCO DI PAPERIO. xxxjv

CAVALCANTI, MAGHINARDO DI GIACHINOTTO. lxviiijv  
 CECCO DI VANNI. xxxviiiijr  
 CECCO DI GIANDONATO *vinattiere*. xxvjv  
 CELLA *monna*. xlv  
 CENTE. lxxxiiijr  
 CHERICO DI GERINO da Sommaia. iiijr, viiiijv, xr, xviiijr, xxxiiiijv  
 CHIARO (del), ANDREA, *fitaio*. lxijr  
 CHIAZA (del), ANDREA da Campi, *balia*. xviiijr  
 CHOMPAGNO da Lanciolina. lijr  
 CIACCHA (del), NERI DI GIUNTA. iiijv  
 CIAMPELLI, DOMEDICO. xlv, xlvijv  
 CIARI, GIOVANNI. lvviiiijr  
 CIECCA esposa de Simone di Canti da Campi, *balia*. lxxxxiiijr  
 CINI, BARTOLO. xxxviiiijr,  
 CINOZZO DI NUTINO. lxxxiiijr  
 CIONI, CECCO *camarlingo delle porte*. xlv  
 CIOSI, NICCOLÒ *frate*. xxxvjv  
 CIUFAGNI (de'), BERNARDO D'UGHICCIONE. xxxiiijv, liijr  
 CIUFAGNI, BERNARDO. xliijv  
 COCCHI (de), NICOLAIO DE NEROZO. xvr, xxxviiiijr, xliijv, lxxxiiijr, lxxxvjv, lxxxxijr  
 COCCHI (de'), NEROZZO. ijv, iiijr, iiijv, viiiijv  
 COCCHI (de'), NICCOLÒ. lxxxiiijr  
 COCCHI (de'), TOMMASO DI GIOVANNI. ijv, xxxvjv  
 COCCO DI DONATO DI COCCO, *camarlingo*. lxxxxiiijv  
 COLTO (di), PIERA DI VANNI. ijv  
 COMPAGNI, BALDINO. iiijv  
 COMPAGNI, BONACCORSO. iiijv, vr, xxr  
 COMPAGNI, GIOVANNI, *camarlingo*. lxxxxvv  
 COPPOLI, IACOPO. xxxviiiijv  
 CORSI, FILIPPO. xlvv  
 CORTIGIANI, GHINO DI messer RUBERTO. lxxxjv  
 COVERI, BARTOLINO *speziale*. liijv  
 COVONI (família). lijr  
 COVONI, BETTINO. lxvjv  
 CRISTOFANO DI SIMONE. lxxxiiijr  
 CURADO da Osimo. lxijr

DANIELLI, MICHELE. xxvr  
 DANZE, ser BONAIUTO. ljb  
 DAVANZATI, RUBERTO DI GIOVANNI. iiijv  
 DAVIZI, PAOLO DI GHERARDO *camarlingo dell'estimo*. xv  
 DIANA *balia*. vv  
 DIANORA esposa de Giovanni di Luigi de' Mozzi. lxxviiiijv  
 DIEDI DI NUCCIO *catalano*. xxxviiiijv  
 DIETAIUTI (BONAIUTI ?), GIOVANNI DI SANDRO DI GIOVANNI. viiiijv, xr  
 DIETAIUTI (BONAIUTI ?), MATTEO DI SANDRO DI GIOVANNI. viiiijv, xr  
 DIETAIUTI (BONAIUTI ?), NICOLAIA DI SANDRO DI GIOVANNI. esposa di Cherico di Gerino da Sommaia. viiiijv  
 DIETAIUTI (BONAIUTI ), SANDRO DI GIOVANNI. viiiijv  
 DIETISALDI, GIOVANNI *cerchiaio*. lxxxvjv  
 DINI da Lanciolina, MANFREDI DI ser GIOVANNI vv  
 DINI da Lanciolina, ONOFRIO (NOFRIO, NOFRI) DI ser GIOVANNI vv, vjr, viijr, viiiijr, xjv, xxiiiijv, xxvjv, xxxvijr, xlv, xljr, xlvr, lv, ljb, lijv, liijv, lvijr, lviiijr, lviiijv, lxr, lxv, lxiiiijv, lxxxxr  
 DINI da Lanciolina, ser GRIMALDO. viijr  
 DINI, TELLINO. lxxviiiijr  
 DOLCEBENE, BERNARDO (DI CIONE). viijv, xxvjv, xxxjr, lxxxijr  
 DOMENICO (ser) *calonaco* da Mosciano, xlvv, xlvjv  
 DOMENICO (ser) D'ALLEGRO *fornaio*. xxviijr  
 DOMENICO *barbiere*. xxxiiiijv  
 DOMENICO DI BARTOLINO. xxxr  
 DOMENICO DI FILIPPO *ritagliatore*. xlvv  
 DOMENICO DI FILIPPO. xliijr  
 DOMENICO DI FRANCESCO *vaiaio*. liijv  
 DOMENICO DI LIPPODO *sensale del Cambio*. xv  
 DOMENICO DI messer CIAMPOLO, lxxviiijv  
 DOMENICO DI PAGNO DI TIERI. vijv,  
 DOMENICO DI PIERO. lxxviiiijv  
 DOMENICO DI ser VANNI *tavoliere*. vjr, vjb, vijv, xxiiiijv, xxvr  
 DOMINICO DI MATTEO, *legnaiuolo*. lxxxxr, lxxxxr  
 DONATO DI LIPPO. lxxxiiijr, lxxxvijr, lxxxvijv  
 DONI, GIOVANN. lvr  
 DRAGONETTI (DI DRAGONETTO), SANDRO da Signa. lxxv, lxxjr  
 DRUDA *balia*. xiiiijv  
 DUCCI, LORENZA viuva deI BARTOLO iijr

ERRI (degli), ANTONIO DI BALDINACCIO DI BRUNO. xxxvj  
 ERRI (degli), PANICCIA DI BALDINACCIO DI BRUNO. xxxvj  
 FAGIUOLI, FRANCESCO DI MEGLIO. lxxxij  
 FAGIUOLI, ALBIZZO DI DOMENICO. lxxxij  
 FAGIUOLI, DOMENICO (DI LORENZO) DI MEGLIO. lxxxij  
 FAGIUOLI, LORENZO DI MEGLIO. xxvij, lxxxij  
 FAGIUOLI, PIERA, esposa de Niccolò Baldovini. lxxxij  
 FAGIUOLI, TOMMASO DI MEGLIO. xxvij, lxxxij, lxxxijr, lxxxiiijr  
 FAGNINI, BETTO D'ANDREA, *lavoratore*. lxxxij, lxxxijr, lxxxvj, lxxxvj, lxxxviii  
 FALCHETTA DI PIERO DI FRONTE *lanaiuolo*, esposa de NOFRIO DINI da Lanciolina. lxiij  
 FASTELLI, UBALDINO. xxiijr, xlv, xlvij  
 FEDE DI IACOPO. lxxxijr  
 FEDERIGHI, GIOVANNI, *camarlingo*. lxxvj  
 FERZO *cimatore*. xxxiiij  
 FILIPPO *astaio* da Lucca. xvj  
 FILIPPO (ser) DI ser BERNARDO. xxvij  
 FILIPPO DI BIAGIO. lxj  
 FILIPPO DI GIUNTA. lxxxxr, lxxxvij  
 FILIPPO DI MEO. xviii  
 FILIPPO DI STEFANO da Mosciano. lxxvij  
 FILIPPO DI VANNI da Campi, *maestro*. lxxxijr  
 FILIPPO DI VANNI da Petrognano, *ritagliatore*. xxxvij  
 FINI, NICCOLÒ DI CIONE. xlijr, xlvijr, lviiij  
 FIORAVANTI, NERI *maestro* vjr  
 FORABOSCHI, PERO DI CECE. lxiijr  
 FORABOSCO (di) FILIPPO. xxxj  
 FORABOSCO (di), GUIDO DI NICCOLÒ. xxj  
 FORABOSCO (di), NICCOLÒ. xxj  
 FORABOSCO (di), SIMONE. xxj, xxxj  
 FORESE (del) (FORESI), ser BARTOLOMEO DI LAPO. xxiijr  
 FORESE (del), RINIERI. lxxxxr, lxxxijr  
 FORESE (del), STEFANINO DI DUCCIO. xxiijr  
 FORESI (de'), ZUCCHERO FILIPPI  
 FORESI, BARTOLO. xlijr  
 FORESI, NICCOLOSA viuva de Bartolo Foresi. xlvijr, lviiij  
 FORMICA (del) GIOVANNI. xxvij

FORTE DI CECCO *lavoratore*. xiiijr  
 FORTE DI CECCO. xviii  
 FRANCESCO (ser) DI ser GIOVANNI. xlvijv  
 FRANCESCO (ser) DI ser PALMIERI iijv, iiijr  
 FRANCESCO DI BERNARDO da Signa. xxvjv  
 FRANCESCO DI BILIOTTO. xxxviiijr  
 FRANCESCO DI BONINO. xvijv  
 FRANCESCO DI BRUNO (MESSO). lxxxiiijr  
 FRANCESCO DI GERI da Prato. xlvijv  
 FRANCESCO DI GIOVANNI DI NERI da Campi. lxxxviiijv  
 FRANCESCO DI LAPO da Feghine. lxxjr  
 FRANCESCO, *tessitore*. lvijv  
 GALIGARI (de'), NICCOLÒ D'ALBIZZO. viijv  
 GERI DI ser GHERARDO. xxviiij  
 GHERARDI, CRISTOFANO DI BENEDETTO DI SIMONE. xlvijv  
 GHERARDI, SIMONE DI BENEDETTO DI SIMONE. xlvijv, lxjv, lxxxijr, lxxxiiijv  
 GHERARDINI, ANDREA DI BETTO. xliijr, lviiijv  
 GHESE (di) MARTINO DI MICHELE. xxxv  
 GHESE (di) MICHELE. xxxv  
 GHIERI *albergatore* iiijv  
 GHINETTI, IACOPO D'ANDREA vjr  
 GHISELLI, GIOVANNA DI BONINCONTRO viuva de Sandro di Giovanni Dietaiuti. viiiijv, xr, xviiijr  
 GHISELLI, GUGLIO. iijv  
 GHISELLI, NICCOLÒ. lxxxiiijr  
 GIAMBOLLARI, BERNARDO. lxxxxr  
 GIAMBOLLARI, MANFREDI. lxxv  
 GIAMBOLLARI, ZANOBI DI DOMENICO. xxxijr, lxxv  
 GIANDONATI (di) BARTOLOMEO DI PERA. lxiiijr  
 GIANFIGLIAZZI (de'), NICOLOSO DI SIMONE. viiiijv  
 GIANFIGLIAZZI, LEONARDA DI NERI esposa de Niccolò di Gerino. viiiijv  
 GIANFIGLIAZZI, LUIGI. xlvijv  
 GIANNI DI CENNI DI DOTTO. xiiijr  
 GIANNI, NICCOLÒ DI ZUCCHERO *tavoliere*. xxxvijv  
 GILIOTTI, GIOVANNI. lxxxiiijv  
 GIOVANNA balia, esposa di Giovanni (PRETE). xxxvijv  
 GIOVANNA matrinha di Piera. xxvijr

GIOVANNA, escrava, esposa de Lorenzo. lxijr, lxvr  
 GIOVANNA, esposa di Baccio di Neri. lxxxjr  
 GIOVANNA, viuva di Iacopo del Bianco. lxxxiijr, lxxxiiiv  
 GIOVANNI (di) BELLUCCIO *lavoratore* (da San Piero a Ponti). xr, xiiir, xxviiiiv, xlvjv  
 GIOVANNI (di) GIUNTA *lavoratore* (da San Piero a Ponti). xlvjv  
 GIOVANNI D'ANDREA DI LAMBRUSCO. lxxxxvv  
 GIOVANNI D'ARRIGO *tavoliere*. xliijv, lvijr  
 GIOVANNI da Settimo, *frate*. xxijv  
 GIOVANNI da Settimo, *provinciale del Carmino*. lvjr  
 GIOVANNI DEL ZAMPA. lxxxiijr  
 GIOVANNI DI GERI. xxxvjv  
 GIOVANNI DI NERI da Campi. lxxxviiiv  
 GIOVANNI DI NERI, *vinattiere*. lxxxviiiir  
 GIOVANNI DI PIERO, *lavoratore*. lxxxviiir, lxxxviiiiv, lxxxxiir  
 GIOVANNI DI PINO. xxiiiv  
 GIOVANNI DI RUBERTO. lxxxiiir  
 GIOVANNI DI ser SEGNA. liiir, liiiv  
 GIOVANNI, RICCARDO. xvjv  
 GIOVANNINO *sardo* iiv  
 GIRALDO DI PAOLO. lvv  
 GIROLAMI, ALBERTO iir  
 GIULIANO D'ANDREA da Settimo. lxviiir  
 GIUNTA DI BARTOLO DI GIUNTA. lxxxvjv  
 GIUNTA DI GIOVANNI (da San Piero a Ponti). xr, xiiir, xviiiv, lxxxvjv  
 GIUNTA DI PIERO, *orafo*. lxxxjv  
 GLUTINI, GIOVANNI, *capomastro*. lviiiir  
 GONDI, BILLICOZZO DI GERI. xr, xijr, xiiiv, xxjv, xxvjv, xxviiiv, xxviiiir, xxxiir, xxxiiiv, xxxvjv, xxxviiir, xxxviiiir, xliir, xliir  
 GONDI, GIOVANNI DI GERI. xijr, lxvr  
 GONDI, LEONARDO DI SIMONE DI GERI. lxxxviiiv  
 GONDI, SIMONE DI GERI. xijr, xxvjv, xxviiir, xxxiir, xxxiiiv, xxxviiir, xliir, xlviiir, xlviiiir, liiiv, lxjr, lxjr, lxxxvr  
 GRASSO GIOVANNI iiv  
 GRIFFOLI da Catignano, FRANCESCO. iir  
 GUADAGNI, FRANCESCO DI NERI vjr  
 GUADAGNI, MIGLIORE. lxxxiiiv  
 GUARDI (família). lv  
 GUARDI, ANTONIO *tavoliere*. xliiv, liir, lviiir

GUARDI, MARTINO *speciale grosso*. viijv  
 GUARDI, NICCOLÒ iiijr  
 GUARDI, NICCOLÒ *speciale grosso*. viijv  
 GUARDI, SIMONE. lxxvjv  
 GUCCI, GUCCIO DI DINO *camarlingo*, xlvijr  
 GUCCIA esposa de Piero di Dino. xxviijr  
 GUCCIO DI CINO. xxiijr, lviijr  
 GUELFO (ser) DI ser MANETTO da Puntormo. lxxxijr  
 GUGLIELMI, PAOLO DI GIOVANNI. lxxv  
 GUICCIARDINI, LUIGI DI PIERO. lvjr  
 GUIDALOTTI, DOMENICO vjr  
 GUIDETTI, MANNELLO. xijv  
 GUIDI, AGNOLO DI VANNI. xvjv  
 GUIDI, ALBIZZOTTO, *camarlingo*. lxxxvv  
 GUIDO DI FRANCESCO, *fiascaio*. lxxxxr  
 GUIDO DI NICCOLÒ DI FORABOSCO. xxjv  
 GUIDO DI PIERO da Nuovoli. lxxxviiiijv  
 GUIDUCCI, SEGNA, *cimatore*. lxxxiijr, lxxxviiiir  
 IACOPI, BONAVERE. ljr  
 IACOPI, GIOVANNI. lxxxxr  
 IACOPO DI BANCO. ljjv, lvijr  
 IACOPO DI BENCI. lxxvjv  
 IACOPO DI BONO. lxxxiijr, lxxxxijr  
 IACOPO DI LIPPO. lvviiiir  
 IACOPO DI MEZA. lxxxiiijv  
 IACOPO DI NERI *maestro*. lvjr, lxxiiijv  
 IACOPO DI SOGLIANO. lr  
 IACOPO DI TICCIO. xjr, xxiiijv  
 IACOPO DI VANNI. lxxviiiijv  
 LAMBERTO *calzaiolo*. xvijr  
 LANDI, (ser) SIMONE. lviijr  
 LANDO DI GIANO. xxvr  
 LAPI, NICOLA *giudice* vjr  
 LEONARDA (DI BACCIO DI NERI). lxxxjv  
 LEONARDO DI messer GIOVANNI. xliijr  
 LIPPA DI CONCIO da Legnaia, *balia*. xxvijr  
 LIPPO DI GIOVANNI. xvjv

LISA moglie di Giovanni di Ciccolo, *balia*. lxxiijr  
 LISABETTA DI monna BELLA. xxvj  
 LISCA. xxiiijv  
 LODORIGO DI BIAGIO. lxjr  
 LODOVICO (ser) di ser ALESSO *calonaco* da Mosciano. xlvjr, xlvijr, lr, lvijr  
 LORENZI, FRANCESCO, *speziale*. lxxxxjv  
 LORENZO (VENANZO), escravo. lxijr, lxiiijv, lxvr, lxxvr, lxxxxr  
 LORENZO DI messer BARNA. ljr  
 LORENZO DI IACOPO DI BONO. lxxiiijr  
 LORENZO DI LAPO (LORENZO FABRI) *lavoratore*. xiiijv  
 LORENZO DI MATTEO, *camarlingo*. lxxxvv  
 LORENZO DI NERUCCIO. xxxjr  
 LORENZO *frate*, *sacrestano* di S. Croce vjv  
 LOTTO DI BONAGIO *piovano*. xxxviiijr  
 LUCA DI GERI (DI GERI). liiiijv, lvijr  
 LUCA DI GIOVANNI. lxxxxiiijr  
 LUCIA (monna), *spedalinga*. lxiiijr  
 LUPICINI, GOCCIO. xr  
 MACIGNI, NICCOLÒ (DI NERI). lxjv, lxxiiijv  
 MADDALENA, *suora*, tia di Leonardo Bartolini. xxxvj  
 MAESTRO (del), PIETRO *frate*. xvjv  
 MAFFEI, BARTOLO *biadaiuolo*. xxxv  
 MAFFEI, BARTOLO. lxxiiijr, v  
 MAGAGHIO DI GENTILE da Premalcuore. xxxvjv, xxxviiiijv, xlvv  
 MANCINI, LOTTO DI GIACHETTO. lvviiiijr  
 MANCINI, BARDO. lxxxvj  
 MANETTI, NICCOLÒ. lxxxxr  
 MANETTO *fornaio* vijr  
 MANFREDI, AGNOLO D'ANTONIO. xlvv  
 MANFREDI, GHERARDO ijv  
 MANGIONI, IACOPO DI SCHIATTA. xxiijr  
 MANOVELLI, GIOVANNI DI MASO. ljr  
 MANOVELLI, MARIA DI GIOVANNI DI MASO esosa de Bonavere Iacopi. ljr  
 MARCHI, FRANCESCO DI messer IACOPO. lxxviiijr  
 MARCO DI GUERIO. xxxvr, lijv, lxr  
 MARCO DI MASO DI SEGNA *lavoratore*. lijv  
 MARGHERITA DI NUTA da Regiuolo. xxviiiijr



MARGHERITA, esposa de Bartolo \*\*\* *vetturale*, *balia*. lxxxiiijr  
 MARIA, schiava. lxxxvr, lxxxviiijv  
 MARINI, CORNUOLO. xxxviiijv  
 MARSILI, SPINELLO. xxxvr  
 MARTINI, ANTONIO *beccaio*. xxijr  
 MARTINO (di Lorenzo e Giovanna), escravo. lxijr  
 MARTINO DI MICHELE, *maestro*. xxvj, xlvv, lxxxijr  
 MARTINO. lxxxxr  
 MASINI, DINO DI BIANCARDO. xlvijr  
 MASO DI SEGNA *lavoratore*. lijv  
 MASO. lxxxijr  
 MASSAIA esposa de Francesco di Bonino, *balia*. xviiijv  
 MATTEA viuva de Zanobi del Benino. xlvv, xlviiiijr, lvjv  
 MATTEI, GENTILE DI NICOLA. lxxxvv  
 MATTEO DI DONATO D'UBERTO. xlr  
 MATTEO DI GHERARDO (DI FULCIERI) *lavoratore*. xxvj, xxviiijv  
 MATTEO DI GIOVANNI, *pianellaio*. lxxxviiijr  
 MATTEO DI METTO. lxvjv  
 MATTEO DI ser GIOVANNI. lxxvj  
 MATTEO, *barbiere*. lxxxviiijr  
 MAZINO DI NUCCIO. lxvjv  
 MAZZA iiijr  
 MEDICI (de'), SALVESTRO DI messer ALAMANNO. lxxxiiijv  
 MEGLI, DINO *sarto*. xxijr  
 MELLINI, DUCCIO. lxxvj  
 MEZA DI JACOPO DI MEZA. lxxxiiijv  
 MICHELE (DI GIOVANNI) di San Piero a Ponti, *lavoratore*. lxxij, lxxiiijr, lxxvr,  
 lxxxvr, lxxxviiijv  
 MICHELE da Campi. lxxviiijr  
 MICHELE DI BONSERA. lxxxiiijr  
 MICHELE DI DANIELLO. xijv  
 MICHELE DI GIOBBO, *tavernaio*. lxviiijr  
 MICHELE DI GIOVANNI DI PIERO. lxxxviiijr, lxxxviiijv  
 MICHELE DI GIOVANNI. lxxxiiijr, lxxxviiijr, lxxxviiijv  
 MICHELE DI MAZINO. lxxviiijr  
 MICHELE DI NOME da Gambassi. xxxviiijv  
 MICHELE DI PAGNOMNE (FARSO). lxxxvj

MICHELE DI VIGNANO *cuoiaio*. xxvijv  
 MIGLIORATO DI SALIMBENE da San Moro. xviiiir, xxxviiiir, xliir, lxxjv, lxxxiiir  
 MIGLIORE *pizzicagnolo*. xlijv  
 MINGARDA balia. xiiijv  
 MONALDI, CAPONSACCO ijr  
 MONALDI, GUIDO. xvjv  
 MORELLI, PAOLO DI BARTOLO. xxxv  
 MOSCA (del), MICHELE. xxvr  
 MOTONE DI \*\*\*. lxxxxvv  
 MOZZI (de'), CAPONANA DI LUIGI eposa de Lodovico di messer Bindo Biligiardi. lv  
 MOZZI (de'), GIOVANNI DI LUIGI (DI messer ANDREA). vijv, xxv, xxvjv, xlvjr, lxjv, lxviiiiv, lxxjr, lxxiiiirv, lxxxv  
 MOZZI (de'), LUIGI DI messer ANDREA. iiijv, vr, vijv  
 MOZZI (de'), TOMMASO DI LUIGI (DI messer ANDREA). vijv  
 MOZZONE. lxxxxiiir, lxxxxvjv  
 NANNI DI DOMENICO DI FILIPPO. xlivv  
 NASTAGIO. lxxxxiiir  
 NELDA viuva de Ghigo in Parione, balia. xviiir  
 NELDI, ANDREA DEL BENINO. viiir  
 NELDI, FRANCESCO DEL BENINO. viiir  
 NELLI, ser BARTOLOMEO DI ser MASO. lxxjr  
 NERI DI BACCIO DI NERI. lxxxxjr, lxxxxijv  
 NERO (del) CARUCCIO D'ANDREA. lxxvjv  
 NERO (del), NICOLAIO DI LAPO. lxxxv  
 NICCOLÒ del mastro CAMBIO, *camarlingo*. lxxxr  
 NICCOLÒ DI BENEDETTO, *ritagliatore*. lxxxjr, lxxxxijv  
 NICCOLÒ DI GERINO da Sommaia. ijr, viiijv, xr  
 NICCOLÒ DI GUALTEROTTO. xlijr  
 NICCOLÒ DI GUIDUCCIO, *calzolaio*. lxijv  
 NICCOLÒ DI MEO. xviiiir, lxxr, lxxxiiir  
 NICCOLÒ DI MONTE. lxxxiiir  
 NICCOLÒ DI PIERO (SEVAIUOLO). lxxxiiir, lxxxviiiir  
 NICOLAIO da Mosciano. xlvjv  
 NICOLOSA *balia*. xiiijv  
 NIGI. lxiiiv  
 NOLFO DI FRANCESCO, *calzolaio*. lxxxxvr  
 NUCCIO DI MAZINO DI NUCCIO. lxvjv

ORICELLAI, LAPO DI VANNI. lvviiijr  
 ORICELLAI, messer ANDREA (DI NARDO). iijv, xxxviiiijr, xliijv,  
 ORICELLAI, messer FRANCESCO DI messer ANDREA. lxxxiiijr  
 ORLANDINI, PIERO DI GEPPPO (GEPPI). Ljr  
 OSSA (dell'), GIOVANNI, *maestro*. lxxxxjr  
 OSSA (dell'), NICCOLÒ *maestro*. xxr, xxjv  
 PACINO DI GIOVANNI DI PIERO. lxxxviiijr, lxxxviiiijv  
 PAGANELLI, BARTOLA D'UGO ijv  
 PAGANELLI, MICHELE DI DANIELLO vv  
 PAGOLO (DI NICCOLÒ), *frate*. lxxxviiiijr, lxxxxiijr  
 PALARCIONI, AGNOLO. lxviijr  
 PANDOLFINI, IACOPO DI BERTACCIO. lxxxvr  
 PAOLI, GHETTO, *calzolaio*. lxxxxiijr  
 PAOLO DI FINUCCIO. xviiiijv  
 PAOLO DI GIUSTO *rigattiere*. lvr  
 PAOLO, *fattore*. lxxviiijr  
 PAOLO, *frate*. lxxxviiiijv  
 PARADISI, PIERO DI BARTOLO. xxjv  
 PASQUINO DI CECCO DI VANNI (CECCO RESCIO) *lavoratore*. xxxviiiijr, lxv, lxiiijv,  
 lxvr, lxviijv, lxviiiijr, lxviiiijv, lxxvv  
 PAZZI (de'), SIMONE DELL'ACCORRI. lxxxiiiijv  
 PECCHIA. lxxxiiijr  
 PECORA (del) IACOPO DI DINO. lxviijv  
 PEGOLOTTO. lxxviiiijr  
 PERA viuva de Niccolò di Forabosco. xxjv  
 PERBOLI (ser), ROMANO. lxxxxr  
 PERINI, GIOVANNI. xxviijv  
 PERONI messer ZATINO da Genova vijr  
 PERUZZI iijv, iiijr, xvr  
 PIERA (da San Godenzo), esposa de Piero da Senzata, *balia*. xviiiijv, xxijv, xxviijr,  
 xxxijv  
 PIERO DEL TEGHIA *linaiuolo*. lvv  
 PIERO DI DINO. xxviiijr  
 PIERO DI FEO. xijv  
 PIERO DI GIUNTA da Torri. lxvr  
 PIERO DI NACCIO *lavoratore*. xlvir  
 PIERO DI NERI DI LIPPO. xxiiijv, xxxviiiijv, xlvjv, xlviiijr  
 PIERO DI PINUCCIO. xviiiijv

PIERO DI PUCCIO da Campi (MOZONE). lxviii<sup>jr</sup>, lxviii<sup>iv</sup>  
 PIGLI (de'), GERI *vece camarlingo delle porte*. xlv  
 PRETASINI, BERNARDO DI ser RIDOLFO, *camarlingo*. lxxvj<sup>v</sup>, lxxviii<sup>iv</sup>  
 PUCCI, DOMENICO DI ser GUIDO. xlii<sup>iv</sup>  
 PUCCI, FRANCESCO DI ser GUIDO iii<sup>iv</sup>  
 PUCCI, MICHELE DI GUIDUCCIO. xxx<sup>r</sup>  
 PUCCI, SIMONE DI GUIDUCCIO. xxx<sup>r</sup>, xxxi<sup>jr</sup>, xlv<sup>j</sup>, xxxviii<sup>jr</sup>  
 PUCCI, TOMMASO DI ser GUIDO. xi<sup>jr</sup>  
 PUCCINO (ser) DI ser LAPO iii<sup>jr</sup>  
 PUCCIO da Campi. lxviii<sup>iv</sup>  
 RE \*\*\* xiii<sup>jr</sup>, xviii<sup>jr</sup>  
 RENZELLI (de'), FRANCESCO DI GUIDO DI NERI. xxv  
 RENZELLI (de'), PIERO DI GUIDO DI NERI. xxv  
 RENZI, IACOPO. xx<sup>r</sup>  
 RICCI (de'), GUCCIOZZO (D'ARDINGO). lvi<sup>jr</sup>, lxxxii<sup>iv</sup>  
 RICCI (de'), TEDALDINO. xvj<sup>v</sup>, xvi<sup>jr</sup>  
 RICCIARDO DI BENOZZO. xlviii<sup>iv</sup>  
 RICCO (de'), FRANCESCO. lxviii<sup>jr</sup>  
 RICCO DI MARTINO (PANICCIA). lxxxvj<sup>v</sup>  
 RICOVERI, PIERO DI BONAVENTURA. xlv<sup>r</sup>, lvi<sup>jr</sup>  
 RIDOLFI, ANDREA (DI BALDINACCIO) DI CIONE. xj<sup>r</sup>  
 RIDOLFI, BARTOLOMEO DI NICCOLÒ DI CIONE. xj<sup>r</sup>  
 RIDOLFI, VERRE DI BALDINACCIO (DI CIONE). xj<sup>r</sup>  
 RIGALETTI, ALBI(Z)ZO DI TUCCIO. vj<sup>r</sup>  
 RINALDI, GIOVANNI. xiii<sup>iv</sup>  
 RINBALDESI, NICCOLÒ DI BOCCHINO. xr  
 RINIERI, FILIPPO DI PIERO. lxxvj<sup>v</sup>  
 RINIERI, LUCA DI PIERO. lxxvj<sup>v</sup>  
 RINUCCINI, FRANCESCO. iii<sup>jr</sup>  
 ROMOLO DI NERUCCIO. xi<sup>jr</sup>, xxj<sup>r</sup>, xxxj<sup>r</sup>  
 RONDINELLI, ANDREA DI NERI. lviiii<sup>jr</sup>  
 RONDINELLI, PAGOLO DI MICHELE. lxxxij<sup>v</sup>  
 RONDINELLI, TOMMASO DI MICHELE, *camarlingo*. lxxxv<sup>v</sup>  
 SACCHETTI, messer TOMMASO. lxxii<sup>iv</sup>  
 SAGGINA (del) DONATO DI LIPPO. lxxxii<sup>jr</sup>  
 SAGINA (del), LIPPO DONI. ij<sup>v</sup>, ii<sup>jr</sup>  
 SALICETO (da) RICCARDO. lvj<sup>r</sup>

SALIMBENE DI MIGLIORATO, lxxiiijr

SALIMBENE. iiijr

SALIMBENI, AMBRUOGIA (DI TOBBIA) viuva de ser FRANCESCO GRIFFOLI da Catignano. iiijv

SALIMBENI, BARTOLINO jv, ijr, iiijr, viiiijv, xxr, lviiijr

SALIMBENI, BERNARDO DI TO(B)BIA. ijr, iiijv, vr, viiiijr, xv, xvr, xv, xvijr, xxr, xxiiijv, xxvr, xxv, xxvj, lxiiijv, lxvj, lxxiiijr, lxxviiijv, lxxviiiijr, lxxxr, lxxxv, lxxxijv

SALIMBENI, TOBBIA. ijr

SALVI DI GUGLIELMO, *tavernaio*. Lxxxv

SALVIATI (de'), FORESE DI GIOVANNI. lxxxiiijr, lxxxiiijv, lxxxviiiijr

SANDRO DI CIONE *fornaio*. xv

SANDRO DI SIMONE da Quarata. vjr

SAPITI, OTTO del *maestro* ANDREA. lxxxv

SASSETTI (de'), BERNARDO D'ALESSANDRO. iiijv, vijr, viiiijr, xjv, xvr, xijv, xlr

SASSETTI, DOFFO DI PIEROZZO. xv

SASSETTI, FEDERIGO. lviiijr

SASSETTI, PAOLO D'ALESSANDRO. vijr, xljv, xliijr, xlv, xlviiijr, lviiijr

SASSETTI, PINVECIO DI SINIBALDO. vijr

SASSETTI, TOMMASO D'ALESSANDRO. xvjr, xxv, xxiiijv, xxxviiijr, xxxviiijv, xljv, xliijr

SCALI (degli) IACOPO DI GIOVANNI. lxxvj

SCALI (degli), AGNOLO DI LAPO. xxiiijr

SCALI (degli), BIAGIO DI GIOVANNI. xiiijr

SCALI (degli), VIERI DI BERTO DI VIERI. viiiijv

SCANDICCI, TOMMASO *frate*. xvjv

SCOLAIO (messer) DI ser BERTO. liijr,

SIMINETTI, BARTOLO DI GIOVANNI. lxjv, lxxxiiijv

SIMONE da Montegrimaldi. xxxiiijr

SIMONE DI BARTOLO *frate*. xvjv

SIMONE DI GERI. xxviiijr

SIMONE DI GUIDUCCIO. lxxxiiijr

SIMONE DI MONTERIMALDI. xxxviiijr

SIMONE *abate* di Santa Trinita. lv

SODERINI, NICCOLÒ DI GERI. lxxxiiijv

SODERINI, TOMMASO DI GUCCIO. lxxxiiijv

SOLDANIERI (de') LAPO DI NERI. lvviiiijr, lxjr

SOLDANIERI (de'), NICCOLÒ DI NERI. lvviiiijr, lxjr

SPINELLI, BENE. liijv, liiiijr

SPINELLO da Legnaia. lijr, lxr, lxviiiijv  
 SPINELLO DI LUCA. lxxxv  
 SPINI (degli), FILIPPO DI SIMONE DI GUCCIO. xvjr, lxxxxiiijr  
 SPINI (degli), GEMMA di GERI, esposa de Giovanni di Cipriano Tornaquinci. xvjr  
 SPINI (degli), GIOVANNI DI GERI. xvjr  
 SPINI (degli), MARGHERITA, esposa de Giovanni di Geri Spini. xvjr  
 SPINI (degli), PALMIERI DI GERI. xvjr  
 SPINI, PIERO DI DEGO. lxxxiiijr  
 SPINI, SIMONE DI GUCCIO. lxxxiiijr, lxxxviiijr  
 SQUARCIALUPI vijr  
 SQUARCIASACCHI (degli), BARTOLA DI messer ALBERTO *pinzocchera*. xxjv, xxijr,  
 SQUARCIASACCHI (degli), MANETTO DI messer ALBERTO. xxjv, xxijr  
 SQUARCIASACCHI (degli), NICCOLÒ DI messer ALBERTO. xxjv  
 SQUARCIASACCHI. xxviiiijr  
 STEFANA viuva de Bueme da Campi, *balia*. xviiijr  
 STEFANI, CAMBIO. xxxviiiijv  
 STEFANIELLO iiijv, iiiijr  
 STEFANO (POPPA), lxxxxr  
 STEFANO DI BALDO, *pizzicagnolo*. lxxxxjv  
 STEFANO DI RECO. lxxxv  
 STEFANO DI SOLDI. xxxiiijr  
 STEFANO, *maestro*. lxxxv  
 STROZZI (degli), (?), GIOVANNI DI MARCO. xxxiiijr  
 STROZZI (degli), ANDREA D'UBERTINO. xxxr  
 STROZZI (degli), ANNIBALDO DI BERNARDO. lxjr, lxxxiiijr, lxxxvjv  
 STROZZI (degli), BALDO (DI SOLDI DI messer UBERTINO), *piovano*. lxxxiiiijr, lxxxiiijv,  
 lxxxvjv  
 STROZZI (degli), BERNARDO DI PIERO iiijr, xvr, xxxviiiijr,  
 STROZZI (degli), CARLO (DI STROZZA). xvijr, xlr, lxxxiiijr, lxxxiiiijv  
 STROZZI (degli), FILIPPO DI BIAGIO. xxxviiijr, xljr, xlvijr  
 STROZZI (degli), FRANCESCA viuva de ANDREA D'UBERTINO. lxxxiiijr lxxxviiijr  
 STROZZI (degli), GHIRIGORO DI MARCO. xxxiiijr  
 STROZZI (degli), GIOVANNI DI LUIGI DI GIOVANNI DI messer UBERTINO. lxxxiiijv,  
 lxxxviiijv  
 STROZZI (degli), GORO DI IACOPO iiijv, vr, xv, lviiiijr  
 STROZZI (degli), IACOPO DI STROZZA DEL ROSSO. liijv, viiiijr  
 STROZZI (degli), IACOPO DI UBERTINO DI NICCOLÒ. lxxxiiijv  
 STROZZI (degli), LENA, esposa de Leonardo Strozzi. xliijv

STROZZI (degli), LEONARDO DI messer GIOVANNI. iijr, xxiiijr, xlvr, xlvv, lvjr, lvjv  
STROZZI (degli), LUIGI DI GIOVANNI. lxxxiiijr,  
STROZZI (degli), MATTEO DI NICCOLÒ. lvviiiijr  
STROZZI (degli), NOFRIO DI PALLA. lxxxiiijr, lxxxviiijv  
STROZZI (degli), PALLA (DI messer JACOPO). iijr, iiijv, xvr, xxxviiiijr,  
STROZZI (degli), RICCIARDO D'ANDREA D'UBERTINO. xxxr  
STROZZI (degli), ROSSELLO iiijv  
STROZZI (degli), SCOTTA esposa de TOMMASO DI SOLDI DI messer UBERTINO.  
lxxxiiijv  
STROZZI (degli), SIMONE DI messer LEONARDO. xliijv  
STROZZI (degli), SMERALDO DI STROZZA (DEL ROSSO). xxxviiijv, xxxviiiijv, xliijv, xliiv.  
STROZZI (degli), SOLDI DI messer UBERTINO. lxxxiiijv  
STROZZI (degli), STAGIO DI messer LEONARDO. xliijv, xlvijr  
STROZZI (degli), STROZZA DI SOLDI (DI messer UBERTINO). lxxxiiijv,  
STROZZI (degli), TOMMASO DI ROSSELLO vv, xijv  
STROZZI (degli), TOMMASO DI SOLDI DI messer UBERTINO. lxiiijv, lxxxiiijr, lxxxviiijv  
STROZZI (degli), UBERTINO D'ANDREA D'UBERTINO. xxxr  
STROZZI (degli), UBERTINO DI ROSSELLO. lxxxiiijr  
STROZZI (degli), UGOLINO D'ANDREA D'UBERTINO. xxxr, xxxiiijv, xxxviiijv  
TANO. lxviiijv  
TECCHI, BENOZZO. xxxviiiijv  
TEDALDI, BARTOLOMEO DI BARTOLOMEO DI NICCOLÒ DI TOTTO. lxxxxvr  
TEGHIA (del), MATTEO. lxxxxr  
TEMPERANO DI MANNO, xliijv  
TIGLIAMOCHI, DURAZZO D'ANDREA primeiro marido da esposa de Leonardo Bartolini,  
Dada  
TIGNOSO (del) GIOVANNI. xxxviiiijv  
TOMMASO (ser). lr  
TOMMASO D'ALESSANDRO. xlviiijr  
TOMMASO DI IACOPO, *ferravecchio*. xlviiijv  
TOMMASO DI MARCO. xviiijr  
TOMMASO DI MARTINO, *lastraiuolo*. xxiiijr  
TOMMASO DI NERI DI LIPPO. lxijv  
TOMMASO *maestro*. xxxiiijv  
TORNAQUINCI (de'), GIOVANNI DI CIPRIANO. xvijr  
TORNAQUINCI, FRANCESCA DI GIACHINOTTO. xxxviiiijr, lxxxviiijv, lxxxviiijr  
TORNAQUINCI, NICCOLÒ DI PAGNOZZO, xlvijr  
TORNAQUINCI, SIMONE DI messer GIANNI iiijv

TOTTI, AGNOLO. lxxxxvvr  
 TOTTI, BUONO. xxxviiijv  
 TRINCIANELLI, ALBIZO DI MARI. xliijr  
 TRINCIANELLI, ALBIZZO DI MARI. xliijr  
 TRINCIANELLI, BERTO, xlvir  
 TRINCIANELLI, BRACCIO (BRACCINO) DI MARI. xlr, xliijr, xlvir  
 TRINCIANELLI, CATERINA (DI MARI). xliijr  
 TRINCIANELLI, CATERINA esposa de Primerano. xliijv  
 TRINCIANELLI, GUIDO. xlvir  
 TRINCIANELLI, PRIMERANO. xliijv  
 TRINCIANELLI, TOMMASO DI MARI. xlr, xliijr  
 TRINCIANELLI, TRINCIA DI CACCIALOSTE. xiiijv xliijr, xliijv  
 UBALDINI, família. lxxiiijrv  
 UBERTO DI SCHIATTA. lxxvv  
 UCCELLA, SCHIATTINO DEL BENE. viijr  
 UGHI, NICOLAIO DI CONSIGLIO. lxxxr  
 UGOLINO DI BONAGUIDA DAL COLLE. lxxxiiijr  
 UZZANO (da) GALEAZZO. lvjr  
 UZZANO (da), ANTONIO D'AGNOLO. lxxxvv  
 VANNI DI CECCO RESCIO. lxxxviiijv  
 VANNUCCIO D'ARRIGO. xlvv  
 VECCHIETTI (de'), CIAI ijv  
 VECCHIETTI, DOMENICO D'UGO. vv, xijv  
 VECCHIETTI, MARGHERITA viuva de DOMENICO D'UGO. vv  
 VECCHIETTI, UGO. lxxv  
 VERE da Castelnuovo da Prato. lxxxviiijv  
 VERRE (del), ANDREA DI BALDINACCIO. xjr  
 VERRE (del), VERRE DI BALDINACCIO. xjr, xxiiijr  
 VILLANI, GIOVANNI, *camarlingo*. lxxxiiijr  
 VOGLIANI, CAMBIO iiijr, iiijv, iiijv  
 VOGLIANI, GIOVANNINO DI CAMBIO. xiiijr, xjv, xlvir, liijv  
 VOGLINO DI MATTEO. lxxxvv  
 ZANOBI DI LAPUCCIO. xxvijv, lxxjr  
 ZATI, FRANCESCO. xxxiiijv



## 3.4.2 – Índice dos notários

Ser AGNOLO LATINI da San Donino. xxxviii<sup>jr</sup>,  
 Ser ANTONIO CICINELLO da Napoli. xxi<sup>jr</sup>  
 Ser ANTONIO DI ser DOMENICO. lxxxxjv  
 Ser ANTONIO FRANCESCHI. lxxxvv  
 Ser ANTONIO PIERI CHELLI, Ufficio della Torre. lxxxxi<sup>jr</sup>  
 Ser ARRIGO GUIDI. lxxxjv  
 Ser BALDO BRANDAGLIA. xr  
 Ser BARTOLO DI NERI da Roffiano, Arte di Porta Santa Maria. vii<sup>jr</sup>  
 Ser BARTOLO NEVALDINI da Barberino. vii<sup>jr</sup>  
 Ser BARTOLOMEO CECCHI da Marcialla. lxxxxjv  
 Ser BARTOLOMEO da Rignano. vjv  
 Ser BARTOLOMEO DI LAPO DEL FORESE (FORESI). viii<sup>jr</sup>, xii<sup>jv</sup>, xiii<sup>jr</sup>, xv<sup>jr</sup>, xvi<sup>jv</sup>,  
 xviii<sup>jr</sup>, xviii<sup>jv</sup>, xxr, xxjv, xxi<sup>jr</sup>, xxi<sup>jv</sup>, xxiii<sup>jr</sup>, xxvjv, xxvijv, xxxiii<sup>jr</sup>, xxxvr, xxxviii<sup>jr</sup>,  
 xli<sup>jv</sup>, lxxv  
 Ser BARTOLOMEO DI ser BIAGIO NELLI. lii<sup>jr</sup>  
 Ser BARTOLOMEO DI ser GRANAIUOLO da Granaiuolo. lxxviii<sup>jr</sup>  
 Ser BARTOLOMEO DI ser MASO NELLI. lxxxxxiii<sup>jr</sup>  
 Ser BENEDETTO TEMPI da Castelfiorentino. vi<sup>jr</sup>  
 Ser BENOZZO PIERI. xviii<sup>jr</sup>  
 Ser BERNARDO COMPAGNI da Lonciano. vi<sup>jr</sup>  
 Ser BERTO TALENTI da Fiesole. xxx<sup>jr</sup>  
 Ser BIAGIO BERNABUCCI. lii<sup>jr</sup>  
 Ser BONAGIUNTA DI ser FRANCESCO. xlvi<sup>jv</sup>  
 Ser DOMENICO DI ser GUIDO PUCCI da Empoli. iii<sup>jv</sup>, vr, viii<sup>jv</sup>, xr, xjv, xlii<sup>jv</sup>  
 Ser DOMENICO SALVESTRI. lxjv  
 Ser DURANTE GIOVANNI DURANTI. xxxvv  
 Ser FALCONE DI ser GIOVANNI. xijv, liii<sup>jv</sup>  
 Ser FILIPPO DI ser ALBI(Z)ZO [VERDURE]. v<sup>jr</sup>, xli<sup>vr</sup>  
 Ser FRANCESCO DI ser ROSSO. x<sup>jr</sup>  
 Ser FRANCESCO VENNI da Viesca. lxxr  
 Ser GINO DI ser GIOVANNI da Calenzano. viii<sup>jv</sup>  
 Ser GIOVANNI D'ANDREA D'ALINARI, Arte di Porta Santa Maria. lxxxxxiii<sup>jr</sup>  
 Ser GIOVANNI DI SER NEPO. xxviii<sup>jv</sup>  
 Ser GIOVANNI NICOLAI da Castelfiorentino. lvi<sup>jr</sup>, lvi<sup>jv</sup>, lxi<sup>jr</sup>, lxvi<sup>jr</sup>, lxx<sup>jr</sup>  
 Ser GUELFO DI ser MANETTO da Puntormo. lvi<sup>iii</sup>jv, lxxvi<sup>jr</sup>, lxxx<sup>jr</sup>  
 Ser IACOPO DI ser ZANOBI PAONI, Ufficiali de'beni de'rubelli. lvi<sup>iii</sup>jr

Ser IACOPO PAGNI da Vispignano. xxxv  
 Ser LAPO GINI da San Romano. xxxijv  
 Ser LODOVICO GIOVANNI DAGLI STATUTI. xvr  
 Ser LORENZO DI ser DOMENICO. lxxxxvv  
 Ser LUCA da Castel San Giovanni. xlvijv  
 Ser MANFREDI \*\*\* da Carmignano. lxvijr  
 Ser MARCO DI VANNI da Empoli. lxxxxvr  
 Ser MARTINO GIOVANNI, Arte della Lana. xxjv  
 Ser MASO NELLI di Parione. xv, xijv, xijr, xxvijr  
 Ser MATTEO da Bologna. xlv  
 Ser MATTEO DI ser VANNI da Lonciano. vjr  
 Ser MICHELE DI ser ALDOBRANDO DI ser ALBIZZO. xxiijr, xxxvijr, xlijv, lxjr, lxvijr, lxxjv, lxxijv, lxxvijv, lxxvijv, lxxxijr, lxxxijv, lxxxijv, lxxxijv, lxxxvr, lxxxvjv, lxxxvijr, lxxxvijv, lxxxvijr, lxxxvijr, lxxxvijr, lxxxvijr, lxxxvijr, lxxxvijr  
 Ser MICHELE DI ser IACOPO da Rabatta. lxiiijv  
 Ser MICHELE DI ser TEGNA da Castelfiorentino. vv, viijr, xijv, xxvijv  
 Ser NELLO GHETTI, degli Speciali. xxv  
 Ser NERI CHELLI da Monte Rappoli, Arte del Cambio. xlvjr, lxiiijv, lxvijv  
 Ser NICCOLÒ DI ser CIUTO. xliijr  
 Ser NICCOLÒ DI ser UGOLINO da Signa. xxxjv, xxxvjv, xlvijv, lxxxijv  
 Ser NICCOLÒ DI ser ZANOBI PAONI, Ufficio della Torre. xlvijv, lxxxijr  
 Ser NICCOLÒ MANETTI. xvijv, lxxxxr  
 Ser NIGI DI ser GIOVANNI, Arte di Porta Santa Maria. xljr, lxxxijr  
 Ser PAOLO NEMI. xv  
 Ser PIERO DI ser STEFANO CASCIANI, Arte dei Pezzai. lxxr  
 Ser PIERO GACCI, della Compagnia del Bigallo. xijv  
 Ser PIERO GUERRUCCI da Monte Vettolino. lxxvjv  
 Ser PIERO MAZZETTI da Sesto. vv, vjv, vijr, xxiijv, xxxv  
 Ser PIERO PUCCI da Capraia. vjr  
 Ser RISTORO DI ser IACOPO da Feghine. lxxjr  
 Ser ROMEO BARTOLI, Ufficiale della Torre. lvvijr  
 Ser SANTI BRUNI. xr  
 Ser SIMO MARTINI da Monte Sommano. lxiiijv  
 Ser SIMONE LANDI. lxxv  
 Ser TEGAIO ALTOVITI. xlv  
 Ser TOMMASO DI ser SALVESTRO DI ser BERNARDO. xiiijr, lijv, lxxxxvv  
 Ser VERMIGLIO DI ser FRANCHINO. xxr

### 3.4.3 – Índice dos nomes de lugar

Compreende os nomes com valor geográfico e monumental contidos nas *Ricordanze* de Leonardo. São excluídas as denominações de proveniência (Benedetto Tempi da *Castelfiorentino*), as denominações indicantes localidades agrícolas não identificáveis (Luogo detto *Giuncheto*) e a Comuna de Firenze em sentido administrativo (Il Comune di *Firenze*).

Referências: REPETTI, *Dizionario geográfico fisico storico della Toscana* 1846

ANCONA, lxijr, lxxiiiv

BARLETTA, xxijr

BISENZIO, *fiume*.. ijv, iiiv, lxxxiiir, lxxxiiiv, lxxxxijr

BORGOGNA, lvv

BROZI (Brozzi), xxxvjr  
(San Martino?) Pieve. xxxjv (Repetti vol. I)

CAMPI (Campi Bisenzio), jv, ijr, ijv, vr, viiir, xv, xiiir, xvr, xv, xxiir, xxxviiir, lxxviiir, lxxxviiir, lxxxviiiiv, lxxxr, lxxxv, (Repetti vol. I)

*Pieve* (Santo Stefano?): xviiir

SAN CRESCI, iiiv, viiir, xxxviiir, xxxviiiiv

SAN MARTINO, lxxxxiiiv

SAN MORO, xviiir, lxxvijv, lxxxiiir

SAN PIERO A PONTI, ijv, viiiv, xiiir, xvr, xvjr, xviiir, xxxiiir, xxxviiir, xvijv, lxxxijv, lxxxiiir, lxxxvjv, lxxxiiir, lxxxviiir

*Chiesa*: jv, ijr, iiir, iiiv, lxxxiiir, lxxxvjv, lxxxvijr

*Ospedale*: iiiv

*Popolo*: lxxxviiir

FEGHINE (Figline), lxxjr

GAGLIANELLA, lxxjr. Pertencia ao *piviere* di Feghine (Repetti vol.II)

FERMO, vijv, xv

FIANDRA, xvijr

FIORENZUOLA (Firenzuola), lxxijr

FIRENZE, viiiv, viiiv, xjv, xiiiv, xvjr, xvjv, xviiiiv, xxjr, xxvjv, xxxv, xxxviiiir, xlvjv, lv, lvv, lxijr, lxvjv, lxviiir, lxxjv, lxxvr, lxxv, lxxvijr, lxxviiir, lxxviiiiv, lxxxjr, lxxxvjv, lxxxvjv, lxxxvijr, lxxxviiir, lxxxviiir, lxxxviiir

Borgo alla Nocie (Borgo la Noce), no *popolo* de San Lorenzo, *quartiere* de San Giovanni. lvijv

Borgo San Friano (San Frediano), *Quartiere* de Santo Spirito. lxviiir,

Borgo San Lorenzo, viiiijv, *Quartiere* de San Giovanni  
 Case de' Foresi, ijr  
 Casa de' Peruzzi, xvr  
 Mercato Nuovo, lxxviiijv  
 Palagio de' Priori, (Palazzo Vecchio). xiiijr, xxviiiijv, lxxxiiijv  
 Porta Rossa, *Quartiere* di Santa Maria Novella. iiiijv, vjv, xjv, xxviiijr, lxjr, lxjv, lxxvjv, lxxr, lxxxxiijr.  
 San Brancazio (San Pancrazio) *Quartiere* de Santa Maria Novella. iiiijv.  
 San Donato de' Vecchietti, vv, vijr, xjv, xijv, xxviiijr. *Quartiere* de Santa Maria Novella  
 San Firenze, xljr, lijr, lxr. *Quartiere* de Santa Croce  
 San Giovanni, (San Giovanni Battista), *Battistero*. xxxiijr  
 San Miniato tra le Torri, *Quartiere* de Santa Maria Novella. vijr.  
 San Pier(o) Bonconsiglio, *Quartiere* de Santa Maria Novella. vijr  
 San Romeo, *Quartiere* die Santa Croce. xvr.  
 Santa Crocie (Croce), *Quartiere* di Santa Croce. vjv.  
 Santa Trinita, *Quartiere* di Santa Maria Novella. ijr, xxr, lviijr  
 Santa Trinita (*chiesa*), xiiijr, lviijv  
 Via degli Strozzi, ijr xxr  
 Via del Moro, ijr, iiiijv, xv  
 Via del Parione, xviiijr, xxviiijv, lxijv, xxxvv, liijv, liiiijv, lvr, lvv, lviijv, lxijv, lxxv, lxxjr  
 Via di Porta Rossa, xxjv, lviijr

GENOVA, viijv

GIARA (Zara, Zadar) cidade da Croácia, lxxxviijv

LEGNAIA, lijr, lxr

SAN CHIRICO (San Quirico a Legnaia), *popolo* di Legnaia. (v. Legnaia, in Repetti vol.II), viiiijr, xijr, xiiijr, xxjr, xxxjr, xxxvr, lviijv

MOSCIANO, xxvr, liijv, liiiijv, lvr, lvv, lviijr, lxijv, lxvr, lxxviiijr, lxxviiijr,

SANT'ANDREA. *Prioria* (v. Mosciano in Repetti vol. III), xlvir, xlvjv, lr, lxijr,

SAN POLO (San Paolo), *Parrocchia* (v. Mosciano. in Repetti vol. III), lxxxvjv

NUOVOLI (Novoli)

SAN CRISTOFANO a Nuovoli, lxxxijr

SAN DONATO A TORRI, lxxxijr

ORBIVIETO (Orvieto), xvjr

PARIGI, xvr, xvjv, xvijr

PERETOLA, xv

PERUGIA, viijv

PISTOIA, xiiijr, xv, lxxxxr

PRATO, xv, lxxiiijr, lxxxv

RIPOLI (SAN PIETRO A ), xxr. O *piviere* comprendia (v. Terzano: in Repetti vol. V):  
*Monastero*, xxxvj<sup>r</sup>  
 TERZANO, i<sup>r</sup>, ii<sup>jv</sup>, iii<sup>j</sup>, iii<sup>jv</sup>, vr, xxvj<sup>v</sup>, xxviii<sup>jv</sup>, xxxij<sup>v</sup>,  
 SANTA LUCIA (da Terzano), ii<sup>jv</sup>, iii<sup>j</sup>, xxr

SAMBUCA, xv

SAN LORENZO A SIGNA, Pieve, lxxxii<sup>j</sup>. (v. Signa, in Repetti vol. V)

SAN BARTOLO (BARTOLOMEO) A MUGNONE, *ospedale*, xxxviii<sup>j</sup>

SCARPERIA, xv

SETTIMO, xxxvv  
 PIEVE (di San Giuliano?) A SETTIMO, (Repetti vol V), xij<sup>v</sup>, xii<sup>jv</sup>, xviii<sup>jv</sup>, xli<sup>v</sup>,  
 xlvii<sup>j</sup>, lxvii<sup>j</sup>, lxxviii<sup>jv</sup>

SOFFIANO, *monastero*, iir

TALAMONE, li<sup>j</sup>

VAL DI MARINA, Vale do rio Marina, affluente do rio Bisenzio. (Repetti vol.V), xv<sup>v</sup>.

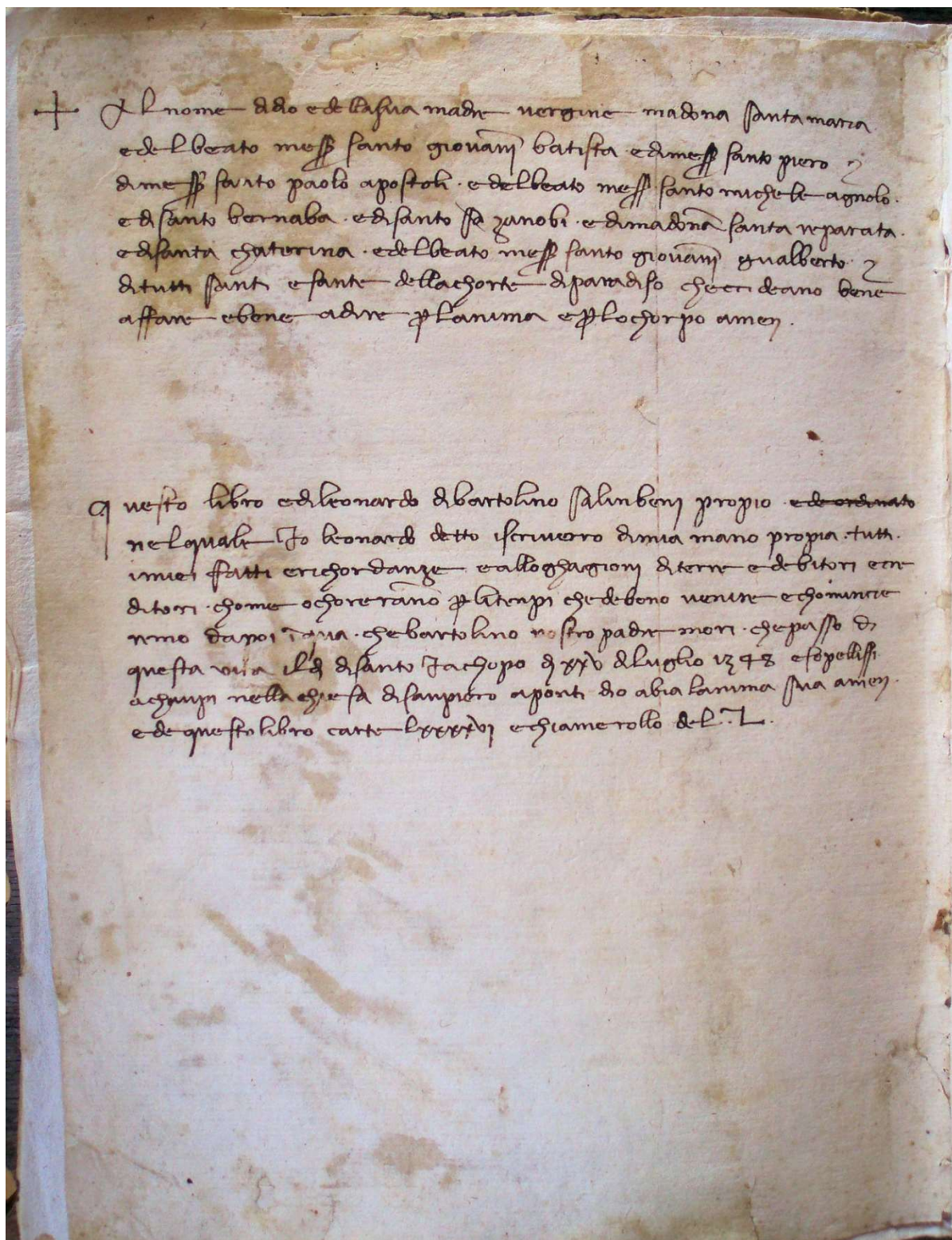
VAL DI ROBIANA (Robbiana, Rubbiana). (Repetti vol. IV)  
 POGGIO ALLE CROCI (alla Croce), *spedale.*, lxii<sup>j</sup>

VIGNONE (Avignone), xv<sup>jv</sup>, xvi<sup>j</sup>, lv, li<sup>j</sup>, lvi<sup>j</sup>, lxv<sup>jv</sup>

VINGONE, fiume. xli<sup>v</sup>, lxxxii<sup>j</sup>

## ANEXOS

## Anexo A – Ricordanze – c. j v





## Anexo B – Ricordanze – c. xlvj r

[illegible]



## Anexo C – Ricordanze – c. ljj v

[illegible]



## Anexo D – Ricordanze – c. lxxviiij v

[illegible]







